

GRH

A Promessa da Rosa

Brenda Joyce

Dinastia Werenne 2



Tradução e Pesquisa: GRH

Revisão Inicial: Auxí Costa

Revisão Final: Zelpe

Formatação: Ana Paula G.



Nota da Revisora Auxi Costa:

Um guerreiro de alma dura, criado pelo rei como réfem para conter o poder de seu pai. Um homem que não acredita no AMOR!

Um daqueles homens fechadões que não sabem rir!

Mas que quando o AMOR acontece em sua vida é capaz de gargalhar, de dar sua vida em troca da do ser amado!

Mas...

Não suporta a dor da traição e quando ferido ataca sem dó nem piedade!

Uma delícia!

Nota da Revisora Zelde:

O que dizer desse livro ?

Foi uma das leituras mais prazerosas que fiz.

Você quer intriga ? Tem.

Você quer romance ? Tem.

Você quer momentos “hot” ? Tem.

Você quer intriga política ? Tem.

O mocinho é um guerreiro e homem de honra. Teve uma infância sofrida e solitária, apesar de viver na corte do rei da Inglaterra.

A mocinha é impulsiva e, por vezes, muito chorona pro meu gosto mas a coitada comeu o pão que o diabo amassou no mármore do inferno, por causa do cabeça dura do mocinho.

A leitura te prende do início ao fim e há momentos em que você quer “pular” algumas páginas pra saber se a mocinha conseguiu se safar...

Adorei a história e quando terminou gostaria de saber que fim levou alguns personagens.

Aconselho a ler durante o fim de semana, pois quando começar a leitura, você não conseguirá parar..



Resumo

Mary, princesa da Escócia, é feita prisioneira pelos inimigos de seu país e entregue nas mãos do homem que nunca pôde esquecer, o homem que mais teme: Stephen de Warenne, herdeiro bastardo de Northumberland.

Stephen, guerreiro conhecido por sua valentia e crueldade na batalha, sabe que casando com sua prisioneira porá fim a interminável guerra entre Escócia e Inglaterra. E, apesar de tentar impedir por todos os meios, não poderá evitar sentir-se irresistivelmente atraído pela princesa.

Mary, que a princípio se opõe ao matrimônio, acabará cedendo, já que em seu coração nasce um profundo e apaixonado amor pelo homem que a mantém cativa. Uma vez casados, Mary terá que escolher entre ser uma espiã, tal e qual exige seu pai, o rei da Escócia, ou trair o homem que possui sua alma. Em meio de intrigas e sombrios planos de vingança, nasce um amor que será mais forte que o ódio e a traição. Um amor que perdurará para sempre. Um amor que se tornará uma lenda.

Relação de Personagens

Casa de Northumberland

Rolfe de Warrene, Conde de Northumberland.

Lady Ceidre, Condessa de Northumberland.

Filhos: Stephen de Warrene, Geoffrey de Warrene, Brand de Warrene, Isobel de Warrene.

Chambelán de Alnwick: Neale Baldwin

Corte de Londres

Rei William II (Rufus o Vermelho)

Príncipe Henry (Henry Beauclerc)

Roger Beaufort, Duque do Kent.

Adele Beaufort, meia-irmã de Roger.

Roger of Montgomery, Conde de Shrewsbury e Arundel.

Henry Ferrars, Senhor de Tutbury.

Duncan, filho de Malcolm Canmore e Ingeborg.

Ducado da Normandia

Robert Courthouse, Duque da Normandia.

Escócia casa de Dunkeld

Rei Malcolm III (Canmore)

Rainha Margarida.

Filhos: Edward, Edmund, Ethelred, Edgar, Alexander, David, Mary, Maude.

Dough Mackinnon, Senhor de Kinross e amigo da família real escocesa.

Hébridas

Donald Bane, irmão de Malcolm Canmore.



Primeira Parte

A Promessa da Rosa

Prólogo

Winchester, 1076

Aquela noite também estava resultando difícil conciliar o sonho. Convexo sobre a cama e com a bochecha apoiada na palha escutava os roncos de vários soldados que tinha ao seu redor e as risadas e conversações dos bêbados da sala abaixo.

Só levava três semanas na corte, e não tinha bastado esse tempo para que esquecesse seu lar e deixasse de desejar os amplos campos de Northumberland a alegre calidez do grande salão de Aelfgar.

O pequeno estremeceu, estavam no final do inverno e fazia frio. Tentando procurar um pouco de calor, se aconchegou ainda mais entre a palha e a fina manta de lã que tinham lhe dado. Não queria pensar em Aelfgar, porque então pensaria também em seus pais e em seus irmãos. Sentia terrivelmente a falta deles. Se ao menos pudesse esquecer a última vez que viu sua mãe... Lady Ceidre despedia dele com a mão ao vê-lo afastar-se entre os cavaleiros do rei, enquanto um sorriso valente, mas forçado, aparecia em seus lábios e lágrimas silenciosa caíam por suas bochechas.

Stephen engoliu saliva. Agora, igual a então, aquela imagem ameaçava afundá-lo.

— Os homens não choram — havia dito seu pai com seriedade, levando-o a um à parte no dia que saiu para Winchester. — É uma grande honra ser o protegido do rei, Stephen, uma grande honra. Sei que cumprirá com seu dever como fazem os homens de verdade e que fará com que me sinta orgulhoso de ti.

— Prometo isso, milorde — disse Stephen com voz firme.

Seu pai sorriu e o agarrou pelo ombro, embora aquele sorriso não alcançasse seus brilhantes olhos azuis, que estavam inexplicavelmente tristes.



Mas o pequeno não tinha contado com a solidão. Não tinha compreendido o que significava se separar de tudo o que tinha conhecido e de sua família. Nunca imaginou que chegaria a sentir tantas saudades de seu lar.

Entretanto, ainda não tinha chorado. E não o faria. Os homens não choravam. Algum dia retornaria para reclamar seu patrimônio convertido em um adulto, um cavaleiro que teria ganhado suas esporas com honra, e seus pais estariam orgulhosos dele.

— Levanta, pirralho.

Stephen ficou tenso. Duncan, outro dos protegidos do rei, estava inclinado sobre ele. Tinha uns poucos anos mais que ele e suas circunstâncias eram bem mais penosas. Porque Duncan não só estava sob o cuidado do rei, mas também, além disso, era seu refém. Era filho do primeiro matrimônio de Malcolm Canmore, rei da Escócia. E, em teoria, seu pai abandonaria a guerra que mantinha contra Inglaterra agora que o rei William tinha em suas garras seu filho mais velho. Stephen sentia lástima pelo escocês, mas o moço era tão desagradável que não podia cair bem. Receoso, levantou-se apartando as palhas da bochecha.

— O príncipe quer vê-lo — disse Duncan. — Estiveste chorando? — Mofou ele com desprezo.

Stephen ficou rígido.

— Sou muito grande para chorar — assegurou embora só tivesse seis anos. — O que quer o príncipe? — Perguntou com curiosidade.

— Não sei — respondeu o escocês. Mas seu sorriso afetado e seu tom de voz contradiziam suas palavras.

Stephen sentiu certo desconforto, embora não havia razão para isso. Não importava que o príncipe requeresse sua presença. Rufus tinha se convertido em seu amigo quase no instante em que chegou, era o único amigo que tinha entre todos os moços que viviam no castelo. Como era o menor e tinha sido o último a chegar, outros o ignoravam ou burlavam dele.



Tinha aprendido com rapidez quando lutar e quando se retirar, mas agora estava desconcertado. Rufus nunca tinha mandado chamá-lo de noite. Stephen apertou o passo para seguir o ritmo de Duncan quando abandonaram o salão e saíram ao pátio. Perguntou-se aonde iriam, mas não fez perguntas. Antes de partir de seu lar, seu pai o tinha advertido que vigiasse atentamente, escutasse e não desse a conhecer o que pensava nem o que sentia. Também tinha aconselhado que não confiasse em ninguém mais que em si mesmo. E de fato, aquelas últimas semanas tinham sublinhado a importância do conselho paterno.

Ao chegar à entrada do estábulo, Stephen ficou paralisado. Rufus não estava sozinho, a não ser rodeado de um grupo de seus amigos, outros meninos de idades parecidas com a do príncipe, que tinha dezesseis anos. Todos estavam bêbados. Um deles estava cantarolando uma canção obscena, e outros dois, mantinham imóveis a uma serva com seus braços. A jovem tinha a túnica rasgada e aberta, revelando uns seios exuberantes. Stephen ficou olhando durante um instante. Logo ruborizou e afastou a vista quando um dos meninos começou a tocá-la.

Rufus estava ruborizado pelo álcool e os olhos brilhavam de modo perigoso enquanto fazia um gesto com o dedo para chamá-lo sem perdê-lo de vista.

— Venha aqui, pequeno Stephen — sussurrou.

O aludido não se moveu. O príncipe não só tinha os olhos frágeis, mas também rodeava com seus braços a um menino em atitude muito íntima. Stephen não reconheceu ao desafortunado, que ia vestido com as roupas próprias de um aldeão. Estava claro que não era o filho de nenhum senhor ao que tivessem enviado para ser educado com o rei. Sem poder evitá-lo, sentiu uma quebra de onda de simpatia para o pequeno quando seus olhares se cruzaram.

Seu pai tinha advertido que na corte havia homens que gostavam dos meninos pequenos, e que devia tomar cuidado e se mostrar receoso. Stephen não tinha terminado de entendê-lo de tudo. Tinha visto o desejo refletido em quase todas suas formas embora não o tivesse compreendido. Entretanto, naquele instante, teve um assustador brilho de conhecimento.

Mas sem dúvida devia estar equivocado! Aquele era Rufus, o filho do rei.



De repente, o príncipe se aproximou dele. Parecia ter se esquecido do outro menino.

— Boa noite, Stephen — saudou sorrindo. Quando sorria era bastante atraente apesar de seu cabelo rebelde e ruivo. — Compartilha comigo este vinho. É excepcionalmente bom. Da Borgonha — explicou rodeando com um braço seus pequenos ombros e estreitando-o contra si.

O príncipe é meu amigo, disse-se Stephen quando o coração começou a pulsar com força. Tinha sido amável com ele desde sua chegada em Winchester, mas não gostava da forma em que o estava olhando, nem tampouco as olhadas divertidas e espectadoras de seus amigos e o gesto de alívio do pequeno aldeão. Stephen tinha a impressão de ser o centro de uma brincadeira cruel e perigosa. Sentindo-se apanhado, afastou dos braços que tentavam retê-lo.

— Não, milorde. Obrigado.

Rufus acariciou as costas dele.

— Por que está tão formal esta noite? Vamos, sente-se comigo e me conte por que de repente parece ter medo de mim.

Stephen não queria entender o que estava acontecendo. Mas o entendia. Compreendia muito bem que as intenções do príncipe eram além da amizade.

Permaneceu ali de pé, desconcertado, sem querer pensar o pior, sem querer renunciar a seu único amigo e consciente, entretanto de que estava em perigo, consciente de que devia reagir e fugir. Então, ressonou uma voz jovem e desconhecida para ele.

— Deixe-o em paz, Rufus! Deixe-o!

Stephen observou como um moço que nunca tinha visto abria passo entre os outros. Não parecia muito maior que ele, mas sua voz ressonava com autoridade e astúcia. Embora tivesse as feições menos marcadas e o cabelo menos brilhante, sua semelhança com Rufus era inconfundível. Devia se tratar de Henry, o filho pequeno do rei.

— Quem pediu que interviesse? — Perguntou Rufus com frieza.

O sorriso de Henry foi igualmente frio.



— Acaso é idiota? Pretende abusar do futuro herdeiro de Northumberland? Do homem que no futuro poderia se converter em seu maior aliado?

O coração de Stephen pulsava de medo e de raiva. O interesse que mostrava o príncipe por ele aquela noite não tinha nada a ver com a amizade. Nunca tinha tido nada que ver com a amizade. A traição e a decepção afligiram-no.

— Se arrependerá disto — Gritou Rufus antes de arremeter contra seu irmão, talvez com a intenção de estrangulá-lo. Tinha o rosto vermelho de raiva.

Henry baixou a cabeça e, como se fossem um sozinho, Stephen e ele puseram a correr. Saíram do estábulo a toda pressa e entraram na muralha.

— Por aqui! — Gritou seu protetor, e Stephen seguiu ao jovem príncipe para a torre principal do castelo. Um instante mais tarde estavam a salvo no imenso salão, entre os soldados adormecidos.

Ambos caíram sobre a cama do menino, ofegando e sem fôlego. Para seu horror, Stephen sentiu a premente necessidade de voltar para casa e que os olhos enchiam de lágrimas. As mesmas lágrimas que lutava por conter desde que chegou aos domínios do rei. Mas preferia morrer antes que Henry visse, assim girou o rosto e recuperou o controle. Quando finalmente pôde falar, disse:

— Obrigado.

— Esquece-o — respondeu o príncipe com naturalidade, fazendo ranger a palha ao erguer-se. — Ninguém disse que tomasse cuidado com meu irmão? Gosta muito de meninos.

— Não. — Stephen olhou as mãos. — Acreditei que era meu amigo.

Era doloroso. Depois de tudo, ali na corte não tinha amigos. Estava longe de casa e sozinho.

— Por que me ajudaste? — perguntou a seu inesperado protetor, o olhando de soslaio.

Henry sorriu.

— Porque não me cai bem meu irmão. E também porque algum dia será o conde de Northumberland e seremos aliados.



Pela primeira vez em sua vida, Stephen teve um indício do poder que algum dia seria dele.

— E se não fosse o herdeiro de Northumberland?

O filho pequeno do rei o olhou sem sorrir, e finalmente disse:

— Seria um estúpido se tivesse enfrentado meu irmão por nada.

O pequeno não pôde evitar sentir a desilusão. William Rufus não tinha sido seu amigo, nem tampouco Henry era. Tinha ido a sua ajuda por razões políticas, não por amizade.

— É um bebê. Não sobreviverá tempo suficiente para converter em conde de Northumberland se não crescer — afirmou o príncipe, abraçando os joelhos.

Stephen se incomodou.

— Você não é muito maior que eu.

— Tenho sete anos. E me criei tanto nesta corte como na da Normandia. Sei do que falo — assegurou com aquele seu sorriso de ganhador. — É muito melhor ter um aliado que um amigo.

Stephen acalmou e pensou em tudo aquilo. Henry tinha razão. Aquela noite o tinha comprovado.

— Então, seremos aliados — decidiu com um tom tão firme, que o príncipe o olhou de outra maneira. — E me mantereis afastado de seu irmão.

Furioso, apertou os lábios. Como se atrevia o príncipe a pensar em abusar dele, quando algum dia seria o conde de Northumberland!

E também, algum dia, o príncipe seria seu rei.

— Normalmente Rufus se comporta melhor — comentou Henry. — Mas em seu caso, como não é mais que um refém, deu por certo que ninguém importaria o que fizesse contigo.

Stephen demorou uns instantes em assimilar as palavras.

— Eu não sou um refém.

— OH, vamos! Quer dizer que não sabe? Ninguém disse isso? Seu pai não lhe contou isso?



— Está equivocado. Não sou um refém. Estou a cargo do rei.

— É um refém, Stephen. Você e Duncan, não são mais que um freio para conter o poder de seus respectivos pais.

— Mas... Meu pai e o rei são amigos!

— Foram antigamente, mas sei muito bem do que falo. Escutei meu pai bramar muitas vezes contra o teu, o conde Rolfe de Warene. Tem medo porque lhe deu muito poder, e o que não deu, lorde Rolfe tomou. Você é a garantia de que seu pai seguirá apoiando ao rei frente a seus inimigos — assegurou Henry com rosto sério antes de guardar silêncio.

— Não... Não me contou — murmurou Stephen fechando os olhos e sentindo-se mais só que nunca. Não podia se mover, não podia respirar. Seu pai não havia dito a verdade! Não estava aos cuidados do rei, mas sim era um refém. E certamente aquilo não era nenhuma honra! Abriu os olhos e apertou os punhos. Sentia-se possuído pela raiva. Como odiava o rei por tê-lo obrigado a abandonar seu lar, por obrigar seu pai a renunciá-lo! E o pior era que seu pai, ao qual tanto amava, também tinha mentido. Sentia-se esmigalhado pela angústia. Agora entendia as lágrimas de sua mãe. Agora entendia tudo.

— Sinto muito, mas é melhor que saiba — disse Henry com sinceridade, encolhendo os ombros. — O que vais fazer?

Stephen o olhou com receio, mas imediatamente tentou acalmar sua ira e fingiu um sorriso.

— Nada mudou — assegurou com o tom de um homem, não com o de um menino de seis anos. — Cumprirei com meu dever.

Mas naquele instante tudo mudou para sempre.



Capítulo 1

Cercanias de Carlisle, 1093

Mary não pôde evitar sorrir enquanto saía a toda pressa do castelo, com cuidado de que não a vissem. Aquele seria seu primeiro encontro com seu prometido e a emoção a embargava.

Tinha mudado sua fina túnica com jóias incrustadas nas mangas, por uma áspera regata de lã como as que utilizavam os camponeses. Em lugar da faixa dourado pôs um cinturão de couro trançado. E também substituiu seus sapatos bicudos de seda por uns tamancos de madeira. Tinha sido o suficientemente inteligente para tomar emprestados um par de meias três-quartos de lã grossa da leiteira, e um véu de linho velho cobria seu cabelo loiro. Embora fosse encontrar com seu futuro marido, um encontro clandestino era algo absolutamente impensável para qualquer dama, e muito mais para ela, assim estava decidida que não a descobrissem.

O sorriso de Mary ampliou. Estava imersa na visão de seu prometido estreitando-a entre seus braços para lhe dar o primeiro beijo de sua vida. Seu matrimônio se celebraria por razões políticas, é obvio, assim era consciente da sorte que tinha por ter se apaixonado por Doug Mackinnon, o homem designado para casar com ela e que o conhecia desde a infância.

O som de uma conversa fez que a jovem diminuísse o passo. Durante um instante acreditou que Doug tinha companhia, mas então percebeu que aquelas vozes não falavam em gaélico nem em inglês. Contendo um gemido de medo, correu e se escondeu depois do tronco de um grande carvalho agachando sobre a erva. Olhou a seu redor, e durante um instante foi incapaz de se mover, paralisada pela incredulidade.

Um grupo de soldados normandos ocupava a clareira que havia diante dela.



A jovem se agachou ainda mais. O coração golpeava contra as costelas e todos os pensamentos sobre seu encontro com Doug voaram.

Se tivesse dado só um passo mais para sair do bosque em direção a clareira, teria entrado diretamente em um acampamento inimigo!

Tinha medo inclusive de se mover. Seu pai sempre a tinha considerado uma pessoa muito inteligente, e agora utilizava essa inteligência para chegar a suas próprias conclusões. O que faziam uns soldados normandos em chão escocês? Estariam sabendo das bodas do herdeiro de Liddel, que ia celebrar no dia seguinte? Liddel era um posto fronteiro importante para seu pai, Malcolm, que dominava Carlisle e aquela zona da fronteira na Escócia, pondo-a a salvo dos ambiciosos e traiçoeiros normandos. A paz reinava naquelas terras desde que o rei escocês jurasse fidelidade uma vez mais ao rei normando, William Rufus o Vermelho em Abernathy, fazia dois anos. Então, teriam descoberto quão normandos Liddel estaria imerso nas celebrações das bodas e, portanto poderiam acampar sem ser vistos e espiar... ou algo pior? Mary sentiu uma onda de raiva. Devia informar imediatamente seu pai.

Os joelhos começaram a doer por ter estado escondida, assim que se levantou ligeiramente para olhar novamente os normandos. Estavam montando um acampamento apesar de que ainda faltavam várias horas para que escurecesse. Ao observar o grupo de homens que tinha diante, Mary entendeu imediatamente a razão de tudo aquilo. Um dos normandos estava ferido em uma perna e dois cavalheiros o ajudavam a desmontar de sua cadeira. A jovem não podia suportar a visão do sangue, mas não afastou o olhar. Não podia. Estava vendo um homem que só tinha visto uma vez, mas cuja lembrança queimava sua alma. De repente sentiu que custava muito trabalho respirar. Sentia como se tivesse uma laje nos pulmões e a boca tinha secado. Se ao menos tivesse podido esquecê-lo... Dois anos atrás, em Abernathy, aquele homem estava atrás do seu malvado rei, William Rufus, destacando por cima da cabeça ruiva do monarca. Seu rosto era uma máscara formada por duros e marcados rasgos, enquanto que seu rei se mostrava convencido. E debaixo de Rufus, de joelhos no pó, estava seu pai, Malcolm, rei da Escócia, obrigado a ponta de espada a jurar fidelidade ao rei da Inglaterra.



Mary foi à única donzela presente. Tinha ido disfarçada, já que as mulheres não eram bem-vindas nesse tipo de eventos. Tratava-se de uma reunião de exércitos atrás de outro tento por parte de Malcolm de conquistar Northumberland. A jovem estava rodeada de grande parte do exército escocês, leal em sua totalidade a seu pai. Entretanto, seu número era ridículo em comparação com as forças que tinham diante, as mais brutais daquelas terras, as do conde de Northumberland. Aquele homem do qual não podia afastar a vista era o herdeiro bastardo do conde, Stephen de Warenne.

Ele não se fixou em sua pequena figura naquele momento. Mary estava atrás de seu irmão, vestida como se fosse o pajem de Edgar, e cuidou muito de não atrair a atenção sobre ela. Não queria nem que sua própria família a reconhecesse, porque sem dúvida receberia mais uma bronca. Edgar tinha participado a contra gosto naquela aventura, conhecedor do muito que seu pai se zangaria por aquilo se chegasse, a saber.

A jovem ficou cativada pelo herdeiro bastardo, e o olhou durante todo momento por cima do ombro de seu irmão. Em uma ocasião, seus olhares cruzaram por pura casualidade. O instante durou menos de um segundo.

Enquanto contemplava agora o bastardo de Northumberland, Mary apertou os punhos. Era um dos piores inimigos de seu pai e esperava que aquela ferida arrancasse sua vida.

Mas o normando não parecia estar às portas da morte. Embora a ferida devesse produzir muita dor e debilidade por causa da perda de sangue, sua expressão era muito parecida com a que tinha em Abernathy: dura e inescrutável. A jovem sabia que era desumano. Nunca tinha mostrado nenhuma clemência para os escoceses. Seria incapaz de sentir? Acaso era imune também à dor física?

Tinham instalado uma grande tenda negra a campo aberto, e a bandeira de Northumberland ondeava já a seu lado. Era uma bandeira chamativa. Estava formada por três bandas diagonais em cores negra, branco e dourado, e no centro destacava uma rosa vermelha brilhante de caule curto.

Mary observou como os cavaleiros que sujeitavam ao bastardo ajudavam-no a entrar na tenda. Assustada, desabou sobre o chão. Estava suando e tinha a boca



completamente seca. Aquilo era pior, muito pior do que tinha parecido em princípio. Stephen de Warenne não só era desumano, mas também um grande militar, igual a seu pai, e sua valentia era legendária. Também era ambicioso. A impressionante ascensão da família partindo de uma base sem riquezas nem terras era bem conhecida, e todo o reino temia a ambição dos Warenne. O que estaria fazendo ali, na Escócia? A jovem era consciente de que devia retornar ao castelo e pedir audiência com seu pai. Mas estava atada de terror para se mover, já que se aqueles homens a descobriam seria uma catástrofe.

Não poderia haver nada pior. Apesar de seu medo, tinha que se atrever a retroceder e se introduzir na espessura do bosque até que pudesse voltar a correr.

Os homens do acampamento pareciam muito ocupados. Havia desencilhado os cavalos para que pudessem comer e aceso um pequeno fogo sem fumaça. As espadas, as tochas de guerra, as lanças e os escudos estavam cuidadosamente colocados ao lado das cadeiras de couro. Tudo parecia indicar que se tratava de um grupo importante de guerreiros. Se não conseguia escapar nesse momento, teria que esperar que dormissem, e então haveria guardas apostos e vigiando.

Mary sentou sobre seus calcanhares, negando a se deixar levar pelo medo. Um ramo rangeu quando mudou o peso do corpo, mas ninguém ouviu.

Deixou escapar uma respiração profunda e deu um passo atrás sem afastar a vista do acampamento. Mas a sorte jogou em contrário já que naquele preciso instante levantou um pouco de ar que agitou os ramos de um carvalho por cima de sua cabeça. Mary ficou paralisada e rezou.

Vários cavalheiros que havia perto do bosque, giraram e olharam em direção à árvore onde tinha estado escondida e a viram imediatamente. A jovem não necessitou mais estímulo. Levantou as saias e saiu correndo.

— Pare! Pare agora mesmo, moça!

Mary os escutou atravessar o bosque a toda velocidade enquanto corria quão rápido podia. Tinha crescido com seis irmãos e era uma boa corredora, mas não estava acostumada a aqueles tamancos tão toscos. Tropeçou de repente e foi cair sobre a erva.



Antes de recuperar-se, ouviu como um homem ria. E quando conseguiu ficar em pé já o tinha em cima, com uma mão nas dobras da túnica e a outra na nuca.

Ela gritou quando a atraiu para si, e tentou golpeá-lo na virilha. O homem escapou sem dificuldade e a imobilizou abraçando-a com força enquanto ria com seu companheiro de seus intentos de resistir.

Desesperada, Mary retorceu, mas em seguida ficou muito quieta e tentou recuperar o fôlego. Não havia maneira de escapar daquele cerco.

— O que é isto? — Quando a olhou, os olhos de seu captor abriram de par em par e ficou em silêncio, igual a seu amigo.

O véu tinha deslizado e podiam ver claramente suas feições. Os trovadores ambulantes cantavam com frequência odes à princesa Mary e sua incomparável beleza. Tinha uma compleição miúda e perfeita, um nariz pequeno e ligeiramente arrebitado, as maçãs do rosto altas e um rosto intrigante em forma de coração, seus olhos eram verdes e amendoados, e seus lábios estavam delineados à perfeição.

Entretanto, Mary tinha claro que a beleza física carecia de importância. Sua mãe tinha inculcado aquela idéia desde que era pequena, assim nunca tinha importado seu aspecto até que Doug havia dito no dia anterior o quanto formosa era, e até que a capturaram aqueles dois cavalheiros normandos cujas intenções eram tão óbvias. A jovem tratou desesperadamente de pensar enquanto seus olhos felinos refletiam uma mescla de desafio e medo.

— Olhem isto! Olhem o que encontrei no bosque! — Podia ler a satisfação no rosto de seu captor.

— Will, encontramos os dois! É dos dois! — Protestou seu companheiro.

Outros homens do acampamento tinham escutado os gritos femininos e começavam a se agrupar em torno do trio.

— Normalmente não me importo em compartilhar, Guy, mas desta vez não o farei — replicou Will apertando com mais força os braços de sua prisioneira.

Mas Mary já não se defendia. Não tinha sentido gastar energia, sobre tudo tendo em conta que precisaria conservar as forças para resistir a aqueles homens. Os dois



cavaleiros começaram a discutir sobre sua sorte enquanto outra dúzia de homens os rodeavam, burlando-se e olhando-a com lascívia. A jovem começou a se desesperar e as bochechas arderam. Por desgraça, entendia perfeitamente o normando e não perdeu nenhum só de seus comentários obscenos. Angustiada, pensou com rapidez. Iriam a violar a menos que revelasse sua identidade. Mas se a revelava, manteriam-na como refém, o que suporia um grande custo para seu pai e para Escócia. Ambas as soluções eram inaceitáveis. Devia encontrar um meio termo.

Um brilho apagado de prata chamou a atenção de Mary e dirigiu sua atenção a um cavaleiro que saía da tenda do bastardo e que se aproximava deles. Tanto Will como Guy guardaram silêncio enquanto aquele homem amadurecido abria passo a cotoveladas através do círculo de homens.

— A que vem esta animação? Estão incomodando Stephen. — Seus frios olhos cinza cravaram na jovem. — O que temos aqui? A diversão para esta noite?

Mary já tinha tido suficiente.

— Não servirei de entretenimento para gente como vocês! — Tinha decidido conservar o disfarce de aldeã o maior tempo possível, assim falou fazendo escorregar muito os res. — Porcos normandos!

— Vamos, moça, você não gosta dos normandos? — O homem maior parecia estar se divertindo.

— Odeio a todos! Vão para o inferno! — Espetou Mary. Estava tremendo por dentro, mas nunca manifestaria. Jogou uma olhada ao redor, e o coração deu um tombo ao ver que a entrada da tenda levantava de novo e dava passo a Stephen de Warenne.

la coxeando e se apoiava pesadamente sobre um soldado. Tinha o rosto gasto pela dor e estava muito pálido, mas os olhos brilhavam e a observava com interesse.

— O que ocorre? — Inquiriu dirigindo-se ao grupo.

A jovem aspirou com força. Era mais alto do que recordava. Mais alto mais poderoso e mais aterrador. E estava quase nu, tirou a cota de malha e a maior parte da roupa. Tinha posto só uns calções, botas altas até a panturrilha e um tecido a modo de atadura na parte superior de uma de suas coxas.



Seus olhares se cruzaram.

Mary engoliu saliva. Tinha visto com antecedência as pernas nuas de um homem, é obvio, mas de homens escoceses decentemente vestidos, com suas saias à altura do joelho e suas meias altas. Ruborizada, afastou a vista com rapidez.

— Ao parecer, Will capturou nosso jantar de hoje, Stephen — comentou Neale, o homem mais velho.

A jovem ficou tensa e elevou a vista. O olhar de Stephen se converteu em escrutinador. Ela sentiu que o coração parava. Não gostava do modo em que a estava observando, e se sua intenção era acovardá-la... estava conseguindo. Zangada consigo mesma, devolveu um olhar furioso.

— Me entregue ela, Neale — ordenou Stephen antes de desaparecer dentro de sua tenda.

O aludido soltou uma gargalhada surda, um som que era coerente com seu rosto coberto de cicatrizes de guerra e seus frios olhos cinza.

— Parece que o senhor não está tão mal como aparenta. E acredito que pôs fim a sua discussão, moços.

Mary estava paralisada pelo significado das palavras de Stephen de Warenne, mas o comentário do velho cavaleiro a devolveu à vida.

— Não! — Gritou.

Apesar de seus protestos, Neale a agarrou pelo braço e a arrastou para a tenda. Mary era uma jovem miúda e esbelta, mas resistiu cravando os calcanhares, retorcendo-se, tentando com todas suas forças chutá-lo. Ele ignorou seus esforços e seguiu puxando-a com uma facilidade insultante.

Escutaram várias risadas. Os homens encontravam muito divertida sua inútil resistência e seu iminente destino. A visão de Mary nublou com lágrimas enquanto escutava as brincadeiras obscenas que intercambiavam os homens. Não podia evitar entender o que estavam dizendo com tanta crueldade. Faziam referências gráficas ao poderio sexual e ao dote físico do homem ao qual iam entregá-la.

— Certamente, o senhor a matará — brincou alguém finalmente.



O terror se apoderou dela, mas já era muito tarde. Neale fez que entrasse na tenda.

Dentro estava escuro. Mary cambaleou quando Neale a soltou, mas ele mesmo a sujeitou para evitar que caísse. Tremia e mal podia respirar enquanto seus olhos se acostumavam às sombras. Por fim o viu. Seu inimigo estava meio sentado em uma cama coberta de mantas de pele, apoiado sobre sua sela. Parecia um gigante na pequena tenda, e uma sensação de claustrofobia e iminente fatalidade se apoderou dela.

Stephen se sentou um tanto.

— Pode partir Neale.

— Não! Não vá! — Suplicou a jovem. Mas o homem partiu. Então, aterrorizada, girou para Stephen elevando suas pequenas mãos. — Não me toque!

— Vêem aqui.

Ela ficou paralisada. Suas palavras eram suaves, mas se tratava sem sombra de dúvida de uma ordem. O tipo de ordem que teria que obedecer automaticamente, mas tanto sua mente como seus pés estavam petrificados.

— Mulher, venha aqui agora mesmo.

Mary observou seu rosto. Não havia nada nele que confirmasse que seu destino fosse uma cruel e selvagem violação, um ato que, conforme tinha escutado no acampamento, podia matá-la. Entretanto, estava tremendo.

Seus olhares voltaram a cruzar. Stephen a observava com crescente impaciência.

— O que quer de mim? — Conseguiu dizer.

— O que acredita que quero? — Ele apertou os dentes. — Tenho dores. Venha aqui e cuide de minha perna como é devido. Agora.

A jovem o olhou fixamente e logo experimentou uma sensação de alívio.

— É isso tudo o que quer? — Não sabia se acreditava nele..

— Estou acostumado a que me obedeçam imediatamente, mulher. Vêem aqui e faz o que a ensinaram a fazer — resmungou, apertando a mandíbula.



Mary sabia que devia obedecer, porque estava claro que estava se enfurecendo. Mas se não chegasse a um acordo com ele naquele momento, quando ainda tinha uma pequena parcela de poder, não o faria nunca.

— Atenderei-o de boa vontade se prometer me soltar sem me fazer dano quando tiver terminado.

— Dou uma ordem... E você me vem com exigências? — Estava surpreso e não o disfarçava.

Mary soube que não devia pressioná-lo mais, mas apesar de tudo, disse:

— Sim, assim é.

Stephen sorriu. Foi um sorriso frio e perigoso que a aterrorizou e que não alcançou seus escuros e brilhantes olhos.

— Poucos homens atreveram a me desobedecer, e menos ainda sobreviveram para ver a luz de um novo dia.

Mary respirou fundo, incapaz de afastar a vista da sua, incapaz sequer de piscar. Da imponente presença masculina emanava um poder que fazia com que seus joelhos fraquejassem e ameaçassem de fazê-la cair.

— Está me ameaçando? — Sussurrou com voz rouca.

— Só se livra por ser mulher.

Ela não tinha nenhuma dúvida de que, se tivesse sido um homem, então já estaria morto. Aquele normando era o inimigo mais odiado de seu povo, de sua família, e de seu pai, o rei. Sua situação era desesperadora, mas não devia se deixar levar pelo pânico. Tinha chegado o momento de se comportar com honra e valentia.

— Então, aceita minhas condições? — Perguntou erguendo as costas.

Ele a olhou fixamente.

— Acredito que é a moça mais estúpida que conheci em minha vida, ou a mais valente.

Mary agüentou o olhar. Não se sentia adulada e estava muito assustada para ficar zangada.

— Curar-me e a soltaremos.



Mary afogou um grito. Tinha conseguido o que procurava, embora não estava convencida de poder confiar nele. Entretanto, não tinha escolha. Adiantou-se a contra gosto, decidida a ver sua ferida, a atendê-lo o mais rapidamente possível e, ao mesmo tempo, rezando para que a deixassem em liberdade e poder contar imediatamente a seu pai tudo o que tinha visto. Engolindo saliva e evitando seu olhar, ajoelhou-se a seu lado.

— O que aconteceu?

— Um animal enlouquecido. Meu cavalo rompeu a pata justo diante dele e isso lhe deu a oportunidade de me ferir. Matei-o, é obvio.

A jovem não respondeu. Tinha a vista cravada em sua coxa nua. A vendagem já estava tingida de vermelho brilhante. A ferida foi produzida na parte alta da coxa, perto dos calções. Durante um instante ela desviou o olhar para ali, para onde não tinha por que olhar. Para as sombras escuras que tinha entre as pernas.

Sentiu um estranho calor, as mãos tremeram e agarrou as dobras da saia.

De repente, distinguiu só um movimento e imediatamente a poderosa mão de Stephen estava agarrando o pulso. Menos de um segundo mais tarde aterrissava com força sobre seu peito duro como uma rocha. Quando ele falou, sua respiração roçou os lábios dela.

— O que está esperando?

O olhar de Mary abandonou seus lábios e subiu até seus olhos. Pela primeira vez viu neles a tremenda dor que produzia a ferida. Algo que chegou a seu coração, uma compaixão em que não quis parar para pensar. Não devia considerar aquele homem como um ser humano. Devia considerá-lo só como um monstro, alguém capaz de matar a sangue frio e com suas próprias mãos a sua gente, como correspondia a sua natureza agressiva.

Incapaz de falar assentiu. Sentia Stephen sólido e quente sob seus seios. Ele a soltou e Mary se apressou a cuidar da ferida.

Indecisa, tocou a vendagem e começou a desembrulhá-lo com cuidado. A ferida estava aberta, sangrava e tinha mau aspecto, mas não era muito profunda. Para limpá-la, haviam trazido água e sabão de lixívia.

— Vai doer.



Ele a olhou nos olhos e não disse nada. Naquela luz tênue, seus olhos pareciam tão escuros como seu cabelo, e a aquela distância eram inquestionavelmente formosos. Mary apertou os lábios, negando a se deixar levar por esses pensamentos.

Enquanto trabalhava na ferida e tratava de não causar mais dano, era consciente de que vigiava todos seus movimentos, fazendo-a se sentir pequena e vulnerável a seu lado, diminuída pelo poder que transpirava apesar de estar ferido e momentaneamente a sua mercê. Era uma idéia absurda. Aquele homem nunca se submeteria ao domínio de ninguém embora estivesse morrendo de dor.

Quando a ferida ficou finalmente limpa, a jovem parou um instante, umedeceu os lábios e o olhou.

— Necessita uns pontos.

— Atrás de você há agulha, fio e linho limpo.

Mary girou a cabeça e assentiu, antes de agarrar a agulha com gesto vacilante.

— Talvez queira um pouco de vinho.

— Assim atrás desses seios tão bonitos há um coração — comentou elevando uma sobrancelha.

— Não há nele piedade para você! — Afirmou com voz tensa.

— Faça.

O que importava a ela que sofresse ainda mais em suas mãos? Zangada sem saber por que e tremendo de desassossego, Mary agarrou a agulha. Tinha costurado feridas com antecedência, mas não se acostumava a isso. O estômago deu um tombo. Inclinou-se sobre ele e trabalhou com diligência e precisão, consciente de que tinha o olhar cravado em sua cabeça e incapaz de esquecer suas palavras. Quando terminou, fez um nó ao fio e o cortou com seus brancos e pequenos dentes. Então ergueu, satisfeita por ter terminado.

Mary esperava vê-lo pálido, que seu rosto fosse uma máscara de dor. Entretanto tinha os olhos não só completamente lúcidos, mas também, além disso, brilhavam perigosamente. A jovem apressou a agarrar uma parte de linho limpo e afastou a vista.

E então topou com uma imagem que não queria ver, que não tinha direito de ver. Sem se dar conta, tinha afastado os calções a um lado para costurar os pontos, e agora



podia verificar que o que haviam dito seus soldados sobre que estava bem dotado, era mais que certo. Ruborizada, voltou a colocar os calções em seu lugar. Mas aqueles homens tinham razão. Se a violava, iria morrer. Suas mãos, pequenas, delicadas e brancas, que contrastavam vivamente com suas duras e poderosas pernas, tremeram quando atou a toda pressa a vendagem.

No instante preciso em que terminou, a mão do homem sujeitou o rosto dela, obrigando-a a elevar o queixo e a olhá-lo.

— Vai vestida como uma bruxa, mas te comporta como uma dama. — Mary ficou petrificada. Ele afastou a vista da sua, deslizando-a por suas feições até deter finalmente em seus lábios. — Nunca conheci a nenhuma aldeã com um rosto como o seu.

A jovem se viu incapaz de dizer nada em sua defesa. Tinha a mente paralisada e só podia conjurar uma imagem terrível: a de seu captor esmagando-a sobre o cama.

Stephen soltou o rosto dela, mas agarrou a mão e a girou.

— Branca e suave como a de uma dama.

Muda e aterrorizada, consciente de que não tinha um só calo, sentiu-se atraída por seu brilhante olhar e reconheceu o desejo que havia nele embora nunca se visse em uma situação semelhante.

Stephen elevou as comissuras de seus duros e atraentes lábios, compondo uma expressão que não podia descrever nem sequer como a miragem de um sorriso, mas bem mostrava agressão, triunfo e uma satisfação primitiva. Mary retrocedeu um passo, mas demorou um segundo a mais. Já tinha deslizado o véu do cabelo. Ao vê-lo, aproximou-se mais a ela e disse:

— Seu cabelo está limpo e cheira a flores. — Ergueu-se e a olhou fixamente. — Acredito que se olhasse debaixo de suas roupas encontraria uma pele igual de limpa e fresca.

A jovem se incorporou, cambaleando, mas não chegou muito longe. Ele a agarrou pelo pulso, obrigando-a imediatamente a ajoelhar-se de novo a seu lado.

— Estou certo?



— Não! Absolutamente. Juro isso. — Não pôde seguir falando porque Stephen deslizou a mão pela perna, sob a roupa, e acariciou com a palma dura e calosa sua pele nua.

Mary gritou surpreendida pela violenta sensação que tinha se apoderado de seu corpo. Ele estava olhando absorto sua perna nua, de onde terminavam suas meias de lã na panturrilha até a parte superior da coxa, que acabava de deixar descoberta.

— O que eu pensava — comentou, e agora seu tom de voz tinha mudado. Era um tom que Mary reconheceu imediatamente apesar de sua inexperiência, um tom que deixou cada fibra de seu ser tensa e que provocou que o pulso se acelerasse.

— Posso... posso explicá-lo — sussurrou.

— Suave, muito suave, e limpa — disse entrelaçando o olhar com seu uma vez mais. Não cobriu sua nudez nem afastou a mão da coxa.

Tinha as gemas dos dedos perigosamente a ponto de roçar a união entre suas pernas. Fazendo um rápido movimento, aproximou seu rosto do dela e seus lábios roçaram o pescoço.

Mary ficou sem respiração. No reduzido espaço daquela tenda não havia ar que respirar. Stephen moveu a boca deixando uma esteira de calor na lateral de seu pescoço e deslizou o dedo polegar por seu pêlo púbico. Mary não pôde se conter. Gemeu. Sua mente, que antes estava cheia de hostilidade, estava agora completamente em branco, só receptiva a incrível sensação que ele estava provocando nela.

Stephen tinha a boca apoiada em um de seus lóbulos e o polegar contra o outro, quando sussurrou:

— Quem é milady? E o que é mais importante, é uma espiã?



Capítulo 2

Stephen de Warenne viu como a jovem que tinham capturado afastava dele com um grito de terror. Mas não foi muito longe. Sujeitou-a com força de aço pelos pulsos e a atraiu sem dificuldade de novo para si até que suas testas quase se roçaram.

Só havia duas mulheres às que queria no mundo. Mas não era imune às que considerava atraentes, e aquela se aproximava provavelmente à perfeição física mais que nenhuma. Apesar do fato de que se tratava sem dúvida de uma perita cortesã enviada por algum de seus numerosos inimigos para seduzi-lo e espiá-lo, não podia se mostrar indiferente diante sua elegante e torneada perna nua, que agora estava apanhada entre as suas, nem à suavidade de seus generosos seios, apertados contra seu peito, ou a beleza impactante de seu rosto. Achava-se terrivelmente excitado. Estava desejoso e impaciente por possuí-la. Tinham adotado uma postura tão íntima que ela podia sentir cada centímetro de seu corpo, mas, acaso não era a sedução seu propósito? Que outra razão haveria para que enviassem uma mulher com um disfarce tão bem elaborado? Atribuiu seu olhar assustado a que tinha adivinhado a verdade.

Durante um instante, sentiu desejos de tomá-la selvagem e rapidamente, e terminar com aquilo. As respostas viriam mais tarde. Mas era filho de seu pai e seu herdeiro. Velar pelos interesses de Northumberland tinha sido sua única ambição desde que ganhou suas esporas à idade de treze anos. Não tinha a reputação de líder desumano à toa. As respostas não podiam esperar. Se seus inimigos sabiam que estava ali, os planos do rei estavam em perigo.

— Co... como? — Conseguiu dizer por fim Mary.

— Acredito que me ouvistes perfeitamente — disse ele com frieza. Estava tão furioso e excitado que a sentou na cama a seu lado sem soltar o pulso dela. Sua inerente educação o levava a se dirigir a ela como se fosse uma dama quando estava claro que se



achava muito longe daquele status, apesar de que ao olhá-la nenhum homem poderia tê-lo adivinhado. Por alguma razão, Stephen se sentiu desiludido ao saber que sua aparência angélica era só isso, aparência.

— Quem a enviou para me espionar? Montgomery? Roger Beaufort? O rei? Ou acaso se trata uma vez mais de algum truque do príncipe Henry?

Ela o olhava como se estivesse hipnotizada. Stephen era um homem duro e, entretanto, sentiu uma pontada de simpatia. Aquela mulher era muito jovem. As cortesãs que ele conhecia e estava acostumado a utilizar com freqüência, eram maiores e viúvas. Mas, como bem sabia, em ocasiões as aparências enganavam.

— Não sou uma espiã — espetou.

— Não me trate como a um idiota — respondeu ele com frieza.

— Prometeu que me soltaria!

— Ainda não estou curado! — Stephen observou como tomava sua afirmação. Ela compreendeu imediatamente o que havia dito e a raiva tingiu suas feições. Não devia se surpreender com a inteligência dela. O normal era que tivessem enviado uma mulher ardilosa para que utilizasse suas mutretas com ele.

— Enganaste-me! — gritou ela. — Me fez acreditar que libertaria-me quando atendesse sua ferida!

— Acreditastes o que queria acreditar. — Sua paciência estava chegando ao limite. — Já é suficiente. Quero respostas e as quero agora. Quem é e quem a enviou?

Ela negou com a cabeça. Os olhos encheram de lágrimas, umas lágrimas que, pensou Stephen, não podiam afetá-lo. A experiência ditava que, salvo estranhas exceções, não devia confiar nas mulheres. E aquela não era uma dessas exceções. De fato desconfiava dela mais que de nenhuma. Era jovem mas não inocente. Sem dúvida seu medo e suas lágrimas eram puro teatro.

— Não sou uma espiã.

A Stephen ocorreu outra idéia.

— A enviou talvez Malcolm Canmore?



— Não! Nem sequer o conheço! Não sou nenhuma espiã, juro isso! — Afirmou, sobressaltada.

Estava mentindo. Disso estava seguro. Igual como estava que Malcolm Canmore era a pessoa por trás daquela traição. Uma raiva renovada o fez zangar-se de novo.

— Advirto, milady, tenho meios para conseguir a informação. E quando me provocam sou implacável.

— Por favor! Posso explicar isso. Isto não é o que pensa.

— Então sugiro que comece.

— Sou... sou uma bastarda. Meu pai é Sinclair Ou'Dounreay e minha mãe uma leiteira — soltou sem pensar.

Stephen elevou uma sobrancelha. Aquela afirmação não se enquadrava, visto aquele absurdo disfarce. Embora possivelmente sim se tratasse de uma bastarda. Mas estava convencido de que mentia, e só teria motivos para fazê-lo se era uma espiã.

— Agora está disposta a soltar informação, milady? Onde está Dounreay?

— A muitos quilômetros ao norte. — Posou as mãos sobre o regaço sem olhá-lo nos olhos e pensou que era uma mentira excelente.

Stephen pensou que era muito oportuno que não pudesse comprovar seu parentesco, embora não se esqueceria de confirmá-lo. Quase sentia certo respeito por ela. Para chegar até ele com semelhante missão tinha que ter muita coragem.

— Perto das ilhas Orkney? — seguiu perguntando.

— Quase. — Ela sorriu aliviada.

Era a primeira vez que Mary sorria desde que Stephen a conhecia, e se antes tinha parecido bonita, agora era excepcionalmente bela. O interrogatório tinha o distraído do desejo que sentia por ela, mas agora sentia que se renovava com força.

— Já vejo. E o que a traz tão ao sul, em Carlisle?

Ela tinha ruborizado notavelmente, ao ser consciente da evidência de seu desejo. Stephen quase podia ver como maquinava sua mente. Estava claro que procurava uma resposta acreditável, e isso o tirou do lugar. Se era tão inteligente como ele tinha pensado



teria que ter memorizado uma história verossímil antes daquele encontro. E o que tampouco entendia eram seus rubores.

— Sou de Liddel, como minha mãe.

— Uma atuação memorável, milady. — Stephen inclinou para trás e lhe deu duas palmadas.

— Não acredita?

— Não acredito em nenhuma só palavra de tudo o que disse. — Mary ficou petrificada e o olhou com os olhos muito abertos. — Têm dez segundos para me contar a verdade. E se não me convence, asseguro que sofrerá as conseqüências.

Ela abriu a boca e se separou dele, ficando em pé em um intento de escapar. Stephen soube imediatamente qual era sua intenção. Embora não tinha outro lugar onde cair que não fosse aos braços de seus soldados, e apesar da dor que sentia, ele também ficou em pé e a agarrou sem vacilar, lhe arrancando um grito.

Sem pensar duas vezes, Stephen a fez girar, sujeitou-a com força e cobriu a boca dela com a sua.

Tinha a tocado intimamente, mas em realidade não a tinha beijado. Não do modo que tinha desejado do momento em que pôs os olhos em seu belo rosto. Beijou-a com ânsia, como se queria devorá-la e deslizou as mãos pelas costas, cobrindo as nádegas com as palmas.

— Vamos tentar outra vez, pequena — sussurrou com voz rouca, movendo a boca sobre a sua e elevando seu frágil corpo sobre sua aguda ereção.

— Não — protestou ela com energia.

Mas foi interrompida. A boca de Stephen a invadiu e provou seu sabor com a língua. Cada investida se fazia mais e mais vigorosa, mais voraz. Ela recebeu timidamente uma delas e as pontas de suas línguas se roçaram.

Stephen queria que se rendesse completamente e ao momento. Era o que esperava. Necessitava-o naquele instante. Mas para seu assombro, a jovem afastou de repente o rosto do dele.

— Não devemos fazer isto.



— Não jogue comigo agora — advertiu o normando apertando os dentes e a sujeitando pelo queixo com uma mão.

Ela gritou e elevou seus pequenos punhos para golpeá-lo no peito, mas Stephen estava muito concentrado em beijá-la para prestar atenção a seus golpes.

Mary girou o rosto de novo e retorceu freneticamente sob seu abraço de ferro, mas com cada movimento roçava seu grosso e excitado membro de um modo tão hábil como o fariam as peritas carícias de uma prostituta, pensou Stephen. Como atriz era magnífica. Aparentava não ser uma sedutora, a não ser uma jovem inocente verdadeiramente assustada ao saber qual era seu destino. Mas apesar daquele breve instante de confusão, Stephen não podia parar agora. Intranquilo, assegurou a si mesmo que ela tinha provocado deliberadamente aquela confusão para seduzi-lo por completo.

Já tinha tido suficiente daquele jogo. Não era sua intenção derramar sua semente em cima de ambos, assim a pôs sobre a cama. Ela seguia negando-se e o golpeava com os punhos enquanto emitia uns sons assustados. Stephen voltou a tomar sua boca e se colocou sobre ela.

De repente, ambos ficaram imóveis enquanto se olhavam fixamente nos olhos.

— Não posso esperar — murmurou ele, umas palavras que não tinha pronunciado jamais.

Os olhos que estava contemplando enquanto falava refletiam umas emoções que não foi capaz de identificar. A jovem tinha o rosto ruborizado e não se movia, parecia paralisada. Tão somente agarrava com força os ombros dele com as palmas das mãos.

Stephen separou as pernas com os joelhos e começou a se mover com força. Subiu a larga túnica até a cintura e durante um breve instante esteve preparado em cima dela.

Seus olhos se encontraram e mantiveram o olhar. Mary abriu a boca mas não disse nada. Ele contemplou seus seios, os duros e eretos mamilos que marcavam sob o vestido, e não pôde evitar roçar um com o polegar. A jovem fechou os olhos e soluçou com angústia.

Stephen começou a suspeitar que algo não ia bem. Deslizou uma mão entre as pernas e acariciou as úmidas dobras que protegiam sua intimidade. Aí estava a prova de que o desejava, fosse espiã ou não. Sua excitação não era nenhuma atuação.



Afundou um dedo em seu interior com dificuldade apesar da umidade, e ficou paralisado. A barreira com a qual deparou-se era inconfundível. Stephen não acreditava. Não podia ser virgem. Mas era. Isso era inegável.

E em meio daquela confusão sentiu uma súbita reação de adulação. Aquela jovem não tinha estado nunca com nenhum homem. Ele seria o primeiro.

Estava muito excitado, não podia negá-lo. Mas nunca antes tinha tomado uma virgem. Ao contrário de muitos homens que conhecia, a violação nunca o tinha excitado. E se era virgem, então não se tratava de nenhuma prostituta que tivessem enviado para espioná-lo.

A mente de Stephen alcançou aquela pasmosa conclusão em questão de segundos e, fazendo um tremendo esforço, retirou-se dela. Enjoado e confundido, ficou deitado de barriga para baixo a seu lado.

Apesar de seu corpo clamar por ela, recuperou rapidamente a prudência. Não existiam as prostitutas virgens nem as espiãs virgens. Seria possível que a jovem houvesse dito a verdade? Seria seu pai algum senhor do norte e sua mãe uma leiteira? Era plausível, embora o duvidava.

As mãos da jovem não tinham trabalhado nunca duro, mas ia vestida como se fosse uma serva. Se era bastarda, tinham-na criado como uma dama. Aquela indumentária era um disfarce. Mas, por quê? De repente, ela se moveu e saiu da cama com rapidez. Stephen foi ainda mais rápido e a agarrou antes que pudesse dar um segundo passo. A perna começava a doer muito e não teve piedade dela. Agarrou-a com tal força que ela caiu ao chão.

Temendo lhe ter feito mal, Stephen sentou na cama e estendeu uma mão para ela.
— Milady?

Ela ofegava. Embora viu que estava furiosa, permitiu que agarrasse a mão e a levantou. Foi um engano. A jovem jogou rapidamente o punho para trás e o golpeou na mandíbula com todas suas forças.

Stephen não se moveu. Estava paralisado e sem fala.



— Maldito normando! É um porco e um bruto! E um mentiroso! — Espetou antes de elevar o punho para voltar a golpeá-lo.

Esta vez Stephen reagiu. Agarrou seu pulso e puxou-a para frente, provocando que caísse em seu regaço.

— Não! — Gritou ela retorcendo para se livrar dele.

Stephen a manteve em seu lugar.

— Enganaste-me, bateu e insultou — espetou com voz grave, sacudindo-a uma vez. Ela ficou quieta. — Pensei que fosse valente, mas estou começando a pensar que é uma estúpida... ou que está louca.

Ela elevou o queixo num gesto desafiante apesar de que tinha os olhos cheios de lágrimas não derramadas.

— Não estou louca. Só quero saber quando posso ir.

— Faz uns instantes não tinha tantas vontades de me deixar... Nem tampouco de sair de minha cama.

— Engana-se —disse ruborizando. — Estou desejando sair de sua cama e não voltar a vê-lo jamais.

— Quem está mentindo agora?

— Falo a sério!

— Duvido. De fato não disse nenhuma só palavra sincera. Volto a perguntar: Quem é e o que está fazendo aqui?

Ela engoliu saliva, olhou-o nos olhos, e Stephen sentiu como sua mente ficava em movimento.

— Por favor, solte-me — pediu a jovem com voz rouca. — E contarei tudo. Depois de lhe dedicar um olhar cético, o normando fez o que pedia. Ela ficou em pé e afastou até o outro extremo da tenda, dando as costas à saída e se abraçando em gesto defensivo. Aquela postura a fazia parecer muito jovem, e ele sentiu de repente envergonhado por seu comportamento. A tinha tratado como uma prostituta, e aquela moça não podia ter mais de dezoito anos. Talvez a pergunta que terei que fazer não era de quem se tratava, a não



ser o que era. Uma virgem, uma prostituta, uma aldeã, uma dama? Uma espiã ou alguém inocente?

— Poderia começar me dizendo seu nome.

— Mairi. Mairi Sinclair. Meu pai é Rob Sinclair. Minha mãe morreu. Era donzela em Liddel. — Estremeceu ao observar seu olhar e umedeceu os lábios. — E tinha razão. Estas roupas são um disfarce.

— Eles enviaram para que me espionassem? — Perguntou Stephen tenso.

— Não! — Ela estava pálida. — Tinha me disfarçado porque ia encontrar com alguém. Com... com um homem.

— Ahh. Agora o entendo. Um homem.

— Não é o que pensa. Esse homem era, quero dizer, é meu prometido — disse voltando a elevar seu pequeno queixo.

— Ainda têm que me explicar sobre o disfarce — exigiu, atravessando-a com olhos de gelo.

— Não é correto que uma dama tenha um encontro secreto com um homem embora seja seu prometido, e você sabe muito bem.

— E quem é esse homem que quer empurrá-la para uma queda inevitável?

— O que importa isso? — Perguntou, mordendo o lábio.

Não deveria importar, exceto pelo fato de que ele tentava verificar cada uma de suas palavras.

— Sim que importa. — Não gostou de perceber que estava irritado, inclusive ciumento, pelo fato de que aquela mulher desejasse a outro homem.

— Ama-o?

— Isso, normando, não é seu assunto — repôs, enfurecida.

Em efeito, não o era. Stephen ergueu e procurou sua bengala para se apoiar nela. Logo aproximou coxeando até que quase roçou a jovem. Não ficou mais remédio que admirá-la, porque permaneceu imóvel.

— Está errada, agora você pertence a mim e tudo que é seu é meu assunto. Até que me tenha satisfeito continuará retida.



— A que se refere? — Ela perdeu a pouca cor que ficava.

— Refiro-me — esclareceu com tom grave — a que tenho a intenção de descobrir toda a verdade sobre você, e que até que a averigüe será minha convidada. — Stephen passou por diante dela e levantou a entrada da tenda.

— Sua convidada! — Gritou a suas costas. — Quer dizer sua prisioneira. Mas, por quê? Não tenho feito nada, normando!

Stephen parou e girou.

— Ao contrário. Despertastes meu enfatiado apetite e minha ainda mais enfatiada curiosidade. Se de verdade for o que disse, acredito que poderíamos nos acomodar bem por um tempo.

Mary ficou olhando as costas enquanto saía da tenda e a deixava sozinha. O que significava aquele último comentário? OH, Deus! Ele suspeitava o engano e tentaria averiguar a verdade, e tanto se a descobria como se não, Mary corria um grande perigo!

Sem forças, deixou-se cair sobre o chão sujo e duro. Rolfe de Warenne, conde de Northumberland, era um dos senhores mais poderosos do reino. Primeiro tinha sido conselheiro do rei William o Conquistador e agora o era de seu filho, o terrível rei William Rufus. O conde era além disso o pior inimigo de seu pai, e, por extensão, também o era aquele homem, seu filho bastardo e herdeiro. Escócia e Northumberland se enfrentaram em inúmeras ocasiões. Rolfe não era mais que um cavaleiro sem terras e sem riqueza quando seguiu ao duque William até a Inglaterra, embora se dizia que era o filho menor de uma boa família de Poitevin. Pouco depois da invasão o tinham recompensado com um pequeno feudo em Northumberland, um que naquele momento limitava com Newcasdeon-Tyne ao sul e o rio Tweed ao norte. Embora o coração do reino de Malcolm estava situado entre o estuário de Moray e o de Forth, bem ao norte de Tweed, os reis da Escócia levavam muito tempo reclamando o direito de governar o território ao sul de Lothian até o Rere Crossing. Os Warenne eram uns intrusos. Malcolm tinha passado toda sua vida tentando recuperar os territórios perdidos de seu reino, e a fronteira que existia entre Escócia e Northumberland foi disputada de forma brutal e sangrenta durante muitos anos, Mary tinha ido parar diretamente nas mãos do pior inimigo de seu pai.



As palavras de despedida do normando ressonaram em sua mente como um coro aterrador. Se tinha entendido bem, aquele homem pretendia saciar sua luxúria nela. Se não descobria a verdade a respeito de sua identidade, tomaria e a utilizaria até que se cansasse de seu corpo. Seria a ruína para Mary. Embora Doug, a seu pesar, casaria-se com ela de qualquer forma. Depois de tudo, era uma princesa com uma grande dote.

A jovem esteve a ponto de chorar. Só poderia ser pior se o normando descobrisse a verdade. Se soubesse que era filha de Malcolm Canmore, seria sua prisioneira até que seu pai pagasse a exorbitante quantidade que seu captor demandasse. Pediria ouro e moedas, reclamaria terras. Terras escocesas que não tinham preço. Terras sobre as quais se derramou o sangue do seu povo uma e outra vez.

E quando seu pai tivesse pagado o resgate, a fronteira voltaria a sumir em uma guerra sangrenta e descarnada. Os dois anos de frágil paz que tinham vivido, seriam só um sonho.

Mary apertou seus pequenos punhos, tentando infundir coragem. Agora se alegrava de não ter revelado sua identidade.

O normando não era mais que um selvagem, pensou com desalento, mas não era um estúpido. Disso não tinha dúvidas. Tinha visto rapidamente além de seu elaborado disfarce e tinha duvidado da história que inventou, uma história razoável que teria enganado a um homem menos inteligente. Mary teria que jogar mão de toda a coragem que possuía e de toda sua acuidade mental. Não podia permitir que ele suspeitasse sequer quem era. Se havia alguma maneira de descobrir a verdade de sua identidade, o normando a encontraria. E quando o fizesse, seu pai, a Escócia, e ela mesma, sofreriam as horríveis consequências.

Do mesmo modo que seu pai utilizava espiões, sem dúvida aquele homem faria também uso deles. Aquela noite haveria uma crise em Liddel por seu desaparecimento e certamente um espião normando daria conta daquele fato. Warenne logo saberia quem era a suposta espiã!



Mary fechou os olhos. Como ia seguir ocultando sua identidade e de uma vez mantê-lo a raia durante todo o tempo? Parecia uma tarefa impossível. A única solução era escapar, mas no momento aquilo era também impossível.

Secando os olhos, pensou que as lágrimas não solucionavam nada. O que devia fazer era preparar-se para sua próxima batalha de habilidades e vontades. Até o momento ela não o tinha feito muito bem. Não queria que se repetisse o que acabava de ocorrer entre eles sob nenhuma circunstância, apesar de que seu encontro a tinha deixado exausta e chocada. Em sua mente flutuavam as lembranças mais recentes. Para seu horror, ainda podia sentir seu tato, sua boca em seus lábios, seu corpo contra o seu. Estremecendo, cobriu o rosto com as mãos sem poder seguir ocultando sua vergonha.

Finalmente, o cansaço se apoderou dela e girou para olhar com desejo a cama de pele. Não sabia se o normando retornaria para dormir ali ou não, e estava muito exausta para pensar com clareza. Mas não importava. Não podia deitar em sua cama apesar de sua ausência, a idéia era aterradora. Deitou no chão sujo e se encolheu sobre si mesma até que sua mente cansada começou a dormir. Nervosa, escutou os sons da noite e do acampamento, os relinchos dos cavalos, o ulular de um mocho, e a conversa mantida pelos homens lá fora até que cessou a última das vozes. Então, Mary ficou tensa, esperando os inevitáveis passos que sem dúvida chegariam.

Mas ele não chegou.

Quando Mary despertou, encontrou o rosto do normando pegado ao dela. Durante um instante ficou quieta, aturdida pelo sono, olhando aqueles olhos brilhantes que não era negros mas sim de um marrom muito escuro. Então a realidade a assaltou com força e se afastou.

— Espero que sua história resulte ser certa — disse Stephen enquanto se erguia.

A jovem não escapou o significado de suas palavras.



— Afaste-se de mim!

— O que é que a assusta tanto esta manhã, milady? É a mim a quem teme... ou a você mesma?

— Temo aos cruéis normandos para os quais a violação é um esporte tão habitual como a falcoaria.

— Asseguro-a de que eu nunca participei desse ato particular de violência e nunca o farei. — Riu e logo acrescentou em voz baixa: — Nunca o necessitei, e quando você reunir comigo em minha cama o fará com entusiasmo, igual a ontem à noite.

— O que aconteceu ontem à noite nunca se repetirá! — Afirmou Mary, enfurecida.

Ele elevou uma de suas escuras sobrancelhas.

— Está me desafiando? — Seu sorriso era autêntico. — Eu gosto das provocações.

— Não têm poder sobre mim — murmurou enquanto o coração pulsava com força.

— Ao contrário. Estou seguro de que posso obter que me deseje. Isso é poder.

— Eu não sou como as demais mulheres.

— Não? — Seus dentes brilharam. — Ontem à noite parecia igual a qualquer outra quando gemia sob meu corpo, uma mulher sob meu poder e a minha mercê. Mas se isso a faz sentir melhor, reconheço que é muito mais interessante que qualquer mulher que tenha conhecido. Muito mais interessante, mais intrigante e... — voltou a sorrir e seus olhos resultaram de repente quentes — muito mais formosa.

Mary tentou lutar contra a sedução que ardia na intensidade de seu olhar.

— Eu não gemo, normando! E pode dizer e fazer o que desejar, mas isso não muda o que sinto. E, me acredite, o que sinto por você é melhor não dizer.

— Sou da opinião de que sob a raiva há muito que explorar. Mas estamos perdendo não só palavras, mas também o tempo. Partimos em um quarto de hora. Sugiro que aproveite uns instantes a sós para fazer o que tiver que fazer — repôs, escrutinando-a com seu olhar. — Podemos concluir esta disputa em Alnwick.



Dito aquilo, Stephen girou e partiu coxeando ligeiramente, embora se movendo com uma agilidade imprópria de alguém que tinha sido ferido no dia anterior. Mary sentiu aliviada de vê-lo partir. Cada vez que saía intacta de um de seus encontros considerava uma vitória, e não pequena. Mas também se sentiu abatida. Alnwick era a nova sede de Northumberland. O conde, o pai do bastardo, tinha passado uns quinze anos terminando-a, e os rumores diziam que se tratava de um forte impenetrável. Se aquilo era verdade, significava que uma vez que estivesse prisioneira ali não teria esperanças de que a resgatassem. Mas talvez Malcolm e seu irmão estivessem inspecionando o campo procurando-a. Tinham que resgatá-la antes que a levassem para Alnwick! Era sua única esperança. Devia deixar um sinal a seu pai.

Tremendo pelos nervos, jogou rapidamente a um lado a pele com a qual estava se cobrindo. Alguém tinha levado uma terrina com água, e Mary se lavou rapidamente, antes de sair correndo da tenda.

O que viu a deteve, estavam selando os cavalos e levantando o acampamento. Todo mundo parecia absorto em suas tarefas. A jovem procurou entre a multidão e pôde ver seu captor de costas falando com outro cavalheiro.

Respirou com força para tranquilizar-se, rogando para que Stephen de Warenne não percebesse sua presença. Mas ele girou de repente para olhá-la. Mary o ignorou com a esperança de que não suspeitasse do seu nervosismo e caminhou para o bosque. Era consciente de que um cavalheiro a seguia, sem dúvida com instruções de vigiá-la. Seu ânimo decaiu, mas não retrocedeu em seu empenho. Desapareceu detrás de uns arbustos para atender suas necessidades, e no processo tirou a fina regata de seda que levava sob as túnicas de aldeã, um objeto branco e fino. As mãos tremiam tanto que teve que fazer vários intentos para atar a parte de tecido ao ramo de uma árvore. Quando o teve conseguido, rasgou algumas tiras e as atou nos pulsos. Depois se dirigiu ao lugar onde estava seu guardião, que a esperava lhe dando as costas. Suas esperanças cresceram. Esperava que algum escocês que a estivesse procurando encontraria a parte de tecido que tinha deixado!

O cavalheiro a acompanhou de retorno ao acampamento e a seu captor, que estava falando com o homem que a tinha feito prisioneira no dia anterior.



— Liddel? — estava dizendo Will. — Não deveria supor nenhum problema, depois de tudo, esta noite estarão todos bêbados pelas bodas. Posso averiguar o que desejas saber — afirmou com sorriso auto-suficiente.

— Boa sorte — desejou Stephen dando um tapinha em seu ombro. Depois, girou-se e dirigiu um sorriso a jovem. — Quer enviar uma mensagem a alguém? A seu amado, possivelmente?

Mary estava paralisada, mas se recompôs em um instante.

— Têm olhos nas costas, como um monstro disforme?

— Acaso estavam bisbilhotando? Se quer saber minhas intenções não têm mais que perguntar, milady. — Stephen estava divertindo.

— Por que vai esse homem a Liddel?

— Têm algo que esconder?

— É óbvio que não.

— Então não têm nada que temer. — Estava jogando com ela, provocando-a.

— Por que está fazendo isto?

— Porque não posso evitá-lo. — De repente, sua diversão pareceu desvanecer. Seus olhos pareceram atravessá-la, revelando o escuro desejo que sentia por ela e uma determinação ainda mais escura.

O normando exercia um magnetismo sobre Mary contra o qual não tinha poder. Pensando nisso, a jovem estremeceu com uma súbita premonição que não se atreveu a analisar. Era muito mais seguro ignorar o que tinha ocorrido entre eles, fosse o que fosse. Fingir que não existia. Que nunca tinha existido.

— Vamos, partimos, você cavalgará comigo — disse ele, rompendo o feitiço e estendendo a mão para ela. Quando a jovem não se moveu, Stephen deixou cair a mão. — Ocorre algo, Mairi?

— Desejaria cavalgar com qualquer que não fosse você.

Stephen aproximou dela e a olhou fixamente.

— Mas não estou dando a você a opção de escolher, milady. — Sorriu levemente. — Além disso, resultará entretido cavalgar comigo.



— Não é mais que um caipira presunçoso — replicou a jovem captando a indireta e sentindo que o rubor invadia seu rosto.

— Como pode uma dama pronunciar essas palavras? — perguntou rindo.

— Não me importa o que pense de mim. — Mary apertou os dentes. — Onde está seu maldito cavalo?

Ele o assinalou rindo de novo e mostrando um brilho de dentes brancos.

Enquanto Mary aproximava de um enorme cavalo de batalha de cor castanha, a risada masculina seguia ressonando em sua cabeça. Furiosa, decidiu que o venceria custasse o que custasse, e quando o fizesse jogaria seu triunfo à cara. Então seria ela a que riria.

Stephen a subiu sem esforço ao arreio e logo montou atrás dela com agilidade. A jovem tratou de ignorar o contato de seu corpo agarrando com força ao pomo arredondado do arreio. Ia ser um dia muito comprido, disso não cabia a menor dúvida.

Viajaram para o nordeste a trote rápido, afastando de Carlisle através de colinas rochosas e onduladas. Parecia que a intenção de Stephen era chegar a Alnwick aquele mesmo dia. Não cabia dúvida de que os normandos tinham completado a missão que os tinha levado até Escócia. Mary sopesou as possibilidades. Estava decidida a descobrir o que tinham estado fazendo nas proximidades de Carlisle e Liddel. E a cada hora que passava, a jovem deixava que um farrapo de sua regata deslizesse da manga e caísse ao chão.

Não diminuíram o passo até que pararam ao meio dia para dar de beber aos cavalos. Então estavam rodeados das ásperas estepes de sombras do Norte e de um infinito céu cinza que era atravessado em ocasiões por gaivotas.

Mary deslizou agradecida ao chão, esgotada por ter tido que suportar a intimidade de compartilhar o arreio com seu seqüestrador durante tantas e intermináveis horas. Sem dúvida, aquilo era o mais perto do inferno que estaria.

Ninguém estava prestando atenção nela. Enquanto os cavalheiros falavam em voz baixa a seu redor à espera que suas montarias saciassem sua sede, Mary aproximou de uma árvore quase seca, sentou-se dando amostras de fadiga e deixou cair outro farrapo da camisa. Uns minutos mais tarde, quando os soldados voltaram a montar, ficou em pé e



aproximou de novo do grupo. Imediatamente, Stephen de Warenne guiou seu enorme cavalo em sua direção.

— Está desfrutando da vista?

— O que há aqui para desfrutar? A paisagem é desoladora.

— Fala como uma autêntica escocesa. — Seu olhar a atravessou. — É escocesa de verdade, Mairi?

Ela ficou paralisada. Era o diabo e sabia ler o pensamento? Ou tinha descoberto sua identidade? Sua mãe, a rainha Margarida, era inglesa. O irmão de Margarida era Edgar Aethling, sobrinho neto do rei saxão Edward o Confessor, que tinha sido herdeiro do trono da Inglaterra antes da conquista. Quando o duque William o Bastardo invadiu a Inglaterra, a mãe de Margarida, viúva, fugiu para a Escócia com seus filhos em busca de refúgio, temendo pela vida de seu primogênito. Malcolm se apaixonou loucamente por Margarida a primeira vista, e quando sua primeira esposa, Ingeborg, morreu, casou-se com ela.

— Sou escocesa dos pés à cabeça — assegurou Mary com sinceridade.

— Não fala como uma escocesa exceto quando quer. Seu inglês é perfeito, inclusive melhor que o meu.

É obvio que seu inglês era perfeito, e não só porque sua mãe fosse inglesa. Ao longo dos anos, a corte de Malcolm tinha aderido a uns costumes anglo-saxões em honra a sua esposa.

— Talvez os normandos sejam muito estúpidos para falar bem inglês.

Ele apertou a mandíbula.

— Talvez este normando tenha sido verdadeiramente pouco inteligente — afirmou ao tempo que descia do cavalo e dedicava um olhar enigmático.

A jovem não gostou nem de suas palavras, nem de seu tom de voz. Ficou paralisada quando, em lugar de montar no cavalo, dirigiu-se diretamente à árvore seca na qual tinha estado sentada. O coração de Mary deu um tombo. Ele se agachou, recolheu o farrapo da regata e foi até ela com passos largos e apertando o tecido dentro do punho.

— Você é muito inteligente.

Mary deu um passo atrás, mas ele estirou a mão e a atraiu bruscamente para si.



— Se tem tanta vontade e tirar a roupa, milady, só precisa dizê-lo. — A jovem não ocorreu nenhuma resposta adequada, e menos enfrentando sua fúria tão de perto. — Durante quanto tempo estivestes deixando estes sinais?



Capítulo 3

— Está me machucando! — Gritou Mary.

Stephen a soltou imediatamente e permitiu que a jovem se afastasse dele.

— De verdade acreditava que poderia me fazer prisioneira sem que lutasse? —

Perguntou enquanto esfregava o braço.

O normando se arrependia de tê-la machucado, mas suas palavras provocaram desejos de voltar a sacudi-la.

— Desde quando? — Inquiriu, assombrado por sua inteligência e valentia.

— Desde esta manhã.

— Julguei-a mal — Disse com brutalidade. Logo gritou: — Neale!

O homem mais velho apareceu a seu lado imediatamente.

— Milorde?

Stephen não afastou seu furioso olhar da prisioneira.

— Ao que parece nossa jovem encontrada ontem é muito inteligente. Enganou a todos e esteve deixando pistas. Alerta aos homens, talvez estejam nos seguindo.

Neale cravou as esporas em sua montaria e se dirigiu para os soldados.

O normando a agarrou pelo braço e, ante sua resistência a segui-lo, teve que arrastá-la até sua montaria.

— A quem queria alertar? A seu amante? A seu pai?

— Sim! — Gritou ela. — Sim, sim e sim! E logo, muito em breve, meu pai o atravessará com sua espada, normando, porque é o melhor guerreiro de toda Escócia!

— Seriamente? Então seguro que o conheço. — Ela apertou os lábios com gesto obstinado. — Seu pai não é esse tal Sinclair de Dounreay, tal e como insiste, verdade? Um homem tão insignificante nunca me atacaria e ambos sabemos. Então, a quem está esperando, Mairi? E esse seu nome?



Sua pergunta só obteve silêncio.

Furioso, Stephen a subiu com brutalidade no cavalo. Ela cambaleou e teve que dar um pequeno salto para diante para permanecer fora de seu alcance. Ao normando isso não importou. Agarrou-a com dureza e a colocou sobre o arreio como se fosse um saco de grão. Logo subiu ao cavalo atrás dela e fez um sinal para seus homens. Imediatamente, a comitiva ficou a meio galope.

Mary fechou os olhos e se deixou levar por um momento de desespero. Não devia angustiar-se. Em realidade, deveria estar eufórica. Tinha enganado ao normando. Mas não sentia nenhuma alegria a não ser um pouco parecido ao terror. O instinto de Mary dizia que o herdeiro bastardo a faria passar por um inferno. Angustiada, não podia evitar olhar de vez em quando para trás com a esperança de ver o exército escocês no horizonte. Mas não viu nada, e a cada milha que percorriam sentia como suas esperanças se afundavam um pouco mais. Onde estava seu pai?

Quando chegaram ao topo de um penhasco, Stephen parou bruscamente suas montarias, fazendo com que Mary chocasse contra seu poderoso corpo. As palavras do normando sufocaram qualquer protesto que pudesse ter feito.

— Perdeste, milady — assegurou. — Já chegamos. Olhe, aí está Alnwick.

O pavor a invadiu de tal maneira, que nem sequer percebeu que agarrava com força o antebraço de seu captor e que cravava as unhas na cota de malha. Tinham chegado... e ela estava perdida. Adiante se encontrava Alnwick, sua prisão.

O sol estava se pondo. Obscurecidos em parte pela penumbra, os muros de pedra de Alnwick pareciam negros e impenetráveis. A fortaleza estava situada sobre uma colina natural rodeada de um cerco inexpugnável cavado pelo homem. Os grossos muros exteriores da zona defensiva do castelo estavam intercalados com altas e imponentes



torres de vigia, que resguardavam a torre principal da fortaleza iluminada nesse momento pela tênue luz do pôr-do-sol.

Mary sentiu que a invadia o abatimento. Se não conseguia escapar e não a libertavam ou ofereciam um resgate por ela, tinha poucas esperanças de voltar a ver seu lar e seus parentes, porque contra um lugar assim não poderia sustentar um ataque durante muito tempo. Nem sequer um ataque comandado por Malcolm.

Avançaram por uma ponte levadiça e atravessaram a porta de ferro em direção ao castelo, sendo recebidos pela saudação de uma dúzia de homens armados. Dentro havia ao menos doze construções: estábulos para os cavalos, tenda para os artesãos do castelo, quartéis para os excedentes de cavaleiros, despensas e armazéns de fornecimentos. Também havia gente por toda parte: mulheres levando galinhas debaixo do braço para fazer caldo, meninos tocando porcos, carpinteiros trabalhando com seus aprendizes, ferreiros e cavaleiros, serventes e escravos. O ruído era ensurdecedor. Em meio da cacofonia humana escutavam os latidos dos cães de caça, o grasnido das galinhas, o relinchar dos cavalos, o repicar da bigorna do ferreiro e o estrondo de martelo do carpinteiro. Havia gritos, risadas, e ordens que se davam laconicamente. Mary nunca tinha estado no interior de uma fortificação tão grande, era maior que a maioria dos povoados escoceses e certamente muito mais grandiosa que sua própria casa, o forte real de Edimburgo.

Alcançaram os degraus da entrada do castelo e o normando a baixou ao chão com facilidade. Mary cambaleou um pouco, tinha as pernas rígidas por ter passado o dia a cavalo. Stephen deslizou a seu lado e logo a guiou com firmeza para as escadas.

— Não tenha medo — espetou a jovem ao tempo que liberava seu braço. — Está claro que não tenho para onde correr embora desejasse fazê-lo.

— Alegra-me que tenha o bom julgamento de pensar assim.

— Não estaria tão satisfeito se soubesse o que realmente penso.

— Ao contrário, eu adoraria conhecer seus pensamentos mais íntimos.

Aterrada, Mary afastou a vista. Temia que a tenacidade do normando fosse superior à sua.



Chegaram ao segundo andar e entraram em um imenso salão. Duas grandes mesas de cavalete dominavam a sala formando um ângulo. Uma delas, a mais elevada, estava vazia. Ali seria sem dúvida onde tomariam assento o conde e sua família. Nas mesas baixas estavam sentados um grande número de cavalheiros e homens de armas, tomando o jantar que serviam as donzelas da cozinha, fiscalizadas pelo administrador do castelo, outros soldados jogavam os dados, bêbados.

Em todas as paredes estavam penduras belas tapeçarias de cores vívidas, o chão estava coberto de juncos frescos docemente aromatizados com ervas e havia um fogo aceso em uma imensa lareira de pedra. Mary percebeu surpreendida que não havia nem um só cão de caça no lugar. Frente ao fogo estavam colocadas duas cadeiras grandes e esculpidas com almofadas no assento, idênticas às que havia na cabeceira da mesa principal. A jovem ficou paralisada durante um instante ao pensar que o conde de Northumberland estava ali, quando viu uma cabeça dourada em uma daquelas cadeiras.

Mas se tratava de um homem jovem, um ano ou dois mais velho que ela, que estava sentado sozinho. Ao vê-los entrar, ficou de pé com agilidade e aproximou deles. Tinha os olhos azuis e era muito arrumado. Sua pele parecia dourada pelo sol do verão.

— Saudações, irmão — disse o desconhecido. Mas seu olhar azul escuro estava cravado em Mary, a quem dirigiu um sorriso irresistível.

— Devo presumir que sua presença aqui é importante? — Perguntou Stephen com secura. De repente, seu tom mudou tornando-o imperativo. — E Brand, ela é minha.

O aludido olhou por fim a seu irmão e fez uma reverência zombadora.

— É obvio. Inclino-me ante o herdeiro. E sim, envia-me o rei, como sem dúvida terá adivinhado.

Mary ficou tensa. O comentário possessivo de Stephen se tornou irrelevante. Poderia ser de muito valor para seu pai enquanto se visse obrigada a permanecer ali, convertendo-se na espiã que seu seqüestrador acreditava que era e inteirando-se dos planos mais secretos do inimigo.

— Tudo está bem, irmão, relaxe. — Stephen colocou sua poderosa mão no ombro rígido de Mary. — Falaremos mais tarde. Quando tem que retornar?



— Imediatamente. — Brand olhou a jovem e voltou a sorrir. Seus lábios esgrimiam um sorriso zombador que não aparecia em seus olhos. — Não vais fazer as apresentações? Tem medo de que me prefira? E acaso não temos aqui suficientes criadas, ou é que já provaste a todas?

Stephen ignorou a brincadeira.

— Mairi, este insolente é meu irmão menor, Brand, capitão das tropas do castelo do rei. Ignore seus comentários. Além disso, ele é o sedutor, não eu.

Mary duvidou das últimas palavras de Stephen. Sem dúvida, os dois irmãos eram predadores no que se referia ao sexo oposto. Não se pareciam fisicamente, sendo um tão loiro e o outro tão moreno, mas ambos eram chamativos e nenhuma mulher seria imune a nenhum dos dois. A jovem não devolveu o sorriso ao irmão de seu captor e se limitou a olhá-lo com receio.

O olhar de Brand se voltou interrogativo e olhou alternativamente a Mary e Stephen.

— É minha convidada — esclareceu seu irmão mais velho secamente com a clara intenção de economizar-se de mais perguntas.

— Que afortunado é — murmurou Brand. Depois de dirigir a ambos um último olhar, afastou-se uns passos para contemplar o fogo.

— Não sou sua convidada — espetou Mary furiosa, incapaz de se conter e lhe afastando a mão. — Aos convidados se trata bem e são livres de entrar e sair. Nem sequer a seu próprio irmão fala com sinceridade?

— Você acusa de não falar com sinceridade? — Stephen dedicou um olhar frio.

— Sim. — Ruborizou-se, mas se negou a ceder.

Ele levantou uma mão. Mary não pensou que tivesse intenção de golpeá-la, entretanto, não pôde evitar estremecer. Mas o normando se limitou a deslizar um dedo pela suavidade de sua bochecha, atrasando-se na comissura de sua boca.

— É você quem está interpretando uma farsa.

— Não — murmurou a jovem apartando-se. — Já expliquei por que vou vestida assim. Deve me soltar de uma vez.



— Parece desesperada, milady. Confesse sua verdadeira identidade agora e falaremos de sua liberdade.

— Depois que tenha me violado!

Stephen a olhou fixamente.

— Tal e como a assegurei antes, não haverá nenhuma violação.

Ela sustentou seu olhar. Como era possível que estivesse a ponto de acreditar nele?

— Quando a levar para cama, desfrutará. — O normando dirigiu um sorriso lento e frio, e ela não pôde se mover nem responder. — Ontem teve sorte. Hoje... hoje me cansei deste jogo.

A jovem encontrou por fim a voz, que resultou muito rouca para seu gosto.

— Isto não é nenhum jogo.

O sorriso de Stephen era mais frio que antes, mas seus olhos brilhavam com mais força.

— Se deseja perder a virgindade, faça-me saber imediatamente. — Ela ficou atônita. — Nunca fui capaz de resistir a dar o golpe final, milady. Refiro-me em uma batalha — acrescentou com suavidade. — Chegou o momento da rendição.

— Não — sussurrou Mary ao mesmo tempo em que sentia como uma maré em ebulição percorria seu corpo gelado.

— Sim — murmurou ele sedutoramente.

— Mas... — A jovem estava enjoada, era difícil pensar com coerência. — Pensei que ia enviar espiões a Liddel para averiguar se estava dizendo a verdade ou não! Isso sem dúvida leva seu tempo!

— Está claro que se tiver algum valor me diria isso antes que arruíne sua virtude aos olhos de outro homem.

Seguiam com os olhares cravados um no outro. Nela o coração pulsava com força, estava resultando difícil respirar ou pensar. Só sabia que não podia, não devia dizer quem era.



— Está esgotando a minha paciência. Se for quem diz que é, será minha amante depois desta noite — afirmou Stephen com firmeza.

O silêncio interpôs entre eles como o golpe de uma espada. Mary estava pálida. Agarrou as mãos com força, tentando desesperadamente resolver o dilema no que ele a tinha colocado. Se insistia em que era Mairi Sinclair a faria sua amante, mas não podia revelar sua verdadeira identidade. Quando falou, sentiu os lábios secos e rígidos.

— Sou Mairi Sinclair.

Sua resposta foi imediata.

— Meu quarto é o primeiro subindo as escadas. Vá e me espere ali. — Ela apertou a mandíbula. Não se moveu, mas tampouco afastou a vista. — Vá e me espere ali — Voltou a ordenar Stephen em voz baixa.

Seus olhares seguiam entrelaçados, fixos. A jovem ocorreu pensar que, já que tinha que enfrentar a aquela fatalidade, era uma loucura entrar em guerra com aquele homem. Não podia ganhar. Deveria render-se, tal e como ele tinha assegurado que terminaria por fazer, e revelar quem era. Tórridas e apaixonadas imagens invadiram sua mente, imagens de um casal fazendo amor, imagens dela com Stephen de Warenne... Não podia trair a seu pai, o rei, a quem amava e respeitava mais que a ninguém no mundo.

Mary ergueu os ombros, elevou o queixo e se afastou dele. Durante um instante, o normando não se moveu e limitou a observar como subia pela escada de caracol. Logo, fez um gesto assinalando com o dedo, e um de seus soldados se materializou ao outro lado do vestíbulo para acompanhar a jovem a seus aposentos.

O silêncio reinou no salão enquanto os irmãos a observavam partir. De repente alguém soltou uma gargalhada. Seguiram várias risadas e retomaram as conversações. Um dos cavalheiros deu uma palmada no traseiro de uma criada quando esta preencheu a taça de vinho, arrancando um chiado e um salto que fez com que derramasse o líquido da jarra. Atiravam os jogo de dados, faziam apostas.

Brand girou para Stephen arqueando uma sobrancelha.

— O que é isto? Uma donzela reticente? — Sua curiosidade era evidente. — Por isso o fascina tanto? Meu irmão não se deixa levar pela luxúria normalmente.



Stephen se aproximou do estrado, subiu e sentou à mesa. O administrador se materializou a seu lado com um recipiente de vinho tinto de Borgonha, que serviu a seu senhor em uma taça.

— O que me intriga é o mistério que guarda.

Brand tomou assento a seu lado.

— Seriamente? — Parecia cético. — Acaso não te agrada seu rosto?

— Depois de tudo sou humano. Que diferença existe? Ela me revelará esta noite sua identidade e não terei que cumprir minha ameaça — explorou, exasperado.

— Se for uma dama — disse Brand — se renderá antes. Nenhuma dama de alta linhagem daria de presente sua virgindade em troca de nada.

— Sim. — Stephen esperou que chegasse uma donzela com bandejas de carne, pão e queijo, e as pusesse sobre a mesa. Depois, ordenou: — Leve carne e vinho para a convidada que espera em meus aposentos.

— E restará atenção apesar disso? — perguntou Brand duvidando.

— Terei que fazê-lo, não? — Sua expressão era escura e impenetrável. Ela se renderia, confessaria sua identidade e ele a devolveria ao lugar de que procedia, depois de cobrar o resgate que exigiria.

— Não faça nenhuma tolice — advertiu Brand, sério. — Recorda o que acaba de dizer.

— Obrigado por sua confiança, irmãozinho.

O aludido encolheu os ombros.

— O rei está desejando saber o que averiguaste.

— Pode-se conquistar Carlisle. Mas acabaríamos com a paz — disse Stephen em voz baixa.

— Ele não está interessado na paz. Está interessado em assegurar o norte para poder centrar em outro lado. — O normando grunhiu. Seu irmão não estava dizendo nada que não soubesse. — Deveria me dar um relatório completo — sugeriu Brand.

— Pela manhã — repôs Stephen suspirando. Seu irmão assentiu com a cabeça, agarrou sua taça de hidromel, bebeu e reclinou na cadeira.



— Trago notícias.

— De nosso pai? — Perguntou ao mesmo tempo em que servia uma parte grande de pão.

— Não, de Adele Beaufort. — Stephen manteve silêncio enquanto Brand passava o dedo por seu talher. — Manda suas mais carinhosas lembranças.

— E eu as minhas.

Seu irmão girou para olhá-lo diretamente sem nenhum pudor.

— Mas não do modo que entregará seu carinho a sua cativa esta noite se descobrir quem é verdadeiramente a pequena Mairi.

— Já é suficiente.

— Não conhece lady Beaufort. Mal falaste com ela. Eu, entretanto, tive muitas oportunidades de observá-la desde que chegou a corte. Não é uma mulher corrente. A dama com a qual vais casar dentro de três meses se sentiria muito desgraçada se soubesse que instalaste uma amante em seus aposentos.

— Não tema — respondeu seu irmão com secura. — Não tenho nenhuma intenção de pôr em perigo minhas relações com Adele Beaufort.

Dito aquilo, Stephen saiu para os muros. Só havia uns quantos vigilantes nas torres, e encontrou a solidão que procurava. Dirigiu ao muro que estava mais ao norte e olhou por cima das ameias. Era um ritual noturno que fazia em Alnwick: observar seus domínios.

Toda a terra que se via, até onde alcançava a vista, pertencia a seu pai, Rolfe de Warenne, e algum dia seria dele: A ancestral Sombra do Norte. Stephen experimentou uma forte onda de orgulho e um sentimento de posse. Seu pai tinha chegado a Inglaterra com seu senhor, William, duque da Normandia, e tinha lutado a seu lado em Hastings vinte e sete anos atrás. Era o filho menor sem terras de um conde normando em busca das riquezas de uma nova terra. Tinha sido o comandante militar de maior confiança de William o Conquistador nas campanhas prévias do Maine e Anjou, e sua reputação tinha crescido depois de Hastings. Em seguida o recompensaram com Aelfgar por sua lealdade e seus progressos militares. E com a permissão e o apoio do Conquistador, Rolfe tinha empurrado



suas fronteiras para o norte e o oeste até que rodearam todo o território que não era dele. Assim fez com todo seu poder.

Stephen era muito consciente de que algum dia todo o poder de Northumberland seria dele. Tinha nascido bastardo, já que seus pais não puderam se casar até que o conde ficou viúvo. Mas seu pai o tinha nomeado herdeiro. Era uma grande responsabilidade, uma carga pesada, carga que tinha assumido no mesmo dia em que o enviaram como protegido do rei à tenra idade de seis anos. Mas nunca questionou seu dever para com o pai e para Northumberland. Nem então, nem agora, nem durante os anos intermediários. Um homem tinha que fazer o que devia. Tinha aprendido aquela lição no mesmo dia que saiu a cavalo de sua casa escoltado pelos homens do rei para não retornar até uma década mais tarde. Casar com a herdeira de Essex, Adele Beaufort, não era mais que outra responsabilidade que devia assumir.

Levavam dois anos e meio prometidos e por fim iriam se casar naquele Natal, agora que ela tinha completado a idade para casar. Rolfe teria querido que a união tivesse tido lugar dois anos atrás, mas o tutor de Adele não quis nem ouvir falar disso. A jovem proporcionaria a Stephen uma imensa propriedade em Essex, e o que era mais importante, muitas moedas de prata. Sua família sempre estava necessitada de dinheiro. Ao contrário do que ocorria com outros grandes condados ingleses, Northumberland levava a pesada carga de manter as defesas militares mais ao norte da Inglaterra, extremamente caro.

Por outro lado, o matrimônio de Stephen com Adele Beaufort converteria Northumberland em um lugar perigosamente independente, feito que não agradaria o rei. Mas Rufus precisava se auto-financiar, já que estava decidido a fazer sua própria guerra contra seu irmão maior, Robert, com o objetivo de reunificar a Normandia e a Inglaterra. Ao rei não convinha contar além com o gasto adicional de subvencionar Northumberland em suas guerras contra a Escócia, assim permitiu aquela união entre as poderosas casas de Essex e Northumberland.

Stephen percebeu que seus pensamentos tinham gerado uma grande tensão em seu interior. Seu dever era manter seguro o norte, e durante dois largos anos tinha caminhado pela corda frouxa para conservar uma frágil paz, respondendo a cada incitação



que ocorria na fronteira uma por uma, consciente entretanto de que não devia contrair com toda sua força para não fazer voar em pedaços a trégua. Não tinha sido tarefa fácil.

Estava cansado.

Tinha vontade de se casar, porque o dote de Adele aliviaria a carga gerada pelas constantes guerras que sempre conduzia à costas.

De repente, recordou as palavras de advertência de Brand e soltou uma maldição. Ele era um homem prudente, nem um pouco impulsivo nem precipitado, mas sua decisão de tomar aquela mulher que se fazia chamar Mairi como prisioneira não tinha sido nada de prudente. Sua beleza e seu engano o intrigavam, e a tinha seqüestrado. Esperava descobrir que não tinha um grande valor e assim poder levá-la à cama, embora duvidava muito. Nenhum homem em sua posição poria em perigo seu matrimônio com uma herdeira por outra mulher, por mais desejável que fosse. Uma breve aventura, se tinha a sorte de consegui-la, não poria em perigo sua aliança com os Beaufort. Mas a jovem não podia ficar em seus aposentos. Tinha atuado de novo com precipitação ao enviá-la ali, já que se tratava de uma perigosa falta de etiqueta. Sua prometida ficaria furiosa se inteirava de que tinha uma mulher em seu dormitório. Assim que tivesse dirigido sua seguinte confrontação a tiraria dali.

Tinha que resolver o mistério que ela supunha. Quando visse enfrentada com uma ruína iminente, não tinha nenhuma dúvida de que confessaria seu engano, revelaria que era uma dama de alto berço e ele a mandaria de retorno por onde tinha vindo, intacta, como tinha jurado que faria. Custava trabalho imaginar que ia deixá-la partir sem deitar com ela, mas o faria se tivesse que fazê-lo.

Só ficavam três meses para se casar com a herdeira de Essex. Mas aquele pensamento já não proporcionava prazer.



Stephen se enfureceu ao descobrir que Mairi o tinha desobedecido uma vez mais. Não estava esperando-o em seus aposentos como ele havia dito que fizesse. Pensativo, despiu-se da cintura para acima. Os poderosos músculos de suas costas esticaram e definiram todos os tendões dos braços, marcando seus bíceps. Tinha o estômago plano e duro como uma rocha, seu corpo era o de um cavalheiro, esculpido por anos de prática com a espada, a lança e anos de combate.

Encontrava-se mais que irritado. Estava perplexo pela confusão que havia sentido de repente no que se referia a seu matrimônio com Adele Beaufort. Como era possível que sua prisioneira, fosse formosa ou não, despertasse aquelas emoções tão estranhas nele?

Sua ira cresceu por momentos. Já ardia o sangue e a jovem ainda não tinha entrado em seus aposentos. Pela primeira vez, Stephen pensou se poderia ter o suficiente controle para negar a si mesmo aquele corpo desejável, algo que teria que fazer assim que ela confessasse. Mas recordou a si mesmo que não tinha escolha.

De repente, sua irmã entrou em seus aposentos. Ele agradeceu aquela brusca interrupção a seus inquietantes pensamentos, embora não gostou que o surpreendesse meio nu.

— Deveria bater à porta Isobel — advertiu, girando para lhe dar as costas e colocar uma camisa.

Era uma adolescente precoce e muito ardilosa. Stephen temia que algum dia o encontrasse em algum passatempo inadequado aos olhos de qualquer dama, e mais aos de uma tão jovem. Ela mostrou a língua para ele.

— Por quê?

Seu irmão reprimiu um sorriso. Ainda não tinha visto Isobel desde sua volta. Sem dúvida, tinha estado fazendo alguma travessura pelo castelo.

— Porque é de boa educação. — Stephen tratou de fazer uma careta. — Que tipo de recebimento é este?



Isobel se lançou a seus braços e ele a abraçou um instante, incapaz de conter uma de onda de orgulho. Todo mundo queria a sua irmã e, certamente, ele também. Era inteligente, muito formosa e ainda não tinha compromisso. Stephen sabia que Rolfe estava esperando o momento oportuno, mas logo encontraria um marido e conseguiria outra poderosa aliança para os Warrene. Acreditava, embora não estivesse seguro, que seu pai pretendia casá-la com o irmão mais novo do rei, Henry Beauclerc. O príncipe tinha poucas terras mas muito dinheiro, porque seu pai, o Conquistador, tinha entregado a Normandia a seu filho mais velho, Robert, e a Inglaterra a William Rufus. Ao filho mais novo tinha deixado só uma grande fortuna. Stephen o conhecia bem pelos largos anos que tinha passado na corte do Conquistador e não estava muito seguro de aprovar aquela possível união.

— Onde estiveste esta tarde? — Perguntou olhando-a com afeto.

— Oh, por aí — respondeu ela misteriosamente. Mas imediatamente esboçou um sorriso angélico. — Por que deveria bater? Está sozinho. Escutei através da porta para me assegurar.

Ele abriu os olhos de par em par e Isobel deu um passo atrás, rindo.

— Já não sou uma menina, Steph — assegurou com arrogância. Ela era a única que atrevia a utilizar aquele diminutivo para se dirigir a ele. — Sei o que faz de noite com as criadas.

Stephen não podia acreditá-lo. Não sabia se ria ou repreendia.

— O que é exatamente acredita que faço com as criadas?

— Nosso pai diz que se nascer mais um bastardo em Alnwick o pegará com a vara como se tivesse doze anos! — Afirmou com alegria.

— Ah, sim? — Teve que conter uma gargalhada. — Ainda não respondeste a minha pergunta, Isobel.

— Acredita que sou idiota? Você faz bebês, Steph, e às criadas gostam, sei por que as escutei falar de você.

Desta vez ficou muito quieto.

— Ouviste-as falar — repetiu. — E me diga, bisbilhoteira, o que diziam?



— Bom... — Isobel pôs seus olhos azul escuro em branco — dizem que está muito bem dotado... que é forte...

— Já basta! — Escandalizado, se lançou sobre ela, mas sua irmã se esquivou rindo. — Confio em que não tenha nem idéia do que está falando — grunhiu. — Penso em dizer a nossa mãe que anda bisbilhotando... E nada menos que com as servas!

Isobel parecia ferida. Ferida de verdade.

— Nossa mãe me enviará com o padre Bertold! — Assegurou com voz tremente. Seus olhos grandes e luminosos cravaram nos de Stephen, doces e inocentes como os de um cervo. — Te prometo que já não escutarei mais, de verdade. Não o conte a nossa mãe.

Ele suspirou, desesperado. Isobel era muito adorável, sempre o tinha sido, e algum dia dominaria a seu marido sem que se inteirasse.

— Não o direi desta vez — a tranqüilizou. — Mas Isobel, não me ponha a prova.

Ela mordeu o lábio. Agora estava séria. Ambos sabiam que a partir daquele momento já não poderia seguir manipulando-o.

— Por que Mairi é uma prisioneira?

— Ah! Assim conheceste à misteriosa Mairi. Eu prefiro considerá-la minha convidada.

— Ela diz que está prisioneira e que deve libertá-la.

— Pediu que me diga isso?

— Só sei o que ela me disse. — Sua irmã estava expectante.

Stephen voltou a se zangar com sua convidada. Acaso pensava manipulá-lo através de sua irmã? Tão ardilosa era?

— Onde está?

— Na sala das mulheres. Por que tem tanto medo de você?

— Sua curiosidade pelos assuntos dos outros será sua perdição algum dia, Isobel. Se for preparada, recordará minhas palavras e lutará contra esse defeito.

A jovem estava decepcionada, mas seguiu com suas perguntas.

— Isso significa que não vai me dizer o que fez a ela?



— Não fiz nada com ela — disse. E logo acrescentou: — Ainda. — Isobel piscou. —
Vá procurá-la, traze-a aqui e logo se reúna com Brand.

Não queria que sua irmã andasse bisbilhotando no outro lado da porta de seus aposentos. Ela assentiu com a cabeça, com os olhos ainda totalmente abertos, e partiu. Stephen tirou a camisa. Tinha chegado o momento de que Mairi Sinclair revelasse a verdade sobre si mesma.



Capítulo 4

A grossa porta de madeira do castelo de Liddel abriu para dar passo a um grupo de homens. Estavam empapados pela chuva e cobertos de barro, porque no exterior se desencadeou uma tormenta feroz. O céu estava negro e o vento uivava. Ressonavam os trovões e os raios iluminavam o céu. A rainha Margarida estava sentada ao lado do fogo no salão cheio de fumaça, imóvel e desesperada. Aos pés tinha seu bordado sem terminar. Ao escutar um som na entrada, levantou-se de repente.

— Há notícias?

Malcolm entrou à frente de outros homens e tirou seu manto empapado. O criado foi incapaz de agarrá-lo antes que caísse sobre os juncos enlameados do chão.

— Não a encontramos, Margarida — reconheceu aproximando com grande rapidez de sua esposa. Ela emitiu um som aterrorizado e o agarrou pelas mãos.

Quatro homens, todos empapados e esgotados, entraram no salão atrás dele. Os três filhos mais velhos de Malcolm e Margarida, exceto Ethelred, o sacerdote, estavam tirando os abrigos e pegando as taças de vinho quente que os criados serviam apressadamente. O quarto homem ficou quieto e observou fixamente o crepitar das chamas no lar enquanto formava um atoleiro a seus pés. Não fez nenhuma ameaça de tirar a capa empapada.

— Encontrastes algo! — gritou Margarida agarrando a mão de Malcolm. — O que está ocultando?

— São só especulações. Nada mais — respondeu seu marido com gravidade.

Sua sombria expressão indicou à rainha que estava furioso e que mal podia conter a ira.

— Do que se trata? O que encontrastes? Mary não pode ter desaparecido sem mais!



Edmund girou. Era alto e magro, com as feições muito marcadas, igual a seu pai.

— Mostre-o — pediu a seu pai. — Assim poderemos nos assegurar.

Edward, o irmão mais velho, agarrou-o pelo braço para obrigá-lo a dar a volta de novo.

— Deixe a mãe em paz — advertiu. — Não tem sentido preocupá-la ainda mais.

— Com essa atitude não chegará a nenhuma parte. — Edmund franziu o cenho.

Era um ano mais novo que Edward, e de todos eles era o que mais parecia com Malcolm. — Quer encontrar Mary ou não?

— É obvio que sim!

— Já basta! — Gritou Margarida, perdendo por completo sua habitual calma. — Como se atrevem a brigar agora? Malcolm! Diga-me. Acredita que...? — Perguntou aterrorizada.

Seu marido agarrou as mãos dela.

— Ontem viram uma patrulha de normandos a menos de uma milha de Liddel.

— Crê que...? — Perguntou aterrorizada.

— Mostre-o, pai — insistiu Edmund. — Pergunte se é de Mary.

Edward deu um murro em Edmund no ombro, mas este era mais forte e o golpe só o fez cambalear ligeiramente. Edgar acudiu imediatamente em ajuda de Edward, disposto a saltar sobre Edmund, até que um grito de seu pai deteve a briga.

Então, Malcolm tirou do cinturão uma parte de tecido branco e molhado. Edward emitiu um som de protesto. Edgar, que tinha um ano mais que Mary, estava pálido. Mas o rei ignorou a seus filhos e desenrolou com cuidado o tecido olhando a sua esposa.

— Poderia ser isto uma parte da regata de Mary?

Margarida abriu os olhos de par em par e conteve a respiração.

— Onde o encontrastes?

— No lugar em que os normandos instalaram o acampamento — respondeu seu marido com gravidade.

A rainha cambaleou, mas Edward e seu marido a agarraram ao mesmo tempo e conseguiram estabilizá-la.



— Não tema, mãe — tentou tranquilizá-la seu filho mais velho. Mas tinha a mandíbula apertada. — A encontraremos e a traremos para casa.

— Só temos que encontrar ao filho de uma cadela que a levou — assegurou Edgar com voz sombria lançando um olhar rápido ao homem calado que seguia contemplando as chamas. Devido à pouca diferença de idade que havia entre eles, Edgar era o irmão mais próximo a Mary. De meninos eram inseparáveis. E inclusive agora, quando Edgar não estava lutando, era normal encontrá-lo com sua irmã.

— Se tiverem feito mal a ela...

— Matarei-os a todos, até acabar com o último normando traiçoeiro! — Gemeu Malcolm. — Acabarei com todos!

— Vamos já, pai — urgiu Edgar. Seus olhos verdes brilhavam com determinação. — Se cavalgarmos toda a noite podemos estar em Alnwick ao amanhecer.

— Alnwick? — perguntou Margarida. — Isso não está em Northumberland?

— Esta manhã viram suas tropas na zona — respondeu Malcolm de maus modos. — foi o cachorrinho bastardo. Quem além dele se atreveu a raptar a nossa filha?

Nos últimos tempos, Stephen de Warenne se converteu no pior pesadelo do rei escocês.

Margarida estava pálida como uma morta.

— Minha pobre Mary. Meu Deus, proteja-a — gemeu, rezando não pela primeira nem pela última vez. — Por favor, que retorne a nós ilesa.

— Isto é minha culpa! — Explodiu de repente o homem que estava diante da lareira, girando para olhá-los. Seu cabelo avermelhado ardia à luz do fogo. — Se não me tivessem detido teria estado com ela e não teria permitido que caísse nas mãos de Warenne.

A agonia que estava passando aquele jovem se via refletida nas linhas de cansaço de seu rosto. Margarida aproximou rapidamente dele com a intenção de consolá-lo apesar de sua própria dor.

— Não é tua culpa, Doug. Mary sabe que não deve vagar sozinha fora destes muros. — Os olhos dela encheram de lágrimas. — Dissemos a ela em numerosas ocasiões



que deve se comportar como corresponde a uma princesa e não a uma órfã. Se alguém tiver culpa sou eu, por não ter conseguido domar seu espírito.

— Não é tua culpa, Margarida — assegurou Malcolm com um tom mais suave. — A única culpada é Mary, e quando lhe puser as mãos em cima não poderá sentar em uma semana. — Voltava a estar zangado. — Como pode ter sido tão estúpida! — Girou para olhar Doug Mackinnon. — E você é igual de culpado, por tentá-la como fez para que fosse a seu encontro. Já me encarregarei de ti quando tiver acabado com ela.

Doug se manteve em silêncio, mas apertou os lábios em gesto tenso.

— Malcolm, temos que saber com segurança onde está — soluçou Margarida.

— Não tema, mãe — a consolou Edward tomando a mão dela. — Estamos seguros de que foi o herdeiro bastardo de Northumberland. Encontramos duas peças mais de linho antes que escurecesse muito para seguir a pista, e estava claro que se dirigiam para o nordeste. Quem além de Mary seria tão ardilosa para deixar esses pequenos sinais? Pelo menos, seu ânimo permanece inteiro.

Margarida se deixou cair na cadeira. O coração pulsava com tanta força que se sentia desvanecer.

— Tenho que mandar procurar Maude — murmurou referindo-se a sua filha mais nova, que era noviça na abadia de Dunfermline. — Necessito de Maude, Malcolm!

Mas a dolorosa verdade era que necessitava de Mary. Como precisava saber que sua querida e obstinada Mary se encontrava bem!

Seu marido a pegou pelas mãos.

— Enviarei esta noite a um de meus homens, estará aqui a seu lado pela manhã.

Margarida o olhou com gratidão. Era um homem duro, difícil inclusive, mas ela sabia que não era singelo ser o rei dos escoceses. Nunca o tinha culpado por seus enganos. E ainda não a tinha enganado nenhuma só vez durante seu comprido matrimônio. Sabia que Maude estaria com ela pela manhã, e se alguém podia resgatar Mary, esse era seu marido.

— Estamos perdendo tempo! — Exclamou Edgar. — Sabemos que foi Warene, assim vamos sitiá-lo imediatamente!



— Não seja estúpido — replicou Edmund. — Não podemos ver na escuridão. E não terá que precipitar um assédio... se é que é necessário. — Seu tom era cético.

— Você deixaria que Mary apodrecesse ali, verdade? — gritou Edgar.

— Não disse isso — respondeu o aludido com frieza.

— Ninguém vai deixar que Mary apodreça — assegurou Edward dirigindo a Edmund um olhar frio como o gelo.

— Já basta! Não posso suportar estas rixas! Agora não! — Todo mundo girou para olhar a Margarida. — E tampouco haverá nenhuma guerra! — Exclamou ficando em pé.

Raramente dava ordens, e nunca interferia em assuntos políticos, mas agora tremia com a força de sua determinação.

— Malcolm, pagará qualquer resgate que exija esse Rolfe de Warenne. Deve fazê-lo!

— Não tem com que se preocupar — tranqüilizou seu marido. — Minha querida, por que não vai para cima descansar?

Embora Margarida sabia que aquela noite não conseguiria dormir, estando Mary desaparecida, assentiu com a cabeça e obedeceu. O silêncio encheu a sala até que ela saiu do salão.

— O que tem pensado fazer? — perguntou Edward com desconforto.

Malcolm esboçou um sorriso feroz.

— Farei o que terei que fazer, meu filho. Escutem com atenção. Pode-se tirar um benefício disto, e minha intenção é consegui-lo.

As primeiras gotas de chuva começaram a cair com ritmo constante sobre as almeias de Alnwick no momento em que Mary parou diante a porta aberta dos aposentos do normando. Não tinha considerado a possibilidade de não atender sua chamada, embora estivesse virtualmente paralisada pelo medo ao pensar no que poderia ocorrer. Ele levava



postos unicamente seus calções de linho, e vê-lo com tão pouca roupa fez que seu pálido rosto ardesse com um súbito calor.

Ele a olhou sem expressão. O som da chuva, que agora golpeava com decisão sobre o telhado, enchia o silêncio do quarto.

A jovem, que estava imóvel na soleira do quarto, jogou uma rápida olhada a seu redor enquanto o coração pulsava em um ritmo frenético. Tinha considerado a possibilidade de revelar sua identidade. Apesar do pânico crescente que sentia e de ter tido menos de uma hora para elucidar seu dilema, tinha repassado cuidadosamente as alternativas.

Até o momento em que tinha ido aos aposentos de seu inimigo, tinha albergado uma pequena esperança de sair ilesa do encontro. Não aceitaria sua própria ruína, ao menos não de forma total. Estava decidida a não dar o braço a torcer na luta que estava chegando, uma luta em que estavam em jogo sua virtude e seu orgulho. Lutaria contra ele. Se mantinha firme sua determinação, negando-se a que a seduzisse como tinha estado a ponto de ocorrer com antecedência, e se o normando havia dito a verdade a respeito de sua aversão à violência, então não a violaria.

Mas qualquer esperança que pôde ter tido morreu subitamente. Ao tê-lo diante de si, cravando aquele olhar brilhante, Mary não acreditou capaz de renunciar a possuí-la e soube qual seria seu destino. Porque preferia aceitar sua própria ruína, antes de revelar sua identidade e oferecer a seu captor uma vantagem sobre seu pai.

No exterior uivava o vento e, pela primeira vez aquela noite, um trovão ressonou diretamente sobre suas cabeças. Mary estremeceu.

— As tormentas sempre a coloca assim nervosa? — Perguntou Stephen.

Ela o olhou e apertou a mandíbula. Uma luz cruzou o céu e, durante um instante, a completa escuridão exterior tornou branca.

Sabia que estava observando-a. A jovem fez um esforço por manter o olhar na janela, contemplando a chuva enquanto caía em pesadas correntes de prata. Não era uma tarefa fácil. A presença daquele homem era avassaladora. Deslizou a vista para a cama com



dossel e viu que estava no meio do quarto. As cortinas da cama estavam abertas e as peles e as mantas dobradas a um lado.

O quarto parecia muito quente. Estava custando muito trabalho respirar com normalidade. Apesar da inclemência do tempo, desejou que o fogo extinguisse até se converter em meras brasas. Desejou que o homem deixasse de olhá-la fixamente e poder fazer algo, qualquer coisa, para acabar com aquela tortura, com aquele suplício.

Ele, finalmente, aproximou-se dela com lentidão, sem dar nenhuma amostra da impaciência que seu corpo devia estar sentindo. O chão de pedra estava coberto de grossos tapetes e seus pés nus não fizeram nenhum som. Guiou-a para o interior do aposento sem a jovem opor resistência e fechou a porta atrás deles.

Mary levantou a vista e o olhou com os olhos muito abertos, tremendo e sentindo como se tivesse fechado a porta a seu destino. E talvez assim tivesse sido. O comportamento de Stephen indicava que não havia volta atrás. Decidida a permanecer calada o mesmo tempo que ele, manteve o olhar demonstrando a ele sua valentia.

Stephen sorriu e Mary cambaleou para trás. Ele a sujeitou sem dificuldade. Mas em lugar de estabilizá-la, apoiou-a contra si.

— Não tem que ter medo — assegurou.

— Não tenho medo de você... Normando! — Espetou.

Mas já estava entre seus braços. A calidez de seu peito indicou que ele também estava sentindo calor e, ao sentir como seu rígido membro apertava contra seu abdômen, Mary tentou inutilmente afastar-se dele.

— Acaso acredita que me chamar normando é um insulto? — Parecia divertido.

— Bastardo — sussurrou ela cessando um instante a resistência. Estava ofegando. Ele era muito forte. Tal e como tinha imaginado, estava perdida.

— Isso é certo — murmurou Stephen. — Temo que não posso mudar as circunstâncias de meu prematuro nascimento. De verdade pretende me insultar com essas palavras?

— Não, mas vai me fazer mal, verdade? Não posso esperar outra coisa de alguém como você.



Ele deslizou uma de suas poderosas mãos pelas costas feminina, o que provocou que Mary estremecesse.

— Ahh, tem medo. Sei que é muito pedir que confie em mim. Mas não te farei mal, ao menos não depois da primeira vez. O corpo da mulher está preparado para receber a um homem, inclusive a um como eu.

Os seios de Mary elevaram e voltaram a baixar com força. Sua declaração evocava a lembrança de suas apaixonadas carícias no dia anterior... e uma emoção que estava decidida a negar. Lutaria contra ele, porque, mártir ou não, aquele era claramente seu dever. Sua vontade devia ser mais forte que seu corpo. Devia sê-lo.

— Me... defenderei-me — advertiu entre dentes.

— Não acredito. — Seu divertido sorriso voltou a brilhar. — Claro que, podemos terminar com nosso dilema facilmente. Não tem mais que pronunciar duas palavras: o nome e sobrenome de seu pai.

— Não!

Mary se agitou contra ele e Stephen obrigou-a a ficar quieta imediatamente, agarrando o firme montículo de suas nádegas. Ela ficou paralisada.

— Quer que ponhamos a prova sua determinação? — Murmurou no ouvido dela.

A jovem mal era capaz de falar, devido à estratégica colocação de seus dedos.

— Acabemos... com... isto.

O normando permaneceu imóvel durante um instante.

— Um convite que não posso rechaçar. Isso significa que tem intenção de guardar seu segredo, que vais entregar sua virgindade em lugar de sua identidade?

Mary o olhou fixamente. Tinha detectado uma mudança sutil em seu tom de voz, que já não parecia tão despreocupado, a tensão aparecia sob a superfície de suas palavras. Os olhos brilhavam mais, as aletas do nariz se moviam, agora a sujeitava com mais força, e a evidência de seu desejo seguia apoiando com força contra ela. Stephen tratava de ocultá-lo, mas naquele momento não cabia lugar a dúvida em relação à intensidade de sua excitação. A jovem assentiu uma vez com a cabeça. Era incapaz de falar.

Ele sorriu lentamente.



— Chegamos a este ponto, devo adverti-la que meu interesse pela verdade diminuiu. Se for falar, faz-o agora, antes que seja muito tarde.

Aturdida, a jovem pensou que provavelmente já era muito tarde, e percebeu que, sem querer, suas mãos repousavam sobre os quadris de Stephen. Encontrou-os firmes e percebeu sua calidez inclusive através do magro linho de seus calções. Então, entendeu o significado de suas palavras.

— Não tenho nada que dizer — assegurou com voz fria ao mesmo tempo em que apartava as mãos com dificuldade.

— Seriamente? — Perguntou com a voz um tanto entrecortada, antes de elevar a jovem com suas mãos.

Mary ficou imóvel, sabendo que devia fazer algum esforço para resistir. Mas seus olhares cruzaram e sua vontade morreu ali mesmo. Para seu assombro, percebeu que seu corpo desejava aquele poderoso homem e que estava se agarrando a ele em lugar apartá-lo de si.

Estavam a um passo da cama. Sem sorrir, Stephen a deslizou até o centro do colchão e Mary se encontrou deitada sobre as costas. Seu olhar, como o resto dela, estava cativado pela intensidade do dele.

— Esta é sua última oportunidade — disse com voz rouca enquanto apertava os punhos. — Mas não te ocorra mentir.

A jovem custou trabalho recordar tudo o que estava em jogo.

— Sou... sou Mairi Sinclair — sussurrou.

Stephen curvou os lábios e inclinou sobre ela ao mesmo tempo em que deslizava o olhar por seu rosto ruborizado, seus seios e suas esbeltas pernas.

— O tempo das palavras já passou.

Ela agarrou a colcha da cama. Tinha esquecido o mormaço do quarto e deixado de escutar o crepitar do fogo, um som que se misturava com o da chuva, sumindo para um nada. Os relâmpagos iluminavam o céu da noite que o normando tinha atrás, mas Mary tampouco foi consciente disso. Todos seus sentidos estavam concentrados na imponente presença masculina que se abatia sobre ela, e no doloroso pulso de seu próprio corpo.



Stephen deslizou na cama a seu lado e a ajudou a sentar com um movimento firme mas suave. Não se apressou. Dissimulava muito bem qualquer urgência que pudesse sentir. A jovem emitiu um som profundo da garganta, que se pareceu suspeitosamente a um gemido. Entrelaçaram as olhadas. Sem deixar de olhar seus olhos, ele deslizou com lentidão os véus que Isobel tinha emprestado, deixando livre seu comprido cabelo dourado. As mãos do normando tremeram enquanto seus dedos acariciavam sua juba até chegar aos cachos que tinha à altura dos quadris.

Mary, completamente imobilizada, perguntou si mesma se ia beijá-la. Então, Stephen sorriu, rasgou a túnica e a deixou indefesa diante seu olhar.

A jovem gritou.

— A tomarei nua — disse enquanto ela tentava saltar da cama.

A jovem voltou a gritar, furiosa. Stephen a agarrou e esta vez a atirou sobre o colchão, apartando a um lado os restos de sua roupa. Antes que Mary pudesse escapar o tinha em cima, pressionando-a. Só um fino farrapo de linho separava a rigidez do desejo masculino da suavidade que se escondia entre as pernas femininas.

— Maldita seja! Quem é? Dirá-me a verdade, e me dirá isso agora mesmo!

— Assim depois de tudo não vou ter escolha! — Exclamou, raivosa.

Ele riu. Quando Mary elevou os punhos, agarrou-a pelos pulsos e os colocou por cima da cabeça, sujeitando-a assim à cama. Stephen abriu as pernas dela com um joelho, colocou-se entre elas e começou a incitá-la com o roçar de seu corpo. Seguiu fazendo-o até que sua raiva foi desvanecendo, mas o pulso da jovem não diminuiu. Ao contrário, acelerou-se desafiadoramente, provocando que Mary, indefesa, gemesse.

A firme boca de Stephen aproximou ainda mais à sua, fazendo que sua respiração lhe roçasse o rosto. Seus olhos brilhavam agora perigosamente.

— Sua história tem certa solidez — ele disse em voz baixa. — Mas isso só demonstra que é uma mentirosa experimentada. Isso devo reconhecer. Toda minha vida estive rodeado de mentirosos e traidores, e adquiri muita prática desmascarando-os. Não acredito que seja a filha bastarda concebida em um curral do senhor Sinclair. Meu instinto me diz que é muito mais do que assegura. Diga-me de uma vez qual é seu nome.



Mary o olhou nos olhos. Estava pressionando-a além de sua resistência.

— Nunca.

Ele se assombrou. Aquela era a primeira vez que a jovem admitia que estava mentindo, que não era Mairi Sinclair, que havia uma verdade oculta. Não cabia dúvida de que acabava de jogar a luva.

O normando sorriu sem alegria e se desfez de seus calções. Ao perceber o que aquilo significava, Mary gemeu.

— Ainda temos que terminar com nosso assunto. — Sua expressão era dura, o suor perolava as maçãs do rosto. — Escolhe. Ou me diz sua identidade... ou me entrega sua virgindade.

A jovem estava paralisada, não podia falar. Estava resultando extremamente difícil entender suas palavras ao senti-lo nu entre suas coxas. Fez um esforço por recuperar o fôlego e seus quadris se moveram involuntariamente, convidativos.

Stephen cobriu um seio com a mão.

— Quem é? — Sussurrou com voz rouca enquanto a atravessava com o olhar.

Ela fez um esforço para recuperar a prudência.

— Nunca saberá! — Exclamou em um sussurro tão rouco como o dele.

O breve sorriso que o normando dirigiu não mostrava nenhuma alegria. Sem dúvida, aquilo era um sinal de perigo. A jovem estava rígida e paralisada. Ainda sorrindo, ele inclinou muito devagar a cabeça e sua língua roçou o duro mamilo. Ela mordeu o lábio para não gritar. O normando tinha soltado uma mão e a jovem a converteu em um punho para evitar agarrá-lo. Um instante mais tarde, Stephen introduziu todo seu seio na boca. Mary finalmente se escutou gritar.

Ele levantou a cabeça. Tinha o rosto quase grudado ao dela.

— Diga-me quem é, diga-me isso agora. Não tem por que pagar com sua virgindade. E, me acredite, está perigosamente perto de perdê-la.

Mary não podia responder. Estava sentindo um profundo prazer... e uma intensa necessidade. Tinha levantado o punho para apoiá-lo lentamente sobre seu ombro duro e nu, e, sem perceber, abriu os dedos e os deslizou sobre sua pele. Ele estremeceu.



— Quem é? — Murmurou com voz rouca e apenas audível. O brilho de seus olhos era selvagem. — Diga quem é.

Mary não podia recordar quem era e emitia pequenos gemidos de prazer. Olhava-o fixamente nos olhos, desejando que sua boca posasse na dela. Stephen esboçou um sorriso torcido e, sem deixar de observá-la, tocou-lhe um seio com suavidade. Logo deslizou os dedos por seu ventre e seguiu baixando. A jovem gritou ao sentir que ele apartava com delicadeza as úmidas dobras de sua inocência e que começava a torturá-la acariciando com o polegar o centro de seu prazer. Afligida, jogou a cabeça para trás e esqueceu qualquer pensamento coerente, enquanto começava a gemer sem saber o que estava fazendo.

— Diga-me isso antes que seja muito tarde! — Exigiu ele. — Quem é?

Ela faria algo que ele pedisse com tanto que a seguisse tocando.

— Mairi — sussurrou.

— Deus — gritou ele com voz quebrada.

Mary também gritou ao sentir que Stephen tinha substituído seus dedos por algo muito mais duro, que a atormentava sem piedade. Em algum momento tinha soltado a outra mão e ela se aferrou a ele furiosamente.

— Mairi — gemeu ele.

— Sim, por favor, Stephen!

Seus olhares cruzaram. O dele era duro, carregado de agonia e frustração. Erguia-se sobre ela com o rosto quase colado ao dela e os olhos ardendo com a chama de um desejo incontável, movendo a ponta de seu poderoso membro sobre sua suave carne uma e outra vez, como se também ele estivesse indefeso ante a força de sua paixão. Mary arqueou as costas sem controle, soluçando e sussurrando seu nome.

— Que Deus me ajude — exclamou ele antes de descer sobre a boca dela. — Já não me importa!

O grito feminino de euforia ficou talhado pelo beijo. Mary se abriu a ele sem reticências, deixou que saqueasse sua boca, que a explorasse, que não deixasse um milímetro de pele por conhecer, urgindo-o a que a possuísse por completo. Stephen emitiu



um som profundo e grave, e se colocou em posição para fazê-la sua enquanto a jovem rodeava seus quadris com as pernas e se arqueava contra ele.

— Por favor — gemeu.

— Mairi — sussurrou Stephen estreitando-a entre seus braços e afundando-se em seu interior de um só movimento.

A dor durou menos de um segundo, porque estava tão úmida e excitada que chegou quase imediatamente a um intenso e profundo êxtase. Seus gritos de prazer, tão antigos como a noite, alagaram o quarto de pedra, ao mesmo tempo em que selvagens estremecimentos apoderavam de seu corpo, deixando-a virtualmente sem sentido.

Foi ressurgindo pouco a pouco. Não tinha forças e sentia as pernas pesadas, parecia como se a tivessem drogado.

Fora havia tormenta. O vento uivava, a chuva caía e a cada pouco tempo os relâmpagos iluminavam a noite e o quarto em que estavam.

Foi quando então Mary foi de novo consciente de Stephen. Seus corpos continuavam unidos, e ele ainda estava parcialmente ereto. Sua mente confusa recuperou de repente a lucidez suficiente para se sentir dolorida e ressentir da invasão do enorme corpo masculino dentro do dela, muito menor. E o que era pior, muito pior, tinha a lucidez suficiente para sentir horrorizada.

O que tinha feito?

O normando incorporou um tanto para apoiar sobre um cotovelo e seus olhares cruzaram. Ao ver o horror refletido nos olhos femininos, apertou a mandíbula. Mas antes que Mary pudesse afastá-lo de si, sentiu como seu enorme membro voltava a cobrar vida dentro dela, crescendo, inchando.

— Logo — disse Stephen com voz quebrada. — Logo poderá se dedicar a lamentar.

A jovem ficou tensa e abriu a boca para protestar, mas quando os firmes lábios masculinos cobriram os seus e ele começou a mover os quadris, Mary soube que estava perdida.



Capítulo 5

O sol começava a aparecer quando Stephen tomou a primeira comida do dia. Estava sozinho. Todo o pessoal do castelo se encontrava na missa que o padre Bertold estava celebrando na capela familiar, uma obrigação que ele saltou aquele dia. A mulher que assegurava se chamar Mairi seguia dormindo em sua cama.

De repente afastou bruscamente a fatia de pão branco com a qual estava brincando. Em nome de Deus, o que tinha feito?

Ela não tinha revelado sua identidade. Stephen nunca imaginou que escolheria a perda de sua inocência antes de confessar. Não tinha nenhuma pequena dúvida de que se tratava de uma dama de bom berço. Poderia tê-la pressionado um pouco mais, levá-la até o abismo sem tomá-la realmente, forçar seus lábios inocentes para que dissessem a verdade. Mas não o tinha feito. A tinha tomado e deixou de importar o assunto que estava em jogo.

Apertando a mandíbula, perguntou-se por que ele, um homem de grande experiência e disciplina, tinha atuado como um moço imberbe diante de sua primeira cortesã.

Fechou os olhos durante um instante e foi consciente pela primeira vez aquela manhã de que pulsavam as têmporas. A noite anterior falhou a si mesmo e tinha medo de voltar a fazê-lo, porque a mulher que se dizia chamar Mairi seguia em seus aposentos, em sua cama. E ele já estava pensando na chegada da noite. Já imaginava seu encontro. Não podia pensar em nada mais.

Mas devia enviá-la para longe. Agora, antes que pusesse realmente em perigo seu matrimônio com Adele Beaufort. Tinha que fazê-lo. Seu dever, como sempre, era Northumberland, e uma amante que ameaçasse seu proveitoso matrimônio era também uma ameaça para Northumberland.



Incômodo, cravou a vista na fatia de pão que tinha diante, em cima da mesa. A imagem de Mairi apareceu diante ele tal como estava na noite anterior em sua cama, com uma paixão igual à sua, uma paixão que Stephen não tinha visto nunca antes, nem em nenhuma outra mulher nem nele mesmo. Ela tinha tirado de seu interior algo que Stephen não se permitiu nunca conhecer com antecedência. O que estava ocorrendo com ele?

Não podia se arrepender do que tinha feito, e sabia que não a enviaria para longe. Ainda não. Mas, que preço teria que pagar por semelhante loucura?

Com determinação, apurou de um gole de sua jarra de cerveja e se disse a si mesmo que em questão de uma noite ou duas se cansaria dela, e a esqueceria antes que causasse algum dano. Não tinha escolha. O som de uns passos decididos o devolveu bruscamente ao presente e Stephen alegrou de ter uma distração para sua obsessão. Surpreso, enrugou ligeiramente a testa quando viu seu irmão mais novo. Geoffrey não estava acostumado a ter tempo nem vontades de ir a seu lar em Northumberland.

— O que o traz tão ao norte, irmão?

O aludido o olhou com um leve sorriso dançando nos lábios.

— Que recebimento é esse depois de tanto tempo? — Perguntou com ironia, cruzando o salão com seu comprido hábito flutuando a seu redor. Não havia dúvida de seu parentesco com Brand. Era alto, forte e loiro, um homem incrivelmente atraente que as mulheres sempre giravam para olhar duas vezes. Inclusive agora, a sua chegada na casa onde tinha passado sua infância, um lugar onde seu rosto era familiar, tinha provocado que as donzelas que serviam ruborizassem com interesse.

— Não mereço alguma amostra de afeto?

Stephen nem sequer piscou.

— Não estou de humor para demonstrar afeto.

— Já me dei conta disso.

Geoffrey subiu com agilidade ao estrado e tomou assento ao lado de seu irmão. Imediatamente, materializou uma adaga em sua mão, uma adaga muita larga e afiada para ser usada com o só propósito de comer. Geoffrey cortou com ela uma parte de carne fria com naturalidade.



— Tão ardiloso como sempre — remarcou Stephen. — Quando chegaste? Ontem à noite?

— Com o alvorecer. Por que tem uma expressão tão sombria? Eu tinha a esperança de dormir umas horas depois da primeira missa da manhã, mas saía tanto ruído de seus aposentos que o intento resultou inútil. — Limpou a adaga e a guardou em seu pesado cinturão com um sorriso que fez que aparecesse umas covinhas que combinavam com seu tom zombador e seus olhos brilhantes. — Sua amante é das mais ruidosa. Acreditei que esta manhã estaria de muito bom humor.

Stephen o olhou com frieza, negando-se a comentar aquilo.

— Trata-se de uma visita familiar ou de algo mais?

O sorriso do monge desapareceu.

— Sabe que não tenho tempo para visitas familiares. Trago notícias. O rei está doente e guarda na cama. — Elevou a mão, uma mão bronzeada e calosa ao mesmo tempo, a mão de um homem que passava muito tempo ao ar livre. — Os médicos dizem que não é grave, mas nomeou a Anselm arcebispo de Canterbury.

Stephen guardou silêncio um instante antes de falar.

— O rei deve estar às portas da morte.

— Assim é.

— Como isso afeta a ti? E a nós?

— É um bom homem. Faz tempo que necessitava que nosso querido rei escolhesse a alguém que seguisse os passos de Lanfranc — comentou, movendo as aletas de seu fino nariz.

— E?

— Ganhei um aliado em minhas batalhas contra os intentos da coroa de tirar o sangue de Canterbury, espero — disse apertando a mandíbula.

— Esperas?

O tom de voz do monge encerrava uma certa brincadeira para si mesmo.



— Anselm se parece muito a Lanfranc, é um autêntico santo. Talvez persigamos os mesmos fins, mas não acredito que me dê sua aprovação. — Seu sorriso era ambíguo. — Talvez ganhe um novo inimigo.

Stephen observou seu irmão. Era muito atraente. Em algumas coisas se pareciam, e ele o entendia muito bem. Geoffrey faria o que tinha que fazer. Mas, acaso não o faziam todos?

— Melhor um amigo que um adversário. Assegure de que o queira tanto como Lanfranc.

O monge olhou a seu irmão mais velho enquanto que olhos refletiam uma profunda tristeza durante um breve instante.

— Lanfranc foi um autêntico pai para mim. Mais que nosso próprio pai, como você bem sabe. Apesar de minha forma de ser, foi compassivo... e pormenorizado. Para ser justo, estou dividido. Desejo e não desejo que chegue o dia da escolha de Anselm. A princípio seremos amigos diante a necessidade de proteger a ordem contra o rei, mas e ao final? — Encolheu os ombros.

— Anselm seria idiota se não visse o poderoso aliado que teria em ti — assegurou Stephen com brutalidade.

— Há homens que não comprometem sua moral. Simplesmente, não podem fazê-lo.

Stephen observou o rosto de seu irmão e tentou espionar sua alma, mas Geoffrey afastou o olhar.

— Você nunca pôs sua moral em dúvida.

— Perguntou-me por que não me ordenei.

Stephen o olhou fixamente. Não era estranho que Anselm queria saber por que seu arqui-diácono não tinha pronunciado ainda os votos finais que o uniriam ao clero para sempre. Inclusive ele mesmo o tinha perguntado. Acreditava, embora não podia assegurá-lo, que era o próprio Geoffrey quem estava atrasando o momento. E também acreditava suspeitar a razão.

— E o que respondeu?



— Que não sou Lanfranc. — Tinha o olhar nublado.

Aquela resposta decepcionou Stephen, mas devia ter imaginado que seu irmão guardaria para si seus escuros segredos. Sorrindo, tentou aliviar a tensão.

— Graças a Deus.

Geoffrey riu. Tinha recuperado a máscara. Seu irmão se uniu a ele. O momento de incômoda intimidade tinha passado.

— Era inevitável que Rufus escolhesse o sucessor, não crê? — comentou Stephen servindo cerveja para os dois. — Quanto tempo mais podia manter a Ordem sem um sucessor? Por muito que sangrasse os recursos de Canterbury, não ter arcebispo é um assunto muito grave inclusive para o rei. Sem dúvida você já o tinha previsto.

Geoffrey cruzou os braços e olhou a seu irmão com os olhos brilhantes.

— Desde que morreu Lanfranc já faz três anos e meio, estive me preparando para este dia administrando a Ordem o melhor que soube com a ajuda de meu leal e capacitado pessoal, e guardando os recursos para nada. — Seu rosto era uma máscara impenetrável. — Anselm encontrará este navio de muito fácil navegação, mas a viagem que deve empreender está infestada de perigos. Além disso, estou convencido de que Anselm será muito mais fanático em seus acordos com o rei do que qualquer um possa imaginar.

Stephen observou seu irmão, o arquidiácono de Canterbury. Tinha sido recompensado com aquele cargo por seu mentor, o arcebispo Lanfranc, quando este se encontrava em seu leito de morte quatro anos atrás. Depois da morte de seu amigo e mentor, tinha continuado com suas obrigações. A primeira delas era administrar a Ordem até que se fizesse cargo dela o sucessor. E não só tinha completo com isso, mas também além teve que brigar com o rei em uma constante batalha oculta para controlar os recursos eclesiásticos.

— Trago também outras notícias — disse Geoffrey. — Convocaram a corte. Meus espiões me disseram que vai ser solicitado um relatório preciso de minhas posses, sobre tudo dos cavaleiros e soldados que tenho a meu serviço. — Ruborizou-se. — Melhor dizendo... um relatório sobre as posses da sede.



Aquilo era toda uma notícia. Podia ser coisa do novo arcebispo, ou não. Stephen elevou uma sobrancelha antes de responder.

— Enviaram-me a Carlisle para comprovar se for o momento oportuno para tomá-lo.

— E o é? — perguntou o arquidiácono tamborilando os dedos sobre a mesa cheia de marcas.

— Sim.

— Bom, no momento pode estar tranqüilo. Rufus não pensa em uma invasão, a não ser no arrependimento de seus pecados — murmurou Geoffrey.

— Talvez seu medo de morrer mude os planos que tinha, fossem quais fossem — repôs Stephen com voz sombria. — Mantivemos uma paz muito frágil durante um espaço de tempo muito curto. Eu não gostaria que se rompesse, e menos que fôssemos nós os que provocássemos a ruptura.

— Embora o rei dita contra a invasão — replicou Geoffrey — e pode estar seguro de que nosso pai fará tudo o que possa para que troque de opinião, sem dúvida Malcolm romperá a trégua. É um bárbaro, não mudará seu modo de atuar.

Stephen sabia que seu irmão tinha razão e que era só uma questão de tempo que aquela preciosa paz se rompesse de um modo ou outro. Malcolm Canmore tinha jurado fidelidade a William Rufus em Abernathy dois anos atrás, mas isso não seria um impedimento para que cometesse uma traição. Nunca o tinha sido. Era inevitável que cedo ou tarde o rei escocês invadissem as terras da fronteira. Sua última incursão, embora não tenha tido êxito, tinha provocado muitos danos nas terras situadas mais ao norte de Northumberland. Aqueles imóveis perderam suas colheitas, e o último inverno Stephen se viu obrigado a utilizar um dinheiro que não sobrava para importar provisões extras e impedir que seus vassalos do norte morressem de fome. Alguns de seus mercenários não tinham cobrado ainda tudo o que ele devia por aquela campanha. Sem dúvida, seu matrimônio com Adele Beaufort resolveria aquele problema, igual a muitos outros. De repente, Stephen se encontrou pensando não na guerra ou na paz, a não ser em sua prisioneira. Por que diabos tinha seguido desafiando-o até que fosse muito tarde?



— E me diga, quem é essa moça tão ruidosa? — Perguntou Geoffrey como se tivesse lido o pensamento. Seu tom era agora abertamente zombador.

Muito a seu pesar, Stephen ruborizou. Tão óbvios eram seus pensamentos?

— É minha amante, e advirto que não quero falar sobre isso.

— Sua amante! — Mofou Geoffrey com falsa incredulidade. — Que vergonha! Tomar uma amante quando está a ponto de casar! Quer que te imponha uma penitência?

— Não, obrigado.

O arqui-diácono ficou sério.

— Surpreende-me que esteja aqui, irmão. Ande com cuidado. As notícias correm muito rápido. Sobre tudo as que têm potencial destrutivo. Não quererá pôr em perigo sua aliança com a herdeira de Essex... Dá-me a impressão de que lady Beaufort não é uma mulher pormenorizada nem indulgente.

— Primeiro Brand e agora você — explodiu Stephen furioso. As palavras de seu irmão mais novo eram um desagradável aviso do dilema no qual achava. — Não sou um adolescente que terá que ralhar. Lady Beaufort estará a meu lado no altar este Natal.

Naquele momento, antes que Geoffrey pudesse replicar, um ruído provocou que ambos os irmãos girassem para as escadas. O normando observou como sua prisioneira dobrava a esquina cambaleando e ficava paralisada olhando-o. Parecia que tinha perdido o equilíbrio enquanto permanecia grudada a parede nos degraus abaixo, escutando. Estava olhando-o só a ele, e se as olhadas matassem, estaria já morto. Stephen sorriu lentamente e ficou de pé. De repente foi consciente de que só sua presença o excitava, podia recordar cada detalhe e cada instante da noite anterior, seu desafio, sua rendição. Stephen estava longe de ter se satisfeito.

— Estava nos espiando a meu irmão e a mim? — Perguntou descendo do estrado.

Ela apoiou as costas contra a parede e se ergueu.

— Não.

Stephen seguia sorrindo. Seu sorriso era parecido com o que ele tinha usado em muitas ocasiões, quando tinha que enfrentar algum inimigo particularmente perigoso. Parou na frente dela e se olharam nos olhos.



— Ah, a moça de ontem à noite — remarcou Geoffrey com genuíno interesse, olhando-os a ambos. — Não poderia ter escolha melhor, Stephen. É uma beleza.

O aludido girou ligeiramente a cabeça para dedicar a seu irmão um olhar assassino.

— Estou completamente de acordo contigo. — Seu tom territorial não deixava lugar a dúvidas.

Mary apertou os punhos, tremendo. Que falassem de sua pessoa como se não estivesse presente, enfurecia-a quase tanto como o fato de que tivessem estado falando com total naturalidade dela quando acreditavam que não estava. Mas o que realmente tinha a enchido de raiva era o que acabava de descobrir: aquele normando bastardo e arrogante estava prometido a outra.

— Não vai nos apresentar — disse Geoffrey de boa vontade, provocando que Mary o olhasse. O intenso brilho de seus olhos não era nem remotamente educado. — Sem dúvida teme que faça comparações e encontre deficiências — assegurou com um sorriso.

Ela o olhou. Não a tinha enganado nem por um instante. Levava um hábito de prelado, comprido e escuro, mas não tinha nada de santo. Nenhum homem de Deus tinha aquele rosto nem aquele olhar. Era um homem muito viril, muito angustiante e poderoso, e, mais importante ainda, era um Warene, o que o convertia também em seu inimigo.

— Não preciso comparar para encontrar deficiências — espetou antes de voltar a cravar o olhar em Stephen.

Geoffrey estremeceu... e riu.

— Ontem à noite não teve queixa. — Stephen também estava se divertindo.

— Demonstra ser um bruto em toda situação, normando — sussurrou com uma fúria sem limites, sentindo que ruborizava. — Só uma besta se dirigiria a mim em público desse modo.

Mary deu as costas com frieza. Tinha baixado as escadas porque despertou e não podia dormir, e muito menos ficar na cama como se estivesse esperando o prazer do normando. De fato, logo que tinha podido dormir, só tinha fingido fazê-lo quando ele deu



por fim uma oportunidade de descansar. Em troca Stephen tinha dormido profunda e silenciosamente a seu lado.

A vergonha de Mary não conhecia limites. Quando chegou a ele sua virtude estava intacta e tinha tentado resistir. Se a tivesse violado ao menos ficaria algum vestígio de orgulho, mas não tinha sido assim. Sua resistência tinha sido nula, ele tinha seduzido-a sem nenhum esforço. Enquanto ele dormia e também depois, quando levantou da cama, Mary não tinha podido deixar de rememorar cada detalhe de seu encontro por muito que tentasse. Não queria enfrentar o que a tinha feito sentir na cama. Mas lhe era impossível não pensar nisso.

A jovem era dolorosamente consciente de ter falhado a seu país e a seu rei, de ter traído a seus pais, a Doug e a si mesma.

Tentou encontrar consolo no fato de que tinha perdido uma batalha, mas não a guerra. Seu captor ainda ignorava que era a filha do rei Malcolm. E nunca saberia, prometeu, embora isso significasse que tivesse que compartilhar com ele sua cama uma e outra vez. Tentou não pensar naquela possibilidade. Não se atrevia. Devia concentrar em sua sobrevivência. Mary sentiu os olhos de Stephen cravados nela e notou um comichão na pele. Devolveu o olhar e ruborizou apesar de sua raiva.

Adele Beaufort. A fúria que a atravessou não tinha nada que ver com a ira que tinha experimentado antes. Adele Beaufort. Quem era Adele Beaufort? Tinham falado dela com certo respeito. Ao parecer era formosa e herdeira de uma fortuna. Oh, como desejava poder dizer que ela era filha do rei Malcolm, que era uma princesa e muito mais importante que qualquer herdeira inglesa!

Stephen falou então, atraindo por completo sua atenção.

— Pode me chamar do que deseja se decide tirar o pior partido desta situação, ou pode aproveitá-la. Isso não mudará minhas intenções, quão único conseguiste é despertar meu interesse. Sugiro que aproveite desse fato.

— Conquistaste o que procurava — respondeu Mary com voz tremente. — É mais forte que eu, e sem dúvida muito mais experiente. Mas isso não muda minhas intenções. Não serei sua amante, sem importar o que tiver acontecido ontem à noite. Sou sua



prisioneira e nada mais, e estou obrigada a sofrer seus cuidados. Tenha isso muito em conta, normando.

— Prefiro considerar os atos, não palavras.

Que ele tivesse aquela satisfação era mais do que a jovem podia suportar.

— Então deveria ter tido em conta todos meus atos! Não estava tão disposta como se tivesse gostado, normando. — Ele a olhou, e no caso de não a tinha entendido bem, Mary sorriu. — Ontem à noite só ganhou uma batalha. Uma que eu considero muito menos importante que a batalha de minha identidade. De fato, acredito que ganhei a guerra.

Stephen avermelhou de raiva. Por cima dele, no estrado, embora fingia não estar escutando-os, Geoffrey engasgou.

A jovem tremia. Mas não podia parar agora. A vitória era muito doce.

— Nunca — espetou — nunca arrancará de meus lábios as respostas que está procurando.

Transcorreu um comprido instante durante o qual o normando fez um esforço por recuperar o controle. Tinha a mandíbula tensa, os punhos apertados e o rosto sombrio. Mary se negou a acovardar embora o coração pulsava com verdadeiro terror. Qualquer outro homem a teria golpeado por seu atrevimento e sua insolência. Mas não lamentou ter falado com tanta valentia.

— Moça — a acautelou Geoffrey baixando do estrado para se colocar ao lado de Stephen e agarrar com força seu braço. — Desiste. Meu irmão nem sequer bate em seus cães mas temo que foste muito longe.

Antes que ela pudesse replicar, Stephen ladrrou.

— Não! Deixa que fale tudo o que queira. — Seu sorriso era cruel. — Me assombra, moça. Mas não tenha medo. Não me importa não ter conquistado sua mente, só me importa ter conquistado seu corpo. Uns golpes seriam pouco para ti. Tenho um castigo pensado muito melhor e muito mais entretido. — Mary empalideceu. — Milady? — desafiou-a ele.



Ela ficou paralisada durante um instante. Estava recordando o que tinha sentido ao tê-lo em seu interior, e imaginava a tortura tão deliciosa que poderia inflingir-lhe. De repente faltou o ar e resultou impossível encontrar uma resposta.

— O que é o que esconde? — inquiriu o normando.

Mary seguiu em silêncio. Suas palavras reverberavam em seus ouvidos. Mas Stephen tinha recuperado o controle absoluto.

— Tira esse sorriso de seu rosto, Geoff — disse olhando seu irmão. — Esta dama se negou a revelar sua identidade e em troca escolheu entregar sua virtude. Sem dúvida algum senhor da fronteira reclamará vingança. E eu tenho outras obrigações que atender, como você bem sabe.

— Você não é uma pessoa impulsiva nem imprudente — disse Geoffrey assombrado.

Stephen não respondeu, mas sim se limitou a estender a mão para Mary com brutalidade.

— Declaremos uma trégua.

Seu tom resultou firme e autoritário. Mas o pior era seu olhar, que, talvez pela lembrança, tornou-se suave e sedutor. Embora não sorrisse, era inegavelmente atraente, muito mais que qualquer de seus irmãos. A jovem observou sua mão e passou pela cabeça que poderia aceitar sua oferta de paz e deixar de desafios.

Como se tivesse lido o pensamento, o normando deu um passo adiante e um segundo mais tarde tinha a palma de sua mão na sua.

— Cede, Mairi — tentou persuadi-la. — Em lugar de lutar comigo quando vais perder, por que não te dobrar? Sei que ao final cederá e que estarei de novo entre seus braços... E você também sabe. Vou agradá-la apesar de seu orgulho.

— Acredito que está tratando de me seduzir inclusive agora!

Stephen se ergueu, sua envergadura e sua altura eram esmagadoras.

— E o se fosse assim? O que é o que tanto a desgosta? Encontrar-me tão desejável como eu encontro a ti? Se ceder a mim, desfrutará muito de sua estadia em Alnwick.



— Desejo-te, isso é certo — reconheceu muito devagar apertando os dentes. Odiava admiti-lo inclusive diante si mesmo. — Mas te odeio ainda mais. Bastardo filho de uma cadela!

Stephen sujeitou a mão com mais força enquanto seus lábios desenhavam a sombra de um sorriso.

— Prefiro mil vezes o som de meu nome de batismo saindo de seus lábios.

Não havia dúvida ao que se referia.

— Prefere o som de seu nome saindo de meus lábios... Ou dos de Adele Beaufort?

— Vaiou Mary.

O normando ficou paralisado.

— Ela nunca há dito meu nome com tanto ardor como você.

— Oh! — Tremia, tanto de dor como de raiva. — Assim é muito boa para você abusar dela. Só abusa das donzelas que rapta, milorde, inclusive quando não são o que parecem? Ou é porque sou escocesa? É essa a razão pela que tomou minha virgindade sem pensar nas conseqüências? Eu sou escocesa, mas sua herdeira é uma mulher inglesa.

— Não abusei que ti — afirmou com o rosto aceso. — Assim deixa sua hipocrisia a um lado. E o fato, está feito. Não lamento meus atos. Sim sinto, em troca, o preço que deve suportar você. Quando chegar o momento, eu te mantereí. Não tem que se preocupar nesse sentido.

Ela inclinou para trás como se a tivesse esbofeteado. Estava referindo ao momento em que cansasse dela e a enviasse para longe.

— E deveria-me sentir aliviada pelo fato de que não me deixará sem dinheiro? Oh, que nobre é! — Os olhos encheram de lágrimas e girou para partir.

— Deveria recordar que ontem à noite foi coisa dos dois — sussurrou Stephen, agarrando-a pelo pulso e girando-a para obrigá-la a olhá-lo. — Esteve tão disposta como qualquer outra mulher que tenha metido em minha cama. Mais, de fato.

Ela protestou sem emitir nenhum som identificável e tentou soltar o braço sem consegui-lo.



— Poderia ter revelado sua identidade — espetou ele com seus escuros olhos brilhando como chama. — Você formou parte do ocorrido. Pode optar por esquecê-lo, mas eu não.

— Vou retornar para cima. Já não tenho fome — assegurou Mary com grande dignidade.

A verdade doía. Por muito que seu objetivo tivesse sido unicamente continuar com o engano, tinha participado de forma ativa em sua própria sedução. Mesmo assim, negava-se a derramar as traidoras lágrimas que apareciam em seus olhos e que não tinham capacidade naquela amarga discussão.

— Estou cansada. Se me desculpar...

Stephen a olhou com fixidez antes de falar.

— Então vá à sala das mulheres. Enviarei seu café da manhã ali. E recorda que desejo uma trégua, mas que você também deve colaborar para obter a paz.



Capítulo 6

Mary sopesou a possibilidade de voltar a desobedecê-lo, mas no final caminhou a toda pressa para o solar como se fosse seu refúgio. Fechou a porta e apoiou contra ela sem fôlego. A cabeça dava voltas. Só podia pensar em seu recente encontro, no da noite anterior e no que teria lugar horas mais tarde.

Odiava-o de verdade. Ele tinha enviado-a para a ruína sem se importar. Suspeitava que seu nome não era Mairi Sinclair e, entretanto, tinha seguido fazendo amor até o final. Era cruel, vaidoso e egoísta. Mary sabia sem lugar de dúvidas que nunca trataria igual sua noiva inglesa, nem sequer à filha de algum insignificante cavalheiro inglês. A diferença estava em que ela era uma bárbara escocesa.

Uma bárbara escocesa, sim, e também uma princesa, recordou Mary. Se ele tivesse sabido que era a filha de Malcolm, não a teria levado a cama. Disso estava segura. Recordou também que a perda de sua virtude era insignificante, que tinha escolhido conscientemente sacrificar antes que revelar sua identidade.

Mas, o que a aguardava agora? Perguntou-se com desespero. Quando se cansasse dela e desse a liberdade, então o que? Antes do ocorrido na noite anterior tinha resultado em certo modo fácil pensar em retornar a casa com Doug. Entretanto, como ia olhá-lo agora? E se o normando a utilizava com tão pouco cuidado que a deixava grávida? Mary sobressaltou diante aquele pensamento.

Algo a distraiu de sua obsessão. A luz que desenhava por cima da porta recordou que havia dito que enviaria o café da manhã. Deu permissão à criada para que entrasse e se surpreendeu ao ver que a irmã mais nova de Stephen, Isobel, penetrava também na sala.

Elas se conheceram no dia anterior. Em sua angústia, Mary mal tinha prestado atenção à pequena e tinha respondido sem pensar a suas curiosas perguntas. Mas quando



a criada partiu e encontrou a sós com Isobel, fixou-se nela pela primeira vez. Era uma menina preciosa que prometia se converter em uma mulher muito bela.

— Minha companhia incomoda a você? — Perguntou Isobel com um sorriso radiante.

O certo era que uma companhia agradável seria estimulante. Mary se deixou cair em uma cadeira, consciente pela primeira vez naquele dia de que estava esgotada e ultrapassada por tudo o que tinha ocorrido, por não mencionar a noite em branco. Estava cansada de pensar.

— Não me incomoda. Virá-me bem. Você gostaria de tomar o café da manhã comigo? — Em seu tom de voz tinha aparecido uma nota esperançada.

Sorrindo, a menina aproximou mais e negou com a cabeça.

— Já comi — comentou, enquanto observava abertamente a amante de seu irmão. — Mas ficarei encantada em te fazer companhia. — Depois afirmou com um sorriso: — É muito formosa.

— Não tanto como você — disse a escocesa com sinceridade, depois de morder uma parte de pão recém assado.

Isobel inclinou a cabeça. Parecia agradada.

— Dizem que sou uma grande beleza. Acredita que é verdade?

— A verdadeira beleza vem do interior — escutou dizer a si mesma, citando textualmente a sua mãe. Depois, sorriu. — Mas o certo é que é uma beleza. Entretanto, minha mãe sempre diz que a vaidade é um pecado.

— Quem é sua mãe? É muito piedosa?

Mary sobressaltou e pensou se estaria tentando realmente descobrir sua identidade ou se só tinha sucumbido a sua natural curiosidade. A menina a olhava fixamente aos olhos sem pestanejar.

— Quantos anos tem, Isobel?

— Não sou muito mais jovem que você, atreveria-me a dizer — respondeu a aludida rapidamente. — Tenho dez anos.



Mary sabia que a menina não pretendia insultá-la, mas sua altura, que sempre tinha feito pensar às pessoas que era mais jovem, tinha incomodado-a toda a vida.

— Sou muito mais velha que você.

— Então tem idade suficiente para te casar.

— Ainda não o tenho feito. — Mary pensou em seu seqüestrador pela primeira vez desde que Isobel entrou na sala.

— É magra e não muito mais alta que eu. De longe qualquer um pensaria que é uma menina.

— E você é muito alta para ser tão nova.

— Sem dúvida meu marido será muito mais baixo que eu. — Isobel riu ante a idéia. — Mas não me importa que aspecto tenha enquanto seja forte e poderoso.

Mary olhou com fixamente a Isobel quando processou aquela frase. O coração deu um tombo. A irmã de seu captor e ela se pareciam fisicamente.

— Stephen é forte e poderoso — assegurou a menina com certo acanhamento.

Mary não respondeu. Nem sequer tinha escutado Isobel. A cabeça dava voltas. Era certo. Isobel e ela tinham um aspecto similar. Não só eram da mesma altura e peso parecido, mas sim as duas tinham o cabelo comprido e loiro. A escocesa pensou que, na sombra e a certa distância, um homem não seria capaz de as distinguir se ocultava seus peitos e ficava com a roupa de Isobel.

— Ocorre algo?

Mary estava tremendo de emoção e medo. Seu dever era escapar.

— Perdoa, o que me dizia? — Olhou Isobel sem expressão.

A menina repetiu a pergunta, mas a jovem não a escutou. Estava pensando que escapar era muito mais que um dever, era uma necessidade. Porque em algum momento, fosse dentro de um dia, de duas ou de uma semana, Stephen de Warenne se inteiraria através de Will ou de outro espião do desaparecimento da filha do rei escocês e compreenderia imediatamente que ela era a princesa desaparecida.

— Milady?

Mary voltou em si.



— Sinto muito, ontem à noite não dormi bem e me falha a concentração.

Mas sua mente não parava de elucubrar. Teria que conseguir de algum jeito a roupa da menina e sair à parte exterior do castelo. E como não haveria forma de fazê-lo sem passar por diante de seu captor ou de seus irmãos, talvez pudesse fazer que Isobel saísse com ela. Uma vez fora, sem escolta, como certamente iria a menina, teria oportunidade de escapar. Tinha que ter.

— Agora você não gosta de meu irmão? — Estava perguntando Isobel com um sorriso tímido.

Mary percebeu que a pequena estava esperando uma resposta e fez um esforço por recordar a pergunta. Então entendeu o que queria dizer a menina. Depois da noite anterior, uma noite que tinha passado nos aposentos de Stephen, deveria sentir certo carinho por seu seqüestrador.

— Não, Isobel, lamento dizer que não — assegurou, ficando em pé.

— Mas, como é possível? — perguntou a menina assombrada. — Todas as criadas que conheço rogam para que ele as leve a cama. E depois estão sempre muito satisfeitas. De fato rezam esperando que volte a se fixar nelas.

— Suponho que ele... Stephen, coloca a muitas damas em sua cama.

— A muitas — confirmou Isobel muito séria. — Mas não são damas, são criadas da cozinha e prostitutas. Você é diferente.

Mary não disse nada. Aproximou-se da cozinha e olhou para fora. Decidiu que tentaria escapar imediatamente e abraçou a si mesma com força.

— Não encontra atraente meu irmão?

A jovem se negou a responder. Estava custando trabalho tirar da cabeça uma imagem desagradável: a de Stephen e alguma amante fundidos em um tórrido abraço. Deu as costas à menina e agarrou o áspero batente de pedra.

— Isobel, já que somos quase do mesmo tamanho, seria possível que me buscasse um traje que resultasse mais apropriado que a roupa que levo agora?

Mary sentiu que o coração pulsava com força. Não tinha sido absolutamente sutil. Mas a necessidade de fugir era agora irresistível.



Isobel piscou, mas depois sorriu abertamente.

— É obvio, por que não me tinha ocorrido antes? É uma dama, e nenhuma dama poderia suportar essa roupa suja durante muito tempo. Estarei encantada de te emprestar a minha.

Vestida com uma túnica azul gelo e bandagem chapeada, meias também chapeadas, sandálias azul escuro e um manto púrpura debruado com pele de esquilo, Mary desceu pelas escadas com Isobel. À medida que transcorria a manhã foram convertendo em boas amigas, e a escocesa lamentava a estar utilizando. A menina era inteligente, hábil e obstinada, e recordava bastante a si mesma. Igual a ela, Isobel tinha sido criada com um punhado de irmãos e uns pais importantes e ao mesmo tempo carinhosos. Mary pensou que em circunstâncias diferentes, sua amizade teria florescido quando a menina se convertesse em mulher. Mas é obvio, aquilo não ia ocorrer.

A jovem ficou tensa. O normando estava abaixo, e podia escutar claramente sua voz enquanto descendiam pelas escadas. Estava imerso em assuntos de estado no salão com seu administrador, seu assistente e seus dois irmãos. Mary escutou seu tom de voz, forte e ligeiramente rouco. Ao parecer estava também com um arrendatário que estava solicitando um favor.

Dariam permissão para sair do castelo com Isobel? Animada por sua nova amiga, a menina se ofereceu para lhe mostrar seu poney, que tinha resultado proceder das Hébridas, um grupo de ilhas pertencentes a Escócia nas que estava exilado seu tio Donald Bane.

Sem dúvida, aquela seria sua única oportunidade de escapar antes que caísse a noite. Mary não queria pensar além daquele momento, pelo que a esperava se não conseguia escapar. Sentia como se tivesse uma laje no peito.

Isobel agarrou a mão dela com firmeza.

— Não lhe tenha medo. Não é tão mau como você pensa.

— Não tenho medo de seu irmão, Isobel — afirmou enquanto umedecia os lábios secos.

A menina não parecia muito convencida.



— Mas estou segura de que não me deixará sair deste castelo contigo.

— Se eu o peço, deixará! — Exclamou soprando.

Decidida a guardar a calma e não deixar a descoberto seu plano, Mary acompanhou Isabel até o salão, que correu alegremente para seus irmãos. Enquanto Geoffrey a recebia com alguma brincadeira que a fez rir, Stephen deixou bruscamente de dar ordens e observou sua recente amante com interesse. Ela foi consciente da admiração com que a olhavam seus olhos enquanto percorria com eles a elegante roupa de sua irmã.

— Uma grande melhoria — murmurou.

Mary apertou a mandíbula e se negou a manter o olhar. O coração pulsava com tanta força que tinha medo de que pudesse ouvi-lo e adivinhasse que nem tudo era o que parecia.

— Quero mostrar a Mairi o Rei Rufus, Stephen. Posso? Por favor — interrompeu Isobel.

Nervosa, Mary esperava sua resposta pensando em escapar. Stephen nem sequer olhou a sua irmã.

— Os poney a interessam?

— Adoro os cavalos — conseguiu dizer a jovem.

O normando a olhou durante outro instante interminável e logo deu um tapinha no ombro de Isobel.

— Podem ir.

A menina deu um grito de alegria e o abraçou antes de sair correndo do salão. Incapaz de acreditar na boa sorte que tinha tido, Mary deu a volta para segui-la, sentindo o olhar de Stephen cravado em suas costas.

— Cuidado — disse com voz suave e ao mesmo tempo inquietante. — Não tem permissão para sair de Alnwick.

A jovem conseguiu que seus passos não vacilassem. Nada ia detê-la agora. Nada. Uma vez fora, Mary se colocou ao lado de Isobel, que não parava de falar, sem prestar atenção. Teria Stephen percebido que pretendia escapar? Ou suas últimas palavras tinham



sido uma mera advertência? Sem dúvida, se tivesse adivinhado seus planos, não teria permitido que se separasse de sua vista.

A caminho dos estábulos, Isobel se adiantou enquanto a escocesa, que tinha a garganta seca e o pulso acelerado, começava a procurar sua oportunidade. Atrasou um pouco, algo que não resultou difícil porque a menina ia correndo.

A parte exterior do castelo estava tão abarrotada como no dia anterior, quando Mary entrou pela primeira vez em seus limites. Um grupo de lavadeiras limpava a roupa em uma imensa cisterna, o ferreiro trabalhava golpeando sua bigorna e um pastor tinha introduzido um pequeno rebanho, sem dúvida para preparar guisado. As ovelhas se moviam por todos lados, criando ainda mais confusão e ruído. Dois cães pequenos e peludos se divertiam perseguindo o rebanho, enquanto o pastor ia de um lado a outro depois de um cordeiro e uma ovelha. Ao mesmo tempo, dois cavalheiros cruzavam pelas portas do castelo.

Muito longe agora de Mary, Isobel parou e exclamou:

— Não pode me seguir o passo? Jogamos uma carreira? — Rindo, pôs-se a correr.

A escocesa parou e viu como a menina desaparecia entre a multidão de escravos e homens livres. Olhou ao redor com cautela, mas ninguém a estava observando. Lançou-se sem pensar para a entrada da fortificação, e ali se deteve.

Estava sem respiração. Tremendo de medo, levantou rapidamente a capa, cobrindo a cabeça. Dois homens vestidos em cota de malha e armados com espadas passaram diante dela. Um deles a saudou e a jovem devolveu a saudação.

O coração pulsava a toda velocidade. Tinham-na confundido com Isobel... Seu plano estava funcionando. Olhou ao redor e cravou a vista no carpinteiro e seus aprendizes, que esvaziavam um carro de madeira perto da edificação que estavam construindo. A Mary resultou evidente, já que o boi seguia preso, que o carro não tinha terminado seu trabalho ainda por aquele dia.

Armando-se de valor, deixou a segurança das sombras e avançou com a cabeça baixa. Caminhou devagar e se aproximou de um montículo de caixas de vinho empilhadas. Os homens terminaram de descarregar a madeira e retornaram ao trabalho, enquanto o



servente subia no assento. O carro estava agora vazio à exceção de uma lona que tinha servido para proteger previamente a madeira da chuva.

Aquela era sua oportunidade. E talvez fosse a única. O servente partiria a qualquer momento. Mary, paralisada, com o coração pulsando com força, olhou ao seu redor. Havia muita gente, mas ninguém a olhava. Os que não estavam ocupados, observavam com grandes risadas os esforços do pastor por reunir seu rebanho. De repente, a jovem foi consciente que o carro tinha começado a avançar. O servente estalou o látego, gritando ao boi.

Ela não se deteve. Com a alma em chamas, levantou as saias, subiu à parte traseira do carro raspando os joelhos naquela amalucada ascensão, e se ocultou sob a lona, fazendo um novelo. O coração pulsava grosseiramente, esperando escutar gritos quando a descobrissem. Fazia ruído ao subir, e certamente o condutor da carreta a tinha ouvido. Tinha medo de se mover, medo de respirar. Fechou os olhos e rezou.

Milagrosamente, ninguém afastou a lona nem a tirou do carro puxando-a pela orelha. Não escutou nenhum grito de alarme e o carro seguiu rodando para diante.

Stephen desceu pela estreita escada de caracol. Seu aspecto era sombrio e não sorria quando entrou no grande salão. Will tinha retornado de Liddel. E sua rápida chegada significava sem dúvida que tinha descoberto a identidade de sua prisioneira. Já não estava tão seguro de querer conhecer a verdade. Tinha um mau pressentimento.

Will estava sentado à mesa, bebendo vinho com ânsia e comendo o que serviam as criadas. Geoffrey estava perto dele com os braços cruzados, olhando-o. Brand, sentado ao lado do fiel soldado, estava perguntando com ironia:

— E me diga, o que tem descoberto? A prisioneira de meu irmão é afinal a pequena Mairi Sinclair? Ou pertence a algum grande senhor escocês?



Will fez uma careta e ficou imediatamente de pé ao ver entrar seu senhor. Seus olhos despediam sinais de advertência. Quando Stephen se deteve frente a ele, soube imediatamente que seu vassalo tinha descoberto a verdadeira identidade de Mairi e que aquilo traria problemas.

— Stephen — começou vacilante — em Liddel há um grande alvoroço.

— Fala.

— E Malcolm Canmore está furioso — seguiu Will tragando saliva.

O sorriso zombador de Brand desvaneceu, Geoffrey deu um pulo e Stephen guardou silêncio. Suspeitava o que ia ocorrer a seguir, mas sua mente se negava a acreditar.

— Malcolm Canmore? — repetiu.

— Temo que a jovem não é a bastarda de nenhum senhor — disse o soldado com gravidade.

— Quem é? — Perguntou Stephen antecipando que tinha acontecido o pior.

— A filha do rei Malcolm.

Um pesado silêncio encheu o grande salão.

Como se pensasse que não o tinham entendido, Will disse com cautela:

— Tomaste como prisioneira à princesa Mary, milorde.

Stephen seguia imóvel. Durante um instante não foi capaz de falar.

— A filha de Malcolm? Está seguro?

O fiel soldado assentiu com a cabeça.

O normando estava assombrado, muito assombrado para pensar com clareza. A filha de Malcolm, a filha de Malcolm... Aquela litania repetia sem trégua dentro de sua mente. Em meio de seu atordoamento, viu como seus irmãos, igual de perplexos, intercambiavam um olhar.

— Deus — exclamou com voz rouca. — O que tenho feito?

— Sua filha legítima — acrescentou Will. — Está prometida a Doug Mackinnon, herdeiro do senhor de Kinross. Não fiquei tempo suficiente para recolher mais informação,



mas te asseguro que é uma princesa. E — fez uma careta — já se sabe que é você quem a raptou. Muitos aldeãos viram a rosa vermelha.

O normando fez uma careta. Mas sua mente se pôs de novo em funcionamento pensando na vingança. Se Malcolm Canmore sabia que tinha a sua filha, Stephen receberia suas notícias de forma imediata. E conhecendo-o, mais valia assegurar suas defesas. Girou para seus irmãos e disse:

— Está prometida a Kinross. Como é que não tínhamos ouvido falar dessa aliança com antecedência? — Os olhos de Geoffrey estavam cheios de escuras suspeitas. — Parecem que têm feito todo o possível por mantê-lo em segredo.

Os irmãos se olharam. Todos entendiam perfeitamente o grande número de implicações políticas que envolviam os fatos. O irmão de Malcolm estava no exílio, nas Hébridas. Era um aspirante legítimo ao trono da Escócia, porque qualquer varão da família podia ser nomeado sucessor do rei enquanto este vivesse. Donald Bane contava com o apoio majoritário da gente das Hébridas: As ilhas de Ust, Skye e Lewes, e a costa do nordeste da Escócia. Naquelas zonas governavam em sua maior parte membros do clã Mackinnon. Ao casar a sua filha com um Mackinnon, inclusive com um que não residia nas Hébridas, Malcolm confiava atrair ao resto de tão poderoso clã para sua causa, que era bem conhecida. Queria nomear herdeiro a um de seus próprios filhos antes de morrer.

— Cometeste um grande erro, irmão — assinalou Brand.

A raiva começou a filtrar pelas veias de Stephen.

— Tomou-me por um autêntico estúpido. Fui um autêntico estúpido!

Passou pela cabeça dele que verdadeiramente tinha sido ela a vencedora de sua batalha de habilidades e vontades. Ele não tinha sido capaz de lhe arrancar a verdade, que era o que em realidade pretendia quando a levou a cama. Não tinha sido sua intenção arrebatá-la a virgindade dela, e entretanto o tinha feito, incapaz de parar uma vez que teve começado.

De repente, Stephen sentiu que sua raiva diminuía. Tinha perdido uma só batalha, consigo mesmo e com ela, mas não tinha perdido a guerra. Porque um homem devia pagar



o preço de ter arrebatado a virtude de uma dama. Talvez ainda pudesse conseguir tirar proveito daquela situação.

— O que esperava ganhar ela? — Perguntou Brand, desconcertado. — De verdade pensava que conseguiria enganá-lo durante muito tempo? Se houvesse dito a verdade, não a teria levado para cama e a teria devolvido a Malcolm assim que pagasse o resgate.

Stephen sabia que seu irmão dizia a verdade, mas não estava tão convencido. Se tivesse descoberto sua identidade, teria mantido sua palavra, respeitando-a e deixando-a livre? Não era um homem que desse sua palavra a toa. Antes sempre a tinha cumprido. Mas talvez nesta ocasião a tentação que oferecia a princesa tivesse sido muito grande e não tivesse podido resistir... em mais de um sentido.

— Malcolm reclamará vingança.

— Pedirá sua cabeça — afirmou Geoffrey com brutalidade. — E imediatamente. Parece que é você quem vai colocar nos em uma nova guerra, não Malcolm ou o rei Rufus.

— Não necessariamente — repôs Stephen.

Um sorriso estranho, duro e ao mesmo tempo decidido, mudou-lhe a expressão. Tinha os olhos entreabertos, centrados não nas pessoas que tinha ao redor de si, a não ser em um futuro distante. A paz era algo muito valioso. Não teria que destruí-la. Se pudesse encontrar com Malcolm e o convencer daquilo..., e se também persuadissem a Rufus...

Stephen girou bruscamente e se dirigiu às escadas. Mas um segundo depois recordou que Mairi... Não, a princesa Mary, tinha saído da torre com sua irmã. Um mau pressentimento apoderou dele. Agora não tinha nem a mínima dúvida, sabendo que era de sangue real, de que tentaria escapar. A maré tinha mudado. A jovem era agora muito mais valiosa do que tinha sonhado. Era a peça chave de uma guerra que tinha durado várias gerações. Era um grande prêmio se conseguia ficar com ele, um prêmio que encerrava uma promessa de esperança, de paz. E ganharia o prêmio. Tomaria por esposa a princesa Mary.

Com aquele pensamento, girou sobre os calcanhares e correu para a porta. Naquele preciso instante Isobel entrou como uma exalação, chorando abundantemente, e Stephen soube que era muito tarde.

— Onde está? — Perguntou agarrando sua irmã.



Ao escutar seu tom, áspero e furioso, a menina cobriu o rosto com as mãos e soluçou mais forte.

— Não faça teatro agora, Isobel! Onde está? — insistiu.

A menina deixou cair os braços. Tinha os olhos muito abertos e sem rastro de lágrimas.

— Não foi minha culpa — gritou olhando primeiro Stephen e logo os outros. — Estava seguindo, e quando dei a volta tinha desaparecido! Busquei-a por toda parte — gemeu antes de voltar a tampar o rosto com as mãos, estremecendo entre soluços.

— Dêem o alarme — ordenou Stephen, enquanto corria pelo salão. Geoffrey já estava subindo a toda pressa as escadas para os muros de defesa para fazer soar o corno. — E Brand, ela é minha.

Will e Isobel os seguiam.

— Você fica aqui! — espetou a sua irmã.

— Estou metida em uma confusão?

Stephen não respondeu. Já tinha saído pela porta.

— Acredito que desta vez foste muito longe, Isobel — advertiu Brand com severidade. — Vá para seu quarto e espera ali.

Stephen saiu ao exterior seguindo seu irmão enquanto a menina subia correndo as escadas. Seus homens já reunidos. O normando deu ordens concisas e começaram a procurar pela parte exterior do castelo. Todos os trabalhos foram suspensos temporariamente enquanto reuniam a todos os habitantes do castelo e os interrogavam. Ninguém tinha visto a prisioneira. Stephen já tinha descoberto a razão de que sua princesa cativa resultasse tão difícil de localizar. Ao ir vestida com a roupa de Isobel, ninguém prestou atenção nela porque pensavam que se tratava de sua irmã. Ela burlou dele uma vez mais.

Em questão de minutos soube que um carro vazio tinha saído do castelo fazia menos de meia hora, e que Isobel tinha sido vista rondando perto. Stephen reclamou imediatamente seu cavalo e ordenou que continuasse a busca pela parte exterior da fortaleza. Galopou através da ponte levadiça e as poderosas patas de seu corcel levantaram



nuvens de pó. A suas costas cavalgava uma dúzia de cavalheiros, se por acaso tinham que medir suas espadas com os homens de Malcolm. Por cima de suas cabeças ondeava com orgulho a bandeira da rosa.

Ela burlou dele, não uma, a não ser em numerosas ocasiões. Stephen não teve mais remédio que admitir a contra gosto que seus esforços eram admiráveis. Seu sentido de honra era mais próprio de um homem. Mas, de verdade pensava que poderia escapar de Alnwick, escapar dele? Os homens temiam enfrentar sua ira, e entretanto ela se atreveu a ir mais longe, atreveu a provocar essa ira.

Ao pensar nisso, sentiu uma pontada de admiração. Era sem dúvida uma mulher excepcional, porque só isso podia explicar aquele orgulho sem igual e aquela audácia ilimitada. Mas junto à admiração surgiu a apreensão. Não podia evitar compará-la com seu pai. Malcolm era um dos homens mais ardilosos e traiçoeiros que conhecia. Não gostava da idéia de que a princesa Mary fosse sua filha. Um mau pressentimento percorreu a espinha dorsal. Com esforço, afastou seus escuros pensamentos porque não serviam a seus propósitos, e em questão de minutos alcançou o carro de boi de carga.

O servo, visivelmente assustado, parou ao escutar o galope aproximando-se.

— Milorde, o que é que tenho feito?

O normando o ignorou, aproximou seu corcel para o carro e puxou a lona que o cobria.

A jovem estava ali enrolada em si mesma, e ao vê-lo, sentou imediatamente. Em seus olhos brilhava o desafio que esperava, mas também distinguiu umas lágrimas de derrota. Muito a seu pesar, a raiva de Stephen desvaneceu um tanto. Durante um instante, Mary lhe pareceu uma menina assustada e indefesa e sentiu uma estranha ternura para com ela. Mas não era nenhuma menina. Só tinha que recordar a sensualidade de seu corpo para sabê-lo. Aquela fachada doce era só isso, uma fachada. Não havia nela nada inocente ou indefeso. De repente, teve outro pressentimento. Teria que estar sempre em guarda com ela depois do ocorrido aquele dia?

— Queria começar uma guerra, milady?

Mary ficou rígida ante suas palavras.



O normando desceu do cavalo e a tirou do carro, provocando que ela gritasse e revolvesse entre seus braços. Imediatamente, o normando a deixou no chão e se afastou. Mas ainda podia sentir a suavidade de sua pele. A vitória que se apontou tinha muitas facetas. O sangue ardia, e não só pela raiva.

O servo estava balbuciando que ele não sabia nada do ocorrido. Stephen ordenou que retornasse ao castelo e foi obedecido imediatamente.

O carro se afastou, mas os cavalheiros seguiram montados, formando um semicírculo ao redor de Stephen. Geoffrey sujeitava a montaria de seu irmão. Todos permaneciam imóveis sem dizer uma palavra. Parecia que o casal estivesse sozinho. O interminável campo deserto se estendia diante deles em desigual desenho verde e cinza, a noite começava a cair rapidamente, um falcão dava voltas em círculos por cima deles, e a brisa alvoroçava a capa de Stephen e os dourados cachos de Mary. Um pesado silêncio reinava no campo.

Stephen cravou a vista em sua prisioneira e observou com certa satisfação que estava assustada. Mas apesar das lágrimas que ameaçavam brotar, permanecia erguida e orgulhosa, não cabia dúvida a respeito de sua estirpe.

— Meu dever era escapar.

— É obvio que sim, princesa. — Aquelas palavras fizeram que a jovem empalidecesse.

— O condutor do carro não sabia de nada — disse finalmente Mary com voz rouca sem deixar de olhar a seu captor.

— Seria mais inteligente de sua parte defender a si mesma, não a ele — repôs Stephen. Seu sorriso resultou gélido. — Princesa?

— Meu dever era te mentir e escapar — asseverou depois de respirar fundo.

— E me entregar sua virgindade?

A Stephen não importou que seus homens o ouvissem, sua intenção era que todo mundo se inteirasse de que Mary tinha dormido em sua cama.

— Preferi perder minha virtude antes que me converter em sua refém — afirmou, ruborizada.



— Sacrificou sua virgindade para evitar que seu pai pagasse um resgate? — perguntou elevando uma sobrancelha, incrédulo.

— Conheço você! — Gritou Mary apertando os punhos, tremendo. — Pediria muito mais que prata. Exigiria terra!

Stephen a olhou fixamente.

— De fato vou pedir muito mais que umas moedas de prata.

— Quando? — demandou Mary enquanto uma lágrima aparecia em seus olhos. — Quando pedirá o resgate? Quando poderei ir para casa?

— Malcolm e eu devemos nos reunir.

Mary assentiu com a cabeça e aquela única lágrima escorregou pela bochecha.

Stephen esteve a ponto de pousar sua mão sobre a suave pele para enxugar aquela lágrima solitária. Aquele impulso o turvou e o fez sentir-se incômodo. Estava claro que aquela situação angustiava Mary e queria partir. A noite anterior não tinha servido para que suspirasse por ele, e sem dúvida rechaçaria qualquer intento de sua parte de tranquilizá-la. Vacilou, sem saber o que fazer, e disse a si mesmo que devia tomar cuidado com ela. Finalmente disse com pouca convicção:

— Não tem por que chorar. Ambos tiraremos proveito do ocorrido.

Mary levantou a mão e a passou pela úmida bochecha em um gesto infantil, aumentando o desconforto de Stephen.

— Não — sussurrou. — Isso não ocorrerá. Falhei a meu país e a meu rei.

Stephen voltou a se assombrar uma vez mais.

— Falas como um varão! De fato, estiveste jogando um jogo de homens, um jogo do que não podia compreender as conseqüências, um jogo que era impossível que ganhasse.

— Compreendo perfeitamente o jogo. — Mary elevou o queixo e apertou os lábios. — Fiz o que tinha que fazer. Sou filha da Escócia.

Houve algo dentro de Stephen que o fez enfurecer-se.



— É digna de admiração, Mary — murmurou, pensando nos filhos que lhe daria, ardilosos, fortes e orgulhosos. — Vamos, retornemos e comecemos de novo — disse estendendo a mão.

Ela o olhou com os olhos cheios de lágrimas, mas não aceitou sua mão.

— Não vamos começar nada! Meu pai o matará! E eu dançarei sobre sua tumba!

Stephen percebeu que ainda tinha a mão estendida. Ruborizou levemente e a deixou cair a um flanco.

— Talvez Malcolm tente, mas se eu fosse você faria todo o possível para impedi-lo. Seu pai já não é jovem, ao contrário de mim.

— Cruzaria sua espada com a de meu pai? — Sussurrou, empalidecendo.

Stephen se arrependeu de suas palavras e se perguntou uma vez mais como era possível que ela quisesse a aquele canalha.

— Só se me visse obrigado a fazê-lo.

— Oh Deus! — Gemeu Mary. — Temo o momento em que se reúnam para falar do resgate! — Dando um passo para ele, suplicou-lhe: — Não mate a meu pai, por favor!

Era normal que expressasse aquela fidelidade para Malcolm, mas Stephen estava agora inexplicavelmente zangado com ela por aquela lealdade, sobre tudo porque acabava de rechaçá-lo sem condições. É obvio, não importava que ela o odiasse. Em sua vida abundavam as mulheres que o odiavam.

— Deveria utilizar boas maneiras e palavras tenras para me convencer. Deveria atuar como uma mulher.

— Sabendo quem sou... Quer que volte a te esquentar outra vez a cama? — Perguntou, pálida.

— Eu não disse isso. Talvez seja você que deseja outro encontro como o de ontem à noite.

Em princípio Mary não respondeu, mas seus traços estavam rígidos e tinha os olhos muito abertos.

— Como eu gostaria de ser como minha irmã Maude — murmurou.



Toda a estranha simpatia que despertava no normando, embora estivesse mesclada com raiva, desapareceu.

— Não sabia que Malcolm tinha outra filha — disse Stephen cortante.

Outra filha poderia mudar tudo. Mary podia se converter em um sacrifício político sempre que Maude estivesse ali para ocupar seu lugar nos planos de Malcolm. Stephen pensou se atreveria a forçá-la a subir ao altar no caso de que seu pai se negasse a permitir a aliança.

— É noviça na abadia do Dunfermline e está cheia de bondade. — A voz de Mary quebrou, mas acrescentou: — Não como eu.

— Não repreenda a si mesma, não é próprio de você — ordenou Stephen com frieza.

— Como pude ser tão inconsciente? Maude será comprometida com o Doug, verdade? E serei eu a quem enviarão ao convento! — Mary engoliu saliva.

— Agora chora por seu prometido? — Estava furioso. Não cabia dúvida a respeito do seu ciúmes. Sujeitou-a pelos ombros com força e aproximou seu rosto ao seu. — Depois da noite que passamos?

— Não! Não sou tão hipócrita! — Negando com a cabeça, levou o dorso da mão à boca para reprimir os soluços. — Se me encerrarem em um convento, sem dúvida morrerei!

Stephen afrouxou um pouco a pressão com que a estava sujeitando.

— Não vão encerrar você em nenhum convento. — Ela o olhou de repente com olhos suplicantes. — Vais se converter em minha esposa — afirmou o normando com um sorriso.



Capítulo 7

— Como? — Gritou a jovem sem acreditar no que estava ouvindo.

— Vou tomá-la como esposa, Mary.

Ela separou de Stephen com olhos horrorizados.

— Não! Nunca!

Ele a olhou fixamente com os traços endurecidos, apoiando seus punhos enluvados nos quadris.

— Você não tem nada que dizer a respeito.

— Não, eu não, mas meu pai sim! — Gritou.

— Isso é certo. Somos ele e eu quem tem que decidir sobre este assunto.

— Malcolm nunca me entregará a ti. Odeia aos normandos, odeia Northumberland! — Estava aterrorizada.

Stephen ficou imóvel, e depois de uma larga pausa, disse:

— Talvez quando te acalmar seja mais racional. Podemos falar desta união em Alnwick. — Girou dando por concluída a conversação, mas não antes que ela visse quão furioso estava.

— Não! — Mary correu atrás dele, tropeçando em sua precipitação e o agarrando pela túnica. O normando parou de repente e a jovem se chocou contra ele. Não importou. Levantando-se, perguntou violentamente:

— E quando ele o rechaçar, então o quê? O que fará então?

Estava claro que Stephen estava fazendo um grande esforço para controlar a raiva, tremia, mas não a tocava.

— Não me rechaçará, não quando compreender que poderia estar esperando meu filho.

— Vou me casar com Doug!



— Duvido muito que ele a aceite tendo em conta que já não é virgem. — A raiva desfigurava suas feições. — Ninguém a aceitará nessas condições, a menos que deseje ser a esposa de algum senhor mais velho, a senhora de uma choça imunda cheia de ovelhas e porcos!

Mary sentiu como se a tivesse agredido fisicamente.

— Então, que assim seja — suspirou. Assim de horrível era a verdade.

Stephen agarrou a parte superior da túnica e a atraiu para si.

— Prefere uma vida de penúrias ao que eu te ofereço? Algum dia será a condessa de Northumberland!

— Nunca! — Gritou ela a sua cara. — Nunca serei sua esposa, porque Malcolm rechaçará sua petição! Fará-o! Odeia-te!

— Então me casarei contigo de todas maneiras.

Mary ficou paralisada, e quando por fim o coração voltou a funcionar com pulsados compridos e dolorosos, voltou a gritar:

— Odeio-te!

— Não me importa — assegurou Stephen com expressão sombria.

Dito aquilo, deu-lhe bruscamente as costas, dirigiu para seu cavalo com pernadas firmes e largas, e fez um gesto a Geoffrey, que desceu do cavalo e se aproximou da jovem para sujeitá-la. Ela reagiu revolvendo-se como uma loba enlouquecida apanhada em uma armadilha, embora nem sequer conseguiu que o arqui-diácono reagisse. Mas quando o normando a subiu no lombo de seu corcel, Mary deixou de lutar e, quase sem fôlego, exclamou:

— É exatamente como dizem! Não te importa ninguém que não você seja mesmo, não te importa nada mais que o poder! Está cheio de ambição!

Stephen fez girar a sua montaria de um modo tão brutal, que o animal recuou. Estava pálido e tinha as mandíbulas apertadas. Cravou as esporas no cavalo para que avançasse e se aproximou perigosamente dos pés de Mary, calçados com sandálias. Ela não se moveu apesar de que estava tremendo. Inclusive Geoffrey, que a sujeitava com firmeza,



ficou tenso e a afastou um tanto, estreitando-a mais contra si. O corcel dançou diante dela, e seus cascos, grandes e ferrados, passaram a escassos centímetros dos pés.

— Minha ambição agora me dita casar contigo — informou Stephen com os olhos brilhantes. — Uma união que terá lugar, princesa, apesar de seu desagrado.

Abatida, Mary se apoiou sobre o peito de Geoffrey. Tinha o rosto completamente pálido e os olhos cravados no irado rosto de Stephen.

Ele agarrou as rédeas de seu cavalo, fazendo girar ao animal. Logo levantou a mão para fazer um sinal a seus homens, e um instante mais tarde a jovem se viu assentada escarranchada na montaria de Geoffrey em meio de uma cavalgada tumultuosa, prisioneira uma vez mais.

Mary foi enviada à sala das mulheres assim que Stephen a levou de volta para Alnwick. Tinham transcorrido várias horas desde seu fracassado intento de escapar e, apesar do confinamento, tinha chegado a seus ouvidos que um grupo de cavaleiros tinha deixado o castelo com a orgulhosa bandeira de Northumberland desdobrada. A jovem não albergava a mínima dúvida a respeito de que tinham enviado a aqueles homens em uma missão relacionada com seu destino.

Teriam enviado aqueles homens à Escócia para falar com Malcolm? Informariam-no em algum momento da noite de seu paradeiro e pediriam que a entregasse em matrimônio a seu inimigo? Seria seu destino converter-se na esposa de Stephen? Não. Nunca ocorreria. Seu pai odiava aos Warenne, e embora pensasse que tinha sido violada, jamais consentiria aquela união.

As sombras da noite enchiam tudo e o vento uivava. Talvez fosse o prelúdio de outra tormenta. Lágrimas ardentes amontoaram atrás de suas pestanas. Apoiou a bochecha contra o frio muro de pedra e uma idéia a fez estremecer, e se estava esperando um filho?



A angústia da jovem cresceu, mas fechou os olhos, negando-se a chorar. Não podia ter ficado grávida, e não devia fantasiar na imagem de si mesma embalando entre seus braços a um recém-nascido de cabelo escuro.

O coração pulsou com mais força. Estavam em um jogo muito parecido ao xadrez. Devia prever e antecipar o próximo movimento de seu captor. Sabia qual ia ser. Não teria piedade em seu intento de deixá-la grávida. Se o fazia, poderia persuadir Malcolm para que aceitasse à aliança. Mary não acreditava que seu pai permitisse que carregasse o estigma de um filho bastardo.

Abraçando a si mesma, pensou que o bastardo a visitaria aquela noite e que seguiria fazendo-o até que ficasse grávida. Recordou à perfeição seu corpo rígido apoiado contra o seu, penetrando-a e fazendo-a arder. Seria capaz de resistir a que fizesse amor agora que conhecia o que estava em jogo?

Estava nervosa e afligida por todo o ocorrido, e os sons procedentes do salão no piso inferior não a tranquilizavam. Ao parecer, um grupo de artistas ambulantes tinha chegado ao castelo justo antes que anoitecesse e tinham estado entretendo o senhor e a sua gente toda a noite com suas vozes, seus alaúdes e sua alegria.

Em um par de ocasiões, Mary tinha escutado o estrondo da risada de Stephen e havia ficado furiosa. Não estava preocupado, Oh, não. Ao contrário. Mostrava-se agradado pelo rumo dos acontecimentos.

Ela ficou um bom momento ao lado da janela, abraçada a fria parede de pedra. E quando por fim fez silêncio no salão, a jovem sentiu crescer a tensão na boca de seu estômago. Em pouco tempo, Isobel retornou ao quarto. Não falou. Ainda estava zangada por ter sido utilizada e Mary estava muito desgostada para se aproximar dela. A menina tirou a roupa e se meteu na cama, ocupando-a por inteiro quando se supunha que deviam compartilhá-la.

A chuva caía com muita força, era o único ruído que se ouvia no castelo. Isobel parecia dormida. A jovem não fez nenhuma ameaça de acender as moribundas velas e seguiu escutando o ritmo desconexo e rápido das gotas de chuva ao cair, um ritmo não muito distinto ao de seu coração. Também tentou escutar passos por cima daquele som,



mas só ouvia a chuva. Abatida, tratou de pensar como seria sua vida como senhora de algum castelo pequeno e isolado no norte, onde os porcos e as ovelhas ocupassem o salão. E se imaginou indo às festas locais, nas quais se reuniam os grandes clãs, com seu marido sem rosto a seu lado e o coração fundo. O orgulho era um pecado, mas ela não estava muito segura de ser capaz de perder o seu. A idéia de semelhante matrimônio a horrorizava. Era muito mais fácil imaginar-se como a próxima condessa de Northumberland, mas, assustada de si mesma separou de sua mente um pensamento tão perturbador.

Não soube quanto tempo esteve ao lado da janela, consumida pela consternação, o medo e a raiva. Tudo era culpa de Stephen. Como o odiava!

De repente, escutou o som de uns passos e todo seu corpo ficou tenso. Reconheceu imediatamente as pisadas do normando aparentemente suaves e ficou sem respiração. Com lentidão, separou-se da janela e olhou através da escuridão para a porta.

Recordava com muita clareza o incrível prazer que tinha experimentado entre seus braços, cada uma de suas carícias manipuladoras, cada beijo. E, a contra gosto, os joelhos tremeram ao rememorar o que sentiu ao tê-lo dentro dela, duro e quente.

Mas ele não entrou.

Transcorreram compridos e intermináveis minutos, mas não entrou. Não ia entrar. Mary jurou que não estava desiludida. Não se moveu, não podia fazê-lo até ter recuperado os sentidos e o controle das pernas. Finalmente avançou cambaleando pelo quarto, esgotada, e se arrastou até a cama que compartilharia com Isobel. Ficou em um extremo. A envergadura de suas preocupações a afligia. Na noite se materializavam os monstros, monstros da solidão, da impotência e do medo. Monstros de desejo. Colocou-se de flanco em posição fetal apertando as pernas, e levou o punho à boca. Como era possível que por um lado se sentisse como uma menina da idade de Isobel, perdida e desesperada por encontrar o caminho de casa, e ao mesmo tempo como uma mulher capaz de morrer de desejo por um homem?

Por último soluçou com suavidade.



Depois de um tempo dormiu, esgotada. Seus últimos pensamentos foram os de um castelo desmantelado com uma só habitação, cheio de porcos e ovelhas. E embora não tivesse o direito de estar ali, também aparecia seu seqüestrador, Stephen de Warenne.

— Não parece que tenha tido boa noite, irmão — assinalou Brand ao ver entrar Stephen no grande salão.

Em efeito, o normando não tinha conseguido dormir. Não tomou assento na larga mesa de cavalete, a não ser em uma cadeira que havia frente ao fogo da lareira.

— Por que não está na capela com outros? — Seu tom de voz era amargo.

— Sigo seu exemplo. — Brand sorriu e ficou em frente a ele, apoiando um quadril contra a parede. — Além disso, esta manhã devo retornar a Londres, como sabe.

— Não diga nada da princesa — ordenou Stephen. — Mais adiante, se Rufus o perguntar, pode alegar que partiu antes que soubéssemos sua identidade.

— Será melhor para eu guardar silêncio — concordou com gesto sombrio. — Enviará Geoffrey para que conte a nosso pai a notícia da captura da princesa?

— Sim. Viajará contigo. — Stephen deixou cair a cabeça entre as mãos e suspirou. Estava esgotado, uma sensação muito distinta ao desalento que com tanta frequência sentia na alma e que parecia ter crescido durante a noite. — Tome cuidado — advertiu a seu irmão.

Brand era um dos cavaleiros da casa do rei, e era importante que se mantivesse leal a seu soberano como faziam os homens de honra, sem pôr em perigo os interesses de Northumberland. Caminhava por uma perigosa corda frouxa.

Geoffrey informaria a seu pai da captura de Mary e o conde procedería como pensasse que era melhor.



— Não se preocupe — disse Brand muito sério. — Nosso pai estará de acordo em que é muito melhor que case com Mary em vez de com a herdeira de Essex. E se houver alguém que pode convencer o rei, esse é ele.

— Esse ponto não me preocupa muito, embora Rufus pode chegar a ser muito difícil — respondeu Stephen apertando os lábios ao pensar no rei.

— O que te ocorre? — perguntou seu irmão em voz baixa, com uma sombra de inquietação nos olhos.

— Vai me deixar louco — confessou no mesmo tom de voz, cruzando o olhar com seu irmão.

— Isso me parecia. — Brand sorriu então e deu uma palmada no braço. — Não tenha medo. Antes do que imagina a terá em sua cama sempre que quiser.

— Isso é só parte do assunto — murmurou Stephen. — Te deste conta de como me odeia?

— Atreveria-me a dizer que na cama não te odeia.

— Por alguma razão, essa idéia não me tranquiliza.

— Chegará a te aceitar. Não terá opção.

— Tem o sentido de honra como o de um homem! Nunca tinha ouvido falar de uma mulher assim. Acredita que falhou a seu rei!

— Sim, eu o ouvi — admitiu Brand. — Tenho que reconhecer que é algo pouco habitual.

Uma sombra cruzou o rosto de Stephen.

— Estou cansado de lutar contra intrigas e maquinações, irmão. Ontem à noite caí na conta: escolhi me casar não com uma companheira, a não ser com uma inimizada cheia de ódio.

— Isso mudará quando pronunciar os votos.

— Você acredita? Ou será como ter para sempre uma víbora entre nós?

— Mudaste de opinião? — Perguntou Brand em voz baixa.

Stephen deixou cair a cabeça para trás e emitiu um som amargo.



— Oh, não! Valorizo muito mais a paz que ela pode trazer algum dia que a riqueza do dote de Adele Beaufort. Mas Brand, estou tão cansado...

Seu irmão o olhou com simpatia.

— É o herdeiro de nosso pai e casar com a princesa escocesa é a melhor aliança que pode conseguir para Northumberland. — Brand não disse nada em relação às contrapartidas. Estar cansado ou que doesse o coração tinha pouco que ver com o dever.

— Sei de sobra que tem razão — disse Stephen finalmente.

Mas seu sorriso resultou pouco convincente. Não havia verbalizado seu maior temor. Se Mary se aferrava a seu sentido do dever, seria sempre sua cativa. E ele recordava muito bem o que era estar a mercê de homens poderosos em circunstâncias adversas. Recordava muito bem o que era se sentir indefeso e prisioneiro.

Mary despertou ao amanhecer. Isobel já não estava, sem dúvida teria levantado cedo para ir à missa matinal com o resto dos habitantes do castelo. A jovem sentiu uma pontada de culpa. Necessitava a ajuda de Deus, e não faria nenhum bem perder mais missas.

Não podia suportar seguir um instante mais naquele quarto, nem ficar a sós com os pensamentos como os que tinha tido na noite anterior. Tinha dormido vestida e se aseou o mais rapidamente possível, utilizando para isso uma jarra de água destinada a tal efeito. Logo penteou o cabelo. Quando se preparava para baixar as escadas escutou vozes masculinas no piso de abaixo. A família e o pessoal do castelo estavam entrando no salão para tomar o café da manhã.

Mary elevou o queixo com os olhos brilhantes. Tinha dormido algo e isso tinha sido bom. Também viria bem enfrentar a seu seqüestrador, que o desafiasse inclusive. Seria muito melhor que permanecer sozinha no quarto, dando voltas num futuro escuro e tenebroso ou à guerra sangrenta que decidiria seu futuro.



Com esse pensamento baixou as escadas e entrou no salão. Seu captor não estava ainda na mesa, mas muitos de seus vassalos se encontravam ali. Stephen estava em frente a lareira, uma lareira tão grande que o suporte chegava ao queixo. Ao ouvi-la, girou bruscamente. Seu escuro olhar fez que Mary parasse, incapaz de afastar a vista. Ao ver que se aproximava dela sentiu que a tensão crescia em seu interior. Ia vestido com meias negras ajustadas e botas de meio cano com esporas, uma malha marrom escura e uma elegante túnica negra em cima. Ambos os objetos estavam confeccionados em lã da melhor qualidade, e tinham pequenas bandas bordadas negras e douradas nos extremos, das mangas e do pescoço. O cinturão era de couro negro e pesado, e o único adorno se constituía no fechamento de ouro rematado com umas quantas pedras preciosas. A jovem percebeu que Stephen não se importava muito com sua aparência. Entretanto, a simplicidade de sua vestimenta fazia que as pessoas não se fixasse na roupa, a não ser no homem.

— Bom dia. Alegra-me que tenha decidido se reunir conosco para tomar o café da manhã.

— Eu não gosto de estar encerrada — repôs Mary com secura.

— Ninguém gosta. — Stephen a pegou pelo braço, mas a jovem se afastou ao sentir seu contato e caminhou para a mesa. — Não está encerrada. Por que não quis descer ontem à noite para jantar?

Mary ficou tensa. Estava aborrecido, mas dissimulava sob um verniz de educação.

— Não tinha fome, normando. Quem pode me culpar?

Ele a olhou fixamente e guardou silêncio durante um comprido instante.

— Vejo que uma noite de descanso não serviu para domar seu espírito.

— Acreditava que uma só noite me faria mudar de opinião?

— Confiava em que visse que nossa união é inevitável.

— Não tem nada de inevitável! — Espetou.

— Está segura? — Stephen tinha parado.



Mary sentiu como ardiam suas bochechas. Ele deslizou o olhar por seu corpo, despindo-a abertamente com os olhos. Tinha agarrado-a pelo braço, e sua mão, grande e cálida, sujeitava com firmeza o pulso. O ar entre eles vibrava.

— Ninguém pode desafiar ao destino — assegurou seu captor com suavidade.

A jovem puxou o braço uma vez para escapar, mas não o conseguiu.

— Você não é meu destino. Que arrogante é para acreditar em algo semelhante!

O olhar do normando, escuro e enigmático, punha a prova o da jovem que, ruborizada, se viu obrigada a afastar a vista.

— Se pensa — sussurrou quando por fim conseguiu falar — que por ter me rendido em sua cama é um sinal do destino, então é que ficaste louco!

— Acredito que esqueceste o que sente ao estar debaixo de mim — respondeu Stephen muito devagar.

Mary sobressaltou. Não tinha esquecido o que a tinha feito sentir na cama, nem tampouco seu próprio comportamento. Desta vez sim, teve êxito em soltar a mão.

— Como se atreve a me falar desse modo.

— Digo a verdade. Não esqueci a suavidade de sua pele, Mary, nem tampouco seu sabor — confessou em tom baixo e íntimo. A jovem ficou paralisada. Estava paralisada pela lembrança de sua boca deslizando-se por suas coxas, perigosamente perto do ponto que as unia.

— Logo a recordarei seu destino com algo mais que palavras — prometeu ele com um sorriso.

Mary se esqueceu de respirar. Abriu a boca, mas não entrou ar. Perguntou-se o que teria impedido-o de levá-la à cama na noite anterior. Não tinha sentido.

— Vamos — disse em tom sedutor. — Já discutimos o bastante.

A jovem se forçou a sair de seu atordoamento, permitiu que a guiasse até a mesa e tomou assento no estrado como convidada de honra de Stephen.

— Os prisioneiros não comem na mesa baixa? — perguntou finalmente em um débil intento de enfrentá-lo.



— Você não só forma parte da realeza, mas também, além disso, logo será minha prometida e como tal a tratarei — indicou o normando com voz pausada antes de cortar uma fatia de pão branco recém assado e uma parte de carne fria da noite anterior.

Mary mal via a comida nem o que estava fazendo. Geoffrey tinha tomado assento a seu lado e se sentia encurralada. Embora não tocava fisicamente em Stephen, sentia o calor de sua perna contra a sua.

— Já disse que meu pai nunca me entregará a você — assegurou com brutalidade.
— Me quer muito para me sacrificar assim.

— Seriamente? — Perguntou-lhe depois de uma longa pausa.

Mary ficou tensa. A julgar por seu tom, Stephen duvidava de suas palavras, e isso a enfureceu.

— Claro que sim! Assim recorda o que disse, normando, no caso de logo se esquecer quem tinha razão e quem estava equivocado.

Os olhos de Stephen brilharam. A jovem percebeu que em sua raiva se inclinou para ele e se afastou imediatamente. Reconhecia o brilho de seus olhos. Não tinha nada que ver com a fúria, a não ser com seu desejo por ela. Por que não tinha ido procurá-la na noite anterior?

— Ainda pensa em ganhar esta batalha?

Stephen tinha uma adaga na mão, uma adaga comprida e letal que não estava concebido para comer, e a utilizou para cortar o pão com um rápido movimento que ela não foi capaz de seguir. Logo cravou a fatia e a ofereceu.

— Se isso fosse possível... — disse Mary elevando a vista da adaga para seu rosto.

Como podia um homem tão grande se mover com tanta agilidade! Estava acaso louca ao pensar sequer em enfrentá-lo?

— Não poderá me vencer. Quão único conseguirá será nos cansar a ambos. Vamos, toma o que te ofereço.

A jovem afastou a vista de seus lábios, um pouco franzidos, e fixou na fatia de pão que estendia com a ponta da faca. Negava-se a aceitar sua comida, do mesmo modo que negou a aceitá-lo. Mas a assustava o fato de que fosse tão poderoso. Não podia imaginá-lo



fracassando em algo que decidisse empreender. E agora... agora tinha decidido casar com ela.

Mas Malcolm também era poderoso. Mary estremeceu ao pensar no encontro que logo teria lugar entre ambos, um encontro hostil que com toda probabilidade degeneraria em violência. E então, o que aconteceria com ela?

Casarei-me contigo de qualquer maneira, ele havia dito.

— Não se conformaria com um resgate? — escutou-se suplicar, invadida de uma súbita desesperança.

Stephen não respondeu imediatamente. Estava estendendo de novo a faca, agora oferecendo uma parte de faisão frio. Mary o olhou nos olhos. Estava tratando-a como se fosse sua prometida, sua noiva ou sua esposa. Mas pior que seu desconcertante cavalheirismo era a intensidade que pressentia atrás dela. A mesma intensidade que refletiam seus olhos. Como ia vencê-lo alguma vez se ele podia contornar sua astúcia com tanta facilidade?

— Não. Não me conformaria. Não posso. — Stephen suspirou e deixou o faisão de lado.

As palavras do normando permaneceram entre eles durante um instante. A jovem pressentia seu significado, mas tinha medo de compreendê-lo. Acaso se importaria embora fosse só um pouco com aquele homem? Só durante um instante, Mary se permitiu o luxo de sucumbir a sonhos ilícitos.

— Começará uma guerra — afirmou, libertando-se daquele perigoso pensamento.

Stephen aproximou a faca aos lábios e as palavras de Mary morreram em sua boca. A ponta era larga e afiada, e, antes que soubesse muito bem como o tinha conseguido, tinha o faisão na boca e o estava mastigando, sem que ele a tivesse cotado.

— Não tenho nenhuma intenção de começar uma guerra — murmurou o normando ao mesmo tempo em que cravava uma parte de cordeiro frio. — Trabalhei muito para obter esta paz.

Mary, incrédula, soltou uma amarga gargalhada.

— O que te parece tão gracioso? — Os olhos de Stephen obscureceram.



— Como se não soubesse! — Exclamou ela em voz alta. — Você... um Warenne... interessado na paz. Sem dúvida deve pensar que sou uma estúpida.

— Quais são, segundo você, meus interesses, além de seu doce corpo?

Mary ruborizou. Stephen parecia perigosamente irritado.

— Por que me pede que te diga o que todo mundo sabe?

— Fala — ordenou sorrindo com desagrado. De repente, moveu a faca e lançou aos cães o cordeiro, provocando que os animais se lançassem grunhindo sobre a pequena peça. — O que sabe o mundo de Stephen de Warenne? O que sabe você?

— Sei de sua ambição — espetou tremente, incapaz de resistir a tentação.

Os olhos de Stephen ficaram completamente negros.

— Ah, sim, minha espantosa ambição.

— Sim, é espantosa, porque rege todos seus atos! Sei que a paz é a última de suas preocupações, e que se pudesse, colocaria a seu filho no trono de meu pai!

Stephen lançou a adaga em cima da mesa ao mesmo tempo em que ficava de pé de um salto. A folha tremeu e todos os presentes no salão guardaram silêncio. Mary empalideceu, mas ficou onde estava. Durante anos, Malcolm tinha acusado Northumberland de cobiçar mais terras escocesas das que já possuía. Só havia dito a verdade.

— Nosso filho — esclareceu Stephen com os olhos brilhantes. — Não seria meu filho, seria nosso filho.

Quão único pôde fazer Mary foi umedecer os lábios ressecados.

— Não é tão inteligente como acreditei, milady — disse inclinando-se sobre ela. — Não quero sua desprezível terra. Enchem com dúzias de clãs guerreiros. Eu só procuro a paz. — Mary apertou os lábios com desgosto. — Não me importa o que pense, nem agora nem mais tarde, quando for minha esposa.

Ela conseguiu não se encolher sob seu furioso olhar. Stephen desceu do estrado e chamou a seu assistente, que acudiu correndo. Um instante depois, tinha saído do salão como uma lufada de ar.



Passado o perigo, Mary se permitiu relaxar. No que estava pensando para acusá-lo daquele modo? Enfurecê-lo era um convite ao desastre.

— Chegaria muito longe com um sorriso bonito e boas maneiras, princesa. Mas provocar sua irritação é sem dúvida uma insensatez. — Mary dirigiu o olhar para Geoffrey. — Por que quer pressioná-lo até o limite? — Perguntou o arqui-diácono sério, mas amável ao mesmo tempo.

— A verdade é que não sei — confessou.

— Talvez deveria tomar em consideração o fato de que Stephen sempre consegue o que quer. Se converterá em sua esposa, porque nunca esteve tão decidido a algo. Não é nenhuma estúpida, princesa, assim, sabendo isso, por que não deixa de enfurecê-lo?

Mary olhou a adaga de Stephen, cuja folha estava afundada na mesa até quase o punho. A maioria das mulheres se dariam conta da loucura que supunha desafiá-lo, do inevitável daquele matrimônio e atuariam em conseqüência. Mas ela não era como a maioria das mulheres.

— Como poderia fazê-lo — suspirou cravando os olhos no intenso olhar azul de Geoffrey — quando sei que meu pai, o rei, exige-me fidelidade?

O arqui-diácono apertou os lábios antes que soasse um alarme, interrompendo-os.

Mary sobressaltou. Geoffrey, Brand e todos os soldados que havia no salão ficaram imediatamente em ação. A jovem tinha reconhecido o toque da corneta como uma chamada de perigo e advertência. Agora o seguia o frenético repicar do sino da capela.

— Aos muros! — Gritou Brand dirigindo-se aos homens.

Os soldados saíram correndo do salão. Mary não se moveu. Duas das damas e a babá de Isobel, conduziam à menina para a sala, onde sem dúvida esperariam que terminasse a crise como estavam acostumados a fazê-lo as mulheres.

— Quero ir com meus irmãos! — exclamou Isobel, resistindo. — Sou o suficientemente grande. Quero saber o que está se passando!

— Virá comigo neste instante, juvenzinha — gritou Edith, sua babá, arrastando-a.

Mary tomou uma decisão em um instante e correu pelo salão depois dos homens, sem fazer caso dos gritos que as damas proferiam a suas costas.



Com as saias levantadas até os joelhos, precipitou para a parte exterior do castelo com a velocidade de uma gazela. Chegou aos muros quando Stephen e seus irmãos se dispunham a subir os degraus da torre de vigilância.

Havia muito caos para que alguém se precavesse de que ela estava ali. Mas Stephen girou de repente nos degraus acima, como se algo o tivesse alertado de sua presença. Ao vê-la, seu olhar obscureceu pelo sobressalto.

— Por Deus! Gerard, acompanha à princesa ao interior do castelo agora mesmo e assegure de que fica ali! — Bramou antes de desaparecer da vista da jovem.

Umas mãos fortes agarraram Mary por trás, levantando-a do chão. Ela gritou, revolvendo-se grosseiramente, mas a levaram a rastros até chegar à sala, onde estavam todas as damas reunidas. Ali a depositaram com brutalidade no chão.

Mary cambaleou, furiosa. Com apenas observar uma vez a expressão sombria e irritada de Gerard soube que sua causa estava perdida. Ofegando, girou-se para as mulheres. Todas e cada uma delas, Isobel incluída, olhavam-na com estupor.

— É meu pai! — Gritou Mary. — É Malcolm Canmore, rei da Escócia, que vem por fim me buscar!



Capítulo 8

Se Malcolm Canmore não tivesse levado ondeando a bandeira branca, Stephen não o teria permitido nunca flanquear a impenetrável segurança de Alnwick. Enquanto se aproximava dele à frente de seus homens com a bandeira da rosa ondeando sobre suas cabeças, sentiu-se preso pela emoção. Levava esperando aquele momento desde que soube a verdade sobre Mary e decidiu convertê-la em sua esposa.

Devia proceder com precaução e convencer Malcolm para que entregasse sua filha. Havia muito em jogo. Por fim a paz parecia possível em um horizonte que até o momento tinha estado tingido de sangue, e nada devia impedi-lo de a alcançar.

A aparição de Malcolm não era nenhuma surpresa. Stephen estava esperando o rei escocês, e seus homens estavam preparados para o pior. A suas costas havia duas dúzias de seus melhores cavaleiros armados. E atrás deles, os muros de Alnwick estavam cobertos de arqueiros que poderiam provocar facilmente uma matança no exército escocês se atrevessem a levar a cabo qualquer artimanha. Geoffrey e Brand cavalgavam ao seu lado.

O rei escocês o esperava do outro lado do fosso, encabeçando um poderoso exército de várias centenas de homens. Só um terço deles contavam com cavalos, o resto foram a pé, mas todos estavam preparados para a batalha com espadas, escudos e flechas. Quando Stephen atravessou a ponte com seus homens atrás, Malcolm e três dos seus se separaram do exército e aproximaram trotando a seu encontro.

Stephen tinha estado em Abernathy dois anos atrás, quando Malcolm rendeu comemoração a William Rufus. O rei escocês também tinha jurado fidelidade muitos anos atrás ao pai de Rufus, o Conquistador, rompendo o juramento uma e outra vez quando tinha sido conveniente. Só se inclinou diante de William Rufus em Abernathy por ter sofrido



uma grave derrota e fracassar em seus outros intentos de ampliar as fronteiras pelo sul. Era um homem ardiloso e traidor, e não se podia confiar nele. O normando tinha meditado muito sobre como dirigir aquela entrevista. Embora estava decidido a casar com a princesa, não só necessitava o consentimento de Malcolm, mas também o de seu próprio pai e o do rei, algo que não conseguiria até que Geoffrey chegasse a Londres, falasse com seu pai e este, por sua vez, falasse com o monarca. Estava adotando uma tremenda autoridade ao negociar seu matrimônio, mas tinha poucas opções se queria conseguir seu objetivo de tomar Mary como esposa. Estava disposto a oferecer ao escocês o que pedisse.

Seu pai não o preocupava, confiava plenamente em que ao conde se satisfaria com aquele súbito giro dos acontecimentos. O rei William Rufus era muito menos previsível.

Seria seu pai capaz de convencer a seu soberano? Ao pensar em Rufus, a expressão de Stephen endureceu e seu olhar voltou sombrio. Era um vassalo leal, como exigia o dever, mas isso não significava que gostasse de seu rei, a quem não tinha perdoado nunca sua traição. Em certo modo, aquele menino pequeno e solitário seguia vivo nas profundidades de sua alma. O monarca não tinha mudado nos anos que tinham seguido à chegada de Stephen a corte como refém para assegurar o apoio de seu pai: era traiçoeiro, ardiloso e arbitrário, e atuava com muita frequência por capricho, procurando só seu próprio prazer. Stephen não estava seguro de que William Rufus aceitasse aquele matrimônio. Talvez o divertisse desbaratar os planos dos Warenne, ou melhor dizendo, os de Stephen. Ou talvez vacilasse, compreensivelmente, na hora de unir Northumberland a seu maior inimigo do norte.

Os dois grupos de cavaleiros pararam um de frente ao outro. O normando estava flanqueado por Brand e Geoffrey. Este último desafiava no campo de batalha com sua cruz e suas escuras roupagens. O escocês ia montado em um magnífico corcel castanho e estava rodeado por três homens que Stephen reconheceu como seus filhos.

Malcolm levou devagar sua montarias para diante e Stephen fez o mesmo. O anguloso rosto do rei da Escócia parecia granito esculpido, mas seus olhos azuis brilhavam de raiva.



— O que é que quer, bastardo?

— Nada de formalidades? — Perguntou Stephen.

— Não te burle! Pouco importaram as formalidades quando raptou a minha filha, bastardo!

O normando não se alterou. Era de esperar que seus inimigos seguissem o chamando “bastardo”. Nada podia mudar o fato de seu nascimento. Não era agradável, mas tinha aprendido a ignorar aqueles insultos desde que era um menino.

— Quando tropecei com sua filha vestia como uma aldeã e mentiu dizendo que era a bastarda de um senhor do norte.

Aquilo deixou perplexo ao Malcolm durante um instante. Mas se recuperou igualmente rápido.

— Deus! Ela sempre me surpreende. O que quer de mim, Warenne?

— Uma noiva.

Todos os homens que tinha em frente ficaram paralisados pelo assombro, exceto Malcolm, a quem brilharam os olhos. De repente um deles levou a mão à espada. Antes que tivesse terminado de tirá-la, Brand havia desembainhado também a sua e Geoffrey brandiu rapidamente a sua. Reagiram tão depressa que se produziu um brilho simultâneo de metal. Então, quando Edgar gritou: “Saquem!”, ambos os exércitos tiraram as espadas. A planície se estremeceu com o som metálico de centenas de espadas desencapando-se ao mesmo tempo.

Só Malcolm e Stephen permaneceram desarmados, embora ambos tinham a mão em seus respectivos punhos e os nódulos brancos.

O suor salpicava a testa do normando. Um brilho similar manchava o rosto de Malcolm. A tensão vibrava visivelmente entre ambos os exércitos, fazendo tremer a planície. Ninguém se movia, ninguém respirava sequer, e Stephen sabia que se alguém o fizesse, os dois exércitos se lançariam um contra o outro imediatamente.

— Paz — disse o normando com firmeza, fazendo ouvir sua voz. — Vieste em paz, e eu gostaria de falar em paz.

Nenhum homem embainhou a espada, mas a tensão pareceu aliviar um tanto.



— O modo em que levou a minha filha não foi precisamente pacífico — ironizou Malcolm. — E agora, quer falar de paz?

— Como disse, ia vestida como uma camponesa. Fingiu inclusive o modo de falar e a forma de comportar, e até se atreveu a me dizer que se chamava Sinclair.

— Talvez o mate de todos os modos... Filho de cadela — assobiou o rei escocês entre dentes com os olhos brilhantes.

Stephen se apressou a seguir falando, embora estava claro que Malcolm tinha mais interesse em lutar com ele que em falar de sua filha.

— Talvez ambos possamos tirar desta circunstância o que sempre desejamos.

— Quão único eu desejo é te tirar a vida e seu patrimônio — disse o rei com um sorriso.

Stephen agarrou com força as rédeas. Seu corcel recebeu aquela imperceptível mensagem e começou a mover-se, preparando-se para lutar. Mas o normando queria evitar a toda custo uma batalha. Seu objetivo não tinha mudado. Pretendia conseguir que Malcolm entregasse a mão de Mary, e faria e diria o que fosse necessário para consegui-lo.

— Terminemos com esta guerra e pensemos no futuro. Unamos a nossas famílias para sempre. Permite que tome por esposa a Mary, e algum dia seu neto estará à frente de Northumberland.

O rei lançou um aterrador grito de guerra, levantou a espada e se lançou contra seu inimigo, provocando que seus enormes cavalos chocassem. A grande espada do escocês, que levantou com as duas mãos, golpeou o pesado escudo que o normando elevou rapidamente. O golpe ressonou com força. Malcolm voltou a atacar outra vez, e outra vez Stephen deteve sua espada com o escudo sem fazer ameaça de elevar nenhuma arma contra ele.

O som do metal ao chocar percorreu a planície. Em ambos os lados do campo de batalha, os homens permaneciam tensos e preparados. Brandindo sem piedade a espada uma e outra vez, o escocês foi obrigando ao normando a recuar. Se Stephen não fosse um dos guerreiros mais poderosos do país, não teria sido capaz de deter aqueles terríveis



golpes. Se o rei tinha êxito, uma única investida podia rachá-lo em dois. Malcolm queria matá-lo.

Se tivesse tratado de sua filha, Stephen também teria tentado matar a seu captor. Mas sabia que o escocês queria acabar com ele porque o odiava. Pouco a pouco, os golpes de Malcolm ficaram mais lentos, como se a enorme espada que brandia se tornasse mais pesada. Ao normando doíam os braços, os ombros e as costas por se defender de cada ataque, inclusive tinha as mãos ressentidas de sujeitar com tanta força o escudo. O suor que interferia sua visão também empapava Malcolm, cujo rosto estava quase púrpura pelo esforço. Finalmente, o rei da Escócia tentou levantar a espada e falhou. Sem forças para sustentar sua arma, deixou-a cair.

— Luta, maldito seja! — Ofegou o escocês.

— Não o farei. Pensa, Malcolm Canmore, pensa! Não permita que seu ódio interfira em sua inteligência. Podemos unir nossas famílias e beneficiar a ambos!

Com os braços destroçados, sentindo como se os tivesse arrancado das rótulas, Stephen colocou de novo o escudo no ombro sem deixar transparecer a súbita dor que o atravessou. Tampouco secou o suor da testa e das têmporas, nem tentou recuperar o fôlego.

— A honra exige que me case com sua filha.

A Malcolm não surpreendeu sua confissão, nem Stephen contava com que o fizesse. Estava claro que tinha dado por certo a ruína de sua filha.

— Está prometida — disse finalmente o escocês ainda sem fôlego.

O normando sentiu uma selvagem satisfação interior. Só o feito de que Malcolm discutisse sobre o assunto era uma vitória... Uma a mais.

— Os compromissos podem se anular — assegurou Stephen.

— Pai — Gritou com o rosto enfurecido Edward, o filho mais velho de Malcolm, ao mesmo tempo em que adiantava seu cavalo. — Antes de seguir com isto, vejamos Mary. Assim saberemos se estiver ilesa... e viva.

Stephen aplaudiu em silêncio a preocupação do jovem por sua irmã.

— Quer ver sua filha? — Perguntou a Malcolm.



— Vá buscá-la — disse assentindo com a cabeça.

O normando não teve que dizer nenhuma palavra, limitou-se a girar um pouco a cabeça. Geoffrey já deu meia volta e se dirigia à ponte elevadiça, que começava a baixar para lhe dar entrada.

O silêncio se apropriou do lugar, se fez mais pesado, interminável. Os cavalos pisoteavam o chão e relinchavam, rangiam os arreios de couro e a brisa sussurrava por cima de suas cabeças. O normando manteve o olhar em Malcolm, consciente de quanto o escocês o odiava... E de quanto estava desfrutando ele daquela confrontação.

Transcorrido um tempo, Stephen lançou um olhar de soslaio a Brand. Não havia sinal de Geoffrey nem da filha do rei escocês. Onde estavam? Sua impaciência se transformou em apreensão. Teria aproveitado Mary a confusão para escapar?

— Talvez esteja morta!

O olhar de Stephen atravessou o jovem que tinha falado, um moço magro algo maior que Mary que estava pálido pela tensão e a angústia.

— Sua irmã não está morta.

— Bastardo, mataria-o com minhas próprias mãos! — afirmou o jovem com ira.

Edward o sujeitou pelo braço para contê-lo.

— Já estão aqui! — gritou Brand com alívio.

Stephen girou na cadeira e desmontou bruscamente, obrigando ao animal a recuar. Geoffrey se aproximava deles a galope sujeitando firmemente Mary. Seu comprido e dourado cabelo ondeava como uma bandeira, estava pálida de medo e tinha os olhos totalmente abertos. Stephen era consciente de que seu medo não tinha nada que ver com a frenética galopada do castelo.

— Sinto — desculpou o arqui-diácono secamente. — Me deu trabalho encontrá-la. Não estava na sala, a não ser na muralha.

O normando cravou o olhar nela, mas a jovem não podia afastar a vista de Malcolm.

— Pai! — gritou antes de girar para Stephen. Parecia aturdida. — Não o mateste — sussurrou.



— Filha, não parece que esteja ferida — disse Malcolm. — Segue sendo virgem?

Não parecia possível, mas Mary, que apenas tinha cor no rosto, empalideceu ainda mais.

— Filha? — O escocês a olhava com dureza.

— Tem-na feito vir para ver se estava sã e salva... ou para humilhá-la? — Perguntou Stephen furioso.

— E bem? — Malcolm aproximou seu cavalo de Mary.

— Não — respondeu ela em uma voz tão baixa que mal se ouviu. Seus olhos estavam cheios de lágrimas não derramadas.

Malcolm girou para seu inimigo com um sorriso duro e perigoso.

— Mackinnon me oferece um grande apoio. Você o que tem para mim?

Stephen ficou tão surpreso que durante um instante não pôde falar. Quando o fez foi com voz áspera.

— Pode que esteja esperando meu filho. — Não olhou Malcolm a não ser a Mary, que continuava imóvel atrás de Geoffrey com o rosto convertido em uma máscara de dor.

O rei escocês permaneceu impassível.

— Sempre pode enclausurar-se.

— Pai? — Sussurrou a jovem sem dar crédito.

— Já é suficiente! — Exclamou Stephen lívido, fazendo um gesto brusco a Geoffrey. — Leve-a agora mesmo.

— Não! — Gritou Mary. Mas já era muito tarde. Geoffrey se afastou a galope.

Stephen estava assombrado. Passaram-lhe pela cabeça as lembranças de seu próprio cativeiro, mas os separou de si com decisão. Não era o momento de se obcecar com seu amargo passado. Não em meio de uma guerra de vontades contra Malcolm em que o prêmio era sua filha.

— Não se deixe levar pelo ódio, Canmore. Há muito que ganhar e você sabe. Uma aliança entre nossas famílias poderia significar a paz.

— Você me oferece a paz? Não a haverá até que tenha recuperado o que me corresponde legitimamente.



Stephen sabia que estava falando de Northumberland, não de sua filha.

— Passaste trinta anos tentando conquistar esta terra, uma terra que William o Conquistador entregou a minha família, uma terra que agora nos pertence. Nunca nos arrebatará Northumberland e deve assumi-lo. Quase é um ancião. Seus filhos são jovens, mas, de verdade acredita que conseguirão o que você não obteve?

— Gostas de falar, normando. — Malcolm esboçou um meio sorriso.

— No máximo pode esperar, antes de morrer, é saber que algum dia seus descendentes herdarão a terra que uma vez, muitas gerações atrás, governaram os antigos reis da Escócia. — Stephen fez uma pausa e acrescentou: — Pensa também no que te é mais querido, e no poder de Northumberland.

Malcolm não duvidou, do que disse Stephen que o ardiloso rei já tinha adivinhado qual ia ser sua oferta.

— O que me oferece — demandou Malcolm — além da paz e seu patrimônio para meu neto?

Para a maioria dos homens, aquilo teria sido suficiente, mas não para o rei escocês, como Stephen já sabia. Tinha chegado o momento de mostrar suas cartas.

— Prometo o apoio de Northumberland para seu filho mais velho — disse Stephen com um sorriso. — Jurarei sobre o que você queira que, quando morrer, verei-o coroado rei de Escócia.

Stephen meditava no que tinha feito enquanto atravessava a torre para entrar no recinto do castelo. Tinha jurado sobre uma Santa relíquia, um saquinho que continha fragmentos da Santa Cruz que o rei da Escócia levava no punho da espada, que utilizaria seu poder para converter ao filho mais velho de Malcolm, Edward, em rei da Escócia. O juramento tinha sido feito em presença dos três filhos do rei e de seus próprios irmãos. Todos tinham atuado como testemunhas e jurado depois manter o segredo.



Stephen não estava muito seguro de que seu progenitor tivesse feito o mesmo juramento. Mas por muito que doesse pensar na morte de seu pai, nada poderia evitar que algum dia ele se tornaria conde de Northumberland. Aquilo lhe dava o direito a escolher a política cujo marco atuaria no futuro. E embora Malcolm já tinha sessenta anos, possuía o coração e a alma de um homem jovem. Se não ocorria algum desgraçado acidente, Stephen acreditava que o rei da Escócia poderia viver muitos anos mais. Qualquer ação que precisasse levar a cabo para cumprir com seu compromisso não teria lugar em curto prazo.

Seus pensamentos giraram para Mary e tremeu de raiva contida. Estava muito mais preocupado por ela que pela promessa que tinha feito de converter Edward no futuro rei da Escócia. Como era possível que Malcolm não tivesse mostrado a mais mínima preocupação por sua filha? O rosto pálido e aturdido de Mary o atormentava.

Desmontou e entrou no castelo. Vários de seus homens o fizeram diante dele. Seus leais cavaleiros sorriam e se mostravam eufóricos por seu êxito. Embora seu juramento era um segredo, suas próximas bodas não. Ao ouvi-los, as damas saíram apressadamente da sala, precedidas por Isobel.

— Onde está Mary? — Perguntou Stephen.

— Está na sala. Não quer sair — informou sua irmã. — O que ocorreu? Por que ficou muda de repente?

Stephen apenas a escutou enquanto passava a toda pressa diante de Isobel. Parou na soleira da sala e dirigiu o olhar para sua prometida. Estava olhando pela janela, com o corpo imóvel e em tensão. Ao normando encolheu o coração. Compreendia muito bem sua sensação de traição e incredulidade.

— Mary? — Chamou-a com suavidade.

Ela estremeceu e girou lentamente a cabeça. Tremia e tinha os olhos cheios de lágrimas que se negava a derramar.

— O que... o que ocorreu?

Stephen vacilou. O que faria sua pequena e teimosa prometida quando contasse qual era seu destino? Não se enganava, não pensava que fosse cair em seus braços.

— Vamos nos casar dentro de quatro semanas — informou com amabilidade.



— Meu Deus! — Gemeu Mary desabando.

Stephen a segurou antes que caísse e a embalou entre seus braços. Tinha visto sua comoção, sua angústia e a entendia perfeitamente. Não estava zangado, estava comovido.

Ao abraçá-la, ela passou da fragilidade da dor a um estado de rigidez e negação.

— Não posso acreditar! — Exclamou enredando os dedos na cota de malha e elevando a vista para olhá-lo.

— Seu pai e eu estamos de acordo — assegurou Stephen em voz baixa.

— Não te acredito! — Mary se afastou. Olhava-o horrorizada e respirava com dificuldade. — Está mentindo!

— Você estava ali. — Doía vê-la tão triste.

— É mentira! — Repetiu Mary. — Meu pai odeia você e sua família mais do que possa imaginar! Deseja Northumberland desde que eu posso recordar! Nunca me entregaria a você, nunca!

Stephen não podia se zangar. Tinha claro desde muito tempo que Mary idolatrava a seu pai. Via-o como a um deus, não como a um canalha. A jovem não podia acreditar que Malcolm tivesse consentido aquela união. E não só a tinha consentido, mas também o tinha feito por interesse, para conseguir suas ambições, nem sequer tinha perguntado uma só vez pelo bem-estar de sua filha. Stephen era um homem que enfrentava à realidade, mas naquela ocasião quis economizar Mary da verdade.

— Não é um engano? — Sussurrou desconcertada, tremendo dos pés a cabeça.

Quão único ele queria era estreitá-la entre seus braços e mantê-la ali como faria com Isobel, mas se limitou a roçar sua bochecha.

— Asseguro-te que não, Mary.

Ela não se afastou. Seu rosto era a viva imagem da desolação.

Querendo ocultar a verdadeira natureza de seu pai, Stephen sorriu com amabilidade.

— Malcolm quis me matar pelo que tinha feito, mas quando soube que possivelmente estivesse esperando um filho meu não teve mais remédio que ceder.

— De... seriamente? — Havia esperança em seu tom de voz.



— Não é necessário que conheça todos os detalhes, mas esta aliança convém a ambos. Faremos que este matrimônio funcione, Mary. Só tem que chegar a aceitá-lo.

Ela não mostrou nenhuma emoção. Stephen sorriu com sensualidade e aproximou mais. Elevou-lhe o queixo com a mão e se inclinou para roçar os lábios com os seus. Foi um beijo tenro, mas o desejo se apoderou dele. Enquanto se abatia sobre Mary, os olhos escureceram e todos os pensamentos amáveis se dissolveram. Mas de repente, a jovem empurrou sua mão e se afastou.

— Não necessito sua compaixão, normando!

— Não sinto compaixão por ti.

— Nem tampouco necessito sua amabilidade! — Os olhos encheram de lágrimas enquanto baixava a vista e observava a evidência de seu desejo. — Sei de sobra o tipo de amabilidade que alberga!

— Mary. — Stephen tratou de tocá-la de novo, mas ela o rechaçou chorando.

— Pensei que economizaria a meu pai o pagamento do resgate te entregando minha virtude, mas parece que quão único consegui é entregar a ti o que mais ambicionava. Nada mudou! Esta união convém a ti, não a mim.

Dito aquilo, deu a volta, tropeçou ligeiramente e partiu.

Stephen fez um esforço por não ir atrás dela. Ele também sabia para onde o levaria sua amabilidade. Mary era uma perita em despertar a partes iguais nele a compaixão e a raiva. Entretanto, também tinha despertado uma entorpecida ternura em seu coração. Uma ternura que não tinha experimentado desde que tinha seis anos.



Segunda Parte

A Princesa da Escócia

Capítulo 9

Adele Beaufort o viu assim que entrou no salão e afastou rapidamente a vista. O arquiidiácono de Canterbury parecia partir pela metade à multidão enquanto caminhava.

A jovem levava naquela época vários meses na corte, desde que fez dezesseis anos, e o preferia mil vezes à existência rotineira que levava em casa de sua madrasta no centro de Kent ou em uma de suas próprias fazendas em Essex. Naqueles momentos a corte estava em Londres, na torre, onde não havia lugar para o aborrecimento. Sempre estava chegando gente, alguns pretendiam fazer-se com o favor de seu soberano, e outros fazer chegar suas mensagens ou petições. Ali, em meio da alegria e a libertinagem, a intriga e o escândalo, entre elegantes cortesãos e suas embelezadas damas, Adele se sentia como em casa.

Quando se casasse com Stephen de Warenne tinha intenção de passar a maior parte do tempo na corte. Como era habitual, estava rodeada de admiradores. Uma dúzia de homens, alguns jovens, outros mais velhos, uns poderosos, outros não, tentavam chamar sua atenção. Não se cansava das divertidas anedotas, dos belos elogios nem da descarada paquera. Quando assim o decidia, recompensava a seus favoritos com um sorriso e um olhar sedutor. Mas Adele não tinha que se mostrar coquete para excitar aos homens, nenhum podia olhá-la e permanecer imune a sua beleza morena e sensual. Era muito consciente disso desde que tinha doze anos.



Entretanto, às vezes pensava que seu prometido era imune a sua atraente beleza. Tinham conversado exatamente em três ocasiões, mas Stephen de Warenne não tinha paquerado com ela nem a tinha adulado, e se no dia que se conheceram não tivesse visto como olhava seus seios e suas largas pernas, teria se perguntado se a ele era indiferente. Aquela única vez a tinha tranqüilizado. Entretanto, se não tivesse estado tão segura de seu encanto, pensaria que não a desejava. E aquilo, simplesmente, era impossível. Adele baixou o queixo e dedicou outro olhar com seus grandes e escuros olhos ao arquidiácono de Canterbury.

O pulso batia com força na garganta, nos seios e nas dobras de sua feminilidade. Era o homem mais atraente que tinha visto em sua vida, e certamente tinha visto muitos. Deus, que formoso era. Seu rosto ovalado estava esculpido com perfeita precisão. Tinha o nariz fino e reto, e os olhos de um azul penetrante. A mandíbula forte e apertada, e as maçãs do rosto altas e marcadas. Seu ligeiro bronzeado o fazia ainda mais atraente. Adele percebeu que assim que ele entrou no grande salão todo mundo se precaveu de sua presença, inclusive os homens.

Era alto, magro e de ombros largos. A jovem se perguntou como seria seu corpo, escondido agora sob o comprido hábito.

Também desprendia força. Não era nenhum prelado mimado e indulgente consigo mesmo. De fato sua história, uma história bem conhecida, era a melhor prova de sua determinação, seu brilhantismo e sua ambição. Adele sabia que o tinham enviado para crescer nos ásperos pântanos galeses com Roger de Montgomery muito antes que se convertesse em conde de Shrewsbury. Montgomery era um dos generais mais hábeis e poderosos do rei William I, igual a Rolfe de Warenne. E durante aqueles anos os dois homens foram amigos, não rivais. Ao decidir enviar o seu segundo filho a Gales, Rolfe estava optando por um território ainda sem conquistar, devastado pelas revoltas e as rebeliões. Geoffrey não se arredou. Era bem sabido que tinha ganhado suas esporas aos treze anos, o mesmo ano que as deixou de lado e se enclausurou.

Ao pensar nisso, Adele estremeceu. Que moço dessa idade tomaria semelhante decisão?



Seu auge tinha sido espetacular porque era o protegido do arcebispo de Canterbury, homem de confiança de William o Conquistador e amigo também de seu pai. Mas não tivesse podido ascender como o fez se não tivesse sido brilhante nos estudos. Em só três anos conseguiu formar parte do pessoal de Lanfranc como assistente dele. Quando seu mentor morreu, era o ajudante mais capaz e de mais confiança do arcebispo. Sua nomeação como arquidiácono chegou poucas semanas antes da morte de Lanfranc.

Adele engoliu saliva, umedeceu os lábios secos e mudou de postura, incomodada. A maioria dos arquidiáconos eram ordenados sacerdotes, mas não Geoffrey de Warenne. Embora não era um caso tão excepcional. O último bispo de Carlisle não era capaz de ler nem de escrever em nenhuma língua, e muito menos em latim. E quando morreu, negou-se a receber os sacramentos. Muitos membros da Igreja se escandalizaram, igual a muitos leigos. Esses mesmos clérigos eram os que desaprovavam Geoffrey de Warenne apesar de ser um homem devoto e de amplos conhecimentos.

A jovem estava convencida de que tinha jurado os acostumados votos de castidade quando entrou no claustro. Mas, os teria respeitado? Não o parecia, porque também transpirava virilidade. Adele ruborizou. Sabia que ela só era uma mais das muitas mulheres presentes que o estavam olhando, cobiçando-o, e que o encontravam fascinante. Não lhe importavam as demais. Não tinha rival, nem na corte nem em nenhum lugar. Mas o arquidiácono não tinha mostrado jamais o menor sinal de que a encontrasse desejável. Adele se perguntou, e não pela primeira vez, se Geoffrey, igual ao rei, não preferiria os homens.

Suspirou. Nunca o averiguaria. Estava prometida a seu irmão, Stephen de Warenne, um dos maiores herdeiros do reino, e ela nunca poria em perigo seu iminente matrimônio.

Estava tão sumida em seus pensamentos que não percebeu que tinha a vista cravada nele até que o arquidiácono girou bruscamente a cabeça para observá-la por sua vez. Durante um breve instante seus olhares se cruzaram. Uma sombra, talvez de desgosto, cobriu o rosto de Geoffrey, que afastou rapidamente a vista e lhe deu as costas.



Adele estava confundida e sem fôlego. Seus olhos se encontraram durante tão breve espaço de tempo que pensou inclusive que o tinha imaginado.

— Está bem, milady? — Perguntou com os olhos entreabertos Henry Ferrars, senhor de Tutberry.

A jovem sentiu desejos de se beliscar por se comportar como uma menina. Tentou se tranquilizar e conseguiu dar uma resposta adequada, mas não tinha a cabeça nem em Ferrars nem em nenhum homem de seu círculo de admiradores.

Geoffrey de Warenne não tinha lhe dirigido jamais a palavra, nem sequer uma saudação educada, apesar de que desde que ela chegou a Londres vários meses atrás, seus caminhos cruzaram meia dúzia de vezes devido a seu compromisso com seu irmão. Ocorreu a ela pensar então que talvez a estivesse evitando, talvez sim a desejasse como todos os outros.

Seu meio-irmão, Roger, que era tão loiro como ela era morena, abriu passo entre as pessoas que a rodeava e a levou a um à parte.

— Seus pensamentos são do mais óbvio.

— Você sempre tão agradável, milorde — espetou, soltando-se.

— O que está fazendo aqui o arquidiácono? — Perguntou Roger fulminando-a com o olhar. — Ouvi que o chamaram. E também que seu irmão vinha com ele.

Adele abriu ainda mais os olhos e ficou paralisada.

— Não refiro a seu prometido, a não ser a Brand.

A jovem tranquilizou. Preferia que Stephen não estivesse na corte. Voltou a posar os olhos no arquidiácono, mas ao observar a expressão de seu rosto ficou imóvel uma vez mais.

— Algo está ocorrendo — disse Roger. Seu rosto refletia tensão. — O rei já não me conta nada. Tenho que recuperar seu favor!

— Então terá que se dedicar a isso, não é assim, Roger?

— E a que você se dedicará, querida irmã, enquanto eu persigo isso?

Adele ignorou a pergunta e sorriu a seu meio-irmão.



— Logo não terá que se preocupar do poder de Rolfe de Warenne nem de seus filhos — assegurou com voz rouca. — Logo serei a esposa de Stephen e estarei a par de qualquer coisa que ocorra.

Roger cravou seu escuro olhar no dela e de repente a agarrou pelo cotovelo e a atraiu com força para si. O salão estava tão abarrotado que ninguém percebeu. Mas embora assim tivesse sido, Roger Beaufort, duque de Kent, não teria se importado.

— Mas, poderei confiar em ti, irmã?

Furiosa, Adele escapou das garras de seu irmão.

— O tempo o dirá, não acredita?

Uma expressão desagradável cruzou o rosto de Roger.

— Não temos tempo, Adele. Meu instinto me diz que algo está ocorrendo. Por que está aqui o clérigo? Por que o rei convocou-o em audiência privada? Por que enviaram Stephen ao norte? Está gerando outra guerra... e eu estou fora?

Adele olhou de novo a seu futuro cunhado, o que provocou que Roger franzisse o cenho.

— Parece fascinada por ele. — Ela sabia que não se referia a seu prometido. — Não é assim?

A jovem estava com o pulso a toda velocidade.

— Todas as mulheres desta sala estão fascinadas pelo arqui-diácono.

— Mas você não é como todas as mulheres — disse Roger.

— Averiguarei o que está passando, querido irmão.

— Tome cuidado — advertiu ele com amabilidade. — Não cometa nenhuma indiscrição. Adele jogou a cabeça para trás, deixando ao descoberto seu comprido e esbelto pescoço, e riu.

— Eu nunca sou indiscreta, querido, e você deveria saber melhor que ninguém.



Geoffrey informou aos meirinhos do rei de sua presença, embora então Rufus estaria sem dúvida a par dela, já que o rei tinha uma boa quantidade de espiões trabalhando para ele. Procurou um lugar na mesa do salão para esperar que o monarca o chamasse, mas não havia nenhum. Cansado da comprida e dura viagem, aproximou-se de um rincão solitário. Não estava de humor para bate-papos banais, e muito menos para que tentassem surrupiar nada. Sua aparição na corte tinha levantado muitas especulações, quase todo mundo sabia que só se apresentava ali quando o convocavam. Como estava esgotado, seus pensamentos se dirigiram para a noite que aproximava. Seu pai tinha várias propriedades em Essex, e uma delas estava justo do outro lado do Tamisa. Geoffrey tinha intenção de passar a noite ali em lugar de retornar diretamente a Canterbury.

Sua segunda e mais importante razão para estar em Londres era falar com seu pai e informá-lo de tudo o que tinha ocorrido em Alnwick, uma necessidade urgente agora que Stephen tinha acertado seu matrimônio com a princesa Mary. A intenção de Geoffrey era falar com seu pai antes de se retirar aquela noite a Essex. De fato, já tinha enviado uma mensagem privada. Sonhava com uma cama quente. Um segundo depois, uma mulher tropeçou com ele, cambaleou e o arqui-diácono a agarrou sem pensá-lo. No momento em que a ajudou a se aprumar e seu corpo suave apoiou um instante no seu, mais duro, soube quem era. Não precisava vê-la para saber. Mas a sentiu, cheirou-a, e seu corpo respondeu em consequência. Ela girou entre seus braços, e, ao vê-lo, soltou um gritinho de surpresa que Geoffrey não acreditou nem por um instante.

Sujeitou-a durante um segundo mais do que requeria a cortesia. De perto era ainda mais bela que de longe. Sua pele possuía uma tonalidade dourada, devido talvez a seus ancestrais mediterrâneos. As sobrancelhas eram como duas asas negras que coroavam seus olhos amendoados. Tinha a boca carnuda e grande e um lunar em cima da comissura do lado direito. Era muito alta, seus olhos estavam quase à altura dos seus, e tinha um corpo luxurioso de grandes seios que sabia luzir com aquele vestido de seda que ajustava como uma luva. Por fim, Geoffrey soltou Adele Beaufort, a mulher que seu irmão estava ainda oficialmente prometido.



— Obrigada — murmurou ela com voz rouca. Seu aroma não era só forte mas também almiscarado. Despertava imagens de noites ardentes e corpos suarentos entrelaçando-se. — Evitastes que torcesse um tornozelo.

— Seriamente? — Perguntou sem devolver o sorriso.

Seu tom desconfiado provocou um rubor na pele azeitonada de Adele.

— Os chãos são muito duros, milorde. Sem dúvida teria me feito mal se não ajudasse.

Geoffrey cruzou os braços, apoiou as costas contra o muro e a observou atentamente. A aquela distância viu como seus mamilos endureciam contra o vestido de seda vermelha e não pôde evitar desejá-la. É que alguma vez ia ser capaz de controlar seu corpo? Mas, que homem poderia fazê-lo ao ter diante de si Adele Beaufort? Era o sonho de qualquer homem, a encarnação do eterno feminino, da tentação pecaminosa e a provocação. Cativado, manteve-se em silêncio.

— É uma surpresa vê-lo aqui — disse a jovem sorrindo e roçando levemente o braço dele.

Geoffrey elevou uma sobrancelha e Adele aproximou um pouco mais. Seu sorriso era imensamente sedutor.

— Está aqui por algum assunto da Igreja, milorde? — Voltou a roçá-lo.

— Se interessa pelos assuntos divinos, lady Beaufort?

— Interessa-me todos os assuntos, milorde — afirmou, batendo as pestanas.

Geoffrey conteve a respiração. Podia imaginar perfeitamente a que assuntos se referia. Alegrou-se de que Stephen não se casasse com aquela jovem. Ele mesmo estava decidido a se manter afastado dela, antes de se deixar levar por seu desejo.

— Se me permitir... — sussurrou ao mesmo tempo em que dava a volta bruscamente.

Embora lutava contra seu corpo em uma batalha interminável, ao final sempre perdia. Quanto antes retornasse a Canterbury, melhor. Inundaria-se por uma única noite no corpo amadurecido de Tarn, uma viúva aberta, sincera e amável. Não era uma escura sedutora, não utilizava enganos, não pedia nada.



Mas Adele Beaufort o agarrou pelo pulso e cravou brandamente as largas unhas na pele.

— Espere! — Geoffrey apertou a mandíbula e girou para ela. — Têm notícias de Stephen?

— Como ia ter notícias dele?

— Não vêm do norte?

— Está bem informada, milady — comentou com frieza.

Adele ruborizou.

— Não é nenhum segredo que Brand esteve no norte, e se os dois chegaram juntos... O lógico é pensar que... — Geoffrey voltou a elevar uma sobrancelha. — A verdade é que... — Tremia-lhe a voz. Os seios subiam e baixavam, e o arqui-diácono se amaldiçoou por não afastar o olhar. — Talvez pudesse me conceder um instante a sós. Poderia... Poderíamos... Tenho que confessar meus pecados.

Geoffrey sorriu sem vontades. Sabia, sem necessidade de que o dissessem, a que pecados se referia exatamente.

— Não parece arrependida, lady Beaufort. O que sim parece é que necessita que a salvem.

O mesmo ocorria a ele.

— Quer... quer me salvar?

— Lady Beaufort, acredito que não nos entendemos.

— Então devemos nos comunicar melhor — sussurrou ela acariciando-o com a mão do cotovelo até o pulso.

Geoffrey estava paralisado, duro como uma rocha por causa do desejo. Não cabia dúvida em relação ao que queria dizer. Todas as mulheres eram proibidas para ele, mas aquela, uma sedutora exímia que procurava conscientemente vê-lo cair, era a pior de todas... e muito mais tentadora. Não queria nem imaginar o que seria possuí-la.

Quando por fim foi capaz de sorrir, fez-o com malícia.

— Já sabe onde está a capela. Não me cabe dúvida de que o padre Gerard estará encantado de escutar sua confissão, se de verdade se arrepender de seus pecados.



Ela cravou os olhos nos seus e se umedeceu os lábios com a ponta da língua. Não era um gesto nervoso e Geoffrey sabia.

— Estou arrependida. Não quer escutar minha confissão?

O sorriso masculino desvaneceu. Também imaginava perfeitamente como seria sua confissão. Sentia-se muito perto de sucumbir a sua sedução.

— Eu não confesso, lady Beaufort — disse com brutalidade.

Estava furioso. Com ela, e como sempre, consigo mesmo.

Adele foi consciente de sua raiva, e, antes que Geoffrey pudesse partir, aproximou mais, bloqueando a saída. As pontas eretas de seus seios roçaram o peito dele.

— Só estava tentando agradecê-lo por ter evitado que caísse, milorde.

Ele riu com aspereza olhando-a de frente. A jovem seguia o agarrando pelo antebraço. Não se moveu, não foi capaz. Entre eles desatou uma corrente de desejo.

— Ambos sabemos que não a salvei, embora o tivesse feito em caso necessário. E também sabemos que não têm intenção de me agradecer. Não cairei em sua sedução, milady.

— Está se confundido comigo. — Os olhos negros de Adele brilharam.

— Não me confundo com você, lady Beaufort. Isso seria impossível.

Toda a sedução que a jovem tinha desdobrado transformou agora em raiva.

— Ao que parece sou eu a que se confundiu. — Geoffrey não respondeu por que suas palavras eram falsas. Adele tinha reconhecido sua inapropriada e enorme luxúria, e tinha visto que, em certo modo, ambos eram exatamente iguais. — Te tomei por um homem apesar do hábito! Mas não o é, verdade? Seguro que você gosta dos meninos!

Esquecendo-se de que estavam em um lugar público, o arqui-diácono a agarrou pelos pulsos e a atraiu para si. Os olhos negros de Adele se abriram de par em par quando sentiu sua rígida ereção e logo converteram em uma tela de fumaça.

O óbvio convite que viu neles devolveu Geoffrey à realidade. Soltou-a, afastou-se dela dando um passo atrás e sorriu com desprezo.

— Não volte a pôr em dúvida minha inclinação pelas mulheres.

— O certo — sussurrou a jovem — é que nunca duvidei dela.



Mas Geoffrey já estava se afastando. Quando a escutou gritar seu nome, apertou o passo e fez um esforço por manter sua determinação. Estava tremendo.

Menos de uma hora depois, o conde de Northumberland foi chamado aos aposentos reais. Igual a todos seus filhos, exalava masculinidade e as mulheres o perseguiam com a esperança de levá-lo à cama, mas ele as ignorava porque amava profundamente sua esposa.

Sua aura de poder era indisputável. Era o poder de um fabricante de reis, de fato assim era como o chamavam a suas costas, tanto seus amigos como seus adversários. Ele encontrava o apodo de certo modo divertido, mas a verdade era que no fundo o agradava. Houve um tempo no que não foi mais que um mercenário, e nunca esqueceria aquela época.

Os aposentos do rei eram os mais amplos da torre, eram quase tão grandes como o grande salão e estavam dominados por uma cama com dossel de madeira lavrada coberta de peles e veludo. Cofres e arcas, repletas com as posses mais apreciadas e valiosas do soberano, alagavam a estadia.

Rolfe aproximou e se ajoelhou diante de Rufus. O rei era um homem alto. Em seu momento tinha sido musculoso e inclusive atraente apesar de seu cabelo cor laranja, agora os excessos haviam afetado seu aspecto e tinham acrescentado mais de uma capa de gordura a sua constituição. Durante um instante, permaneceu sentado indolentemente em uma cadeira o suficientemente grande para suportar seu tamanho e peso e inclusive deu outro sorvo a seu vinho tinto francês. Tinha o rosto ruborizado por seus efeitos e não parecia ter pressa por saudar seu vassalo, mas finalmente disse:

— Levanta, Rolfe.

O conde obedeceu e ignorou Duncan, que estava sentado ao lado do rei mostrando grande interesse.



Duncan tinha crescido na corte com Rufus. Havia mais soldados, mas estavam imersos em uma conversa do outro lado do aposento. Rolfe percebeu que Roger Beaufort não estava presente. Ao parecer ainda tinha que recuperar o favor do rei.

— Como está seu filho Stephen? — Perguntou Rufus com naturalidade. Seus olhos entreabertos contradiziam o tom de voz. Rolfe sabia que o monarca morria de curiosidade.

— Stephen está bem, como sempre.

— Geoffrey me pediu audiência — comentou Rufus dando outro sorvo de vinho.

O conde estava a par daquilo, do mesmo modo que também conhecia a razão.

— Meu filho está desejando lhe mostrar suas contas — murmurou Rolfe.

O certo era que Geoffrey e ele não tinham falado do tema, mas Rolfe não podia dizer outra coisa.

— Se está desejando me mostrar seus livros, então é que se transformou em um homem que não conheço — assinalou William Rufus com ironia.

— O arquidiácono é seu leal vassalo, milorde — repôs Rolfe com um sorriso.

— Só é leal porque não pode me vencer.

O conde decidiu não responder. Conhecia William Rufus desde que era menino. Quando Rolfe lutou em Hastings ao lado de William o Conquistador, Rufus tinha dez anos e fisicamente se parecia muito a seu progenitor, de quem era o favorito. Esperava que fosse também como seu pai em seu interior, mas havia ficado claro que Rufus nunca chegaria a ser o homem que foi William. Sim, era desumano e feroz na batalha e igual de ardiloso para a política, mas tinha carências em muitos outros âmbitos.

O jovem perseguidor se converteu em um rei perseguidor. Acossava a seus nobres e a seu povo. Suas leis e seu sentido da justiça eram duros e ilógicos, e fomentavam o descontentamento e a oposição. Os impostos, que subia a seu desejo para financiar suas numerosas guerras, eram opressivos. Inclusive tinha tido lugar uma rebelião em 1088 ao leste da Inglaterra pouco depois que Rufus subisse ao trono. Tinha contido aquela revolta com uma repressão militar brutal e muitas promessas de bom governo, baixa de impostos e mudança nas duras leis do bosque. A vitória foi muito rápida. Os rebeldes perderam suas terras e se desvaneceram para sempre. Um dos amotinados tinha sido o primeiro duque de



Kent, e grande parte de suas terras foram entregues como recompensa a Roger Beaufort, junto com o título, porque Beaufort tinha jogado um papel vital sufocando a rebelião, igual a Northumberland. Mas não transcorreu muito tempo antes que tirasse o chapéu que as promessas de Rufus eram falsas: as leis permaneceram igualmente ao longo e largo do país.

Rolfe simpatizava com os rebeldes, mas sempre tinha sido cavaleiro do rei. Primeiro do Conquistador, e agora de Rufus. E se vivia para ver o dia, também o seria do filho do Rufus. Mas sua lealdade estava apoiada em razões muito mais importantes que seu estrito código de honra e seu sentido do dever.

William Rufus necessitava a guia de Rolfe, que não se cansava de conduzir o monarca para o caminho de uma administração mais justa e eqüitativa para seus súditos e para o reino. De fato, durante os quatro anos que tinham transcorrido da morte do arcebispo Lanfranc, a tendência de Rufus à arbitrariedade e a decadência cresceu. Lanfranc, igual a Rolfe, tinha tentado guiar moralmente ao rei enquanto viveu. O conde sabia que se separava do rei, Rufus ficaria sob a influência de seus amigos, homens iguais ou piores que ele.

E é obvio, Rolfe sempre protegia os interesses de sua família e de Northumberland, interesses que agora pretendia ampliar como nunca antes.

Rufus despediu Duncan e a outros soldados. Nenhum deles foi capaz de dissimular sua curiosidade, todos e cada um estavam decididos a descobrir o mais rapidamente possível o que era aquilo tão importante do que tinham que falar o rei e Rolfe de Warenne em privado.

Ao partir, Duncan cravou em Rolfe um olhar assassino. O conde se perguntou o que pensaria quando soubesse que sua meio-irmã Mary estava prisioneira em Alnwick. Quando por fim partiram e fecharam a porta, Rufus riu.

— São uns abutres, não é certo? Todos morrem por saber que notícias traz. Temem que te congregate ainda mais comigo e eu te recompense com algo de incalculável valor. O pobre e querido Duncan está a borda da histeria, porque sabe que tudo gira ao redor de suas terras. — O olhar do rei se voltou duro. — Assim me diga, Rolfe, por que nos ficamos a sós? O que está ocorrendo?



— Stephen tem sob seu poder à filha de Malcolm Canmore, meu rei.

Rufus afogou com o sorvo de vinho que acabava de tomar-se.

— Deus! — O conde guardou silêncio deixando que o monarca assimilasse aquela importante notícia. Rufus começou a sorrir. Ruborizado, esfregou as mãos com cobiça. — Miúda sorte. Ah, Stephen, que bem o tem feito! — burlou-se. — Encontrarei a maneira de recompensar a seu filho. Agora Malcolm terá que pagar. O que podemos pedir?

Rolfe não disse nada.

— Responde, o que podemos lhe pedir?

— Um dote.

— E quem será a afortunada noiva?

— Se Stephen se casar com a filha de Canmore, será possível uma paz real e duradoura. Que melhor maneira de recompensar a meu filho? E se houver paz no norte, você poderá se dedicar por completo a Normandia.

Rufus sorriu sem nenhuma sentimento de humor.

— Quer a paz, Rolfe, ou mais poder? É que não se basta com o que tem?

— Traí-lhe alguma vez? Não o apoiei nos momentos de maior necessidade?

— Não te dei mais que a nenhum outro? — Replicou Rufus.

— Minha intenção é proteger a Inglaterra e a você, meu rei.

O sorriso do monarca era amargo e zombador.

— Conheço-te bem, Rolfe, e nunca me enganaste como têm feito muitos outros. Confio em ti mais que em ninguém. Neste atoleiro que chamamos corte, rodeado de tanta cobiça e ambição, você só procura proteger o legado de meu pai. Não é assim?

— Minha intenção é proteger a Inglaterra e a você, milorde, nunca duvide disso — repetiu Rolfe com firmeza.

— Maldição! — Disse Rufus irritado. — Teria gostado de humilhar Malcolm!

— Já foi humilhado, milorde. Não pode estar contente com o giro que deram os acontecimentos.

— Stephen está prometido à irmã de Beaufort — apontou então o monarca.

— Os compromissos podem se romper — respondeu Rolfe com voz pausada.



— E quando Malcolm morrer?

— Quando morra, Northumberland apoiará a Inglaterra, como sempre.

— E quando você morra?

— Meu compromisso é o compromisso de Stephen.

— Assim voltamos para Stephen — murmurou Rufus. — Crescemos juntos, como você bem sabe, mas não nos temos muito carinho — reconheceu com ironia.

— O carinho não significa nada, a honra, tudo. Está duvidando da honra de meu filho?

— Não! — Rufus ficou pesadamente de pé. — Não, não o ponho em dúvida. Nenhum homem seria tão estúpido para questionar a honra de Stephen. Há algum homem que tenha mais que ele? Duvido.

Rolfe o observou. Quando voltou a falar, o fez com voz suave e hipnótica.

— Sempre fui fiel, alteza, tal e como fui com seu pai. Sim, confesso que quero uma paz duradoura na fronteira. Confesso que quero a essa princesa como noiva de meu filho mais velho. Mas você, você obterá a Normandia.

William Rufus ficou quieto e guardou silêncio.

— O que ocorreu faz cinco anos voltará a acontecer. — Rolfe continuou utilizando o mesmo tom sedutor. — Têm muitos vassalos com interesses na Normandia, como Odo de Bayeux ou Robert de Mortain, vassalos que não pertencem só a você, mas também a seu irmão Robert. É uma situação insofrível. Esses barões querem ter um só senhor, não dois. Devem ter um, e esse deve ser você.

A Rufus ardeu o olhar.

— Acredita que não sei do que está falando? Há muitos que ainda conspiram para colocar a meu irmão Robert em meu trono.

— E muitos outros que sabem que é muito fraco para ser rei da Inglaterra. Robert nunca poderia unir a Inglaterra com a Normandia.

Transcorreram vários minutos enquanto se mediam com o olhar. Finalmente, Rufus sentou e se reclinou na cadeira. Tinha o rosto endurecido e sombrio. Não era nenhum mistério o enorme poder que a aliança proposta outorgaria a Northumberland,



nem o potencial desastre que teria lugar se os Warrene apoiassem a Escócia. Tampouco cabia dúvida de que Rolfe falava com sinceridade. E ele deveria estar livre para se dedicar a recuperar a Normandia... se queria seguir sendo rei da Inglaterra.

— Diga-me — disse Rufus de repente. — É bonita?

— A princesa? — A pergunta do rei era estranha.

— Sim, a filha de Canmore. É bonita?

— Não sei — respondeu Rolfe com calma, perguntando-se aonde quereria chegar

Rufus.

O monarca encolheu os ombros subitamente.

— Não há mulher mais bela que Adele Beaufort, e Stephen não estava entusiasmado com ela.

Rolfe guardou silêncio. Não havia nada que dizer. Se seu filho encontrava bonita a sua noiva ou não, era completamente irrelevante.

— Já é suficiente. A idéia eu gosto... e pensarei sobre isto — assegurou Rufus com um sorriso.

O conde assentiu e inclinou ligeiramente.

— Isso é tudo o que lhe peço, senhor.

Mas quando saiu dos aposentos sorria. E um pouco mais tarde, enviou um cavaleiro ao norte com uma mensagem para Malcolm Canmore.



Capítulo 10

Era uma armadilha.

Quando Mary por fim conseguiu se acalmar, já tinha repassado com supremo cuidado o ocorrido e tinha chegado a essa conclusão. Malcolm a queria, e embora não permitiria que sofresse o estigma de dar a luz a um bastardo, também estava convencida de que não a entregaria ao inimigo sem saber antes se esperava um filho ou não. Odiava muito aos normandos.

As palavras que ela tinha escutado, o acordo que parecia que tinham feito, formavam parte de seu ardil. Mary abraçou a si mesma. A noite era fria, mas também sentia um frio terrível no coração apesar de sua certeza.

A jovem estava na janela, olhando a noite sem vê-la. A suas costas, Isobel dormia na cama que compartilhavam. A lua se elevou, cheia e branca. Viu como ascendia e abria passo através de um céu cinza pérola. Centenas de estrelas se desdobraram para acompanhá-la, e a chapeada luz da lua dançou no interior de seu quarto.

De repente, as estrelas perderam brilho. Se ao menos tivesse tido a oportunidade de falar com seu pai a sós... Se a tivesse levado a um à parte, se a tivesse consolado, se houvesse dito que a queria e lhe tivesse explicado no que consistia aquela estratégia...

Mas não o tinha feito. Confiava nela, sabia que era leal e inteligente, igual a Mary confiava em que ao final Malcolm seria mais inteligente que os normandos. Ninguém melhor que seu pai para burlá-los. Tinha lutado contra eles durante quase vinte anos com unhas e dentes, enganando-os para sobreviver e proteger a Escócia. Igualmente agora tinha enganado Stephen de Warrene.



Porque aquela era a única explicação para que seu agora prometido acreditasse de verdade que seu matrimônio se apoiaria em algum tipo de aliança política. Tinham-lhe feito uma armadilha.

Mary recuperou e limpou uma lágrima com a manga. Não havia razão alguma para chorar. Tinha que ser forte, tinha que sobreviver cada dia o melhor que pudesse, com orgulho e fortaleza, e não devia conceber um filho. Era tarde, mas seu seqüestrador ainda seguia abaixo. Aquela noite o salão tinha estado inusitadamente festivo, para desgosto de Mary. Os homens se deram à bebida para celebrar o aparente êxito de seu senhor e se tornaram tremendamente ruidosos. Mas agora o salão estava em silêncio, todos tinham ido à cama.

Exceto Stephen. Mary não podia imaginá-lo bêbado, mas depois do ocorrido deveria está-lo. Aquela era uma oportunidade de ouro. O normando teria os sentidos adormecidos. Encontraria melhor ocasião para enfrentá-lo? Para exigir os detalhes do que tinha ocorrido entre seu pai e ele? Para tranquilizar a si mesma com o que sem dúvida era a verdade?

A jovem vacilou, mas enquanto saía do quarto, o coração pulsava com força. Ele a encontrava desejável. Acaso os bardos não contavam histórias de homens que perdiam a cabeça por perigosas sedutoras? Não seria melhor ser uma sedutora em lugar de uma instigadora? Atreveria-se a adotar semelhante papel?

Tratando de ignorar o calor das bochechas e a rápida palpitação de seu peito, dirigiu ao grande salão. Entretanto, ao parar na soleira lhe ocorreu pensar que estava jogando algo perigoso que acabaria mal para ela.

Tremendo, olhou ao seu redor. O fogo agonizante da lareira ainda brilhava e soava de vez em quando algum ronco. Ao parecer todos os soldados que ficavam no grande salão estavam dormindo. Esperava encontrar Stephen no estrado, mas não havia ninguém na plataforma. Sentindo uma crescente e incômoda angústia, aproximou-se das duas cadeiras em forma de trono que havia frente à lareira, pensando que talvez estivesse sentado em uma delas. Quando as encontrou vazias, Mary apertou as mãos.



Stephen não estava em seus aposentos nem no salão, e ela suspeitava no que andava. Era o que todos os homens faziam a aquelas horas inoportunas: jogar com alguma criada. Mary, consumida como estava por uma súbita ira, ficou imóvel durante um instante antes de girar bruscamente e subir as escadas. Estava fervendo de raiva. Não lhe importava o que fizesse o bastardo. Nenhuma mulher podia esperar fidelidade de seu marido, e ele ainda não se casou com ela nem o faria no futuro.

Stephen não estava bêbado. Nada mais longe da realidade, já que não era um homem inclinado aos excessos. Deixou o candelabro de lado com cuidado. Não tinha intenção de queimar seu próprio estábulo.

— Milorde? — Perguntou a criada, imóvel e sem fôlego.

O normando não estava precisamente satisfeito. A moça não era seu tipo. Em outro momento, sua suavidade o teria satisfeito. Embora gostasse de seu cabelo. Era loiro claro.

Estava possuído pela luxúria. Aquela noite, igual à anterior, tinha sido impossível dormir por causa do desejo não satisfeito. Apesar de ter tentado não fazê-lo, encontrou-se pensando em sua prometida como se fosse um adolescente. Era um homem acostumado a saciar seu apetite quando este nascia. Nunca antes tinha dedicado nem um só instante a fantasiar, nem sequer de moço. Sabia que não poderia passar uma noite mais como a do dia anterior, e levar agora Mary à cama estava completamente desconjurado. Era sua prometida a todos os efeitos embora o compromisso ainda não estivesse assinado. Utilizá-la daquele modo tão insensível seria uma falta de respeito e um abuso ao qual não a submeteria. Em nenhum castelo havia intimidade, e menos em Alnwick. Algum dia seria sua condessa, se a tratava com desdém, criaria um precedente.

Stephen observou à criada que estava sem fôlego diante dele e que o tinha estado provocando toda a noite. Era uma pobre substituta da mulher que desejava. Não



importava. Seria absurdo continuar daquela maneira o mês que faltava até que casasse com Mary. Stephen fez um gesto. Um instante mais tarde a tinha de joelhos, encarregando-a de aliviar sua irritação.

Mary não dormiu até o amanhecer. Já não dava voltas a aquele perigoso jogo de guerra e traição no qual ela era o peão principal. Estava furiosa e ferida, duas emoções que não tinha direito a sentir. Não podia deixar de imaginar Stephen com alguma serva. Não deveria se importar o que fizesse nem com quem, mas que Deus a ajudasse, sim importava.

À medida que a manhã ia adquirindo tinturas cinzentas e aproveitando que Isobel seguia dormindo como uma bendita, a jovem enfrentou os fatos em toda sua crueldade. Tinha pensado naquele homem muitas vezes desde que o viu pela primeira vez em Abernathy. Tinha resultado impossível não recordá-lo, porque ficou impressionada com sua poderosa presença. Embora fosse seu inimigo, a atração esteve ali desde o começo.

Mary desceu da cama e decidiu que isso não importava, prometendo-se a si mesmo não esquecê-lo nunca. O de Abernathy tinha ocorrido fazia muito tempo. Aquela noite tinha demonstrado a profundidade da paixão que sentia por ela, uma paixão meramente política.

Embora Stephen fosse o dono absoluto de seu corpo, não permitiria que fosse de sua vontade. Nunca deixaria que escravizasse sua mente. Seu corpo seria irrelevante. Depois de tudo, como dizia sempre sua mãe, só era feito de carne e ossos. A alma era uma coisa muito diferente. Mas continuava sentindo uma raiva ardente e amarga, e queria contra-atacar. Havia um modo muito claro de utilizar sua atual circunstância a seu favor. Acaso não a tinha acusado ele em uma ocasião de ser uma espiã? Tinha chegado o momento de assumir aquele papel.

Decidida, Mary começou a se assear pensando em quão orgulhoso estaria Malcolm dela. Estava a ponto de sair do quarto, quando a babá de Isobel despertou à



menina. Ainda não tinham dado as seis, a jovem saiu quando Isobel começava a protestar dizendo que não queria ir a missa aquela manhã.

O viu no preciso instante em que entrou no salão. Olhava-a como se não deitou a noite anterior com outra mulher. A ira de Mary renasceu junto com aquela molesta dor no peito.

Tentando ignorar Stephen, aproximou-se do fogo sem saudá-lo sequer, como se não existisse, perguntando-se com que mulher teria deitado e também quando teria a oportunidade de exercer a função de espiã.

— Se aproximar mais as mãos irá queimá-las — disse ele com suavidade aproximando e colocando-se justo atrás dela.

Mary ficou tensa. Stephen não pôde resistir a tentação que supunha ver seu cabelo solto e o acariciou enquanto sussurrava:

— Tem um cabelo precioso, princesa. — Seu tom de voz era doce e hipnótico.

A jovem permaneceu imóvel recordando sua traição da noite anterior. Mas todos os sentidos que possuía eram plenamente conscientes do calor do corpo masculino e do poder que emanava.

— Dormiste bem? — Perguntou enquanto seus dedos roçavam sua nuca.

Ela afastou o rosto.

— Não me toque. E sim, a verdade é que dormi muito bem — mentiu. Mal tinha pregado o olho.

— Por que está tão zangada? — Quis saber, olhando-a fixamente.

— Zangada eu?

— Eu a ofendi de algum jeito?

Mary respondeu com a pergunta que estava queimando-a.

— Você dormiu bem ontem à noite, milorde?

— O certo é que não. E estou seguro de que imagina a razão.

— Oh, claro que sei a razão!

Ele acariciou a bochecha com o dedo indicador e Mary afastou a mão.

Os olhos de Stephen brilharam de modo sedutor.



— Então saberá, princesa, que a única maneira de que eu durma bem é que você esteja em minha cama, e ambos nos tenhamos satisfeito. — O fato de que fosse tão direto a deixou sem palavras. — Está muito zangada, Mary. Por quê? Porque ontem à noite não fiz o que tivesse gostado?

— Mas sim que o fez, não é verdade? — ela o acusou.

— Certamente que não. Se fosse assim você não estaria acordada nem levantada a estas horas, porque não teria podido sair de nossa cama — repôs desconcertado.

Ela ruborizou. Durante um instante imaginou Stephen tomando-a de um modo tão completo, tão absoluto, que tivesse tido que passar o resto do dia na cama. Então recordou que aquela manhã haveria alguma criada em algum rincão em Alnwick nessas circunstâncias. Estava tão furiosa que não saíam as palavras.

— Logo — disse Stephen com suavidade — quando tivermos nos casado, nenhum dos dois terá que voltar a passar uma noite em branco.

— É um hipócrita — gritou Mary incapaz de se conter, esquecendo a prudência.

— Seriamente? — A expressão de Stephen endureceu um tanto.

— Sim, seriamente! — Mary viu como crescia a fúria de seu prometido, mas não se importou. — Na noite passada, justo antes do amanhecer eu descí.

Quando calou, a ira de Stephen tinha desaparecido e sorria agradado.

— Assim veio me buscar — disse tomando as mãos.

— Não pela razão que você acredita! — Exclamou enquanto tentava escapar sem êxito.

Ele parecia divertido e cético ao mesmo tempo.

— Vamos, não irás me dizer que me buscou no meio da noite para conversar.

Aquilo era absurdo. Mary voltou a ruborizar.

— Assim foi!

De repente, o sorriso de Stephen desvaneceu.

— Ah, agora começo a entender o que ocorre. — A jovem tratou uma vez mais de resgatar as mãos, mas resultou inútil. — É obvio que está zangada esta manhã, Mary. Veio me buscar, mas não me encontrou.



Mary deixou de lutar. Sentia uma tremenda dor no peito.

— E ambos sabemos por que, assim não o negue!

— Não o nego. Mas, o que queria que fizesse? Meu corpo ardia por ti.

Mary tentou uma vez mais se libertar, e uma vez mais não serviu de nada. Suas palavras despertaram nela imagens vividas dele completamente excitado, e tentou as afastar.

— Estou segura de que não me dedicou nem um só pensamento enquanto aliviava em sua atraente amante!

— Não posso dizer se era atraente, e se quer saber, só pensei em ti enquanto estava com ela.

A jovem ficou gelada ao compreender que, apesar de estar zangada, ferida e ciumenta, só a presença do normando conseguia que uma maré quente de desejo a percorresse. Inclusive o pulso acelerava com força, fazendo-a sentir-se incômoda. Como podia ele fazer isso naquelas circunstâncias?

— Eu estava lá em cima — disse finalmente, percebendo imediatamente a dor que deixava transparecer.

— Mary, se converterá em minha esposa. Está fora de cogitação que a utilize como se fosse minha amante — repôs assombrado.

Ela esteve a ponto de interrompê-lo, mas Stephen falou com voz profunda e firme, premente inclusive.

— Acredita que não o pensei? De verdade pensa que qualquer mulher pode se comparar com alguém como você? Sabe quantas vezes estive a ponto de subir essas escadas sabendo que não devia? Só minha força de vontade me impediu isso. — Stephen soltou de repente as mãos para embalar seu rosto e Mary foi incapaz de se mover. — Fui discreto. Todos os homens do salão estavam dormindo. Não queria que você se inteirasse. Mesmo assim, agrada-me que esteja ciumenta. — Ela abriu a boca para negá-lo, mas não conseguiu emitir nenhum som. — Quer o impossível, princesa, mas farei o que me pede.

Aturdida, Mary piscou.

— A que... a que se refere? — sussurrou com voz rouca.



— Contarei-me até nossa noite de bodas, já que é tão importante para ti.

Mary cambaleou. Ele a agarrou e de repente estava entre seus braços.

— Entendeste o que acabo de dizer? — inquiriu Stephen.

Apesar da comoção, a jovem percebeu que ele também estava excitado. Pôs as mãos no peito, embora não soube se foi para afastá-lo de si ou para agarrar-se a ele com mais força.

— Sim..., compreendo.

— Está contente? — A expressão de Stephen era quase selvagem.

A jovem assentiu com a cabeça, ainda surpreendida pelo tom que tinha adquirido a conversa e a forma tão surpreendente em que tinha terminado.

— Bem! Sempre tratarei de agradá-la. — Terminou sua frase com um beijo que saqueou em sua boca e a queimou por dentro.

A mente de Mary não parava de repetir aquela incrível litania. Ele acabava de lhe prometer que praticaria o celibato até que se casassem. Celibato... Fidelidade... A cantilena seguia torturando-a quando abriu a boca, lhe dando permissão para afundar o beijo. Mas quando suas línguas finalmente se encontraram, Stephen se afastou, ofegante.

— Sem dúvida perderei a cabeça cada vez que a tenha perto — advertiu com um sorriso que lhe iluminou os olhos.

Em outra época ou em outras circunstâncias, pensou Mary com súbito desespero, um matrimônio como aquele poderia ter tido êxito. Mas não podia ser, porque não haveria bodas. O compromisso era um ardil. E entretanto... Stephen parecia tão convencido... E não era o tipo de homem ao que se pudesse enganar com facilidade.

— Quais foram as condições deste matrimônio? — Escutou-se dizer com voz tensa.

— Não basta saber que seu pai e eu decidimos unir a nossas famílias? — Perguntou o normando. Seu sorriso tinha desaparecido.

— Não. Devo conhecer as condições.

Stephen a olhou fixamente, e logo disse com delicadeza:

— Não recorda que falamos ontem disto?



A jovem teve que lutar para controlar a voz e encontrar as palavras adequadas.

— Por favor, milorde, eu gostaria de saber que é a vontade de meu pai entregar minha mão a você. Além de... — Mary tragou saliva. — Nosso filho.

O normando guardou silêncio. Tinham os olhos entrecruzados, o dele escuro e sombrio, a sua embaçada pelas lágrimas que não queria derramar. Por fim, Stephen disse com gravidade:

— Está me perguntado por assuntos políticos.

— Isto é muito importante para mim.

— Sei, Mary. Sei muito mais do que imagina. Confia em mim. Logo serei seu marido, e daqui em diante serei o único que tenha o direito de te cuidar. Malcolm se mostrou de acordo com a aliança, deixa-o estar.

— Não posso — sussurrou ela. — Tenho que conhecer com exatidão o que se disse.

Stephen a olhou em silêncio durante um instante, e logo perguntou com voz tranqüila:

— Jurará-me fidelidade, Mary?

Ela ficou paralisada. Sabia que devia dizer uma única palavra: Sim. O coração pulsava com uma intensidade aterradora. Nunca tinha gostado de mentir e tampouco o faria agora, assim calou.

A expressão de Stephen ficou sombria e suas palavras amargas.

— Prometi fidelidade, prometi que cuidarei de ti. Mas você não quer me fazer o mesmo juramento.

Mary estava dividida. Havia algo na atitude de Stephen, em seus olhos, que a fazia desejar prometer tudo o que ele pedisse, mas sem dúvida aquilo era uma loucura. Queria conquistar não só seu corpo, mas também seu espírito, e ela tinha jurado que não o permitiria. Porque ao final não haveria nenhuma bodas, estava convencida disso.

Stephen agarrou-a pelo queixo, elevando-o.



— Casará comigo, me receberá em seus braços, criará a meus filhos, atenderá minha casa e cuidará de minha gente quando estiver doente? Me dará seu apoio nos tempos difíceis? Será leal a mim?

Mary gemeu. Naquele momento, frente a ele, sentiu de repente que não estava segura de sua própria resposta. Mas, como era possível? Estava claro a quem era leal. E isso não tinha mudado.

— Tenho que sabê-lo! — Explodiu o normando com um brilho selvagem no olhar.

Ela sacudiu a cabeça enquanto notava que os olhos começavam a arder.

— Jure pelo que mais queira, jure pela vida de seu pai que cumprirá com seu dever para comigo tal e como eu prometi — ordenou Stephen. — Jura-o agora!

A jovem respirou fundo.

— Não... Não posso.

Ele a soltou e Mary percebeu que Stephen estava tremendo.

— Não pode me dar sua palavra ou não me vai dar?

— Não posso.

— E se atreve a me perguntar segredos políticos? — perguntou com frieza. — Tem uma última oportunidade. — A veia de sua têmpora pulsava com força. — Será leal a mim antes que a ninguém, por cima de todos outros?

Mary pensou em não responder, mas, finalmente, disse:

— Não.

Stephen não pôde evitar que seu rosto refletisse a incredulidade que sentia.

— Sou leal a Escócia — sussurrou ela, dando conta de que estava chorando.

De repente, veio-lhe à mente a última imagem do rosto cheio de ódio de seu pai, e pensou em quão orgulhoso estaria dela se pudesse vê-la nesse momento.

— Inclusive quando nos tivermos casado?

— Sim, inclusive depois de nos casar. — Mary rezou para que as bodas não se celebrasse.



Os condes de Northumberland chegaram aquele mesmo dia. Mary estava na sala das mulheres quando se inteirou de sua chegada. As damas saíram correndo para receber a senhora de Alnwick com Isobel à cabeça, gritando de alegria. A escocesa não fez ameaça de segui-las e ninguém notou sua falta. Estava sozinha na sala e sentia uma angústia crescente no peito. Não queria conhecer os pais de Stephen nem naquele momento nem nunca. E sobre tudo não queria conhecer o conde, inimigo pessoal de seu pai.

Mas não tinha escolha. Um momento mais tarde, quando cessou a gritaria no salão, apareceu uma mulher na soleira e Mary ficou automaticamente em pé. Não teve nenhuma dúvida de que se tratava da condessa.

A mãe de Stephen era uma esbelta e formosa mulher de idade indefinida. Tinha posto um vestido de veludo amarelo ricamente bordado até em baixo com fios de múltiplos cores, e uma bandagem dourada com jóias incrustadas marcava a estreita cintura. Seu véu, entre dourado e carmesim, era da seda mais fina, e uma tiara de rubis dentro de um círculo de ouro o mantinha em seu lugar. Tratava-se de uma das mulheres mais impactantes que Mary tinha visto em sua vida, e não só por seu traje. Dos traços de seu rosto se deduzia que era uma mulher de caráter forte, e seus olhos denotavam uma aguda inteligência.

Naquele momento a olhava fixamente, e a jovem pensou se a odiaria e estaria desgostada pela aliança.

— Milady — murmurou Mary.

A condessa elevou uma sobrancelha e a escocesa foi consciente de que lady Ceidre estava observando desde sua loira cabeça até as sandálias azuis que levava postas. À costas de sua futura sogra, meia dúzia de damas que formavam o séquito da condessa, também a olhavam com curiosidade não dissimulada e risinhos afogadas.

— Aproxime, princesa — disse a condessa. Era uma ordem pronunciada com suavidade, mas ao mesmo tempo com firmeza, que Mary apressou a obedecer. — Quero dar as boas-vindas a nossa família. — Lady Ceidre suavizou o tom ao tomar as mãos da jovem.



— Obrigada — respondeu com tensão, percebendo que ela estava dando sua aprovação.

— Quero ficar a sós com a prometida de meu filho — ordenou a condessa.

Suas damas desapareceram entre sorrisos e murmúrios.

— Vamos, nos sentemos e nos conheçamos um pouco — pediu lady Ceidre, tomando Mary pelo braço e guiando-a para um par de cadeiras. — Não tem que ter medo de mim.

— Não o tenho — replicou a jovem quando tomaram assento.

O certo era que estava incômoda. Mas não pela condessa, mas sim porque tinha o absurdo desejo de que pudessem ser de verdade sogra e nora.

— Confio que Stephen a tenha tratado bem. — Mary baixou os olhos, consciente do que se referia a condessa. — Tanto ele como seus irmãos saíram ao seu pai. Se a luxúria o dominou quando encontrou, lamento. — A jovem ruborizou. — Entretanto, todos sabem como tratar a uma dama. Espero que depois se comportasse como um cavalheiro.

Mary pensou na assombrosa promessa que Stephen tinha feito sobre se manter celibatário e algo se contraiu em seu interior.

— Eu... Sim, assim foi.

— É obvio — continuou a condessa, agradada. — Cresceu em uma corte decadente em que a ambição, a intriga e o desejo estavam à ordem do dia. Teve que endurecer desde muito menino. — Seu tom tinha mudado, a tristeza era inegável. — Mas não te equivoque. Dentro dele há uma grande ternura, e estou segura de que uma mulher como você pode encontrar essa parte dele que tanto esconde.

Mary recordou o tom suave da voz masculina, as palavras sedutoras que havia dito aquele mesmo dia e se mexeu incômoda.

— Por que me conta isto?

— Para que compreenda a meu filho, o homem que vai ser seu marido. Para que possa perdoá-lo quando se esquecer de si mesmo.

A jovem não respondeu. Resultaria tão singelo ser amiga daquela mulher, que lhe caía bem... Mas não queria que ocorresse. Sua situação já era o bastante difícil.



— Quando saberá se está esperando um filho?

Mary abriu os olhos de par em par. O rosto ardia.

— Não sou muito regular.

— Isso é uma lástima. Se está esperando a meu neto, me deve dizer imediatamente. — A condessa observou que Mary franzia os lábios. — Acredito que deveríamos falar com sinceridade, não te parece? — Sorriu. — Estou encantada com esta aliança, princesa. Igualmente estão meu marido e meu filho. — Lady Ceidre a pegou pela mão. — Mas você não está contente. Sente-se desgraçada.

A jovem respirou fundo. Estava a ponto de chorar, desarmada pela amabilidade de seu tom.

— Tanto... tanto se nota?

— Muito. É pelo Stephen? Não te agrada?

Mary fechou os olhos. Não devia considerar aquela pergunta.

— É meu inimigo — respondeu com muita calma. A condessa a olhou em silêncio.

— Todos são meus inimigos, milady — afirmou a jovem no mesmo tom.

— Formou-se uma aliança. Desobedecerá a seu pai, o rei?

Não podia responder. Não podia admitir que não haveria nenhuma traição já que ela seguia sendo leal a Malcolm. O que a inquietava era o fato de que a condessa estivesse tão convencida como seu filho de que a aliança fosse ser levada a cabo. Nenhum dos dois era estúpido. Justamente o contrário, ambos eram extraordinariamente ardilosos. E se tinham razão e a que estava equivocada era ela? Então o que? Céu Santo, se as bodas acontecia, se de verdade tinha lugar, o que faria ela?

O conde de Northumberland esperava impaciente a seu primogênito. Sabia que não o encontraria ao chegar, o pai conhecia bem os costumes de seu filho. Até a comida do meio-dia atenderia com seu assistente assuntos administrativos. Depois se ocuparia pessoalmente de suas obrigações, fosse já uma inspeção à propriedade de algum arrendatário ou a instrução de seus cavaleiros.



Rolfe estava impaciente porque via muito pouco Stephen. O certo era que desde que o tinha enviado a corte de William como refém tantos anos atrás, seus caminhos pareciam destinados a divergir em lugar de encontrar. Quando seu filho viveu na corte, Rolfe se viu obrigado a permanecer no norte, defendendo e assegurando suas fronteiras. E quando Stephen retornou a casa, o conde teve que ir a corte para proteger seus interesses daqueles que queriam vê-los destruídos.

Suspirou. Arrependia-se de poucas coisas, mas uma delas era de ter passado pouco tempo com seu filho mais velho. Quando por fim o viu entrar no grande salão, Rolfe ficou em pé, sorrindo.

— Nunca pensei que nosso seguinte encontro seria pouco antes de suas bodas com uma princesa — disse o conde a modo de saudação.

A expressão de seriedade de seu filho desvaneceu.

— Rufus acessou?

— O rei está de acordo.

— Tem meu eterno agradecimento, pai.

O sorriso de Stephen era radiante e Rolfe se sentiu feliz.

— Rufus não tem outra opção se quer recuperar a Normandia. A cobiça marcou sua decisão. Também influiu que já não inclui Roger Beaufort em seu círculo de amizades. Quem por certo, estava furioso.

— Imagino. — Stephen fez um gesto a seu pai para que sentasse e ele tomou assento a seu lado. — Todo mundo está horrorizado e assombrado com esta aliança... incluindo minha prometida — concluiu com uma careta.

— Uma noiva relutante?

— Isso é um eufemismo.

— E como conseguiu o consentimento de Malcolm?

Stephen olhou a seu pai diretamente aos olhos.

— Quando ofereci seu maior desejo não pôde negar. Jurei que veria seu filho mais velho em seu trono.



— E quando eu morrer e Rufus peça seu apoio para colocar Duncan, seu eleito, no trono, o que fará? — perguntou Rolfe.

— Sou seu fiel servidor — respondeu Stephen com frieza. — Por muito que o despreze.

Era a primeira vez que seu filho revelava abertamente seu antagonismo para o rei, e Rolfe estava surpreso. Durante muitos anos tinha suspeitado que o ódio de Stephen era muito profundo, e tinha se perguntado o que poderia ter provocado semelhante hostilidade.

— Você joga um jogo muito perigoso — advertiu.

— Sou consciente disso. Mas não prometi nada que não tenha pensado cuidadosamente. Duncan é muito fraco para permanecer muito tempo como rei da Escócia, e Edward é jovem. Terá seu momento mais adiante. Fiz o que tinha que fazer.

— Não estou repreendendo-o — assegurou Rolfe com um sorriso. — Você fez bem, Stephen.

Seu filho sorriu, ao parecer agradado com o elogio.

— Obrigado, pai.

— Há algumas condições menores: Rufus declarou que a cerimônia deve ocorrer na corte — informou Rolfe em tom enérgico.

— Que sentido tem? — Perguntou Stephen ficando rígido.

— Está claro que deseja humilhar Malcolm ao fazer que as núpcias aconteçam ali. Em qualquer caso, o compromisso pode ser assinado aqui pela manhã.

Stephen assentiu brevemente com um brilho de satisfação nos olhos.

— Rufus tentará provocar Malcolm recordando-o que jurou fidelidade de joelhos. E não podemos esquecer que o rei escocês tem sangue quente.

— Não tema. Asseguraremos-nos de que não cheguem às mãos. Nada vai impedir essa união. — O conde ficou em silêncio durante um instante, e logo continuou. — Rufus também opinou que Mary seja sua convidada na corte até o dia das bodas.

— Por quê? — Perguntou Stephen com brutalidade, ficando em pé com os olhos brilhantes de raiva. — O que pretende demonstrar com isso, o que quer ganhar? Sua



intenção é tê-la prisioneira até que nos casemos? — Nervoso, começou a andar de um lado a outro.

— Não fique agitado — pediu Rolfe.

— Ou pretende alguma traição? O que está jogando agora comigo e com os meus?

Rolfe vacilou. A pergunta queimava-o. Uma pergunta cuja resposta levava aguardando muitos anos, uma pergunta que não se atreveu a formula por medo da resposta.

Mas seu primogênito estava a ponto de casar. Não tinham muitos momentos para estar a sós, e talvez não voltasse a desfrutar de uma oportunidade como aquela.

— Stephen, faz muitos anos que me pergunto por que você detesta tanto Rufus.

— Seu filho se limitou a olhá-lo. Era impossível discernir o que estava pensando. Aquele breve instante de fúria tinha passado. — Há algo que eu deva saber, algo que ocorreu, talvez, quando você foi um menino e vivia na corte?

— Não, pai, não há nada que deva saber a respeito.

O tom de seu primogênito foi firme e tranquilo, e entretanto o conde sentiu como se o tivesse esbofeteado com força. Não pôde evitar pensar que se o passado tivesse sido diferente, se tivessem tido mais tempo, Stephen confiaria mais nele.

— Não permitirei que Mary fique ali só — assegurou seu filho com firmeza. — Permanecerei na corte com ela.

— Alegra-me que deseje acompanhá-la. A princesa e você podem partir para a corte justo depois de se comprometerem amanhã. Eu me reunirei com vocês quando tiver entrevistado o Malcolm para ultimar os detalhes deste matrimônio.

— Não tema, pai. Até que tenhamos casado, penso estar alerta. Sei que haverá muitos interessados em romper esta aliança.

Rolfe pôs a mão no braço dele, com voz grave, disse:

— Seria conveniente que a deixasse grávida o quanto antes no caso de surgirem problemas.

Stephen o olhou fixamente, e logo assegurou com firmeza:



— Enfrentarei aos problemas à medida que vão surgindo. Mas Mary não compartilhará a cama comigo até que tenhamos nos casado.

O conde ficou assombrado, mas, prudentemente, não disse nada. Ali havia muito mais do que parecia. Nunca teria imaginado que seu filho estivesse apaixonado por sua prometida. Tentando ocultar sua satisfação, girou saindo e o deixou sozinho.



Capítulo 11

— É seu irmão, senhor, o príncipe Henry. Solicita vê-lo — anunciou o sentinela.

Rufus franziu a testa. Estava a sós com seu escudeiro em seus aposentos privados, na metade de uma mudança de roupa para a caçada real que aconteceria naquela tarde.

— Despede-o. Não estou de humor para ver meu irmão agora.

De repente, a porta dos aposentos reais abriu. Henry estava na soleira com o rosto decomposto pela raiva e os olhos brilhantes. Atrás dele, outros dois sentinelas tinham empalidecido por aquela interrupção à intimidade de sua majestade.

Rufus olhou fixamente a seu irmão.

— O que significa esta intromissão? Não estou disponível, querido irmão.

— Preciso falar contigo — espetou Henry entrando no aposento.

Era alto e musculoso, como tinha sido seu pai, e era maior mais de um palmo que seu irmão mais velho. A diferença de Rufus, que levava posta uma casaca vermelha debruada com pele de arminho e botas combinando, Henry ia vestido em tons cinza e azuis. Tanto a túnica como o manto manchados de pó falavam de sua precipitada viagem.

— Ouvi um rumor que não pode ser certo.

Rufus suspirou e fez um gesto com a mão. Imediatamente, os três sentinelas partiram, fechando a porta atrás deles.

— Traga-me o manto vermelho, que está debruado de pele de Marta, e meu chapéu dourado e carmesim — ordenou a seu pajem.

O moço, que era jovem e arrumado, desapareceu do aposento para obedecê-lo.

— Diga-me que não é certo — exigiu Henry. Seu atraente rosto estava desfigurado por uma careta. — Diga que não permitiu um compromisso entre Stephen de Warenne e a filha de Malcolm Canmore.

— Está com ciúmes? — Rufus sorriu.



Henry respirou fundo e apertou os punhos.

— Tornaste louco? Perdeu a cabeça por completo? Como pode entregar semelhante poder a Northumberland?

— Um poder que me pertence irrevogavelmente — recordou Rufus, que já não sorria. — Warenne está mais em dívida comigo que nunca.

— Rolfe sim. Mas, e seu filho? Todos sabemos a avaliação que tem de você, irmão. O príncipe estava burlando, sabedor como era dos segredos mais escuros de seu irmão.

O sangue subiu ao já avermelhado rosto de Rufus.

— Não pense que vacilarei com Stephen de Warenne. Se demonstra ser um traidor, sofrerá como qualquer outro. Recorda que tem muito que perder, ao contrário de você, que não tem nada.

Henry fez um esforço por controlar a raiva. Tinha o temperamento explosivo de seu pai, William o Conquistador.

— Foste além de minhas palavras — conseguiu dizer finalmente. — Quem falou em traição? — Perguntou encolhendo os ombros.

Rufus sorriu, satisfeito por estar ganhando aquela batalha.

— Senhor — continuou dizendo Henry com frieza. — Tem que pensar no que está fazendo. É uma loucura entregar a Northumberland semelhante poder. Sobre tudo tendo em conta que a terra em jogo faz fronteira com a Escócia. Stephen governará logo em substituição há seu pai. E se alia com Malcolm contra você?

O sangue voltou a subir no rosto de Rufus.

— Vá... Assim agora quer proteger meus interesses? — Burlou. Entretanto, começou a se perguntar se não teria cometido um engano.

— Assim é.

— Já! — Apesar de sua explosão, o rei não estava se divertindo, porque ambos sabiam que Henry era de fato um homem temível e um grande chefe militar, cuja lealdade era questionável. Em mais de uma ocasião se aliou com o irmão Robert, duque da Normandia, contra William Rufus. Enfrentando irmão contra irmão tinha conseguido a



cidade fortificada de Domfront e o condado de Cotentin. Seu crescente poder poderia ser uma ajuda ou um estorvo, já que a lealdade de Henry podia se comprar a um preço alto. Embora era bem certo que podia recuperar exatamente da mesma maneira. Rufus não era estúpido. Compreendia à perfeição a ambição de seu irmão, e o dinheiro não era o problema.

Guardou silêncio durante um instante e esperou que seu pajem colocasse o manto sobre suas costas.

— Ponha o broche de rubis — ordenou. Logo girou para seu irmão. — Sabe que valorizo sua lealdade — disse finalmente.

Henry guardou silêncio enquanto seu irmão sorria.

— O certo é que pensei em me casar eu mesmo com ela, depois de tudo, em algum momento terei que me casar. Mas — suspirou dramaticamente — parece que Stephen foi incapaz de se conter. Pode ser que esteja esperando um filho dele.

O príncipe não disse nada e se limitou a olhá-lo com semblante sombrio.

— É obvio, isso impede que considere sequer a possibilidade de me casar com ela, já que o herdeiro deve levar meu sangue. — Rufus observou a seu irmão. — Vamos, Henry, seja sincero. É a idéia de meu herdeiro ainda não nascido o que o incomoda ou se trata do compromisso? Vieste para me pedir que entregue a princesa para você? — Fez uma pausa significativa e logo continuou. — Devo confessar que pensei nisso. Apesar de tudo, é meu irmão. Um príncipe e uma princesa fariam um casal perfeito, não acredita? Entretanto, decidi optar pelo herdeiro de Northumberland. Eu o conheço.

— Mas eu sou seu irmão — disse Henry. — Pode confiar em mim.

Rufus elevou uma sobrancelha, incapaz de resistir a lançar outra navalhada.

— Talvez entregue a você à filha de Fitz Albert.

— É a filha de um barão. Logo tem um par de imóveis.

O rosto de Henry estava rígido, o que fez que Rufus risse em voz baixa.

— Tendo em conta que você tem um par de insignificantes propriedades, fariam um casal perfeito.

— Se arrependerá disto — afirmou Henry sem poder se conter.



Muito a seu pesar, o rei sentiu um calafrio de pânico, não confiava em seu irmão nem o mínimo. Parecia muito a seu pai. Tinha chegado o momento de aplacá-lo.

— Há outra irmã. Vive em um convento e ainda é muito jovem para casar.

Henry mostrou interesse imediatamente.

— O rei da Escócia nunca casará suas duas filhas com normandos.

— Mas Malcolm não viverá para sempre. E quando já não estiver, seu reino estará preparado para ser invadido, igual a sua filha Maude. O príncipe o olhou sem sorrir e Rufus sentiu uma pontada de arrependimento por oferecer algo tão grandioso a seu irmão, que podia ser seu maior aliado ou seu mais mortal inimigo.

O duque de Kent tinha uma propriedade no sul de Londres, à beira do Tamisa. Caiado em branco brilhante, o lugar era um claro exemplo da riqueza dos Kent. A imensa porta de entrada era de mogno e tinha o escudo gravado da família. Não havia um salão principal, e sim dois, e muitas habitações, uma luxuosa capela e edifícios separados para as cozinhas, despensas e adegas. No interior, tanto as escadas como as mesas e os bancos estavam fabricados em fina madeira ricamente lavrada. A cadeira com aspecto de trono, reservada unicamente para o duque, estava estofa em veludo carmesim. No piso acima, nos aposentos privados, exóticos tapetes da Pérsia cobriam os chãos e luxuosas tapeçarias de intensas cores adornavam as paredes.

Roger Beaufort estava sentado indolentemente em uma luxuosa poltrona de seus aposentos privados, saboreando um delicioso vinho da Normandia, enquanto sua meio-irmã andava de um lado a outro diante dele percorrendo um tapete de vividos tons avermelhados. O fogo da lareira jogava sobre sua figura sombras largas e disformes, e seus movimentos eram qualquer coisa menos tranquilos, de fato estavam carregados de fúria.

— Não tem nada que dizer? Nada absolutamente? — Adele parou com os braços cruzados ao mesmo tempo em que seus formosos seios subiam e desciam.



— Não eleve a voz.

Apesar de que estava convencido de que a desgraça de sua meio-irmã se devia a atual irritação do rei com ele, estava desfrutando de sua raiva. Poucas vezes Adele se deixava levar por ela.

— Deus, como te odeio! O colocam de lado como se não valesse nada e você não faz nada. Nada!

Roger decidiu afundar um pouco mais a faca.

— Você recebeu meia dúzia de ofertas desde que rompeu o compromisso há uma semana. Henry de Ferrars foi o mais persistente. Não morrerá solteira, querida.

— Deve estar de brincadeira! É um dom ninguém, um dom ninguém!

— Não estou de brincadeira.

— Com quem Stephen pretende casar? — gritou Adele. — Quem pode tê-lo interessado mais que eu? Quem é ela?

Roger tinha um sorriso indolente e observava a sua meio-irmã com interesse.

— Não deveria estar aqui, Adele. Além disso parece que vais atirar a casa abaixo com seus gritos.

Ela o atravessou com o olhar ofegando pela raiva, enquanto jogava para trás o comprido e negro cabelo.

— Você sabe, sabe quem é! Averiguaste-o! — Ele voltou a sorrir e deu outro sorvo a seu vinho. — É um mal nascido! — gritou ao mesmo tempo em que golpeava a taça, provocando que o vinho derramasse pelas meias carmesim e sob o bordado da túnica de veludo de Roger.

Furioso, seu meio-irmão ficou em pé de um salto, agarrou-a pelo pulso fortemente e aplicou no rosto dela um bofetão.

Adele gritou furiosa e revolveu para tentar se soltar. Ele deu outra bofetada para ensiná-la qual era seu lugar e logo a soltou. Raivosa, ela deu um passo atrás. O peito subia e descia pesadamente. Roger percebeu que ela tinha os mamilos tensos. Ele também estava excitado.

— Quem é? — Exigiu saber Adele com a bochechas vermelhas devido aos golpes.



— É a filha de Malcolm Canmore — informou ele com autêntica satisfação.

— Vai casar com a filha de um rei? — Adele abriu a boca, assombrada.

— Sim, casa com uma princesa.

A jovem emitiu um som estrangulado e girou para o fogo. Tremia. Ele aproximou por trás e roçou os ombros dela. Estava tão perto que seu membro rígido roçava o traseiro de Adele.

— Nem você pode rivalizar com uma princesa, querida. Além disso, tenho entendido que é uma beleza.

Adele se separou dele. Não disse nada. Não havia nada que dizer.

* * * * *

Mary avançava ao lado de Stephen em uma preciosa égua branca. Ele montava um corcel castanho de grande tamanho. Seguiam-nos de perto duas dúzias de cavaleiros e, justo atrás deles, um criado levava a bandeira de Northumberland. A rosa carmesim sobre fundo branco, negro e dourado ondeava sobre suas cabeças, anunciando sua chegada à cidade de Londres.

Os sinos da capela real avisaram de sua chegada enquanto eles avançavam com passo tranqüilo para a ponte, que tinham baixado para recebê-los. Possivelmente em outro momento, a Mary tivesse interessado conhecer aquele palácio. Tinha começado a construí-lo William I, o Conquistador, sobre uma antiga ruína romana cujas muralhas originais formavam parte da fortificação. Constava de uma torre caiada de quatro pisos de altura com ameias, e de um grande recinto cercado de muralhas com docas adjacentes. Nas torres tinha soldados e arqueiros vigiando os muros. O cais estava naquele momento tranqüilo, havia muitas barças e pequenas embarcações placidamente amarradas, entre as quais estavam algumas de procedência exótica.

Mary, com um nó no estômago, não viu mais que os muros e a torre. Estava assim desde que no dia anterior ajoelhou na capela de Alnwick para se comprometer formalmente.

O compromisso era oficial. Real. Não se tratava de nenhuma artimanha. E agora estava a ponto de entrar na torre de Londres. Ao observar a imensa fortaleza inacabada, a



jovem começou a tremer ao cair subitamente em conta que Malcolm não poderia libertá-la uma vez que estivesse dentro daqueles inexpugnáveis muros.

Seu destino estava selado. Ninguém tratou de resgatá-la em Alnwick e tampouco haveria nenhum resgate no futuro. Pensar nisso, confiar nisso, seria uma absoluta loucura. Seu compromisso não era nenhum ardil. Seu pai a tinha entregue a Stephen de Warenne sem sequer dizer adeus. Ela não era mais que um sacrifício político.

A dor começou a crescer em seu interior e Mary teve que separar de si aqueles pensamentos. Caso contrário, entraria chorando nos domínios do rei.

Trotaram pela ponte levadiça e deixaram atrás as negras grades da grande porta de entrada que dava acesso ao pátio do castelo. Uma vez dentro, foram rodeados imediatamente de um modo pouco tranquilizador por um grupo de cavaleiros armados que levavam as cores do rei. Ao vê-los, Mary ficou imóvel. Stephen desceu do cavalo, aproximou dela e suas fortes mãos rodearam com força a cintura.

— Não tenha medo — sussurrou, olhando-a nos olhos. — É só uma atuação.

Ajudou-a a descer do palafrén e a recebeu em seus braços. A jovem tremia e ofegava, mas ao perceber que estava entre os braços do homem com o qual casaria em breve, o homem ao qual a tinha entregue seu pai, soltou-se bruscamente.

Enquanto isso, os cavaleiros do rei formaram um círculo ao redor do casal e os separaram de seu séquito.

— Por que nos rodeiam? — sussurrou ela.

Presa do pânico, passou pela cabeça dela que talvez a separassem de Stephen e que não se converteria em sua esposa a não ser em prisioneira do rei. Por muito que odiasse ser a prometida do herdeiro de Northumberland, não era nada comparado com a idéia de que a separassem dele e a jogassem nas masmorras da torre.

Stephen ficou tenso e passou o braço pela cintura para tranquilizá-la. Seu olhar era frio e perigoso, de acordo com seu gesto e seu tom de voz.

— Trata-se só de uma atuação, Mary, uma atuação para mim e para meus inimigos. Não tema, se converterá em minha esposa, não em sua prisioneira. Rufus não



voltará atrás depois de ter dado sua palavra. Nunca enfureceria de tal modo a minha família. Precisa-nos muito.

A jovem não estava tranqüila. Como ia estar? Achava-se rodeada pelo inimigo, ele era o inimigo, e dava igual o que Stephen dissesse, estava claro iriam encarcerá-la. Além disso, não acreditava que ele tivesse confiança em suas próprias afirmações, porque também estava rígido pela tensão e a raiva. Mary se sentia oprimida. As emoções contra as quais estava decidida a lutar ameaçavam consumi-la. Estava verdadeiramente prometida a Stephen de Warenne, em questão de semanas converteria em sua esposa, e em menos de um minuto entraria na torre como “convidada” do rei. E o pior de tudo era que seu pai não tinha esperado sequer saber se estava grávida antes de entregá-la a seu maior inimigo.

Sentia que ia desmaiar. Aflita, fechou os olhos e respirou fundo. De repente, percebeu que estava apertando a mão de Stephen. Ela pensou que apesar do compromisso, ele era sua âncora naquele escuro oceano. Furiosa consigo mesma, com ele, com todos e contudo, soltou a mão dele.

Um homem atravessou a muralha de cavaleiros que os rodeavam e dedicou um sorriso malicioso que iluminou seu belo rosto.

— Stephen, vim saudá-lo em nome de meu irmão, o rei.

O aludido passou o braço pelo rígido ombro de sua prometida e girou para a voz.

— Honra-me, Henry.

O príncipe sorriu e logo se concentrou em Mary. Esta o olhava assombrada. Tinha visto o príncipe em Abernathy, e também tinha ouvido falar dele. Era bem conhecida sua reputação como homem que gostava muito das damas. Inclusive dizia que tinha procriado ao menos meia dúzia de bastardos. Mas Mary chegou à conclusão de que o modo em que a estava olhando indicava mais curiosidade que luxúria. Em qualquer caso, o príncipe a pôs nervosa e ruborizou.

— Bem-vinda à torre, princesa — saudou com amabilidade.

Mary conhecia as normas de cortesia, e por muito que a desgostasse, fez uma reverência que obrigou Stephen a tirar o braço de seus ombros.

Henry a ajudou a levantar-se, tomando seu tempo.



— Uma verdadeira beleza, mais bela inclusive que Adele Beaufort — comentou com ironia.

Ela não tinha esquecido aquele nome odioso. Sem acreditar nas palavras do príncipe, perguntou-se sem poder evitá-lo se a herdeira de Essex estaria na corte. Stephen se manteve em silêncio, mas tomou Mary pelo braço com gesto possessivo e olhou ao príncipe com dureza.

Henry levantou uma sobrancelha e logo riu.

— Não tema. Não somos aliados há anos? Não ultrapassarei.

Stephen dedicou um sorriso sincero.

— Então mudou muito da última vez que nos vimos, meu amigo, porque desde que eu posso recordar você se divertia em avançar nas propriedades alheias.

— Mas não sem convite — esclareceu encolhendo os ombros. — Nunca sem convite.

— Aqui ninguém o convidará — afirmou Stephen sem rancor, mas deixando clara sua postura.

— Seriamente? — Henry parecia divertido e incrédulo. Ao ver que seu amigo se limitava a sorrir, encolheu os ombros. — Vamos — animou estendendo o braço. — Faz frio e sua noiva está tremendo... de frio, é obvio.

— É obvio — acordou Stephen apertando-a contra seu corpo.

Mary mal podia respirar. Detectava uma firme amizade entre ambos os homens, mas também uma estranha rivalidade. Não estariam discutindo por ela! Esteve a ponto de gemer enquanto as têmporas pulsavam com aguda intensidade, sentindo a imperiosa necessidade de ir para a cama e tampar a cabeça com os lençóis.

Subiram pelos degraus de madeira que conduziam à entrada do castelo e chegaram ao salão do segundo andar. Oficialmente pertencia ao guardião da torre e estava a transbordar de damas enfeitadas com seus melhores vestidos e jóias, e de nobres com coloridas túnicas. Também havia cavalheiros que parecia que tivessem estado cavalgando durante dias, a julgar pelo pó e a sujeira que levavam em cima. Havia tanta gente entre aquelas quatro paredes que o calor era insuportável, apesar da chegada do outono. E o



ruído! Mary teria que gritar se tivesse sentido desejo de dizer algo a Stephen, o que não aconteceu. Enquanto isso, ele teve que abrir caminho bruscamente através da multidão, guiando-a pelo salão para as seguintes escadas. Para surpresa da jovem, Henry os deixou ali depois de dedicar outro olhar irônico unido a uma reverência cortês.

Aquele lugar estava mais tranquilo. Aliviada por ter um momento de pausa, Mary massageou as têmporas, que seguiam martelando.

— Aonde vamos? — Perguntou sentindo que o ritmo do coração acalmava.

— Saudar o rei, é óbvio.

O coração voltou a pulsar com força e se sentiu invadida por uma de onda de pânico. No patamar inferior encontraram um grupo de damas que baixavam envoltas em ricas sedas e brocados brilhantes, muito perfumadas e pintadas com pós. Stephen afastou educadamente sem soltar o cotovelo de sua prometida. As damas passaram a seu lado observando-os com olhos ávidos. Uma delas parou e os olhou de frente, provocando que o nó do estômago de Mary, causado pela apreensão ficasse ainda mais forte. A mulher a ignorou. Só tinha olhos para Stephen.

— Milorde — disse com voz rouca e baixa, inclinando-se em uma profunda reverência.

— Não é necessário que incline ante mim, milady — indicou Stephen.

Ela ergueu sem se incomodar em perceber a presença de Mary. Era impressionantemente bela, alta e voluptuosa. Tinha o cabelo mais escuro que a noite e os olhos negros e cativantes.

— Eu gostaria de parabenizá-lo, milorde — murmurou a desconhecida com voz tentadora.

— Isso é muito generoso de sua parte.

Ela deixou cair suas negras e largas pestanas, e o olhou de uma forma que scandalizou Mary.

— Confio em que possamos seguir sendo amigos. — Seu tom era agora ainda mais prometededor, e à escocesa não coube nenhuma dúvida de que seu prometido conhecia intimamente aquela mulher.



A boca de Stephen curvou no que parecia ser um sorriso.

— Como deseja, milady. — Inclinou com brutalidade e em seguida puxou sua prometida, deixando à outra mulher só no patamar. Mary odiou aquela beleza morena. Seu coração pulsou com força e ficou sem respiração. Tinha entendido perfeitamente o trocadilho! A amante de Stephen pretendia continuar com sua relação depois de seu matrimônio.

— Está tremendo outra vez — comentou ele olhando-a.

— Prometeu...

Não foi capaz de seguir falando. Mary sabia que não deveria se importar. Mas importava. Que Deus a ajudasse, importava-se.

O escuro e intenso olhar de Stephen cravou no dela.

— Fidelidade? Assim é, milady. E pode estar tranqüila a respeito.

Algo de sua raiva e daquele inexplicável ciúmes acalmou. Talvez fosse um normando traidor, mas a jovem o considerava um homem de palavra. O que tivesse acontecido entre ele e a outra mulher já tinha terminado.

— Tem que confiar em mim, Mary — murmurou.

Aquelas amáveis palavras, destinadas a tranqüilizá-la, acrescentaram o entristecedor desejo que sentia de chorar.

Tinham chegado a outro salão. Este tinha os tetos mais altos e era muito maior que o do piso inferior. Sem dúvida formava parte dos aposentos reais. Ali só esperavam uns doze homens e o mesmo número de mulheres, conversando de um modo muito menos animado que embaixo. Mary tratou de convencer a si mesma de que não havia motivo para ter medo.

— Os aposentos do rei são por ali. — Stephen assinalou com um gesto uma habitação em que dois sentinelas faziam guarda ante umas portas de carvalho fechadas.

A jovem odiou a si mesma por sua covardia e seguiu seu prometido, contente de que ele estivesse agarrando o braço dela. Ele mudou umas palavras com os sentinelas e um deles desapareceu no interior. Retornou um instante mais tarde e ficou a um lado para que pudessem entrar, escoltados por dois meirinhos.



O rei estava no centro da habitação enquanto um clérigo lia com voz monótona um pergaminho que a Mary pareceu um relatório de contas. Claramente, o rei não estava escutando, mas sim olhava em sua direção com expressão expectativa. Durante um instante, a jovem não viu ninguém mais no aposento, tal era o colorido de William Rufus.

Sua larga camisa era de cor prata brilhante, e sua túnica, do púrpura mais radiante que Mary já tinha visto. Ambos os objetos estavam ricamente bordados com fios de ouro e prata. O cinto de ouro, que media vários palmos e cegava com sua luz, estava encravado de rubis e safiras, e fazia jogo com os sapatos, cujas pontas estavam adornadas com gemas. Também levava várias argolas pesadas, muitos anéis de tamanho considerável e, é obvio, a coroa da Inglaterra.

Três cortesãos escutavam ao clérigo sentados atrás do rei, mas sua atenção concentrou de repente no casal recém chegado. O clérigo percebeu por fim que ninguém estava prestando atenção e foi diminuindo o tom de voz, enquanto Stephen guiava Mary através do salão em silêncio.

William Rufus sorriu. Para surpresa da jovem, não a olhou, mas sim cravou os olhos em Stephen. Mary não o entendia. Elevou os olhos para seu prometido e percebeu que suas feições permaneciam imóveis e ilegíveis, como se estivessem esculpidas em pedra. Quando girou de novo para o rei, viu que por fim contava com sua atenção e que a estava observando de forma fria e intensa. Em certo modo, parecia aborrecido. A jovem sabia que não devia devolver o olhar, mas não pôde evitá-lo dado que era o homem ao qual tinham a ensinado a odiar desde que nasceu.

Tinha ouvido que preferia os meninos às mulheres e que gastava quantidades enormes de prata em seu guarda-roupa. Entretanto, sua aparência a surpreendeu. Exalava poder suficiente para não chegar a resultar cômico. Era muito alto e obeso, e tinha o cabelo e a pele muito vermelhos. Em algum momento devia ter sido atraente, mas fazia tempo que tinha deixado de sê-lo. Tinha os olhos um tanto pequenos embora não havia dúvida de sua perspicácia. E quando por fim sorriu com verdadeiro afeto, percebeu que faltava um dente e que seu sorriso só ia dirigido a seu prometido.

— Bem-vindo, Stephen. Vê-lo é uma surpresa. Só esperávamos sua prometida.



— Seriamente? — Perguntou o aludido com suavidade.

Mary percebeu no instante em que falou, que seu prometido odiava aquele homem. Tinha os olhos cheios de sombras, a boca apertada e em seu tom de voz adivinhava uma sutil ironia.

— Acreditava que enviaria minha prometida sozinha?

O rei encolheu os ombros.

— Alegra-me vê-lo depois de tanto tempo. Faz tempo que não vinha nos visitar e temos muitas coisas de que falar. — Rufus estirou a mão. — Esta noite jantará conosco.

Stephen fincou um joelho, tomou a mão que o rei oferecia e inclinou a cabeça para beijá-la. Entretanto, seus lábios ficaram a um centímetro da pele do monarca, e sua postura, em certo modo desdenhosa, falava do que realmente sentia por seu soberano.

Finalmente Rufus girou para Mary, que aproximou até ficar ao lado de seu prometido, fez uma profunda reverência e ficou nessa posição até que o monarca disse que levantasse.

— Então você é a filha de Malcolm — murmurou. — Por que esperou tanto para casar?

O comentário a irritou, mas pensou que não devia se importar sua condescendência. Quando elevou os olhos, foi consciente de que tinha captado a atenção de todos os homens da sala. Não podia desafiar ao rei da Inglaterra. Desejava responder, mas se conteve.

O olhar de Rufus tinha movido por um momento para o lugar que Stephen ocupava, que permanecia imóvel ao lado de sua prometida.

— Agrada a você, Stephen?

A jovem abriu a boca surpreendida. Que tipo de pergunta era aquela?

O rei continuou falando com tranquilidade, como se ela não estivesse presente.

— Não se parece em nada com Adele. É tão pálida e tão miúda... Poderia passar por um menino se não fosse por seu cabelo.



Mary estava enfurecida. Não dava crédito que a estivesse insultando daquela maneira. Girou para seu prometido, esperando uma defesa. Mas ele encolheu os ombros enquanto que seus lábios formavam uma linha reta.

— Já sabe que eu não gosto dos meninos — replicou Stephen.

— Não... Suas mulheres sempre foram curvilíneas e maduras. — Rufus sorriu pela metade.

Com um tom tão pausado como o do rei, Stephen concordou.

— Então, ela não o agrada? — Os olhos de Rufus brilhavam.

— É a filha de Malcolm. Isso me agrada, senhor.

Mary se sentia doente. Aquele era o golpe final. Apertou os punhos até causar dano com as unhas nas palmas e disse a si mesma que não vomitaria ali a comida, diante de todo mundo.

No curto silêncio que seguiu, Stephen apertou o braço dela tratando de acalmá-la, porque estava tremendo outra vez. Furiosa, a jovem tratou de soltar-se, mas ele a agarrava com tanta força que seus esforços resultaram inúteis. Para seu horror, começaram a arder as pálpebras. Rufus mudou de tema e perguntou a Stephen se tudo ia bem em Northumberland. Mary não escutava, estava muito desolada naquele momento para entender suas palavras. Quão único desejava era sair o quanto antes dos aposentos reais, separar daquele rei horrível, de seu prometido, das certezas que esmagavam seu coração. Mas de repente, Rufus se dirigiu a ela.

— Como está seu pai?

Mary tinha tentado com todas suas forças não pensar em Malcolm, assim não pôde responder nem sequer quando Stephen deu um pequeno apertão nela. Piscou olhando ao rei, decidida a não chorar. Ali não, naquele momento não, por favor.

— Seu pai, princesa — repetiu Rufus como se estivesse falando com uma idiota. — Como está seu pai? Fala francês?

A jovem tentou falar. Mas se abria a boca, soluçaria ou gritaria.

Rufus girou para o Stephen.



— É atrasada? Não está bem da cabeça? Não permitirei que case com alguém que não lhe dê filhosãos.

— Está perfeitamente sã, senhor, só se encontra cansada e, temo, desgostosa.

Mary não atreveu a levantar a vista do chão. Contra sua vontade, umas quantas lágrimas conseguiram abrir caminho e escorregaram pelas bochechas.

— Confiarei pois em seu bom julgamento, já que sempre é acertado. Livre-se dela. Mande-a para os aposentos que compartilhará com o resto das damas que se hospedam aqui. Temos que falar, há muitos temas que tratar depois de tantos anos.

Stephen inclinou sem soltar o braço de sua prometida.

— Senhor.

Saíram do salão sem que Mary fosse consciente de que estava avançando. Caminhava como os retardados que a tinham acusado de ser. Uma vez fora dos aposentos reais, abriu a boca para tomar ar.

Stephen falou em voz baixa com um soldado. Enquanto isso, Mary começou a sentir que esclarecia visão. Não protestou quando Stephen voltou a agarrar a mão dela e o ignorou quando a olhou, observando-a enquanto seguiam ao soldado escada acima.

— Mary?

Ela apertou a mandíbula e não falou. Stephen também guardou silêncio. O guarda informou qual era o quarto da jovem e abriu a porta do mesmo. Mary escapou de Stephen, que a deixou soltar-se, e entrou.

Ele a seguiu, como ela sabia o que faria, e o guarda partiu. Por fim estavam a sós.

— Mary — começou a dizer ele.

Sem poder agüentar mais, ela começou a gritar. Gritou e seguiu gritando com raiva e dor. Sem pensá-lo, elevou o braço e o esbofeteou com todas suas forças. O som de sua mão ao se chocar contra a bochecha masculina ecoou no quarto.

— Parte ! — ordenou Mary. — Parte daqui agora mesmo!



Capítulo 12

Durante um instante, Stephen, igual a ela, ficou paralisado. O som de sua mão golpeando-o no rosto parecia seguir retumbando pelo quarto.

— Mary. — Sua incredulidade converteu em ira o que fez avançar para ela.

— Não! — Soluçou ela elevando as mãos em um gesto de rechaço.

Stephen parou. Tinha notado seu nervosismo desde que entraram no castelo e o havia sentido crescer. Lamentava profundamente ter tido que atuar como o fez diante do rei, mas, conhecendo Rufus como o conhecia, não tinha escolha. O certo era que não a culpava por tê-lo esbofeteado.

— Deixa que eu explique meu comportamento nos aposentos do rei.

— Não! — Afastou-se até que suas pernas chocaram com uma das três camas da habitação. Estremeceu e imediatamente colou à parede, que era o mais longe que podia estar dele.

— Mary — disse Stephen forçando-se a manter a calma e falando como o faria com alguém transtornado. — Não podia mostrar ao rei quão agradado estou com nossa próxima união. Deve confiar em mim. No tempo certo explicarei tudo isso a você, quando tiver assumido nossa união, quando for leal a mim.

— Nunca a assumirei... E nunca serei leal! — Stephen sobressaltou. — Te odeio! — Gritou Mary deixando escapar outro soluço. — Meu Deus, nos vamos casar de verdade!

Stephen a olhou fixamente, pensando se teria ficado louca.

— É óbvio que vamos nos casar de verdade. Isso foi decidido há dias.

Mary gemeu, o que provocou que ele se sentisse impotente. Não compreendia nada.

— Está fora de si. Quando se acalmar...

Sua risada mesclada com lágrimas cortou sua frase tranquilizadora.



— É obvio que estou fora de mim! Pode me culpar por isso, normando? O que pareceria a você ser prisioneiro aqui?

Ele permaneceu imóvel, sem expressão, limitando-se a apertar a mandíbula. O quarto ficou em silêncio enquanto Mary chorava sem fazer ruído.

— Não é prisioneira — disse finalmente Stephen em tom duro. — É minha prometida e logo será minha esposa.

Não tinha terminado de pronunciar aquelas palavras quando ela cobriu o rosto com as mãos. Os ombros dela tremiam, e esta vez, os soluços resultaram perfeitamente audíveis.

Estava claro que era a idéia de casar que provocava a histeria. O que não entendia era por que tinha aquela crise agora e não antes, e só ocorria que a tinha desencadeado o fato de que ele a tivesse humilhado diante do rei. Stephen permanecia imóvel se sentindo culpado, não só pelo ataque que tinha provocado, mas também porque estava obrigando-a a se unir a ele contra sua vontade. Aquele era um fato que não podia seguir ignorando. Era muito diferente de William Rufus?

De repente, sentiu-se horrorizado de sua própria conduta. Mas Rufus não tinha devotado nada mais que perversão, recordou-se, tinha querido utilizá-lo, abusar dele. Mesmo assim, o paralelo o enlouquecia. Entretanto, ele também estava indefeso, prisioneiro de sua luxúria e ambição. Não podia libertá-la e não o faria.

— Não é uma prisioneira — repetiu sem saber se tentava convencê-la ou a si mesmo. — Será minha esposa! Tudo o que é meu passará a ser também seu!

Mary deixou cair as mãos. Tinha o rosto empapado em lágrimas e os olhos brilhavam com raiva.

— Não quero nada do que tem!

Suas palavras implicavam um duplo sentido e o normando assim entendeu.

— Não me obrigue a provar a falsidade do que acaba de dizer. — Stephen inclinou sobre ela quase sem perceber. — Não pode dizer que na cama não queira nada de mim.



— Não, na cama não... — reconheceu. — Porque é um demônio que me enfeitiçou... Mas no resto não estou disposta a nada, e não permitirei nunca que se esqueça disso!

Stephen não podia afastar-se dela mesmo se tivesse querido, aturdido como estava por seu ódio.

— Pouco disposto, desleal... Isso dificilmente importa — assegurou com gravidade. Não haverá volta atrás. — Nos casaremos tal e como seu pai e eu planejamos.

— Não me fale dele! — exigiu Mary.

O normando teve então um ligeiro indício do que tinha provocado nela semelhante fúria e se sentiu consternado.

— Mary, está zangada com Malcolm?

— Odeio-te! — Gritou, separando da parede e lançando-se sobre ele. Surpreso, Stephen a sujeitou enquanto cambaleava para trás. Mary o golpeou com os punhos, provocando que seu captor caísse na cama tratando de abraçá-la enquanto ela seguia descarregando sua ira contra ele. Raivosa por não poder causar dano, curvou os dedos como se fossem garras. O normando deu um coice quando ela fez um forte arranhão ao longo da bochecha dele e não ficou mais remédio que empurrá-la. Ergueu-se, tocou o arranhão e sentiu a textura de seu próprio sangue. Mary abraçou a si mesma, fazendo um novelo e gemeu.

Stephen esqueceu de sua pequena ferida. Como não ia se aproximar dela, apesar do que Mary sentia por ele? Sentou a seu lado, estreitou-a entre seus braços e acariciou o cabelo com ternura enquanto ela chorava descontroladamente sobre seu peito. Como poderia consolá-la? Que Deus amaldiçoasse a Malcolm Canmore! Demônios, que o amaldiçoasse a ele também!

Ao perceber que a estava abraçando, a jovem ficou tensa, levantou-se com rapidez e se afastou.

— Isto é tua culpa!



Stephen abriu a boca para se defender, mas recordou que a tinha raptado e seduzido e voltou a fechá-la imediatamente. Embora atrevesse a se defender, fazê-lo só serviria para jogar mais culpa em cima de seu pai, algo que resistia a fazer.

— Você o fez! Ficou entre nós! Colocou meu próprio pai contra mim! — Gritou assinalando com um dedo tremente.

Stephen percebeu que Mary o odiava. Ele tinha esperado muito mais que um matrimônio resignado ou inclusive hostil. Tinha imaginado calor e apoio, risadas alegres e lealdade genuína. De repente, sentiu uma dor no peito. Por sua prometida e por si mesmo.

Ficou lentamente em pé e, dando-se conta de que tinha os punhos apertados, fez um esforço para relaxá-los.

— Lamento que me considere culpado de todo este assunto — disse com tensão. — Mas talvez tenha razão. Porque quero me casar contigo... e o farei, por muito que me odeie.

A jovem afogou um grito de desespero.

Stephen chiava os dentes pela tensão. Sem olhar atrás, abriu a porta e desapareceu no corredor.

Assim que ele partiu, Mary desabou na cama. Era consciente de que não podia seguir chorando. A dor pulsava dentro dela. Queria golpear a cama, rasgar os lençóis, rasgar a si mesma. Queria gritar contra toda aquela injustiça. Sentia-se apanhada em meio de um matagal de ardis e maquinações.

Transcorreram muitos minutos, minutos nos quais foi acalmando e recuperando a prudência, minutos nos quais deixou de pensar e ficou intumescida. Mas pouco a pouco uma sensação desagradável foi tomando conta dela. Sentia que estavam observando-a, que uns olhos frios e cheios de ódio a olhavam.

Girou, e para sua consternação, deu conta que uma mulher que estava entre as sombras da soleira, observando-a com autêntico prazer, desfrutando de sua angústia, era a última pessoa que desejava ver. Tratava-se da formosa mulher de cabelo negro que tinha falado de modo tão íntimo com Stephen fazia apenas uma hora, era sua amante normanda, que a olhava sem dissimular seu desprezo.



— Assim vamos compartilhar o quarto!

A jovem levantou e elevou o queixo. Era muito consciente de sua vulnerabilidade, de que aquela voluptuosa mulher a tinha surpreendido em um momento de extrema debilidade.

— Assim é. — Sua voz pausada tratava de não mostrar seu desgosto.

A mulher entrou no quarto, passeando tranqüilamente por ela.

— Assim... obrigam-na a casar com Stephen.

— Ao que parece sabe quem sou — respondeu Mary tensa. Sem sorrir, ficou em pé. — Mas você não se apresentou ainda.

— Sou lady Beaufort — esclareceu sorrindo com frieza. — Adele Beaufort. A mulher com que Stephen ia se casar.

Mary não pôde evitar de se assombrar. Tinha dado por certo que Adele era sua amante pelo modo em que tanto Stephen como ela se comportaram. Sabendo isso, e também que Adele pertencia à nobreza e era uma grande herdeira, em certo modo se sentiu em desvantagem. Disse a si mesma que não importava, que não eram rivais. Mas algo em seu interior advertiu a Mary que aquela mulher era sua inimiga.

— Só se casa contigo pela aliança que consegue — assegurou Adele entreabrindo os olhos, antes de fechar a porta e passar uma mão por seu impressionante vestido turquesa à altura de seu voluptuoso quadril. Tinha uma atitude provocadora, estava marcando deliberadamente suas curvas frente ao esbelto corpo da escocesa.

— Do mesmo modo que só ia casar contigo por sua riqueza — replicou Mary.

Mas o fez em tom débil. A herdeira de Essex correspondia à descrição que o rei tinha dado do tipo de mulheres que Stephen gostava. Possivelmente inclusive estivesse referindo a Adele Beaufort quando disse que seu prometido gostava das mulheres com curvas. É obvio, não lhe importava. Odiava-o por tudo o que tinha feito.

— Por minha riqueza, sim, e por muitas mais coisas — sussurrou Adele.

Mary imaginou fundidos em um tórrido abraço e sentiu que uma maré de ódio percorria seu corpo contra essa mulher. Como era possível? Tal e como Adele havia dito, obrigavam-na a casar com Stephen, que não só acabava de insultá-la, mas também tinha



sido incapaz de defendê-la publicamente. E pior, muito pior ainda: desprezava-o por ter destruído sua vida e sua relação com seu pai.

E entretanto, apesar de tudo, Mary começou a recordar os momentos de intimidade que tinha compartilhado com Stephen, momentos cheios de uma descontrolada paixão. Teria acariciado aquela mulher como a ela?

Adele deu um passo adiante até situar em frente à escocesa, obtendo que sua estatura fizesse parecer Mary muito menor.

— Eu posso te ajudar. — Adele girou bruscamente para a porta, abriu-a e olhou de um lado e outro do corredor. Ninguém ali estava espiando. Voltou a fechar a porta e apoiou contra ela. Tinha os olhos brilhantes, como se fossem de ônix coberto pelo sol. — Eu posso te ajudar — repetiu em voz baixa.

— Não entendo-a — disse Mary com voz pausada. Mas o certo era que sua mente entrou em funcionamento e, incrivelmente, começava a compreender onde queria chegar Adele Beaufort.

— Você não deseja casar com ele. — A escocesa assentiu com a cabeça sem deixar de olhá-la e Adele dedicou um sedutor sorriso. — Quer escapar?

Mary vacilou um instante. Duas imagens competiram frente a seus olhos o rosto de seu pai, cheio de ódio, e o de Stephen, cheio de promessas. Sacudindo a cabeça, libertou-se daquela armadilha.

— Sim.

— Então o arrumarei.

Depois de deixar Mary no quarto que ia compartilhar com outras damas, Stephen desceu pelas escadas negando-se a estabelecer contato visual com alguém, não queria manter nenhuma conversa. Necessitava desesperadamente ar fresco e pensar.

— Stephen!



A voz de seu irmão o obrigou a parar. Girou e viu Geoffrey cruzando o grande salão. Ao parecer, acabava de sair dos aposentos do rei. Ao aproximar, Stephen viu que tinha a mandíbula apertada com tanta força que marcavam os músculos.

— Intei-rei-me de que tinha chegado com a princesa — disse quando chegou até ele.

Stephen não queria falar de Mary, não naquele momento, não depois de que ela tivesse deixado claros quais eram seus sentimentos para ele.

— Sim.

— Aonde vai?

— A qualquer lugar que não seja este. Talvez montar por um momento. Quer vir comigo?

Geoffrey soltou uma gargalhada breve e mal-humorada.

— Igual a você, eu tampouco desejo permanecer neste lugar — afirmou. Entretanto, quando Stephen fez ameaça de partir, agarrou-o pelo braço, detendo-o. — Deixaste alguém vigiando-a?

Não havia dúvida de quem se referia. O normando ruborizou. Não era próprio de ele ser tão pouco precavido.

— Não.

Geoffrey dirigiu a ele em um sussurro apressado.

— O rumor de suas próximas bodas correu pela torre. Alguns estão desgostados, e outros muitos assustados. Especialmente Beaufort, Montgomery e Duncan. Não pode deixá-la aqui só sem vigilância. Não me cabe dúvida de que tentarão acabar com a aliança, e que melhor maneira de fazê-lo que machucando a sua prometida?

— Ou matando-a. — Stephen enfureceu consigo mesmo por não ter pensado na segurança de Mary. — Sei perfeitamente do que falas. Não vim com ela a corte para me divertir, Geoff.

— Vamos. — Seu irmão o pegou pelo braço. — Quando entrei vi Brand abaixo, ele pode fazer guarda até que envie alguém mais.



Baixaram as estreitas escadas e encontraram a seu irmão mais novo esperando no salão da planta baixa junto com vários cavaleiros mais do castelo, matando o tempo como sempre fazia quando não estava nas zonas rurais esmagando rebeliões ou lutando por seu rei. Seu rosto iluminou ao vê-los, e logo ficou sombrio quando Stephen fez sua petição.

— Não tema — disse a seu irmão mais velho. — Ficarei em sua porta até que retorne. O certo é que odeio estar na corte. Prefiro mil vezes a batalha.

— Ainda é muito jovem — comentou Stephen, uma vez que Geoffrey e ele saíram do castelo. — Dentro de poucos anos cansará da guerra.

O rosto do arqui-diácono tornou obscuro.

— Temo que minha batalha não tem feito mais que começar.

Pararam no amplo espaço que havia frente ao castelo, ignorando os serventes, os cavaleiros e cortesãos que iam e vinham a seu redor.

— O que ocorreu?

— Rufus requereu minha presença aqui, como sabe. Mas quando cheguei demorou três dias inteiros em me receber. — Os olhos azuis de Geoffrey brilharam com a dureza da safira. — Se diverte jogando com seus vassalos, abusando de seu poder!

— Você finalmente reuniu com ele?

— Acabo de deixá-lo. — O arqui-diácono o olhou com intensidade. — Passou meia hora jogando pestes no arcebispo Anselm. Parece que depois que Rufus recuperou de seu encontro com a morte tiveram uma grande discussão. Eu suspeitava que Anselm era um fanático e suas ações me demonstraram que minhas suspeitas eram corretas.

— Posso perguntar por que discutiram?

Geoffrey soltou uma risada sem indicio de humor.

— Por uma parte mínima da cerimônia de ordenação, uma parte que o rei reclama como seu por direito, e a Igreja, é obvio, não está disposta a ceder.

— E o que ocorreu quando terminou de criticar Anselm?

— Tal e como eu esperava, queria saber com exatidão quantos cavaleiros deve a Ordem de Canterbury à coroa.

— Disse o por quê?



— Não, mas deu a entender que logo precisaria recorrer a seus vassalos. — Geoffrey compôs uma careta. — Rufus me disse que se Anselm negar a lhe proporcionar os cavaleiros, espera que seja eu quem o faça.

Stephen o olhou enquanto assimilava a importância da frase de seu irmão.

— Diga-me, Geoff, a quem desafiaria? — Perguntou finalmente. — A seu arcebispo ou a seu rei?

O arquidiácono cravou seus olhos incrivelmente azuis no longínquo horizonte, como se procurasse uma resposta de Deus.

— Não sei.

Stephen guardou silêncio. Entendia à perfeição seu irmão, cujas batalhas eram tão importantes e intermináveis como as suas próprias.

— Não pode estar pensando em ir agora a Normandia — comentou o arquidiácono, vacilante. Stephen o olhou enquanto uma estranha premonição o atravessava, congelando-o até os ossos. — Suas relações com seu irmão Robert são boas neste momento. Tenho a sensação, irmão, de que apesar de seu matrimônio com a princesa escocesa, Rufus pretende levar a cabo uma traição. Acredito que ainda poderia invadir Carlisle. — Geoffrey pôs a mão no ombro de Stephen. — Se isso ocorresse, não seria fácil para a Mary e para ti — terminou com carinho.

Stephen não podia falar. As palavras de seu irmão tinham resultado devastadoras. Se Rufus reunia a seus vassalos para invadir Carlisle, também convocaria Stephen. Mary o odiava e seu matrimônio contava com poucas possibilidades de ser algo mais que uma trégua cheia de hostilidade. Se a Inglaterra invadia Carlisle, qualquer possibilidade de felicidade que tivessem desvaneceria ao primeiro golpe de espada.



Mary sabia que não devia ser covarde. O desdém público de Rufus a tinha surpreendido, mas depois de ter tido tempo para pensar, supunha que tinha que ver com o desgosto que provocava seu pai e sua preferência pelos moços. Agora estava preparada, e esta vez não pareceria uma atrasada.

Stephen chegou bem a tempo para acompanhá-la para jantar e logo que intercambiaram umas frases de cortesia. Justo antes que chegassem ao piso debaixo, a escocesa sentiu que parte de seu valor se evaporava. Escutava vozes masculinas elevarem-se em conversações de bêbados e risadas ásperas, e todas as histórias que tinha ouvido sobre a decadência na corte de Rufus vieram à mente. A bebida e a libertinagem eram as bases da rotina diária.

De repente sentiu terrivelmente sozinha. Não percebeu que parou, e estremeceu quando Stephen pôs a mão na cintura dela. Seus olhares cruzaram durante um instante, mas ela afastou rapidamente a vista, perguntando-se o que faria ele se conhecesse seu plano de fuga instigado por Adele Beaufort.

No grande salão estavam presentes aproximadamente cem damas e cavalheiros jantando com o rei. A mesa estava repleta de comida e bebida, e atrás dos comensais havia bufões embriagando-se e trovadores cantando. Stephen a guiou para o extremo da mesa, em direção ao estrado no qual estava sentado o rei.

Rufus estava rindo, mas ao vê-los, seu sorriso desvaneceu e ficou olhando fixamente Stephen. Mary se sentiu forçada a observar o rosto de seu prometido. Era inexpressivo, impossível de ler.

— Vamos, sente-se comigo! — gritou Rufus com um sorriso. — Ainda não terminamos nossa conversação, querido Stephen.

O casal obedeceu e ocuparam seus assentos como convidados de honra no alto do estrado. O monarca estava à esquerda de Mary. Ela o odiava tanto que estava rígida pela



tensão, embora sabia que devia dissimular seus sentimentos. O último que a convinha fazer era zangar ao rei da Inglaterra quando era virtualmente uma prisioneira em seu castelo.

Stephen sentou a sua direita. Não havia dito nada desde que a acompanhou à mesa, e agora começou a responder às amáveis perguntas do rei. Seus corpos roçavam e suas coxas a apertavam do joelho até o quadril. A escocesa não queria nada com ele, mas a mesa estava abarrotada e não poderia desembaraçar-se da proximidade de seu prometido até que tivesse terminado a comida.

De repente foi consciente dos muitos olhares ávidos e curiosos que dirigiam para ela e suas bochechas arderam. Os cortesãos sentiam curiosidade por ela. Não era nenhuma convidada de honra e todo mundo sabia, pensou com amargura. Era uma prisioneira e uma pagã escocesa. Os senhores normandos e suas damas a olhavam como se tivesse escamas e cuspsse fogo pela boca.

Então Mary fixou em Adele Beaufort. Estava sentada justo debaixo do estrado ignorando sua presença, embora com freqüência posava seu sensual olhar em Stephen. Ao recordar seu plano, cujos detalhes ainda tinham que ajustar, a escocesa sentiu incômoda. Porque se tudo saía bem, Adele converteria algum dia na esposa de Stephen.

A herdeira de Essex estava sentada entre dois homens que Mary recordava ter visto com antecedência, estavam presentes nos aposentos do rei quando ela sofreu aquela humilhante entrevista. Um deles era alto e de cabelo castanho claro, e por alguma razão, à escocesa era estranhamente familiar embora estava segura de não conhecê-lo.

Stephen seguia sem falar com ela enquanto o rei falava sobre certas dificuldades que tinha em Kent. Mary não o escutava. Não importava a mínima. Enquanto ouvia atentamente o que Rufus dizia, Stephen ofereceu seu vinho a ela. Mas a jovem não podia beber. Só desejava estar em qualquer lugar que não fosse aquele e que terminasse aquela maldita comida.

— Não a agrada a corte de meu irmão, princesa?

Mary fixou a atenção no príncipe Henry, que estava sentado do outro lado de Rufus, sorrindo-lhe. Recordou a um preguiçoso lobo que saltaria sem prévio aviso sobre sua desventurada vítima.



— É obvio que me agrada, milorde — assegurou sorrindo forçada. — Como não ia ser assim? Estou aqui com meu prometido e sua majestade me honra. O certo é que me sinto afligida.

Seu tom parecia quase sincero, mas seus olhos desmentiam suas palavras. O sorriso do príncipe Henry desvaneceu. Tinha captado seu sarcasmo, que era precisamente o que a escocesa pretendia. Por desgracia, Stephen não estava tão entretido em sua conversação com o rei como ela pensava, e também o tinha ouvido. Para ele, sua ironia era evidente. Pôs uma mão cálida sobre a dela e, em troca, Mary o olhou com olhos inocentes e um doce sorriso.

— E o que acha de Londres? — perguntou Henry com um brilho inquisidor em seu olhar.

— É uma cidade enorme, como não ia impressionar-me? O certo é que os normandos são surpreendentes. Suas façanhas maravilham. Todas elas. — Mary não pôde se conter. — Depois de tudo, necessita uma grande coragem para obrigar uma prisioneira escocesa a ir ao altar, verdade?

Stephen ficou paralisado, igual a Henry. Mary tremeu porque tinha conseguido enfurecer a seu prometido. Em troca, o príncipe parecia divertido.

— Suponho que a coragem tem pouco que ver com isto. — Henry baixou as pálpebras. Quando as elevou novamente, sorria de novo e Mary ficou tensa. — Não quer conhecer seu querido irmão, princesa? — Perguntou arrastando as palavras.

— Meu irmão? — Em um instante ele tinha feito pedacinhos sua compostura.

— Desculpe, que confusão! Seu meio-irmão, o querido amigo de meu irmão, Duncan. — Henry riu e assinalou para o cavaleiro de cabelo castanho claro que estava sentado ao lado de Adele, o homem que tinha resultado de certo modo tão familiar.

Mary estremeceu. É obvio, Duncan estava na corte! Tinha chegado ali como prisioneiro muitos anos atrás. Era o filho maior de seu pai, nascido de seu primeiro matrimônio. De fato, era quase da mesma idade que Rufus e sem dúvida teria crescido com ele, o que explicaria que seriam tão bons amigos e que tivesse sido um dos três cortesãos



que estavam com o rei aquela tarde. Mary sentiu uma quebra de onda de emoção. Já não estava sozinha.

— Por fim nos conhecemos. — Duncan levantou e dirigiu uma leve reverência. — Estou afligido pela emoção, irmã.

Então a jovem sim o reconheceu. Tinha os traços de seu pai e também os mesmos olhos. Embora suas palavras e seu tom resultaram em certo modo irônicos, seu sorriso parecia sincero. Mary sorriu a sua vez. Tinha um verdadeiro aliado na corte, um real em meio de tantos inimigos: seu quase esquecido meio-irmão.

— Vêem, irmã, e deixa que a beije — pediu estirando os braços e aproximando do estrado.

Levava muito tempo observando-a. A Mary tinham atribuído um posto de honra no estrado entre Stephen de Warenne e o rei. Horas antes, tinha parecido desalinhada pela comprida viagem, mas agora levava postos seus melhores ornamentos em um ostentoso desdobramento de realeza e poder. O vestido dourado com passamaria verde azulada e as mangas se ajustava à perfeição a sua figura, e o pesado cinto de ouro e jóias junto com as safiras da tiara proclamavam seu status e sua riqueza. Ninguém podia pôr em dúvida que era uma autêntica princesa.

Entretanto, não acreditava que Stephen de Warenne estivesse precisamente agradado com ela. Parecia que o odiava tanto a ele como à torre. Não podia ocultar seu desgosto, e sua inteligência era evidente assim como sua temerária coragem. Sim, era digna filha de Malcolm em seu comportamento embora não em seu aspecto. Era a viva imagem da rainha Margarida.

Rufus a tinha chamado masculina. Não era certo, uma mulher tão formosa não poderia nunca considerar masculina. E duvidava muito que seu prometido a visse daquele modo.



Stephen tinha estado escutando ao rei durante toda a noite, falando quando era necessário e sem sorrir uma só vez. Mas Rufus não importava. Estava mais animado que nunca, jamais tinha estado de tão bom humor e mal tinha bebido.

Quando seu olhar cruzou com o de seu futuro cunhado, Duncan desviou a vista ao sentir um calafrio de medo. Sempre o tinha odiado e, embora tivessem passados dez anos, conheciam muito bem o um ao outro. O escocês sempre tinha sentido ciúmes de sua coragem e valentia. Agora, ao vê-lo sentado no lugar que Duncan estava acostumado a ocupar no estrado, sentiu algo mais que ciúmes. Sentiu-se ameaçado. Disse a si mesmo que Stephen de Warenne não ficaria muito tempo na corte, mas isso não o tranquilizou. Faltavam três semanas para os esponsais, e isso era muito tempo.

Também o incomodava que Warenne nunca tivesse tentado ocultar o desprezo que sentia por ele. Até o momento, Duncan não sabia se aquele desprezo se devia ao fato que compartilhava as preferências sexuais de Rufus pelos meninos ou a suas maquinações políticas. Sempre tinha suspeitado que Stephen sabia que ele sempre faria o que fosse necessário para conseguir seus ambiciosos objetivos. Agora, o medo que Warenne despertava nele aumentou sua ira. Mas não o odiava tanto como a sua prometida, porque Mary era de seu sangue.

Duncan não pôde evitar voltar a observar a sua meio-irmã. Ela tinha crescido no calor de sua família, como deveria tê-lo feito ele. Não podia olhá-la sem pensar em seu pai, a quem desprezava mais que a ninguém. O ilustre Malcolm Canmore. O heróico rei escocês. O pai que tinha entregado seu filho mais velho como refém a William o Conquistador por seu próprio bem e que depois tinha procedido a violar uma e outra vez seu juramento sem importar que isso colocasse em perigo seu filho. Se Duncan tinha sobrevivido se devia só a sua própria sagacidade, da que deu mostra já de menino.

Mas os dias de glória de Malcolm estavam contados. Tinha já muitos anos, e algum dia não muito longínquo, Duncan confiava em que subestimasse a algum de seus inimigos e sucumbisse ante um golpe fatal. Então o trono da Escócia estaria preparado para o assalto, e Duncan tinha a intenção de ser quem o assaltasse.



Não permitiria a ninguém se interpor em seu caminho, e muito menos a irmã e seu marido. Northumberland se mantinha sempre fiel à coroa, sua ajuda tinha sido decisiva para esmagar rebeliões, e nunca antes aliou com Escócia. Entretanto, Duncan era o suficientemente ardiloso para vislumbrar possibilidades que fossem contra suas ambições. Talvez Northumberland se mantivesse firme em seu apoio a William Rufus. Mas, e se não fosse assim? A tremenda ambição dos Warenne era bem conhecida. E se decidiam apoiar ao sucessor que tinha escolhido Malcolm, seu filho Edward, ou tentavam conseguir o trono para um dos seus? O filho ainda não nascido de Mary tinha tanto direito de reclamar a Escócia como qualquer parente de Malcolm.

Não cabia dúvida de que aquele matrimônio teria lugar em um prazo de três semanas, a menos, é obvio, que ocorresse um acidente.



Capítulo 13

Stephen perambulou entre os postos e os vendedores de Cheapside tentando contornar os mercadores que o paravam continuamente. Todos eles sabiam reconhecer a um senhor poderoso e potencial comprador assim que o viam.

Tinham transcorrido vários dias desde que sua prometida e ele chegaram a corte, mas poucas coisas tinham mudado. Ela não dissimulava a hostilidade que sentia por ele, para seu matrimônio e para o rei. A compaixão de Stephen por sua angústia evaporou fazia tempo e seu aborrecimento ameaçava converter em uma explosão de raiva. Que mulher se negava a resistir a seu destino? Só Mary podia ser tão audaz e obstinada.

Sua união seguia sendo objeto de curiosidade na torre. As especulações proliferavam. Stephen sabia que os lordes e damas da corte esperavam que ensinasse a Mary uma lição o quanto antes, embora isso significasse dar uma surra nela. Inclusive estavam começando a rir pelo pouco manejável que era sua noiva.

Entretanto, Stephen não tinha nenhuma intenção de surrá-la. Por muito que o enervasse, era admirável seu incrível sentido de honra. Se alguma vez conseguia ganhar sua lealdade, seria certamente um homem afortunado. Mas não queria se enganar com vãs esperanças, duvidava muito que chegasse a ver semelhante dia. E durante um instante, sentiu uma grande amargura. Algo em seu coração disse que poderia chegar a amá-la, que possivelmente já a amasse. Por que continuava perseguindo-o a imagem de Mary com os braços estendidos e um sorriso nos lábios esperando-o à entrada de Alnwick?

Sacudiu a cabeça e disse a si mesmo que estava se tornando estúpido. Era um cavalheiro curtido na batalha e algum dia seria conde, um dos grandes senhores do reino. Tinha sobrevivido sozinho desde que tinha seis anos e poderia seguir fazendo-o até que cumprisse os sessenta. Se sua esposa negava a apoiá-lo, nem sequer pararia a pensar nisso.



Não queria ter nenhuma debilidade. Naquele mundo só sobreviviam os fortes. Não faria nenhum bem desejá-la daquele modo.

Quando esteve prometido a Adele Beaufort, não tinha pensado nela de um modo tão ridículo nem tampouco havia sentido o desejo que agora o mortificava constantemente. De fato, só tinha pensado em seu dote. A mera presença de Mary fazia que a desejasse em sua cama. Não seria fácil, mas até que estivessem casados, seguiria ignorando aquele desejo. Pode que sua futura esposa lhe proporcionasse poucas alegrias fora da cama, mas dentro superava com acréscimo suas mais selvagens expectativas.

Não, jamais a pegaria. Ganharia com suavidade, como amestraria a um falcão selvagem. Hoje compraria um presente para ela e faria uma oferta de paz. Aquela disputa já tinha durado muito.

Enquanto aventurava entre os mercados, teve o impulso de comprar vários objetos para sua prometida, em especial uma delicada caixinha de madeira esculpida tão pequena que só serviria para olhá-la, um broche com uma granada que parecia ter forma de coração e vários metros de lã fina de Flandes de um brilhante vermelho escarlate.

Venceu o senso prático e escolheu a lã ao imaginar Mary vestida com ela. Mas quando ia partir, em lugar de subir ao cavalo, girou voltou sobre seus passos e comprou também a caixa e o broche.

Quando Stephen retornou à torre já era muito tarde, tinha passado várias horas entre os mercadores tomando suas decisões. Subiu correndo as escadas em direção ao quarto que Mary compartilhava com outras damas, pensando na surpresa e a emoção que mostraria quando entregasse aqueles presentes tão cuidadosamente escolhidos.

Rufus tinha apostado em um de seus sentinelas para que custodiasse à princesa dia e noite... e Stephen fazia o mesmo. Saudou os dois soldados com uma inclinação de cabeça e golpeou com força a porta. A própria Mary abriu a porta. A Stephen surpreendeu ver que estava com Adele Beaufort, que estava sentada em uma das três camas do quarto. Sua prometida ruborizou ao vê-lo. O que andaria maquinando agora? Ou era angústia o que refletiam seus olhos verdes?

— Parece aborrecida de me ver.



— É obvio que estou aborrecida — respondeu ela com a intenção de incomodá-lo, como fazia com frequência aqueles dias. — Estava desfrutando de não tê-lo ao meu lado.

Desde que tinham chegado a corte, Stephen não a tinha perdido de vista. De fato, pelas noites dormia em um cama de palha no corredor, não muito longe de sua porta.

— Imagino sua alegria. — Stephen a pegou pelo braço e ela ficou tensa. Aquele contato também sacudiu a ele, apesar de saber que seu desejo não se apaziguaria até a noite de bodas. — O que está ocultando, Mary?

— Nada. Eu... Estou cansada. Por favor... — rogou, negando-se a olhá-lo.

Adele aproximou deles, balançando seus sinuosos quadris provocativamente.

— Bom dia, milorde — murmurou com voz sensual.

Stephen não devolveu o sorriso. Malditas fossem! Seria possível que estivessem conspirando contra ele? Seu instinto dizia que assim era.

Adele o tocou audazmente no braço e deixou ali um instante a mão.

— Estive explicando a sua prometida a ordem da cerimônia. Não está familiarizada com os costumes normandos.

Stephen cravou a vista em Adele, cujo olhar era decididamente sedutor.

— Muito generoso por sua parte uma vez mais, lady Beaufort.

Adele encolheu os ombros e girou para a Mary, apartando por fim os olhos dele.

— Acredito que seu prometido deseja estar um momento a sós contigo, princesa. Talvez possamos terminar a conversa em outro momento.

Mary olhou Adele, logo Stephen e outra vez a ela.

— Sim, obrigada.

Adele saiu do quarto roçando em Stephen deliberadamente e este percebeu que Mary parecia muito infeliz. Inclusive furiosa.

— Que interessante. Tem feito amigas muito depressa.

A jovem empalideceu antes de encontrar as palavras para responder.

— Mas não tão amigas como você e ela.

Stephen tomou a mão e a apertou com mais força que pretendia.

— Ciumenta, querida?



— É obvio que não! — Tratou de soltar a mão, mas não conseguiu.

O normando estava a ponto de atraí-la para si para que pudesse compreender a envergadura de sua frustração, mas ela tinha o olhar cravado na evidente manifestação de seu desejo, que a túnica não conseguia ocultar, e isso o excitou ainda mais. Fazendo um esforço, soltou-a. Não sentia desejos de se torturar com o que não poderia ter até dentro de três semanas.

— O que está ocultando?

Ela voltou a empalidecer.

— Não estou ocultando nada! Adele disse a verdade. Ofereceu amavelmente me ajudar a preparar as núpcias. — Os olhos de sua prometida encheram de lágrimas.

— Vivi quase dez anos na corte e reconheço a intriga com facilidade assim que a vejo. Adele Beaufort é como a maioria das damas que habitam a torre: banal, egoísta e ambiciosa em extremo. O que estão tramando, Mary?

Ela apertou os lábios sem dizer nada, e Stephen soube que estava tratando de procurar uma saída. Quando falou soube que mentia e, embora o tinha esperado, ficou um gosto amargo na boca.

— Levo quase uma semana encerrada nesta tumba asfixiante! Sou a única mulher escocesa entre centenas de normandos e ainda se atreve a criticar que faça amizade com alguém. Não pode nos separar!

— Ela não é de natureza generosa, Mary. Não é amiga de ninguém a não ser que a beneficie. Recorda minhas palavras. Se acredita que é sua amiga, equivoca-te. De fato, neste tipo de vida não existe a amizade. — Ela o olhou entre desafiante e tremente. — Seja o que for que planeja — advertiu Stephen com brutalidade — sugiro que o dê por terminado.

— Tem uma imaginação prodigiosa — replicou ela apertando os lábios. — Te asseguro que não estamos planejando nada.

— Suspeito que o veremos muito em breve — assegurou categoricamente — vai descer e comer comigo?

— Não — disse Mary. — Não posso. Tenho uma terrível dor de cabeça.



Stephen não aceitou a notícia com elegância e sentiu como a irritação e a ira foram endurecendo uma a uma suas feições. Mary baixou a cabeça e girou, mas ele a deteve sujeitando-a pelo ombro.

— Espera.

Fez um gesto, e um de seus homens, que o tinha seguido pelas escadas, adiantou-se com o pacote que continha a lã de Flandes, envolta em um linho barato e incolor. Stephen tinha o gesto torcido. Não fazia nenhuma ilusão ao entregar aquilo. Nenhuma absolutamente.

— O que é isto? — Perguntou Mary assombrada.

— É um presente — respondeu ele com secura. — Espero que passe logo a enxaqueca.

Não estava com ânimo para dar o resto dos presentes. Pelo jeito, a guerra não tinha terminado ainda.

Geoffrey avançou a grandes passos pelo grande salão com o rosto congestionado pela raiva, uma raiva que devia ocultar a todo custo. O rei o tinha mandado chamar pela terceira vez em três semanas e naquela ocasião não o tinha feito esperar. Esta vez o tinha ido procurar a escolta real, que o escoltou a toda pressa de volta a Londres e que inclusive o acompanhou ao ver o monarca.

Os sentinelas que faziam guarda nos aposentos reais ficaram firmes e se afastaram a um lado. Geoffrey entrou a toda pressa e só então os dois cavalheiros que o acompanhavam separaram de sua beira. Atravessou a estadia e aproximou de Rufus, que estava sentado em uma réplica exata do trono que havia no grande salão. Quase parou ao ver que com ele havia três homens presentes: Duncan, Montgomery, e seu pai, Rolfe de Warenne.

Os olhos do conde de Northumberland brilharam a modo de advertência.



— Como nos agrada ver que vieste a nosso lado com tanta urgência, querido arquidiácono — disse Rufus.

Geoffrey começou pensar com rapidez. Não ocorria nenhuma razão para que o tivessem chamado que não fosse para colocá-lo a prova: o rei ia exigir os cavaleiros que a Ordem devia.

Ajoelhou um instante e ficou em pé quando o rei o ordenou.

— Senhor?

— Chegou o momento de que tome partido — disse Rufus sorrindo, como se acabasse de perguntar sobre o tempo que fazia.

A Geoffrey acelerou grosseiramente o coração e logo voltou a pulsar com normalidade.

— Jurará fidelidade a seu rei, arquidiácono, frente a estes três homens e com Deus como testemunha?

O interpelado empalideceu. Equivocou-se. O rei não estava reclamando só seus serviços a não ser muito mais. Estava exigindo que jurasse fidelidade diante de testemunhas. Recentemente, alguns homens da Igreja tinham assegurado que nenhum clérigo devia jurar lealdade a seu rei, que a deviam só a Deus, e portanto, ao Papa. Aqueles reformistas se negavam em sua investidura a jurar fidelidade ao soberano inglês e Roma apoiava sua negativa. Esses prelados também questionavam o poder do monarca para escolher e investir clérigos.

Até o momento, Rufus seguia os passos de seu pai exigindo e exercendo seus direitos sobre a Igreja quando era necessário, como quando nomeou Anselm arcebispo de Canterbury. Agora exigia que ele pronunciasse uns votos que comprometeriam sua fidelidade.

— E quando terá lugar esse ato? — perguntou Geoffrey. Tinha a boca seca e suave.

— Hoje. Aqui e agora.

Geoffrey se obrigou a sair de seu assombro e a pensar. Não tinha tempo para manobrar e sair daquele dilema. O rei exigia fidelidade naquele instante. Normalmente, o



arquidiácono era um prelado de escassa importância. Entretanto, desde que Geoffrey assumiu o comando de Canterbury depois da morte de Lanfranc, tinha adquirido uma proeminência e um poder sem precedentes. Durante os últimos quatro anos, em ausência de um arcebispo, tinha combatido desde Canterbury a influência da coroa. Mas agora Rufus estava propiciando a batalha final, porque Geoffrey tinha tão somente duas opções: sim ou não. E não cabia dúvida de que uma negativa o levaria diretamente às masmorras. O monarca tinha feito coisas piores com aqueles que o tinham desafiado.

— Está vacilando — assinalou o rei. Seu sorriso já não era amável. — Então, é um fanático?

Geoffrey apertou a mandíbula e esticou todo seu corpo.

— Não sou nenhum fanático. — Fez um esforço por sorrir. — Como deseja, majestade.

Ficou de joelhos e ouviu que alguém, talvez Montgomery, pigarreava. O arquidiácono não era nenhum fanático, mas sua causa era a Igreja. Apoiava a maioria das reformas sugeridas e os direitos do Papa contra as exigências reais e seguiria fazendo-o. Entretanto, os últimos quatro anos tinham demonstrado que não podia vencer ao rei em uma guerra aberta. Para que tinham servido todos seus esforços? O último relatório apresentado para o monarca tinha terminado com outra rapina aos recursos da sede de várias centenas de libras.

Tinha chegado o momento de mudar de tática. Não poderia converter-se em aliado da coroa e continuar defendendo de forma sorrateira os interesses da Igreja e de Deus?

— Escolheste com sabedoria — murmurou Rufus. Logo sua voz tornou severa. — Terminemos com isto o quanto antes!

Diante das testemunhas reunidas, Geoffrey jurou obediência e lealdade a seu senhor, o rei William da Inglaterra, em todos os sentidos e em todo momento. Em troca, Rufus o surpreendeu recompensando-o com uma pequena, mas extremamente rica propriedade situada ao sul. O arquidiácono beijou o joelho do rei e este permitiu que levantasse. Seus olhares cruzaram. Não cabia dúvida da satisfação do monarca.



— Demonstre-me que é digno da confiança que deposito em ti e chegará longe — assegurou o rei.

A Geoffrey não escapou o que ele queria dizer. A prova não tinha terminado ainda. Se continuava submetendo-se à vontade real, obteria muitos mais benefícios. Mas ele só era arquidiácono e Rufus fazia referência claramente a um posto mais significativo. Geoffrey não se sentia precisamente eufórico. De fato, tinha um nó no estômago e experimentou um momento de pânico. A escolha que acabava de realizar não era nada comparada com a que teria que fazer se o rei declarava suas verdadeiras intenções.

Rolfe aproximou e o agarrou pelo braço. Seu sorriso era tranquilizador, mas não de todo franco. Dispunha-se a partir, quando o rei o chamou.

— Espera, querido arquidiácono, espera.

Geoffrey girou muito devagar.

— Temo que seu trabalho não tem feito mais que começar — disse Rufus com um sorriso. — Esta mesma manhã Anselm renegou a mim, declarando que não reunirá os cavaleiros que me deve. Nega-se, diz, a utilizar o poder de Canterbury para contribuir a minha sangrenta ambição. — Suas seguintes palavras soaram como uma pergunta. — Você, entretanto, sim me proporcionará os vassalos que me deve.

Era a primeira prova. Geoffrey não vacilou, não queria pensar no que poderia acontecer à larga.

— Quando e onde?

— Dentro de duas semanas avançaremos sobre Carlisle.

Geoffrey cambaleou. A seu lado, o conde observava ao rei com assombro. Então, pai e filho, que eram como duas gotas de água, intercambiaram um olhar em que refletia o mesmo alarme.

Rufus sorriu e uniu as mãos em gesto contente.

— Malcolm nunca suspeitará de nossos planos estando tão perto a união de sua amada filha com nosso querido Stephen — alardeou Rufus. — Não podemos falhar! O escocês por fim está perdido!

* * * * *



Mary não tinha podido dormir. Durante o jantar, Adele tinha dado o sinal que tinham acordado. Sentia-se desesperada. Se atrevesse a analisar seus pensamentos com mais profundidade, poderia descobrir que em realidade não desejava escapar de seu prometido. Mas devia fazê-lo. Tinha que evitar aquele espantoso matrimônio. Como ia se casar com ele agora, depois de tudo o que tinha acontecido? Acaso não tinha destruído a vida dela?

A jovem ficou de lado na cama. Tinham divulgado já as orações do amanhecer e o céu se voltaria em seguida cinza. Logo teria que levar a cabo o intento de fugir de tudo o que era terrível. Por alguma estranha razão, um soluço ameaçava abrir passo em seu peito. Mas o engoliu. A imagem da magnífica lã vermelha, o presente que Stephen tinha levado, voltou a encher seus pensamentos. Seu pajem se assegurou de que soubesse que seu senhor tinha cavalcado até Cheapside para comprá-lo ele mesmo.

Mary ficou de barriga para baixo. Sentia-se perdida. Não podia imaginar por que ele tinha dado aquele presente depois de que tivesse arrojado à cara todo o ódio que sentia por ele. Sentia-se cheia de desassossego porque naquela noite devolveria o presente com uma traição.

A imagem de Stephen apareceu diante seus olhos, dizendo que não devia confiar em Adele, que a amizade na corte não existia. Era um homem solitário. Mary o via agora com total clareza. Sem dúvida necessitava uma amiga, uma companheira, uma esposa. Mas não seria ela. O normando tinha arruinado a vida e ela nunca poderia perdôá-lo por isso.

As ténporas pulsavam com força, ocorria com freqüência desde que chegou a corte e descobriu que seu pai não pretendia levar a cabo nenhum ardil, a não ser uma verdadeira aliança. Mary fechou os olhos e as lágrimas rodaram muito devagar. Embora sua intenção era escapar, o que seria dela quando chegasse a sua casa? Seu pai a receberia com os braços abertos ou a enviaria de volta?

Se era o homem que ela pensava que era, daria-lhe uma cálida bem-vinda e se sentiria orgulhoso de como tinha enganado ao inimigo normando. Seguro que tinham o obrigado a abandoná-la. Mary tinha meditado sobre isso e ainda não tinha encontrado



nenhuma vantagem que seu matrimônio pudesse contribuir a Escócia, além da paz. E Malcolm se mofava da paz, inclinado como estava a ampliar suas fronteiras até que a Escócia fosse o que uma vez foi.

A jovem não estava segura de poder passar por aquilo. Seguia recordando as palavras que Malcolm tinha pronunciado aquele dia na planície: *“Mackinnon me proporciona um grande apoio. Você o que me oferece?”*

Quando fechava os olhos seguia vendo Stephen tal e como o tinha visto pela última vez aquela tarde, com o rosto escurecido pela desilusão quando ela não foi capaz de dizer obrigado pelo presente.

— Mary! — sussurrou Adele ao ouvido. — É a hora, deve partir !

Não era o momento de repensar nada. Mary levantou da cama tremendo e cravou o olhar em Adele. Os olhos negros da herdeira brilhavam triunfantes. Logo teria Stephen para ela, tal e como tinha planejado.

Stephen de Warenne supunha a pior ameaça para o plano que Adele tinha desenhado. Era muito ardiloso e suspeitava o que estavam tramando. Aquela noite, durante o jantar, a escocesa tinha seguido a sugestão de Adele e tinha posto umas gotas de sonífero no vinho. O normando tomou vários copos de Borgonha com narcótico, e Mary observou que ia adormecendo mais e mais. Quando a deixou na porta de seu dormitório, Stephen piscava e as pálpebras caíam. Sem dúvida nesse instante estaria profundamente adormecido, e assim seguiria durante muitas horas mais.

Adele deu um empurrão nela. Mary não podia seguir se atrasando. No exterior da estreita janela, através do delicioso vidro de cores, a noite estava deixando passo à alvorada. A escocesa vestiu rapidamente a roupa que tinha deixado preparada e a herdeira voltou para a cama, observando-a como uma gata. As demais mulheres que havia no quarto não se moveram. Havia tanto silêncio que Mary podia escutar sua própria e acelerada respiração. Sem perder tempo, colocou os sapatos e, sentindo-se como uma benjamima, roubou a capa de uma das damas.

Adele fez um gesto furioso com a mão para que se apressasse e Mary saiu do quarto quando a primeira luz cinza do alvorada começava a filtrar pela janela. Os guardas



perguntaram aonde ia e ela explicou que precisava utilizar o quarto privado para fazer suas necessidades, estremeceu como se tivesse frio para explicar que levasse capa. Em um momento de debilidade, deslizou o olhar para Stephen. O rincão no que tinha colocado sua cama estava muito escuro e era impossível distingui-lo com clareza, mas nem sequer roncava. Ao menos não teria que se preocupar com ele, já que parecia seguir sob os efeitos do sonífero. Com os nervos a flor da pele, a jovem seguiu a um dos guardas para o escuro e vazio salão, deslizou para o quatinho onde faziam as necessidades ignorando os infectos aromas, e esperou. Então caiu na conta de que não voltaria a ver nunca Stephen... a menos que Malcolm a enviasse de volta. Deus, o que estava fazendo?

Mary estremeceu ao escutar um ruído surdo e se atreveu a sair. O guarda estava atirado no chão como se estivesse morto. Outro homem, com o rosto mascarado, olhava-o. Depois cravou seus olhos semi-ocultos nela, fez um gesto irado e saiu correndo pelas escadas de atrás.

Mary não se atreveu a parar nem tampouco a pensar, limitando-se a rezar para que o guarda não tivesse morrido por sua culpa. Não encontrou com ninguém enquanto descia a toda pressa as escadas de trás seguindo o rastro do homem que Adele tinha contratado, e saía da torre pelas cozinhas.

Uma vez fora, começou a correr. Se alguém a viu cruzar como uma flecha o pátio aberto em direção ao estábulo, ninguém gritou. Não esperava que ninguém o fizesse. Com o capuz da capa cobrindo o rosto poderia ser qualquer mulher, e sem dúvida os guardas tinham visto mais vezes das que podiam recordar a alguma mulher cruzar furtivamente o pátio. A jovem rodeou o estábulo e saiu através de uma porta ao muro exterior. Baixou uns degraus de pedra, atravessou um estreito corredor e foi dar a outra porta. Já estava fora, no outro lado dos muros do castelo, no píer. Tinha conseguido. Por que não se sentia triunfante?

O dia começava e o sol nascente se esfumava sobre o horizonte brumoso. Fazia um frio terrível e, durante um instante, Mary ficou ali de pé procurando o remador que se supunha iria levá-la. Sentiu-se estranhamente eufórica ao pensar que não tinha vindo.



Então viu um pequeno bote que se aproximava do píer e o coração pulsou grosseiramente. A sorte estava lançada. Se queria partir, devia fazê-lo naquele instante.

Parou na beirada do píer, tremendo ante a difícil decisão que devia tomar. Uma decisão que acreditava já firmemente assumida. Mas percebeu que não era assim. Estava cheia de dúvidas, de vacilação. Aproximou da borda com os punhos apertados, rezando em silêncio para que Deus a guiasse. A imagem de Stephen a perseguia. De repente resistia a partir. No transcurso de uma semana, o normando se converteu no centro de sua vida.

O bote de remos aproximou muito devagar e Mary começou a chorar. A princípio não foi consciente disso, mas logo sentiu as bochechas úmidas. Realmente Stephen era culpado de tudo o que tinha passado? A jovem meteu o punho na boca para não gritar e alertar aos guardas que vigiavam da torre. Era a mesma pessoa que escapou de Liddel disfarçada contra toda lógica para encontrar com Doug. A mesma que se negou a revelar sua identidade a Stephen, perdendo em troca sua virtude. E Malcolm era o mesmo que a tinha arrojado nos braços de Stephen sem lhe proporcionar sequer uma palavra de consolo, sem esperar ao menos saber se estava esperando realmente um filho.

Stephen não era responsável por tudo o que lhe tinha ocorrido, mas era mais fácil responsabilizá-lo que a si mesma. Ou pior ainda, que culpar Malcolm.

A jovem cobriu o rosto com as mãos aterrorizada de seus próprios pensamentos. Ela não era mais que um sacrifício político. Percebeu com reveladora claridade que poderia escapar, mas não voltar para casa. Nunca poderia voltar para seu lar. Não tinha lar.

Consumida pela dor, não escutou o homem que aproximou dela por detrás e pôs uma mão no ombro. Durante um breve instante pensou que era Stephen, que depois de tudo não estava drogado e a tinha seguido do castelo para evitar que escapasse. Mary girou, não para gritar sua inocência, a não ser aliviada de não ter que fugir.

Então, um homem mascarado a empurrou violentamente e Mary caiu em meio de um grito. O tempo pareceu parar enquanto flutuava no ar. Durante o instante interminável no qual caía, a jovem deu conta com horror de que a tinham arrojado ao Tamisa e que morreria afogada.



A princípio esteve paralisada pelo choque. A água estava congelada. Um intenso desejo de sobreviver a tirou de seu estado de assombro, mas a capa e as saias enredavam em suas pernas apanhando-a enquanto se afundava rapidamente na escuridão. O pânico apoderou dela quando sentiu os efeitos da falta de ar e começou a lutar por sair à superfície, mas só conseguiu enredar ainda mais na roupa, afundando-se a maior profundidade.

la morrer sem tornar a ver os que amava, sem ter se despedido deles. Os rostos de seus seres queridos apareceram diante seus olhos: sua mãe, seus irmãos, sua irmã pequena, Maude, Malcolm... e Stephen. Stephen, ao que tinha traído gravemente. Seu coração encheu de remorsos.

Não queria morrer. Era muito jovem para morrer. Ainda não tinha vivido. A vida tinha lhe dado a oportunidade de experimentar uma nova vida como esposa de Stephen e devia aproveitá-la. Mas não tinha forças e notava como afundava mais e mais. O corpo pulsava dolorosamente por causa da pressão da corrente. Começou a tossir e a água alagou seus pulmões de tal forma que pensou que fossem estourar.

Por último, umas lascas de luz desprenderam de seu cérebro e, justo antes de cair em uma total escuridão, Mary soube que era muito tarde.



Capítulo 14

Stephen viu como o homem mascarado jogava Mary no rio Tamisa. Não tinha chegado a provar o vinho adulterado. Desde o começo suspeitou das intenções de sua prometida já que a tinha visto verter o conteúdo de um pequeno recipiente em seu vinho aquela noite. Fingiu dar vários goles ao Borgonha, mas reconheceu imediatamente o aroma que desprendia. A fúria amorteceu um pouco quando compreendeu que Mary não pretendia matá-lo, e sim drogá-lo.

Tinha fingido os efeitos da droga à espera de seu seguinte movimento e logo teve claro que pensava escapar. Quando a jovem saiu da torre, seguiu-a e se escondeu na escura soleira da porta exterior do castelo. Mal podia acreditar no que estava ocorrendo.

Entretanto, toda sua ira desapareceu ao vê-la em perigo. Emitindo um som gutural, Stephen saiu de seu esconderijo enquanto o rio tragava Mary. Parou no píer para tirar a espada e o cinto ao mesmo tempo em que esquadrihava a agitada superfície da água com a esperança de vê-la sair. Tirou a túnica a toda pressa e logo as botas. Não havia nem rastro da jovem. A água ficou suave e tranqüila no ponto que tinha caído.

O coração pulsava com tanta força que doía. Sem pensá-lo, lançou-se em sua busca. Tinha transcorrido menos do meio minuto desde que Mary tinha desaparecido sob a superfície da água, mas quando ele mergulhou nas escuras profundidades do Tamisa, não pôde dar com ela. Subiu à superfície em busca de ar e voltou a inundar uma e outra vez. Os pulmões começaram a doer, a queimar. Onde estava Mary?

Stephen negava a se render. Não podia se render. Se o fazia, ela morreria. Embora a dor ameaçou apoderar-se dele, Stephen se esforçou em procurá-la. Não podia perder de vista seu objetivo. Devia encontrar Mary! Deu voltas em círculo, obrigando seu corpo a afundar ainda mais. Um pânico animal que não tinha lógica o atendia. O instinto de



sobrevivência, que gritava que detivesse aquela loucura e nadasse para a superfície, enfrentou a sua determinação de encontrá-la. Mas devia dar com ela. Não poderia viver sem Mary, sem sua valentia, sem o brilho de seus olhos. Naquele momento ficou claro que a necessitava ao seu lado.

Ficou sem oxigênio. Ao parecer, morreria com ela aquele dia. Uma dor surda e uma luz branca e brilhante invadiam seu cérebro. Entretanto, quando já dava tudo por perdido, seus dedos roçaram a túnica de Mary. Stephen começou a asfixiar-se, mas já tinha agarrado um punhado de tecido e um instante mais tarde tinha a sua prometida entre seus braços. Esperneando furiosamente e nadando com o braço livre, subiu através de grossas, pesadas e dolorosas correntes de água, prometendo que conseguiriam sobreviver.

Sua cabeça foi a primeira em romper a superfície do rio. Sem reparar apenas nos homens que gritavam no píer, respirou com ânsia. Mary flutuava inerte em seus braços e quando sua visão ficou mais clara, invadiu-lhe o horror. Tinha o rosto azulado, sem vida.

— Stephen! — gritou alguém.

Era Brand. Um segundo mais tarde seu irmão estava a seu lado na água, arrancando Mary dos braços para levá-la nadando até a borda. Stephen os seguiu. Muitos braços se estenderam para ele, subindo-o ao píer de madeira.

Stephen escapou dos homens e se inclinou sobre Mary, que jazia de barriga para cima. Não respirava.

— Irmão — ofegou Brand agarrando-o pelo braço. Em seu tom de voz se podia ler a compaixão.

Ele afastou com violência e apertou o ventre de Mary, ao mesmo tempo em que aplaudia com força as costas. Ela começou a vomitar líquido. Stephen deu uma nova palmada e ela voltou a cuspir mais água.

— Respira! — Gritou. — Respira, Mary, por favor!

Ela permaneceu imóvel como um cadáver.

— Stephen... Está morta. — Brand voltou a agarrar a seu irmão por trás.

— Não! — Gritou ele com desespero.



Naquele momento quão único sabia era que ninguém, nem sequer Deus, podia privá-lo de sua prometida. Não agora, quando tinha descoberto que a amava. Mary necessitava ar e ele o daria.

Inclinando-se sobre ela, pousou os lábios sobre os seus e a obrigou a abrir a boca, introduzindo ar em seus pulmões uma e outra vez. Quando pareceu sentir que seu corpo estremecia muito levemente, apoderou-se dele uma esperança selvagem.

— Já basta — disse com dor Brand de algum ponto por cima de sua cabeça.

Mas Stephen não o escutou. Suas mãos encontraram a estreita caixa torácica de sua prometida e a apertou enquanto seguia insuflando seu próprio ar nos pulmões.

De repente Mary pareceu esquentar sob sua bochecha. O normando parou um instante, agarrou-lhe o rosto com as mãos e a olhou fixamente. Parecia menos azul, parecia que se movia... Deus, estava respirando!

Com um grito que, mas bem parecia um soluço, Stephen caiu a seu lado no mole.

— Respira! — Exclamou alguém. — De Warenne devolveu-lhe a vida!

Stephen colocou o braço sobre os olhos para que ninguém pudesse vê-lo chorar. Não podia deter a avalanche de lágrimas. Não tinha chorado desde os seis anos. Parecia incrível, porque pensava que tinha esquecido como fazia.

— Tragam um médico e peles — ordenou Brand.

Um instante mais tarde, Stephen foi consciente de que seu irmão estava cobrindo seu corpo quase nu com uma túnica. Começou a tremer, mas separou de si o objeto sem fazer caso dos protestos de Brand e sentou. Também tinham abafado a Mary. Estreitou-a entre seus braços e ficou em pé com ajuda de seu irmão. Sua prometida estava viva, entretanto, mal respirava e estava pálida como um fantasma.

— Traga-me um cavalo — pediu a Brand olhando-o nos olhos. — E envia um médico a Graystone.



Stephen colocou Mary em sua própria cama, tirou rápida e eficazmente a roupa empapada e a envolveu em várias mantas de lã e uma pele de raposa. Tinha a palidez da morte e seguia inconsciente, mas de vez em quando estremecia.

Sem vacilar, o normando despojou de sua roupa úmida e se meteu na cama com ela. Abraçou-a com braços e pernas, e começou a massagear seus dedos congelados.

Stephen voltou a olhá-la. Seu rosto era uma máscara de amargura, raiva e medo. Como era possível, se perguntou desesperado, que ela o odiasse tanto? Se não conhecesse Mary, pensaria que aquilo era um pesadelo. Era incrível que uma mulher chegasse a tais extremos para evitar um matrimônio. E quem, quem tinha ousado tentar tirar a vida dela? Quem se ocultava sob a máscara do assassino?

— Estava tentado escapar — explicou Stephen algo mais tarde no grande salão.

Todos os homens de Warenne estavam reunidos, inclusive Geoffrey, que tinha passado a noite ali apesar de sua inicial intenção de partir para Canterbury aquela manhã.

— O plano saiu mal — seguiu relatando. — Enquanto esperava o bote, um homem mascarado aproximou dela por trás e a empurrou ao rio Tamisa.

Um silêncio lúgubre seguiu a suas palavras até que foi quebrado por Rolfe.

— Teremos que vigiá-la de perto para nos assegurar de que não volta a tentar outra loucura. E é obvio, devemos estar em guarda para que os assassinos não tentem de novo uma traição semelhante.

Esgotado, Stephen permanecia sentado na larga mesa de cavalete com a cabeça entre as mãos.

— Acredito que Adele Beaufort estava implicada em seu plano de fuga.

— Adele Beaufort? — Disse Geoffrey elevando as sobrancelhas e empalidecendo.

— De verdade acredita que teve algo a ver?



— Não deve ter sentido nenhuma graça que me case com Mary — respondeu Stephen elevando a cabeça.

Geoffrey guardou silêncio.

Brand tossiu.

— Odeio ter que assinalá-lo, mas ela estava ali esta manhã.

— O que?

— Eu retornava à torre depois de uma noite de... bom, um pouco de farra. Escutei os gritos e fui investigar. Fiquei impactado quando me disseram que você tinha se jogado ao Tamisa fazia um bom momento. Enquanto esperava que saísse à superfície, vi Adele pela extremidade do olho. Acredito que parecia tão impressionada como outros. Estava escondida entre as sombras dos muros e quando me viu, girou e saiu correndo.

— Não acredito que seja uma assassina — comentou Geoffrey com voz tensa.

— Há outras pessoas que podem ter tido algo a ver com o assunto — assinalou Rolfe. — Duncan, Montgomery e Roger Beaufort não estão precisamente agradados com esta aliança. As especulações não nos levam a nenhuma parte. Devemos tentar investigar os fatos. Se conseguimos encontrar a um dos criminosos, sem dúvida poderemos obrigá-lo a falar.

— Os criminosos estarão agora na metade do canal, rumo à França — assinalou Brand — se forem preparados.

— Não são, geralmente — assegurou Rolfe com ironia. — Terminemos com este assunto o quanto antes. Em seguida surgirão rumores mal-intencionados. Terá que cortá-los pela raiz. Eu correrei o boato que a seqüestraram e logo a jogaram no rio. Deixarei muito claro o descontentamento de Northumberland. Prometo-lhes que qualquer possível assassino pensará duas vezes antes de voltar a atacar.

— Não sairá de Graystone até que tenhamos casado — disse de repente Stephen. Seu tom de voz era duro e seus olhos refletiam a frieza do gelo. — E se o rei tenta tirar Mary desta casa, enfrentarei-o pessoalmente e a seus homens com minha espada.

Durante um instante, todos o olharam em silêncio. Porque semelhante desafio, se chegava a acontecer, não seria considerado menos que uma traição.



Rolfe aproximou de seu primogênito e passou o braço pelo ombro.

— Está aborrecido. Podemos atrair ao rei para nossa causa mais facilmente com palavras que com espadas.

Stephen ficou em pé.

— Não vai sair daqui — afirmou desafiante.

Pai e filho olharam o um ao outro, embora fosse Rolfe quem falou finalmente.

— Estou de acordo contigo. Somos aliados, não inimigos. Eu também desejo que fique aqui até que case com ela. Deixa que fale disto com o rei, possivelmente possa obter seu consentimento para adiantar as núpcias.

— E como o fará? — perguntou Stephen com sarcasmo. — Depois de tudo, agora que Rufus revelou seus planos de invadir Carlisle, duvido muito que creia que estas bodas vá acontecer.

— Por desgrça, é impossível saber o que pensa verdadeiramente Rufus. Entretanto, tendo em conta que gosta de torturar a seus adversários, eu diria que o apoiará já que sabe que Malcolm odeia a idéia de ver casada a sua filha contigo.

Stephen apertou a mandíbula.

— É um inepto! Esta união prometia trazer paz e agora ele destroça tudo o que conseguimos até o momento, e por quê? Por uma parte mais de terra? Por mandar sobre uns quantos clãs mais? Para converter Malcolm em um inimigo ainda mais feroz?

Rolfe o tocou no ombro.

— Não se preocupe. Não passará nem um só dia sem que eu sussurre ao ouvido do rei que abandone esse plano sangrento. — O conde agarrou seu filho pelo braço para tranquilizá-lo e logo girou para Brand. — Vamos, retornemos a corte. Informarei a Rufus de tudo o que ocorreu e começarei a pressionar para que adiante as bodas.

Quando partiram, Stephen começou a percorrer o aposento de acima e abaixo em silêncio, olhando de vez em quando para as escadas.

— O que faz o médico? Leva com ela mais de um quarto de hora.

— Estou seguro de que se encontra bem — comentou Geoffrey aproximando dele.

— Quase morre — sussurrou Stephen revelando a seu irmão sua tortura.



— Mas não morreu. Brand nos contou o ocorrido. Você lhe devolveu à vida, irmão.

— O arqui-diácono pareceu duvidar um instante. — Algum dia o agradecerá por isso, estou seguro.

— Não quero sua gratidão — afirmou sem pensar. Logo ruborizou violentamente.

— Que estúpido sou! Não há esperança! Ela me despreza. E quando nos casarmos, se é que o faremos, me odiará ainda mais por lutar contra seu país e contra sua família.

Geoffrey vacilou, muito sério, porque qualquer resposta que pudesse dar não seria nunca suficiente.

— Rezarei pelos dois, irmão. Talvez, com o tempo, haja paz, tanto na fronteira como entre sua prometida e você.

Stephen parecia ter suas dúvidas.

— Senhores, tenho boas notícias — disse o médico entrando de repente no salão e provocando que os irmãos girassem para olhá-lo.

— Ela está bem?

— Sofreu muito, mas não encontro nada mau além de uma debilidade extrema, algo compreensível depois do que passou. Prescreverei uma dieta de ovos crus e sangue de boi, conhecida por ser particularmente adequada para recompor o coração. Suponho que em um dia ou dois terá recuperado a saúde se seguirem meus conselhos.

Geoffrey assentiu.

— Como está agora? — Perguntou Stephen tenso.

— Dorme. Mas é um sono reparador. E senhores, sugiro que vocês também descansem.

O normando assentiu e deu as graças ao médico. Depois girou para se dirigir lentamente às escadas, dando por fim rédea solta a seu esgotamento. Apertou a mandíbula. Mary estava viva... E se Rolfe continuava exercendo a influência que parecia ter, casariam não em um prazo de três semanas, a não ser em questão de dias.

Mas logo, o que?



Geoffrey se perguntou o que sentiria ao amar tanto uma mulher para estar disposto a dar a vida para salvar a dela. Brevemente, muito brevemente, sucumbiu à tentação e pensou na paixão, no amor e nos sonhos.

O som de uns cavaleiros aproximando-se a galope interrompeu seus pensamentos. Geoffrey ficou muito quieto, escutando. Ainda não tinham dado sequer as sete. Rolfe e Brand acabavam de partir, e se perguntou se seria possível que Rufus se inteirou com tanta prontidão do ocorrido. Aproximou da janela e ficou tenso ao ver cinco cavaleiros entrando ruidosamente no pátio mostrando o azul e o ouro das cores de Essex. No meio ia Adele Beaufort.

Quando bateu na porta, Geoffrey a deixou passar. Ia envolta em uma capa debruada com pele e tinha as bochechas vermelhas pelo vento. Olhou-a com expressão severa, recordando muito bem seu primeiro e até o momento único encontro.

— O que a traz para Graystone, lady Beaufort? — perguntou ele finalmente, rompendo o incômodo silêncio que instalou entre eles. — Acaso sentia a necessidade de fazer um pouco de exercício pela manhã?

Ela baixou o capuz e permitiu que suas mechas, negros como o azeviche, caíssem livremente pelas costas.

— O que quer dizer com isso, lorde de Warenne? — disse com frieza. Logo o ignorou e passou por diante dele caminhando garbosamente em direção ao grande salão.

Geoffrey foi consciente de que tinha roçado a coxa com o quadril antes de segui-la e ver como se detinha frente às escadas.

— E bem? Stephen está aqui? — Perguntou ela apartando o olhar das escadas.

— Está dormindo — informou o arqui-diácono cruzando os braços.

Ela vacilou antes de olhá-lo nos olhos.

— E Mary?

Geoffrey sorriu com ironia durante um breve instante.

— Ah... Assim chegamos ao propósito desta visita.



— Todo mundo se inteirou que a princesa quase se afoga. Está... viva? — inquiriu rígida.

— Está muito viva.

Adele girou, mas não antes que Geoffrey percebesse seu desgosto. Cortou a escassa distância que os separava e a agarrou por braço, obrigando-a a girar. A jovem gritou. Ele nunca tinha tratado assim a uma mulher e sentia secretamente envergonhado, mas Adele não era uma mulher normal e corrente.

— Parece muito desgostada, lady Beaufort!

Ela o olhou e deixou de retorcer. Seus turgentes seios subiam e baixavam, agitados.

— Você contratou o assassino? — Perguntou Geoffrey sacudindo-a com violência.

— Fez isso?

— Não!

— É uma assassina, além de uma puta? — inquiriu agitando-a uma vez mais.

— Não!

Acreditava. Aliviado, Geoffrey a soltou.

Ela esfregou os braços e uma sombra cruzou seus olhos.

— Admito que desejava que Mary partisse, mas ela tinha planejado escapar, não se afogar!

— Tem algo que ver com seu plano de fuga?

Adele vacilou sozinho um instante.

— Pediu-me que a ajudasse. Acaso me culpa por isso? — Lançou-se para ele. — Me culpa? — Perguntou com os olhos alagados de lágrimas. — Stephen foi meu durante dois anos. Durante dois anos todos souberam que eu pertencia ao conde de Northumberland! O que será de mim agora? Sou o bobo da corte!

— Não acredito que faltem pretendentes para você, lady Beaufort — murmurou Geoffrey com voz suave.

— Mas nenhum deles é Stephen de Warenne, herdeiro do condado de Northumberland!



Geoffrey compreendia sua ambição, já que era muito parecida com a sua própria.

— Estou seguro de que fará um bom matrimônio.

— Pode que seja bom — disse Adele com amargura. — Mas não será o melhor.

— É a perda de Northumberland o que a leva às lágrimas... ou a perda de meu irmão? — Sem perceber aproximou perigosamente a ela.

— Por que pergunta? — Inquiriu, piscando.

Geoffrey sentiu todo seu corpo tenso.

— Preciso sabê-lo.

— Deseja-me, verdade? — Perguntou olhando-o fixamente nos olhos.

Geoffrey engoliu saliva. Deus, sim a desejava.

— Isto não está bem.

— Não — suspirou Adele avançando. — Em nosso caso está bem. Muito bem.

De repente, Geoffrey sentiu que não podia se conter e lhe agarrou o rosto com as mãos.

— Desejava Stephen como me deseja ?

— Não! Nunca! — Exclamou. — Oxalá fosse você o mais velho! Livraria-me de Mary de algum jeito, porque nunca permitiria que o tivesse. Casaria-me contigo e nunca o lamentaria!

— Vai muito longe.

Mas não a soltou. Passou pela cabeça a idéia de que ela poderia chegar a ser uma assassina, mas durou só um instante, porque estava invadido por um medo atávico, um mau pressentimento. Adele não se parecia com a viúva Tarn. A atração que a herdeira de Essex exercia sobre ele era muito mais poderosa e muito mais perigosa. E com aquele chamariz ia unida a ameaça das complicações, umas complicações que pressentia, mas que ainda não alcançava a compreender.

— Admite que me deseja — sussurrou ela.

Geoffrey observou aquele belo rosto que tinha entre as mãos e deslizou brandamente os polegares pela mandíbula, acariciando sua sedosa pele. Adele era perversa. E ele queria ser perverso com ela.



— Desejo você.

— Eu também o desejo. Por Deus que sim. Tanto que de noite...

Deixou a frase pela metade. Tinha os lábios entreabertos e trementes, preparados para o beijo.

— Continue — sussurrou com voz rouca.

Tomou uma mão, a apertou e a pôs entre ambos. Ele ficou petrificado. Adele deslizou a palma masculina por seu ventre e a colocou sobre seu púbis. Geoffrey sentiu o sangue golpeando sua mão.

— A noite me toco e sonho que é você quem o faz. E quando grito é seu nome o que pronuncio.

Geoffrey gemeu. Sua mão atuou livremente e cavou sobre ela, ignorando o fino tecido de seda que defendia o centro de seu prazer. Imaginou o que Adele fazia a si mesmo, imaginou o que ele poderia fazer... e pela primeira vez enfrentou à profundidade do desejo que sentia por ela e que tanto o assustava. Queria deixar a mente em branco por uma vez e permitir que seu corpo fizesse o que desejava. Queria afundar com ela, sentir sua depravação uma só vez. Não seria a primeira mulher que fizesse dele, mas bem poderia ser a última. Porque assim que recebesse a nomeação que o rei tinha insinuado, teria que pronunciar seus votos finais e se comprometer irrevogavelmente com Deus. E nunca romperia esses votos.

Com esses pensamentos, Geoffrey agarrou a mão dela. Ela abriu os olhos surpreendida e a firme boca masculina curvou em um duro sorriso.

— Pequemos juntos, Adele. Hoje. Agora.

Ela afogou um gemido enquanto Geoffrey a arrastava para o exterior. Obrigou-se a correr para seguir o passo de enquanto cruzavam o pátio e deixavam atrás os estábulos. O arquidiácono não era consciente de nada que não fosse a mulher que tinha ao lado.

— Onde me leva? — Gemeu a jovem.

— Para o bosque — disse ele com secura entre ofegos. Sua agitada respiração pouco tinha que ver com o ritmo tão rápido que tinha imposto.



Logo estiveram protegidos sob um grupo de árvores robustas. Então, Geoffrey girou para Adele, que tirou o cinturão trançado com rapidez e o deixou cair no chão. A cruz de ouro que pendurava do cinto brilhou sob a luz do dia em meio das folhas carmesim. Mas o arqui-diácono não o viu porque só tinha olhos para Adele, que parecia enfeitiçada. Quando Geoffrey se despiu, a jovem não pôde evitar gemer ao ver por fim a poderosa evidência de seu desejo.

— Seu turno — exigiu ele fazendo um esforço por conter a impaciência. — Quero vê-la nua.

Ela voltou a si e riu enquanto tirava a túnica. Geoffrey assombrou ao ver que não levava regata. Adele voltou a rir, exibindo orgulhosa e sem nenhum pudor sua nudez. Seu cabelo negro agitava com o vento fazendo que sua beleza resultasse ainda mais provocadora.

— Vêem — murmurou Adele, abrindo seus braços. — Você e eu não temos feito mais que começar. Está tão duro que deve doer. Vem pra mim. Deixa que alivie essa dor.

Geoffrey a estreitou contra si e suas bocas fundiram grosseiramente em uma sozinha. Ela afastou os lábios, e, antes que Geoffrey pudesse protestar, deslizou por seu corpo. De joelhos, mordiscou o umbigo e deixou que seus seios acariciassem sua carne ereta. Logo baixou a cabeça e começou a lambar seu grosso membro com investidas lentas e seguras, para tomá-lo finalmente por inteiro em sua boca.

Geoffrey tinha conseguido por fim não pensar em nada. Exalando um gemido de puro prazer, afastou-a um momento de si e a tombou de barriga para cima.

— Toca-me — sussurrou com voz rouca enquanto abria as pernas, separava os lábios úmidos e quentes de sua feminilidade, e lambia a pele tremente, tal e como Adele fazia com ele. Ela gritou e o agarrou pelo cabelo, mas Geoffrey seguiu lambendo-a sem piedade. Lambeu cada rincão, cada dobra. Sugava e saboreava. Seu único objetivo era se converter em escravo do desejo que o atormentava e escravizá-la junto a ele.

Por fim, elevou sobre ela e a penetrou soltando um grito selvagem. Adele também gritou e o arranhou nas costas com força.



Muito tempo mais tarde, ambos ficaram saciados. O sol estava começando sua descida, mas eles ficaram tombados sobre a terra e as folhas, totalmente esgotados. Por último, Adele se incorporou e percorreu glotonamente com o olhar cada centímetro do perfeito corpo masculino. Geoffrey tinha um braço tampando o rosto, por isso não podia saber se dormia ou só descansava. A jovem suspirou satisfeita. Nenhum homem a tinha levado nunca antes a tais cotas de prazer. Com um sorriso pensou que aquilo era só o princípio. Estava tão segura disso como o tinha estado sempre de tudo ao longo de sua vida. Agora sim se alegrava de que fosse um homem da Igreja. Porque até que chegasse o dia em que se casasse com ele, não pertenceria a nenhuma outra mulher. Seria só dela. Adele fez aquela promessa por ambos.



Capítulo 15

Duncan estava de um humor de cães. Quem tinha adiantado em perpetrar aquele ataque contra Mary, falhando estrepitosamente no intento de acabar com sua vida?

Os rumores circulavam entre os cavaleiros e as damas da corte ao amanhecer. Alguns diziam que a princesa tinha tentado escapar da torre, outros, que a tinham raptado. Mas fosse qual fosse a razão pela qual estava do outro lado dos muros, todos estavam de acordo em que ninguém caía no rio Tamisa sem que o empurrassem.

Embora em teoria ninguém tinha visto o ocorrido, Duncan tinha interrogado discretamente aos sentinelas. Mas eles só tinham visto o valente resgate de Stephen tirando a princesa das profundidades do rio, e a incrível maneira em que a tinha salvado da morte.

Duncan ficou lívido. Acaso de Warenne estava sempre no lugar certo no momento adequado? Se esse herdeiro bastardo não tivesse estado no pír ao amanhecer, Mary estaria agora morta e ele, Duncan, seria inocente daquele delito de sangue.

O escocês podia adivinhar, igual a todos outros, quem tinha maior interesse em impedir a união entre Escócia e Northumberland. A seguinte pergunta era: Essa outra parte tentaria de novo, desta vez com êxito? Duvidava. Os de Warenne estavam alerta e nenhum assassino teria agora possibilidades de mandar Mary para o outro mundo. Nem sequer ele poderia fazê-lo. Duncan não era tão estúpido para tentar matar a sua meio-irmã em semelhantes circunstâncias. Não, teria que postergar seu plano no momento. Talvez inclusive trocasse os meios. Mas no fim seguiria sendo o mesmo. Não podia permitir a união entre a filha de Malcolm e Stephen de Warenne.



O primeiro som que ouviu Mary ao despertar foi um suave murmúrio de vozes tão fraco que era quase inaudível. Por um momento, pensou que estava sonhando, mas a dor em seus pulmões não era nenhum sonho. As vozes foram elevando o tom, distinguindo umas de outras. A jovem reconheceu então o tom firme da condessa de Northumberland e logo a voz infantil e mais gritã de sua filha Isobel. Por fim, sua mente limpou por completo e foi consciente do ocorrido.

Tinha estado a ponto de se afogar. Ficou tensa e, esquecendo as pessoas que a rodeava, as sensações vividas se apoderaram dela. Recordou como afundou na escuridão úmida e negra, e como o pânico invadiu sua mente. Os pulmões queimavam... OH, Deus!, tinha tentado escapar, mas o único que tinha conseguido era que tentassem assassiná-la, jogando-a no Tamisa. Tinha estado a ponto de morrer.

— Mãe, mãe, está acordada! — Gritou Isobel emocionada.

— Pode me ouvir? — Perguntou a condessa brandamente.

Mas, como era possível que seguisse com vida? Vieram-lhe à mente com aterradora claridade seus últimos pensamentos antes de perder a consciência, e, então, lembrou-se. A cena era real, dura. Stephen a estreitava entre seus braços no rio, onde ela flutuava como um cadáver, e logo Brand a levou até a borda. Mary abriu os olhos de par em par. Como podia ter aquela lembrança? A perspectiva não era a adequada. Parecia como se estivesse sobrevoando a cena, observando a uns atores que formavam parte de uma estranha obra.

Mas não se tratou de nenhuma representação. A jovem estava convencida de que o que tinha visto ocorreu realmente. Porque então, como as obras que representavam os cômicos ambulantes, a cena se desenvolveu com uma intensidade aterradora. Brand tombando-a no píer..., Stephen saindo da água e imediatamente colocando-se em cima dela, girando-a, suplicando que respirasse... E logo introduzindo o ar dos próprios pulmões nos seus enquanto Brand dizia a seu irmão que estava morta.



De repente as imagens se voltaram imprecisas, as vozes difusas, até que não viu nem escutou nada mais e a lembrança desvaneceu.

A condessa sorria.

— Olá, princesa. Confiávamos em que despertasse logo.

Mary piscou, tremendo. Tinha estado verdadeiramente a beira da morte? Como tinha conseguido Stephen libertá-la de uma morte segura?

— Quase morre! — Gritou Isobel tomando as mãos de Mary entre as suas e as apertando com evidente regozijo ao ver que estava acordada.

— Quase morro — repetiu ela.

— Isobel, não oprima à princesa — a repreendeu Ceidre com severidade.

Mas a escocesa já estava sentando-se, agarrando às mãos de Isobel.

— Stephen me salvou? Insuflou ar em minha boca?

Tanto a condessa como Isobel a olharam surpreendidas.

— Mas, como pode sabê-lo? — Perguntou Ceidre. — Stephen disse que estava inconsciente, sem respirar, a beira da morte.

Mary se deixou cair de novo sobre o colchão enquanto o coração pulsava com força. Lágrimas ardentes ameaçavam cair por suas bochechas e fechou os olhos tentando evitá-lo.

Tinha estado a ponto de morrer. Stephen a tinha salvado. E como não podia explicar a si mesma a estranha lembrança de vê-lo devolvendo a vida no pír, tampouco podia explicar a eles. Só havia uma coisa era clara: que estava viva por milagre e que devia a seu prometido algo mais que obrigada.

— Isobel, me traga uma regata e uma túnica — ordenou a condessa a sua filha, que se apressou a obedecer. — Levanta os braços, querida. Ajudarei-te a se vestir.

Mary obedeceu. Enquanto a mãe de Stephen a ajudava a colocar uma regata, pensou em como tinha podido salvá-la Stephen estando drogado. Possivelmente fingiu beber porque conhecia seu plano. Ao pensar em que a tinha libertado das garras da morte, não pôde evitar se sentir culpada por tê-lo traído e decepcionado. Como pôde ter feito algo assim?



— Encontra-te bem, Mary? — Perguntou a condessa com preocupação.

Ao ver que na soleira da porta estava o homem que enchia seus pensamentos, a jovem ficou imóvel incapaz de falar.

A luz invernal que se filtrava através das janelas do aposento era sombria, e Stephen estava envolto nela. Era impossível definir sua expressão. Mary sentiu que o coração acelerava. Tinha a necessidade de gritar para agradecer, para expressar uma emoção que não se atrevia a identificar. Mas não o fez. Em seu lugar, caiu sobre o travesseiro olhando-o.

O aposento era pequeno, e ele o cruzou rapidamente, com decisão, detendo-se ao lado da cama.

— Bom dia, Mary — a saudou no tempo em que a atravessava com o olhar.

A jovem sabia que devia agradecer e se desculpar por traí-lo o de uma maneira tão horrível. Mas não podia falar nem tampouco afastar a vista, de fato tinha deixado de ser consciente da presença da condessa e de Isobel.

— Estávamos esperando a que despertasse — disse Stephen finalmente.

Mary umedeceu os lábios ressecados.

— Toma — insistiu Isobel estendendo uma taça de água com um sorriso. — Beba isto.

— Vamos, Isobel — disse a condessa erguendo-se. — Seu irmão quer estar um instante a sós com sua prometida.

Mary mal escutou as palavras de lady Ceidre. Nem sequer gravou o momento em que ela e sua filha saíam do quarto e fechavam a porta atrás delas.

Por um momento Stephen e ela ficaram olhando-se em silêncio. Ele estava sério e Mary, nervosa e calada. Um instante mais tarde o normando estava a seu lado na cama estreitando-a entre seus braços.

Sem pensar, apoiou-se nele. Era forte, poderoso e íntegro. Era a vida. Mary se sentiu aturdida pela intensidade de tantas emoções. Nunca havia se sentido tão segura e protegida e, durante um comprido instante, ficaram abraçados. Nenhum dos dois moveu nem falou, até que ele disse com voz suave e rouca ao ouvido:



— Eu sou o que mais se alegra de todos em vê-la acordada.

Mary girou lentamente a cabeça para poder olhá-lo. Era possível? Era possível que aquele homem albergasse um pouco de ternura por ela depois do que tinha acontecido? Depois do que ela tinha feito? Então, enquanto ele a olhava com inquebrável intensidade, como se queria desvendar sua alma, a jovem recordou seu desespero no píer, o modo em que a havia devolvido à vida, e sentiu uma pressão no peito que a urgia a se abrir com ele por completo.

— Como se sente? — Seu tom de voz não era de todo firme, a diferença da intensa luz que refletiam seus olhos. Mary teria jurado que viu um halo de umidade neles, mas possivelmente só fosse coisa de sua imaginação.

— Estou contente de estar viva, milorde. E tenho que agradecê-lo por isso.

A jovem ficou tensa ao ver que ele aproximava o rosto ao dela. Seu corpo voltou para a vida quando Stephen falou. Sua respiração a acariciava, provocando calafrios na espinha dorsal.

— Quero que me dê algo mais que obrigado.

— O que... o que é que quer de mim, milorde? — Seu rosto empalideceu.

— De verdade o quer saber?

Mary estremeceu antes as possibilidades. Sentia-se débil e insegura em relação ao que estava ocorrendo entre eles.

— Terá... Terá mais que meu agradecimento — se escutou dizer finalmente.

O olhar de Stephen procurou o seu.

— Rende-se por fim a mim, Mary?

Ela tremeu. Que tipo de laço estavam forjando, que tipo de pacto? Compreendia ele sua súplica, compreendia Mary a sua?

— Salvaste-me a vida. Se não tivesse estado ali... — soluçou, incapaz de continuar.

— Não tem nada que temer — afirmou, abraçando-a mais forte. — Não voltarão a lhe fazer dano, tem minha palavra.

Mary agarrou a sua túnica. Estavam ao bordo de um novo e profundo entendimento, e ela se sentia temerosa e exultante ao mesmo tempo.



— Stephen — sussurrou, consciente de que nunca antes o tinha chamado por seu nome de batismo. — Sinto. Sinto ter te traído. Não voltarei a fazê-lo de novo, milorde — prometeu com ardor. — Dou minha palavra.

O normando ficou quieto durante um instante no que pareceu deixar de respirar. Seu olhar se tornou escuro e feroz.

— Se está falando com o coração, Mary, sentirei-me muito agradado.

— Falo com o coração — assegurou ela.

A expressão de Stephen mudou, voltando-se de certo modo primitiva e triunfal.

— Quer então se tornar minha esposa de verdade?

Seus olhares voltaram a se cruzar. E apesar do fraco que sentia, Mary experimentou um estremecimento de desejo na parte inferior do ventre.

— Stephen — sussurrou sem força, ultrapassada por uma quebra de onda de emoção tão intensa que esteve a ponto de deixá-la sem sentido. Amava a aquele homem. — Sim — claudicou brandamente.

O normando pareceu aturdido por um momento. Logo reagiu e roçou com ternura os lábios femininos com os seus, um instante mais tarde já não ficava nada de suavidade em seu beijo. Mary não importou.

Amava-o. Abriu a boca, ofereceu-se a ele e suas línguas entrelaçaram com ansiedade. Sem poder resistir ao impulso que nascia de suas vísceras, a jovem lançou um gemido e atraiu Stephen até conseguir que se colocasse sobre ela, desfrutando de sentir sua presença e da rigidez de seu membro apoiado contra sua coxa. Tinha estado a ponto de morrer e precisa se sentir viva. Necessitava que ele a fizesse dela como uma forma ancestral de reafirmar sua existência. Nunca nada tinha parecido tão importante para ela.

Stephen foi o primeiro em romper o beijo. Ofegando, elevou a cabeça com o cenho franzido e o rosto sério.

— Mary, se não pararmos agora...

— Não! — Gritou ela movendo-se de forma sedutora contra seu corpo para evitar seu afastamento. — Não, milorde, salvaste-me a vida... Agora deixa que eu a dê a ti.



Stephen duvidou um só instante antes de tirar as meias, logo se colocou entre suas pernas e acariciou seu ventre, seus quadris e o interior de suas coxas. Mary gemeu de puro prazer e se arqueou contra ele, ofegando.

A túnica se interpunha. Com um gemido rouco, a jovem a subiu à altura da cintura e apertou a mão de Stephen contra seu calor úmido. Ele se sobressaltou.

— Para ti, milorde — sussurrou, consciente de seu lado mais selvagem naquele instante e incapaz ao mesmo tempo de evitá-lo. — Só para ti.

Stephen gemeu. Um instante depois estava deslizando seu duro e grosso membro profundamente no interior de Mary em um ato, não só de penetração mas também de posse.

A jovem soluçou de felicidade, desejando chegar à cúpula do prazer. Stephen abriu a boca e afogou um grito enquanto entrava e saía de seu interior, investindo-a uma e outra vez até que Mary alcançou um êxtase ainda mais intenso que o que tinha experimentado dias atrás. Com um gemido surdo, o normando se perdeu no corpo feminino e também foi arrastado pela maré da paixão.

Mais tarde, o som de seus corações, rápido e agitado, mesclou-se com suas pesadas respirações, e a jovem não pôde evitar sorrir.

— Eu gosto de seu sorriso, princesa — sussurrou Stephen. — A jovem pensou se estaria tão apaixonada assim como sentia. — Irá bem — assegurou com voz firme.

Mary ficou tensa. Suas palavras tinham um ar solene, como se tratasse de uma provocação ou uma promessa. Ergueu-se e observou as sombras que endureciam seu rosto.

— Assim será — sussurrou ela.

Mas de repente se sentiu melancólica e assustada, consciente agora mais que nunca daquele passado que abatia sobre eles, um passado que remontava muito além das escassas semanas transcorridas desde que ele a tinha capturado, um passado repleto de incontáveis batalha nas que seus pais tinham cruzado espadas com intenção de matar um ao outro, um passado que inclusive ela mesma tinha cometido traição contra ele.



Mary tinha sonhado toda sua vida em casar com um homem como Stephen e poder se entregar a ele sem temor ao futuro. Mas em seu caso, a história e as circunstâncias conspiravam contra eles.

E essa conspiração não pressagiava nada bom para seu futuro. Afligida, Mary foi consciente de que já era tarde, de que tinha entregado por inteiro seu coração, e que este já não voltaria a lhe pertencer nunca mais. Não só o presente e o passado conspiravam contra eles, mas também uma enorme quantidade de personagens ambiciosos e desumanos. Embora Stephen sentisse algo por ela, e estava começando a acreditar sinceramente que assim era, que tipo de futuro poderiam ter?

— Alguém tentou me matar.

— Sei.

Mas antes inclusive que Stephen respondesse, Mary caiu na conta de que Adele Beaufort tinha organizado o atentado contra sua vida. Ninguém mais sabia que ela estaria no píer aquele dia e a aquela hora.

— O que te passa?

— Milorde —sussurrou horrorizada. — Só há uma pessoa que conhecia meus planos de fuga.

— Adele Beaufort? — A jovem assentiu, desconcertada por sua perspicácia. — Adele te ajudou a preparar a fuga, mas não podemos assegurar que estivesse por trás da tentativa de acabar com sua vida. Há muitas pessoas que estão contra nossa união, princesa.

Mary, que até esse momento tinha estado a beira das lágrimas, ficou imóvel.

— Quem? Quem está contra nosso matrimônio, Stephen?

— De verdade quer sabê-lo?

— É obvio que sim! — Exclamou a jovem, perdendo um tanto os nervos.

— O irmão de Adele está furioso por ter sido relegado, Montgomery teme que o poder de Northumberland ultrapasse ao de Shrewsbury. E Duncan...

— Duncan? Sem dúvida ele não me faria nunca dano! É meu irmão!



— É seu meio-irmão, ao que mal conhece, e te asseguro que ele gosta só de si mesmo e a sua ambição, Mary.

— Talvez seja ambicioso, mas isso não significa que vá me fazer dano. — A mera idéia era espantosa, aterradora.

— Sua ambição é governar a Escócia, se converter em seu rei.

— Não! Não pode pretender depor a meu pai.

— Não é tão estúpido. Confia em fazê-lo quando da morte de seu pai. Por que outra razão ia permanecer tantos anos na corte servindo ao monarca como um escravo? Ele é o candidato de Rufus.

Mary negou com a cabeça consciente de que inclusive naquele momento, justo depois de descobrir seus próprios sentimentos e talvez inclusive os de Stephen, a política era uma ameaça para eles.

— Não. Edward será o próximo rei da Escócia. Assim decidiu meu pai, e assim deve ser.

— Acaso Malcolm não pode se equivocar?

— Não discutamos sobre meu pai — disse com secura depois de um momento de silêncio.

— Por que não, Mary? É que sempre tem razão? — O tom de voz de Stephen demonstrava sua ira.

À escocesa pulsava o coração muito forte e foi incapaz de responder.

— Não podemos correr mais riscos, Mary. Assim ficará durante os próximos dias em Graystone. Aqui estará a salvo até as bodas. — Dito aquilo ficou em pé e começou a se vestir.

— Durante os próximos dias? Mas faltam três semanas para nossas bodas!

— Não — respondeu o normando inclinando-se sobre ela. — Troquei a data e o rei está de acordo. Não seria acertado atrasá-la depois do que aconteceu. Assim que tenha forças para pronunciar seus votos nos casaremos.



Mary não cabia em si de assombro. O coração tinha dado um tombo de autêntica felicidade e foi incapaz de evitar sorrir. Em questão de dias estariam casados. Em questão de poucos dias seria sua esposa!

Não foi até que seu prometido partiu que a jovem percebeu que sua resposta tinha sido muito diferente da dela. Stephen não sorria quando deu aquela inesperada notícia. De fato, mostrou-se mal-humorado e incômodo, como se esperasse que um desastre os golpeasse em um futuro muito próximo.

— Assim que possa pronunciar os votos?

— Assim é, querido irmão. Assim que a princesa Mary esteja o suficientemente recuperada para se manter em pé na igreja, casarão. — Rufus sorriu sem nenhum indício de humor. — Há alguma razão para que tanta pressa o incomode, Henry?

O príncipe estava furioso.

— Sabe que estou contra essa união. Disse desde o começo. Ainda confio em que seja sensato e proíbas que se casem.

— Por que acredita que acessei a essa união em princípio?

— Não tenho nem a mais remota idéia.

— Para surpreender ao Malcolm quando nosso exército salte sobre ele — explicou Rufus com um sorriso. — Não esperará que o façamos depois das bodas.

— Irmão, te superaste — assinalou Henry, zangado. — Mas, o que fará se chegar o dia em que Northumberland volte para Escócia e contra você?

— Esse dia nunca chegará.

— Está louco! Entregaste a de Warenne suficiente poder para acabar contigo, e tudo em troca de umas quantas colinas sem valor.

Henry percorria de um lado a outro os aposentos do rei enquanto falava. Em momentos como aqueles era quando sabia com absoluta certeza que ele deveria ser o



soberano da Inglaterra. Nunca entregaria tanto poder a um só nobre. Tendo em conta a estupidez de seu irmão, não pôde evitar lamentar que Mary não se afogou.

— Quem tentou matá-la?

— Não sei. Foi você, Henry? — Perguntou Rufus com escasso interesse.

— Se eu tivesse estado atrás da tentativa de assassinato, te asseguro que agora não estaria viva —replicou vermelho de ira.

Rufus ficou em pé, aproximou-se da janela e contemplou a vista que Londres oferecia.

— Acredito.

— Então, foi uma tentativa de assassinato?

— Ao contrário do que dizem alguns dos rumores que correm, assim é.

Henry sorriu repentinamente.

— De verdade estava fugindo de Stephen?

— Isso resulta divertido para você?

— Muito divertido. Céus, arrumado que Warene estará furioso. Essa pequena arrogante atrevendo-se a desafiá-lo... Como eu gostaria de ter a oportunidade de presenciar ao menos uma de suas conversações.

— Hmm... Imagino que preferiria ter a oportunidade de estar a sós com essa arrogante.

Henry olhou seu irmão.

— Se semelhante tentação ocorresse, não me negaria a cair nela. E suponho que se Warene te desse o mínimo fôlego, também o colocaria sem duvidá-lo em sua cama, não é certo, majestade?

Agora tocou ao Rufus o turno de estar furioso.

— Talvez quando era menino, mas um homem assim não resulta atraente absolutamente. Absolutamente — repetiu o rei com brutalidade.

Mas estava mentindo. Não só a seu irmão, mas também a si mesmo. Os desejos não satisfeitos eram algo muito perigoso, sobre tudo depois de tantos anos.



— Talvez Stephen esteja tão agradecido que demonstre isso da forma em que você gostaria — disse Henry rindo enquanto se dirigia à porta. — Mas duvido muito, irmão. Duvido muito.

Depois de fazer uma grotesca reverência, o príncipe partiu.

Rufus apertou os punhos enquanto via sair seu irmão. Se Henry não fosse um aliado militar tão valioso e não tivesse um número tão elevado de mercenários a suas ordens, jogaria-o nas masmorras e atiraria a chave fora. Às vezes o odiava tanto que se sentia realmente tentado a fazê-lo. Mas no momento, utilizaria-o e se aproveitaria dele tudo o que pudesse, tendo sempre cuidado de manter um passo na frente dele.

Rufus conhecia Henry muito melhor do que seu irmão pensava. Se ao príncipe enfurecia tanto uma aliança que apenas o afetava, era porque desejava o trono da Inglaterra. Mas, é óbvio, isso era algo que nunca poderia conseguir.

Adele Beaufort estava deitada de barriga para baixo na cama, destampada e com os braços rodeando o travesseiro. Levava posta unicamente uma regata fina e curta de algodão. Estava sozinha no quarto já que as demais damas se achavam compartilhando a última comida do dia. Tinha os olhos fechados, mas não dormia. Respirava com irregularidade. A cena vivida dias antes com Geoffrey de Warenne vinha uma e outra vez à mente, e cada vez era mais forte sua determinação. Nunca tinha experimentado por ninguém um desejo tão avassalador como o que sentia para ele. Durante os últimos dias, o arquidiácono a tinha ignorado fingindo que não existia e que a tarde que tinham compartilhado naquele abandono total não tinha nunca acontecido. Mas assim tinha sido. E ela logo voltaria a fazê-lo seu de novo. Devia fazê-lo.

Adele gemeu brandamente em voz baixa, apertando com mais força o travesseiro. Sentia o corpo em chamas. Geoffrey estava ali, na torre, naquele preciso instante estava abaixo jantando com todos os outros. A jovem subiu o joelho e se apertou contra a cama, o que provocou que seu traseiro ficasse descoberto.



Recordava tudo o que Geoffrey tinha feito aquela tarde, e tudo o que tinha feito a ele, depois de semelhante encontro, não acreditava que nenhum outro homem pudesse satisfazê-la. Gemeu brandamente sentindo que o fogo crepitava entre as pernas, mas, de repente, escutou um som e ficou muito quieta. Eram uns passos firmes e decididos que pararam do outro lado da porta de seu aposento. Adele não abriu os olhos e imaginou que Geoffrey entrava e acariciava as costas, agarrava as nádegas e a fazia sua sem preliminares.

A porta abriu sem que ninguém tivesse chamado. Adele apertou com mais força o travesseiro, consciente de que o intruso a estava olhando fixamente.

Ele fechou a porta devagar.

— Quem a tem assim tão quente, puta?

Adele gemeu. Foi o único que pôde fazer. Não podia seguir suportando muito mais aquela agonia.

— Quem? — Perguntou o intruso parando aos pés da cama. — Quem a deixa retorcendo na cama de desejo? Acaso é a mim quem necessita?

A jovem gemeu, foi a única resposta que pôde articular. Era impossível continuar mais tempo com aquela agonia.

— Por favor — sussurrou odiando a si mesma ao mesmo tempo em que escutava o som de tecido ao cair enquanto o intruso se despiu. — Por favor — voltou a gemer, suplicando agora.

Ele riu. A cama rangeu sob seu peso quando ajoelhou entre suas coxas, acariciando-as e só parando quando agarrou o traseiro dela. Adele estremeceu e abriu a boca para tomar ar.

— Quem a deixa assim? — Furioso, agarrou-a com força obrigando-a a gritar. — Quem, maldita seja?

— Geoffrey de Warrenne — gemeu, abrindo as pernas.

Ele a penetrou com um rugido. Adele mordeu o lábio para não gritar e se viu imediatamente perdida em um clímax violento. O intruso a seguiu pouco depois e derrubou-se, esgotado, sobre o corpo feminino. Imediatamente, Adele o separou de si e



ficou em pé. Em menos de um segundo alcançou a túnica e a pôs, antes de olhar ao homem que estava convexo em sua cama.

— Saia daqui!

Roger Beaufort levantou com indolência.

— Tranquei a porta com o ferrolho. — Seu sorriso era zombador. — É assim como demonstra seu agradecimento, querida?

— Saia — repetiu ela furiosa.

Odiava-o, sempre o tinha odiado porque foi ele quem a introduziu nas profundezas de sua depravação, muito tempo atrás.

Beaufort levantou, colocou a roupa e passeou tranqüilamente por diante dela.

— Nunca mudará — disse ao ouvido. — Ele só está brincando contigo, é um homem honrado, correto, algo que você não pode compreender nem remotamente.

— E você sim? — Inquiriu Adele com sarcasmo. — Diga-me, quando decidiu assassinar Mary? Não teria sido bom o bastante que ela escapasse?

Roger empalideceu e logo agarrou o rosto dela com força.

— Se me trair, querida irmã, implicarei a ti. Se eu cair, você cairá também.

— Largue-me! — Ordenou Adele apartando-se dele.

— Talvez devesse falar com o bom arquidiácono. Não acredito que seu corpo o atraísse se soubesse que é capaz de assassinar — ameaçou, dirigindo um sorriso maligno.

— Saia!



Capítulo 16

Mary estava muito nervosa por que seus pais tinham chegado a Londres no dia anterior. Stephen tinha sugerido que os visitasse e, como não podia recusar vê-los, naquele instante iam a caminho da torre do rei. A jovem tinha estado a ponto de negar já que não queria enfrentar a seu pai no dia anterior a suas bodas.

Tinham transcorrido três dias desde que esteve a ponto de perder a vida. Era muito pouco tempo, mas tinha sido feliz. Embora Stephen passava muitas horas na corte, tinha ido vê-la todos os dias. Não haviam tornado a falar do ocorrido no dia em que consumaram sua união, mas Mary tinha a impressão de que tinham alcançado um novo e maravilhoso entendimento. Confiava nele. Como podia ser de outra maneira? Brand tinha ido visitá-la e tinha contado como Stephen, desesperado, tinha arriscado sua vida por ela e havia devolvido-a à vida. Oh, sim, confiava completamente nele.

E não tinha mentido quando prometeu que não voltaria a traí-lo. Recordou quanto comoveu Stephen com sua promessa e estava convencida de que também confiava nela.

Mary estava assustada de encontrar com sua família embora fosse só durante um instante. Tinha medo do que pudesse ocorrer, do que pudesse descobrir.

À medida que se aproximavam da torre e ao temido encontro com seus pais, a escocesa percebeu que seu prometido pensava que estava fazendo um grande favor em levá-la. Mary não queria enfrentar seus próprios sentimentos, assim não compartilhou seus medos com ele. Mas a cada passo que a aproximava da torre, seu estômago encolhia e o coração pulsava com mais força.



Soube que seu pai tinha chegado às portas de Londres com um exército considerável. Entretanto, só tinham permitido a entrada de umas poucas dúzias de homens desarmados. William Rufus não queria se arriscar o mínimo com seu pior inimigo.

Enquanto cruzava Londres, a preocupação da jovem aumentou. Conhecia bem a seu pai. Sem dúvida, estaria furioso por ter sido obrigado a deixar para trás seu exército. Mary sabia quão rápido respondia quando estava cheio de ira. Romperia o rei escocês a aliança no último momento? Impediria inclusive as mesmas bodas? A jovem tinha medo. Como tinha mudado! Não queria que nada interferisse em suas bodas, nem sequer seu pai. Era muito cruel com seus inimigos, e sem dúvida ainda odiava Northumberland e a Stephen.

De repente, a torre do rei apareceu diante de seus olhos elevando sobre os muros do castelo e refletindo brandamente sobre a superfície do Tamisa. Mary tinha mantido abertas as cortinas da liteira. Stephen partia na frente no lombo de seu corcel e, a suas costas, cavalgava seu porta-bandeira levando a rosa vermelha de Northumberland. Um grupo de cavaleiros fortemente armados os escoltavam.

Assim que cruzaram a ponte e entraram no recinto cercado de muralhas, uma partida real os acompanhou até ao castelo. Stephen a ajudou a sair da liteira, rodeado não só de seus homens, mas também dos do rei. Mary já tinha passado com antecedência por uma situação similar, e voltou a se sentir assustada e indefesa. Não soltou a mão de seu prometido e ele a apertou um pouco para tranquilizá-la. Nem sequer o rei desbarataria seu matrimônio aquelas alturas. Não se atreveria.

Enquanto subiam as escadas para o castelo junto com a escolta, a jovem pensou se sempre sentiria incômoda na corte inglesa, se sempre consideraria uma estranha entre inimigos. Era outro pensamento negativo e tratou de afastá-lo de sua mente. Quão único ela queria era experimentar os nervos típicos das noivas e a autêntica felicidade na véspera de suas bodas.

Quando por fim a comitiva entrou no grande salão, as conversações desvaneceram. Todas as damas e cavaleiros giraram para observar ao grupo com os olhos brilhantes de curiosidade. Mary lamentou ter tentado fugir. Seu prometido não teria



gostado que seu desafio se espalhou de modo tão público. Estava convencida de que muitos daqueles invejosos cavalheiros tinham adorado a breve humilhação de um de Warenne. Enquanto cruzavam o saguão, Mary o olhou. O herdeiro de Northumberland levava a cabeça alta, olhava à frente e sua expressão era inescrutável. A jovem pareceu escutar a alguém rir pelo baixo e mencionar o nome de Stephen, mas quando olhou para a pequena multidão congregada não pôde distinguir ao culpado.

Em seu momento, pensou com convencimento, todo mundo se inteiraria de seu amor por Stephen e de sua lealdade para ele.

Subiram diretamente aos aposentos privados do monarca e, assim que entraram, Mary viu que seus pais e três de seus irmãos já estavam ali. Malcolm e Margarida conversavam tensos com os condes de Northumberland perto do estrado no qual Rufus estava sentado sobre seu trono. A jovem surpreendeu muito ver Doug Mackinnon de pé entre Edward e Edgar, e quando ele a olhou, ela afastou rapidamente a vista.

Horrorizava-lhe que estivesse ali. Não entendia por que tinha acompanhado seus pais. Além disso, sobressaltou-a a certeza de que não tinha dedicado a ele nem um só pensamento desde o dia em que Stephen a capturou. Como podia pensar antes que estava apaixonada por ele? Como poderia olhá-lo aos olhos agora? Mary observou a seu prometido, mas ele permanecia imutável. Caiu então na conta que não sabia quem era Doug e se sentiu estranhamente aliviada. Conhecia-o o suficiente aquelas alturas para estar convencida de que não gostaria de saber que seu antigo prometido estava ali.

Ao ser consciente de que seus pais perceberam sua presença, Mary ficou aterrorizada. Tinha evitado olhar Malcolm depois de lhe dirigir uma primeira olhada, mas arrumou para sorrir a sua mãe, que parecia a ponto de chorar.

Rufus os saudou quando Stephen e ela aproximaram do estrado no qual estava sentado.

— Alegra-me vê-la tão bem, princesa — assegurou com as bochechas vermelhas e cheirando a vinho. Tinha uma expressão maliciosa. — Não parece que tenha estado tão perto da morte.

— Recuperei-me, senhor.



— Alegramo-nos muito.

Mas Rufus não parecia absolutamente interessado por ela. Estava sorrindo para Stephen, que não devolveu o sorriso.

— Senhor — limitou a dizer ele.

Mary olhou o homem que tanto amava e logo ao rei. A expressão de Stephen era inescrutável, mas a do monarca era de alegria, inclusive brilhavam os olhos. A jovem congelou, não podia afastar os olhos do semblante de William Rufus. Agora reconhecia aquela expressão. O rei estava apaixonado por Stephen!

Rufus a olhou finalmente e, ao surpreendê-la observando-o, apagou o sorriso e o olhar tornou frio.

— Seu pai quer saudá-la, princesa.

Mary girou rapidamente, ainda impactada pelo que acabava de descobrir. Não cabia a mínima dúvida de que era verdade.

Obrigou-se a olhar Malcolm e viu que sorria como sempre tinha feito. O coração de Mary encolheu dolorosamente e os olhos encheram de lágrimas. O olhar de seu pai era cálido e afetuoso. Parecia como se aquele terrível momento da planície nunca tivesse tido lugar, como se não tivessem negociado com ela como se fosse gado, como se alegrasse de vê-la.

— P... pai — conseguiu dizer.

— Filha... está tão bonita como sempre. Encontra-te bem?

Mary assentiu com a cabeça, tremendo. Ficou olhando seu pai, desejando desesperadamente que a estreitasse entre seus braços. Por desgracia, Malcolm não era um homem que mostrasse seu afeto de maneira tão óbvia e a jovem não esperava que o fizesse agora.

Mas com aquele rápido olhar, Mary soube que queria a seu pai e que sempre o quereria. Também soube que ele queria a ela. Tinha entregado-a a Stephen por uma questão política, mas aquele era o destino de todas as mulheres. Nunca tinha esperado casar por amor e, entretanto, graças a um incrível giro do destino, assim ia ser. Sua sensação de traição se gerou pelas meras aparências aquele dia na planície. Mas só se



tratava disso, de aparências. Malcolm tinha parecido brusco e estranhamente despreocupado por seu bem-estar, embora talvez se mostrou tão duro porque estava negociando com o inimigo, com o homem que tinha raptado e desonrado a sua filha. Mary não tinha maneira de saber. Mas não importava. Seu pai a queria e o perdoava de coração. Com esse pensamento, girou-se para sua mãe, que abriu os braços. A jovem soltou um soluço contido e correu para aquele abraço amado e reconfortante. A rainha da Escócia a embalou como se fosse um bebê e, quando o abraço terminou, Mary sorriu a sua mãe através das lágrimas e viu que esta também chorava.

— Vais casar — sussurrou a rainha. — Minha pequena arrogante vai casar.

— Sou feliz, mãe.

— Oh, graças a Deus!

Voltaram a se abraçar, e então Edgar se lançou sobre ela reclamando uma saudação. Levavam muito pouco tempo e eram inseparáveis desde meninos. Era seu irmão mais querido. Edgar estava muito sério, provavelmente aborrecido com seu compromisso e preocupado por ela. Mary recordou então a realidade política daquela situação. Olhou Edward, seu irmão mais velho e o mais prático de todos, estava acostumada a procurar nele sabedoria e conselho. Edward a tinha resgatado muitas vezes de suas travessuras, tinha tranqüilizado-a quando estava desgostada e defendido quando a repreendiam. Ele também estava muito sério. Edmund se mostrava abertamente aborrecido.

Sentiu-se muito incômoda, e de repente, foi consciente do tenso momento que estava tendo lugar a suas costas. Girou, e ao ver como Malcolm e Stephen intercambiavam uma saudação rígida e meramente cortês, sentiu que o coração encolhia.

Desprezavam-se mutuamente, não havia nenhuma amabilidade entre seu pai e seu prometido. Como muito uma cortesia fria, dura e cheia de ódio.

A lembrança de um dia de inverno branco e frio, as árvores ermas e nuas, o vento gelado, veio-lhe à mente. Stephen, firme e orgulhoso, estava atrás de Rufus em Abernathy enquanto o rei da Escócia, cujo rosto era uma máscara de ódio e fúria, jurava fidelidade ao rei da Inglaterra de joelhos.



Nada tinha mudado exceto que seu prometido parecia detestar a seu pai com igual ardor. Mary disse a si mesmo que poderia conseguir unir Stephen e Malcolm. Antes não teria nem passado pela cabeça semelhante possibilidade, mas agora devia maturar a idéia, lutar pela paz. Sem dúvida todos veriam a lógica de uma aliança entre sua família e a de Stephen. Durante as duas últimas gerações tinha havido um grande banho de sangue, já não era o momento de ter uma paz duradoura? Jurou-se a si mesma que conseguiria, porque, em caso contrário, seria seu matrimônio que pagaria o preço da guerra.

Margarida sorriu e acariciou a bochecha de sua filha, interrompendo seus pensamentos.

— Vamos. Temos permissão para nos reunir na sala do lado.

Surpreendida, Mary olhou Stephen, que assentiu. Então percebeu que só sua mãe e ela desfrutariam daquele momento privado, sem dúvida a rainha acreditava que devia dar a sua filha algum conselho maternal a véspera de suas bodas.

Assegurou-se de não olhar Doug quando passou em frente a ele e seguiu a sua mãe através das portas de carvalho, mas teve a sensação de que ele estava ao mesmo tempo decidido e desesperado. Acaso não tinha já suficiente? Preocupar-se com seu antigo prometido era o último que necessitava aquele dia!

Margarida não perdeu o tempo.

— Encontra-te bem, querida?

— Estou perfeitamente, mãe.

— Está grávida?

— Ainda não sei, mãe. Me perdoe — murmurou envergonhada.

Margarida sorriu com ternura e compaixão, mas disse:

— Não posso, querida. Só Deus pode te perdoar. Deus e você mesma.

— Amo-o, mãe — confessou quase com vergonha.

A rainha rompeu a chorar e tomou a mão de sua filha.

— Que contente estou! É tão difícil casar e encontrar o amor...

— Você o encontrou em seu matrimônio.



— Sim, amo Malcolm. — Margarida a sujeitou pelo queixo. — Tenho que recordá-la as obrigações de uma boa esposa cristã?

— Prometo obedecer, mãe. A Stephen e a Deus.

— Não esqueça suas obrigações em relação às pessoas que dependam de ti, Mary. Recorda que será responsável por todos aqueles que sirvam a seu senhor, tanto vassalos como aldeãos. E não se esqueça dos pobres e os doentes, querida.

— Não o farei, mãe.

Margarida suavizou.

— Por isso posso ver, Stephen de Warenne é um bom homem.

Mary se sentiu aliviada.

— É, Mãe! Se pudesse convencer meu pai que Stephen não é o diabo e que nossas famílias são agora aliadas e não inimigas...

— É difícil fazer mudar de opinião a Malcolm em assuntos de estado, querida — reconheceu Margarida com suavidade. — Sabe que eu não gosto de interferir, mas o tentarei.

— Obrigada, mãe — disse com entusiasmo.

Falaram uns minutos mais e depois retornaram juntas à outra sala. Stephen não estava e Mary teve uma desilusão. Mas girou para seus irmãos, satisfeita de ter a oportunidade de conversar com eles. Entretanto, teve uma desagradável surpresa quando Edmund disse ao ouvido:

— Já está grávida de seu mucoso, irmãzinha? — Ela se afastou. — É uma pergunta importante. — Edmund seguia olhando-a fixamente.

— Vá ao diabo — murmurou ela furiosa lhe dando as costas.

Edward agarrou a seu irmão, obrigando-o a girar.

— É um caipira! Não pode ao menos perguntar se está bem?

— Já vejo que está bem — respondeu o aludido.

— Não comecem, agora não — sussurrou Mary zangada.

Fazia de pacificadora muitas vezes com seus irmãos, quem sob seu implacável olhar finalmente tranqüilizaram.



— Mary?

A jovem ficou paralisada ao reconhecer aquela voz a suas costas, uma voz que falava com tom premente. Girou a contra gosto para ver seu antigo prometido, a quem teria gostado de evitar. Quando Doug agarrou seus braços como se estivessem sozinhos, Mary ficou tensa.

— Eu...

— Temos que falar.

Ela estava paralisada. A expressão do escocês era intensa e forçada, e seus olhos mostravam uma determinação selvagem.

— O que acontece? Ocorre algo? — Enquanto falava, Mary olhou a seu redor para se assegurar que Stephen não tinha retornado para ver como Doug a agarrava daquele modo. Aliviada, libertou-se de seus braços.

— Tive que suplicar a seu pai que me permitisse acompanhá-lo, Mary — disse seu antigo prometido em voz baixa.

— Não compreendo por que vieste.

— Para que vim? Para vê-la, é obvio! — Parecia confuso.

A jovem se surpreendeu. Seria possível que Doug ainda sentisse algo por ela?

— Mary... Está bem?

— Estou muito bem.

— Ele tem feito mal a você? — Inquiriu com voz seca.

Mary pensou se o que queria saber era se Stephen tinha abusado dela.

— Não, não tem me feito mal.

O escocês ruborizou, voltou a agarrar os braços dela e inclinou sobre ela.

— Está esperando um filho dele?

Ela, nervosa, umedeceu os lábios.

— Não sei — respondeu, sentindo que ruborizava.

Doug compôs uma careta. Mary esperava que a repreendesse, mas não o fez.



— Não me importa — disse finalmente. — Não me importa que esteja grávida dele. — Mary estava muito surpreendida para responder. — Ainda me ama? — perguntou precipitadamente.

— Doug!

— Mary... Podemos fugir esta noite a França. Ainda podemos nos casar. Eu farei cargo desse menino como se fosse meu. Não é muito tarde.

A jovem não podia articular uma palavra.

— Só me diga que sim — gritou Doug — eu jurarei esta noite meus votos para você. Tenho um plano, Mary, e pode que saímos bem.

— Doug... — sussurrou horrorizada. Ainda a amava o suficiente para perdoá-la por ter perdido a honra e aceitar o filho de outro homem, o que já era bastante entristecedor, mas aquela sugestão era ainda mais descabelada. — Deve estar louco! Não posso fugir contigo, não posso!

— Mary... Pensa-o.

— Não tenho que pensá-lo. Está tudo arrumado, vou casar com Stephen.

O escocês empalideceu, e a jovem, adivinhando o que ocorria, girou para ver o frio sorriso de seu prometido.



Capítulo 17

Doug nem sequer se moveu apesar do olhar assassino de Stephen.

— Pretende roubar a minha prometida, Mackinnon?

— Não seria sua prometida se não a tivesse raptado e violado, de Warenne — repôs aludido erguendo os ombros.

Mary estremeceu. Estava tão pálida como Doug, esperando que Stephen expusesse cruelmente a verdade de sua própria participação em sua sedução.

— Isso forma parte do passado. — Sorriu sem indício de humor. — E amanhã será minha esposa. Assim não tenhas idéias tolas, Mackinnon. Mary é minha.

A jovem sentiu um grande alívio ao ver que Stephen tinha economizado aquela humilhação. Decidiu não intervir, algo que imediatamente demonstrou ser um engano.

— Pode fazê-la tua, de Warenne, mas não pode apagar o que ela e eu compartilhamos — afirmou com os olhos brilhantes.

Stephen ficou quieto enquanto uma sombra escura atravessava seus olhos.

— E o que compartilhastes, Mackinnon?

O escocês sorriu, e agora tocou o turno dele se mostrar frio, triunfante inclusive.

— Amor.

Mary fechou os olhos e conteve um gemido. O coração doeu pelo Doug. Ainda a amava e acreditava que era correspondido. Sentiu-se consternada. Deveria ter dito claramente a ele que seu coração pertencia agora a outro. Temia a resposta de Stephen, que sem dúvida mostraria uma fúria incontrolável.

Mas, surpreendendo-a, limitou-se a rir e a encolher-se de ombros.

— O amor é para estúpidos como você, moço, não para homens como eu. — Girou-se para sua prometida com um olhar glacial. — É hora de que retornemos a casa, princesa.



Mary sabia que estava zangado com ela apesar de que não tinha feito nada para provocá-lo. Os olhos encheram de lágrimas tanto pela injustiça como pelo pobre Doug, ao qual tocou no braço.

— Stephen e eu nos casaremos amanhã, tal e como acordaram nossos pais. Por favor, nos dê sua bênção.

O escocês a olhou nos olhos, comunicando-se com ela em silêncio, lhe suplicando. O coração de Mary encolheu. Ainda confiava em convencê-la para que acessasse aquela loucura de fugir.

— Doug?

— Não me peça algo impossível, Mary — disse tenso antes de apertar os punhos e girar para partir.

Stephen a agarrou por braço.

— Deve se sentir afligida neste momento.

— Stephen...

— O que vais me dizer agora para me tranquilizar, princesa? — perguntou com amargura. — Que não o ama? Não engane a si mesma. Talvez o ame. Não me importa sempre e quando viver em meu castelo, esquente minha cama e crie meus filhos.

Mary sentiu desejos de gritar. Stephen não tinha entendido nada.

* * * * *

Era um dia precioso para casar.

O céu estava claro sob um sol invernal, e o frio da semana anterior tinha diminuído. O dia era quente e ensolarado embora Mary apenas o notou. Estava consumida por um nervosismo que levava arrastando da noite anterior. Logo levaria o anel de Stephen de Warrenne, convertendo-se em sua fiel esposa. Desejava isso, mas não podia evitar sentir medo. Estava a ponto de casar com o pior inimigo de sua família. Quando se unissem, sua aliança não poderia se romper sob qualquer circunstância e permaneceriam juntos até que a morte os separasse. Mas se no futuro tivesse lugar uma guerra, como sobreviveriam?

A missa estava resultando interminável, entretanto, Mary, que estava familiarizada com a cerimônia, apenas prestava atenção ao arcebispo Anselm, que estava



dirigindo à congregação. Tanto ela como Stephen estavam ajoelhados em frente ao altar. Ele estava rígido como uma estátua, não tinha se movido desde que fincou os joelhos no chão. E agora, enquanto Mary inclinava ligeiramente o rosto para observar seu duro perfil ao mesmo tempo em que inclinava a cabeça, tampouco se moveu. Não a tinha olhado desde que a jovem cruzou o corredor escoltada por seu pai.

Ainda estava zangado com ela pela conversação que tinha mantido com Doug, apesar de que se a tivesse escutado em sua totalidade, saberia que se negou a fugir com o escocês. Stephen apenas tinha lhe dirigido a palavra desde que no dia anterior a acompanhou de volta a Greystone. Superariam aquele pequeno conflito, é óbvio, mas era desagradável começar daquele modo a vida de casados, com um noivo distante e frio e a ameaça de uma guerra interminável.

Quando o arcebispo pediu que ficassem em pé e dessem as mãos, a jovem retornou à realidade. Tinha os joelhos trementes e agradeceu a força de Stephen para ajudá-la a erguer. Tratou de olhá-lo nos olhos e finalmente obteve recompensa. Talvez Stephen estivesse experimentando uma quebra de onda de ciúmes doentios, mas quando seus olhares cruzaram algo selvagem e poderoso vibrou entre eles. Nesse momento, Mary teve a imperiosa necessidade de dizer que o faria feliz, que sempre lhe seria fiel. Entretanto, os olhos de Stephen tinham um brilho letal. O coração da jovem encolheu. Daria a mão direita para que confiasse plenamente nela e a amasse do mesmo modo.

Pronunciaram seus votos e, seu agora marido, pôs-lhe finalmente o anel no dedo do meio. O arcebispo os benzeu com um sorriso e Stephen inclinou para beijá-la. Mary, ofegante aproximou dele quando seus lábios se roçaram. Mas o normando se retirou imediatamente, o que provocou a Mary, que estava nas pontas dos pés, cambaleasse.

Stephen a segurou e ela ruborizou. Os olhos masculinos pareciam muito mais quentes.

— Agrada-me que você goste tanto dos meus beijos — murmurou. — Haverá muito tempo para eles no transcurso de nossa vida.

Mary sustentou o olhar com o pulso acelerado pela emoção. Finalmente, percorreram juntos o comprido corredor da catedral enquanto a multidão, composta por



nobres normandos e ingleses, aclamava-os. Quando saíram da igreja caíram sobre eles sementes de centeio. Mary riu, exultante e, para sua surpresa, quando a chuva de sementes se converteu em corrente, seu marido também riu.

— Com tanta semente, estou seguro de fundaremos uma larga estirpe — comentou sem lhe soltar a mão.

Mary deixou de rir. Aquela genuína alegria tinha alegrado o rosto taciturno de seu marido, provocando que o coração pulsasse loucamente.

— Isso espero, milorde — disse muito séria. Stephen também deixou de sorrir e a expressão de Mary se voltou travessa. — Depois de tudo, minha mãe teve seis filhos e duas filhas. Este número o conformaria?

— Dê-me um filho, Mary, só um filho e te concederei o maior desejo de seu coração — prometeu seu marido com voz rouca.

* * * * *

O banquete de bodas seria celebrado no grande salão da torre. O ambiente estava tão cheio de nobres que fazia um calor asfixiante. Mary e Stephen sentaram sozinhos no estrado que tinham erigido para o acontecimento. O rei Rufus estava justo debaixo deles, a um lado da mesa de cavalete. Os de Northumberland se achavam ao outro lado e Malcolm estava sentado justo atrás deles. Era um insulto deliberado.

Geoffrey não tinha apetite. Pensou por que o rei humilhava e provocava daquela forma o pai da noiva. Por sorte Malcolm não levava armas e não se atreveria a dar rédea solta a sua raiva. Além disso, era muito tarde para impedir aquela união. Mas não para que a aliança resistisse, pensou com gravidade, consciente de que em questão de poucos dias atacariam Carlisle.

O arqui-diácono levantou abruptamente de seu lugar ignorando o olhar inquisidor de seu pai. Não queria seguir vendo como os noivos davam de comer um ao outro e se olhavam com olhos cheios de desejo. Não estava ciumento. Mas tinha inveja e não tinha direito a experimentar semelhante sentimento. Acaso não tinha escolhido livremente seu caminho?



Passou pelo meio dos bufões e as bailarinas que estavam atuando, e quase tropeçou com um cão de circo. Por último, encontrou uma esquina milagrosamente vazia, apoiou o ombro contra a parede e, incapaz de se conter, dirigiu de novo o olhar para o casal de recém casados que estava no estrado. Stephen sussurrava algo ao ouvido de Mary. Ela ruborizou e dedicou a seu marido um olhar cheio de amor.

De repente sentiu uma dor no peito. Como seria ter uma esposa assim? Afastou a vista, zangado consigo mesmo, e observou às bailarinas. Sua intenção era seduzir e provocar. Geoffrey as achava atraentes, como aconteceria a qualquer homem, estavam escassamente vestidas, tinham a pele bronzeada e um aspecto exótico. Justo então viu como Adele Beaufort levantava do assento e seu interesse pelo espetáculo desvaneceu. A herdeira de Essex abriu passo entre a gente e a perdeu de vista durante um instante.

Uma única tarde não podia compensar tantos meses de abstinência. Mas se atrevesse a identificar parte da angústia que sentia, Geoffrey perceberia que a ferida que tinha ficado mais funda após seu encontro amoroso não poderia sanar nunca com satisfação sexual, necessitava algo mais. Não odiava a si mesmo, mas se desprezava. Os apetites de seu corpo seguiam sendo mais poderosos que sua inclinação à santidade. Mas, acaso não tinha sido sempre assim?

Enclausurou-se com os monges de São Agustín dos treze aos dezesseis anos. E, como noviço, tinha jurado, entre outros muitos, voto de castidade. Mas tinha sido um jovem de sangue quente e tinha resultado impossível manter seus votos. Por sorte não havia oportunidade de perseguir o belo sexo dentro de um monastério, mas havia outras formas de se satisfazer. A culpa tinha suposto uma pesada carga que suportar, e Geoffrey sempre suspeitou que seu mentor era consciente de suas excursões noturnas. Mas Lanfranc nunca perdeu a fé nele, e o próprio Geoffrey tampouco. Agora tinha a determinação de um homem e era muito mais forte que o adolescente. Abstinha-se durante compridos períodos de tempo, até que a chamada da carne se antepor a suas nobres intenções. Por isso não se ordenou ainda. A maior parte dos arquidiáconos ordenavam sacerdotes e, é obvio, a totalidade dos bispos, embora a ordenação não fosse mais que um espetáculo cerimonioso.



Quando chegasse aquele instante, alcançaria sua maior ambição na vida e não haveria volta atrás. Tinha evitado a ordenação porque sabia que se jurava diante de Deus o que se esperava dele, se convertia em um dos representantes de Deus na terra, nunca trairia aqueles votos.

A diferença de outros clérigos que faziam promessas que logo rompiam inclusive imediatamente, ele não poderia. Mas não podia evitar sentir que ainda não estava preparado para dar o passo final. Talvez não estivesse nunca. Ou talvez lhe desse medo pronunciar aqueles votos, e falhar tanto a Deus como a si mesmo.

E Geoffrey, igual a todos os de Warenne, não podia suportar o fracasso. Era algo inaceitável, impossível.

De repente foi consciente de que Adele estava saindo do salão. Seu primeiro instinto foi retornar à mesa. Mas estava sofrendo, sentia uma inexplicável dor no peito que se mesclava com o desejo que sentia por ela e não pôde evitar segui-la.

Não teve que ir muito longe, encontrou-a na planta que havia debaixo do salão olhando pela janela. Tremiam-lhe os ombros. O arquidiácono sobressaltou ao perceber que estava chorando e se aproximou, quase a roçando.

— Lady Beaufort?

Ela estremeceu. Quando o viu, bateu rapidamente suas largas e negras pestanas. Geoffrey surpreendeu de ver suas feições devastadas pelas lágrimas.

— Assustaste-me!

— Não era minha intenção. — Esteve a ponto de passar o dedo pela bochecha úmida, mas Adele afastou antes que pudesse fazê-lo. — Por que chora? — perguntou, entendendo à perfeição que odiasse que a vissem naquele momento de debilidade.

— O rei me prometeu a Henry Ferrars! — Exclamou sem deixar de chorar.

Geoffrey vacilou, e logo, ao comprovar que seu desgosto era real, estreitou-a entre seus braços. Era muito consciente de que Ferrars, grande soldado e ao que tinha correspondido uma grande propriedade em Tutberry por sua lealdade, não era comparável com Stephen.



— É um bom homem, Adele. Imagino que está apaixonado por ti... ou o estará muito em breve. — Sujeitava-a com extremo cuidado, já que não estava acostumado a consolar a ninguém.

Adele se afastou para olhá-lo com surpresa e indignação.

— Não me importa o que ele sinta! O rei me insultou por culpa de meu maldito irmão Roger! E Stephen e Mary estão fazendo ficar como uma estúpida com sua aberta demonstração de amor!

— Lady Beaufort — disse Geoffrey tentando por todos os meios fazer seu corpo resistir a tentação — ninguém riria nunca de você.

Ela não se moveu. Naquele instante sua atenção mudou de objeto, ao perceber a crescente luxúria de Geoffrey.

— Estiveste me evitando — sussurrou colocando as mãos no ombro dele.

— Sim, assim é.

— Por quê?

— Não o entenderia.

Geoffrey se alegrou e lamentou ao mesmo tempo de tê-la meio doido, consciente de que estava a ponto de se render a sua sedução. Como ia sobreviver a aquela batalha que levava travando toda sua vida para ganhar o controle de sua própria alma? Se albergasse a mínima santidade em seu interior se afastaria. Mas não se moveu.

Adele se agarrou com força ao ombro masculino.

— Por que é tão amável comigo?

— Está desgostada.

Ela piscou e deu a impressão de que os olhos enchiam de mais lágrimas.

— Ninguém foi amável comigo em toda minha vida. Não é gracioso?

— Está exagerando, lady Beaufort.

— Não — disse negando grosseiramente com a cabeça. — Meus pais se mostravam indiferentes comigo porque não era o menino que tão fervorosamente desejavam. Meu pai morreu quando eu ainda não andava e entregaram minha mãe a William Beaufort. Fiquei órfã aos dez anos. Não sabia? Beaufort e minha mãe morreram nas



mãos dos rebeldes em uma emboscada no norte, e meu meio-irmão — Adele cuspiu a palavra — não veio sequer me ver em dois anos apesar de ser meu tutor. E logo..., logo só procurava uma coisa. — Os lábios femininos contraíram em uma careta de desagrado. — Assim não fale do que não sabe! Não estou exagerando!

— Sinto — disse Geoffrey antes de estreitá-la contra seu corpo e beijá-la com ternura.

Pretendia ser um beijo tenro, mas quando suas línguas cruzaram com frenesi, o desejo estalou entre eles. Adele se afastou, ofegando.

— Pensei que fosse duro e perigoso. Não acreditei que fosse capaz de ser terno.

— Agora mesmo não me sinto terno, lady Beaufort — assegurou o arquidiácono com um escuro brilho nos olhos.

— Neste momento não desejo sua ternura, milorde — confessou olhando-o nos olhos.

— Então, celebremos juntos estas núpcias.

Mas quando tomou sua boca com a sua soube que só acalmaria o desejo de seu corpo, enquanto que o vazio que sentia em seu interior seria inclusive maior que antes.

Stephen agia com sua esposa como se a amasse. Compartilharam a cerveja, e cada bocado que atravessava seus lábios tinha sido cuidadosamente escolhido por seu marido, que o colocava além na boca. Não era momento de palavras, de fato, Mary não as tivesse encontrado embora o tivesse tentado. Era momento de olhares largos e intencionados. A jovem sabia que Stephen também estava pensando na noite que os esperava.

Deveria ter passado várias horas até que terminou o jantar de doze pratos, mas pareceram minutos. Houve entretenimento ao longo de toda a ceia: baile, bufões, histrões, cães de circo, trovadores e um homem bonito. Enquanto os convidados se achavam inundados na busca do prazer, do baile, das sobremesas e o vinho, Stephen dedicou a Mary



um olhar tão intencionalmente sexual que provocou um estremecimento e que a fez desejar partir com ele naquele mesmo momento.

— Poderia falar com minha filha e lhe desejar o melhor?

A escocesa elevou os olhos e encontrou com seu pai, que estava de pé a seu lado no estrado e sorria abertamente. Imperturbável, Stephen se levantou com um sorriso.

— É óbvio. — Acariciou Mary com o olhar. — Retornarei em poucos minutos.

A jovem sentiu de repente uma opressão no peito. Stephen beijou a mão e deteve um instante ali a boca. Sua respiração lhe roçava a pele.

Assim que Stephen desceu do estrado e se viu rodeado imediatamente por um punhado de homens escandalosos que queriam felicitá-lo, o rei escocês deslizou em seu assento e rodeou a sua filha com o braço. Ela deixou decididamente a um lado seus escuros pensamentos. Estava encantada com a idéia de que seu pai a felicitasse.

— Parece muito agradada com esta união, filha.

— Oh, pai, estou. Embora a princípio lutei contra ela e me senti decepcionada, agora aceitei Stephen com todo meu coração.

— É bom que aceite o inevitável, Mary — disse Malcolm olhando-a fixamente sem sorrir.

Mary ficou tensa. Tinha um mau pressentimento, mas decidiu não preocupar-se com o que viu em seu olhar.

— Pai, é possível que agora que Stephen e eu estamos casados, haja uma paz autêntica na fronteira?

As rígidas feições de Malcolm escureceram.

— Que rápido esqueceste!

— Esquecer o que? — perguntou ela. — O sangue e a morte?

— Que rápido esqueceste quem é, Mary.

— Acaso não sou a esposa de Stephen?

— É minha filha. Sempre será minha filha e isso nunca mudará.

Se tivesse pronunciado aquelas palavras em outro contexto ou de outra maneira, Mary teria se sentido adulada. Mas agora se sentia submetida a uma tensão insuportável.



— É obvio, pai. Isso nunca mudará.

— Segue sendo filha da Escócia.

Mary agarrou à mesa. Custava-lhe trabalho respirar.

— Sim, isso também.

Malcolm sorriu, mas seus olhos permaneceram sérios.

— Conto contigo, Mary.

— Contas comigo? — repetiu ela com incredulidade, enquanto sentia que seu coração e sua alma se rachavam.

— Conto com sua lealdade.

— Do que está falando? — Exigiu saber, ficando em pé.

— O que estou dizendo é que pertence a Escócia antes que a de Warenne — assegurou o rei ficando também em pé.

Mary cravou as unhas na mesa de madeira. Aquilo não podia estar acontecendo, não podia ser! Seu pai não podia estar dizendo algo assim. E sem dúvida não seguiria por aquele caminho.

— Deve ser uma boa esposa. Mas sua lealdade sempre deve estar comigo e com a Escócia.

As lágrimas nublaram a visão de Mary. Não podia falar nem sequer para negar, tal era o horror e o desespero que sentia.

— Deve espionar para mim, Mary — exigiu Malcolm com um brilho perigoso nos olhos.

Mary sentiu que a debilidade apoderava dela e agarrou à mesa.

— Está pedindo que me converta em uma espiã? Pede que espione a meu marido e aos seus?

— Deve fazê-lo! Nada mudou. Os normandos me odeiam e eu os odeio. Northumberland é meu inimigo e Rufus ainda deseja o chão escocês. Deve recordar quem é. Em primeiro lugar é uma princesa escocesa, e depois, a esposa de Stephen de Warenne. É uma oportunidade perfeita. Por que acredita que aceitei esse matrimônio?

Mary não pôde seguir olhando a seu pai. E não só porque as lágrimas a cegassem.



— Esta é minhas bodas — sussurrou.

— E é uma noiva preciosa — disse Malcolm dando uma palmada no ombro. —

Seque as lágrimas, seu noivo se aproxima. Recorda quem é e a quem deve lealdade, Mary.



Terceira Parte

Na Escuridão

Capítulo 18

Três dias mais tarde retornaram a Alnwick.

Os recém casados, imersos em uma voragem de paixão, não tinham saído do dormitório até a hora de partir. Mary não teve tempo de pensar nem de refletir, nem tampouco quis fazê-lo. Stephen era um amante exigente, voraz e insaciável, mas nunca egoísta ou cruel. A jovem não tinha vontade para lhe negar nada e aprendeu rapidamente a seduzi-lo. Embora não tivesse estado grávida antes de casar, a jovem acreditava que, depois daqueles dois dias, estaria sem dúvida.

Alnwick se elevava diante deles. A larga jornada de viagem tinha levado consigo a desagradável intrusão da fria e tremenda realidade. Em circunstâncias normais, se Stephen não tivesse sido um de Warrenne e ela uma princesa escocesa, estaria encantada com a idéia de chegar a seu novo lar, começar sua vida de casada e veria o futuro com otimismo e carregado de promessas. Mas a realidade era dura e cruel. Seu marido era o herdeiro de Northumberland e ela a filha do rei da Escócia.

Mary tinha um mau pressentimento. Tinha desejado começar uma nova vida que pertencesse só a Stephen e a ela, mas a assustava o que o futuro pudesse lhes proporcionar. Agora, à luz de um novo dia, as palavras de Malcolm a perseguiram. Eram um terrível aviso da realidade: seu matrimônio estava condenado devido a quem era.

A jovem não tinha tido um só momento para meditar sobre o que seu pai tinha pedido na celebração de suas bodas. Mas a larga jornada daquele dia animava à reflexão e



a recordar o que ela tratava desesperadamente de evitar, impedindo-a que seguisse esquivando. Malcolm tinha pedido que espionasse para ele. Que espionasse a seu marido. Não podia acreditá-lo. A razão principal pela qual tinha aceitado o matrimônio era que teria um espião em Northumberland.

Mary não estava só chocada, mas também abatida e furiosa.

Aquele era o homem ao qual tinha querido e que tinha devotado toda sua vida? O homem que riu com suas maneiras enquanto sua mãe torcia o rosto? O homem que havia sentido tão orgulhoso de seu talento e sua beleza quando cresceu e amadureceu? Aquele era o grande rei escocês? Como podia fazer isso a ela?

Mary amava a sua pátria e seu povo. Seu matrimônio nunca mudaria isso. Não havia dúvida de que ela também desejava que seu país permanecesse unido e independente, e que Northumberland não entrasse nas fronteiras escocesas. Nem tampouco cabia nenhuma dúvida de que se negaria a fazer o que seu pai desejava. Tinha pronunciado seus votos diante de Deus conscientemente. Devia a seu marido antes que a ninguém mais. Antes inclusive que a seu pai ou a sua pátria. Mas agora que tinha entendido que não haveria aliança, como ia sobreviver? Como ia sobreviver seu matrimônio?

Estava claro que Malcolm ia trair Northumberland e seu marido. Era só questão de tempo que aquela frágil paz se quebrasse. Apesar de ter entregado sua fidelidade a Stephen, como ficaria quando este se dirigisse à batalha e lutasse contra seu pai?

O coração dela doía e sentiu que a bÍlis deixava um sabor amargo na boca. A espantosa exigência de Malcolm permanecia dentro dela, torturando-a. Como era possível que pretendesse utilizá-la daquela maneira, destroçando a única oportunidade que tinha de ser feliz?

— Chegamos em casa, Mary — indicou Stephen em voz baixa, arrancando-a de seus pensamentos.

Embora a jovem tivesse estado todo o dia consumida em seus pensamentos, tinha sido consciente ao mesmo tempo da presença de seu marido. Ele ia montado a seu lado, mas tinha falado muito pouco. Permanecia rígido e severo, como se soubesse o que Malcolm lhe tinha pedido.



Mary o olhou e recordou o que tinham vivido os últimos dias. Embora tivessem feito amor de uma dúzia de formas diferentes, embora tinha dormido repetidamente em seus braços, Stephen seguia sendo um desconhecido. Mary forçou um sorriso. Não podia permitir que notasse que estava preocupada ou que adivinhasse seu sofrimento, e não queria sob nenhuma circunstância que averiguasse o que Malcolm tinha pedido.

— A casa — repetiu Mary tremendo. A dor mascarava qualquer alegria que pudesse ter sentido. Girou para seu marido e disse: — Vou ser uma boa esposa para ti, Stephen. Prometo-lhe isso.

Stephen lhe buscou o olhar como se suspeitasse que havia algo atrás de suas palavras, algo que precisava averiguar.

— Há algo que a preocupe, Mary?

Ela negou com a cabeça, incapaz de dizer nada mais, e girou a vista para a impenetrável fortaleza de Alnwick. O dia estava cinza, e as escuras nuvens que flutuavam sobre suas cabeças convertiam as pedras dos muros do castelo em algo negro e sombrio. Mary queria acreditar que eram seus pensamentos os que projetavam sobre seu novo lar aquela luz e que não se tratava de nenhum augúrio que pressagiasse um futuro sombrio e trágico.



Assim que chegaram ao castelo, Stephen foi recebido por Neale Baldwin e logo ficou absorvido em uma conversa sobre os assuntos de Alnwick. Mary se desculpou, consciente do olhar de seu marido sobre ela enquanto o mordomo seguia falando da enfermidade que tinha matado a dúzias de ovelhas, e subiu correndo as escadas para o quarto que utilizariam enquanto o conde e a condessa permanecessem em Londres. Ordenou imediatamente que desfizessem a bagagem de Stephen, fez que acendessem o fogo e mandou trazer vinho. Também ordenou que preparassem um banho para ele e logo baixou as escadas para comprovar que nas cozinhas estavam preparando o jantar. Havia caos, é obvio, devido à inoportuna chegada de Stephen sem avisar a aquelas horas, mas Mary tranqüilizou ao angustiado cozinheiro e em seguida chegaram a um acordo para um jantar singelo, mas agradável. Quando saiu da cozinha, a jovem agarrou o braço de uma serva e pediu que pusesse flores frescas nos suportes de vasos do corredor. Logo agarrou as saias da túnica e subiu correndo as escadas.

Faltava-lhe o fôlego. Enquanto a grande banheira de cobre era abastecida com água quente que dois moços robustos jogavam com baldes, Mary olhou ao redor do quarto, comprovando que o fogo ardia a toda potência, que sobre a mesa descansava o vinho e que tinham tirado roupa limpa para seu marido. Sorriu, satisfeita consigo mesma. Não era simples ser uma boa esposa e não era um papel pelo qual ela tivesse suspirado, mas agora se alegrava de ter contado com o exemplo de sua mãe para poder imitá-lo. Pensou que mais poderia fazer para agradar Stephen, e então viu que ele estava na soleira e que parecia em certo modo divertido.

Seu cáldo olhar, a suave curvatura de seus lábios, que sugeriam um sorriso, e sua poderosa presença, provocaram que Mary ruborizasse. Inclinou-se levemente para saudá-lo, consciente de que o coração pulsava a toda pressa e de que teria um aspecto horrível depois da larga jornada de viagem e sua precipitação por vê-lo cômodo. Com toda segurança pareceria mais uma das servas do castelo que uma princesa. Apressada, tratou



de meter dentro da touca as mechas rebeldes de cabelo enquanto Stephen entrava no quarto e desabotoava o cinto.

Quando Mary se inclinou para ajudá-lo, ele sorriu mais abertamente.

— Não pode manejar minha espada, milady. Você é muito frágil — assinalou Stephen ao mesmo tempo em que colocava a arma, larga e pesada, sobre uma cômoda a que podia acessar facilmente da cama.

— Não posso? — Ele girou para olhá-la, surpreso. Mary não podia acreditar o que acabava de dizer, mas sustentou o olhar e acrescentou com voz rouca: — Acaso já não o tenho feito, milorde?

— Sim, milady, tem feito. E com muita habilidade, acrescentaria.

— Temo que me ensinaste a ser audaz — confessou com voz apenas audível.

— Eu gosto de sua audácia, milady, ao menos a deste tipo. — Stephen deixou de olhá-la para percorrer com a vista o quarto, que já não apresentava um aspecto frio nem escuro, e logo olhou de novo para Mary com carinho. — Talvez devesse tê-la tomado antes como esposa.

A jovem, contente, sorriu.

— Se você está agradado eu também o estou, milorde.

— Estou mais que agradado, milady.

Ela não podia interpretar mal o significado de suas palavras, já que o brilho de seus olhos era agora mais que familiar e o tom de sua voz se tornou mais rouco.

— Há algo mais que possa fazer por ti, milorde?

— Poderia me ajudar a despir — sugeriu Stephen sentando e tirando as botas cheias de barro.

Embora Mary tinha passado dois largos dias e três noites ainda mais largas na cama com seu marido, agradando-o de qualquer modo que a ele pudesse ocorrer e em algum que ela imaginou, sentiu-se afligida por uma estranha combinação de nervosismo e prazer ao poder fazer algo tão cotidiano por seu marido como ajudá-lo a se despir e a tomar um banho. É óbvio, tinha uma idéia exata de como terminaria aquele banho e estava ansiosa por levá-lo a cabo.



Ela aproximou rapidamente dele e o ajudou a tirar os cintos e as túnicas. O pulso acelerou quando deslizou as mãos por seu corpo, nunca poderia ser indiferente a seu contato, a sua visão. Seus ombros largos e poderosos, o peito duro e o abdômen plano ficaram nus frente a seu olhar possessivo.

— É magnífico — escapuliu, quando ele se moveu provocando que marcassem seus músculos.

Ao ouvi-la, Stephen, vestido unicamente com calções, girou para olhá-la nos olhos.

— Me alegro de que pense assim, milady.

O coração da jovem pulsou ainda com mais força. Ajoelhou-se a seu lado e começou a despojá-lo do objeto que ficava. Em sua posição, era impossível não ser consciente do estado de excitação de seu marido. Elevou a vista para olhá-lo e lhe devolveu o olhar. Um instante depois se encontrou entre seus braços.

— Você também me agrada, esposa — confessou em voz baixa.

— Não quer te banhar? — perguntou ruborizando de prazer.

— Sim, mas também quero a ti. — Stephen suspirou. — Não entendo como pode obter que me excite com apenas te olhar, mas assim é. Um homem de minha idade deveria levar já comprido tempo fatigado. Deste-me alguma beberagem e eu não me dei conta?

— Não — disse Mary sorrindo. — Sem dúvida, uma beberagem de amor mataria a ambos.

Ele sorriu de boa vontade e o efeito resultou cegador. Stephen tinha normalmente uma expressão séria, mas seu sorriso banhava seu rosto de uma beleza serena e masculina. Sem deixar de sorrir, entrou na banheira e se acomodou. Tremendo, Mary agarrou a toalha de asseio.

— Faz o que deseja — murmurou Stephen.

Tratando de pensar só em banhar a seu marido e não em tomar convite tão literalmente como gostaria, Mary começou a lhe esfregar as costas, fazendo que ele suspirasse de prazer. Quando terminou de ensaboar e limpar os músculos, Stephen girou ligeiramente e a olhou. A jovem tentou não tremer e tratou de manter os olhos separados da parte de seu corpo que se perdia sob a superfície da água. A boca masculina se



converteu agora em uma linha reta. Ele reclinou-se e a jovem ajoelhou a seu lado, soltou a toalha e utilizou as mãos para lhe ensaboar o peito, deslizando as palmas por sua pele de seda e seus poderosos músculos. Seu marido permanecia tenso e imóvel. Quando baixou a mão por seu ventre duro e plano, acariciando-o com movimentos circulares, Stephen fechou os olhos. Tinha a mandíbula apertada e o pescoço tenso. Mary baixou a vista e, esquecendo-se de seu pudor, colocou a mão na água e ensaboou seu membro ereto.

Stephen gemeu, mas ela não afastou a mão.

— Há algo mais que deseje que faça, milorde? — Sussurrou em seu ouvido.

A risada masculina resultou baixa e rouca. Antes que ela percebesse, Stephen ficou em pé salpicando tudo a seu redor com água. Um instante mais tarde, Mary se encontrou deitada de barriga para cima na cama com seu marido situado escarranchado sobre ela, lhe levantando as saias à altura da cintura e pressionando seu membro quente e úmido contra o centro de seu prazer.

— Quem está seduzindo a quem, milady? — Murmurou.

Resultou impossível para Mary responder. Pendurou-se nos ombros dele e lhe cravou as unhas na pele sentindo-se livre para atuar a seu desejo, para deixar de um lado qualquer pretensão de se comportar como uma esposa adequada, para ser a sedutora insaciável que Stephen tinha ensinado a ser. Emitiu um som impaciente e desesperado por senti-lo em seu interior, e o normando entrou nela ao mesmo tempo em que lançava uma grita selvagem. A jovem suspirou de prazer. Em questão de segundos ambos estiveram ofegando em ardente abandono.

Embora Mary descesse tarde para jantar, tudo resultou um êxito.

No momento em que chegou ao salão, Stephen, licencioso e de bom humor, dirigiu-lhe um cálido olhar. A jovem ruborizou e, ao jogar uma rápida olhada a seu redor, percebeu quantos soldados estavam sob o estrado os observando com uma mescla de picardia e cumplicidade. Mary supôs que sabiam perfeitamente por que a senhora da fortaleza tinha descido tarde para jantar. O ar de plena satisfação de Stephen era inconfundível, ela confiava em que seu próprio aspecto resultasse mais circunspeto.



Mas se não era assim, se a vibrante paixão que sentia arder em todo seu corpo era visível, não importava. Tinha decidido deixar atrás seus escuros pensamentos sobre seu pai e suas exigências. Não tinha sentido. Sua lealdade estava com seu marido. E então, como se tivesse necessitado uma prova de que sua decisão era correta, encontrou-a em seu lugar na mesa quando foi sentar ao lado de Stephen: uma única rosa vermelha em plena floração.

Mary se deteve, assombrada. Confusa, olhou para o Stephen, que lhe dirigiu um tenro sorriso. Em seus olhos desenhava uma promessa que ia além da sexual.

— Como a encontraste? — A jovem sussurrou as primeiras palavras que lhe ocorreram.

— É um fenômeno estranho, verdade? Uma rosa no inverno. É um presente para ti, milady.

Mary sentia desejos de chorar. Assentou, mas não tocou a rosa. Tinha o caule curto e, com seus afiadas espinhos, era a viva imagem da rosa do escudo de Stephen.

— Minha mãe cultivava rosas, e possivelmente o tempo tão quente da última semana tem feito que as flores saiam prematuramente.

Mary não queria chorar como uma estúpida. O que significava aquilo? Confusa, olhou seu marido com a intenção de decifrar com exatidão o que tinha querido dizer com aquele gesto tão significativo de seus sentimentos por ela, um gesto que nunca acreditou possível que viesse dele.

— Stephen, cortaste-lhe o caule. Esta rosa... é exatamente igual à que aparece em seu escudo.

— Assim é, milady. Confiava em que desse conta — comentou com um sorriso de complacência.

— O que significa seu brasão?

Stephen inclinou sobre ela sem afastar o olhar de seu rosto e falou com tom intenso.

— O fundo negro significa poder e supõe uma advertência para todos aqueles que enfrentem a nós. — Mary estremeceu. — A cor branca que há por cima da flor, significa pureza, e o ouro, nobreza.



— E... a rosa?

— A rosa vermelha significa paixão, milady. Surpreende-me que o pergunte.

Mary ruborizou. O coração pulsava grosseiramente. Poder, pureza, nobreza... paixão.

— Os de Warenne são conhecidos por seu poder, sua honra, sua nobreza e sua extrema paixão por todas as causas que lhes são queridas — afirmou Stephen com voz tensa e baixa, olhando-a significativamente aos olhos.

Mary estava chocada. Era consciente de que não estava interpretando mal o que Stephen dizia... nem por que ele tinha dado a rosa. Estava entregando a si mesmo.

— Mas deve tomar cuidado — murmurou ele — e não se machucar com os espinhos.

Na maioria das manhãs Stephen cuidava dos assuntos administrativos com seu assistente, mas aquele dia não foi assim. Levantou-se e olhou fixamente o fogo sem vê-lo. Mary estava ocupada com suas responsabilidades como senhora do castelo, comprovando as despesas com o encarregado do armazém, e os soldados estavam treinando. Era um momento pouco comum, porque estava completamente sozinho.

Tinha uma dor persistente na parte de atrás da cabeça, uma moléstia que não era de tudo desconhecida. Fazia já muitos anos que sabia que a enxaqueca aparecia em épocas de angústia.

Levava quatro dias casado. Quatro dias perfeitos além de qualquer expectativa. Sua esposa era perfeita para ele. Se não se conhecesse melhor pensaria que era um estúpido romântico apaixonado. Ele mal podia acreditar que tivesse encontrado para ela uma rosa vermelha. Mas assim era. Mary tinha compreendido à perfeição o significado de seu presente e havia ficado encantada. Tinha visto em seus olhos.

Stephen deveria se sentir feliz. Entretanto, sofria uma espantosa enxaqueca porque a terrível questão seguia no ar. Tinha conseguido Rolfe dissuadir o rei de seu plano



de trair Malcolm e invadir Carlisle? Ou estaria a ponto de começar uma guerra contra a família e a terra de sua esposa?

Deus, como reagiria Mary se lutasse contra Malcolm? Compreenderia que tinha que cumprir com seu dever para com o rei, como sempre? Apoiaria-o como era sua obrigação? Converteu-se em sua esposa. Sua relação tinha mudado desde que ela despertou depois de quase morrer afogada. Não cabia dúvida de que tinha aceitado seu destino e que se casou de boa vontade. Cumpria com suas obrigações em Alnwick com entusiasmo e Stephen era consciente de que procurava agradá-lo. E certamente, conseguia-o. Mas, contava com sua lealdade acima de tudo, tal e como devia ser?

Mary era um dos seres humanos mais orgulhosos e decididos que tinha conhecido em sua vida. Poderia aquela extraordinária mulher que tinha lutado contra ele e o tinha desafiado cada vez que tinha tido ocasião até que alguém tentou matá-la, mudar suas lealdades tão radical e completamente? Seria sua esposa dentro de seu coração, assim como ele era seu marido dentro do dele? Seria?

Stephen não sabia. Tinha medo de saber o que poderia acontecer no futuro.

Os condes de Northumberland chegaram à fortaleza a tarde do dia seguinte acompanhados de Isobel e Geoffrey. Stephen não estava no castelo quando chegaram, assim Mary baixou para receber adequadamente a seus sogros, e intercambiou saudações quentes e afetuosas com todos. A jovem sentiu absurdamente agradada ao sentir que a família de seu marido não só a aceitava, mas também a apreciavam. Subiu a toda pressa as escadas para fiscalizar o traslado de suas coisas e as de Stephen do dormitório principal, desejando que tivessem lhe notificado com um pouco mais de tempo a chegada dos condes.

Os gritos dos vigias da torre, seguidos do som dos cascos de um cavalo sobre a ponte levadiça, fizeram-na saber que seu marido estava em casa. Sorrindo emocionada, Mary aproximou da janela e observou como seu marido descia do cavalo e entregava as



rédeas a seu escudeiro. Estava coberto de barro até os joelhos já que os últimos dias tinha estado chovendo sem cessar. Stephen necessitaria um banho, mas a jovem estava convencida de que não o daria até depois de jantar. Sem dúvida queria desfrutar primeiro da companhia de sua família.

Algo mais tarde, depois de ter assegurado de que o quarto principal estava limpa e preparado para seus sogros, Mary apressou em reunir-se com seu marido. Quando aproximou do salão no piso inferior percebeu que o conde e seus filhos estavam imersos em uma intensa conversação sussurrada. Não tinha escutado nenhuma voz feminina quando descia, assim se sentiu uma intrusa e diminuiu o passo. Quando dobrou a esquina escutou Geoffrey comentando que os muros de Carlisle eram virtualmente escombros e necessitavam uma reparação.

A jovem mal tinha assimilado que estavam falando de Carlisle quando entrou no salão. Ao vê-la, os três homens sentados à mesa guardaram silêncio imediatamente. Seu sorriso, a que tinha reservado para seu marido, desvaneceu e esqueceu a saudação que tinha nos lábios a ponto de ser pronunciado. Os três de Warrene giraram para olhá-la. Nenhum sorria. Estava claro que a jovem os tinha interrompido e também que não queriam que escutasse sua conversação.

Mary deteve seus passos na metade do salão. Pela primeira vez desde que se casou sentiu como uma intrusa escocesa em lugar de como a senhora de Alnwick, mas, de algum jeito, conseguiu esboçar um sorriso que dirigiu diretamente a seu marido.

— Boa tarde, milorde.

Stephen ficou em pé e avançou, mas não para saudá-la. Atrás dele, seu pai bebia cerveja e Geoffrey tamborilava com impaciência os dedos sobre a mesa.

— Minha mãe está na sala com Isobel. Por que não vai ficar com elas?

A jovem apertou os lábios, sentindo uma intensa dor no coração. Ele também via sua repentina aparição como uma intrusão não bem-vinda. Estava-a jogando. Não confiava nela e estavam falando das defesas de Carlisle. Não, não podia ser.



Ficou olhando durante uns instantes em espera de um sinal, de qualquer indicação de que essa reunião privada não era o que parecia ser. Mas Stephen se limitou a repetir aquela ordem mal disfarçada.

— Por que não se reúne com minha mãe na sala, milady?

Mary tinha esforçado durante os últimos dias por agradá-lo, tinha-lhe devotado todo tipo de comodidades e tinha jurado abertamente obedecê-lo e apoiá-lo, e entretanto Stephen não confiava nela. Não confiava nela e estava falando de Carlisle!

Incapaz de falar e cheia de temor, a jovem fez uma breve inclinação de cabeça antes de girar bruscamente para se dirigir à sala.

Quando chegou, a condessa elevou a vista do bordado que tinha nas mãos e a olhou com preocupação. Isobel correu para ela com um grito de felicidade e começou a relatar as últimas notícias da corte de Londres. Mary assentiu e fingiu escutar, mas não estava ouvindo o que a menina contava. Tratou de dizer a si mesma que aquilo não era o que parecia, que estava se precipitando em suas conclusões e que seu marido, ao mandá-la sair da habitação, não era diferente à maioria dos homens quando falavam com outros cavalheiros. Mas os argumentos silenciosos para desculpar a conduta de seu marido lhe resultaram vazios, e nem ela mesma acreditou.

Carlisle. O que planejavam? Estariam pensando na guerra? Poderia ser?

Não era possível, gritou Mary em silêncio. Porque aquela mesma madrugada Stephen a tinha abraçado com deliciosa ternura depois de tê-la feito sua uma vez mais, e seu sorriso adormecido tinha falado de amor. E no dia anterior tinha dado uma rosa, sua promessa de amá-la... Ou isso tinha acreditado Mary. Porque se a amasse, não lutaria em uma guerra contra sua família pelo controle de Carlisle.

Tinha que averiguar quais eram seus planos. Mas, como escutar sem alertar à condessa? Mary olhou à mãe de Stephen e ruborizou pela culpabilidade, porque a mulher a estava observando com expressão sombria sem fazer ameaça de utilizar o fio e a agulha, como se conhecesse suas intenções. A jovem se sentiu uma vil traidora, mas recordou a si mesma que não ia trair ninguém. Quão único queria era saber se seu marido pretendia fazer a guerra aos seus ou não. Tinha que sabê-lo.



Deve me amar um pouco, pensou desesperadamente. Só um pouco. Nesse caso não haveria nenhuma guerra. Stephen se negaria a participar.

— Desculpe, condessa — disse Mary a lady Ceidre. — Não me encontro bem. Acredito que vou subir e deitar um pouco. — Como odiava mentir a sua sogra.

— Quer que ordene que levem algo de comer para você? — Perguntou a mãe de Stephen ficando em pé e observando Mary com gravidade.

A jovem não tinha apetite, assim declinou o oferecimento e saiu da sala. Os aposentos das mulheres davam diretamente ao grande salão, assim que uma vez mais interrompeu a conversação dos homens. Assim que eles a viram cessaram as palavras. Mary os ignorou e correu para a saída, embora o rosto ardesse pela humilhação. Só parou quando esteve a metade da escada e escutou como retomavam a conversação. Tremendo e a beira das lágrimas, pensou que era uma recém casada apaixonada por seu marido e que entretanto estava a ponto de espioná-lo.

Não podia ouvi-los bem, assim começou a baixar muito devagar e em silêncio as escadas. Quando chegou à segundo andar não pôde seguir avançando, já que se dobrava a esquina ficaria a vista de todos. Mas agora podia escutar com clareza que estavam falando do que ela mais temia... Traição contra seu pai... Um ataque sobre o Carlisle.

— Como está seu relacionamento com Anselm? — estava perguntando Stephen com voz estranhamente neutra.

— Somos inimigos. É muito mais ambicioso do que nunca imaginei — respondeu Geoffrey muito sério. — Mas agora mais que nunca, Rufos necessita de Canterbury. Meus espiões dizem que o príncipe Henry está tão enfurecido com suas bodas que se nega a participar desta causa. E eu tive que mendigar para reunir os homens necessários, já que o tesouro de Canterbury está sem recursos.

— Sua missão está clara. E embora possa que agora não tenha dinheiro, não se esqueça do perto que está de conseguir sua verdadeira recompensa — assegurou Rolfe com firmeza. — Nenhum preço será muito alto se conseguir uma nomeação do rei. — Geoffrey não respondeu nada e seu pai continuou falando. — Não te engane. Agora Henry escolheu ter as mãos limpas para poder sujá-las em outra ocasião. Não é melhor que



lutemos todos juntos como se fôssemos um sozinho... e ser fracos como um sozinho? Certamente, Henry pensa se unir depois para que todos o vejam como um herói.

— Com sorte, Carlisle cairá facilmente e economizará a todos muitas perdas e a mim um dinheiro necessário — manifestou Geoffrey gravemente atrás de outra pausa. — E evitará que Henry conclua seus planos.

— A chuva joga contra nós — comentou Stephen com desânimo. — Os cavalos se movem com dificuldade no barro.

— Eu teria preferido que esta emboscada tivesse tido lugar um mês atrás, se é que terá que levá-la a cabo. Mas agora não temos escolha — disse Rolfe. — O rei tomou uma decisão e não mudará de opinião.

— Sim — apontou Stephen. — Rufus tomou uma decisão e nada nem ninguém o separará de seu caminho.

— Ao menos Malcolm estará despreparado — remarcou Geoffrey de novo com gravidade. — Depois de tudo, acaba de te casar com sua filha.

— Sim — reconheceu Stephen. — Sem dúvida surpreenderemos ao rei escocês.

Mary engasgou. Seu marido tinha feito coro a seu irmão sem nenhum entusiasmo. Como podia ser tão objetivo, tão desapaixionado, quando estava discutindo sobre uma traição contra seu país, sua gente, sua família? De repente caiu na conta da importância do que acabava de escutar. Seu matrimônio era uma farsa, pensou amargamente. Não era uma esposa amada, só uma amante que fazia as vezes de serva. Não era importante para Stephen. Caso contrário teria expressado ao menos um pouco de remorso por romper a aliança que tinha feito com seu pai! A jovem queria chorar e gritar sua decepção. Seu matrimônio não significava nada para seu marido além da utilidade política... E sem dúvida ela significava para ele ainda menos. Ofegando, agarrou-se ao corrimão e tentou não chorar.

Não tinha sentido se abalar, decidiu obrigando a si mesma a recuperar-se da comoção, consciente do silêncio que ocorria no salão. Tinha descoberto o que tinha ido descobrir, o que não queria descobrir, o que temia descobrir. A dor alagava seu coração e quase era impossível conter as lágrimas. Imaginou aos homens absortos agora na emoção



da batalha vindoura. Malditos fossem todos! E maldito fosse Stephen, seu marido! Mary girou para subir as escadas e escorregou por causa de sua precipitação. Enquanto caía vários degraus abaixo não pôde evitar gritar. Horrorizada, convencida de que todos os que estavam no salão a tinham ouvido, ficou paralisada um instante antes de ficar de pé para fugir dali. Mas foi muito tarde. Seu marido era rápido, muito mais rápido que ela.

Mary reconheceu imediatamente o tato de suas mãos e sua força. Stephen a agarrou, deu-lhe a volta para olhá-la e a soltou. A jovem cambaleou, tanto pela força com que ele a tinha dirigido como pela expressão de seu rosto. Estava assombrado.

Mas naquele momento não lhe importou, naquele momento estava muito furiosa para que importasse.

— Maldito seja — sussurrou, lamentando imediatamente suas palavras.

O assombro de Stephen se transformou em fúria. Mary girou e saiu correndo ao mesmo tempo em que dava conta da magnitude do ocorrido: Seu marido a tinha descoberto espionando.

Quando escutou o som dos passos de Stephen na escada, cortando a distância que havia entre eles, correu para os aposentos que estavam utilizando agora. Ia só um passo ou dois na frente dele, e girou para fechar a porta com a esperança de deixá-lo fora. Foi muito tarde. Seu marido estava no patamar e golpeou a porta contra a parede com o braço como se fosse de palha e não fosse feita de três capas de carvalho.

Mary separou dele de um salto com as bochechas cheias de lágrimas.

— Estiveste me espionando? A seu marido? — Perguntou enquanto se abatia sobre ela com expressão severa e o corpo tremendo de raiva.

— E você vais guerrear contra os meus? — Contra-atacou Mary. — Como pode iniciar uma guerra agora? — Gritou com o coração pulsando grosseiramente.

— Está me questionando? — Inquiriu Stephen finalmente em voz baixa e contida, com os traços contraídos por causa da ira. — Está me acusando? Cumpro com meu dever, igual a você cumpre com o teu. — Mary não respondeu. Estava tremendo. — Milady — disse ele muito tenso — a guerra não é teu assunto. Você só deve ter uma preocupação, e é atender minhas necessidades.



— Preocupo-me com suas necessidades — assegurou ela com voz tremente. — Mas se for guerrear contra minha família, a minha gente... Então essa guerra também se converte em minha preocupação! Não me peça que permaneça na ignorância agora!

— Não te peço que permaneça na ignorância. Mas preciso te fazer uma pergunta: Tenho sua lealdade?

— Vais declarar guerra à Escócia, Stephen? O vais fazer?

— Não me respondeu, Mary. — Sua expressão, sua atitude, seu tom, tudo havia se tornado perigoso.

— Você tampouco me respondeu — sussurrou a jovem com voz quebrada. Tinha as palmas da mão apertadas contra o peito, contra seu coração dolorido.

— Responda-me, Mary! — exigiu Stephen.

— Sim — respondeu ela com o ânimo destroçado. — Sim.

— Está mentindo? — Stephen elevou o tom de voz. Seu olhar se voltou mais selvagem. — Estava me espionando?

— Sim. — Mary fechou os olhos um instante.

— Como vais ser uma esposa leal se me espionar, milady? — Ela não respondeu. — Responda! — Rugiu Stephen.

Elevou a mão e ela, assustada, deu um pulo. Stephen ficou paralisado por um momento antes de agarrá-la pelo ombro e sacudi-la.

— Estiveste espionando-me em minha própria casa! Acaso não é isso deslealdade?

— Odeio-te! — Sussurrou. De repente, percebeu que estava chorando. Só umas horas antes tinha estado entre os braços daquele homem. Só umas horas antes se sentiu cheia de amor por ele. Por aquele homem para o qual ela não significava nada.

Olharam-se nos olhos durante um instante enquanto Stephen a atraía para si.

— Assim chegamos à verdade!

— A verdade — disse Mary — é que não é diferente de meu pai. Casaste-te comigo para me utilizar, para que ajude-o em sua horrível traição.



Stephen a jogou sobre a cama e a jovem se encolheu esperando os golpes. Mas não chegaram. As mãos do normando, fortes e duras, obrigaram-na a ficar de barriga para cima de modo que não teve mais opção que olhá-lo.

— Minha traição? Minha traição? E ainda atreve a me acusar? O que quero é que você explique sua traição — exigiu, inclinando-se sobre ela.

Entretanto não ocorreu nada a Mary para dizer em sua defesa, o certo era que não tinha desejos de se defender naquele momento perante ele.

— Onde está agora sua astúcia? Não vais negar sequer a acusação? — Ela tampou os olhos com o dorso da mão e guardou um obstinado silêncio enquanto Stephen a sujeitava contra a cama. — É minha esposa, milady, minha esposa. Pronunciamos nossos votos diante de Deus. O que acontece com seus votos?

Estava tão furioso que a jovem não ficou mais opção que responder.

— Se te dissesse a verdade não me acreditaria.

— Vá! E que verdade quer me vender esta vez? Que me quer? Que nunca me trairá? — Ele estava gritando. Mary tremia, era impossível pensar que uns instantes antes tinha acreditado estar apaixonada por aquele homem. Sentou-se e apertou a manta com os punhos.

— Por que me estava espionando? — Bramou Stephen.

— Para conhecer suas intenções! — Os olhos dela voltaram a encher de lágrimas.

— Para conhecer minhas intenções! — Stephen riu sem indício de humor. — E para advertir Malcolm. Para advertir a seu pai. Para me trair.

— Não!

Ele guardou silêncio durante um breve momento, limitando-se a olhá-la fixamente.

— Dê-me uma razão, Mary. Me dê uma razão para que acredite em você.

— Não te dei razões suficientes durante os últimos dias para que confie em mim? — Ofegou.

— Esperas que confie em ti! — Stephen pareceu não dar crédito durante um instante. — Do momento em que nos conhecemos tenta me enganar reiteradamente. Faria



falta algo mais que uns quantos dias de luxúria para que confiasse em ti. Ou me toma por um fraco e um estúpido?

Mary estremeceu sentindo suas palavras como chicotadas em seu interior. Para ela o que tinha compartilhado com ele era muito mais que “uns quantos dias de luxúria”. O tinha considerado como o começo de uma larga vida juntos. Desolada, não pôde evitar que escorressem mais lágrimas pelas bochechas. Seu marido era um bruto sem sensibilidade. Como tinha podido considerá-lo em algum momento de outra maneira? Finalmente cruzou o olhar com seus olhos frios e implacáveis, e quando falou, fez-o em tom amargo.

— A traição receia da traição, não é certo?

Stephen moveu tão depressa que Mary não teve tempo de reagir. Arrastou-a até pôr a de joelhos e a apertou contra seu corpo.

— Estou tão furioso que se continuar por esse caminho vou perder completamente o controle, Mary. E não querará estar perto de mim quando isso ocorra. Não sobreviveria se acaso ocorresse.

A jovem não o duvidava. Sentia-o tremer de raiva. Stephen tinha o olhar cheio de ira e era aterrador naquelas circunstâncias. Estava agarrando-a com tanta força que causava dano, mas em certo modo, Mary agradecia aquela dor física, porque era mais fácil de suportar que a dor da traição que sentia ardendo nas vísceras.

— Se eu te importasse o mínimo não me faria isto.

— Embora me importasse não poderia me desviar de meu dever para com meu rei — afirmou apertando a mandíbula sem deixar de olhá-la. — Nunca poderia amar a uma esposa desleal.

Mary ficou paralisada. Stephen a estava olhando de um modo que a fez desejar insistir de novo em que não era sua intenção traí-lo. Parecia como se ele estivesse esperando em certo modo aquela explicação, mas sem dúvida a jovem se equivocava. Não havia nenhuma possibilidade de que Stephen a amasse embora fosse leal. Sua atitude, as palavras que tinha pronunciado no dia anterior, quando tinha lhe dado a rosa vermelha, atravessaram-na com força e começou a soluçar.

— Stephen...



Ele esboçou um sorriso perverso e elevou a mão, impedindo que pudesse continuar.

— Já é suficiente. Seque as lágrimas, seca isso agora mesmo. Suas ações demonstraram sua culpabilidade mais do que qualquer palavra... ou qualquer lágrima poderia demonstrar sua inocência.

— Não — sussurrou Mary, consciente de que naquele instante estava rompendo o coração e que não lhe esperaria mais que um futuro miserável, a menos que o impedisse naquele mesmo momento. Mas, como, meu Deus?

Stephen se afastou bruscamente dela. Partia, seu matrimônio tinha ficado feito pedaços, seu amor arrojado ao barro. Mary levantou apoiando-se nas mãos, sentindo-se impelida a sair correndo atrás dele. Não deveria deixar que partisse assim. Mas então recordou quais eram as intenções de seu marido e se sentiu asfixiada pela amargura, incapaz de sair atrás dele, incapaz de chamá-lo.

Ele parou bruscamente na soleira lhe dando as costas. Parecia como se estivesse esperando uma explicação. Mary disse a si mesma que deveria falar antes que fosse muito tarde, antes que seu matrimônio ficasse destruído para sempre. Abriu a boca mas não conseguiu articular palavra. Os ombros de Stephen ficaram rígidos.

— Sou um estúpido — disse com aspereza antes de partir.

— Não! — Gritou Mary. Soube então que apesar da traição de Stephen e da sua, não podiam terminar assim. Ficou em pé e se lançou atrás dele pelo corredor. — Stephen! Stephen!

Mas já era muito tarde. Partiu! A jovem caiu no chão e deu rédea solta à dor de seu coração com amargas lágrimas.



Capítulo 19

Mary tinha sido confinada a seus aposentos como castigo por sua traição. No primeiro momento não importou, mas quando por fim acabaram as lágrimas, deu-se conta de que tinha escurecido, de que o chão de pedra sobre o qual descansava seu corpo estava terrivelmente frio e de que estava gelada até os ossos. Tremia. Embora sentia esgotada pela briga e o torvelinho emocional que a tinha acompanhado, ficou em pé.

Percorreu com o olhar o pequeno quarto, sumida em seus escuros pensamentos. Não ardia nenhum fogo na lareira nem acendeu nenhuma vela. E embora não tinha fome, estava sedenta já que não tinham lhe levado nenhuma jarra de água. O que mais gostaria naquele instante seria afogar sua pena em uma taça de bom vinho. Claro que isso seria tanto como pedir que Stephen retornasse a ela naquele momento de joelhos suplicando seu perdão.

Aproximou-se da cama e de repente percebeu o que significava seu isolamento. Seu marido bem podia fazê-la sofrer com o frio e a carência das comodidades habituais, incluída a comida e a bebida, mas sobreviveria. Pensou, em troca, se sobreviveria à humilhação do castigo. Todo Alnwick já estaria a par do ocorrido. Para então a família de Stephen e todos seus homens saberiam sem dúvida que estava confinada. Mary ruborizou ao pensar em como Stephen teria explicado a razão de sua ausência.

Não era a primeira esposa a que humilhavam, mas isso não importava. Nunca tinha suspeitado que seu matrimônio chegasse a aquele extremo! No dia seguinte, quando Stephen partisse para guerrear contra Escócia, toda Alnwick saberia que a nova senhora da fortaleza estava cativa em seus aposentos. Mary abraçou a si mesma perguntando-se com que cara olharia à família de seu marido quando tivesse oportunidade de vê-los, com que cara enfrentaria ao mais humilde dos serventes.



Não era justo. Ela o tinha espionado e sabia que estava mau, mas nunca tinha entrado em seu ânimo traí-lo. Em troca, ele sim a tinha traído: casou-se com ela quando sua intenção era guerrear com a família dela. Entretanto, Mary tinha pronunciado os votos, votos de obediência e fidelidade a ele, votos que manteria. Talvez nunca se recuperassem daquele momento tão terrível, talvez nunca recuperassem a breve felicidade que tinham conhecido, mas ela era sua esposa independentemente de qualquer circunstância até que Deus os separasse.

Quase sem fôlego, Mary aproximou devagar à cama. Movia-se como uma anciã, mas não porque lhe doesse o corpo, mas sim porque doía o coração.

Por sorte, contava com uma manta e uma pele forrada para proteger do frio da noite. Aconchegada sob a manta e a pele, o sono se negou a vir a ela apesar de que o esquecimento que suporia seria mais que bem-vindo. Queria escapar de sua pena, mas a briga que acabava de ter com seu marido se repetia uma e outra vez em sua mente. Estava esgotada, ficavam poucas forças e as que tinha não bastavam para seguir zangada e raivosa. A pena, o desespero e a dor invadiam seu coração.

Mary sobressaltou quando escutou uns sons que atravessaram seus dolorosos pensamentos. Tratava-se do estrondo dos soldados de Alnwick levando a cabo alguma atividade noturna pouco habitual nos muros exteriores. Estava muito cansada para pensar do que poderia se tratar, mas surpreendeu a si mesma tratando de distinguir a voz de seu marido entre as demais. Certamente foi melhor que não o conseguisse, dado o ocorrido horas antes. Entretanto, não pôde evitar de pensar se Stephen sentiria algum remorso pela morte de sua relação, se sentiria alguma dor.

Despertou à alvorada. Tinha dormido de forma tão profunda que durante um instante se mostrou confundida, procurando o quente e enorme corpo de Stephen a seu lado. Mas os sons provenientes da planta baixa do castelo e que a tinham despertado, fizeram-se rapidamente reconhecíveis. Mary sentou, completamente acordada e sentindo um nó no estômago. Seu marido não estava ao seu lado, a noite anterior a tinha acusado de traição e estava sozinha, confinada como castigo por tê-lo espionado. Imediatamente lhe veio à cabeça a imagem furiosa de Stephen. A noite anterior tinha permanecido acordada



por sua própria traição e agora se escutavam as vozes de muitos homens, o ruído produzido pelos cascos dos cavalos e seus relinchos, o ranger do couro e o choque das armas de metal.

A guerra. Teria começado aquele mesmo dia a guerra contra sua gente?

Mary deslizou da cama e, apesar de estremecer quando seus pés nus tocaram o frio chão de pedra, precipitou-se a olhar pela janela. Ao ver o que ocorria, sentiu que seu coração rachava.

Uns cinqüenta cavaleiros completamente armados com maças e escudos, espadas, lanças e armaduras, dispunham-se a montar em seus cavalos. Em meio deles, ondeava a bandeira tricolor com a grande rosa cor de sangue no centro. Mary estremeceu. A reação de seu corpo pouco tinha a ver com o frio. Sabia que o contingente que tinha diante não era nada comparado com o que os de Warenne contribuiriam em última instância ao campo de batalha. Northumberland contava com centenas de vassalos. Seu pai havia dito que se o conde queria poderia reunir perto de quatrocentos homens.

Olhou o pequeno grupo que se concentrou abaixo e sentiu desejos de chorar. O desespero apoderou de sua alma. Estava olhando um exército que estava a ponto de guerrear com sua própria gente. Como podia seu marido fazer isso?

Então lhe ocorreu pensar que seu matrimônio tinha sido uma loucura, uma união maldita desde o começo. Entretanto sua mente se atreveu a recordar os últimos dias. O quente brilho dos olhos de Stephen, seu meio sorriso, o modo em que a olhava quando tinha intenções maliciosas e, por último, rememorou o momento em que lhe deu de presente a rosa.

Mary sentiu que o ar faltava. Deslizando o olhar pela multidão que se concentrou no pátio, procurou primeiro a seu marido de forma inconsciente e logo deliberadamente. Encontrou-o em seguida, porque era muito mais alto que todos os que rodeavam-no apesar de não estar montado. Uma lágrima escapou da jovem. Ia à guerra, a lutar contra sua gente, talvez inclusive cruzasse espadas com algum membro de sua família. Abraçou a si mesma cheia de angústia e pensou se alguma vez poderia perdoá-lo.



E entretanto não podia afastar os olhos dele. Não tinha colocado o elmo, por isso tinha o rosto completamente exposto. E, embora com toda aquela distancia Mary não podia distinguir sua expressão, parecia severa e grave. Seguro que estava notando que ela o olhava. Seguro que sabia. Não poderia levantar a vista, embora fosse uma só vez?

Mary percebeu não sem sobressalto de que, apesar da horrível briga que tinham tido na noite anterior, ainda sentia algo por ele. Não queria negá-lo em um momento como aquele, porque Stephen partia à guerra. Parecia um ser imortal, mas não o era. Em qualquer batalha, ou inclusive em um torneio, sempre cabia a possibilidade de que morresse. E se o feriam aquele dia, ou inclusive o matavam? A idéia lhe era insuportável. Aterrorizava-a. De repente, agarrou-se à veneziana de pedra e se inclinou para diante, gritando sem pensar:

— Stephen! Stephen! — Ele não a ouviu, imerso como estava em uma conversação com seu escudeiro, e Mary se angustiou. Começou a ofegar, o coração pulsava com tanta força que doía, não podia deixá-lo partir assim. Tinha equivocado ao deixá-lo partir na noite anterior! — Stephen! — Voltou a gritar tentando captar sua atenção. — Stephen!

Ele a escutou e ficou paralisado. Então, muito devagar, elevou a cabeça e a olhou. Seus olhares cruzaram e se mantiveram fixos através da distância que os separava. Mary não soube o que dizer. Desejava que fosse consciente do que sentia, embora não soubesse exatamente o que era o que lamentava, talvez fosse o ponto morto ao que tinham chegado por sua mútua desconfiança ou a época que eles tinham vivido. Mas se sentia zangada e desgostada, Stephen se lançava com incrível facilidade à guerra contra seu pai justo uns dias depois de suas bodas, e seu crime era tão grande que Mary não acreditava poder chegar a esquecê-lo algum dia. Além disso duvidava que pudessem recuperar o que tinham desfrutado e desconfiava do futuro que se abria ante eles. Mas era seu marido, talvez estivesse inclusive esperando um filho dele, uma possibilidade que lhe parecia cada dia mais factível... E não queria que morresse. Oh, Deus! Não queria.

— Que Deus te guarde — sussurrou finalmente, consciente de que não tinha podido ouvi-la e que embora o tivesse feito, certamente já não mudaria as coisas para ele.



Stephen lhe deu as costas, e Mary desejou ter podido ver o rosto com mais claridade, olhá-lo nos olhos, captar um brilho de sua alma. Muito tarde, desejou que não tivessem brigado, desejou ter acalmado sua raiva, ter investido mais tempo em negar o que ele falsamente acreditava, ter conseguido convencê-lo de sua inocência. E também desejou inutilmente não tê-lo acusado de traição. E o que mais desejou foi que a última noite tivesse sido diferente, não tê-la passado sozinho, fria e triste, emocional e fisicamente abatida, castigada, e sim os dois juntos tal e como tinham estado antes.

Stephen colocou o elmo, a peça de metal que lhe cobria o nariz, transformou imediatamente seu aspecto fazendo parecer sinistro e feroz. Quando montou em seu corcel, Mary respirou fundo sentindo desejos de gritar. Completamente armado, vestido com a armadura e no lombo de sua montaria, parecia um desconhecido. Os cavaleiros começaram a formar linhas organizadas e Mary pôde escutar o desagradável som da gigantesca grade do castelo ao ser elevada e o gemido da ponte levadiça de madeira ao baixar. Custava trabalho respirar, custava trabalho ver. Aturdida, observou através de uma repentina nebulosa que lhe tinha formado nos olhos que Stephen ficava em cabeça de uma das filas. As tropas ficaram em movimento e a jovem deixou de ver seu marido quando este atravessou rapidamente o portão. Imóvel, seguiu olhando como partiam as tropas até que o grande pátio ficou vazio e em silêncio, e o som da grade ao baixar reverberou no ar. Mary ficou na janela até que começaram a aparecer serventes no pátio para cumprir com suas obrigações. Então, girou e retornou à cama.

Estava gelada. Antes apenas se deu conta, agora tremia violentamente e batiam os dentes. Metendo-se sob as mantas, recordou Stephen tal e como o tinha visto por última vez. Era impossível não ser consciente de seus sentimentos, que foram muito mais à frente do ódio. Em meio de seu desespero, percebeu que tinha muitas coisas nas que pensar durante o tempo que ficava até a volta de Stephen.



Três dias mais tarde, enquanto o pó se assentava sobre a terra, Stephen permanecia na entrada da tenda que compartilhava com seu pai ao bordo do território que se converteu em um imenso e enlameado campo de batalha. No passado, aquela terra foi verde e cheia de vegetação. Agora estava coberta por peças retorcidas ou rotas de metal, farrapos de roupa e cavalos mortos que se apodreciam sem que ninguém se fizesse cargo deles exceto os abutres. Havia inclusive vários corpos humanos. O fedor da morte alagava tudo.

Ao sair da tenda, o normando se sentiu invadido pelos sons do acampamento. Sobre tudo pelas risadas, a maioria delas procedentes das muitas prostitutas que sempre se materializavam depois de uma batalha para ganhar umas moedas aliviando a luxúria dos soldados. Stephen, sentindo-se cansado e sujo, agradeceu o fato de estar sozinho pela primeira vez desde que tinha começado a batalha. Com cuidado, avançou entre os escombros da guerra até que deixou pra trás o sangrento campo de batalha e se deteve à beira de um rio com as costas resguardada por uns pinheiros. Tirou a roupa, as botas de couro, e, nu, entrou na água gelada, inundando-se por inteiro.

Saiu tremendo e ofegando. E, sentindo que nada nunca seria suficiente para limpar tanto o corpo como a alma depois da batalha, voltou a afundar-se.

Tinha sido uma sangrenta luta de dois dias de duração, mas tinha alcançado seu objetivo. Era inevitável. Carlisle era uma cidade importante defendida só por um castelo que se construiu precipitadamente doze anos atrás, cujos muros defensivos eram de madeira. Uma construção semelhante se podia tomar utilizando o recurso do fogo em uma batalha, mas as intermináveis chuvas dos últimos meses tinham determinado uma ação mais inteligente que incluía catapulta e cilindro de investida. Os muros podres, que deveriam ter sido refeitos anos atrás, tinham caído imediatamente. O castelo se rendeu em menos de uma hora.

A verdadeira luta tinha começado pouco depois, quando os senhores da zona se reuniram na área de defesa. Mas foram surpreendidos pela queda da noite e suas forças se viram dizimadas de maneira importante. Quando de madrugada apareceu o exército do rei



escocês com a esperança de recuperar Carlisle, as forças normandas já tinham ocupado posições estratégicas e tinham o controle. Malcolm atacou igualmente e a cruenta guerra se prolongou durante um dia mais.

Quando por fim se retirou o exército escocês dando a causa por perdida, Stephen pôde ver Malcolm sobre seu cavalo, elevando-se sobre seus estribos e brandindo um punho em sua direção. Estava claro que Canmore o estava amaldiçoando e jurando vingança.

Stephen soltou um suspiro, mas os dentes batiam de tal maneira que, mas bem pareceu um gemido. Vestiu depressa a roupa limpa que tinha levado consigo, sem querer recordar Malcolm em sua derrota nem em sua fúria, porque ao fazê-lo se lembrava de sua esposa. Sua esposa. Tampouco queria pensar nela. De fato, tinha evitado fazê-lo desde que a tinha confinado em seu quarto.

O coração tinha endurecido ainda um pouco mais. Também sentia amargura, uma amargura que nascia de uma espantosa desilusão que um homem de sua idade e sua experiência não tinha direito a sentir. Sabia que era um estúpido, mas essa certeza não o acalmou. Mary o tinha surpreendido durante os dias posteriores as bodas. A moça descarada se transformou em uma esposa feminina e doce. Converteu-se na esposa ideal como se tivesse suspirado durante toda sua vida por desempenhar aquele papel. Stephen sabia que isso não podia ser certo. Sua esposa não era uma mulher comum nem tampouco uma princesa usual, o que teria gostado de ser sem dúvida estava, para um homem. Mary teria preferido ir à guerra antes que estar diante de um bordado, ou isso acreditava ele. Mas quando se casaram foi como se nada mais importasse, como se ele fosse seu maior sonho.

Stephen franziu o cenho. Ali estava de novo aquela pontada de dor no peito e aquela espantosa sensação de traição. Tudo tinha sido uma ilusão, rasgada agora em mil pedaços. Acaso não tinha sabido que ocorreria? Não sabia que, se fosse obrigada a escolher, Mary se aliaria com Malcolm?

Seus sentimentos pessoais não deviam interferir em sua lealdade a Rufus. De fato, alegrava-se de que aquilo tivesse ocorrido. A traiçoeira invasão de Carlisle por parte do rei tinha trazido a luz a deslealdade de Mary.



Doía-lhe.

Sentiu-se durante um breve espaço de tempo cativado por ela, inclusive tinha chegado a pensar que sua união era um êxito além de qualquer expectativa, esquecendo a história cheia de ódio que compartilhavam. Havia sentido-a tão próxima durante os últimos dias... de repente, foi consciente de todas e cada uma das maneiras nas que se introduziu em sua vida, de todos os esforços, por pequenos que fossem, que Mary fazia para lhe facilitar a existência e que o tinham feito se sentir afligido e absurdamente agradecido. Parecia como se ela desfrutasse fazendo coisas para ele, agradando-o. Parecia inclusive que o amava.

Stephen riu em alto com um som amargo e zombador. Talvez fosse o estúpido fraco e apaixonado pelo qual Mary o tinha tomado. Tinha claro que sua esposa não o amava. Tudo tinha sido uma farsa por sua parte, não cabia outra explicação. Arrumar a roupa, vigiar suas comidas, antecipar-se inclusive a seus desejos, fazer amor com ele com ardente paixão para logo espioná-lo quando estava sentado em uma reunião para falar da guerra... Isso só podia significar que os atos de sua esposa não eram sinceros.

Com esses pensamentos torturando sua mente, Stephen atravessou de novo o infecto campo de batalha e entrou na tenda. A decepção era o que mais lhe doía. A farsa de atuar como a esposa perfeita, e não a traição ao espioná-lo a ele e a sua família, era a fonte de sua ira.

Deveria tê-lo sabido. Mary tinha mentido repetidamente desde que a conheceu, e sempre tinha deixado clara sua inquebrável adesão a seu país e a sua gente. Deveria ter sabido que não mudaria, que seria incapaz de mudar suas lealdades, e que não poderia sofrer uma metamorfose e se converter em uma esposa doce e entregue. Sim, deveria ter sabido que se tratava de uma farsa. Se Mary tivesse continuado a desafiá-lo abertamente depois das bodas e logo se atrevesse a espioná-lo, poderia tê-la perdoado, porque ao menos a teria entendido. Talvez inclusive respeitado. Mas tinha jogado um jogo muito perigoso com ele e com seus sentimentos e não haveria nenhum perdão.

Agora que sabia seria muito mais cuidadoso. Mary não teria possibilidade de voltar a espioná-lo ou de fazer algo pior. Mas seguiria sendo sua esposa, ao menos de fato.



Ocuparia-se de sua casa e atenderia suas necessidades. Daria-lhe filhos, criaria-os e cuidaria deles. Sim, seria sua esposa de fato, mas só de fato. Não o seria em seu coração. Uma mulher assim nunca poderia ocupar um lugar em seu coração. E o pior de tudo era que justo antes de descobrir sua traição e sua decepção estava começando a se apaixonar por ela.

Stephen era consciente de que não conseguiria conciliar o sono aquela noite. Agora que já não lhe preocupava a guerra resultaria impossível separar de seus pensamentos sua traiçoeira esposa. Se ao menos tivesse negado o que tinha feito. Se ao menos...

Ele era um homem que lutava com realidades, assim não devia ansiar o que não podia ser. No dia seguinte retornaria a seu lar, onde uma vez encontrou alegria e paz. Mas já não a acharia. Acomodou-se na cama completamente vestido e pensou no recebimento que lhe dispensariam no dia seguinte, na volta para a casa com uma mulher que era mais perigosa que qualquer adversário com o que se encontrou no campo de batalha devido a sua posição como senhora de Alnwick. Deus! Estava cansado e farto dos manejos políticos e as intrigas. Desejava retornar a casa e encontrar com uns braços abertos e um abraço verdadeiro, não retornar ao lado de Mary, sua formosa e traiçoeira esposa.

Stephen apertou o rosto contra a palha sentindo que formava um nó na garganta, tinha que enfrentar à realidade e reconhecer que se sentia de novo como um menino de seis anos, só e abandonado, enfrentando-se a sua primeira e amarga traição.



Capítulo 20

Mary sentou na beirada da cama com os pés pendurados, as costas retas e as mãos cruzadas sobre o regaço. Penteou o cabelo com os dedos o melhor que tinha podido e o tinha recolhido de novo, trocando de touca. Por desgracia não tinha um vestido limpo para substituir o que tinha posto, mas tinha arrumado para assear com a água que lhe levavam cada dia e confiava em ter bom aspecto. Tentou parecer acalmada e digna, no caso de Stephen subir diretamente a vê-la.

Acabava de chegar à fortaleza junto com seus homens. Teria sido impossível não ouvi-los, porque entraram falando animadamente em voz alta, com gritos de alegria e inclusive algumas risadas. Mary tinha estado esperando a volta de Stephen, consciente de que só ficavam uns dias. Mas sua primeira reação tinha sido de desgosto. Compreendia à perfeição o tom do estrondo que estavam montando os cavaleiros. Retornavam vitoriosos. Carlisle tinha caído.

Por que não se entristecia? Sabia que aquilo era só o princípio. Embora os normandos ficassem satisfeitos com aquele aumento de território, a coisa não pararia por ali. Malcolm não tinha tido nunca intenção de manter a paz e agora procuraria vingança. E esta vez estaria sem dúvida duplamente furioso, já que uma das pessoas que o tinha traído era o marido de sua filha, que além disso era um antigo inimigo dele.

Mary não podia seguir pensando em Carlisle e no futuro das terras da fronteira. Seu marido acabava de retornar, e talvez naquele momento estivesse subindo as escadas para se dirigir a seu quarto. Era difícil manter a calma e respirar pausadamente, com normalidade. O que ocorreria quando voltassem a se encontrar? Não tinha transcorrido nenhuma semana desde que discutissem tão acaloradamente e Stephen a encerrasse em seu quarto. Mary sabia que estava ileso, que não o tinham ferido na batalha, porque, incapaz de se conter, aproximou da janela para olhar como os cavaleiros entravam no castelo. Tinha divisado em seguida seu marido montado em seu corcel, alto e erguido, a



malha coberta de barro e o elmo sob o braço. Aliviada, pensou que se estivesse ferido não poderia montar assim.

Tinha passado largas horas dando voltas aos sentimentos que albergava para seu marido, à relação que tinham tido e ao futuro que se abria ante eles. Mary nunca imaginou que poderia chegar a amar a um homem da maneira tão completa em que o fazia, mas, por muito que lhe doesse, assim era. Não lhe alegrava a idéia de amá-lo, como poderia ser de outro modo? Stephen tinha traído cruelmente a seu pai e sua família por causa da ambição. E também a tinha traído a ela e a seu matrimônio. Era imperdoável. Mas devia perdoá-lo.

E seu perdão tinha menos que ver com o amor que com a sobrevivência. Seguiria sendo sua esposa embora o odiasse, embora nunca chegasse a perdoá-lo, embora renegasse dele e o desafiasse. Mas o amava, que Deus a ajudasse. Assim que lhe perdoava tudo, e o único que lhe cabia esperar era que sua sensata resposta à loucura daquela situação se visse correspondida em um futuro próximo com serenidade no temperamento e os sentimentos de seu marido.

Mas Mary não estava preparada para especular mais à frente, nem para analisar a profundidade de seus próprios desejos, de suas necessidades, de seus desejos secretos. Bastaria com que entre eles se estabelecesse uma paz estável. Ela faria o possível com seus atos, e talvez algum dia Stephen compreenderia sua lealdade. Possivelmente, com o tempo, esquecesse que o tinha espionado e acreditasse nela. Devia tentar convencê-lo de sua inocência com todas suas forças.

Mary ficou tensa quando alguém abriu o ferrolho. Transcorreu uma eternidade até que a pesada porta abriu. A desilusão se apoderou dela quando viu um servente na soleira em lugar da seu marido. Piscou para conter uma lágrima e logo se deu conta de que estavam introduzindo no quarto uma grande banheira de cobre. E o que era mais importante: Stephen caminhava atrás dos serventes que levavam a água quente.

Ficou imóvel enquanto que o olhava com incerteza. Não lhe devolveu o olhar. Uma vez dentro, seu pajem o ajudou a tirar a cota de malha. Ao perceber quão esgotado estava, o primeiro impulso de Mary foi correr para ele e ajudá-lo, embora, dado o rechaço que mostrava para com ela, decidiu não fazê-lo.



Dando-se conta de que estava contendo a respiração, que o coração pulsava muito depressa, a jovem aspirou fundo um par de vezes para se recuperar. E quando Stephen tirou por fim o amparo de couro que levava sob a armadura, Mary percebeu que a estava olhando.

— Bom dia, milady — a saudou inclinando a cabeça.

— Bom dia, milorde — sussurrou ela.

Dito aquilo, fez-se silêncio enquanto o pajem despia rapidamente a seu senhor, um trabalho que corresponderia a Mary já que estava presente. Stephen lhe dava as costas. Ela sabia que carecia de modéstia, assim que se tratava de um óbvio rechaço que doeu profundamente. Uma vez que a banheira esteve cheia e partiram os serventes, Stephen se meteu na água olhando para outro lado, outro sinal de que as coisas não estavam bem. Logo disse ao escudeiro que podia partir. O moço obedeceu e ficaram a sós.

Mary se sentia insegura. Seu marido se estava comportando de forma acalmada e racional, entretanto, duvidava que a tivesse perdoado. O fato de que tivesse lhe dado as costas não uma, a não ser duas vezes, era muito significativo. Talvez se tratasse de uma advertência, um sinal para que mantivesse distância. De repente, a jovem recordou durante um instante fugaz a última vez que o tinha ajudado a se banhar. Sem poder evitá-lo, experimentou uma profunda nostalgia. Estava completamente segura de que nunca se repetiria aquela paixão tão livre e esmagadora, aquele desejo mútuo e indisputável.

— Quer que o ajude, milorde?

Stephen estava ensaboando-se naquele instante e não girou a cabeça para responder.

— Talvez em outro momento — disse com tom de evidente cansaço.

Mary ficou paralisada. Não o tinha interpretado mau. Seu marido não tinha esquecido nem perdoado nada. Esteve a ponto de soluçar, mas conseguiu emitir um som de decepção em seu lugar. Aquele homem não tinha absolutamente nada que ver com o ardente e quente amante que tinha sido antes da briga.

Sem saber no que empregar as mãos, Mary decidiu atender o fogo, já que não tinha outra coisa que fazer. Colocou o atizador entre os lenhos e deixou escapar parte da



frustração e a raiva que tinha, embora não foi suficiente. Estava claro que Stephen tentava evitá-la. Mas, durante quanto tempo? Ao recordar o impossível que se apresentava seu futuro, soube que aquela situação não podia continuar daquele modo, não devia permitir que seguissem naquela linha.

Quando uma Mary, tremente, girou, Stephen tinha terminado de assear e estava em pé. Um instante mais tarde secou seu poderoso corpo nu com uma toalha e começou a vestir-se sem lhe falar, nem dirigir um simples olhar.

Mary não se atreveu a aproximar para ajudá-lo já que estava convencida de que a rechaçaria uma vez mais. Seus atos falavam isso.

— Fugirá o resto de nossas vidas, milorde? — Perguntou, incapaz de guardar silêncio.

— Fugir? — Stephen girou. — Não tenho nenhuma intenção de evitá-la, milady. Mas se esperava algo diferente a minha indiferença, então está enganada.

— Ainda está zangado — disse elevando a cabeça.

Stephen soltou uma áspera e desagradável gargalhada.

— Sim, ainda estou zangado. Mas não tema, não perderei o controle.

Olhava-a de forma tão aberta que Mary pôde ver a raiva refletida em seus olhos, uma raiva fria e dura.

— Fui castigada, mas ainda não pedi perdão. — Saber que era inocente do delito de traição o fazia difícil continuar. — O sinto.

— Que sincera parece! — Exclamou em tom incrédulo.

— Sinto muito! — Gritou Mary. — Stephen, juro que nunca tentei traí-lo.

Ele inclinou a cabeça.

— Não parece que essa afirmação chega um pouco tarde?

— Talvez, mas é a verdade.

— Duvido muito que compreenda o significado da palavra “verdade”, milady.

— É cruel — sussurrou.

— Por que tenta me convencer agora? Acaso não estava espionando?

— Sim, mas...



— Está conspirando outra vez contra mim? Pretende me abrandar de novo para poder me golpear de novo?

— Não!

— Se acreditasse que o lamenta sinceramente, bastaria com isso. Não poderia pedir nada mais que um arrependimento sincero. Mas nenhuma desculpa, autêntica ou não, basta para acalmar minha dor e minha raiva. Eu não tomo a traição à ligeira, e muito menos se vier de minha esposa. Isso nunca.

— Mas te juro que estou dizendo a verdade... Nunca estive em meu ânimo traí-lo!

— Igual jurou diante de Deus me honrar e me obedecer? — Perguntou ameaçador, os olhos brilhavam perigosamente em sinal de advertência.

— Eu não tenho quebrado meus votos — afirmou sem voltar atrás.

— Já tive suficiente, milady — declarou ele com voz tensa. Mary fez um esforço por manter a compostura ao perceber que o estava olhando através de um véu de lágrimas.

— Seu confinamento terminou, se isso te servir de algo — comunicou com voz dura. — Espero-a esta noite para jantar conosco. Meu banho está ainda quente. Por que não o aproveita?

— Muito generoso de sua parte.

Stephen apertou os punhos enquanto seus olhos escureciam ainda mais.

— Uma vez fui muito generoso contigo, ou já o esqueceste? Tem sorte, milady, muita sorte de que tenha posto fim a seu castigo, que por certo foi muito leve, e que tenha a intenção de que siga sendo minha esposa apesar de sua traição.

Mary não foi capaz de ocultar a amargura na voz ao protestar.

— Não tem escolha, milorde, e sabe. Estamos casados diante de Deus até que a morte nos separe!

— Há muitas maneiras de acabar com um matrimônio como o nosso — assinalou Stephen.

A jovem pôs-se a tremer entre assustada e horrorizada. Sem dúvida tinha entendido mau. Não podia estar ameaçando-a com...

— O que... o que está dizendo, milorde?



— Estou te sugerindo que ande com cuidado, milady.

— Vais pedir a anulação? — perguntou Mary horrorizada.

— Eu disse isso? Não, milady, nunca pediria a anulação. Ainda tem que me dar um herdeiro, faz falta que a recorde disso? — A jovem cruzou com seu frio olhar enquanto ele sorria sem nenhum indício de bom humor. — Se tiver lugar outro episódio de traição, milady, enviarei-te ao exílio. Se esse dia me sentir generoso iria a Tetly, uma propriedade que tenho na costa. Em caso contrário, ingressarei-te em um convento na França.

— E... e se estou esperando teu filho? — A palidez de Mary era cadavérica.

Stephen sorriu fria e brevemente.

— Isso não mudaria nada, milady, todos os dias nascem filhos de mães exiladas, como você bem sabe. — Stephen lhe deu as costas uma vez mais. — Não nos faça esperar.

Dito aquilo, fechou a porta atrás dele.

Mary permaneceu imóvel, mas só durante um instante. Logo recolheu o elmo de seu marido, que estava sobre a cômoda que tinha ao lado, e o jogou furiosamente contra a porta. Fez muito ruído ao ricochetejar, embora isso apenas a consolou. Sentia como se estivesse a bordo de um destino quase tão terrível como a morte, e talvez igual de irrevogável. O exílio. Stephen não albergava já nenhum sentimento para ela e tinha deixado claro que a afastaria de seu lado sem pensá-lo.

Com vontades de chorar, levou as mãos ao abdômen. Stephen tinha afirmado que a enviaria ao exílio embora estivesse esperando um filho. Aquela declaração era a prova de que ainda esperava que lhe desse um herdeiro. O que ele ignorava era que provavelmente, Mary já estivesse grávida. O segredo que guardava a jovem, bem podia se converter na única carta que ficava por jogar, se é que alguma vez se atrevia a utilizá-la. Aquela era a razão pela qual não se aproximava dele para dizer o que tanto gostaria Stephen de escutar. E sua contenção não tinha nada que ver com um romantismo ridículo. Depois do que acabava de ocorrer, não podia ser tão estúpida para pensar que chegaria um tempo no que as coisas resultariam fáceis entre eles, um tempo de luz e risadas, um tempo no que desfrutassem da paixão mútua em lugar de viver em meio de uma guerra não declarada.

* * * * *



Durante o jantar, Mary se inteirou dos detalhes do ocorrido em Carlisle. A condessa queria que a informassem de tudo, e suas perguntas foram certeiras, diretas e intermináveis. O conde ficou no norte restabelecendo a ordem e Geoffrey tinha retornado a Canterbury, mas Brand, de caminho a Londres com seus homens, passaria a noite em Alnwick. Entretanto, foi Stephen quem respondeu às perguntas de sua mãe sobre a terra e os compatriotas de Mary com tom tranqüilo e desapaixonado.

A jovem escutava em silêncio. Estava furiosa depois do desastroso encontro que tinha tido horas antes com seu marido, e escutar quão rápido tinha caído Carlisle não fazia que seu humor melhorasse muito. Além disso, era a primeira vez que Mary via alguém que não fosse Stephen desde que a encerrassem por espionagem. Era culpada de escutar o que não devia, mas inocente de traição, e entretanto tinha medo de olhar à condessa nos olhos. Sabia o quanto inteligente que era aquela mulher, e quanto amava a seu marido e Alnwick, que no passado foi um feudo saxão que pertenceu a seu pai. A jovem supôs que lady Ceidre estaria furiosa com ela... E que também se sentiria terrivelmente decepcionada, assim que se sobressaltou quando a condessa dirigiu a ela com tom amável.

— Suponho que isto deve ser difícil para você, Mary.

A jovem elevou os olhos, assombrada, e sustentou o olhar da condessa.

— Perdão, milady, o que disse?

— Deve ser muito difícil para você estar casada com meu filho, um normando que luta contra seu país... e contra sua família.

Mary empalideceu. Sentia todos os olhares da mesa cravadas nela, incluído o de seu marido, que estava sentado a seu lado no estrado. Mas a condessa parecia simpatizar sinceramente com ela. Como era possível?

— Sim — murmurou ao fim. — É muito difícil e muito triste. — Para seu horror, uma lágrima deslizou pela bochecha.

A condessa estava sentada ao lado de Stephen, mas se inclinou sobre seu filho para dar a sua nora um tapinha na mão.

— Certamente meu filho não lhe disse isso, mas me contou que sua família está bem.



Mary conteve a respiração, tinha estado terrivelmente preocupada com sua família. Ao parecer, embora tinha aprendido quão cruel podia chegar a ser seu pai, era impossível deixar de querê-lo. Sempre seria seu pai. Incapaz de conter a impaciência, olhou a seu marido pela primeira vez desde que baixou as escadas.

— Está seguro?

— Tão seguro como se pode estar. Acredito que Edgar resultou ferido. Mas o lutar até o final, assim não deve ser nada grave — afirmou Stephen.

— Edgar! — o coração de Mary deu um tombo. — Está seguro de que está bem?

Seu marido assentiu com a cabeça sem deixar de olhá-la, e Mary, tremendo, suspirou aliviada. Se algum de seus seres queridos morria, sua situação atual se complicaria ainda mais. A jovem rezou para que aquilo nunca ocorresse. Mas se as forças de Northumberland continuavam enfrentando às de Malcolm, acaso não seria inevitável? Estremeceu presa de uma horrível premonição.

— Para mim tampouco resultou fácil em seu momento — estava dizendo a condessa.

A jovem não pôde evitar observar de soslaio a Stephen, que agora olhava seu copo de vinho com expressão sombria. Teria tornado a desagradá-lo de algum jeito? Tratando de ignorá-lo, Mary girou para sua sogra com genuína curiosidade.

— Devido a que fosse saxã?

— Não só era saxã, também era filha natural de meu pai — admitiu lady Ceidre com sinceridade. — E Rolfe, como certamente terá ouvido, era um dos homens de confiança de William I, o Conquistador. O abismo que havia entre nós não podia ser maior, sobre tudo porque lhe tinham encomendado pessoalmente a responsabilidade de dobrar o norte do país com crueldade e brutalidade. A primeira vez que vi meu marido estava ordenando que colocassem fogo a uma aldeia por ter escondido a uns arqueiros que tinham tentado uma emboscada a seus homens. Ordenou que não deixassem absolutamente nada sem destruir, nem sequer o milho, o que significava que todos seus habitantes não só se congelariam aquele inverno, mas também morreriam de fome. Roguei-lhe clemência, mas ele se negou, o que fez com que o odiasse.



— Mas... se o odiava tanto, como pudeste chegar a amá-lo como o ama? — Perguntou a jovem, assombrada.

Enquanto esperava a resposta da condessa, Mary foi mais consciente que nunca da presença de Stephen a seu lado. Só um par de centímetros separavam seus corpos, assim teria resultado impossível não sentir sua proximidade e experimentar por isso um certo desassossego. Mas Stephen parecia não respirar, tão interessado na conversação que Mary estava mantendo com sua mãe como ela mesma, ou ao menos isso parecia.

— Bom — lady Ceidre sorriu ligeiramente — é um dos homens mais atraentes que viu em sua vida, verdade? Não pude evitar me fixar nele. E, como sabe, meu marido é um bom homem. Estava obedecendo a seu rei, como todos devemos fazer. Embora eu apoiasse em segredo a meus irmãos rebeldes, apaixonei-me por ele. E para piorar as coisas, ele se casou em seguida com minha irmã Alice, a filha legítima de meu pai. Fomos inimigos desde o começo, mas nos apaixonamos. — Durante um instante a condessa se perdeu em suas lembranças do passado. Seus olhos brilharam com força e seu rosto, à luz das velas, pareceu de repente jovem. — Não foi fácil. Eu o traí uma e outra vez, acreditando que era meu dever. Ele estava furioso. Mas... o tempo cura as feridas, Mary. E quando as feridas resultaram menos dolorosas, o amor seguia ali, ainda mais forte que antes.

Mary se perguntou o que teria ocorrido com Alice, a primeira esposa do conde. Sem dúvida havia falecido no momento oportuno, permitindo que o conde se casasse com sua amada.

— É uma história em certo modo triste — disse Mary, consciente de que Stephen a estava escutando atentamente. — Mas formosa, muito formosa.

— Sou uma mulher muito afortunada — assegurou Ceidre sorrindo com amabilidade. — E você também, querida, embora ainda não saiba. Em ocasiões o caminho para a felicidade é comprido e difícil, mas as provas que terá que superar fazem com que a recompensa final seja muito mais doce.

Mary baixou os olhos para a bandeja que compartilhava com seu marido. Embora ele escolhia para ela os bocados mais deliciosos, não havia nenhum carinho, nenhum amor em seus atos. Tão somente estava sendo cortês e educado. A jovem se sentiu invadida por



um desejo absurdo que lutava por evitar e se encontrou suspirando por um amor como o que a condessa tinha encontrado com seu marido, um amor o suficientemente forte para suportar os piores tempos... Um amor o suficientemente grande para durar para sempre.

O salão estava sumido em um incomum silêncio, e a jovem percebeu que os numerosos soldados que estavam sentados tinham estado escutando cada palavra que pronunciaram tanto a condessa como ela. Elevou a vista bruscamente, bem consciente do que todo mundo estava pensando, incluída a condessa: estavam convencidos de sua culpabilidade. Pensavam que, igual a lady Ceidre, ela também tinha cometido traição contra seu marido, amalucada, mas deliberadamente. No contexto de uma história de amor narrada com o estômago cheio e sob o influxo do bom vinho, era aceitável e inclusive romântico, mas não era assim absolutamente.

— Eu não traí a meu marido, milady — declarou olhando a sua sogra. Sua voz foi clara e todo mundo a escutou. — Nunca romperia os votos que pronunciei em minhas bodas.

Stephen evitou o momento de se retirar para dormir. Estava esgotado, tanto que, sentado no grande salão diante do fogo moribundo, com os soldados dormindo em suas camas, sua mãe e sua irmã retiradas fazia hora de descansar igual a sua esposa, podia sentir como pesavam cada vez mais as pálpebras. Mas ficou contemplando as cinzas incandescentes e alguma outra chama ocasional. A veemente negativa de Mary ainda ressonava em sua mente.

De repente, abriu a porta dianteira e a portada com que se fechou o tirou da sonolência. Seu irmão Brand entrou tranqüilamente no salão e se sobressaltou ao vê-lo.

— Como? Não está na cama? — Brand aproximou dele com um sorriso. Não cabia dúvida em relação ao que o tinha mantido acordado até aquelas horas. Tinha uma expressão saciada e plena, e quando tomou assento ao lado de seu irmão, Stephen se fixou



que tinha o cabelo revolto, despenteado e cheio de palha. — Se eu tivesse uma esposa como a tua não demoraria para ir à cama — assegurou sorrindo.

— Talvez esse seja o problema.

O sorriso de Brand desvaneceu.

— O que te aflige, Stephen?

— Precisa perguntá-lo? — Deu-se conta do amargo de seu tom de voz e decidiu expressar com mais desapego.

— Sei que você não gostou de ter que ir à guerra contra a Escócia — comentou Brand lentamente. — Mas não tinha escolha. É certo que ela o entende.

— Ela não me entende... nem eu a entendo. — Stephen ficou em pé e deu as costas a seu irmão, que se manteve em silêncio. — Diga-me, irmão, o que opina de minha esposa?

Brand se mostrou um tanto receoso.

— Não resulta fácil responder a isso.

— Não te parece um anjo, uma beleza perfeita e inocente?

— Sim.

Stephen riu.

— Não há nada perfeito nem inocente nela.

— Stephen, sei o que ocorreu, contou-me isso Geoffrey. — Brand ficou em pé.

— Então saberá que é uma mentirosa.

— É bom que tenha averiguado suas verdadeiras inclinações. — Vacilou um momento e logo prosseguiu. — Faz que te proporcione um herdeiro, e logo, se atrever a repetir seu comportamento, desterra-a como é sua obrigação.

— Faz que pareça muito fácil. — Olhou Brand com um sorriso zombador. — Temo o que me custaria enviá-la ao exílio se chegasse a ocasião em que tivesse que fazê-lo.

— Não teria mais remédio, Stephen. Nesta ocasião suas ações não tiveram conseqüências, mas e se tivesse conseguido advertir Malcolm? Muitos normandos estariam mortos hoje... Talvez inclusive você ou eu.

Stephen apertou a mandíbula.



— Acredito que não sou consciente disso? Dou-me perfeita conta!

— Então te assegure de não esquecê-lo — disse Brand com grande seriedade. Logo sorriu e apertou o ombro de seu irmão. — É tarde. Vai com sua bela esposa e engendra esse herdeiro. Garanto que isso te limpará a mente — assegurou sorrindo amplamente.

Stephen o observou cruzar o salão em direção a cama. Não podia revelar a seu irmão que evitava seu quarto porque tinha medo. O celibato, no que se referia a sua esposa, era completamente impossível até que ela concebesse ou lhe desse um herdeiro. Pensava tomar Mary tal e como devia fazer para engendrar um filho, mas, como ia se controlar? Tinha medo de ser dominado pela paixão. E se esse era o caso, Mary perceberia imediatamente sua debilidade e se aproveitaria dela.

Todos seus sentidos estavam alerta a modo de advertência, de forma similar a quando se preparava para entrar em batalha. Sem lugar a dúvidas entraria em terreno perigoso quando se metesse em sua cama. Estaria outorgando um grande poder sobre ele, um poder que não podia lhe confiar.

Se suas ameaças de exílio não fossem mais que papel molhado, ela se daria conta em seguida, já que era muito inteligente. Dado o caso, teria que enviá-la para longe por muito que custasse. Em caso contrário, Mary se converteria na causa de sua destruição.

Stephen girou bruscamente. Não era nenhum covarde. Sempre tinha feito o que tinha que fazer. Se lhe dava motivos, exilaria-a imediatamente. Devia controlar-se na cama para que Mary não pudesse adivinhar quão obcecado estava por ela. Não tinha aprendido muito tempo atrás, quando era um menino retido na corte, a esquecer seus sentimentos? Naquela ocasião tinha sido uma questão de sobrevivência. Agora poderia ser o mesmo caso.



Mary tratou de não dormir. Como era seu costume, estava nua sob as mantas e peles da cama, com o cabelo solto. Recém escovado, brilhava sob a luz bruxuleante do fogo. Como Stephen sugeriu, tomou um banho antes de jantar, embora não com sua água, que estava suja. Também tinha lavado o cabelo, consciente de como Stephen o tinha admirado em uma ocasião.

Impaciente, a jovem agarrou um dos travesseiros pensando em seu marido. Dormiria com ela aquela noite? Fariam amor? Não acreditava que sofresse o desconforto de dormir em um cama no salão, por muito que desejasse evitá-la. Durante o jantar se comportou com naturalidade, o que indicava que efetivamente aquela noite compartilharia a cama com ela. Mas não se atrevia a esperar que a tocasse.

Alegrava-se de não ter dito que estava grávida. Isso talvez tivesse dado a desculpa perfeita para fugir e certamente ir saciar sua luxúria em outra parte. O mero fato de imaginá-lo com outra mulher provocava em Mary vontade de apertar os dentes. Acreditava poder suportar quase tudo exceto aquilo. Uma infidelidade sua não.

Seus pensamentos vagaram para lady Ceidre imaginando perfeitamente como sentiu a condessa sendo uma moça jovem, com seu pai morto, seus irmãos despojados de tudo e escondidos planejando sua rebelião, enquanto ela se apaixonava pelo inimigo, um homem casado com sua irmã. Era uma história trágica que parecia impossível de resolver. E entretanto se resolveu de forma gloriosa. A saxã bastarda se converteu na condessa de Northumberland, uma mulher poderosa, elegante e amada, mãe de três filhos fortes e de uma filha formosa.

Mary não pôde evitar desejar também um futuro assim. Devia estar louca. Seria suficiente, pensou, levar-se bem com Stephen. Nunca obteria dele um amor semelhante. Mas ao menos teriam um menino. Talvez o amor que sentiriam ambos por aquele menino os aproximasse, talvez algum dia Stephen chegasse a lhe ter verdadeiro carinho. Mas, bastaria com isso?



De repente, a jovem ficou paralisada ao escutar os passos de seu marido. Todas suas esperanças e pensamentos a respeito de como poderia ser seu futuro esfumaram.

A porta abriu e fechou brandamente. Mary, tensa ao ponto da dor, escutou como Stephen se despia. O cinturão que sujeitava sua espada caiu ao chão sem nenhuma cerimônia fazendo um ruído surdo. Logo, a jovem escutou o suave sussurro do tecido enquanto tirava a túnica. Imaginou ali de pé com o peito nu, vestido unicamente com as botas e as meias. Logo, as botas ressonaram ao dar contra o chão e, quase imediatamente, escutou-se outro sussurro sedutor de tecido.

Que tipo de mulher sou? Pensou Mary quando Stephen se meteu na cama. Seu corpo não roçou o seu, mas não pôde relaxar. Seu próprio corpo tremia de desejo por ele. Como era possível que provocasse nela aquele efeito? Sua vida era um desastre, necessitava desesperadamente que a resgassem, e entretanto apenas ele importava. Estava ali deitada, rígida, esperando que Stephen a tocasse e temendo que não o fizesse.

Não o fez. Depois de uns minutos largos, lentos e agonizantes, a jovem pensou se ele acreditava que dormia e chegou à conclusão de que não tinha nenhuma intenção de tocá-la. Não acreditava que lhe mostrasse alguma consideração nas atuais circunstâncias. Apesar das palavras que tinha pronunciado aquela manhã cedo, o certo era que a estava rechaçando. Oh Deus! Se não tinham nem sequer paixão, então não ficava nada, nem sequer esperança.

Estava aterrorizada. Seria possível que nem sequer a desejasse? Poderia a traição que Stephen acreditava ter ela cometido, apagar o fogo de sua paixão?

Mary pensou a grande velocidade. Se obtinha que ele voltasse a desejá-la, poderiam seguir com sua vida ou ao menos ter uma base com a que começar de novo. A sedução era um método eterno de reconciliação. E Stephen não a rechaçaria, verdade? Poderia seduzi-lo?

Em um ato entre o desespero e a valentia, Mary girou para olhá-lo. Ele estava deitado de flanco, de costas para ela. Temendo seu rechaço, a jovem o tocou no ombro.

— O que faz? — Perguntou ele com os dentes apertados.



Ela não tinha nenhuma resposta possível, assim deslizou a mão pelos fortes músculos de seus braços. Logo apertou os seios contra suas costas, cobriu seu traseiro com os quadris, e roçou com os lábios a sensível zona do pescoço justo atrás da orelha.

— Já basta. Advirto-a — disse antes de afastar-se e ficar de costas.

Tinha a voz rouca. Mary ficou paralisada, perguntando-se se aquele tom deveria ao aborrecimento... ou ao desejo.

— Stephen, sou sua esposa.

Ele se manteve em silêncio, mas a jovem pôde escutar sua agitada e errática respiração.

Apertou-se mais contra ele, desejando abrir seu coração e confessar que o amava. Em um arranque de valentia, deslizou as mãos por seu amplo peito, seu abdômen e continuou para baixo. Sua carne, ereta e excitada, tremeu contra sua mão. A jovem se sentiu exultante de alegria. Apesar do abismo que havia entre eles, desejava-a... E como.

— Stephen — gemeu enquanto curvava os dedos ao redor de seu membro.

— É uma bruxa — murmurou com voz rouca enquanto apertava os dentes e respirava fundo.

Mary percebeu que estava lutando contra ela, sem alcançar a compreender a razão.

— Não, sou sua esposa — replicou. Sua própria e dolorosa excitação a fazia ser extremamente audaz, assim que o acariciou como tinha ensinado. Stephen gemeu com prazer contido. — Por favor, marido. Faça-me tua de novo, por favor — suplicou tremendo.

— Maldita seja.

Mas girou com surpreendente rapidez e se colocou sobre ela. Mary o abraçou com força, abrindo as pernas para acomodá-lo. Seu tenso membro estava apoiado sobre ela, mas Stephen se manteve imóvel. Olharam-se nos olhos e a jovem pôde ver o sofrimento nos olhos masculinos.

— Por que lutas contra você mesmo? Por que lutas contra mim? Vamos, meu amor, por favor!



Stephen moveu e entrou nela sem dizer uma palavra, enterrando sua dura longitude até o punho. Mary gemeu de prazer. Ele se retirou devagar, tremia-lhe todo o corpo enquanto tentava recuperar o controle. E devagar, muito devagar, voltou a entrar nela.

Mary chorou. Nunca tinha experimentado um prazer semelhante. E entretanto tinha a sensação de estar forçando seu marido a vencer algum inexplicável controle sobre si mesmo. Mas, por quê?

— Stephen — ofegou. — Não posso... agüentar... mais.

Ele gemeu e sua determinação de não tocá-la veio abaixo. Mary gritou quando seu marido começou a mover-se depressa, duramente, tinha perdido o controle. A jovem jogou a cabeça para trás, exultante, saboreando aquele intenso prazer, consciente de um modo instintivo de que tinha ganhado embora mal compreendia qual era o prêmio. Stephen parou para beijá-la e Mary soluçou. Beijava-a com ardor, devorando-a, e se fora da cama não sentia nada por ela, ali, ao menos, sentia tudo. Seus beijos a levaram a outro assombroso êxtase, surpreendendo a ambos.

O normando rugiu larga e gravemente do mais profundo da garganta e se afundou mais dentro, mais intimamente, mergulhando-se em seu interior com abandono, cativo de sua luxúria. Mary o recebeu com alegria. A paixão de ambos alcançou cotas que nem sequer tivessem podido imaginar até esse momento. Os amantes lutaram ao longo e largo da cama, e estiveram a ponto de cair ao chão. Stephen ficou de joelhos, ela sobre os seus. E voltaram a se beijar-se, marcando com as línguas o mesmo ritmo que acabavam de desfrutar de seus corpos. De repente, ele a separou de si com facilidade e a colocou de barriga para baixo. Ela agarrou a cabeceira da cama enquanto as fortes mãos masculinas deslizavam pelo úmido e inchado centro de seu prazer. Sussurrou-lhe algo ao ouvido, uma palavra carinhosa seguida de um pouco tremendamente gráfico e aquilo foi muito para a Mary. Quando a penetrou por trás, enchendo-a com sua cálida e potente semente, ela gritou grosseiramente, extasiada, estremecida por aquele violento prazer. E depois de morrer e renascer, Mary sorriu para adentro de si. Depois de tudo, havia esperança.

* * * * *



— Por favor, Stephen, não te separe de mim.

O normando estava convexo de barriga para cima, com as mantas à altura da cintura e um braço descansando sobre a testa. Tinha recuperado a prudência fazia um momento e se mostrava resistente a mover o braço e olhá-la. Sabia perfeitamente que Mary não podia ler sua expressão. Mas, já não tinha revelado o bastante? Arrependia-se de cada instante da última hora, como um bêbado se lamenta da cerveja da noite anterior, com a absoluta certeza de voltar a recair uma e outra vez naquele comportamento autodestrutivo.

Quando por fim afastou o braço, viu que Mary estava sentada a seu lado na cama sem nenhuma vergonha, seus turgentes seios nus, os mamilos eretos pelo frio e o cabelo caindo em cascata pelos ombros, matizado com reflexos de ouro provenientes do fogo. Parecia satisfeita. Dirigiu-se a ele em tom normal, mas seu sorriso não o era. Era um sorriso sugestivo, provocador e, ao mesmo tempo, satisfeito.

O normando amaldiçoou a si mesmo. Ao olhá-la, ao ver sua expressão e recordar o ocorrido, não pôde evitar se excitar de novo. Suas preocupações estavam justificadas. Ele viu-se arrastado pela paixão que ela provocava e Mary sabia, estava mais que agradada. De fato, a mulher que estava sentada a seu lado era o suficientemente adorável para equilibrar-se de novo sobre ela. E entretanto, Stephen sabia, sabia muito bem, que não havia nada nela que devesse adorar.

— Parece agradada, milady — disse com frieza.

— Estou. — Arqueou-se, ainda sorrindo. — Você me agradou.

Stephen sentou, fazendo que ela parecesse ainda mais jovem e delicada.

— Não deitei contigo para te agradar.

— Não, preferia sofrer antes que vir para mim. Por quê? Por algum tipo de orgulho mau entendido?

— Faz muitas perguntas, milady. Recorda que sou seu marido e que não tenho que te dar explicações.

Mary se sentiu ferida.



— Acabamos de compartilhar uns momentos únicos, quase mágicos, mas você vai fingir que não foi nada, verdade? Assim poderá seguir me castigando por uma traição que jurei que não cometi!

— Não compartilhamos mais que luxúria — assegurou ele com brutalidade, recordando a si mesmo que não devia acreditá-la. Não devia. Os fatos estavam claros. Estaria louco se acreditasse apesar dos fatos.

Mary estava furiosa com a postura dele.

— Milorde. — O tom de sua voz era excessivamente doce. — Quero que saiba que vi a homens e a mulheres acasalando-se em mais de uma ocasião. E te asseguro que seus esforços não eram nada. Nada! Comparados com os nossos. Toma-me por uma estúpida?

— Viu a homens e a mulheres acasalando-se? — Repetiu Stephen. Sua desconfiança se transformou imediatamente em diversão. É obvio que o tinha visto, a curiosidade de Mary era insaciável. — Milady, está me dizendo sem indício de pudor que estiveste espiando a vários casais de amantes?

— Bom, tenho seis irmãos, Stephen, e resultou impossível me conter. Perguntava-me uma e outra vez por que perseguiam daquele modo às mulheres. De fato, uma vez que presenciei o ato em si mesmo, pareceu-me bastante divertido, mas nada mais.

Stephen riu apesar de tudo. Imaginou com facilidade sua esposa escondida entre os arbustos e espiando a um casal de amantes. Ela riu também. Quando Stephen percebeu, calou-se imediatamente. Então, para seu desgosto, Mary o olhou longamente com expressão audaz.

— Parecia-me tudo muito divertido, as carícias, os ofegos... Até que você me ensinou que não tem nada de divertido.

Stephen obrigou a si mesmo a afastar a vista antes que sua excitação chegasse ao ponto da dor.

— Pode acreditar o que gostar de acreditar, milady. E se tiver decidido que o que temos é especial, dane-se você. O único que eu quero é que me dê um filho o quanto antes. Isso é tudo.



Mary o olhou sem pestanejar. Logo se atreveu a sorrir de novo, esta vez com suficiência.

— Como você desejar, milorde.

Na manhã seguinte, ela o despertou com as mãos e com a boca, e depois se atreveu a desafiá-lo com sua doce risada.

Mary sabia que era tremendamente afortunada. Por alguma razão desconhecida, o destino tinha decidido tratá-la bem. Parecia que Stephen e ela estavam vivendo uma autêntica trégua.

De noite fazia amor e com seus atos negava suas ridículas palavras. Não podia manter as mãos separadas dela. Desfrutava de seu corpo, sua paixão era inegável, e de maneira nenhuma se tratava de algo comum. Em seu dormitório, em sua cama, Mary conhecia noite atrás de noite um prazer sublime, e alimentava uma doce esperança.

Durante o dia Stephen se mostrava cortês. Em troca, ela era igual de educada. Era o suficientemente ardilosa para saber que não tinha esquecido nem perdoado, não confiava ainda nela. Mas a tratava com respeito. Com isso era suficiente... no momento. Ao menos agora tinham uma base sobre a que construir sua vida. Com o tempo, Mary esperava que Stephen a olhasse de um modo mais íntimo, com um olhar cálido e carinhoso, como tinha feito ao princípio de seu matrimônio. Com o tempo talvez houvesse inclusive mais provas de seu carinho. Com o tempo talvez houvesse inclusive outra rosa.

Transcorreram vários dias sem que ocorresse um incidente notável, mas Mary não tinha pressa. Enquanto Stephen seguisse adorando-a com sua paixão pelas noites, enquanto sua relação durante o dia fosse agradável, seu matrimônio partia por um bom caminho para recuperar-se.

O único problema que existia era o fato de que a jovem já estivesse grávida. Não o havia dito. Ainda não. Não podia evitar estar ansiosa, porque odiava lhe ocultar e porque



intuía qual seria a reação de Stephen se inteirava por si mesmo da verdade. Então sim teria motivos para acusá-la de estar enganando-o. É obvio, teria que dizer logo, mas podia esperar um mês mais. Ela sempre tinha tido os ciclos irregulares, assim não poderia acusá-la de utilizar artimanhas... embora assim fosse. Mas não tinha escolha. Seu matrimônio não descansava ainda sobre uma base firme e Mary estava decidida a conservar a única forma de intimidade que compartilhavam. Tinha a sensação de que se Stephen soubesse que estava grávida deixaria imediatamente de fazer amor com ela. Por muito que desfrutasse do corpo feminino, desprezava sua própria debilidade e ela sabia. Não estava preparado para admitir que a necessitava, e a escocesa não tinha intenção de lhe dar nenhuma razão para que escapasse de sua cama e procurasse o prazer em outro lado.

Tudo ia tão bem que a Mary surpreendeu quando Stephen foi procurá-la pela manhã nas cozinhas. Por isso ela sabia, aquele era um lugar no qual o senhor da fortaleza não tinha posto o pé em toda sua vida. Ficou paralisada ao vê-lo, igual a todas as cozinheiras, as donzelas e as servas. Sua escura e sombria expressão não augurava nada bom.

Mary foi presa de um mau pressentimento. Entregou à donzela que tinha ao lado o bolo de carne que tinha estado inspecionando e correu para seu marido.

— Milorde? O que ocorre?

O sorriso de Stephen era uma careta que destilava desprezo.

— Tem uma visita, milady — anunciou enquanto a agarrava pelo braço para tirá-la dali.

— Uma visita? — Mary estava confundida. — De quem se trata?

Stephen voltou a sorrir, esta vez com autêntico desagrado.

— Seu irmão Edward.

— Edward? — A jovem empalideceu por completo.

— O que é o que te surpreende, querida? — Perguntou com um grunhido. — Não esperava uma visita semelhante?

Todos seus esforços de reconciliação estavam em grave perigo e Mary sabia. Stephen a estava olhando como se fosse uma vil traidora.



— Não! — Gritou aferrando-se a ele. — Não! Eu não mandei chamar o Edward!
Não sei o que significa isto!

— Se não o mandaste chamar e não sabe o que significa sua visita — disse Stephen com frieza — estou seguro de que em seguida o descobrirá. Está te esperando no salão, milady.



Capítulo 21

Stephen a escoltou para fora das cozinhas e cruzaram o pátio em direção ao castelo. Mary teve que correr para seguir seus passos, compridos e decididos. Ele a agarrou pela mão de modo que não pudesse se mostrar relutante a seguir caminhando. Não cabia dúvida de que estava furioso, de que pensava o pior.

— Pare, por favor!

Detiveram-se na porta de trás, a que utilizavam só os serventes para introduzir rapidamente a comida quente no salão, e se olharam. Mary estava desesperada e custava trabalho acreditar em sua má sorte. Edward não tinha podido ser mais inoportuno. Por que não teria ido ao mês seguinte, ou ao outro, quando Stephen estivesse já convencido de sua inocência, ou quando ao menos a lembrança do que tinha feito estivesse já tão longínqua no passado que quase o tivesse esquecido? A jovem acreditava que suas esperanças não eram infundadas e que em questão de um mês seu marido estaria próximo à capitulação, que terminaria por confiar nela.

— Não deseja saudar seu irmão, milady?

— Não! — Aquela palavra saiu da boca de Mary antes que tivesse sequer tempo de pensar. E no instante em que a pronunciou soube que se negasse em ver Edward, ganharia boa parte da confiança de Stephen. Se dava as costas a sua família, especialmente agora e de um modo tão evidente, seu marido teria que aceitar o fato de que sua lealdade pertencia só a ele.

Mas não podia fazê-lo. Sua autêntica natureza se rebelava frente aquela idéia. Para começar, era inocente de traição, estava sendo a melhor esposa do mundo para seu marido e não queria cortar os laços com sua família, nem agora nem nunca.



Além disso, Edward poderia trazer notícias dos seus. Depois da batalha de Carlisle, com tanta animosidade renovada entre sua família e a de Stephen, por não mencionar os esporádicos atos de guerra que seguiam acontecendo diariamente, não tinha tido notícias de sua família.

— Não deseja falar com o Edward? — Perguntou Stephen entreabrindo os olhos.

Os olhos de Mary encheram de lágrimas. Tinha a sensação de que se arrependeria de sua decisão.

— Devo falar com ele — sussurrou com voz quebrada.

Stephen fez um gesto.

— Depois de ti, milady.

Seu tom era zombador, amargo.

— Não creia o pior de mim. Por favor. Não te trairei, milorde.

— Isso o veremos em seguida, verdade? — replicou Stephen com frieza.

Furiosa, ignorou-o e se dirigiu ao salão. Com que rapidez chegava a falsas conclusões!

Estava deserto, algo pouco habitual, com a exceção de seu irmão, que estava sentado na larga mesa de cavalete acompanhado de Fergus, o cavalheiro de confiança de seu pai. O coração de Mary enterneceu apesar da situação. Queria muito a Edward e fazia muito que não o via. Sem pensá-lo, correu pela imensa habitação aos braços de seu irmão.

Ao abraçá-lo, gritou de alegria. Edward a queria. Do momento em que começou a caminhar tinha estado ali para resgatá-la de suas travessuras, e a tinha defendido sempre que o tinha necessitado. Não só era seu irmão mais velho e uma espécie de herói para ela, era também seu mais querido amigo, um amigo ao que tinha jogado muito de menos, um amigo ao que necessitava com desespero.

Finalmente Edward deixou que Fergus também pudesse abraçá-la e Mary secou as lágrimas quando aquele gigante ruivo a soltou. Sentia-se feliz e desgraçada ao mesmo tempo.

— Está preciosa, irmãzinha — disse Edward em voz baixa enquanto a observava com um sorriso. Quando sorria era um dos homens mais atraentes que Mary conhecia.



Tinha os dentes muito brancos, a pele bronzeada e o cabelo de um mogno tão escuro que às vezes parecia quase negro. — O matrimônio te cai muito bem.

Mary esteve a ponto de rir. Uns dias atrás teria estado de acordo de todo coração. Mas então recordou que Stephen estava justo detrás dela, escutando e observando em silêncio.

— Não lamento ter me casado — afirmou com um sorriso.

Era a verdade e confiava em que Stephen o compreendesse. Mas seu marido dirigiu um olhar tão manifestamente hostil que Mary esteve a ponto de afastar-se dele.

— Desfruta de sua visita, milady. Como sem dúvida desejará estar um momento a sós, deixarei-te para me ocupar de meus próprios assuntos — comentou com um sorriso zombador.

Stephen partia. Mary esquecendo de seu irmão e correu atrás dele.

— Espera! Milorde! — Exclamou indo até ele. — Stephen, o que está fazendo? Por que quer me deixar sozinha com o Ed? Por que não fica conosco? — Perguntou em um sussurro rápido e baixo.

— Não confia em ti mesma, Mary?

— Pretende me pôr a prova? — Ela piscou com assombro.

— Pretendo te dar a oportunidade para que volte a me trair — espetou antes de sair da estadia com a força de um furacão. A pesada porta de entrada do castelo fez um ruído surdo ao fechar atrás dele.

Mary tremeu. Stephen não confiava nela absolutamente, e se não houvesse dito por que a deixava sozinha, teria pensado que se tornou louco. Mas não estava louco. Porque em lugar de sentar ali com ela e seu irmão e para não lhe dar a oportunidade de planejar uma traição, estava deixando-a fria e deliberadamente a sós para que conspirasse contra ele se o desejava.

— Não parece muito agradado com minha visita — comentou Edward. — Quando nos estávamos abraçando tinha um olhar assassino. E por desgraça temo que não se devia a um ciúmes mau entendidos.

— Não, certamente que não está ciumento de ti, Ed — conseguiu dizer ela.



— Encontra-te bem, Mary? — Perguntou seu irmão enquanto Fergus franzia o cenho.

— Pois claro que não — exclamou o fiel soldado com acento tosco e marcado. — Se casou com o muito diabo. Deveríamos levar a moça de volta a casa conosco, Ed.

— Não! — Gritou Mary, sinceramente espantada com a idéia. — Não é tão mau, Fergus, de verdade. — Respirou fundo para tranquilizar-se. — Só me surpreendeu que nos tenha deixado sozinhos.

Mas a surpresa ia desvanecendo. Pretendia fazer uma armadilha para que ela se delatasse? Stephen nunca a deixaria a sós para conspirar contra ele. Sem dúvida devia ter espiões ao redor. E como não era sua intenção traí-lo, pensou com o coração acelerado, seus espiões não teriam nada que contar.

— Irmã? — Edward a agarrou por braço. — De verdade não te arrepende de ter casado com ele? — Falou em voz baixa para que, em caso de estar sendo escutados, não pudessem ouvir suas palavras. Seu irmão também era muito ardiloso.

— Não, Ed, não me arrependo de ser a esposa de Stephen. — Mary falou com naturalidade. Que os espiões escutem isto, pensou com repentina satisfação. — Mas não foi fácil. Verá, estive tentando por todos os meios ganhar a confiança de meu marido. Acusou-me de traição porque me descobriu espiando-o.

— Mary... Fez caso a nosso pai? Vais espiar a seu marido? — Perguntou pálido.

— Não! Não! Nosso pai te contou que me pediu que o espiasse? Eu nunca faria isso a meu marido! Mas tinha curiosidade e fiz algo que não devia. — A jovem sentiu como uma lágrima caía por sua bochecha. — Não sabe como me arrependo. Nosso matrimônio ia muito bem até que Stephen me descobriu escutando. E agora que nos estávamos começando a recuperar daquele incidente e Stephen estava quase a ponto de me perdoar, talvez inclusive de acreditar em minha inocência, aparece você. Me alegre de vê-lo, seriamente que sim, mas agora meu marido volta a pensar que sou uma traidora, acredita que vieste para que eu passe informação ou a conspirar comigo contra ele.

Edward suspirou e a guiou para a mesa.



— Sinto muito. O certo é que nosso pai me enviou para averiguar por que não conseguiu adverti-lo da invasão. Eu adorarei lhe dizer que não tem nenhuma intenção de romper seus votos matrimoniais. De fato, te conhecendo, adverti-o que seria assim. Mary abraçou a seu irmão.

— Obrigado, Ed. — Queria perguntar a seu irmão como podia seu pai lhe pedir algo tão terrível, mas o tema era ainda muito doloroso e não o fez. Em troca pensou em seu marido e imaginou o relatório que lhe dariam seus espiões. De repente, sentiu alegria. — E agora, basta de política. Como está Edgar? Ouvi que o feriram em Carlisle.

Edward e Fergus ficaram para jantar. Mary se sentia quase feliz. Ria a cada momento e sorria sem cessar. O que tinha começado como um golpe fatal para seu matrimônio tinha terminado por converter em uma maravilhosa bênção! Os espiões de Stephen informariam cada detalhe da conversação que tinha mantido com seu irmão, e então saberia que nunca o tinha espiado e que tampouco o faria no futuro.

Sem dúvida Stephen ainda não tinha falado com seus espiões, porque não parecia muito agradado durante a comida. Ignorou Mary, e cada vez que ela ria, ele apertava os lábios com força. A jovem não importou. Logo, muito em breve, inteiraria-se da verdade e então não poderia seguir ignorando-a.

A princípio houve muita tensão entre Stephen e seu hóspede, Edward. Não era seu primeiro encontro, tinham falado em Londres, na corte, tanto antes das bodas como durante a mesma. A escocesa recordava vagamente que se entenderam muito bem então. Agora, com tão pouco tempo transcorrido desde Carlisle, Edward estava muito sério e calado, e Stephen, severo e aborrecido. Como os intentos de Mary por iniciar uma conversação foram firmemente rechaçados por seu marido, tocou à condessa suavizar a situação.

Lady Ceidre era uma perita em lutar com feições hostis em encontros sociais, e rapidamente guiou Edward e Stephen para uma conversação inofensiva e agradável. Uma vez rasgada, a tensão morreu em seguida. Logo ficou claro que os cunhados caíam bem apesar da recente batalha de Carlisle, do histórico de guerras e intrigas que se abria ante



eles como um abismo insolúvel. Começaram a conversar com uma amabilidade que foi aumentando, evitando tocar assuntos políticos e seguindo o caminho esboçado pela condessa, que se sentia obviamente satisfeita e se reclinou para trás para observar em silêncio o resultado de seu trabalho.

Ao observar a seu irmão e a seu marido, a alegria de Mary aumentou. Não cabia dúvida de que Edward seria algum dia o rei da Escócia e que isso redundaria em benefício para Northumberland. Seu irmão mais velho era menos batalhador que seu pai, embora não menos valente. As constantes batalhas na fronteira do país diminuiriam e poderiam inclusive terminar. Mary podia imaginar o dia em que reinaria a paz, imaginou inclusive mais comidas como aquela, com seu marido e seu irmão sentados à mesma mesa, ambos amistosos e com boa predisposição um para o outro.

Edward e Fergus partiram depois de jantar. Tinham chegado a Alnwick com um contingente considerável, e seus homens tinham estado todo aquele tempo esperando-os do outro lado das muralhas. Mary os viu partir do interior da fortaleza, sentindo-se ao mesmo tempo esperançada e triste. Pensou quando voltaria a ver seu irmão outra vez, e se seus sonhos seriam alguma vez realidade.

Mary percorreu seu dormitório de um lado a outro com impaciência, até que por fim chegou seu marido. Tinha desaparecido depois da comida e não havia tornado a vê-lo após. Levava toda a tarde e toda a noite esperando ansiosa o momento de vê-lo. Naquele tempo Stephen já estaria a par de sua inocência. Aproximava-se a redenção final de Mary.

Ele pareceu surpreso ao vê-la acordada, mas imediatamente seu frio olhar a evitou e começou a despir-se.

A jovem estava assombrada. Acaso não ia dizer nada? Era tão orgulhoso que não podia admitir que tinha cometido um engano? Ou acaso já não lhe importava? Não... isso era impossível.

— Deixa que o ajude, milorde — se ofereceu avançando para ele.



— Posso me arrumar sozinho — assegurou afastando as mãos dela do cinto. — Vá para cama.

Mary ficou paralisada. Algo não ia bem.

— Stephen? — Pôs a palma da mão nas costas dele, mas ele afastou bruscamente evitando seu contato.

— Não me incomode, Mary.

— O que... o que ocorre?

— O que ocorre? — riu com desagrado. — Nada, querida esposa. Nada absolutamente.

— Mas, não falaste com seus espiões? — Perguntou Mary com assombro.

Stephen a olhou enquanto deixava cair a camisa no chão. A luz do fogo brincava com a nudez de seu largo e musculoso peito.

— Meus espiões?

— Não havia espiões escutando minha conversação com o Edward? — Inquiriu desesperada.

— Não, Mary, não os havia. — Ela estava tão decepcionada que não foi capaz de falar e seus olhos encheram de lágrimas. — Parece desgostada.

Stephen sentou e tirou as botas.

— Por quê? — Sussurrou ela. Tinha a visão tão nublada que não podia ver claramente o rosto dele. — Por que não?

— Precisamente pela razão que você desejava que houvesse espiões presente, milady. — Ficou em pé, nu, e se aproximou da cama ignorando-a. — Meus espiões não teriam averiguado nada importante porque você não teria admitido nada que não quisesse que eles escutassem.

Horrorizada, Mary afastou instintivamente dele. Tinha estado alegre todo o dia, pensando que por fim demonstraria sua inocência, sonhando com a felicidade que retornaria de novo a sua vida, imaginado o modo em que Stephen a abraçaria, as palavras carinhosas que sussurraria ao ouvido. E agora via truncadas suas esperanças.

— Nunca teria me ocorrido fazer algo semelhante — sussurrou.



Mas, acaso não tinha feito em certo modo? Não tinha estado pensando em seus espiões durante toda a conversação com seu irmão?

— Vamos, Mary, conheço sua inteligência. Não perderia o tempo espionando-a sabendo que você espera que eu o faça — afirmou fulminando-a com o olhar antes de se meter na cama.

Mary ficou olhando ao fogo sem vê-lo realmente.

— Não sou tão inteligente — sussurrou por fim. Logo girou para olhar seu marido, que estava convexo de barriga para cima com os olhos fechados, como se estivesse dormindo. Furiosa, equilibrou-se sobre ele e o golpeou com os punhos.

Stephen a agarrou imediatamente, contendo-a. Sua expressão denotava a ira que sentia.

— O que faz?

— Odeio-te! — Gritou ela, sentindo que naquele momento era certo. — Tentei com todas minhas forças...

Stephen a pôs de joelhos, de modo que estiveram frente a frente.

— O que tentaste com todas suas forças, Mary? Me seduzir para que confiasse em ti, para que esquecesse o passado?

— Não! — Tentou escapar, mas não o conseguiu. — Tentei com todas minhas forças convencê-lo de que nunca romperia meus votos!

— Se isso fosse certo... — Stephen a soltou. — Se tão somente isso fosse certo...

— É, maldito seja! Espiei-te porque sou escocesa e estava claro que estava tramando uma guerra contra meu país. Isso o admito. Mas não tentei advertir a meu pai, nem sequer pensei nisso.

— Parece um anjo vingador — sussurrou, acariciando fugazmente o cabelo. — Um homem teria que estar louco para duvidar de ti. — Ela, desconfiada, ficou imóvel e Stephen sorriu como se o tivessem obrigado a tragar bÍlis. — Um homem também teria que estar louco para acreditar em ti.

— Isso não é justo!



— Por que seria tão importante para você os votos matrimoniais, Mary, quando passaste a vida inteira me odiando, odiando aos normandos, odiando a Inglaterra?

A jovem tomou um momento antes de responder com precaução, sua resposta supunha uma dolorosa aposta.

— Odiei aos normandos, sim. Mas a ti não. — Stephen a olhou. Ela ruborizou e confiou em que não percebesse embora o orgulho não servia de nada agora. — Nunca o odiei, milorde — confessou em um sussurro.

Estava pensando na primeira vez que o viu, no poderoso e invencível que tinha parecido, tão orgulhoso, tão nobre, tão forte e viril. Apaixonou-se ali mesmo e naquele instante, em Abernathy, dois largos anos atrás.

Depois de uma larga pausa, Stephen falou com tom zombador.

— E agora vem a grande confissão... vais dizer que me ama.

— Faz que isto resulte muito difícil — murmurou com voz afogada.

Ele ficou olhando em silêncio.

— Não merece meu amor — disse finalmente ela depois de uma larga pausa.

Suas cruéis dúvidas, suas brincadeiras, faziam impossível que contasse o que sentia por ele. Simplesmente não podia dizer que seu amor por ele era tão doloroso que tinha tido que escondê-lo atrás de um muro de ódio. Abatida, Mary secou uma lágrima com o reverso da mão.

— E sem dúvida não o tenho — assegurou seu marido com acidez.

A jovem girou, mas ele a agarrou, deitou-a e se colocou sobre ela. Seus escuros olhos brilhavam perigosamente.

— Está jogando com fogo, milady.

Ela negou com a cabeça, incapaz de falar. Stephen estava furioso e ela aterrorizada, mas também subitamente excitada e muito consciente de se encontrar debaixo dele e completamente a sua mercê.

— Se me ama — murmurou Stephen com voz baixa e rouca — sugiro que demonstre isso.

Mary umedeceu os lábios.



— Não demonstrei isso já, milorde? — Sua voz soou rouca e irreconhecível.

— Nunca poderá me demonstrar seu amor na cama, milady. Não é disso do que estou falando — disse com um sorriso selvagem.

Ficaram se olhando fixamente, e Mary percebeu que naqueles momentos não havia paixão ou desejo entre eles. Stephen separou dela e não voltou a tocá-la aquela noite.

O príncipe Henry fez sua aparição em Alnwick no dia seguinte. Não chegou sozinho, viajava com um grande contingente de tropas. Seu exército tinha acampado justo do outro lado dos muros do castelo, cobrindo as planícies até onde alcançava a vista. A paisagem se converteu em uma aldeia pequena e ruidosa. As donzelas do lugar se ocultavam por medo de que as violassem e os granjeiros locais tragavam a raiva enquanto seu gado era sacrificado para alimentar às tropas por ordem de Stephen e também sem ela. Tinha chovido durante as semanas anteriores, mas aquele dia luzia o sol. Algo que alegrou aos mercenários, fartos das inclemências do tempo inglês. Organizaram combates amistosos e se perseguia a mais donzelas, algo com tal de que os homens se divertissem.

Mary se alegrava de que só fossem passar ali uma noite. Uma das servas da cozinha tinha sofrido nas mãos daqueles homens e Mary tinha tido que atender à chorosa moça. Certo que não eram estranhos os atos dos soldados recém chegados da batalha, mas os mercenários de Henry eram os mais ferozes e selvagens que tinha visto.

Embora estava muito transtornada pelos sucessos da noite anterior e se achava o suficientemente zangada para desejar ignorar a seu marido do mesmo modo que ele fazia com ela, mas não pôde se conter. Foi procurá-lo para protestar firmemente pela presença daqueles indisciplinados normandos e para averiguar qual era o propósito de Henry em viajar tão ao norte.

— Só ficariam esta noite — disse Stephen. — O príncipe não poderia contê-los embora quisesse, e me acredite, não quer.



— Mas você não permite que seus homens devastem as terras, firam e violem por prazer — espetou Mary, olhando seu marido tremendo de raiva, uma raiva que ia muito mais à frente do tema que estavam tratando.

— Meus homens não são mercenários — replicou ele antes de despedi-la para evitar mais perguntas.

Ela não tinha contado com que Stephen fosse capaz de retificar a situação. Não voltaria a protestar e se limitaria a cuidar de sua gente o melhor que pudesse. Ordenou aos guardas da torre fortificada que permitissem a entrada no castelo a todos os aldeãos que escapassem dos cavaleiros normandos, e, ao fazê-lo, foi muito consciente da ironia da situação. Stephen a via como uma forasteira, mas sua casa e sua gente já tinham um lugar em seu coração. Mary sentia a obrigação de proteger Alnwick e aos seus. Confiava que seu marido não se inteirasse dos esforços que estava fazendo por ele, e se o fazia, não acreditava que fosse tão bárbaro para cancelar suas ordens.

Mas, que diabos estava fazendo o príncipe ali? Embora os rumores apontavam que se dirigia para Carlisle para render à guarnição que estava ali, Mary temia que sua presença significasse muito mais que isso.

Henry a punha nervosa. De fato, inquietava-a muito mais que suas ameaçadoras tropas. Não confiava nele. Tinha uns olhos ardilosos e inquietos, uns olhos que olhavam e viam muito. Mas, em qualquer caso, a escocesa era muito consciente de que devia ser amável com ele.

Mal tinha dormido na noite anterior. Tinha tratado de seduzir Stephen, consciente instintivamente de que devia recuperar com rapidez o terreno que tinha perdido aquele dia, um terreno que tinha ganhado na semana anterior. Não podia permitir que seu matrimônio se precipitasse para o abismo. Mas tinha sido firmemente rechaçada. Seu óbvio desprezo, que não se incomodou sequer em dissimular, tinha sido o golpe final. Mary tinha encolhido na cama a seu lado, sentindo-se pela primeira vez em sua vida desconcertada e derrotada.

Aquela manhã, quando olhou no espelho de Isobel, observou que as escuras olheiras que circundavam seus olhos lhe davam um aspecto doentio. Depois tinha tido que



se preparar para receber Henry. Seu olhar penetrante deslizou por seu corpo, percorrendo-o por inteiro e fazendo-a sentir extremamente incômoda. Mary tinha a suspeita de que a achava desejável. Não queria pensar nisso, mas dado que Stephen a tinha iniciado tão habilmente no terreno da paixão, podia imaginar o que queria dizer com seus olhares o irmão do rei.

Durante o jantar, o príncipe se sentou no estrado entre seu marido e sua sogra. Mary se alegrou de que Stephen ficasse de escudo para ela, ao menos com sua presença física. Se Henry aproximava muito dela durante um momento, seu marido suspeitaria que algo não ia bem. A conversa resultou em geral bastante escassa e banal. O príncipe expressou de forma aberta que substituiria às tropas de Carlisle e que depois retornaria a seus domínios na Normandia. A Mary não interessava o que ocorria na França sempre e quando não afetasse Northumberland ou a Escócia, mas sabia, como quase todo mundo, que William Rufus cobiçava o ducado normando de seu irmão Robert e que algum dia iria à guerra para consegui-lo. Voltaria o príncipe Henry outra vez a brigar em favor de um irmão contra do outro? E em caso afirmativo, a que irmão apoiaria esta vez?

Depois do jantar chegou o entretenimento habitual, um trovador, um bardo, histriões e um bufão. Mary se desculpou e levantou da mesa aludindo um sincero cansaço. Mas em lugar de ir para a cama, foi em busca de um instante de ar fresco nos muros exteriores.

Dava toda a impressão de que o dia seguinte traria mais chuva, já que no céu não havia nenhuma estrela. Os vigilantes a saudaram cortesmente e logo a ignoraram, deixando-a a sós com seus pensamentos. Mary tinha se agasalhado com uma capa debruada de pele e se aconchegou dentro dela, observando como extinguíam os fogos de acampamento que tinha repartidos pela planície. Chegou-lhe o som das canções e as risadas, algumas femininas, e a triste e lenta melodia de uma cítara. Não tinha nenhuma pressa por entrar, por ir ao quarto que compartilhava com Stephen. Suspeitava que ele ficaria levantado até tarde, conspirando e riscando planos com Henry. Os dois se levavam muito bem, inclusive pareciam amigos de verdade. Mary não podia compreender a razão. O príncipe tinha um certo magnetismo, mas era cruel, algo que seu marido não era, e a



assustava. Era poderoso, igual a Stephen, mas ao contrário dele, era o filho menor e seu pai não tinha lhe deixado herança em terras. Entretanto, tinha adquirido por si mesmo o que necessitava e agora tinha um grande poder.

Talvez a amizade de Stephen com Henry fosse mais política que pessoal. Por desgracia, Mary não acreditava assim. Aquela noite não queria pensar mais em seu marido. Não podia evitá-lo. Tratando de distrair-se, olhou por volta da planície escurecida de noite. Aquela paragem austera se via ligeiramente iluminado por muito pequenos fogos. O coração encolheu ao perceber que estava olhando para o norte, para Escócia. Fazia muito tempo que não sentia nostalgia por seu lar.

O que me está ocorrendo? Perguntou-se. Amo meu país, mas já não é minha casa. Como ocorreu algo assim, e além disso, tão rápido? Alnwick se converteu em meu lar. Hoje queria que matasse os homens que têm feito mal a minha gente... Minha gente. Deus Santo, talvez esteja voltando uma inglesa depois de tudo.

Mas, seria isso tão mau? Seu destino era agora Northumberland, algum dia seria sua condessa. E ela era metade inglesa, já que sua mãe era neta de um rei saxão, um fato que tinha ignorado durante a maior parte de sua vida. Mary sorriu com tristeza. Sempre havia sentido completamente escocesa, mas em certo modo tinha assumido por fim a outra parte de seu sangue ao aceitar seu matrimônio e seu novo lar. De fato, experimentava uma lealdade autêntica, um carinho sincero por aquele lugar e sua gente. Além disso, todos a aceitavam, do mais importante dos vassalos até o servo mais baixo. Não, pensou imediatamente com uma pontada terrível, não todos a aceitavam. Seu senhor não a aceitava, seguia vendo-a como uma forasteira, e o que era pior: como uma vil traidora.

Em um instante seu matrimônio havia tornado a ficar em pedacinhos, apesar de que Mary tinha confessado de diferentes maneiras que o amava. Entretanto, Stephen tinha burlado dela acusando-a de mentir. Desejava com todas suas forças odiá-lo, mas não podia.

De repente alguém colocou uma mão em suas costas e Mary estremeceu, assustada.

— Não pretendia a sobressaltar — disse o príncipe com um sorriso.



O olhar da escocesa passou por cima dele e viu angustiada que seu marido não acompanhava Henry. O príncipe e ela estavam a sós. Por um instante sentiu um calafrio de pânico. Não, pensou com decisão, não estavam sozinhos. Aliviada, olhou aos dois guardas que custodiavam os muros.

Henry leu o pensamento.

— Não tenha medo, milady, sua reputação está a salvo. — Como era habitual, havia ironia em seu tom de voz.

— Não estou preocupada, milorde. Por que estaria? — Perguntou, esboçando um sorriso.

Henry também sorriu e apoiou contra a parede, olhando-a com interesse. Mary ficou tensa. Não gostava do brilho de seus olhos.

— Imagina minha surpresa — disse ele em voz baixa. — Saio um momento para tomar ar e a encontro aqui.

Encolhendo-se em sua capa, a jovem pensou que tinha sido uma coincidência desafortunada, mas não o expressou em voz alta.

— Stephen foi se deitar?

— Não — sussurrou ele com um sorriso que provavelmente aceleraria o coração de mais de uma dama. — Está abaixo, contemplando o fogo.

— Talvez devesse ir com ele.

Se a jovem ficava alguma dúvida, Henry a dissipou por completo. Encontrava-a atraente e sua atitude era francamente depredadora. Não acreditava que corresse perigo real, não ali, no castelo de seu marido, mas não gostava do modo em que a estava olhando. Desprezava sua atitude, não só porque era intimidadora, mas também porque suspeitava que o divertia jogar com ela.

Decidida, moveu-se para passar por Henry, mas ele o impediu agarrando-a pelo braço e esgrimindo um sorriso zombador e confiado.

— Tem medo de mim, Mary?



— Lady Mary — corrigiu sem fôlego. Não tinha soltado o braço. Quase não podia acreditar que tomasse tantas liberdades, mas se via obrigada a fingir que nada indecoroso estava ocorrendo. — E quanto ao medo, por que teria que tê-lo?

— Acredito que está dissimulando — comentou rindo agradado. Logo calou e a olhou nos olhos. — Parece que passou uma péssima noite. Vai tudo bem?

— É obvio — mentiu.

Mary voltou a mover-se com a esperança de escapar discretamente de sua sujeição, mas ele permaneceu firme. Ambos se moviam em terreno perigoso. Mary não queria protestar abertamente, e Henry conhecia seu temor de que aquilo não acabasse bem, fingia educação, como se ter colocado sua mão sobre seu braço fosse algo casual. Ele sabia que não ia exigir que a soltasse, porque se o fizesse e desmascarasse aquele encontro amistoso como a farsa que era, ambos se veriam expostos a uma aberta hostilidade.

— A última vez que a vi, Mary, brilhava. Em poucas ocasiões vi uma mulher mais bela. Está claro que o matrimônio te sentou bem. — A jovem não foi capaz de sorrir. Henry estava falando do passado. — Entretanto, agora parece cansada e afligida. Deixou seu marido de agradá-la?

A escocesa não pôde seguir mordendo-a língua nem um minuto mais.

— Que tipo de pergunta é essa? É obvio que me agrada!

— Não estou falando da cama, querida — esclareceu rindo. — Não ponha esse rosto. Conheço Stephen desde que fomos meninos, fomos juntos com mulheres em muitas ocasiões e sei do que é capaz.

Mary deixou de fingir e se soltou de seu agarre.

— Como se atreve — sussurrou. Soube então, com uma mescla de fúria, horror e indignação, que Henry tinha fantasiado com ela e com seu marido fazendo amor. Sentiu como se de fato tivesse estado dentro de seu quarto, espiando-os. — Como se atreve a intrometer entre nós dessa maneira?

— Intrometi-me? — Seguia rindo enquanto simulava um olhar de inocência. — Porque conheço bem ao Stephen? Porque o conheço inclusive melhor que você em certos aspectos? — A jovem se manteve em silêncio apesar de que estava a ponto de estalar. —



Te perdoou, Mary? Fará-o? Não acredito. — Henry seguia sorrindo. — Foste muito estúpida, e ele também. Não posso acreditar que permitiu ficar a sós com seu irmão quando veio visitá-la. Não ponha esse rosto de surpresa. Estou sempre à par de algo importante que aconteça neste lugar.

— Tem um espião aqui? — A jovem ficou sem ar.

— Sem dúvida não ignora que os homens poderosos têm espiões em todas partes, Mary. Acaso não está aqui na qualidade de espiã de seu pai?

Tentou esbofeteá-lo, mas ele agarrou a mão, o que fez que a capa dela caísse e que de repente se visse aprisionada entre o áspero muro de pedra e o corpo duro de Henry.

— Solte-me agora mesmo ou Stephen o matará.

Entretanto, não gritou. Henry sabia igual a ela que os guardas estavam do outro lado dos muros lhes dando as costas, e portanto alheios ao que estava ocorrendo.

— Ou eu o matarei. — O príncipe riu enquanto Mary o olhava horrorizada. — Mas não falarei de nosso encontro se você tampouco o fizer.

A jovem tinha vontades de lhe cuspir e arranhá-lo, mas ele a sujeitava com muita força. Sabia que não diria nada porque era o irmão do rei e um homem perigoso, e não queria arriscar que matasse seu marido.

— Relaxa — disse Henry com voz rouca. — É uma beleza, disso não há dúvida, mas para ser justo só estou protegendo Stephen... e meus próprios interesses. Não tenho nenhuma intenção de te violar, por muito que eu gostasse de senti-la debaixo de mim. Sem dúvida é seu corpo o que provoca que seu marido tenha abandonado seu patrimônio e a si mesmo. Admito que tenho muita curiosidade. De fato, se insinuasse isso, aceitaria o oferecimento.

Dito aquilo, soltou-a, mas Mary ainda estava entre seu corpo e a parede.

— Nunca conseguirá que seja tua! — Exclamou sentindo um desejo entristecedor de golpeá-lo e um terror que aninhou em seu estômago. Se os guardas não tivessem estado ali, Henry a teria violado em um instante e ela não teria podido impedi-lo. Acreditava que ele fosse muito capaz de semelhante comportamento.



— Debaixo dessa fachada frágil e na aparência inocente se esconde uma mulher de verdade, sei, percebi no momento em que nos conhecemos. Não pode viver sem um homem e Stephen não suportará sua traição durante muito tempo. Um dia cometerá um engano fatal, Mary. Ele nunca a perdoará e a enviará para longe, como já deveria ter feito. Mas não tenha medo. Eu não me esquecerei de ti. Embora esteja encerrada em um convento, não me esquecerei de ti.

Mary estremeceu. A arrogância e a confiança em si mesmo de Henry eram aterradoras. E tampouco lhe escapou a intenção que escondia atrás de suas palavras. Se a exilavam, como ele acreditava que aconteceria logo, Henry estaria à espreita. Que Deus a ajudasse, mas se alguma vez a enviavam para longe não cabia nenhuma dúvida de que o príncipe chamaria a sua porta.

— Eu nunca o trairei.

Henry permaneceu imóvel, observando-a.

— Que estranho. Quase a acredito.

— Stephen se equivoca. Não o traí e nunca o farei.

— Não? Talvez tenha me equivocado ao julgá-la. Talvez ainda não tenha traído seu marido. Mas, e se conto qual é o verdadeiro propósito de minha visita?

O coração de Mary começou a pulsar com força pelo medo.

— A que se refere? Sem dúvida procurava uma cama e um teto sob o que dormir. Nada mais!

— Sei que não é tão ingênua! — Exclamou rindo. — Já contei a Stephen e agora a comunicarei umas notícias que sem dúvida ele guardará para si. Seu pai, seu ilustre senhor, está formando o maior exército que a Escócia tenha conhecido.

Mary estava paralisada. Tentou falar, mas as palavras não saíram. Teve que engolir saliva e umedecer os lábios primeiro.

— Por quê? — Perguntou com um fio de voz, apesar de que já conhecia a resposta.

— Por vingança, é obvio. Malcolm jurou que porá a Inglaterra de joelhos. A invasão de Northumberland é iminente.



Capítulo 22

Mary fugiu. Deu-lhe a impressão de que a suave risada de Henry a seguia, mas dado seu estado de nervosismo não podia estar segura. Precipitou-se pelos degraus da escada de caracol e caiu. Por sorte estava no último degrau quando ocorreu, mas foi suficiente para que ficasse um instante quieta antes de levantar ofegando.

Levou a mão ao abdômen. Por todos os Santos, o que estava fazendo? Devia tomar cuidado! Se perdesse seu bebê por falta de precaução ou estupidez, nunca se perdoaria. Devia começar a se conter pelo bem de seu filho. Com cuidado, ficou em pé. A cabeça pulsava, mas fez um esforço por pensar. Não duvidava das palavras de Henry... Oxalá fosse assim. Mas conhecia seu pai. Nunca deixaria que uma transgressão sem seu castigo. Mary gemeu. Terei que detê-lo! Não queria nem imaginar a guerra que se desencadearia para todos: os escoceses, os normandos, Malcolm, Stephen, ela mesma...

— Mary? — A jovem girou ao escutar o som da voz de seu marido e ficou olhando-o como se fosse um desconhecido. Estava de pé no estreito e escuro corredor segurando uma vela. De repente, Mary foi consciente de que estava pega à parede, que não tinha se movido do degrau no qual tinha caído. — Está bem? Você caiu?

Sua preocupação era evidente. Exalando um pequeno grito de alívio, a jovem se jogou em seus braços. Stephen sentia algo por ela! Necessitava-o tanto... Necessitava que fosse seu aliado naqueles tempos escuros e aterradores, necessitava consolo e esperança, necessitava sua força. Para seu desgosto, ele não a abraçou, mas sim a afastou firmemente de si com o rosto sério, como se não quisesse tocá-la.

— Você caiu? — Repetiu. — Está machucada?

— Estou bem — respondeu ela apertando os punhos para não voltar a se lançar em seus braços. Talvez estivesse preocupado, mas ainda não a tinha perdoado e sem dúvida ainda reprovava a visita de Edward.



— É certo? Malcolm tem intenção de começar uma guerra? Planeja invadir Northumberland? É iminente?

Stephen entreabriu os olhos.

— E como te inteiraste que a notícia, se me permite a pergunta?

Mary estava convencida de que Henry havia dito a verdade, mas apesar de tudo soltou um grito de angústia quando as duras palavras masculinas o confirmaram. Mesmo assim, não lhe escapou o amargo sarcasmo de seu marido.

— Não o espiei! — gritou. Estava tremendo. — Seu querido amigo Henry me contou isso. Pensa nisso!

Afastou-se bruscamente da parede e passou por diante de Stephen. Ele reagiu imediatamente agarrando-a pelo braço, levando-a a rastros a seu quarto e soltando-a unicamente para poder fechar a porta. A jovem aproximou do fogo com a intenção de se esquentar e lhe deu as costas, tremia de raiva e de absoluto terror. Mas sabia que Stephen a observava e terminou girando para enfrentar seu sombrio olhar.

— Henry me contou isso — repetiu. — Ainda está na muralha. Pergunte-lhe se dúvidas de mim.

— Não duvido de ti. Desta vez não — disse Stephen com voz pausada. — O príncipe acredita que todos os que estão ao seu redor somos marionetes e que pode nos dirigir ao bel prazer. Embora neste caso não sabe que movimentos farão essas marionetes. Acredito que isso é o que mais o diverte.

— E mesmo assim o considera teu amigo?

— Tanto amigo que pode ser alguém que não é da família — explicou. — A Henry diverte causar problemas e esta noite já provocou suficientes. E agora o que? Vais chorar e me suplicar que evite a guerra?

— Se meu pai invadir suas terras, deve defender o que é teu.

Mary estremeceu ao imaginar aqueles dois poderosos exércitos enfrentando o um ao outro, o som do metal contra metal, os gritos de angústia e morte.



A jovem ficou de repente paralisada. Um horrível pressentimento, uma premonição de desastre, de morte, apoderou-se dela. Quem? Quem poderia ser? Stephen não! Por favor, Deus, Stephen não. Engoliu saliva e por fim pôde falar.

— Mas não tem por que ocorrer. Ainda não é muito tarde. Meu pai ainda não levou a cabo a invasão. Por favor, Stephen, deve ir vê-lo!

— Envia-me às garras do inimigo a véspera de uma guerra?

— Pode evitar esta guerra! — Exclamou tomando-o pelas mãos.

— Está louca? Ou acaso acredita que eu estou? — Stephen se soltou.

— Não o compreende! — gritou. A cabeça dava voltas, o pulso batia nos ouvidos. Suplicaria se fosse necessário, ficaria de joelhos. Havia muito em jogo. Não poderia suportar uma guerra entre seu pai e seu marido. A premonição de que alguém ia morrer, alguém muito querido, era muito forte. Mas não ocorreria se aquela horrível confrontação não chegava a ter lugar.

— Oh, vá, já te entendo, milady — disse Stephen com frieza.

Mary parou bruscamente.

— Não acreditará que quero enviá-lo a uma armadilha verdade?

— Seria capaz de semelhante traição?

— Não, Stephen, não me entendeste... uma vez mais.

Tremia-lhe a voz. Mas compreendeu por que seu marido pensava assim: no dia anterior se reuniu em privado com Edward.

— Que história vai contar agora?

— Deve negociar com meu pai! — Gritou, próxima à histeria. — É que não o vê? As palavras, Stephen, as palavras poderiam restabelecer uma trégua e evitar uma catástrofe.

— Não acredito que seja tão ingênua para pensar que falar com seu pai evitaria o enfrentamento. Envia-me à morte ou a uma vida na prisão. Eu não gosto. — Suas últimas palavras surgiram como um gemido surdo.

Mary tinha as mãos estendidas a modo de súplica e ele as afastou.

— Não — sussurrou ela, cambaleando-se pelo empurrão. — Sou sincera.



— Sincera? Esperas que creia que é sincera? — Seus olhos estavam obscurecidos pela ira. — Enfrentaste a mim desde a primeira vez que nos vimos, desprezaste tudo que é meu, especialmente meu sobrenome e meu país. Inclusive lutou contra nosso matrimônio até o final. E poucos dias depois de pronunciar seus votos matrimoniais, rompeu-os sem duvidar. — Stephen sorria com frieza. — Ah, e não esqueçamos que seu irmão esteve ontem aqui.

Mary afastou de Stephen, que se elevava ameaçador sobre ela com as feições marcadas pela ira.

— Não! — Gritou.

Mas era consciente de que parecia culpada. A visita de Edward tinha sido o golpe de graça. Stephen não podia pensar que se tratasse de algo inocente com a guerra em floração, a derrota de Carlisle, sua suposta traição. Para ele, a visita de seu irmão não era uma mera coincidência a não ser um acontecimento premeditado. Por isso sua súplica parecia um engano, uma armadilha.

— Não, Stephen, está equivocado.

— Estou cansado de seus jogos, milady — disse com extrema frieza enquanto se erguia. — Escute-me bem. Amanhã irei à guerra e nada poderá evitá-lo.

— Stephen, por favor, desta vez tem que confiar em mim!

Ele lhe deu as costas e um instante mais tarde saiu do quarto.

Quando Mary despertou no dia seguinte depois de uma larga noite quase em branco, seu marido ainda não tinha retornado. Transcorreram muitas semanas antes que voltasse a vê-lo.

Mary não se atreveu a pensar em onde poderia ter dormido Stephen na noite anterior. Ocupou sua mente atormentando-se com as conseqüências que traria a guerra para aquelas terras. Malcolm tinha invadido a Inglaterra em quatro ocasiões, e em todas elas tinha sido derrotado e obrigado a jurar fidelidade ao rei inglês. A jovem não via razões



para acreditar que naquela ocasião fosse ser diferente. Mas para ela sim seria diferente, porque se encontrava do outro lado da fronteira escocesa. Não esperaria notícias com sua mãe em Edimburgo, rezando e suplicando de todo seu coração que a Escócia conseguisse a vitória. Qualquer vitória seria uma tragédia para Mary. Se seu pai, milagrosamente, ganhava, Stephen perderia. Como ela ia se alegrar com isso? Mas se Malcolm voltava a perder, também sofreria. Nunca seria insensível à derrota de seu país. Na guerra que ia ter lugar haveria um vencedor. Mas não seria Mary, ela já tinha perdido.

Não, pensou com determinação. Não tinha perdido ainda. Não o faria se ocupava pessoalmente do assunto. Depois de tudo, talvez tinha se equivocado ao suplicar a Stephen que fosse pedir ao rei escocês a paz. Apesar das bodas, eram inimigos. Mas, e se ela, a filha de Malcolm, ia em seu lugar? De repente, sentiu-se invadida por uma emoção paralisante. E com ela chegou o medo.

Suporia a maior aposta de sua vida e sabia muito bem. Embora Stephen não tivesse saído ainda de Alnwick não lhe teria pedido permissão. Não acreditaria em suas boas intenções, mas sim voltaria a suspeitar de traição. Teria que sair da fortaleza sem sua permissão e sem seu conhecimento.

Não queria pensar no que ocorreria se saía de Alnwick para ir em busca de seu pai e não conseguia convencê-lo para que ordenasse a volta de suas tropas. Era muito aterrador. *Devo estar louca*, pensou enquanto planejava a escapada, quem sou eu para evitar esta guerra?

Mas não poderia viver consigo mesma se não o tentava. Ansiava a paz como nunca antes. Paz naquelas terras e paz em seu matrimônio.

Quando a jovem se levantou da cama e se vestiu, Stephen e todos os de Warenne já tinham iniciado a marcha. Ela despertou ao amanhecer quando os sentiu partir. Uma vez mais, os homens de Northumberland foram à guerra. Desta vez, entretanto, eram menos. Atrás ficavam muitos soldados. Para defender Alnwick? Mary sabia que não cabia outra explicação. Entretanto, não estava muito convencida. Considerariam o conde e Stephen o assédio como uma possibilidade, embora fosse remota? Isso parecia, já que deixavam o castelo aos cuidados de mais de quarenta homens. Imediatamente, sentiu-se horrorizada.



Não porque fosse covarde, mas sim porque era difícil imaginar seu pai assediando o castelo de seu marido, sobre tudo com sua própria filha vivendo ali.

Não devia pensar em um fato tão terrível. Em seu lugar, a ágil mente de Mary supôs que se Stephen partiu tão depressa, a noite anterior devia ter enviado a alguns cavaleiros com a intenção de reunir aos vassalos para a guerra. O que significava que a invasão de Malcolm era iminente, tal e como Henry havia dito, e ela não tinha tempo para perder.

Henry tinha partido para Carlisle, como estava planejado. Mas agora Mary compreendia suas verdadeiras intenções, que não passavam por substituir às tropas que havia ali a não ser reforçá-las e preparar para a batalha. Como podia Malcolm pensar em vencer a semelhante exército? Por que não podia pôr sua grande determinação a serviço da paz em lugar de sempre procurar a guerra?

Sentiu outra terrível premonição e procurou desviar a atenção do assunto que tinha entre mãos. Decidiu se disfarçar de camponês, sair do castelo e roubar no povo um asno ou um cavalo se conseguia encontrar um. Teria menos problemas para viajar sozinha sob a aparência de um moço. E assim que estivesse a salvo, revelaria sua identidade e conseguiria um bom cavalo e uma escolta escocesa.

Alnwick estava em plena atividade quando Mary desceu pelas escadas e fez sua entrada no grande salão. Tratava-se do tipo de atividade que acrescentava seus medos e afiançava sua determinação. Estavam levando a cabo os preparativos para o suposto assédio. O conde não só tinha deixado atrás de si muitos valorosos cavalheiros para defender o castelo, mas também tinha ordenado que se preparassem para o pior. Mary estremeceu. Pelo que ela sabia, Alnwick era impenetrável. Entretanto, o conde sabia o que fazia, era um militar com ampla experiência e um brilhante estrategista. Sem dúvida, o tipo de guerra que se abatia sobre eles tinha umas dimensões que a jovem não tinha presenciado em toda sua vida.

Sem fôlego, consciente de que devia conseguir que Malcolm abandonasse seu propósito, Mary manteve a esperança de cruzar o grande salão e sair ao exterior sem que ninguém percebesse. Provavelmente seria fácil devido ao barulho que havia dentro.



Mas a condessa a viu imediatamente e a saudou. Ocultando sua reticência, Mary foi ao seu encontro.

— Me alegro que tenha levantado tão cedo, há muitas coisas que fazer — disse lady Ceidre sem rodeios. — Você estará a cargo de reunir tudo o que necessitemos para atender aos feridos. Se tiver lugar um assédio haverá muitos.

A condessa enumerou rapidamente a lista do material que teria que levar pra dentro do castelo. A jovem escutou e assentiu com a cabeça, consciente de que não ia reunir lençóis limpos nem pão mofado, e se sentindo uma traidora por isso. Mas se conseguia dissuadir Malcolm, então não seria uma traidora... seria uma heroína. Aquela idéia a deixou muda. Salvaria muitas vidas e por fim demonstraria sua inocência para Stephen.

Estava tão imersa em seus pensamentos que mal escutou à condessa quando a enviou para colocar mãos à obra depois de dar um tapinha no ombro. Acabavam de lhe dar a desculpa perfeita para sair da torre.

Correu para a parte fortificada do castelo, aonde os serventes iam e vinham de um lado a outro arrastando grandes tonéis de água potável para o interior, assim como sacos de grão e comida. Outros levavam latas de azeite em direção aos muros. Se finalmente sofriam um assédio, poriam o azeite a ferver e o colocariam na parte mais alta para lançar aos assaltantes quando tentassem escalar os muros. Ninguém prestou atenção nela.

Pensou que certamente poderia sair do castelo através da ponte levadiça, que tinha baixado devido ao constante ir e vir tanto de pessoas como de carroças. Mas havia muito em jogo para se arriscar a que a reconhecessem e a obrigassem a parar. Mary correu para a parte de trás do castelo, ao lugar onde se localizavam as cozinhas e as despensas, onde trabalhavam vários moços de sua estatura. Um dos meninos estava introduzindo um saco de milho na cozinha. Mary o afastou a um lado imediatamente, convenceu-o para que lhe desse sua roupa em troca de uma moeda, e lhe entregou uma capa para que se cobrisse. Levou tudo o que ele tinha posto: os tamancos, as meias, a vasta túnica de lã e o cinturão de corda. E o mais importante, a desgastada capa com capuz. Tranqüilizou ao saber que o menino não teria problemas para substituir sua vestimenta.



Com a roupa debaixo do braço, Mary saiu correndo, deixou atrás as cozinhas e dobrou a esquina. Necessitava intimidade absoluta para colocar o disfarce. Um carro vazio a concedeu... Ou isso acreditava ela. Acabava de terminar de se vestir e estava ocultando cuidadosamente sua própria roupa no carro sob uns sacos vazios, quando Isobel disse:

— O que está fazendo, lady Mary?

O coração da jovem deu um tombo. Ruborizada, ergueu-se para enfrentar Isobel, que tinha os olhos totalmente abertos e observava cada detalhe de seu aspecto.

— O capuz é muito grande — observou.

Mary agarrou a sua cunhada e a arrastou para as sombras que projetava o carro. O coração pulsava grosseiramente. Que explicação razoável podia dar a aquela inteligente moça para explicar sua absurda maneira de vestir? Tão somente podia apelar ao sentido da aventura da menina e confiar a verdade.

— De longe — perguntou em voz baixa — pareço um moço?

Isobel deu uns passos para trás e a observou muito séria.

— Talvez se suja o rosto e as mãos... O que está fazendo?

Mary voltou a atraí-la para si.

— Necessito sua ajuda, Isobel. Necessito que me prometa que manterá um segredo.

— Usa o disfarce para poder escapar ! — A expressão de Isobel se voltou acusadora.

— Sim, mas não pela razão que está pensando!

— Fugirá agora de todos nós, de Stephen? Abandona-nos? Acreditei que fosse minha amiga! — Afirmou, pálida.

— Por favor, me escute! — Mary estava desesperada. — Não estou fugindo! — A menina a escutou com atenção. — Vou em busca de meu pai para suplicar que não participe desta guerra!

— E Stephen não sabe? — Perguntou surpreendida.

— Não. Partiu antes que me ocorresse este plano. Mas embora soubesse, não me deixaria ir. Os homens não permitem que suas esposas façam coisas assim.



Não podia dizer à menina que seu irmão não confiava nela e que pensaria, igual a Isobel, que Mary tinha a intenção de fugir.

— Vá, se pode deter Malcolm, os bardos contarão histórias sobre ti e os histriões comporiam canções. Já não falarão só de sua beleza, mas também de sua coragem! E Stephen deixará de estar zangado contigo. Voltará a te amar! — À menina brilharam os olhos de ilusão.

A jovem guardou silêncio. O coração rasgava ao escutar as palavras da menina, palavras que refletiam à perfeição suas próprias esperanças. O que era o que Isobel sabia? E o que era mais importante, até que ponto o entendia? Era como se a menina compreendesse a situação de Mary. Como podia alguém tão jovem ser tão ardiloso?

— Então, me ajudará guardando silêncio?

— Voltará? — Perguntou olhando-a com apreensão.

— É obvio — assegurou ao ver que Isobel vacilava. — Amo seu irmão.

Os olhos da menina lançaram um brilho de alegria.

— Está bem. Eu a ajudarei a parar esta guerra e a recuperar o amor de Stephen.

Aquele mesmo dia, enquanto o crepúsculo caía sobre a terra, Mary aproximava do acampamento do exército de seu pai circundando o exército inimigo..., o exército de seu marido.

la escoltada por um único cavaleiro, um forte moço escocês que se mostrou desejoso de ajudá-la assim que revelou sua identidade, tanto a ele como a seus companheiros de uma pequena granja situada ao leste de Cheviot Hills. Não era nenhum segredo que o grande exército de Malcolm estava acampado nas planícies justo ao norte de Liddel, como tampouco era que as forças normandas tinham sua base nas suaves colinas do sul de Carlisle. Depois de deixar a granja, dirigiram-se diretamente para o oeste seguindo o caminho que tomavam os veados. Logo se desviaram para o sul. Tinham necessitado tomar



algumas precauções. Os dois exércitos estavam firmemente assentados e a muitas milhas ao sul dali, normandos armados e cavaleiros ingleses, vassalos ou aliados de seu marido, cruzavam o território para unir suas forças. Não se atreveram a utilizar o velho caminho romano, mas sim seguiram os caminhos das colinas situadas justo em cima. Em duas ocasiões, Mary e Jamie tiveram que pôr a galope a seus velhos cavalos e sair do caminho para esconderem depois de um grupo de árvores ou um ravina. Agachavam-se atrás de suas montarias mortos de medo enquanto um perigoso e ameaçador exército de cavaleiros normandos montados em seus grandes corcéis avançavam com rapidez e os deixavam atrás. Se Mary não tinha sido consciente com antecedência de quão perigoso era seu plano, percebeu naquele instante. Se a apanhavam, nenhum daqueles homens acreditaria que era a esposa de Stephen. Não queria nem pensar no destino que correriam Jamie e ela.

Que grande ironia. As tropas do marido ao que tanto queria se converteram em uma ameaça para ela.

Quando o sol começou a cair e a luz desvaneceu voltando cinza, chegou o momento de deixar atrás o velho caminho romano. O rio Tyne bifurcou para o sul e os dois cavaleiros se dirigiram para o oeste, entrando nos bosques e procurando o acampamento de Malcolm. Não muitas milhas mais adiante se encontrava Carlisle.

Jamie tinha uma mente acordada que tinha utilizado ao longo de todo o dia para manter Mary distraída do perigo que corriam. Mas agora tinha desaparecido seu sorriso desdentado e, apesar do frio, o suor perolava a testa. Mary também suava enquanto o coração retumbava com força em seu peito. O exército escocês não estava longe, mas tampouco o normando, e sem dúvida haveria muitas patrulhas durante a noite. Tanto ela como o moço estavam aterrorizados ante a perspectiva de que os descobrisse uma patrulha normanda. Se a capturavam significaria que sua missão tinha fracassado... quando estava tão perto de triunfar.

Dez minutos depois de ter abandonado o caminho uma patrulha os deteve. O marcado acento das Terras Altas deixou claro imediatamente que os exploradores eram escoceses. Jamie e Mary riram aliviados. Tinham-no conseguido! De algum jeito tinham



deslizado entre centenas de soldados normandos, evadindo suas patrulhas e tinham conseguido alcançar território escocês.

Assim que Mary tirou o capuz a reconheceram imediatamente apesar do disfarce, por isso não foi necessário revelar sua identidade. Aqueles altos e fornidos soldados, que foram a pé vestidos com mantos escoceses, pareciam incrédulos. Ninguém lhe perguntou o que estava fazendo ali, mas sua incredulidade tinha dado passo a sorrisos agradados. A jovem sabia o que estavam pensando: acreditavam que voltava para casa, que estava traindo seu marido.

A noite caía rapidamente, mas Mary via ainda o suficiente para ficar impressionada ante o tamanho do acampamento de seu pai. Jamie havia fanfarronando de sua amplitude, um alarde apoiado em rumores, e a jovem não o tinha acreditado.

— Meu pai deve ter reunido ao menos quinhentos homens! — exclamou girando para ver quantos soldados caminhava ao lado de seu esgotado cavalo. — Posso distinguir a mais de uma dúzia de clãs! Vejo as cores dos Douglas, dos Macdonalds e também dos Ferguson. Nem sequer posso recordar o tempo que fazia que não nos apoiavam.

O fornido escocês ao que se dirigiu sorriu e logo piscou um olho.

— Esta vez o rei tem tudo a seu favor. Nesta ocasião ganhará, pode estar segura.

Mary não estava segura, mas a derrota não parecia uma possibilidade. Perguntou-se o que lhes teria prometido Malcolm a aqueles clãs em troca de seu apoio, e o que ocorreria quando o exército escocês encontrasse com o normando. Estava assustada. A destruição não conheceria limites, a perda de vidas humanas alcançaria umas cotas impossíveis de imaginar. Agora entendia por que Alnwick estava se preparando para um assédio. O exército escocês era o suficientemente grande e ameaçador para tentar acautelar um sucesso a princípio tão impensável.

Não era momento para ser egoísta, mas Mary não pôde evitar sentir um repentino nó na garganta. Imaginou a si mesmo refugiada na sala de Alnwick com as demais mulheres enquanto assaltavam a fortaleza com pedras, metais, fogo grego, e investiam os muros com poderosos aríetes. Se não conseguia dissuadir ao rei para que não fosse à guerra, em que



estado de espírito veria aquela situação? Tentaria seu pai destruir Alnwick, o lar de seu marido, embora ela permanecesse dentro de seus muros?

Não devia pensar de forma tão negativa. A jovem piscou duas vezes para clarear a visão e olhou para a paisagem formada por uma enorme quantidade de tendas sujas por causa das inclemências do tempo, que estavam desdobradas pelos suaves e verdes campos que tinha diante. A tenda do rei, nem maior nem mais alta que as demais, estava colocada sobre uma pequena ondulação do terreno. Mary viu imediatamente. Seu pai estava apoiado sobre seus calcanhares diante do fogo, rodeado de poderosos latifundiários e de Edward, Edmund e Edgar.

Mary esqueceu de sua escolta, Jamie e os exploradores, e urgiu seu cavalo para que avançasse mais depressa. Edgar, que foi o primeiro em vê-la, ficou olhando com assombro. Logo correu para ela enquanto gritava de alegria. Mary desmontou e se lançou em seus braços.

Edgar não a abraçou. Limitou a sacudi-la.

— Por todos os Santos! O que está fazendo aqui, Mary? Por que não está com seu marido?

— Eu também me alegro em vê-lo! — Brincou ela lhe dando um abraço.

Ele se soltou. Nunca tinha demonstrado seu afeto com gestos, porque o considerava algo pouco masculino.

— Espero que tenha uma boa razão para estar aqui e não em Alnwick, o lugar ao qual agora pertence — a repreendeu.

Diante aquelas palavras, ela observou com atenção seu rosto jovem e sério. Edgar nunca tinha sido crítico com ela, tinham passado a vida desafiando juntos à autoridade e defendendo um ao outro. Entretanto, agora pensava que estava traindo Stephen.

— Só vim para falar umas palavras com nosso pai. Tenho intenção de retornar a Alnwick esta noite.

Seu irmão ficou boquiaberto. Tinha uma expressão tão infantil, tão própria do antigo Edgar, que Mary sorriu. Ele tentou dizer algo, mas seus outros irmãos já os tinham alcançado.



— Mary? — Edward tampouco dava crédito. — Como diabos chegaste até aqui?

— E o que é mais importante, por que veio? — Interrogou-a Edmund.

Mary os observou e foi consciente da preocupação de Edward e da desconfiança de Edmund.

— Tenho que falar com nosso pai.

— Traz uma mensagem de seu marido? — Perguntou Edmund com ceticismo. — Esse bastardo se esconde agora atrás das saias de uma mulher?

— Ele nunca se esconderia de ninguém, e menos de gente como você! — Exclamou furiosa.

— Então nos diga de uma vez por que vieste — grunhiu Edmund.

Ela ruborizou. Tinha defendido Stephen de forma instintiva, mas não diplomática.

— Não trago nenhuma mensagem de meu marido. Ele não sabe que estou aqui.

Sua declaração fez que Edmund elevasse uma sobrancelha com gesto cético.

— Deus santo, Mary, por que está aqui? Não teria que ter vindo! Hoje houve várias escaramuças, já perdemos três homens e a luta não começou ainda. Poderia ter se envolvido em alguma delas! — Exclamou Edward preocupado.

— Tinha que vir — assegurou Mary com obstinação. — Devo falar com nosso pai.

— E o que é isso tão importante que a fez viajar até aqui para ver-me sem pedir permissão a seu marido? — Perguntou Malcolm em tom gélido.

Mary se girou. O rei escocês estava atrás dela com o rosto cinzelado em pedra. Nunca antes se dirigiu a sua filha daquele modo. Seu frio comportamento fez que a jovem afogasse um grito de alegria e ficasse paralisada em vez de se lançar a seus braços.

— Pai?

— Fiz-te uma pergunta!

— Podemos falar a sós? — Perguntou erguendo-se. O que estava ocorrendo? O que acontecia?

— Por quê? Tem algo que esconder de seus irmãos?

— Por que me trata com tanta frieza? — Inquiriu Mary tremendo. — Falas como se estivesse cheio de ira... Como se me odiasse!



— Acaso não tenho motivos? — Rugiu Malcolm. Sua voz profunda rasgou o ar da noite de tal forma que os homens das outras tendas giraram para olhá-los. Me desobedeceste gravemente! Acaso não te expliquei por que permiti que te casasse com esse bastardo? Poderia tê-la enviado para França! Poderia ter casado você com algum latifundiário velho e pobre do norte! Mas era a oportunidade perfeita. Teria a minha própria filha casada com um de meus piores inimigos. — Mary estava petrificada. — Não me advertiu da invasão de Carlisle, a perdemos por culpa de sua traição. — A jovem não podia respirar. Sentia que ia desmaiar. Queria morrer naquele momento, ali mesmo. — Diga o que tenha que dizer depressa — seguiu Malcolm. — Agora não tenho tempo que perder. Mas se tiver vindo aqui como sugeriu Edmund, para pronunciar as palavras que seu marido deveria dizer, não te incomode. Já não haverá mais conversações entre nós. O tempo das palavras já passou. Agora é o momento de que falem as espadas.

— Eu não te traí — conseguiu dizer finalmente Mary. A escuridão que se ia dando procuração da tarde nublava a visão. Ou eram lágrimas? — Jurei obedecer meu marido, pai. Não estive bem por sua parte me pedir que rompesse meus votos. E estive pior ainda que aceitasse este matrimônio pensando que me converteria em uma espiã desde o começo.

Malcolm elevou a mão e Mary gritou. Imediatamente, Edward e Edgar saltaram sobre seu pai para impedir que a golpeasse. Depois de um momento, o rei se recuperou e, resfolegando, deixou cair o punho.

— Já não é minha filha — sentenciou com voz rouca.

— Pai! — Gritou Mary.

— Ouviste-me? — Explodiu ele. — Já não é minha filha!

— Mas eu te quero!

Malcolm a ignorou, furioso.

— Minha filha é uma moça escocesa leal e valente, não alguém como você! Você não é minha filha!

Até aquele momento, a jovem tinha chorado em silêncio, entretanto, naquele instante, seus olhos ficaram secos e se ergueu orgulhosamente. Por dentro se sentia morta. Morta e maior... muito maior. Mas sua mente estava muito viva e agora seus pensamentos



estavam centrados na poderosa imagem de seu marido. Seu pai se equivocava ao repudiá-la, mas agora não importava. Pertencia a outro homem, a Stephen de Warenne.

— Pronunciei meus votos diante Deus — sussurrou.

Mary escutou a si mesma e lhe surpreendeu falar com tanta calma e dignidade quando tinha o coração quebrado em mil pedaços.

— Os votos que se jura diante do inimigo terá que rompê-los! Sobre tudo os que se pronunciam diante de Stephen de Warenne. — Malcolm fez um esforço por acalmar-se. Seu duro rosto estava ruborizado. Respirou fundo e se inclinou ameaçador sobre a filha a que acabava de repudiar. — E agora, milady, o que é o que tem que dizer? Fala rápido e parte.

Mary elevou ligeiramente o queixo.

— Vim suplicar que acabe com esta loucura. Por favor, se retire. Retire-se antes que morram centenas de homens, antes que esta fronteira se alague com sangue inocente.

— Seu marido a enviou! — Exclamou incrédulo. — É um covarde, depois de tudo? Tem medo de enfrentar a mim no campo de batalha? — Malcolm riu. — Sabe que esta vez não posso perder! Desta vez ganharei! Nunca antes tinha existido um exército escocês tão poderoso! A vitória será nossa!

— Mas, a que preço? — Murmurou Mary.

— Nenhum preço é muito alto! — Declarou seu pai.

A jovem girou, lágrimas de prata escorriam por suas ruborizadas bochechas. Alguém, Edward, passou-lhe o braço pelos ombros e a levou dali. Mary disse a si mesmo que não devia chorar. Tinha fracassado em seu intento de evitar a guerra. Tinha cometido uma loucura ao pensar que poderia evitar que Malcolm lutasse.

Quanto necessitava de Stephen naquele momento! Devia retornar para casa imediatamente. Devia voltar para seu lar antes que ele chegasse a averiguar que partiu... antes que pensasse o pior.



— Vou, Ed — disse Mary vacilante mais tarde. Tinha um sorriso tão triste que os olhos de Edward encheram de lágrimas. — Foi uma loucura acreditar que poderia apartá-lo de sua trajetória. Pode me proporcionar um cavalo e um escolta?

Seu irmão lhe levantou o queixo e logo agarrou brandamente os braços.

— Mary, não fala a sério. Não pode compreender nem aceitar que agora deva primeiro lealdade a de Warenne, mas o superará com o passar do tempo.

— Repudiou-me! — Exclamou olhando a seu irmão sem uma lágrima nos olhos.

Edward suspirou. O olhar de Mary, muito brilhante, e seu tom de voz quase normal angustiam-no mais do que o fariam os gritos e os prantos. Conhecía sua valente irmã pequena e sabia que nunca mostraria sua debilidade. Mas de repente, lhe ocorreu pensar que apenas a conhecia. Quando escapou de Liddel para encontrar com Doug Mackinnon não era mais que uma moça audaz. A valente mulher que agora o olhava com um coração quebrado que tratava de ocultar, era justo isso, uma mulher com uma coragem incomparável.

— Mudará de opinião, estou seguro. — Edward se assegurou de que sua irmã não pudesse ver seus olhos, porque não estava absolutamente convencido do que acabava de dizer.

Mary mordeu os lábios e guardou silêncio durante uns instantes.

— Já não sei quem é.

Edward lhe acariciou o braço.

— Sempre o viu como a um deus, mas o certo é que nosso pai não é mais que um homem. Não é um mau homem, Mary, mas tem seus defeitos, igual a todos.

Ela o olhou sentindo que se afogava.

— Se chorar se sentirá melhor — assegurou seu irmão estreitando-a entre seus braços.



— Não. Não chorarei. — Afastou-o e respirou fundo. — Não importa. Quão único importa é que falhei. A guerra seguirá seu curso e morrerão muitos homens. Talvez inclusive... — Sua voz rompeu. — Por favor, Deus — sussurrou. — Stephen não.

— É um grande soldado, Mary, não tema por ele.

— Não posso evitá-lo. — Sua irmã o olhou, tremendo. — E o que ocorrerá depois? Não há esperança de futuro nem de paz para nossas famílias quando esta guerra comece, Ed.

O silêncio se impôs uns momentos, até que Edward falou.

— Eu acredito no futuro, Mary. Acredito que está em nossas mãos, nas dos filhos, retificar os enganos dos pais e desafiar ao passado.

— A que refere? Acredita que algum dia, quando você for o rei, deterá esta sangrenta guerra de fronteiras?

— Assim acredito.

— Você sabe algo que eu não sei! Vejo-o em seus olhos! Do que se trata? — Perguntou aferrando-se a seu irmão.

— Há esperança — respondeu ele depois de um instante de vacilação. — Mas só no caso de que Stephen seja um homem de palavra. É?

— Sim.

— Eu também acredito.

— O que te prometeu, Ed? — O ar faltava a Mary.

— Algum dia, quando chegar o momento, Stephen me apoiará em minha luta pelo trono escocês. — Parou, e logo acrescentou: — Se Deus quiser.

A jovem não pôde articular palavra.

Seu irmão sorriu e lhe deu um tapinha na mão.

— Assim não se sinta tão mal, irmãzinha. Nem tudo está perdido. Quando chegar o momento, seu marido e eu nos converteremos em aliados.

— Quando formou esta aliança? — Gritou Mary. — Como é possível que não tenha me informado?



— Esta é minha Mary! — Riu. — Irmã, por que deveríamos te dizer algo a respeito de um juramento formulado em segredo?

— Sabe Malcolm?

— Sabe, mas acredita que Stephen não manterá sua palavra e está muito furioso por Carlisle para se preocupar com o futuro. — O tom de Edward era sombrio e triste. — Esse foi o preço que pagou por suas bodas, Mary.

— Oh, céus! — Gemeu, cobrindo o rosto com as mãos.

— O que te ocorre? — Perguntou Edward preocupando-se imediatamente. Normalmente Mary era indomável, mas aquela noite... Aquela noite tinha a impressão de que estava muito longe desse estado. Sua fragilidade o assustou.

— Sabia que eu era um sacrifício político — confessou finalmente em um sussurro triste. — Mas sendo por ti não teria importado. É só que gostaria de saber a verdade antes. Mas agora já não muda nada.

Seu irmão não soube o que dizer. A aliança secreta não mudava o fato de que Malcolm tivesse repudiado com tanta crueldade a sua filha aquele dia, um fato que Edward temia que fosse irrevogável. Seu pai não era precisamente um homem razoável quando guardava rancor de alguém.

— Você ama a seu marido, e isso é quão único importa agora, Mary. — Ela elevou o olhar antes de voltar a se desfazer de novo em lágrimas. — O que é que tanto se preocupa? Não se trata só de nosso pai, verdade?

— Tenho que voltar para casa. — Sua voz adquiriu um tom agudo. — Devo fazê-lo antes que seja muito tarde.

— Mary — começou a dizer ele sem saber muito bem por onde seguir.

Ela o interrompeu agarrando suas mãos e as apertando com força.

— Pode arrumar um cavalo e escolta, Ed? Tenho que ir agora mesmo!

— Não posso, Mary.

— O que?



— Escute-me — disse com urgência. Ela estava pálida pela apreensão. Se a tivesse esbofeteado não teria sido pior. — Arriscou muito vindo aqui como o fez, montada em um cavalo e escoltada por um granjeiro cuja única arma era uma faca oxidada. Reflete, Mary!

— Tinha que tentá-lo — replicou ela com voz débil.

— É muito perigoso retornar agora. A batalha dará começo amanhã à alvorada. — Vacilou só um instante, mas Mary estava tão angustiada que não percebeu, por isso Edward decidiu não lhe contar nada em relação aos planos que Malcolm tinha para Alnwick. — Tem que confiar em mim. É muito perigoso e não te mandarei de volta.

— Já vejo. — A voz da jovem mal foi audível. Ao Edward preocupou que estivesse a ponto de desmaiar, uma façanha que nunca a tivesse imaginado capaz. Mas não desmaiou. Ficou de pé, vacilante. — O compreendo. — Tratou de sorrir, mas não o conseguiu. — É só um atraso. Quando tudo tenha terminado, voltarei para casa.

— Sim — respondeu seu irmão olhando-a de maneira estranha, encolhia o coração embora soubesse que estava fazendo o que devia. — Quando tudo tenha terminado poderá voltar para casa. — Tremeu sem poder evitar sentir-se triste. Mary já não pertencia a Escócia.

— De repente me sinto muito cansada. Posso dormir em sua tenda?

— Claro que não! Temo que não vais dormir esta noite, Mary. Não permitirei que fique em nosso acampamento. Vou mandá-la para Edimburgo. Ali estará a salvo.

Para ouvir aquilo Mary empalideceu como uma morta.

Várias horas mais tarde, a só umas milhas dali, Stephen estava convexo em sua cama, incapaz de dormir. Logo amanheceria, entretanto, acabava de deitar-se porque sua presença era necessária no conselho de guerra que tinha tido lugar aquela noite. Seu pai e irmãos eram parte dos doze líderes que guiariam às tropas normandas. Como de costume, a experiência militar de Rolfe resultou muito valiosa. Geoffrey estaria no comando das forças de Canterbury, e Brand seria o capitão das tropas reais. Também tinha acudido o



príncipe Henry, tinham-no convencido para que se apresentasse com seus mercenários normandos em nome de seu irmão, o rei. E Rufus, que a sua vez era um general perspicaz, tinha ido até ali para comandar a todos naqueles tempos de guerra.

Todos estavam perfeitamente a par de que o exército ao que iriam enfrentar no dia seguinte era o mais poderoso que Malcolm jamais tinha conseguido reunir. A guerra seria a mais sangrenta de todas as levadas a cabo até aquele momento, e talvez, só talvez, não conseguissem a vitória.

Stephen pensou se a paz que tanto ansiava reinaria alguma vez na fronteira. Naquele momento seu desejo só parecia um sonho. E o pior era que sua decepção estava tingida por um tom amargo, porque se a paz não chegava à fronteira, tampouco chegaria nunca a seu matrimônio.

Maldição! Sua relação não deveria depender da guerra ou a paz. Sua esposa devia lealdade e amor tanto se lutava ou não, e independentemente de quem enfrentasse. Necessitava-a. Nunca antes em sua vida se permitiu sentir uma necessidade semelhante por ninguém. Era um simples mortal, absolutamente invencível. Necessitava que sua esposa estivesse a seu lado tanto nos assuntos cotidianos como nos importantes. Mas não estava a seu lado, a não ser atrás dele... com uma adaga apoiada em suas costas.

Mary tinha tentado enviá-lo ao inimigo, a uma armadilha. Faria falta mais de uma vida para esquecê-lo. Realmente lamentava ter lhe dado a oportunidade de que o traísse. Deus, lamentava-o. Lamentava ter se apaixonado por ela. Lamentava amá-la naqueles instantes.

Como tinha chegado sua vida aquele ponto? Não era um homem forte, e esse era seu mais oculto segredo. Era débil, estava apaixonado por uma mulher que tinha tentado enganá-lo e traí-lo. Como podia existir tanta dor quando havia amor? Como ia suportar aquela tortura durante o resto de sua vida?

Se ao menos... Não era homem que esbanjasse seu tempo em sonhos vãos, mas aquela frase voltava para sua mente uma e outra vez. Se ao menos Mary fosse o que parecia... Poderia lhe perdoar tudo se pudesse ao menos confiar nela.

Mas sabia que não podia.



Stephen riu em voz alta. Aquele som cheio de dor ressonou asperamente no silêncio sepulcral da noite. A noite anterior tinha estado a ponto de acreditar nela. Tinha desejado acreditar. E por isso Mary se tornou tão perigosa. Queria acreditar que era sincera. E durante um instante acreditou.

O que era uma loucura.

E ainda desejava poder confiar nela. O normando fechou os olhos. Talvez, só talvez, devesse considerar uma vez mais a remota possibilidade de que Mary tivesse falado com a verdade na noite anterior. Stephen sabia que ela via Malcolm como devia fazê-lo uma filha, como um herói, não como o homem que realmente era. Ignorava que seu pai era um mentiroso desumano e um trapaceiro ambicioso. Não podia saber que quebrava sua palavra com a mesma facilidade com que o vento mudava de direção. Não podia saber que o rei escocês amava a guerra e a vingança muito mais do que nunca chegaria a apreciar a paz. Confiava de coração que Mary nunca chegasse a descobrir a verdade.

E embora Stephen conhecia muito bem como era Malcolm, respeitava-o. Era um adversário perigoso, porque era um homem inteligente e um líder forte. Se não tivesse sido desumano, desonesto e egoísta nunca teria unido aos eternamente rivais clãs escoceses sob o escudo de uma única nação, nem os teria mantido sob seu mando durante trinta e cinco largos anos. Malcolm era um excelente rei.

Mas um líder semelhante nunca escutaria os desejos de paz de sua filha, sobre tudo se saíam da boca de seu pior inimigo. Stephen apertou os punhos. Ali estava o verdadeiro perigo que Mary supunha para ele. Sabia que sua intenção não tinha sido enviá-lo a Malcolm para convencê-lo de que procurasse a paz em lugar da guerra, sabia no mais profundo de sua alma, e entretanto estava acordado em plena noite, sucumbindo a seu encanto inclusive na distância. Estava a ponto de optar por pensar o melhor dela em lugar do pior.

Se continuava por aquele caminho, algum dia, sem dúvida, ela o destruiria. Tentando não seguir pensando em Mary, levantou-se e saiu ao exterior da tenda. Fazia uma noite muito fria, e ao respirar soltava baforadas. Agradeceu o frio. A escura massa de nuvens impedia de ver a lua e era provável que no dia seguinte em lugar de chover nevasse.



Esfregou as mãos para esquentá-las. Já não pensaria mais em sua esposa. Era muito doloroso.

De repente, ficou imóvel e escutou. Seu pai se aproximava entre as sombras. Era muito cedo para que Rolfe estivesse levantado, já que o conde, guerreiro consumado, era capaz de dormir profundamente antes da batalha. Só podia trazer más notícias.

Ao parar ao seu lado Rolfe falou.

— Acabo de receber uma mensagem de Alnwick. — Stephen apertou a mandíbula. Não podia ser nada relacionado com sua esposa, disse-se. Não. — Sua esposa partiu.

— Partiu?

O conde explicou que Mary se disfarçou de aldeão para escapar da fortaleza. Seu filho sofreu um baque tão grande que não quis escutar nada mais e inclusive cambaleou, obrigando a seu pai a sujeitá-lo para que não perdesse o equilíbrio. Mas Stephen não era consciente da presença de Rolfe. Mary o tinha deixado. Tinha fugido para Escócia para se reunir com sua família. Tinha o deixado na véspera da guerra, demonstrando sua traição de maneira definitiva.

Sua esposa o tinha abandonado. Algo morreu dentro de seu coração, mas outra coisa, também poderosa e esmagadora, cobrou vida.

— Stephen? — Chamou-o Rolfe.

Ele não respondeu. Não podia. Stephen sentiu chegar a fúria e a recebeu com os braços abertos.



Capítulo 23

Mary se dirigia a toda velocidade para Edimburgo. Viajavam aproveitando a escura e gelada noite. Dava a impressão de que ia nevar. No ar formavam nuvens de vapor procedentes do fôlego de suas montarias. O passo da escolta da princesa escocesa era implacável. Mantinham aos esgotados cavalos ao galope como se os perseguisse o exército normando, quando o certo era que ambos os exércitos ficavam agora muito atrás. A jovem suspeitava que tinham recebido ordens de deixá-la sã e salva o quanto antes possível e de se reunir com as tropas imediatamente. Não lhe importava. Cada passo que a aproximava do lar de sua infância, também a aproximava de seu desgraçado destino.

Encontrava-se intumescida pelo cansaço depois de ter estado cavalcando todo o dia e grande parte da noite, embora não o suficiente para deixar de sentir uma dilaceradora dor no peito pelo cruel rechaço de seu pai. Mas aquilo mal tinha importância, tendo em conta que estavam arrebatando das mãos o controle de seu próprio destino para conduzi-la ao desastre e à dor enviando-a para Edimburgo. Deveria ir a caminho de Alnwick, o lugar ao qual pertencia. Alnwick era agora seu lar. Deveria estar ali quando Stephen retornasse da guerra. E entretanto, levavam-na ao mais profundo do coração escocês, à praça forte dos inimigos de Stephen, inimigos aos que muito em breve enfrentaria em combate mortal.

Desta vez, pensou, não o entenderia, desta vez sabia que não a perdoaria jamais.

Mary não queria dirigir-se para o norte. Enquanto galopavam pressionando a suas montarias além dos limites da extenuação, a jovem sentiu uma e outra vez a necessidade de atirar com força das rédeas, obrigar a sua égua a dar a volta e correr para sua casa. Era uma loucura. Talvez pudesse despistar a sua escolta, mas seu cavalo não poderia percorrer todo o caminho de volta Alnwick, e embora o valente animal conseguisse fazê-lo, seria um suicídio correr para uma guerra que estava a ponto de começar.



Ao amanhecer, no momento em que várias milhas ao sul soavam as cornetas que anunciavam a batalha e chocavam as primeiras espadas, quando o sol começava a romper o céu cinza com uma luz branca e fantasmal, Edimburgo apareceu ao longe. A próxima e escura vila de madeira e pedra antiga estava assentada sobre a mesma colina escarpada do castelo, uma elevação levantada de pedra que tinha protegido de qualquer possível invasão a fortificação desde tempos imemoriais. Por cima do povo, a fortaleza do rei escocês, tão escura e negra como a formação rochosa sobre a qual estava assentada, erguia-se orgulhosamente para o céu. A premonição de um destino fatal voltou a apoderar de Mary. Atravessaram a vila, passaram por uma mulher que puxava um carro carregado de lenha, adiantaram a dois meninos que vendiam arenques defumados e a um grupo de cães que remexia entre o lixo, e por fim, alcançaram o caminho íngreme e congelado que levava ao castelo. As portas estavam totalmente abertas e em questão de instantes, a jovem se viu dentro dos muros que deviam resultar familiares e reconfortantes. Entretanto, quando a grade fechou atrás dela, a pele arrepiou. A sensação de estar encerrada dentro de uma prisão era inconfundível.

Mas aquilo não era uma prisão, era sua casa, disse-se, incapaz de sacudir o desânimo. Deslizando do cavalo e mal podendo se manter em pé, Mary deu graças aos dois fornidos homens que tinham sido sua escolta. Não fazia falta que perguntasse por sua mãe. A essas horas, Margarida estaria ainda na capela assistindo à missa da primeira hora da manhã. A jovem correu para ali com toda a pressa que lhe permitiu seu corpo extenuado.

A visão que a recebeu resultou tranqüilizadora. A forma esbelta e elegante de Margarida ajoelhada diante o altar orando em silêncio, já que a missa havia obviamente terminado, fez que Mary parasse de repente. Respirou fundo, sentindo-se perigosamente próxima às lágrimas. Se havia alguém a quem necessitasse naquele momento, pensou, era a sua mãe. Precisava ter a oportunidade de lhe contar tudo: Como a tinha interpretado mal Stephen, como tinha saído de Alnwick com a esperança de evitar uma guerra, e quanto perigava seu matrimônio naquele momento. Também precisava lhe contar o espantoso encontro que tinha tido com seu pai e que ia ser avó. Secando uma lágrima furtiva da



bochecha, a jovem avançou impulsivamente e se sentou ao lado de sua mãe. Margarida não a reconheceu, mas Mary tampouco tinha contado com isso. Inclinou a cabeça e rezou.

Rezou por um rápido final da guerra e rezou por uma paz duradoura. Rezou para que Stephen, seu pai e seus irmãos retornassem sãos e salvos. Derramou outra lágrima. Vacilou. Não lhe parecia bem pedir a Deus ajuda para seus próprios problemas quando nunca antes tinha sido devota nem obediente. Entretanto, via Deus como um ser benevolente e pormenorizado, não como uma deidade a que comprava com bom comportamento. Respirou fundo e fez a petição mais importante de todas:

— Querido Deus, por favor, guia Stephen para que veja a verdade — orou em voz alta. E logo acrescentou: — Por favor, permita que me ame.

Mary ficou de joelhos comprido momento, com a bênção de não pensar. Sentia-se de algum jeito mais ligeira e aliviada. Estava mais cansada que nunca em toda sua vida e agradecia o fato de não se mover. O corpo doía depois das intermináveis horas que tinha passado aquele dia a cavalo, e tinha a mente, por fim, intumescida. Mas quando viu que sua mãe ficava de pé, ela também se levantou. Seus músculos protestaram pelo esforço.

Margarida tinha os olhos emoldurados por grandes olheiras, como se tivesse passado várias noites sem dormir, e também estavam obscurecidos pela preocupação. Mary abriu a boca, mas não falou, porque sua mãe não estava só obviamente cansada, a não ser mais magra que nunca e o bastante pálida como para que a jovem pensasse se não teria estado doente.

— Mãe. — Mary a abraçou. — Estiveste doente?

— Não. — Margarida falou com voz entrecortada. — O que está fazendo aqui?

— Fui uma autêntica estúpida — confessou a jovem. — Tentei convencer ao rei que se retirasse desta guerra. E Edward considerou que era muito perigoso que retornasse a Alnwick, assim que me enviou aqui.

Margarida a pegou pela mão.

— Bom, me alegro de vê-la, querida. Desta vez, estar aqui só com minhas damas esperando notícias... Não posso suportá-lo. — Os olhos da rainha encheram de lágrimas e a mão com que apertava a de sua filha tremeu.



— Mãe, o que ocorre? — Se Margarida não tinha estado doente, ou o estava agora ou se encontrava terrivelmente angustiada.

— Não posso me libertar desta espantosa sensação de desastre que me invade. Não tinha tido tanto medo em toda minha vida. — Tremeu ligeiramente a boca e fechou os olhos um instante. — Tenho muito medo pelo Malcolm e por meus filhos.

Mary apertou a mão de Margarida, mas também seu coração pulsava com muita força. Reconheceu o sentimento que estava experimentando a rainha como terror. Acaso não tinha tido ela essa mesma premonição?

— Estarão bem, mãe — assegurou com ânimo. — Seu marido é o melhor guerreiro destas terras. Sabe que é invencível. E meus irmãos são como ele. Não tenha medo. Está te preocupando sem necessidade.

— Oxalá tenha razão — conseguiu dizer Margarida em um fio de voz.

A jovem nunca tinha visto sua mãe assim. A rainha escocesa era tranqüila por natureza, serena e aprazível, não uma mulher que alcançasse aquelas cotas de angústia. A jovem teria gostado de desafogar-se e confessar tudo a sua mãe, mas percebeu que não podia fazê-lo naqueles momentos. *Mais tarde, disse-se. Quando a guerra tiver terminado e nossa família esteja a caminho de casa, terei todo o tempo do mundo para lhe contar meus problemas.*

Mary sorriu a sua mãe com alegria forçada.

— Vamos jantar. Não sei você, mas eu estou faminta.

Margarida passou todo o dia sentada em sua cadeira ao lado do fogo na sala das mulheres, movendo mecanicamente a agulha por uma delicada peça de encaixe, a espera de notícias do resultado da primeira batalha. E quando chegou um mensageiro aquela noite sob uma tormenta de neve, as notícias foram encorajadoras. Ao menos para Escócia.

O exército escocês não tinha feito nenhum progresso em seu esforço por recuperar Carlisle, mas isso já não parecia significativo. Porque enquanto escoceses e



normandos se enfrentavam brutalmente na Cumbria, outro contingente, liderado pelo próprio Malcolm, deslizou ao redor de Carlisle em direção ao extremo oeste de Northumberland, para logo entrar no coração do feudo. Alnwick estava agora sob assédio.

Houve grande regozijo na sala entre as servas e as damas. Mas Margarida não sorriu nenhuma só vez. Seu rosto era a viva imagem do medo. Mary tampouco se alegrou. Estava tão impactada que não pôde permanecer de pé e se deixou cair na cadeira.

Alnwick estava sitiado.

Seu primeiro pensamento foi para Isobel e a condessa. Oh Deus, oxalá estivessem bem! Mary fechou os olhos, presa da angústia. A condessa era uma mulher forte e decidida. Se alguém podia manter Alnwick unido frente a um ataque, era ela.

E justo naquele momento Mary percebeu onde estavam suas lealdades. Não sentia simpatia pelos atacantes, mas sim pelos assediados. Só pelos de Warenne. Malcolm, seu pai, tinha atacado Alnwick... O lar de sua própria filha. Sua vingança não conhecia limites.

Mas já não era sua filha, verdade? Tinha-a repudiado.

Mary olhou ao mensageiro, um homem baixo e fornido que, apesar do cansaço, estava muito entusiasmado para sentar-se. Estava tranquilizando a Margarida, dizendo que Malcolm e seus filhos se encontravam bem.

— É possível que possam tomar Alnwick? — Perguntou a jovem.

— É só questão de tempo.

— Mas não há tempo. Quando meu marido se inteire de que sua casa está sendo ameaçada, cavalgará com seus homens de volta a Alnwick para resgatá-la.

O homem a olhou de frente com as pernas algo abertas e a atitude de alguém disposto à batalha.

— Seu marido, lady de Warenne, está agora mesmo encetado em uma batalha que não pode deixar tão facilmente. E a menos que alguém de Alnwick se atreva a atravessar as linhas do exército de seu pai com a esperança de enviar uma mensagem, passará muito tempo antes que se inteire do assédio. — O mensageiro sorriu. — Assim planejou Malcolm.



Mary estava horrorizada. Mas o soldado tinha razão. Stephen estava no meio da batalha e ninguém em Alnwick teria maneira de fazer chegar a notícia de sua desesperada situação. Se não tivesse estado sentada, sem dúvida teria desabado.

Que inteligente tinha sido Malcolm, pensou a jovem com fúria. De repente, foi consciente do silêncio que havia no salão. Todos os presentes, exceto sua mãe que observava sem ver o fogo, olharam-na fixamente com olhos acusadores e cheios de ódio. Sem poder resisti-lo, Mary ficou em pé e saiu a toda pressa dali.

Aquela noite a neve começou a cair pesadamente e o vento soprou com tanta força que era impossível dormir. A jovem escutou aquele aterrador som e pensou em sua mãe, tão angustiada que sem dúvida se encontrava doente, e em seus irmãos, lutando na batalha, talvez formando parte inclusive do assédio. Tratou de não pensar em seu pai, mas resultou impossível. Tinha repudiado-a e tinha atacado Alnwick. Durante um instante experimentou uma quebra de onda de ódio, mas em seguida passou, deixando-a débil, esgotada e intumescida.

Certamente Stephen ainda não sabia de sua fuga de Alnwick. Mas isso apenas lhe servia de alívio. Tinha cometido um terrível engano partindo sem sua permissão. Sua missão tinha fracassado, e quando Stephen se inteirasse de seus atos a tacharia uma vez mais de traidora. Depois da visita de Edward a Alnwick acreditaria que sua fuga se devia a um plano preconcebido, pensaria que o tinha abandonado para correr para seu inimigo. Mas a grande ironia consistia em que durante sua fuga se topou com uma verdade indisputável... Por muito que amasse a sua gente e a seu país, por muito que amasse a Escócia, seu lar era Alnwick e sua lealdade estava com a rosa vermelha de Northumberland.

Mary sabia que sua própria vida dependia de convencer Stephen de sua inocência. E quanto mais tempo transcorresse, mais difícil seria que acreditasse nela. Apesar da desconfiança de seu marido, a jovem o amava de coração, pertencia-lhe e sempre seria dele, queria estar com ele do modo em que tinha estado antes. Se a mandava ao exílio não poderia suportá-lo. Mary recordava com total clareza quão explícita foi sua ameaça naquele sentido. Tinha que retornar a casa imediatamente, mas, como? Quanto tempo duraria aquela guerra? Se Malcolm tinha êxito, pensou com súbito horror, a guerra nunca



teria fim. Stephen, seu pai e outros normandos lutariam até morrer para vingar a destruição de Alnwick.

Sentou-se na cama e estremeceu, sentindo que sua única esperança residia em uma rápida derrota de Malcolm. Depois de seu terrível rechaço não lhe devia nenhuma lealdade, e entretanto não era capaz de encontrar em seu coração o desejo de vê-lo cair. Tinha sido sua filha durante muitos anos.

Mary escutou o agudo uivo do vento. No exterior, a noite parecia branca devido à tempestade de neve. Estava o suficientemente louca para subir em um cavalo e tentar retornar sozinha a Alnwick? Não, não estava louca, mas amava Stephen o suficiente para arriscar sua vida por ele se tivesse que fazê-lo. Entretanto, esse momento não tinha chegado ainda, com sorte não teria nunca lugar. Esperaria que passasse a tormenta e os caminhos estivessem viáveis. Se para então a guerra não tinha terminado ainda, partiria sozinha para casa, e nada nem ninguém poderiam impedir-lhe.

Quando dormitou finalmente com a decisão tomada, sentiu-se melhor, esperançosa inclusive. Embora ao levantar no dia seguinte, teve suas dúvidas a respeito de poder sair dali logo.

Tinha deixado de nevar, e também cessou o enlouquecedor vento, mas o mundo exterior estava coberto por uma capa branca de dois metros. E o que era mais importante, a donzela de Margarida havia dito que sua mãe tinha passado outra noite sem dormir. Tinha ido a meia-noite à capela para a celebração da madrugada e ficou ali até o amanhecer. Apenas tinha tomado um pouco de água e comido dois pequenos pedaços de pão. Então Mary já sabia que sua mãe mal tinha comido nem dormido desde que Malcolm partiu de Edimburgo, fazia já uma semana. Estava claro que à rainha a perseguiram seus próprios e terríveis demônios. E nada do que sua filha fizesse ou dissesse poderia convencê-la para comer nem para dormir. Angustiada, Mary contemplou a possibilidade de drogá-la para que enfim descansasse.

O segundo dia resultou interminável. Margarida voltou a ocupar seu lugar frente ao fogo da lareira, mas Mary não pôde fazer outra coisa que percorrer a sala uma e outra vez. Sabia que estava deixando loucas às demais mulheres, mas não se atreveram a dizer



nada. A manhã se converteu em meio-dia. Ninguém comeu. O entardecer caiu sobre elas sem que tivessem chegado notícias. Sem dúvida, a grande nevada fazia impossível as comunicações. Mas quando caiu a noite, contrastando com o lago branco e coberto de gelo que havia sob a fortaleza, receberam a notícia de que tinha chegado outro mensageiro.

— Digam que entre — ordenou Margarida com voz apenas audível. Estava tão pálida como a neve que cobria os ramos das árvores do exterior.

Mary foi instintivamente para o lado de sua mãe, pondo uma mão no ombro dela a modo de consolo. Seu medo ia em aumento. Teria que ter obrigado a Margarida a comer algo ao meio dia.

O mensageiro entrou e sacudiu a neve do manto. Era um homem jovem. Trazia as botas cobertas de barro congelado e um braço em tipóia com as ataduras manchadas de sangue. Estava muito sério e sua expressão denotava esgotamento. Mary o olhou e ficou imóvel, era evidente que os escoceses tinham sofrido uma perda terrível aquele dia.

— O rei morreu — anunciou.

A jovem acreditou ter escutado mau e abriu a boca para protestar. Sem dúvida não tinha entendido bem suas palavras.

— Malcolm morreu — repetiu o jovem. Desta vez um soluço engasgou suas palavras.

— Não — começou a dizer Mary, incrédula. — Não pode... — Suas palavras ficaram interrompidas por um ruído surdo e forte. A jovem girou e viu Margarida no chão. Tinha os olhos fechados e o rosto tão pálido como o de uma morta. — Mãe!

Todas as mulheres se formaram redemoinhos em torno da rainha. Mary segurou o rosto de sua mãe entre as mãos e sentiu o frágil fio de sua respiração. Então, apoiou o ouvido contra seu peito e escutou seu batimento do coração, fraco, mas constante. Imediatamente, os olhos encheram de lágrimas de alívio.

— Tragam panos gelados para que possa reanimá-la. Depressa! Só desmaiou pela comoção! — Ordenou, elevando a vista.

Várias donzelas apressaram em obedecer, enquanto Mary tentava reviver brandamente a sua mãe. Sacudiu-a e lhe falou, mas não conseguiu nada. Começou a se



desesperar. Era muito consciente do estranho estado mental de Margarida e de sua débil condição física. O alívio que havia sentido se desvaneceu imediatamente. A saúde da rainha era muito frágil. Desesperada, Mary a esbofeteou e, por fim, sua mãe abriu os olhos.

— Graças a Deus! — Gritou a jovem.

Margarida olhou a sua filha enquanto as lágrimas escorriam por suas bochechas em um fluxo contínuo. Depois, fechou os olhos e se aconchegou no chão sem emitir nenhum som.

Pálida pelo terror, Mary estreitou entre seus braços a sua mãe, embalando-a enquanto chorava em silêncio.

— Tragam-me vinho e valeriana — disse com uma calma que não sentia. — E vão em busca de dois homens, temos que colocar à rainha na cama.

Transcorrido um tempo que Mary não soube determinar, Margarida abriu os olhos e olhou diretamente a Mary.

— Sabia — disse com voz rouca.

Suas palavras mal resultaram audíveis. Mary tinha estado tão preocupada com sua mãe que não tinha tido tempo de assimilar a notícia da morte de seu pai. Desesperada, agarrou com firmeza as mãos de Margarida e se inclinou sobre ela, que estava estendida na cama.

— Deve ser forte, mamãe. Tem que comer um pouco da papa que preparou Jeanne. Por favor.

— Tenho que rezar. Ajude-me a levantar. Devo rezar pela alma de seu pai.

Mary soube então que sua mãe pretendia ir à capela.

— Não, mãe — negou com firmeza. — O padre Joseph virá vê-la. Está lá embaixo.

Ao ouvir aquilo, Margarida se deixou cair de novo sobre os travesseiros com os olhos fechados, movendo os lábios em silenciosa prece. Mary correu para a porta, onde esperavam as pálidas e ansiosas damas da corte. Todas e cada uma delas amavam a sua rainha, igual a todos os que a conheciam. A um gesto da jovem, lady Matilda correu escada abaixo para ir em busca do sacerdote. Depois, Mary retornou ao lado de sua mãe e caiu de joelhos. Negava-se a pensar na morte de seu pai nas mãos do exército de seu marido. Não



podia. Não devia. Tinha que cuidar de sua mãe. Decidida, separou de si aqueles pensamentos com vontade de ferro.

Só se levantou quando o padre Joseph, mentor e amigo pessoal da rainha, entrou apressadamente no quarto.

— Recebeu as últimas bençãos? — Perguntou Margarida abrindo os olhos.

Mary leu a crua realidade nos olhos do sacerdote quando mentiu à rainha para tranquilizar sua angústia.

Mais tarde, enquanto sua mãe e o sacerdote rezavam, a jovem abandonou em silêncio o quarto. Uma vez fora, apoiou-se contra a parede e as damas de sua mãe aproveitaram para rodeá-la, bombardeando-a com perguntas sussurradas.

A jovem se separou delas, consciente de que sua preocupação era genuína, que todas e cada uma delas estavam mortas de angústia por sua rainha, mas não respondeu nem a uma só de suas perguntas. Não tinha respostas. Baixou correndo as escadas e se dirigiu em busca do emissário. Encontrou-o sentado à mesa do grande salão, comendo com avidez e se deixou cair no banco que tinha ao lado. A visão da comida lhe provocou náuseas.

— Como pode ser verdade? — Conseguiu dizer com voz rouca. — Como pode ser que o rei esteja morto?

O jovem deixou de lado a adaga. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Atacaram seu exército pelas costas e conseguiram separá-lo de seus homens. — O mensageiro afastou a vista. — Não deveria ter acontecido.

Mary lhe agarrou o braço com uma força que não sabia que possuía.

— Que exército foi?

— O de Northumberland.

Ao escutar a terrível verdade, a jovem enjoou, a mesa dava voltas diante dela. Tinha liderado Stephen o ataque que matou Malcolm? Tinha sido ele?

— Princesa — murmurou o mensageiro com voz rouca. — Ainda há mais.

Mary esfregou os olhos com a esperança de clarear a visão. A mesa parou de girar, mas tudo a seu redor se tornou um borrão.



— Não — disse. — Não pode haver mais.

Ele umedeceu os lábios.

— Feriram Edward.

— Não! — Mary agarrou à mesa para evitar cambalear, para não cair. — Não estará...

— É grave. Mas quando eu saí seguia vivo.

— Sobreviverá — assegurou ela com certeza. Fechou os olhos, enjoada agora de alívio. — Nenhum maldito normando pode matar Ed — sussurrou, lutando contra o súbito tremor que sobreveio. Não podia se deixar levar pela histeria naquele momento. — E Alnwick?

— Têm-nos feito retroceder de novo a Cumbria. Nossa sorte mudou. Estamos quase onde começamos — confessou o moço com tristeza. — A batalha prossegue com fúria em Carlisle, mas sem Malcolm nem Edward...

Mary fechou os olhos.

— Edmund é um grande soldado. E outros líderes...

— Os chefes brigam entre eles, princesa, Malcolm era o único o suficientemente forte para mantê-los unidos. Além disso — o emissário vacilou — nem todos os homens confiam em Edmund.

Mary não foi capaz de responder a isso, sabia que seu irmão não seria um bom líder. Mas com Edward ferido e Malcolm morto... Imediatamente separou de sua mente seus pensamentos. Não queria pensar em seu pai, não o faria. Em troca, rezaria por Edward.

Nem tampouco devia pensar em Stephen, naquele momento não, não quando seus homens tinham matado a seu pai e ferido a seu irmão... Não devia.



— Mãe, por favor, beba um pouco disto. É sua infusão especial — Suplicou Mary.

Margarida não respondeu, parecia como se não a tivesse ouvido sequer. A rainha tinha caído em um estado de semi-inconsciência depois da partida de padre Joseph muitas horas atrás. Não a podia despertar. Se Mary não tivesse sido capaz de perceber sua débil respiração, a teria dado por morta. A jovem levava dias sem dormir, mas não se atrevia a deixar a sua mãe por medo de que morresse. Estava decidida. Não a deixaria morrer. Não o faria. Mas, o que podia fazer?

Tinha tomado as mãos geladas de sua mãe entre as suas para esquentá-las energicamente, quando uma forte chamada à porta distraiu sua atenção.

Atônita, viu como Edgar entrava no quarto. O tinha visto pela última vez três noites atrás, justo antes da primeira batalha nos subúrbios de Carlisle.

Estava irreconhecível. Pálido e exausto, com as sombras escuras que circundavam seus olhos, parecia um homem amadurecido e esgotado, não o alegre moço que sempre tinha sido.

— O que lhe passou? — Perguntou com voz rouca, olhando primeiro a sua irmã e depois a sua mãe. — Abaixo dizem que está às portas da morte.

Mary ficou em pé. Tinha os joelhos terrivelmente doloridos pelas largas horas que tinha passado ajoelhada ao lado de sua mãe. De fato lhe doía todo o corpo, mas isso não era nada comparado com a pena que albergava no peito.

— Afetou-lhe muito a morte de nosso pai — murmurou Mary com voz trêmula. A aparição de Edgar ameaçava acabar com seu prezado controle emocional, assim respirou profundamente para acalmar-se e seguiu falando: — Quando cheguei me assustou muito o estado em que a encontrei. Levava dias sem comer nem dormir por causa da preocupação. Ao parecer — a voz quebrou — tinha o pressentimento de que nosso pai ia morrer.

Os olhos de Edgar encheram de lágrimas.

— Teve a morte de um soldado. Morreu como desejava fazê-lo, como todos os homens esperam morrer, no fragor da batalha, com orgulho e valentia.



Mary estremeceu e abraçou a si mesma em um intento de acalmar-se. Não devia pensar em seu pai naqueles momentos, não devia. Amanhã, quando Margarida estivesse melhor, poderia entregar se à dor.

— Edward morreu — anunciou seu irmão interrompendo seus pensamentos.

Mary gritou e Edgar cruzou rapidamente o pequeno dormitório para estreitá-la entre seus braços. A jovem fechou os olhos com força e lágrimas ardentes amontoaram nas pálpebras lutando por derramar. Edward não, Edward não, seu irmão mais velho, seu querido amigo, seu herói! Não acreditava, não acreditaria!

Edgar lhe falou ao ouvido enquanto acariciava as costas com uma mão. Edgar, que nunca a tinha abraçado abertamente nem tinha demonstrado seu carinho. Edgar, o moço que se converteu em um homem amadurecido.

— A ferida era mortal. Perdeu muita sangue. Graças a Deus morreu enquanto dormia, sem sofrimento.

Edward estava morto.

— Não posso... — começou a dizer Mary com voz rouca.

— Seu marido os liderava — espetou, deixando de abraçá-la e afastando-se dela. Mary se levantou diante suas palavras. — É invencível! Atravessou nossas filas solitário em repetidas ocasiões expondo-se à morte uma e outra vez... Mas ninguém pode aproximar-se dele sem cair vítima de sua espada. Abate a todos os que cruzam seu caminho. Dizem que está possuído. Ou isso ou é a personificação da Morte.

Dito aquilo, Edgar fez de repente um esforço por manter a calma.

Mary estava imobilizada pelo medo. Estava segura de que Stephen soube de algum jeito de sua escapada. Não tinha nenhuma dúvida. Não estava possuído pelo diabo, mas sim por uma raiva desumana.

— Jurou semear um atalho de destruição a sua porta, Mary — anunciou ao mesmo tempo em que a agarrava pelo braço. — Libertou um dos prisioneiros para que nos fizesse chegar essa mensagem. Suas palavras exatas foram que quer que retorne, mas não apesar de sua traição... a não ser precisamente por ela.

— Quer me castigar — sussurrou tremendo.



— Suponho que o que quer é te matar — murmurou Edgar. — Vi de passada seu rosto em Alnwick e inclusive me aterrorizou.

Mary gemeu. Odiaria-a tanto Stephen para desejar matá-la? Desejaria vê-la morta?

A rainha da Escócia morreu dois dias depois. Mary estava intumescida, chocada, exausta. De repente, percebeu que ainda seguia ajoelhada ao lado do corpo de sua mãe, sujeitando suas mãos rígidas. Quanto tempo levava naquela posição? Obrigou seu corpo a obedecer a mente, e conseguiu ficar torpe e dolorosamente em pé.

O som de uns soluços angustiados, um som que tinha dado começo um tempo atrás, ressonou pelo quarto. Era a maneira que tinham os escoceses de manifestar abertamente sua dor, sem restrições. A jovem escutou os lamentos das damas de Margarida que estavam justo do outro lado da porta, aos homens e às mulheres do salão da planta baixa, que também soluçavam e gemiam, e aos servos que se reuniram à entrada do castelo. Aquele lamento comum e esmigalhado golpeou uma e outra vez contra ela até que a dor finalmente começou a atravessar a comoção de Mary.

Sentiu como a dor crescia e crescia no interior de seu peito deixando-a sem ar. Afogava-se.

Morta. Mary afogou um grito. Morta. Deus, era uma palavra tão definitiva... Olhou a Margarida, tão serena na morte como tinha sido em vida. Morta. Não parecia possível. Não, sua mãe não! Queria gritar e chorar, tal e como estavam fazendo as mulheres no salão, entretanto, tentou se conter. Devia controlar sua dor um pouco mais. Agora devia pensar em seus irmãos. Necessitariam-na para atravessar aquele terrível momento de perda. Mas a realidade da morte de sua mãe a venceu.

— Mãe, amo muito você!



Parecia impossível. A rainha da Escócia estava morta! Margarida, sua querida mãe, estava morta, igual a seu pai e seu irmão. Aquilo era injusto! Não podia suportá-lo, não podia!

Sem pensar, procurando um consolo que não encontraria, apoiou-se contra o áspero muro de pedra da parede e começou a chorar até ficar sem forças. Logo golpeou as pedras do muro até que as mãos sangraram, gritando sua dor. Naquele momento odiava Stephen por sua participação em suas mortes, em seus assassinatos. Todos estavam mortos, Malcolm, Margarida, Edward... Não voltaria a vê-los de novo.

Finalmente já não pôde seguir chorando, seus joelhos cederam e ficou prostrada no chão. Deus, o quanto estava cansada! Mal podia sentar. Não podia continuar assim, não podia, estava tão exausta que duvidava que pudesse sequer caminhar.

Mas inclusive em seu estado, pensou no perigo que se abatia sobre Edimburgo, um perigo que a ameaçava não só a ela, mas também a seus irmãos, inclusive a Escócia. Secando as últimas lágrimas, disse-se que não havia tempo para chorar. Havia muitas coisas em jogo. Vidas. Um reino.

Malcolm estava morto. A Escócia era um reino sem rei. A corte estava em Edimburgo e os clãs, mais fortes do território chegariam logo com a esperança de ficar com o poder. Naqueles momentos devia haver ao menos uma dúzia de chefes importantes aproximando de Edimburgo esperando ficar com a coroa.

Todos seus irmãos tinham direito legítimo a reclamar o trono. Edmund não importava. Poderia cuidar de si mesmo, como sem dúvida estava fazendo. E Ethelred estava a salvo ao ser um homem de Deus. Mas ela tinha a responsabilidade de cuidar de seus outros três irmãos. Todos e cada um deles supunham uma ameaça para o próximo rei da Escócia. A Mary não ocorreu pensar que a responsabilidade também deveria recair em Edgar.

Decidida, obrigou-se a ficar de pé sem sentir que seus movimentos eram os de uma anciã.

De repente, ficou imóvel. Os sons que invadiam a habitação tinham mudado. O coração bateu com um medo instintivo enquanto tentava compreender o que estava



escutando. Pensou que podia tratar de um trovão distante, mas no céu não havia nenhuma só nuvem. Mary afogou um grito. O que estava ouvindo por cima dos surdos lamentos do castelo não era um trovão longínquo, a não ser o rápido avanço de um grande exército invasor. Oh Deus, tão logo não! É que alguma vez ia ter uma pausa?

Então Edgar irrompeu no quarto. Mary escutou lívida e chocada que Donald Bane tinha sido nomeado sucessor de Malcolm e que Edmund tinha unido forças com seu tio para usurpar o trono. Enquanto isso, fora, o trovão ia se fazendo mais forte.

Os irmãos se olharam em silêncio durante um instante. A jovem não sentia nenhum alívio, Edmund seria tão cruel naquelas circunstâncias como qualquer estranho... ou inclusive mais.

— Reúne a nossos irmãos! Faz-o agora! E traz uma carroça para... — Olhou a sua mãe. O controle que tanto havia custado conseguir esfumou e gemeu em silêncio. — Para a rainha. Enterraremos-na na abadia de Dunfermline, onde podemos procurar refúgio. Depressa!

Seu irmão saiu do quarto precipitadamente para cumprir suas ordens. Mary não podia deixar de tremer, não naqueles momentos, e se agarrou ao genuflexório para evitar desabar. A dor, o medo e um cansaço extremo a ultrapassavam, imobilizando-a.

Fazendo um grande esforço, a jovem se aproximou de sua mãe e a tampou. Edgar voltou em pouco tempo, olhou a sua irmã longamente e logo correu para a cama para levantar sua mãe em braços.

— Como pôde nos abandonar, Edmund? — Perguntou Mary, tratando de lhe seguir o passo.

— Já não faz parte desta família — afirmou Edgar enquanto corriam escada abaixo e saíam para fora do castelo. O sol brilhava com tanta força que durante um instante os cegou. Todos seus irmãos já estavam ali, exceto, é obvio, Edmund o traidor. Alexander estava tentando consolar ao pequeno Davie, que chorava enquanto Edgar depositava sua mãe em um carroça puxado por um cavalo.

Foi então quando Mary percebeu que no castelo reinava um silêncio aterrador. Todos os sons, inclusive os angustiantes lamentos, tinham cessado. Tratava-se de um



silêncio antinatural, aterrador. Então caiu na conta: o espantoso clamor do exército invasor tinha cessado. Mary gritou quando Edgar a obrigou a montar em um cavalo e subiu ele mesmo de um salto a seu próprio corcel. O exército parou... Para ficar em posição de ataque!

— É Donald Bane, verdade?

— Não. — Edgar ficou a seu lado.

— Então... Quem? — Aterrada, não pôde seguir falando.

Seu irmão dirigiu um olhar largo e escuro, e então Mary soube. Chocada, sentiu que em seu peito se mesclavam todo tipo de sentimentos: amor, ódio, medo...

— É o bastardo de Northumberland — espetou Edgar. — Trouxe seu exército diretamente até Edimburgo. Acaso veio reclamar o trono para si mesmo?

— Não — sussurrou Mary, sentindo que enjoava — veio reclamar a mim.



Quarta Parte

Exilada

Capítulo 24

A abadia de Dunfermline estava situada sobre um montículo justo ao outro lado do estuário de Forth, em Edimburgo. Estava rodeada de grossos muros de pedra de meia altura que, apesar de que servissem de barreira para vagabundos e foragidos, não podiam impedir o passo de um exército invasor. E isso era exatamente ao que enfrentava agora a abadia, pensou o abade aterrorizado.

Uma centena de soldados a cavalo, com as armaduras quase ocultas sob as grossas capas que todos e cada um levavam para proteger do intenso frio, formavam uma linha na ladeira da colina coberta de neve. O sol refletia sobre cem escudos, e cem cavalos fortes pisavam no solo nevado, convertendo-o em barro escuro. Uma bandeira negra, branca e dourada ondeava as filas dianteiras. No centro tinha uma rosa de caule curto, a rosa vermelha de Northumberland. Se aquilo não fosse suficiente para que ao abade tremessem os joelhos, naquele momento tinha na sua frente o líder daqueles normandos que o olhava da grande altura de seu magnífico cavalo de guerra. O abade supôs que tivesse resultado igual de imponente se estivesse de pé.

Não tinha posto o elmo, assim pôde vê-lo claramente, e seus marcados rasgos, aterradores em sua frieza, assustaram-no inclusive mais que aquele grande desdobramento de poder diante da óbvia falta de defesas da abadia.



O abade de Dunfermline tinha decidido receber seu visitante com valor, abrindo a estreita porta lateral que havia no muro e saindo ao exterior. Aquela entrada podia permitir o passo a um homem a pé, mas não a um com cota de malha e fortemente armado, e muito menos a uma tropa de cavaleiros. Para isso necessitariam que abrisse as duas portas dianteiras, algo que tinha decidido não fazer. Embora era muito consciente de que se o homem que tinha diante si decidia entrar na abadia contra sua vontade, não haveria nada que pudesse impedi-lo.

— O que deseja, milorde?

— Estão dando refúgio à princesa Mary. Soltem-na imediatamente.

O abade não tinha medo por si mesmo nem pela abadia, ou pelos monges e as monjas, mas sim pela jovem que tinha ido a ele em busca de abrigo para ela e seus irmãos em uma noite de inverno. Podia imaginar com facilidade o que o homem que tinha diante si poderia fazer a aquela princesa tão formosa e angustiada, e não tinha nenhuma intenção de entregá-la. Em silêncio sussurrou uma prece a Deus, sem dúvida necessitava de sua ajuda naquele momento.

— Senhor, sabe que esta é a casa de Deus. Ela procurou refúgio aqui. Não posso permitir que viole o sagrado asilo que protege este lugar.

— Senhor abade, preferiria não violar a casa de Deus. Mas se tiver que fazê-lo, farei-o. — Seu frio e selvagem olhar fez que o abade estremecesse. Sabia que aquele homem falava a sério.

— Não posso lhes permitir a entrada, senhor.

— Está a par que a mulher que procuro é minha esposa?

O abade engoliu saliva. É obvio que estava a par daquele fato.

— Mesmo assim, devo me negar. É uma questão de meu dever para Deus.

— Vou entrar pela força. — A determinação marcava os traços do normando.

O abade elevou o queixo, apertou os lábios e não se moveu.

Stephen girou e elevou uma mão. Dois cavaleiros posicionaram imediatamente à frente das tropas.

— Derrubem as portas — ordenou.



Geoffrey ia montado ao lado de Stephen. Sua tez mostrava uma palidez extrema, mas não protestou. Os dois cavalheiros avançaram com as grandes lanças em riste e avançaram contra as portas. A madeira rangeu e gemeu, mas os fechamentos de ferro não cederam. Uma nova carga teve êxito e as duas portas abriram com um bramido.

O abade olhou ao senhor de Warenne. Tinha o rosto gasto e macilento, como se não tivesse dormido durante dias. Entretanto os olhos brilhavam com uma intensa emoção... Uma emoção furiosa e cheia de ódio. Parecia uma besta mais que um homem.

Então, o normando voltou a fazer um gesto breve com a mão e esporeou seu cavalo para que avançasse. Uma dúzia de homens o seguiu para o claustro.

Uma vez dentro, Stephen desmontou e deslizou o olhar pela igreja da abadia, situada no fundo do recinto. Dentro dela, o sacrário¹ encontrava situado em direção ao oeste, olhando para Jerusalém. O normando não se incomodou em olhar nem um instante o resto das edificações, formadas pelo claustro retangular onde trabalhavam os monges entre os pilares e passeavam para fazer exercício, a capela, o refeitório e a zona destinada aos dormitórios.

— Não permita que ninguém saia — indicou a Geoffrey, dirigindo um único olhar.

Stephen cruzou a grandes pernadas o pátio gelado e se dirigiu diretamente à igreja. Abriu-a de um golpe e, uma vez dentro, parou um instante para que seus olhos acostumassem à penumbra.

Edgar estava no centro da nave com a mão na espada. Atrás dele, em pose similar, achavam-se seus irmãos pequenos, Alexander e Davie. Ethelred surgiu de entre as sombras dos bancos, claramente desarmado e com hábito, e se colocou ao lado de Edgar, também em frente a Stephen. Não havia nem rastro de Mary.

— Irá ao inferno, milorde — assegurou Ethelred em voz baixa. — Não vale a pena.

— Onde está? — Perguntou Stephen com frieza.

¹ **sacrário** *s. m.*

1. Pequeno armário colocado sobre o altar e no qual se guarda o cibório.

2. *Por ext.* As hóstias que estão no cibório.

3. *Fig.* O íntimo, o mais recôndito do coração humano.

4. Lugar íntimo, lugar reservado onde se guardam coisas que apreciamos e respeitamos.



— Foi-se — espetou Edgar. — Nunca voltará para seu lado. Nunca.

O normando respirou fundo. Sentia uma raiva imensa.

— Onde foi, Edgar? Responda-me. Não me obrigue a lhe surrupiar isso.

Ele também levou a mão à espada e cada palavra que pronunciava era como uma laje. O controle que exercia sobre si mesmo era tão precário que se não conseguia o que procurava o perderia e cortaria ao irmão de Mary em pedaços como forma de obter a informação que desejava e chegar até sua esposa.

Ethelred deu um passo adiante.

— Não permitirei que manche esta igreja com sangue e guerra! Ela não partiu. — Dirigiu a Edgar um olhar sombrio. — Está na zona destinada aos dormitórios. Negou-se a procurar refúgio neste lugar sagrado, milorde. Pensa nisso.

O sorriso de Stephen resultou aterrador. Não importava a razão pela qual não tinha querido refugiar-se com seus irmãos na igreja. Saiu dali dando grandes pernadas, cruzou o claustro e se dirigiu ao lugar indicado por Ethelred. Quando abriu a porta encontrou uma sala larga e estreita. Havia pequenas habitações em fila, cada uma com uma cama. Stephen percorreu a sala olhando em cada habitação. Todas estavam vazias. Quando já tinha inspecionado ao menos duas dúzias daqueles cubículos, encontrou-a.

Estava na última habitação, contra a parede, olhando para a soleira, esperando-o.

Stephen mal podia respirar, a fúria o afogava. Durante um comprido instante não se moveu. Com seus olhos lhe ordenou que guardasse silêncio, porque se oferecia uma só palavra de explicação, uma maldita mentira mais, sabia que perderia o controle e a mataria.

Mas era esperar muito. Mary tremia e estava pálida como a neve que cobria os olmos nus. Entretanto, falou.

— Milorde — disse com voz rouca. — Por favor, por favor, escuta...

Como tinha imaginado, Stephen perdeu o controle. Elevou a mão e a golpeou no rosto com a palma aberta. Mary afogou um grito quando bateu com força contra a parede e logo caiu no chão.

Stephen girou para ela, ofegando, tremendo, odiando a si mesmo... Mas não tanto como a odiava.



— Não — disse finalmente, quando conseguiu falar. — Não me conte nenhuma mentira mais. Não há nada que possa dizer que me interesse escutar.

Mary ergueu-se apoiando nas mãos e sentou no frio chão de pedra. O quarto girava, e com ela a poderosa e imensa figura de Stephen. A dor apoderou dela feito ondas. Mas ainda conseguiu pensar se ele teria lhe quebrado a mandíbula e se teria tudo terminado definitivamente entre eles.

— Adverti-lhe isso. Não... Não te atreva a falar. Se disser que não quero ouvi-la, é que não quero. Vou enviá-la para Tetly.

Mary piscou. A dor que sentia estava transformado, adquirindo uma natureza diferente. Ia mandá-la para o exílio. Ao menos não a mataria, não sabia muito bem o que esperar quando por fim se encontrassem. Tinha precisado de uma boa dose de coragem para ficar em seu quarto esperando-o, em lugar de se esconder na igreja. Stephen não ia matá-la, mas não sentia alívio. O exílio era um destino que temia tanto como à morte. Porque, acaso não era a morte de seu matrimônio?

E ele não ia permitir que ela falasse em sua defesa. Mary queria falar, precisava falar... Mas agora seu marido a aterrorizava, tinha medo de que estivesse tão fora de controle que voltasse a golpeá-la e a matasse junto com a vida que levava em seu ventre. Ou talvez albergasse aquela sinistra e mortífera intenção dentro de seu peito e só necessitasse o leve fôlego que proporcionassem as palavras desesperadas de Mary.

Ela começou a chorar outra vez, como fazia com tanta freqüência durante aqueles dias enquanto revivia em sua mente a imagem de Malcolm lhe dizendo que já não era sua filha, de Edward levando-a dali, abraçando-a, consolando-a, de sua mãe ajoelhada na capela de Edimburgo enquanto rezava.

E todos estavam mortos. Era muito. Não podia suportá-lo.

Seu marido, o pai de seu filho ainda não nascido, o homem ao que ela tinha odiado brevemente e deveria seguir odiando embora não pudesse, odiava-a. Odiava-a o suficiente para enviá-la para longe, sem dúvida para sempre. E se não era cuidadosa, seu ódio poderia levá-lo a matar sem pensar a ela e a seu filho.



— Suas lágrimas não me comovem — disse Stephen com frieza. — Não voltará a me comover de novo.

Mary queria lhe contar do menino. Talvez se falava da vida que florescia em seu interior se acalmasse, inclusive pode que voltasse a amá-la. Estava desesperada. Faria algo para que voltasse a amá-la.

Mas então ele disse:

— Quando tiver me proporcionado um herdeiro, a exilarei na França.

Chocada, a jovem ficou imóvel. Sabia que aquele fato resultaria irrevogável. Uma vez encerrada em um convento francês, não poderia voltar a aproximar dele, nunca conseguiria fazê-lo mudar de opinião... Porque não voltaria a vê-lo de novo. Durante um instante se sentiu tão doente que pensou que ia vomitar.

Stephen aproximou da porta, mas antes de sair, girou ficando meio de lado para ela.

— Estou muito furioso para pensar sequer em me deitar contigo em algum momento de um futuro próximo. Mas é jovem e minha ira acabará cedendo. Quando a necessidade me visitar, eu irei em busca de ti. Cedo ou tarde terei um filho — assegurou olhando-a com olhos cheios de ódio.

Mary gemeu. Quando lhe desse um herdeiro, Stephen a enviaria para longe e tudo teria terminado definitivamente entre eles.

As seguintes palavras de seu marido confirmaram suas suspeitas:

— E quando tiver a meu filho, já não haverá mais necessidade.

Ao ver como girava e partia, Mary desabou no chão em meio soluçando. Mas já não era consciente de seu rosto marcado, só da dor que sentia no peito, da angústia. Tinha lhe destroçado o coração. O tinha quebrado em mil pedaços, deixando em seu lugar uma pena dilaceradora.



Geoffrey foi em busca de sua cunhada e ela observou como empalidecia ao ver o rosto. Tinha um lado da mandíbula inchado, logo estaria púrpura.

— Está bem? — Perguntou aproximando-se e pegando pelo braço, relaxando um pouco sua atitude severa.

A jovem o olhou e os olhos voltaram a encher de lágrimas.

— Nunca voltarei a estar bem.

— Ele nunca esquecerá isto, Mary, mas com o tempo abrandará um pouco, com o tempo acredito que perdoará — assegurou muito sério.

Ela fechou os olhos um breve instante.

— Como eu gostaria de acreditar. — Abriu-os. — Eu não fugi dele, milorde. Não o fiz. Eu só queria parar a guerra. Acreditei que meu pai escutaria minhas súplicas. — As lágrimas caíram. — Amo Stephen. — Fazendo um grande esforço, conseguiu controlar sua emoção. — O amo desde que o vi pela primeira vez em Abernathy.

Geoffrey se sentia incômodo e de uma vez desconcertado.

— Talvez devesse dizer isso a ele, Mary.

— Como poderia fazê-lo? Nega-se a acreditar. Sua fúria me aterra. E não só me dá medo lhe falar, mas também tenho medo de me aproximar dele.

— Deve deixar que passe um pouco de tempo. A próxima vez que veja Stephen certamente será capaz de conversar com ele sem medo de sua brutalidade. Não é própria dele.

— Possivelmente tenha razão — disse Mary com debilidade enquanto sentia como crescia em seu interior outra onda de angústia que ameaçava sufocá-la.

Poderia sobreviver aos seguintes minutos, ou mais difícil ainda, aos próximos dias?

Se queria que Stephen voltasse para ela, teria que fazê-lo. Não podia imaginar quando voltaria a vê-lo. Teria que fazer muito mais que sobreviver nos próximos dias. Teria que enfrentar muitos meses antes de ter a oportunidade de voltar a vê-lo, de se defender e recuperá-lo.



Mas se transcorria mais de um mês ou dois desde aquele momento até que voltassem a se encontrarem, sua gravidez seria óbvia. Sem dúvida ficaria furioso com ela por não ter contado. Mas se o dizia agora, enviaria-a longe e não iria sequer “visitá-la” em seu exílio. Mary teve uma vez mais a certeza de que a única esperança de salvar sua relação residia no desejo que sentiam um pelo outro... se é que aquele desejo seguia existindo da parte de Stephen. Não estava muito segura disso.

Sentia-se exausta devido ao encontro com seu marido, a perda de seus pais e de seu irmão, os dias que tinha passado cuidando de sua mãe enquanto agonizava, a reunião com seu pai e sua louca fuga de Alnwick. Estava absolutamente segura de que era incapaz de suportar mais nada. Quando Geoffrey a levou para fora, Mary teve que lutar para controlar suas selvagens emoções. Embora tinha muitos motivos para chorar, não queria mostrar sua debilidade diante de Stephen, seu irmão e seus homens, os monges e o bom abade. O único que ficava era seu orgulho.

Então algo moveu na parte inferior de seu abdômen, obrigando-a a conter a respiração. Não estava sozinha, tinha a seu filho.

Quando aproximou de seu marido escoltada pelo arqui-diácono, os cavalheiros afastaram a vista. Geoffrey a ajudou a subir no cavalo e logo montou atrás dela. Mary secou os olhos e seu olhar cruzou brevemente com o de Stephen. Ambos afastaram o olhar rápido e friamente.

Odiava-a.

Então Mary viu seus três irmãos, Edgar, Alexander e Davie, montados a cavalo em meio dos cavalheiros normandos.

— O que vai fazer com eles? — Perguntou tensa.

— Aqui não estão a salvo, Mary — respondeu Geoffrey.

— É obvio que o estão!

— Stephen não entrou sem problemas para buscá-la?

A jovem deslizou o olhar pelas largas costas de seu marido. Se ele era capaz de entrar em uma abadia e romper as leis de Deus, sabia que alguém como seu tio Donald ou seu irmão Edmund, poderiam fazê-lo também. Estremeceu. Aquela mesma noite souberam



que os arrivistas já tinham tomado o poder. Mary nem sequer queria pensar na possibilidade de que seus irmãos caíssem em mãos de Donald Bane ou Edmund.

— Onde Stephen vai levá-los? — Perguntou em um sussurro.

— Para Alnwick. Ao menos por agora.

Mary se sentiu aliviada. Seus irmãos estariam a salvo em Northumberland durante todo o tempo que tivessem que permanecer ali. Ao menos não teria que preocupar com eles também. Já tinha bastante consigo mesma.

As tropas, com Stephen à cabeça, Mary montada atrás de Geoffrey e seus irmãos agora convertidos em prisioneiros situados no meio, saíram pelas portas da abadia. Apesar do cansaço, a jovem foi consciente de que, embora ia contra sua natureza, agora devia ser paciente. Fosse o que fosse seu destino ou o de seus irmãos, no momento não estava em suas mãos. Tinha chegado o momento de esperar. Não importava seu sofrimento na espera. Necessitava desesperadamente uma pausa. E ao que parecia Stephen estava oferecendo isso sem dar conta ao exilá-la em Tedy.

Seu exílio começou sem aviso. Pouco depois de cruzar o rio Tweed e entrar nos domínios de Northumberland, as forças normandas dispersaram. Geoffrey e duas dúzias de soldados se dirigiram para o leste levando Mary com eles, e Stephen e o resto de suas tropas continuaram para o sul, em direção a Alnwick com seus três irmãos.

A Mary permitiram uma breve despedida de sua família e abraçou por turno a Edgar, a Alexander e a Davie, pedindo-os que não se preocupassem com ela em nada.

— Tudo sairá bem ao final, lhes prometo — disse isso com o que confiava parecesse autêntica convicção.

Sua segurança era tão somente uma fachada, já que em seu interior estava cheia de dúvidas e temores. E para piorar as coisas, não só seus irmãos pareciam tão pouco convencidos como ela, mas sim Mary não pôde evitar umas lágrimas carregadas de pesar ao vê-los partir.



Não despediu de Stephen. Não lhe deu a oportunidade. Seu marido separou do grupo que partia e permaneceu montado de costas para ela. Nenhum outro gesto poderia resultar mais eloqüente. Quando a jovem voltou a subir no cavalo, soube que Stephen tinha utilizado sua vontade de ferro para arrancá-la de seu coração.

Horas mais tarde, cavalgaram na direção leste e chegaram a Tetly. O ânimo de Mary, que já estava muito baixo, caiu ao chão quando divisou pela primeira vez o solitário castelo. Estava construído sobre um longínquo e árido escarpado situado justo em cima do canal na costa que encontrava com o rio Tyne. Um caminho precário e sinuoso levava até suas portas oxidadas. Com tal localização, uma invasão e um cerco eram impraticáveis. Mary soube mais tarde que escolheu Tetly precisamente por esse motivo, e que por aquela mesma razão tinha caído fazia muito tempo em desuso e no esquecimento.

Não havia necessidade de ponte levadiça. As portas abriam diretamente sobre o caminho íngreme e cheio de buracos. Parecia que Stephen tinha enviado um grupo avançado com uns quantos serventes, um mordomo e um governanta, porque a grade de ferro, obstinada pela falta de uso, levantou-se imediatamente permitindo que atravessassem os sombrios muros de pedra que rodeavam o pátio do pequeno castelo. O barro estava congelado sob seus pés. Mary olhou ao seu redor com desespero. As poucas construções exteriores que ainda se mantinham em pé tinham caído no abandono e eram impraticáveis. Os muros derrubaram e os telhados vieram abaixo. Inclusive tinha que erigir um novo estábulo para albergar aos cavalos e a uns quantos porcos.

Quando dirigiram para o castelo Mary pôde observar que consistia em uma única e solitária torre negra que dava as costas ao escarpado e à costa, exposta em três lados e constantemente assediada pelos fortes ventos do canal. Nos degraus da entrada estava seu pessoal: duas donzelas, um jovem servo, um mordomo mais velho, e um governanta roliça e com gesto de preocupação.

A jovem se encolheu dentro da capa. Fazia muito frio. Mas seu gesto se devia mais a um profundo desgosto que ao tempo. Durante quanto tempo ia viver ali? E quanto tempo transcorreria até que Stephen fosse “visitá-la”? Quando Geoffrey ajudou-a a descer do cavalo, Mary se sentiu invadida pelo pânico e agarrou a mão dele.



— Não vai, verdade?

— Mandei um aviso ao arcebispo Anselm dizendo que me vou atrasar. Ficarei uns dias para fiscalizar umas quantas reparações e me assegurar de que te instala comodamente — a tranqüilizou com expressão sombria.

— Comodamente? — perguntou ela com amargura.

— É certo que Tetly conheceu dias melhores, mas não te faltará de nada, prometo-lhe isso.

As palavras de Geoffrey demonstraram ser bastante acertadas. Tetly tinha sido bem abastecido antes de sua chegada. Obviamente Stephen estava preparado quando emitiu seu veredicto contra ela. O mordomo era eficaz e estava desejando agradar, e governanta era amável embora também parecia lhe ter lástima. Nas habitações de Mary havia sempre um grande fogo aceso para combater o onipresente frio e lhe serviam o que desejasse comer ou beber. Ela estava muito doída para ter apetite, mas pensava no menino e comia mais do que o faria normalmente.

Geoffrey ficou uma semana, algo que Mary agradeceu. Durante o dia ajudava à governanta. Não tinha nada mais que fazer, mas estava decidida a se manter ocupada para não pensar na tragédia que a tinha golpeado. Pelas noites conversava com o Geoffrey diante do fogo. Se tivesse podido ficar indefinidamente... Era alegre e considerado. Mas quando teve terminado a reparação do estábulo, partiu, e a jovem não ficou mais remédio que enfrentar sua solidão.

Eram as noites as que punham em perigo sua saúde mental. O vento uivava dificultando o sono, e quando conseguia dormir, o fazia de modo intermitente e intranquilo. Torturavam-na desejos que eram sonhos impossíveis. Sentia saudade desesperadora de Edward e sua mãe. Não podia acreditar que não fosse voltar a vê-los. E como desejava que nunca tivesse existido a última conversa que manteve com seu pai. De repente Malcolm era um desconhecido em sua memória, não o maravilhoso pai e rei que sempre tinha sido. Mary queria recordá-lo como o tinha conhecido durante toda sua vida, não como a última vez que o tinha visto. Desejava poder estar segura de que a tinha



querido apesar de suas cruéis palavras, apesar de tê-la utilizado e apesar de seu rechaço. Mas não podia. E agora... agora nunca saberia com certeza.

E sobre tudo, sentia desesperadamente a falta de Stephen e o queria. Não ao homem frio e cheio de ódio no que se tornou, e sim no amante ardente, o marido respeitoso, o homem justo e honrado que lhe tinha roubado o coração. Necessitava-o. Nunca o tinha necessitado tanto. Mas só viria quando lhe conviesse, não quando ela quisesse, e seria só para utilizá-la.

Os dias transcorreram dentro de uma cômoda monotonia. Janeiro se transformou em fevereiro e uma tormenta de neve seguiu a outra sem que cessasse nunca o vento. Mary odiava Tetly. E em ocasiões também odiava Stephen. Odiá-lo era muito melhor que amá-lo, e Deus sabia que tinha razões para odiá-lo. Mas a chama da ira não durava muito e sempre dava lugar a um pesar incontrolável.

Seu corpo tinha mudado. Com as túnicas só era óbvio que os seios tinham crescido. Mas quando estava nua, Mary adorava ver como crescia seu pequeno, mas firme ventre. Ao menos tinha a seu filho, pensava. Queria-o com todo seu coração e se tornou protetora e maternal. Não estava louca, mas ao encontrar-se tão só tinha começado a falar com ele, e inclusive, às vezes, cantava canções de ninar em escocês. Os serventes e a governanta a olhavam com uma mescla de medo e compaixão. Sabiam que estava esperando um filho porque Mary não fez nenhum intento de esconder sua condição, e quando a viam sussurrar estando sozinha, benziam-se ou faziam sinais pagãos antes de sair correndo. A jovem não importava o que pensassem. Se não tivesse estado esperando um filho certamente teria perdido toda esperança, a prudência inclusive.

O tempo passou e Mary perdeu a conta dos dias. Mas ao menos a neve tinham cessado. Tinha sido um inverno particularmente frio, disse a governanta. Agora só ficava o vento. Mas uma tarde o sol apareceu timidamente por entre as nuvens baixas e grossas. E outro dia, quando a jovem estava tomando o ar na muralha do castelo, viu brotos verdes de erva aparecendo entre o barro. Olhou para o céu e sorriu. Não havia nuvens e o sol resplandecia. Já estavam em algum momento de março e podia cheirar a primavera no ar. Respirou profundamente, e naquele instante a angústia que tinha lhe atormentado durante



tanto tempo abandonou-a. Tinha sobrevivido a um comprido e lúgubre inverno e de repente sentia cheia de esperança. A primavera significava renovação e renascimento. Ao fim podia confiar na chegada de dias mais agradáveis, e, com a entrada do verão, o nascimento de seu filho. O coração dava saltos de alegria ao pensá-lo.

Não podia faltar muito para que Stephen chegasse.

— Cavaleiros, milady!

Mary elevou a vista do estrado no qual estava comendo sozinha e deixou cair o talher que sustentava.

— Cavaleiros?

— Estão muito longe para distingui-los, mas é um contingente bastante grande e levam uma bandeira, milady — anunciou o servente. Acabava de vir correndo da torre e estava sem fôlego.

Mary não se moveu, mas o coração pulsava com tanta força que sentiu que ia desmaiar. Era Stephen. Sabia. Oh, Deus, sabia! Estava completamente emocionada, cheia de ilusão e de medo. Oh, Deus, devia fazê-lo tudo bem! Devia recuperá-lo!

Mary ficou em pé de um salto. Estava grávida de cinco meses, mas por ser de constituição magra, sua condição ainda não era óbvia quando estava completamente vestida. É obvio, Stephen notaria imediatamente que tinha ganhado peso, que tinha o rosto mais cheio e os seios maiores. Mary sentiu de repente angustiada. E se já não fosse tão bonita como antes?

Subiu as escadas como uma exalação e entrou em seu quarto para comprovar que sua vestimenta fosse a correta e colocar cada mecha de cabelo em seu lugar sob a touca. De repente, ficou imóvel. Stephen adorava seu cabelo. As mulheres casadas não o levavam solto, mas era sua arma agora que tinha perdido a figura. A jovem vacilou... O soltaria. Com



o coração acelerado e as mãos trementes, tirou as forquilhas a toda pressa e o deixou livre, deixando que caísse como uma cascata dourada e selvagem por suas costas. Se Mary estava segura de algo era que nunca antes tinha tido o cabelo tão bonito. Entretanto as mãos ainda tremiam quando o escovou rapidamente.

Estava tão nervosa que quase se sentia doente e tentou respirar fundo várias vezes para tentar acalmar-se. Tinha escutado aos homens entrando no salão inferior. Oh, Deus. E se ainda a seguia odiando? Parou na entrada de seu quarto e elevou uma rápida e curta prece. Logo ergueu as costas e elevou a cabeça. Abriu a pesada porta, parou um instante, e depois desceu lentamente pelas escadas.

Quando entrou no salão, ficou paralisada sem acreditar. Ali havia um homem, mas não era Stephen. Em seu lugar, sentado no estrado como se fosse o senhor de Tetly, estava o príncipe Henry. Um sorriso que encerrava todos seus perversos propósitos apareceu em seus lábios quando a viu. Como tinha prometido aquela solitária e escura noite nos muros de Alnwick, tinha ido a ela em seu exílio.

Mary o olhou fixamente e Henry fez o mesmo. Tinha um olhar divertido como resposta a sua comoção, a percorria com olhar de cima abaixo, primeiro o rosto, logo o cabelo e finalmente o corpo. Quando voltou a olhá-la nos olhos o fez com intensidade.

— Que formosa é. — Mary sentiu que encolhia o coração de medo, enquanto ele deslizava a vista para seus voluptuosos seios, que marcavam sob o tecido da túnica. — Nunca estiveste mais bela, princesa — assegurou Henry.

O coração de Mary voltou a pulsar com força. Avançou lentamente, lamentando ter soltado o cabelo. Mas já era muito tarde.

Pálida e assustada, decidiu jogar Henry dali... depois de saber do paradeiro de Stephen e o que andava fazendo.

— Bom dia, milorde. — Fez uma reverência. — Que surpresa.

Ele fez um gesto para que levantasse e lhe ofereceu uma mão para ajudá-la a subir ao estrado. Mary soltou rapidamente e o olhar de Henry voltou a refletir sua diversão.

— Por que te surpreende? — Perguntou. — Não disse que iria vê-la quando estivesse exilada?



Mary voltou a sentir uma de onda de pânico, mas sentou a seu lado com calma aparente.

— É muito amável de sua parte vir me visitar em uns momentos tão solitários — disse enchendo a taça de vinho. — Entretanto, custa-me trabalho acreditar que a amabilidade seja sua única motivação. Tetly está afastado de todos os caminhos.

— É certo, está isolado e abandonado. Que lugar tão espantoso! Mas parece que te cai bem. Resplandece, Mary. Significa isso que está encantada de estar longe de seu marido?

Henry deu um sorvo a sua taça de vinho sem afastar em nenhum instante os olhos dela.

— Não sou feliz estando longe de meu marido, milorde. Amo-o. Sonho com o dia em que me perdoe e me chame de retorno a seu lado — espetou girando para olhá-lo.

— Não acredito que esse dia chegue nunca, Mary. Traíste-o, e não é homem que perdoe a seus inimigos — afirmou com um sorriso.

— Eu não sou seu inimigo. Sou sua esposa.

— Uma combinação perigosa e letal, como ele bem sabe.

Zangada, Mary afastou a vista e se forçou a manter a calma. Aquela era a primeira visita que recebia em todo o inverno, e estava decidida ter notícias de Stephen, de seus irmãos e da Escócia. Não tinha recebido nenhuma só notícia durante os últimos meses.

— Como está Stephen?

— Está bem.

Isso não dizia nada a Mary.

— E... meus irmãos?

— Também estão bem. Desfrutam da hospitalidade de William Rufus. Edmund, é obvio, ocupa o trono de Escócia junto com seu tio Donald Bane. — A jovem guardou silêncio. A notícia de que seus irmãos eram agora prisioneiros reais não a surpreendia. — Está muito tranqüila. Sabia que Stephen está também ali? Passou na corte a maior parte do inverno.



Mary custava a acreditá-lo. Seu marido odiava a corte. Seus irmãos tinham sido chamados ali, e sem dúvida Stephen os teria escoltado, mas não podia compreender por que ficou também.

— O que está fazendo ali? — Perguntou com cautela.

Mary tinha esforçado aqueles últimos meses em não pensar no que seu marido poderia estar fazendo com outras mulheres, e o tinha conseguido. Mas já não. Na corte havia muitas damas formosas com pouca moral. Mary não suportava imaginá-lo nos braços de nenhuma outra mulher, fosse dama ou prostituta.

— Há pouco que fazer em Alnwick durante os largos meses de inverno, como você deve saber. Imagino que estará divertindo-se com toda tipo de intrigas — disse Henry com naturalidade.

Mary o olhou. Estava sendo cruel. Ela sabia que não se estava referindo a intrigas políticas. E de repente sentiu que já tinha tido suficiente.

Aquele distanciamento tinha chegado muito longe. Se Stephen tinha tomado uma amante, daria rédea solta a uma fúria como nunca antes tinha visto seu marido. Imaginou-o entrelaçado com sua antiga prometida. Era um pensamento horrível. Ela era sua esposa, a que devia estar entre seus braços.

— E Adele Beaufort?

— Casou-se em fevereiro com Ferrars — informou Henry com um sorriso. — Embora isso não a detém em seus malvados propósitos. — Sorriu mais abertamente. — Nem tampouco deixou a corte.

A jovem sentiu uma pontada no peito. Acaso estava insinuando Henry que Adele e Stephen tinham retomado sua relação?

Seguindo um impulso, inclinou-se para ele e pediu:

— Leve-me contigo quando partir. Desejo ir a corte e me reunir com meu marido.

Henry a olhou surpreso e logo riu.

— Vá como é atrevida! Não posso levá-la comigo. Embora quase valeria a pena só para ver o rosto de Stephen ao vê-la chegar. Mas te enviou ao exílio, e com razão. Se eu tivesse sido seu marido a teria metido em um convento para o resto de seus dias.



— Mas não é meu marido, verdade? — Perguntou ela em tom ácido.

— Não. — Henry inclinou para diante. — E seu marido não está aqui. — Sorriu. — Deve ter sido um inverno comprido e duro para ti.

— Não tão largo e tão duro como você gostaria — disse Mary com frieza. — Não me interessam seus cuidados, milorde. Apesar de todo o ocorrido, amo a meu marido e seguirei sendo fiel.

— Inclusive se digo que ele não está sendo fiel a você?

Deus, como doíam aquelas palavras.

— Inclusive assim.

— Acredito que te admiro, milady — disse o príncipe recostando-se em sua cadeira e exalando um suspiro. Seus olhos brilhavam perigosamente.

Aquela noite a jovem não pôde dormir. As palavras de Henry perseguiram-na. A infidelidade de Stephen produzia uma dor tremenda. Não deixava de imaginá-lo com a formosa e imoral Adele Beaufort, que agora devia chamar Adele Ferrars. Mary tentou pensar em uma maneira de escapar de Tetly e chegar a corte para reclamar a seu marido e sua posição como esposa. Mas escapar dali era uma tarefa impossível. A única maneira de sair era pelas portas de entrada, e tinham expressamente proibido de as atravessar. Se Henry tivesse levado uma carroça tentaria esconder-se nela quando partisse, mas não tinha sido assim. Revolveu-se na cama e ficou finalmente de flanco.

O único que podia fazer era enviar uma carta a Stephen com Henry. Sem dúvida o príncipe lhe faria esse favor.

De repente, ficou tensa. No meio do rugido do vento e do distante trovão das ondas rompendo na borda, Mary acreditou escutar o ruído produzido por uma porta ao abrir. Henry ocupava o outro quarto que havia naquela última planta, mas já devia estar dormindo profundamente.



De novo, pareceu escutar outro ruído que acelerou o pulso. Finalmente, quando o vento parou durante um instante, quando só ficava o suave e puxador som das ondas golpeando a borda ao longe, aos pés dos escarpados, tranqüilizou-se porque não escutou nada.

O alívio só durou um instante. Um segundo depois, Henry tinha deslizado em sua cama rindo entre dentes e apertando seu corpo excitado contra suas costas. Mary sufocou um grito, chocada.

— Não te surpreenda, querida — murmurou o príncipe esfregando-se contra o corpo feminino e acariciando seus seios com a mão. — Sei que deve estar desejando um homem.

Por um momento, Mary não pôde replicar. Ao menos, Henry ainda não se despiu, mas ela estava completamente nua.

— Farei com que me deseje — assegurou o príncipe com voz pastosa lhe apertando brandamente um seio e beijando-a no pescoço.

Mary saiu de seu estupor. Amava Stephen e não ia consentir que outro homem a tocasse.

— Saia de minha cama! Saia de minha cama neste instante!

Ele respondeu esfregando-se prazerosamente contra ela.

A jovem fechou os olhos e amaldiçoou seu marido por havê-la deixado assim, expondo-a a uma situação como aquela. Logo aspirou com força... e cravou o cotovelo nas costelas de seu agressor com todas suas forças.

Ele afogou um grito e Mary conseguiu ficar sobre suas mãos e joelhos. Henry emitiu um grunhido zangado e a empurrou bruscamente obrigando-a a ficar de barriga para baixo.

Mary gritou quando se colocou em cima dela e começou a manipular suas calças.

— O bebê, maldito seja! Você vai fazer mal a meu bebê!

O príncipe ficou paralisado. Um instante depois a pôs de barriga para cima e pôs as mãos sobre seu ventre. Desesperada, Mary conseguiu escapar e sair da cama.

— Maldição! — Exclamou Henry chocado enquanto sentava.



A jovem estava em frente ao fogo, olhando ao seu redor enlouquecida em busca de uma arma. Por fim, cravou os olhos no atizador. Agarrou-o e o elevou com gesto ameaçador.

O olhar do príncipe posou imediatamente no arredondado ventre. A gravidez era mais que evidente. Logo fixou no “v” que formavam suas coxas e em seus seios trementes.

— Isso não é necessário — disse secamente. — A violação não entrava em meus planos.

— Ah, não? — Perguntou Mary com voz quebrada. Não importava o que dissesse. O príncipe tinha estado a ponto de violá-la.

A resposta de Henry foi sair da cama e acender uma vela. Levantou-o e voltou a olhá-la.

— Stephen não sabe? — Sua voz tinha adquirido um tom frio e duro. Era a voz de um aristocrata irritado.

Ao ser repentinamente consciente de sua nudez, Mary baixou o atizador e se cobriu com uma das peles da cama. Tentando manter a calma, obrigou-se a enfrentar o príncipe com cuidado, em plena posse de suas faculdades.

— Não, Stephen não sabe.

— É dele?

— Sim, milorde, é de Stephen. Não poderia ser de outro. — Sua voz era firme e soava indignada. — Nunca deitei com nenhum outro homem e nunca o farei. — As lágrimas nublaram de repente a visão.

Henry seguia muito sério.

— Tem direito de saber.

Mary estava de acordo, mas ficou paralisada. Sua única esperança de ver Stephen residia em que pensasse que não estava grávida. É obvio, o que tinha ocorrido com o príncipe ocorreria também com seu marido. Assim que tirasse a túnica veria que já estava esperando um filho... se não adivinhava antes. Mas ao menos poderia vê-lo e falar com ele, era a única possibilidade de arrumar sua relação. Mas se Henry lhe contava que já estava grávida, enviaria-a longe, como tinha prometido que faria. Aterrada, Mary imaginou algo



muito pior que tudo o que tinha ocorrido até o momento: dar a luz a seu bebê e que o tirassem enquanto ela ficava atrás, encerrada em um convento francês para sempre.

— Não pude contar-lhe.

— Devo fazê-lo. Tem que sabê-lo imediatamente!

— Que bom amigo é! — Espetou-lhe Mary com lágrimas nos olhos. Odiava ter que suplicar, mas o faria. — Por favor, deixa que eu conte.

— Quando? Quando tiver nascido o menino? — perguntou em tom sarcástico.

— Não — ocorreu a Mary a solução de seu dilema, a resposta a suas preces, acabava de chegar. — Pedi isso antes, mas por uma razão diferente. Agora volto a lhe pedir isso. Leve-me contigo. Eu direi, mas cara a cara. Por favor. Tenho direito.

Henry a olhou fixamente, mas a jovem não pôde discernir no que estava pensando, seus indecifráveis olhos não deixavam transparecer nada. Por último, assentiu com a cabeça.

Mary esteve a ponto de desvanecer de alívio. Ia a corte. Contaria a Stephen sobre o menino e lutaria por seu futuro.



Quinta Parte

A Promessa da Rosa

Capítulo 25

Adele não tinha visto Geoffrey de Warenne desde suas bodas com Henry Ferrars, mas pensava pôr fim a essa situação aquele mesmo dia.

A liteira em que viajava parou. Como tinha as cortinas abertas, pôde ver que tinha chegado a seu destino. Embora seguia rodeada por duas dúzias dos melhores cavaleiros de seu marido, distinguiu a catedral de Canterbury elevando-se orgulhosa para o céu azul apenas uma dúzia de passos diante dela.

Levava muito tempo sem ver Geoffrey e isso tinha resultado duro. Suas bodas aconteceu no primeiro dia de fevereiro e já estavam no mês de abril. Era um terrível desperdício. Seu marido havia ficado aquelas últimas semanas em Tutberry, muitas milhas a oeste de Essex, onde ela se encontrava sozinha e cada vez mais desesperada. Adele tinha enviado a Geoffrey numerosas missivas... Mas ele não tinha respondido.

A jovem não fez ameaça de sair da liteira. Sentia tantas emoções concentrando-se na boca do estômago que não podia mover-se, ainda não. Estava furiosa, muito furiosa diante de seu óbvio rechaço. E tinha medo. Ela, a mulher mais cobiçada do reino, tinha medo de que seu amante tivesse cansado dela.

Sua relação tinha sido complicada desde o começo. Depois das bodas de seu irmão, Geoffrey tinha seguido vendo-a durante vários dias até que o chamaram para formar parte da invasão de Carlisle. Mas quando acabou a guerra não retornou a seu lado, como Adele confiava que fizesse. Esperou e esperou que aparecesse, mas nunca o fez.



Angustiada, começou a lhe enviar missivas. A princípio tentando persuadi-lo, logo urgindo-o, e finalmente exigindo que retornasse. As respostas de Geoffrey eram curtas. Seus assuntos o retinham, Adele devia se entreter com seus próprios interesses.

Ela não só tinha medo de que cansou dela, também estava indignada. Parecia-lhe claro que estava sugerindo que tomasse outro amante. Mas nenhum outro homem poderia interessá-la naqueles momentos. E o mais importante, estava ferida... Mas se negava a identificar aquele sentimento.

Enquanto isso, suas bodas com Ferrars, um homem de meia idade, aproximava. E então, justo duas semanas antes daquele evento que tanto temia, Geoffrey mandou uma mensagem solicitando um encontro. Tinham transcorrido dez largas e intermináveis semanas desde seu último encontro e seu tom era premente. Adele adivinhou a natureza de sua urgência. Tinha a intenção de negar, fazê-la interessante, torturá-lo, castigá-lo por sua negligência. Mas quando Geoffrey chegou, arrojaram-se um nos braços do outro como dois animais ávidos. Em questão de segundos ele tinha esmigalhado a roupa dela com sua adaga e a estava penetrando. Ambos alcançaram o êxtase imediatamente, mas ele não a deixou, mas sim tomou uma e outra vez. Como sempre, mostrou-se perito e insaciável. E pela primeira vez em sua vida, Adele ficou esgotada... e satisfeita. Entre eles não se acabaram as coisas.

Sentiu-se ainda mais agradada quando Geoffrey a buscou no dia seguinte e todos os dias daquela semana. Nas vésperas de suas bodas estava nos poderosos braços do arquidiácono, saciada e sem indício de arrependimento.

Sabia que ele não era feliz. Via-o em seus olhos, em cada traço de seu rosto. Adele estava encantada. Ama-me, pensou feliz. Tem o coração destroçado porque vou casar com outro.

No dia seguinte pronunciou seus votos matrimoniais. Jurou honrar e obedecer a seu marido e ser casta. Geoffrey esteve na missa, mas não no banquete nupcial. Saiu logo após a cerimônia, negando-se a olhá-la uma só vez... E após não havia tornado a vê-lo. Adele ainda estava zangada porque a tivessem entregue a Ferrars. Não importava quão hábil seu marido fora no campo de batalha ou quão leal fosse à coroa. Por isso no que



referia a ela não era mais que um arrivista de baixo berço, e nada poderia mudar nunca esse fato.

Ferrars era um homem ardente. Adele sabia que estava tão contente com aquele matrimônio como ela desgostada. Talvez inclusive se apaixonou por sua bela esposa. A jovem não tinha nenhuma intenção de desafiá-lo nem de pô-lo em evidência independentemente do que sentisse para ele. Nunca tinha sido uma estúpida. Se seu destino era converter-se em lady Ferrars, então faria todo o possível para que seu marido a venerasse. Embora se tratava de um homem poderoso, não conservava nada daquele poder no que se referia a Adele. Em menos de uma semana o tinha na palma de sua mão. Talvez fosse um grande estrategista tanto com seus amigos como com seus inimigos, mas não podia dirigir sua esposa.

Muito ao contrário do que ocorria com Geoffrey, ao que Adele mal podia controlar. Por não dizer que não o controlava absolutamente. Mas agora, agora aquilo ia mudar.

Adele desejava ao arquidiácono desesperadamente. Tinha que vê-lo. Estava completamente convencida de que não poderia viver sem ele. Converteu-se em uma obsessão tal que nem sequer havia tornado a tomar um amante. Quando estivessem juntos, quando voltassem a estar um nos braços do outro, daria-se conta de que seus medos eram absurdos. Ele a amava, estava convencida disso. E como não tinha ido vê-la... Era ela quem se atreveu a ir buscá-lo. Além disso, tinha algo a dizer-lhe, algo que mudaria sua relação para sempre, algo que não podia esperar. E depois de dizer, Geoffrey não poderia voltar a evitá-la nunca mais, uniria-os um laço que nunca poderia desatar.



Geoffrey não podia estar mais surpreso. O tempo parou enquanto se inclinava sobre uma larga mesa coberta de pergaminhos, para olhar ao jovem diácono que estava na soleira da porta. Encontravam-se em uma das câmaras da catedral de Canterbury, onde resolviam a maioria dos assuntos da ordem.

— Como diz?

— Está aqui uma tal lady Ferrars, milorde, e deseja falar com você.

Furioso, Geoffrey se ergueu. Aquilo era intolerável. Por fortuna, Anselm se encontrava em Londres. Maldita fosse! É que Adele não tinha compreendido o significado de sua negativa em atender sua chamada?

E não é que não queria vê-la. Sua luxúria por ela não tinha desaparecido absolutamente. Mas agora Adele estava casada e Geoffrey não podia enganar a um homem que por certo respeitava. Outros não teriam reparos em fazê-lo, mas ele não era como outros. Nunca o tinha sido. De fato, aquele fator acrescentado significava que por fim resultaria vitorioso em sua particular guerra contra si mesmo.

— Faça com entre — ordenou irritado.

Quando a jovem fez sua aparição, Geoffrey endureceu instantaneamente. Apesar de sua firme determinação, pensou que Adele estava arrebatadora com o manto de lã vermelha que vestia.

— Milorde — sussurrou ela fazendo uma reverência.

Geoffrey murmurou uma saudação incongruente e não a ajudou a erguer-se. Por desgraça, o diácono partiu deixando-os a sós.

— Lady Ferrars, vejo que o matrimônio lhe fez muito bem — disse Geoffrey com brutalidade.

Quanto antes partisse, melhor. Depois de tudo, não confiava plenamente em si mesmo.

O olhar de Adele escureceu e apagou do rosto seu sorriso sensual característico.

— É obvio que sim — conseguiu dizer.

— Como está seu marido?



Ela cravou seu ardente olhar na porta aberta, mas Geoffrey ignorou seu gesto.

— Henry está em Tutberry — disse finalmente Adele. — Leva ali várias semanas.

— Isso ouvi — respondeu ele com ironia. A jovem tinha enviado uma dúzia de mensagens, lhe recordando em todos e cada um deles que estava sozinha. — No que posso ajudá-la, lady Ferrars?

Ela o olhou com uma súplica muda nos olhos.

— Vou a caminho da casa de meu irmão, em Kent, e desejo passar a noite muito perto daqui, milorde, na abadia de São Agustín.

Geoffrey estava furioso. As petições desse tipo eram comuns e não podia negar a acolhê-la, já que os viajantes tinham uma cama garantida e algo de comer em todas as abadias pelas que passassem.

— Está falando com o homem equivocado, milady — murmurou. — O abade se encarregará com gosto de a instalar.

O que pretendia conseguir Adele com aquilo? Perguntou-se. Não poderia deslizar entre as portas da abadia quando escurecesse. Ou acaso esperava desfrutar a tarde com um encontro em algum claro do bosque? Conhecendo-a como a conhecia, não lhe parecia desatinado. E muito a seu pesar, consciente do que aquele encontro prometia, seu membro endureceu.

— Estou muito cansada — disse Adele. — Pensei em parar aqui primeiro e descansar.

Geoffrey guardou silêncio para que seu tom de voz não revelasse nenhum sinal de excitação.

— É obvio, lady Ferrars, como desejar.

Ela fechou os olhos.

— O certo é que não me encontro muito bem. Acredito que terei que ficar aqui vários dias antes de seguir meu caminho para o sul. — Geoffrey estava a ponto de fazer um comentário quando percebeu que Adele estava acariciando o abdômen sob o manto. — Talvez nem sequer deva viajar.



Não era seu assunto perguntar, mas aquele gesto era inconfundível. Geoffrey se dirigiu à porta a bom passo e a fechou antes de girar para olhá-la com desconfiança.

— Se está esperando um filho, lady Ferrars, não deveria andar pelos caminhos.

— Então tenho feito mal — sussurrou ela com voz rouca e sorriso triunfal.

Geoffrey estava paralisado. Adele esperava um filho. Seria dele?

— Sinto-me muito fraca — murmurou ela enquanto cambaleava.

Ele a agarrou antes que caísse e Adele apoiou em seus braços. Um décimo de segundo mais tarde sorria olhando-o nos olhos.

— Ao fim — murmurou com voz profunda sem fazer nenhuma ameaça de esconder sua excitação.

Durante um instante, Geoffrey deslizou o olhar desde seus úmidos lábios a seu decote. O manto aberto, mostrava que ia nua sob a fina túnica de seda, seus eretos mamilos eram claramente visíveis, igual ao resto de sua voluptuosa figura.

Geoffrey não viu nenhum sinal de gravidez e a separou de si com brutalidade. Ela retornou imediatamente a seus braços.

— Temos que nos ver!

Ele a agarrou pelos pulsos, obrigando-a a soltá-lo.

— Não, Adele, terminou.

— Matarei você! — Ameaçou respirando profundamente e retorcendo-se como uma selvagem.

O arqui-diácono a sujeitou contra a parede enquanto Adele lutava com todas suas forças, arranhando e cuspiendo como uma gata. Finalmente conseguiu sujeitá-la, mas ela havia sentido a rigidez de sua excitação e ria, exultante.

— Precisa-me! Não pode negá-lo!

Geoffrey não queria ser cruel, mas ela estava jogando com ele ao falar do menino e não podia permiti-lo.

— Só quero o corpo de uma mulher, Adele, e não tem por que ser necessariamente o seu.

Ela esteve a ponto de sufocar pela ira.



— E eu só senti falta de seu enorme membro, filho de uma cadela! — Gritou.

Geoffrey estava muito agitado para rir.

— Que palavras tão delicadas, Adele.

Ela ficou paralisada. Depois o rodeou com seus braços, gemendo e apertando seu corpo tremente contra o seu.

— Não, Geoff, já sabe que isso não é verdade. É obvio que senti sua falta — assegurou com voz rouca. — É o único homem para mim, juro-o.

— Duvido — respondeu ele muito sério enquanto escapava de seu abraço. Não tinha nenhuma vontade que entrasse alguém e os pilhasse sozinhos e abraçados. As repercussões seriam imensas. Sobre tudo agora, se seus espiões estavam certos.

Adele aproximou dele como uma tigresa ameaçadora e perigosa, e acariciou a bochecha com uma de suas largas e afiadas unhas.

— Nenhum é tão bom como você.

— Terminou, Adele. Entenda-o de uma vez. Terminou.

Ela emitiu um gemido surdo de desgosto e Geoffrey a agarrou pelo braço antes que cravasse as garras no rosto.

— Há alguém mais? De quem se trata? — Gritou.

— Não há ninguém mais.

— Não acredito! — Exclamou agarrando de improviso seu endurecido membro. — Ou talvez sim.

Geoffrey a separou com um tapa.

— É óbvio que não está cansada e que tampouco encontra doente. Farei com que a escoltem para a abadia. Se montas uma cena, ambos pagaremos um preço terrível, Adele. Aceita que terminou.

— Não. Nunca terminará! — Exclamou com um sorriso triunfante.

Geoffrey teve então um mau pressentimento e sentiu que o pêlo da nuca arrepiava.

— É certo que está grávida, verdade?

Ela soltou uma gargalhada rouca.



— Será um menino. Disse-me isso uma cigana a semana passada. — Olhando-o fixamente, acrescentou: — Henry estará encantado.

Geoffrey tinha o rosto tenso e respirava com dificuldade.

— Poderia ser meu? — Seu tom de voz era perigoso.

A jovem riu encantada e logo encolheu os ombros.

Geoffrey equilibrou sobre ela. Adele tinha dado as costas a ele, como se fosse partir, mas a obrigou a girar.

— De quem é o menino?

— O que conseguirei se digo isso? — Perguntou, jogando com ele.

Geoffrey nunca tinha batido em uma mulher, mas esteve a ponto de fazê-lo nesse momento.

— Quando nascerá o menino, Adele? Responda-me antes que a mande ao inferno!

— Dentro de sete meses — confessou, pálida.

— Então poderia ser de Ferrars... ou meu — calculou.

Adele o olhou com um sorriso entre a cautela e a excitação.

Geoffrey separou dela. Tinha os ombros rígidos, os olhos de um azul ártico. Tremia. Seria ele o pai? Que ele soubesse, não tinha filhos. Não era nenhuma surpresa, considerando que, embora não era precisamente celibatário, lutava contra suas inclinações sexuais o melhor que podia. Mas tinha estado pela primeira vez com uma mulher aos treze anos... Não deveria ter engendrado um filho a aquelas alturas? Não podia sabê-lo com segurança. Nunca tinha pensado nisso. Em sua posição, um filho seria um problema e uma vergonha. Um filho poderia arruinar tudo pelo que tinha lutado e destruir seu futuro.

Mas, como ansiava ter um filho! Como desejava que o bebê que Adele esperava fosse dele! Apesar do fato de que não poderia reclamar nunca abertamente aquela paternidade e das conseqüências que teriam lugar se a verdade fosse revelada, queria que aquele menino fosse dele.

Geoffrey olhou Adele e observou furioso que sorria com satisfação.

— Se segue jogando comigo lamentará.

O sorriso feminino desvaneceu.



— É seu. Sei.

— Como pode estar segura? Estivemos juntos duas semanas, mas imediatamente depois casou com Ferrars. Como pode estar segura?

— Estou!

Geoffrey sabia que não podia acreditá-la. Era impossível que estivesse segura, não? Naquelas circunstâncias, tanto ele como Ferrars poderiam ser o pai, e a data de nascimento do menino não demonstraria nada, porque poderia nascer antes do previsto ou depois.

E a menos que o menino guardasse uma semelhança inconfundível com algum dos dois supostos pais, tampouco demonstraria nada. E embora o fizesse, passariam ainda muitos anos até que o menino entrasse na idade adulta.

— Você é o pai — assegurou com tom sedutor colocando uma mão sobre o ombro dele. — Estou segura disso. Sua semente é poderosa e potente, como você.

Geoffrey apenas a escutava. Naquele instante sentiu com toda certeza que nunca conheceria a verdade. E foi também então quando soube que aquele menino o ataria para sempre a Adele de um modo muito mais forte do que nunca os uniria a luxúria.

E durante um instante, um instante de loucura, até conhecendo Adele como a conhecia, desejou que fosse sua esposa.

— Farei com que a escoltem até o abade. Se desejar, enviarei-lhe uma breve missiva.

— Geoffrey!

— O menino não troca nada, Adele. Tudo terminou entre nós — afirmou com frieza.

— Mas eu te amo — gritou ela, delatando com seu rubor que suas palavras eram certas.

— Então o lamento — disse Geoffrey. — Lamento seriamente. Mais do que nunca saberá.



Adele não era uma mulher que chorasse com facilidade. Tinham transcorrido muitos anos desde que o fizesse pela última vez, e então era uma menina de dez anos que acabava de saber que uns foragidos tinham assassinado sua mãe, deixando-a órfã. Não chorou dois anos depois quando seu meio-irmão, Roger Beaufort, violou-a. Mas aquela noite, deitada sozinha sobre uma dura cama da abadia de São Agustín, chorou com o coração destrozado.

Agora que tinha pronunciado as palavras soube que eram certas. Amava-o. Geoffrey era poderoso, amável e bom... Não como ela. Era a personificação do que devia ser um homem, e apesar de não guardar celibato, era virtuoso de um modo que Adele não conseguia compreender, mas sim admirar.

Pela primeira vez em sua vida, Adele desejou ser uma mulher virtuosa. Desejou ser outra pessoa, alguém digna de Geoffrey de Warenne, uma mulher a que ele queria ter não só na cama, mas também como esposa. Pela primeira vez lamentou sua natureza, suas aventuras, de tudo. Mas não podia lamentar ter estado com ele.

Sabia que o menino era dele. Não podia ser de Henry. Seu instinto dizia que tinha que ser dele! Caso contrário, tinha-o perdido de verdade. Adele deixou de chorar de repente. Da morte de seus pais, enfrentou sozinha o mundo, intrigando para poder sobreviver. E não só sobreviver, mas também viver bem. Não tinha perdido nenhuma batalha naquele período de tempo... E não ia perder agora. A notícia do menino não tinha deixado Geoffrey indiferente. Aquela separação poderia não ser definitiva. Queria recuperá-lo. Pertencia-lhe.

Já era hora, decidiu por fim, de secar as lágrimas. Como já tinha decidido fazia muito tempo, supunha uma sorte que Geoffrey pertencesse à Igreja, porque não tinha que temer por outra mulher. Não a assustava sua virtude. Ele seguia desejando-a e Adele era uma perita em sedução. No dia seguinte voltaria a tentá-lo. E no dia seguinte teria êxito. E se não era no dia seguinte, voltaria a tentá-lo em qualquer ocasião que apresentasse.

Nunca se renderia.



O jovem diácono levou Adele até a câmara onde o arqui-diácono estava trabalhando. Embora a anunciaram, ele não se moveu. Estava de pé ao lado de uma das janelas abertas, banhado pelo sol. Seu formoso e dourado perfil era duro, ameaçador. Adele ficou paralisada. Algo não ia nada bem.

Geoffrey girou lentamente a cabeça para ela. Seu olhar parecia não ter vida.

— E agora o que, Adele?

Ela o notava cansado e a jovem morria de vontade de abraçá-lo. Então percebeu que tinha um pergaminho na mão com o selo quebrado. Adele ficou tensa ao reconhecer o selo real. Geoffrey devia ter recebido novas instruções do rei, e ela era muito consciente de como tinha lutado o arqui-diácono contra Rufus para controlar os assuntos pertencentes tanto à coroa como à Igreja. Tinha desejado adverti-lo muitas vezes de que cessasse aquela absurda guerra contra o monarca. Mas tinha se contido porque não queria que soubesse da profunda paixão que sentia por ele.

— O que ocorre?

Os lábios de Geoffrey curvaram ligeiramente.

— Acabo de conseguir tudo o que sempre desejei.

Seu tom era estranhamente zombador e conseguiu que arrepiasse o pêlo da nuca de Adele.

— Carinho — sussurrou, esquecendo que a porta estava aberta. — O que passou?

Justo nesse instante os olhos de Geoffrey brilharam e mudou a expressão. Apertou a mandíbula, como se acabasse de cruzar uma soleira, como se tivesse tomado uma decisão.

— Rufus me nomeou bispo de Ely.

— Bispo de Ely! — exclamou emocionada. — Meu Deus, isso é maravilhoso!

Geoffrey não disse nada. Permanecia erguido e sem se mover, com os olhos brilhantes, mas opacos.

— O rei e você levam lutando desde que morreu Lanfranc — comentou Adele, franzindo o cenho. — Por que o nomeia agora para um cargo de tanta importância e poder?



— Não vê? — perguntou ele com segura. — Estão me comprando, Adele. O rei acredita que assim me tira do meio.

A jovem olhou ao orgulhoso, frio e indomável homem que amava, e estremeceu de medo. Conhecia seu amante. O rei esperava que o próximo bispo de Ely mostrasse uma lealdade inquebrável, mas Geoffrey não era o tipo de homem que comprometesse sua causa.

E sua causa era a Igreja.

O medo de Adele aumentou. A sutil guerra que tinham estado mantendo o arquidiácono e o rei não seria nada comparada com o que ocorreria se Geoffrey, uma vez investido, continuasse com sua atual trajetória. Seria um suicídio!

— Não deve cometer nenhuma loucura uma vez que aprovou sua nomeação! Tem que cessar em sua obstinada confrontação com a coroa!

Geoffrey a olhou.

— Assombra-me. É possível que sinta alguma avaliação por mim fora do dormitório?

Adele estremeceu. Seu tom de voz a assustava. Não pôde evitar olhar de esguelha para a porta aberta, mas não havia ninguém à espreita que pudesse escutá-los. Entretanto, Geoffrey não tinha sido nunca tão pouco cuidadoso.

— Sabe que assim é. — Ele elevou a sobrancelha mostrando seu ceticismo e Adele teve ainda mais medo. — Geoffrey, o que te passa? Pelo amor de Deus, acaba de receber uma grande honra do rei, uma nomeação pelo que outros homens morreriam, enganariam e roubariam... Mas você o conseguiu honestamente. E entretanto não parece contente!

— Estou contente. — Sorriu, mas sem um indício de alegria. — Como não ia estar?

A jovem pensou de repente que possivelmente alguém poderia impedir aquela nomeação. Geoffrey tinha muitos inimigos. Assim havia dito ele mesmo.

— Aceitará a nomeação, verdade?

— É óbvio que sim. Esta manhã recebi outra missiva, neste caso de Anselm, que anuncia que virá amanhã me ordenar. Promete-me todo seu apoio, o que significa que está assegurada a escolha da sala catedralícia. A investidura será uma mera formalidade.



Adele não podia respirar com normalidade. Estava encantada com sua nomeação. Estava feito a sua medida. Ela se sentia feliz e ao mesmo tempo consternada, porque Geoffrey parecia remoto e distante. O poder que tinha percebido nele desde o começo se via agora magnificado, emanando de seu ser de forma clara e fria.

A jovem sentiu que a percorria um calafrio. Geoffrey de Warenne a olhava do outro lado da câmara com suas roupas largas e escuras e sua pesada cruz de ouro, exalando virilidade. Loiro, com os olhos azuis e incrivelmente arrumado. Adele estava impactada. Era um dos primeiros prelados do reino, um dos vassalos mais poderosos do rei. Era o bispo de Ely, e nem sequer tinha completo ainda os vinte e três anos.

Inclusive ela estava maravilhada.



Capítulo 26

Mary teria gostado de ver Stephen em privado depois de todo o tempo que tinha transcorrido. Entretanto, Henry a levou diretamente à porta de Graystone. A jovem o agradeceu educadamente por seus esforços e com a mesma educação o convidou a passar.

— Não perderia isto por nada do mundo, Mary — afirmou sorrindo.

Ela tinha crêdulo em que declinasse o oferecimento, mas o príncipe não fez nenhuma ameaça de dissimular sua espera ante a cena que sem dúvida ia ter lugar. Mary já tinha bastante com o que se preocupar sem a necessidade de ter ao redor ao enigmático príncipe.

Sentia-se aterrada. Seu coração pulsava com força e tinha mal-estar no estômago. Tinham demorado dois dias para chegar a Londres. Devido a sua condição, tinha viajado em uma liteira, e não tinha sido capaz de comer nem de dormir. O medo a consumia. Sua vida e seu futuro estavam em jogo. Imaginava cheia de medo qual seria a reação de Stephen quando a visse. No melhor dos casos ordenaria com frieza que retornasse a Tetly, no pior, ficaria furioso por tê-lo desafiado de novo.

Embora tinha tido uma boa razão para lhe ocultar a notícia de sua gravidez, certamente seu marido não veria do mesmo modo. A cada passo que dava, Mary arrependia mais e mais de ter ocultado isso. O que deveria ser um momento feliz se via escurecido pelo medo e o temor.

Tentando armar-se de coragem, a jovem encolheu dentro da capa, arrumou o capuz, e, com o príncipe a seu lado, avançou para a porta de entrada. Já era tarde, a noite começava a cair rapidamente e havia muitas possibilidades de que Stephen estivesse em casa. A enorme comitiva com que Henry viajava tinha provocado uma grande comoção ao parar no prado que havia ao outro lado do caminho, assim que sua chegada não seria



nenhuma surpresa. O conde de Northumberland estava de pé diante a porta aberta vendo como se aproximavam e sorriu ao príncipe a modo de saudação. Depois, deslizou o olhar para ela, esquadrinhando-a. Embora Mary confiava em ocultar seu rosto e sua identidade durante o maior tempo possível, suspeitava que sua pequena estatura a delatava.

— O que o traz aqui, Henry? — perguntou Rolfe.

— Queria lhes dar uma surpresa — respondeu o príncipe rindo em voz baixa.

Mary seguiu aos dois homens para o interior. Stephen, de costas à lareira, observava-os atentamente.

— Uma surpresa? — A voz de Rolfe soou cética.

Henry se limitou a rir.

Mary encolheu. Stephen a tinha reconhecido imediatamente, a desconfiança nublava as feições masculinas, competindo com a ira.

— Traz-me isso aqui? — Perguntou a Henry com incredulidade sem deixar de olhar Mary.

— Foi minha idéia, Stephen — sussurrou a jovem, tirando o capuz.

Ou não a escutou ou decidiu ignorá-la.

— Traz-me isso aqui sabendo o que penso dela? — Insistiu dirigindo-se ao príncipe.

— Tinha urgência por vê-lo o quanto antes — assinalou Henry com secura.

Stephen aproximou dela. A fúria desfigurava as feições.

— Deixei-te em Tetly por uma razão, milady. Não acredito que a tenha esquecido, verdade? — Sua voz soava como um trovão.

— Já é suficiente, Stephen — disse ela tentando não retroceder. — Podemos falar um momento a sós, por favor? — Pediu, contendo as lágrimas.

— Não tenho nada a dizer — assegurou ele com frieza. — Retornará a Tetly imediatamente.

— Não — sussurrou Mary desesperada.

— Será melhor que ouça o que tem a lhe dizer — indicou Henry a seu amigo. O tom autoritário de sua voz resultou evidente para todos.



Stephen girou e olhou ao príncipe, furioso também com ele. Logo agarrou com brutalidade o braço de Mary provocando que a jovem lançasse um gemido de angústia. Ignorando-o, o normando a levou para as escadas.

— Trata-a com cuidado — advertiu Henry muito sério.

Stephen não parou, mas a agarrou com mais suavidade. Obrigou-a a subir a toda pressa as escadas, meteu-a no primeiro quarto que encontrou e fechou com uma portada quando entraram.

Mary separou dele, nervosa.

— Suas lágrimas não me comovem — disse Stephen.

Ela enxugou os olhos.

— É que não vai me perdoar alguma vez?

— Não.

— Maldito seja — sussurrou entre soluços de tristeza enquanto tirava a capa.

— Mudaste — assinalou ele com brutalidade.

Mary piscou e ajustou o vestido ao ventre com as mãos. No caso se ficava ainda alguma dúvida, colocou-se de lado. Stephen não podia afastar seu chocado olhar da evidência de sua gravidez.

— Não o pergunte. Se te atrever a perguntá-lo, matarei-te. O menino é teu. Não estive jamais com nenhum outro homem e nunca o farei — soluçou Mary.

Stephen seguiu em silêncio, incapaz de falar.

Finalmente, a jovem deixou cair as mãos, aproximou-se da cama e, esgotada, sentou-se nela.

— Acredito que nascerá em julho.

Stephen se recuperou. Entretanto, quando falou, sua voz soou estranhamente rouca.

— Isso significa que concebeu antes que nos casássemos e que o soubeste durante todo este tempo.

Mary não permitiria que a acovardasse. Já não.



— Soube tão rápido o quanto pode saber uma mulher com ciclos menstruais irregulares. Queria te contar antes da guerra. Estava reservando a notícia para um momento especial. — As lágrimas nublaram sua visão. — Queria dar esta notícia como um presente de amor em um momento de amor. Estúpida de mim!

— Nem sequer me disse isso em Dunfermline — a acusou Stephen empalidecendo.

Ambos recordavam como a tinha golpeado e atirado ao chão na abadia cheio de raiva.

— Sabia que você adoraria ter uma razão mais para me culpar, para me acusar de deslealdade. Não lhe contei isso porque deixou claro que me enviaria longe para ter o menino e não podia aceitar algo assim.

— E quando, pelo amor de Deus, quando ia me dizer isso. — Sua voz tinha adquirido um tom perigoso.

— Quando fosses me visitar em Tetly, como me prometeu. — Mary o olhou com os olhos muito abertos, doída. — Mas nunca foi. — Apertou os punhos e a raiva que levava durante tanto tempo contendo explodiu de repente. — Estiveste se divertindo aqui na corte, milorde? É essa a razão pela qual não foi me ver, porque está apaixonado por outra mulher? De seu última amante, talvez?

— Suas perguntas resultam do mais impertinentes — respondeu ele com calma.

Mary tragou as lágrimas.

— Às vezes — sussurrou — odeio-te. E é um alívio.

— Acredita que me importa? — Stephen deu um passo adiante e a dominou com sua imponente altura. — Mary, alegre-me que tenha concebido, mas nada mais. Isso não troca o que tem feito nem o que é. Assim que tenha recuperado da viagem a enviarei de retorno a Tetly. Nada mudou. — Dizendo aquilo aproximou-se da porta e parou na soleira sem olhá-la.

A jovem soluçou e cobriu o rosto com as mãos. Tudo estava acontecendo tal e como tinha temido. Seu marido não tinha esquecido nem perdoado e pretendia que tivesse a seu filho no exílio.



— Stephen — sussurrou elevando o rosto a modo de súplica. Ele girou a contra gosto e a olhou. — Aceite-me de novo. Amo você. Preciso de você. Eu perdi muito...

O normando apertou a mandíbula e saiu do quarto.

Todos dormiam exceto Stephen, que sabia que aquela noite não conseguiria fechar o olho. Cheio de angústia, olhava sem ver o fogo agonizante do grande salão.

Aqueles últimos meses não tinham sido fáceis. Odiava a corte, mas depois de entregar aos três filhos de Malcolm aos cuidados de Rufus, tinha decidido ficar. Tratou-se de uma decisão fria e calculada. Embora se sentia obrigado a assegurar que os três meninos estivessem bem cuidados, o que mais desejava era permanecer o mais longe possível de sua traiçoeira esposa.

Entretanto, as milhas que os separavam não podiam apagar as lembranças. Ela, na distância, seguia presente em todos seus pensamentos. Despertava com sua imagem, às vezes brincalhona, às vezes séria, às vezes sedutora e instigante. Deitava-se com sua imagem. Perseguia-o como o faria o melhor dos fantasmas.

Naqueles momentos, em frente à lareira, só via Mary. Mary, sua esposa, que estava ainda mais bela que quando a conheceu, como se não a tivesse afetado o comprido inverno no exílio. Bela e muito grávida. Stephen não podia separar de si a corrente de intensas emoções que o alagavam. Oh, Deus! Como a tinha sentido falta! Como tinha ansiado tê-la a seu lado! Aqueles últimos meses tinha pensado que a odiava e tinha permitido que aquele ódio o consumisse. Dedicou-se a alimentá-lo, a se entreter inclusive nele. Sabia que nunca seria capaz de perdoá-la, que o tivesse abandonado em tempos de guerra, oferecendo sua lealdade a Escócia em lugar de a ele. Recebia o ódio com os braços abertos porque acalmava sua dor. Uma dor que não devia sentir sob nenhum conceito.

Mas o certo era que sim o sentia. A dor o consumia. E sabia que enganava a si mesmo. Não a odiava. Não podia odiá-la porque lhe tinha dado a coisa mais preciosa que



tinha no dia que entregou a rosa vermelha, tinha lhe entregado seu amor eterno. Se pudesse recuperá-lo... Mas não era possível. Os homens como ele só amavam uma vez e para sempre.

Stephen percorreu o salão uma e outra vez. Devia estar louco. Aquela noite enfrentava os sentimentos que não queria reconhecer, e muito menos aceitar. Mas não podia livrar-se deles. Em realidade, não queria livrar-se deles.

Entretanto, escapava a toda lógica que um homem pudesse sentir falta da uma mulher que o tinha traído daquele modo. Como era possível que um homem como ele, com aquela vontade de ferro, pudesse amar a uma mulher assim, uma traidora! Aquilo desafiava à racionalidade. Mas agora Stephen, muito tarde, compreendia o maior mistério do universo. O amor não era racional, não poderia sê-lo nunca, sua mera definição desafiava ao raciocínio. O amor afundava suas raízes, não no poder da mente a não ser no poder do coração.

Não devia investigar esse amor destrutivo, em sua necessidade obsessiva por ele. Não devia investigar esse desejo que o consumia.

Se Stephen deixava se levar por ele perderia. E não só uma batalha, mas também a guerra. Isso sabia muito bem.

Nenhuma outra mulher podia satisfazê-lo, tinha aprendido bem a lição durante aqueles meses de separação. Tinha havido umas quantas mulheres, todas prostitutas, mulheres cujos rostos e nomes não recordava, mas os encontros com elas tinham sido breves, impessoais, uma mera saída para sua ira.

Nada parecido ao que supunha estar com Mary.

Stephen fechou os olhos. Morria por ela. Inclusive agora, que ele sabia o que esperar, estava duro como uma rocha, desesperado pelo alívio que só ela podia lhe proporcionar, desesperado por fazê-la sua e por muito mais. De fato, não estava desesperado por seu amor? Um amor que Mary nunca lhe daria.

Não iria procurá-la.

Porque se o fazia, embora fosse só uma vez, estaria perdido.

Entretanto a tentação era muito forte.



Repetia a si mesmo que Mary não tinha mudado e que não podia voltar a colocá-la em sua cama... nem em sua vida. Era muito perigosa. Ainda exercia poder sobre ele. Isso tampouco tinha mudado.

Sabia que tinha tomado a decisão correta. Quando um médico testemunhasse que estava em condições de viajar, a enviaria de retorno a Tetly. Era sua única esperança.

O problema era que não sabia como ia permanecer longe dela agora que havia tornado a vê-la, agora que estavam sob o mesmo teto, justo subindo as escadas, dormindo em sua cama.

Enquanto Stephen caminhava diante da lareira em Greystone, Henry estava sentado no estrado do grande salão da torre branca. A estadia era um desastre. Tinha sido uma noite muito longa, com muitas diversões e festejos. A maioria dos visitantes estavam atirados bêbados sobre os bancos de uma mesa interminável, outros copulavam livremente nas sombras com as donzelas ou moços que serviam, e muitos roncavam no chão.

Ao lado de Henry, seu irmão o rei estava terminando outra taça de vinho enquanto contava seus próximos planos. William Rufus tinha decidido que tinha chegado o momento de colocar a seu adorado amigo Duncan no trono da Escócia.

Henry elevou uma sobrancelha.

— Entre você e eu, querido irmão, só entre você e eu, de verdade acredita que se consegue colocar Duncan no trono poderá seguir controlando-o?

Rufus sorriu e moveu a mão com gesto lânguido.

— Deve saber a verdade, meu irmão. Duncan me ama.

Henry voltou a levantar a sobrancelha.

— Confio em que isso seja certo — sorriu. — Que feliz coincidência. Ele suspira por ti e você morre por outro. — Rufus tinha deixado de sorrir e olhava a seu irmão com gesto



áspero. — Será interessante ver como trata Stephen a sua esposa, agora que ela retornou grávida, não acredita?

— Já não está deslumbrado com ela — afirmou o rei com um sorriso. — A despreza. Nem sequer suporta falar dela. Eu sabia que se cansaria logo. Nenhuma mulher o interessou durante muito tempo.

— Para sua sorte — murmurou Henry. — Ou isso deve acreditar.

Mas Rufus não o ouviu.

— Então, o que acha dos meus planos?

— Acredito que não é fácil derrocar a um rei... E menos fácil ainda manter a outro no poder.

— Não se pode dizer que Donald Bane seja rei da Escócia. Há muitos que não o apóiam. E ninguém gosta de Edmund.

— E você prometeste a Duncan durante todos estes anos que veria realizado seu sonho mais desejado.

— Nenhuma vez prometi nada abertamente — assegurou Rufus cortante. — Por que duvidas de que possa controlá-lo?

— Duncan tem grandes ambições. É cruel e decidido, e se parece muito a Malcolm. Leva trinta anos desejando a coroa de seu pai. Não resultará tão fácil dirigi-lo como você gostaria. Se necessitar um cachorrinho, por que não apóia ao jovem Edgar? Sua reclamação é legítima e é o suficientemente jovem para que possa moldá-lo com facilidade.

— Não estou de acordo. — Rufus, que já não parecia bêbado, olhou a seu irmão com expressão de desagrado. — É muito jovem, necessitaria muito apoio e poderia se voltar para Stephen em lugar de mim. Não, prefiro ao Duncan, que sempre foi leal. Posso contar contigo, querido irmão?

Henry recostou na cadeira. Não sentia nenhum desejo de colocar seu exército em outra guerra que só serviria para fortalecer a posição de seu irmão na Inglaterra, além de lhe dar a opção de concentrar em recuperar o ducado da Normandia.

— Não tenho necessidade de mais prata nem de mais terras.

— Todo mundo necessita mais prata e mais terras.



— Acaso não conta com o apoio de numerosos nobres? Se esquece do grande conde de Northumberland? O filho de Stephen, se for um menino, será neto de Malcolm. Certamente prevêem uma relação amistosa com a Escócia. Vá, Duncan será o tio do menino! Não acredito que me necessite.

Rufus franziu o cenho.

— Como você mesmo há dito, não resulta fácil derrocar a um rei — reconheceu Rufus franzindo o cenho. — Tem que me ajudar, Henry. Recompensarei-te generosamente. Talvez tire a outra princesa escocesa do convento e a entregue para você.

— Agora que Malcolm morreu, não vejo no que poderia me beneficiar uma aliança semelhante — comentou Henry. — Sobre tudo com Duncan no trono.

— Diga-me o que te interessa então.

— Pensarei nisso — concluiu o príncipe.

Mas já tinha tomado uma decisão e a resposta era não. Que outros nobres se debilitassem naquela guerra, que semeassem a semente de sua própria destruição. Quando tudo tivesse terminado, o exército de Henry seria o mais poderoso do reino. Não importava esperar para conseguir seus sonhos. A paciência era seu forte. Acaso não tinha ambicionado a coroa de seu irmão durante toda sua vida?

Mary tinha dormido umas horas, mas agora estava totalmente acordada. Não sabia o que a tinha despertado, talvez algum ruído, ou possivelmente um sonho. Deitada de lado, observou o fogo que ainda ardia na lareira e recordou imediatamente onde estava. Em Graystone, no quarto de Stephen, em sua cama. O desejo a assaltou.

De repente, escutou como fechava a porta do quarto e se sentou tentando averiguar quem era o intruso. Entre as sombras havia um homem olhando-a, imóvel, sua identidade encoberta pela escuridão. Mas Mary sabia que era seu marido. E só podia ter uma razão para ter vindo.



— Stephen.

Ele não se moveu, e quando falou o fez com voz baixa e profunda.

— Desejo-te, Mary, do modo em que um bêbado anseia o vinho.

— Eu também te desejo, Stephen.

Ele aproximou um pouco, ficando à altura da lareira. Foi então que Mary viu o brilho de seus olhos e soltou um pequeno grito de alegria. Não importava que tivesse ido só satisfazer seu desejo.

Elevou os braços para ele e Stephen a alcançou de uma só pernada. No momento em que suas mãos se tocaram, seus corpos acenderam em uma labareda de desejo. Durante um breve instante, a jovem sujeitou o rosto dele entre as mãos. O formoso e amado rosto de Stephen refletia o anseio que habitava em seus olhos. Ele manteve o olhar e entre eles se estabeleceu uma comunicação ardente e silenciosa. Logo a estreitou entre seus braços e a deitou sobre a cama, lhe devorando a boca com a sua. Foi um beijo provocador no que ela deu tanto como recebeu. Transcorreu muito tempo antes que separassem os lábios e pudessem recuperar o fôlego.

Mary tinha vontades de chorar. Não importava o que ele dissesse, suas negações não tinham nenhuma base. Qualquer homem que beijasse daquela maneira estava consumido por algo muito mais poderoso que o simples desejo. A jovem apostaria seu futuro nisso. De fato, apostaria seus sonhos mais selvagens.

Voltaram a se beijar, mas em seguida se afastaram, estavam muito impaciente para jogos preliminares. Stephen parou só um instante para lhe acariciar os seios, generosos e turgentes, murmurando palavras ternas, e para tocar maravilhado o ventre duro e redondo. Quase imediatamente, colocou Mary de lado e deslizou profundamente em seu interior.

Mary gemeu seu nome e sussurrou ao ouvido que o amava. Tinha perdido por completo o controle do que fazia e dizia, deixando-se levar por completo, gritando de prazer para que todo mundo pudesse ouvi-la, sem que nada exceto seu marido importasse.



Stephen a tomou como se não tivesse estado com nenhuma mulher em muito tempo. Não reteve nada. E quando por fim achou seu próprio alívio, gritou várias vezes o nome de Mary.

Quando tudo acabou, a jovem refugiou em seus braços. Ali era onde queria estar, onde pertencia. Amava tanto Stephen que doía fisicamente. Entretanto, lágrimas ardentes escorriam pelas bochechas apesar da imensa felicidade que sentia por estar outra vez junto a seu amado.

Não queria chorar. Não ali, nem naquele momento. Estava feliz. Seu marido tinha retornado a ela. Mas quando recebeu Stephen em seus braços, as poderosas emoções poderosas que tinha contido durante tanto tempo ficaram nuas e expostas, todas as barreiras e os diques derrubados sem nenhum cuidado.

— Mary? — chamou ele.

Aquela única palavra, seu nome, venceu-a, e suas silenciosas lágrimas converteram em incontroláveis soluços.

Stephen a embalou entre seus braços com expressão preocupada.

— Não chore — sussurrou.

— O... Sinto — conseguiu dizer entre soluços que ameaçavam afogá-la.

— Era mentira — confessou ele com brutalidade. — Suas lágrimas sim me afetam, Mary. Não vou enviá-la de volta.

Não ia enviá-la de volta. O comprido inverno de seu exílio tinha terminado definitivamente. Stephen tinha retornado de verdade a seu lado. A felicidade misturou com uma dor que acreditava firmemente enterrado em algum lugar de seu interior, uma pena que lhe queimava o peito. A dor por ter perdido a aqueles que amava, o pesar pelo rechaço de seu pai, a dor do exílio...

— O que é o que a aflige tanto? — perguntou Stephen alarmado. — Se a machuquei sinto... sinto muito.

Mary agarrou a seu marido com força e transcorreu muito tempo antes que fosse capaz de falar com coerência.



— Perdi minha mãe, meu pai e meu irmão, e estive a ponto de perder você também. E ainda me pergunta por que choro?

Stephen guardou silêncio, tratava de ser forte, mas a dor de sua esposa lhe partia o coração.

— Sinto muito, Mary — grunhiu enquanto a abraçava com força e a acariciava com ternura. — Sinto o de Malcolm, o de Margarida e o de Edward. Queria te castigar, mas nunca quis vê-la sofrer pela perda de seus seres queridos. Sempre o lamentei... Mas as circunstâncias não eram as apropriadas para dizer isso.

Mary precisava contar todo o ocorrido.

— Malcolm me repudiou. Quando fui vê-lo para pedir que... que detivesse a guerra. Disse-me... Disse-me que... — Não pôde continuar. Derrubou-se outra vez sobre o peito de Stephen e agarrou-o com força como se fosse uma tábua de salvação.

— O que te disse? — conseguiu perguntar Stephen, pálido como a cera.

— Que... que já não era sua filha. Que sua filha era uma valente moça escocesa, não alguém como eu.

Stephen amaldiçoou Malcolm, abraçou a sua esposa e a balançou como se fosse seu tesouro mais prezado.

— É uma valente moça escocesa, Mary, a mais valente que eu tenha conhecido. De verdade foi ver seu pai para pedir que parasse a guerra? — Perguntou elevando o rosto cheio de lágrimas da jovem para o seu.

— Não estava escapando de ti. Juro, Stephen — afirmou olhando-o aos olhos.

Ele apertou a cabeça dela contra o peito e fechou os olhos. Uma vez mais, desejou acreditá-la. Talvez fosse possível. Se havia uma mulher capaz de ter a audácia e a coragem de enfrentar um rei para tentar dissuadi-lo de seus planos de guerra, essa era Mary. E além disso, que opção tinha Stephen? Tinha lutado contra ela durante tanto tempo que já não podia seguir fazendo-o. Agora sabia que sempre a amaria. Ela o necessitava. Tinha o necessitado sempre. E ele não tinha estado ali para ela. Doía-lhe só de pensar. Deus Santo, se tivesse sabido que Mary estava sofrendo tanto nunca a teria enviado para longe. Se tivesse sabido o que sofria teria acudido imediatamente a ela.



— Não importa — disse finalmente. — O que importa é que está esperando meu filho e que não posso viver separado de ti.

Mary olhou-o sem piscar, assombrada.

— Não pode viver separado de mim?

— Se quero ser feliz, não.

— Stephen — sussurrou ela. — Significa isso que esquecerá o passado?

— Não sou um homem que esqueça com facilidade — disse com sinceridade. — Mas vou nos dar uma terceira oportunidade. Começaremos de novo desde hoje, Mary.

Ela sentiu que a alagava o alívio. As lágrimas por fim tinham parado. Era como se as palavras de Stephen a tivessem curado, porque a angústia, a dor física que tinha estado queimando o peito, converteu-se em um leve batimento do coração com o que poderia acostumar a viver. De fato, a alegria enchia sua alma, uma alegria que ameaçava deslocando grande parte da pena.

Stephen a olhou muito sério.

— Prometa-me aqui e agora pela vida do menino, que não voltará a pôr em perigo nosso matrimônio. Preciso acreditar que posso confiar em ti, Mary.

— Asseguro-te que pode confiar em mim. Nunca voltarei a te desobedecer, Stephen — prometeu ela.

Foi então que as severas feições masculinas relaxaram e sua boca curvou em um sorriso.

— Não me atrevo a esperar tanto, milady. Bastará com que atue com cuidado e cautela.

Mary sorriu amplamente e se estreitou com mais força contra ele. Tinha ganhado. Stephen voltava a ser dela.



Capítulo 27

Rufus acabava de retornar de uma bem-sucedida jornada de caça e estava de muito bom humor. Quando desceu dos seus aposentos privados para o grande salão, passou o braço pelo ombro de Duncan, que estava a seu lado.

— Sem dúvida o de hoje foi um bom presságio — disse a seu amigo de infância. — Logo começaremos a caçar a uma presa muito maior.

— Conto com isso — respondeu Duncan de forma concisa.

Naqueles dias mal podia sorrir, estava muito tenso e nervoso. Embora o rei só tinha mencionado seus planos de forma indireta, Duncan tinha escutado suficiente rumores para saber que logo, muito em breve, um grande exército anglo-normando partiria rumo ao norte para depor Donald Bane e Edmund. Ele ambicionava encabeçar esse exército... e logo subir ao trono da Escócia.

Rufus perambulou pelo salão transbordante de cortesãos e parou repetidamente para trocar umas palavras com seus favoritos. Abriu os olhos de par em par e se animou ainda mais quando viu um rosto querido e conhecido em sua mesa, justo debaixo do estrado. Um rosto que via em poucas ocasiões. Embora Stephen ficasse em Londres desde o ano novo, quando escoltou aos três filhos de Malcolm Canmore a seu destino, só aparecia na torre quando sua presença era necessária ou requerida.

O rei ficou olhando seu formoso perfil durante uns instantes mais do que tivesse sido necessário. Depois afastou a contra gosto o olhar do herdeiro de Northumberland e abriu passo entre a multidão, que se afastou imediatamente.

— Sente-se comigo — pediu com amabilidade a Duncan.



Quando ambos subiram ao estrado, o olhar do rei desviou de maneira inequívoca para Stephen de novo. Mas ao ver que estava dando a provar a sua esposa uma parte de cordeiro, o sorriso gelou nos lábios.

Sem dúvida, tratava-se só de um gesto educado por sua parte. Mas não havia nada de educado na maneira em que a olhava, ou em como brilhavam os olhos e inchavam as aletas do nariz. De fato, inclusive a aquela distância, Rufus podia cheirar o aroma de sua excitação.

Furioso, o rei olhou Mary. Tinha o rosto arredondado, os seios grandes, desagradáveis. Sem dúvida se ficasse de pé teria o aspecto e o andar de uma vaca. Uma mulher em seu estado não deveria aparecer em público, e Rufus estava furioso por ter que suportá-la em seu próprio salão. E não só isso. Sabia com absoluta certeza que Stephen tinha estado deitando com ela desde que seu maldito e estúpido irmão a tinha levado a Londres, e que seguiria fazendo-o. A julgar pela expressão de seu rosto, voltaria a tomá-la assim que levantassem da mesa.

Duncan seguiu a direção de seu olhar.

— É incrível o poder que minha irmãzinha exerce sobre esse homem. Incrível... e perigoso.

— Certamente supõe uma ameaça para ti, querido Duncan — afirmou Rufus.

— Nunca falamos disso, majestade. Mas, acredita que de Warenne deseja a Escócia?

Rufus encolheu os ombros. O certo era que estava quase convencido de que não era assim, mas agora tinha um interesse novo, um interesse que queria ver completo.

— Não poderia alguma vez reclamar o trono para si mesmo, meu amigo, mas, que homem não desejaria ver seu filho coroado? De Warenne é como seu pai, ambicioso e decidido ao extremo.

De maneira consciente, Rufus não explicou até o final o fio de seus pensamentos.

— Talvez o mucoso que ela espera morra.

Rufus pôs a mão em Duncan em cima com gesto restritivo.



— Necessitamos de Stephen, não esqueça nunca disso. Deve nos apoiar em nossos esforços para recuperar o trono que te corresponde.

Duncan ruborizou de felicidade ao escutar o rei falar tão claramente de seu mais desejado sonho. Entretanto seus pensamentos foram mais à frente. Atreveria-se a eliminar a ameaça que sua irmã e seu filho supunham para ele e sua ambição? Temia a seu futuro sobrinho mais que a seus três jovens irmãos e mais do que nunca tinha temido a Mary. Podia imaginar perfeitamente Stephen declarando-se príncipe regente.

— Está claro que me equivoquei ao arrumar este matrimônio — reconheceu Rufus em voz baixa. — Talvez chegue o momento em que deva retificar. Talvez quando você esteja já assegurado no trono... — O rei deixou a frase sem terminar.

Duncan guardou silêncio, Rufus pediu em voz alta mais vinho, e a comida continuou como se não tivessem feito nunca aquele pacto. Mas o escocês acabava de receber a aprovação real para fazer o que devia e assegurar de acabar de uma vez por todas com os laços que pudessem atar Stephen de Warenne ao trono da Escócia.

* * * * *

— Por que retornamos a Alnwick de forma tão repentina? — perguntou Mary a seu marido quando este ordenou ao escudeiro que preparasse sua iminente partida. — O que ocorre para que tenhamos que partir hoje mesmo?

Estavam a princípios de maio. A jovem estava há quatro semanas na corte, mas não se aborreceu. Tinha estado muito ocupada redescobrando o corpo de seu marido, seus sorrisos, sua ternura...

Stephen girou lentamente para ela.

— Prefiro que dê a luz em Alnwick, Mary. E como eu devo retornar imediatamente, é um bom momento para que escolte a Northumberland.

— Mas não respondeste a minha pergunta, milorde! —Exclamou a jovem. Estava aterrada. Na corte circulavam rumores, rumores que ela não tinha podido evitar ouvir. Rumores, conforme havia dito Edgar com amargura, sobre que Rufus ia tentar colocar Duncan no trono escocês. Mas aquilo não podia ser certo.



— Não deseja voltar para casa? Quer ter nosso filho aqui, em pleno verão? Londres não é muito agradável nessa época.

A casa. Mary saboreou essas palavras. Seu coração saltou de alegria diante da idéia de retornar a Alnwick e dar a luz ali a seu filho. Mas... não tudo era tão inocente. Caso contrário, seu marido não teria tanta pressa em afastá-la dali.

— Terei a nosso filho onde você diga — disse a jovem com voz firme. — Eu gosto da opção de Alnwick, Stephen, é obvio que sim. Mas, não vais responder a minha pergunta?

— Parto para a guerra, Mary — informou com o rosto tenso.

Ela lançou um grito de angústia. Sabia. Um ardiloso sexto sentido tinha feito saber que os espantosos rumores eram certos, e que Stephen iria à cabeça do exército que invadiria a Escócia e deporia seu tio e ao traiçoeiro de seu irmão. Não podia acreditar que seu marido fosse romper a promessa que tinha feito a Malcolm de que veria seu filho maior no trono. Edmund tinha traído à família e Ethelred era sacerdote, assim que isso colocava Edgar na mira. Edgar devia ser o próximo rei da Escócia!

E se por acaso aquela circunstância não fosse suficiente, o medo a consumia. Fazia só seis meses que tinha perdido seus pais e seu irmão por culpa da guerra, e ainda não tinha passado o luto. De fato ainda havia manhãs nas quais despertava consumida por sonhos tranquilizadores nos quais estavam todos juntos, nos quais esquecia que estavam mortos. Naquelas manhãs esperava ver sua mãe sorrindo-lhe aos pés de sua cama. Quando sua mente se desprendia das teias do sonho e a crua realidade a golpeava, a dor a invadia. Seus pais e seu irmão não voltariam nunca para estar com ela. E agora não podia evitar ter medo por Stephen. Tinha perdido seus seres mais queridos em uma guerra. Não poderia suportar perder a seu marido em outra. Não seria capaz de viver sem ele.

—Não vá — se escutou dizer.

Stephen apertou a mandíbula.

— Não me peça algo que não posso conceder.

— Como pode fazer isto?

— O rei está decidido a depor Donald Bane.

Mary o olhou lutando por conter as lágrimas.



— Por que obedece sempre a seu rei? Sei que o despreza.

O tom de Stephen resultou tão letal como a ponta de sua espada.

— Sou seu vassalo, e igual a você que juraste me apoiar e seguir, eu jurei apoiá-lo e segui-lo.

Mary lhe deu as costas e caminhou para a janela. Sabia que esse gesto desgostaria seu marido, mas não importou. Seu ventre volumoso causava muitos incômodos aqueles dias e acariciou sem perceber os doloridos músculos das costas. Olhou pela janela, observando sem interesse a profusão de flores silvestres azuis que havia nos prados, sendo muito consciente de que pisava em terreno perigoso. Não devia interferir nos assuntos de seu marido. Essa atitude tinha estado a ponto de destruí-los em uma ocasião.

— De verdade quer que desobedeça a meu rei, a aquele a quem jurei fidelidade de joelhos? — Inquiriu Stephen tenso.

Mary não foi capaz de seguir discretamente.

— Agarra-se ao juramento que fez a seu rei, mas, o que acontece ao que fez a meu pai... a meu rei?

Stephen se mostrou incrédulo e ao mesmo tempo furioso.

— Perdoa, como diz?

Mary respirou fundo.

— O que acontece a promessa que fez de pôr Edward no trono da Escócia? — Stephen guardou um significativo silêncio. — Sem dúvida não faltará agora a esse compromisso! Deveria apoiar Edgar, não ao Duncan!

Stephen avançou para ela com semblante irado e parou no centro do quarto.

— Não deixei as coisas o suficientemente claras quando nos reconciliamos?

Mary elevou o queixo. Tinha ido muito longe e sabia, mas não podia retornar atrás. O destino de três de seus irmãos estava em jogo. Talvez agora os estivessem tratando como hóspedes importantes, mas eram prisioneiros reais, nada mais. Não tinham nem ouro nem terras. Não contavam com nada exceto a roupa que levavam vestidos, a boa vontade de Rufus e o compromisso de Stephen.



— Sim, o fez — sussurrou ela. — Mas sou sua esposa. Suas preocupações são as minhas. Não pretendo te enfurecer, mas devemos...

— Devemos? — repetiu com voz dura. Os olhos de Mary encheram de lágrimas. — Não existe o plural... Em questões políticas, não.

Ela tragou as lágrimas e pensou que se deviam a gravidez.

— E o que acontece com Edgar? — sussurrou.

Stephen tinha o olhar escuro e a mandíbula rígida.

— Não quero nem saber como descobriu minha mais secreta promessa, Mary.

— Edward me contou na noite antes de morrer — murmurou ela.

Stephen mudou a expressão em um instante, passando do aborrecimento à simpatia.

— Edward teria sido um grande rei.

— Edgar será um grande rei!

— Entra perigosamente nos assuntos dos homens, milady.

Mary chorou sem se conter.

— Pode justificar a deposição de um monstro para coroar a outro, milorde? Pode?

— Atrave-te a questionar meus atos? Minha integridade? — Perguntou além da ira.

— Mas sou sua esposa! Se confiasse em mim...

Mary não terminou a frase. O que podia dizer? Seu marido não a fazia participar de seus assuntos. Acaso não havia dito que alguma vez perdoaria sua traição? A velha dor tinha retornado, corroendo até os ossos. Em realidade nunca se foi, só estava enterrada profundamente. Mary tinha chegado a pensar que poderia deixá-la para sempre em sua tumba. Parecia que se equivocou.

— É minha esposa, e sugiro que se comporte como tal, milady, a menos que queira levar este matrimônio ao desastre.

Dito aquilo, Stephen saiu do quarto sem voltar para olhá-la. Mary correu para a porta e a fechou com força atrás dele. Logo se pôs a chorar.



Que tipo de matrimônio tinham? Maldito Stephen! Era um arrogante e um teimoso! Ela tinha direito ou seja quais eram suas intenções, porque seus irmãos eram responsáveis sua agora que seus pais tinham morrido. Sua única esperança se apoiava em que Edgar algum dia alcançasse o trono. Mas, embora seus irmãos tivessem liberdade para sair de Londres, não se atreveriam a deixar o refúgio que Rufus lhes proporcionava. Muitos homens tinham sido assassinados pelo trono da Escócia, a nação tinha um comprido e sangrento histórico. Donald Bane já tinha enviado a seus irmãos um convite que eles não se atreveram a aceitar. Sem dúvida, no momento em que pusessem o pé na Escócia se converteriam em prisioneiros por toda suas vidas ou em cadáveres.

A única opção de Edgar era ficar na corte, ganhando o favor real com a esperança de que algum dia Rufus o ajudasse em seu afã por conquistar o trono escocês. Seu futuro e o de seus irmãos dependiam da boa vontade do rei. E algum dia, se Edgar fosse rei, Alexander e Davie seriam grandes senhores com direitos próprios.

Mary não queria brigar com seu marido. Durante as últimas semanas tinham desfrutado de uma maravilhosa paz, uma paz que Mary desejava que durasse toda a vida. Mas não era uma mulher que pudesse viver na ignorância, e entretanto, Stephen se negava a compartilhar seus assuntos com ela. Onde os situava isso?

Talvez se não fosse algo tão vital para ela, não importaria. Mas seus irmãos eram assunto dela... mais que de Stephen. Tinha todo o direito de insistir junto a seu marido para que encontrasse uma solução que garantisse seu futuro. Por que não podia entendê-lo?

Porque ainda não confia em mim, pensou desolada. Se confiasse em mim eu seria sua aliada mais apreciada, e estaria disposto a me contar todos seus segredos.

Mary desejava que Stephen confiasse nela por completo. Desejava mais que qualquer outra coisa, excetuando seu amor. Estava desolada. Se seu marido não podia esquecer o ocorrido, nunca se converteria em passado.

Seus pensamentos foram interrompidos quando uma donzela bateu na porta e entrou no quarto. A serva vacilou ao ver a angústia de sua senhora, sem dúvida tinha escutado parte ou a totalidade de sua briga com Stephen.

— Milady, vim ajudá-la a fazer sua bagagem.



— É obvio.

Com movimentos lentos por causa da dor nas costas, concentrou-se na tarefa que devia levar a cabo. Mas tinha perdido a alegria diante da perspectiva de retornar para casa.

Stephen e Mary não se dirigiram a palavra durante toda a viagem, exceto para manter um simulacro de cortesia impessoal. Embora o objetivo do normando ao retornar a Alnwick era reunir com rapidez a suas tropas e chamar seus vassalos à guerra, fez que a comitiva mantivesse um passo de acordo com o estado de sua esposa. Demoraram dois dias para chegar a Alnwick, mas a jovem não podia se mostrar agradecida, estava muito afligida. Atendia a seu marido como era sua obrigação, mas a alegre camaradagem, o calor e o desejo desvaneceram. Stephen se comportava de maneira rígida e formal, tão claramente zangado como ela. Uma tensão trêmula forçava suas relações.

Stephen não ficou em Alnwick nem sequer uma noite. Deixou sua esposa nos degraus de entrada do castelo enquanto esperava que lhe levassem um cavalo descansado.

— Devo me despedir já, milady. Por desgracia não posso demorar nem um instante. — De repente, sua expressão suavizou. — Se pudesse me atrasaria — confessou em voz baixa olhando-a fixamente — e poria ponto final nesta absurda guerra de uma vez por todas.

Mary esteve a ponto de suplicar que ficasse. Entendia o que Stephen tinha querido dizer. Faria amor com ela e demonstraria com seu corpo que ele era o amo, mas ao fazê-lo também deixaria descoberto que era seu escravo. Na cama Stephen se entregava a ela sem restrições. Nesse momento, Mary prometeu a si mesma obter que seu marido confiasse nela sem que a paixão nublasse sua razão.

Os traços masculinos endureceram pela preocupação ao interpretar mal sua expressão.



— Não te aflija. Minha mãe assegurou que virá fazer companhia a você. Chegará dentro de uma semana. Não estará sozinha embora eu tarde a retornar.

A jovem assustou.

— Acredita que demorará muito?

— Não sei. Mas quando Duncan chegar ao poder terá que assegurar sua posição.

Mary recuperou a compostura.

— Não estou preocupada — mentiu.

Não enviaria Stephen à guerra com uma ansiedade desnecessária. Todas as mulheres que conhecia temiam o momento do parto. De fato, muitas morriam ao dar a luz. Ela não era nenhuma exceção, mas até o momento tinha conseguido esquivar seu medo e não deixaria que saísse à luz justo no momento de despedir de seu marido.

— Então é mais valente do que pensava, Mary. É certamente uma moça escocesa valente.

Mary olhou a seu atraente marido e o coração saltou dentro do peito. Apesar da angústia e preocupação de Stephen, estava dizendo justo o que queria ouvir, sabendo o muito que significaria seu elogio para ela depois das cruéis e horríveis palavras com que Malcolm a tinha insultado. Seu amor ameaçava transbordar, deixando-a sem forças. Oh Deus! Não queria que seu marido fosse à guerra, mas devia ser valente, como ele pensava que era.

— Que Deus te benza, milorde. Sei que triunfará.

Stephen inclinou em seus arreios sem afastar os olhos dela.

— Alegraria-te de meu triunfo?

Mary suspirou, mas não duvidou. Sua obrigação era apoiá-lo.

— Sim. — Lutou contra as lágrimas, assegurando a si mesmo que não estava abandonando a seus irmãos. — Quando triunfar, milorde, alegrarei-me.

Era difícil sorrir e chorar ao mesmo tempo, mas Mary conseguiu. — Obrigado, esposa — murmurou Stephen. Seus olhos ficaram estranhamente úmidos.



Em meados de maio, o exército de Rufus avançou sem vacilar para Stirling encontrando pouca resistência em seu caminho. Quando o exército inimigo os enfrentou, os normandos já estavam perto da torre real. A batalha resultou surpreendentemente curta. As forças escocesas estavam dispersas, sem lugar a dúvidas faltava um comando unificado, e tanto Donald Bane como Edmund saíram fugindo assim que a derrota ficou óbvia. Na última semana de maio, um vitorioso exército normando entrou em Stirling com Duncan à cabeça. Que foi coroado aquela mesma tarde.

A notícia daquele grande acontecimento chegou em Alnwick no dia seguinte e produziu um grande regozijo no castelo. Mary, incapaz de participar da espontânea celebração, deixou a festa e se meteu em seu quarto. Ali ficou olhando pela janela incapaz de não desaprovar Stephen embora tivesse decidido lhe ser leal.

Pensou em seus três irmãos, que já não tinham mais opção que ficar em Londres, e se sentiu invadida pela tristeza. O que seria deles agora? Alguém, possivelmente o próprio Duncan, tinha tentado assassiná-la apesar de que ela não supunha nenhuma ameaça comparada com Edgar, Alexander ou Davie. Algum dia um de seus irmãos poderia reclamar o trono escocês, reuniria um exército e iria conseguí-lo pela força. Quanto temia Mary agora por eles! Os três eram um obstáculo para o que Duncan tinha ambicionado durante toda sua vida.

No dia seguinte a jovem recebeu notícias de Stephen. Não ia retornar imediatamente, mas sim ficaria várias semanas em Stirling com seu exército, tal e como tinha previsto. Ao parecer a posição do recente rei escocês não estava tão assegurada.

Isso animou a jovem. Embora não podia alegrar-se por completo porque seguia decidida a ser leal a seu marido apesar de não estar de acordo com ele e de se preocupar com o destino de seus irmãos.

Mary sentia desesperadamente a falta de Stephen. Agora que chegava o momento do parto, necessitava mais que nunca que estivesse a seu lado.



Era o dia perfeito para uma excursão, pensou Mary emocionada. Fazia um dia muito agradável, o sol brilhava com força e as gralhas azuis grasnavam alegres das frondosas copas das árvores. A jovem tinha a suspeita de que a condessa tratava de distraí-la de seu crescente aborrecimento e de sua ansiedade com aquele breve passeio. A gravidez foi tornando eterna e tinham começado a crescer seus medos a respeito do parto. Desejava e temia ao mesmo tempo o momento de dar a luz.

Isobel e lady Ceidre montavam escarranchado em seus palafrens ao lado da liteira em que viajava Mary, acompanhadas por dois cavalheiros e duas donzelas que foram a pé. Chegaram ao povoado que estava justo debaixo de Alnwick em questão de minutos.

A jovem insistiu em caminhar, decidida a dar uma volta pelo concorrido mercado do verão. Queria comprar algumas bagatelas, e resultaria difícil mover com comodidade entre os vendedores e os postos com a liteira. Queria comprar algo para Stephen, um presente que expressasse quanto tinha sentido sua falta, e quanto o amava. Mas não teve oportunidade.

Quando a jovem aproximou de um dos postos para olhar uns tecidos com a condessa a seu lado e Isabel correndo diante para comprar um doce, alguém golpeou a lady Ceidre.

Mary viu o incidente e ficou horrorizada, já que tinha percebido que sua sogra tinha sido empurrada deliberadamente. A condessa caiu sobre a mesa de um comerciante, atirando toda a mercadoria no chão e provocando um tumulto. Nesse instante, o agressor agarrou Mary, pôs-lhe uma mão na boca para evitar que gritasse e a separou daquela cena de confusão.

Ao tomar conta de suas intenções, a jovem começou a retorcer, mas um instante depois, o assaltante a tinha colocado sobre um cavalo que estava esperando e subiu atrás dela.

Mary começou a gritar. A condessa, consciente por fim do que estava ocorrendo, também gritou, e os dois cavalheiros que as acompanhavam tiraram as espadas.



Aterrorizada, não por ela, mas sim pelo bebê, Mary agarrou às crinas do cavalo quando o animal saiu galopando. De repente, outro cavaleiro que surgiu entre a multidão e se uniu a eles em desenfreado galope. Vendedores e compradores saiam de seu caminho enquanto fugiam com rapidez atravessando o mercado, atirando postos, carros e tudo o que encontravam em seu caminho.

Mary, que seguia agarrando-se desesperadamente, olhou atrás sem dar crédito ao que estava ocorrendo e viu a condessa sair atrás dela a pé, sem esperança, e aos dois cavaleiros que a deviam ter protegido correndo em busca de seus corcéis.

O estrondo era ensurdecador, mas a jovem acreditou escutar alguém gritar:

— Raptaram à esposa do senhor!

Mary derrubou sobre o pescoço do cavalo e começou a tremer. Oh Deus!

Tinham-na seqüestrado de maneira fria e calculada! Aonde a levavam? Quem era o responsável? E como, Senhor, como iam sobreviver ela e seu bebê?



Capítulo 28

Stephen estava lívido.

— A que se refere quando diz que não via nada mau em sair para dar um passeio?

— Bramou.

A condessa se afastou dele.

— Ela estava tão nervosa...

A incredulidade desfigurava as feições de Stephen. Nem sequer podia falar.

Inquieto, Rolfe ficou entre seu filho e sua esposa.

— Sua mãe está completamente angustiada. O rapto não foi sua culpa — disse o conde com secura. — Se quer culpar a alguém é a Will e a Ranulph.

Stephen apertou a mandíbula. O que seu pai estava dizendo o óbvio, mas era difícil perdoar a sua mãe já que tinha deixado ordens precisas de que sua esposa permanecesse no castelo. Girou para lady Ceidre com frieza, sem se importar com sua dor. Se algo ocorresse a Mary...

Um terror absoluto se apoderou dele. Nunca em sua vida havia sentido tão assustado. Agora Mary estaria em algum lugar com seus seqüestradores, talvez ferida e sofrendo. Ou algo pior. Stephen se recompôs rapidamente. Não tinha tempo para pensar nas possibilidades. Devia atuar. Com determinação, desviou seu olhar acusador de volta aos dois cavalheiros que tinham fracassado em sua obrigação de proteger Mary.

— Contem-me outra vez o ocorrido.

A notícia do seqüestro tinha chegado cinco ou seis horas atrás a Edimburgo, onde estava agora a corte de Duncan. O mensageiro de sua mãe o tinha levantado de seu cama a meia-noite e Stephen partiu imediatamente para Alnwick, detendo-se só para informar a seu pai de onde ia e por que. Rolfe tinha decidido imediatamente ir com ele. Ambos



receberam os melhores desejos por parte do novo rei da Escócia. Aparentemente Duncan também havia despertado com a notícia.

Stephen esgotou por completo seu cavalo e conseguiu chegar em seu lar quase ao amanhecer, em seguida lhe contaram que sua esposa tinha sido seqüestrada na tarde anterior. Dois homens a cavalo a tinham levado sem mais. Seus soldados tinham seguido aos cavaleiros pelo bosque, mas uma vez ali perderam a pista.

— Milorde, estavam vestidos como aldeãos, mas montavam como cavalheiros experimentados — estava dizendo Will. — Está claro que tudo formava parte de um plano. Esses homens deviam estar esperando que apresentasse a menor oportunidade para apoderarem de sua esposa.

Ele já sabia que não se tratava de um rapto comum. Nenhum delinqüente se atreveria a raptar sua esposa nem seria capaz de realizar semelhante façanha diante de seus homens. O fato era que algum de seus inimigos tinha capturado Mary... e Stephen só podia pensar que se tratava de um ato de vingança. O medo voltou a tomar conta dele.

Qualquer negação, todo protesto, era inútil agora. Amava a sua esposa até a loucura, faria qualquer coisa para recuperá-la. E quando a trouxesse de volta daria tudo o que quisesse e necessitasse. Não lhe negaria nada.

Entretanto, pouco podia fazer além de criar um atalho de sangue em sua busca. E isso faria. Quando soubesse que louco era o responsável pelo rapto de sua esposa não ficaria nem rastro de seus domínios. Não teria piedade. Stephen repassou mentalmente os quais poderiam odiá-lo o suficiente para se atrever a algo semelhante. Contava ao menos com meia dúzia de inimigos, mas pensava que nenhum deles era o suficientemente estúpido para cometer uma atrocidade assim.

— Vamos ao último lugar onde a viram — ordenou, tenso. — Will, Ranulph, nos guiem.

Stephen e duas dúzias de cavalheiros completamente armados saíram da fortaleza justo depois do amanhecer. Mas ao finalizar o dia não tinham feito nenhum progresso. O rastro desapareceu quando os dois cavaleiros, junto com sua cativa, cruzaram um rio. O



normando e seus homens não voltaram a encontrar nenhum sinal deles. A terra tinha tragado Mary sem deixar nem rastro.

Mary sabia que viajavam para o norte da Escócia. Apesar de seu terror, conseguia pensar. A inteligência era a única coisa que ficava e sabia que devia conservar a cabeça fria. Aquilo não tinha sentido. Por que quereria seqüestrá-la um escocês? Ou se tratava de um ardil? Levariam-na para a Escócia porque a Stephen não ocorreria procurá-la ali?

Stephen. O coração encolheu dolorosamente ao pensar no que deveria estar sofrendo e em que não voltaria a vê-lo jamais.

— Stephen — sussurrou sem sentir que estava falando em voz alta. — Te necessito. Necessito-te tanto... Por favor, me ajude.

Não utilizaram a rota normanda, mas sim seguiram um caminho de cervos atrás de outro no mais profundo das colinas, passando por territórios que nenhum homem que não fosse escocês conheceria. Os cavaleiros pararam em duas ocasiões, primeiro para dar de beber aos cavalos e mudar Mary de uma montaria a outra, e logo para mudar seus corcéis por dois cavalos que encontraram atados em uma pequena cabana de palha que parecia deserta. Ao ver os novos animais a jovem reconheceu o fato de que seu rapto tinha sido preparado cuidadosamente. Armandose de coragem, tentou conversar com seus seqüestradores com a esperança de saber quem os tinha enviado e o lugar para onde a levavam, mas se negaram a falar com ela.

Chegou a noite e seguiram viajando sem trégua. Mary ficou adormecida. Foi um descanso inquieto no que sonhou que rogava a Stephen que fosse resgatá-la. Também sonhou que o filho que ia ter seria um varão. Era um menino pequeno e indefeso. Mas não era um sonho feliz, porque ela tentava protegê-lo de uma ameaça invisível. Quando



despertou estava mais assustada que antes e não pôde precisar onde estavam nem para onde se dirigiam. Os dois cavaleiros mantinham agora um passo ligeiro.

— Onde estamos? — Perguntou com a boca seca.

O homem que a levava em sua montaria lhe deu um gole de cerveja aguada, do que a jovem bebeu agradecida.

— Não longe de Edimburgo, moça.

Mary ficou paralisada e o coração começou a pulsar dolorosamente. Edimburgo? No passado tinha sido seu lar, mas já não era. Agora era o lar de Duncan, o novo rei escocês. Talvez fosse seu meio-irmão que estava atrás daquilo. Estava aterrorizada. Não podia imaginar qual seria seu destino. Se sua intenção era matá-la, já o teria feito. Então, o que queria dela? Mary pôs as mãos em atitude protetora sobre o ventre, rezando para que Stephen ainda se encontrasse na corte de Escócia.

Quando o amanhecer raiava o horizonte, Mary foi levada ao castelo. Era óbvio que esperavam sua chegada, porque quando um de seus seqüestradores pronunciou a senha, as pesadas portas abriram imediatamente para recebê-los. Um cavaleiro e uma donzela os esperavam nas escadas de entrada.

Quando a ajudaram a descer do cavalo cambaleou. Mal podia caminhar depois da comprida viagem, e o cavaleiro que a tinha estado esperando a tomou rapidamente em braços. Mary elevou a vista para olhá-lo enquanto a metia no castelo com a esperança de reconhecê-lo e poder lhe pedir ajuda. Mas nunca o tinha visto.

Com eficiência e rapidez, levou-a para o piso de cima, colocou-a sobre a cama de um pequeno quarto que seus irmãos pequenos tinham compartilhado não muito tempo atrás e saiu do quarto sem lhe dedicar sequer um último olhar.



Mary agradeceu a cama, mas isso foi tudo. Consciente de que o bebê estava dando chutes, levou uma mão à testa, que pulsava. Doía-lhe todo o corpo. Angustiada, girou para a donzela, era uma mulher mais velha e magra que estava ocupando de atizar o fogo, já que as noites de Edimburgo eram frias inclusive no mês de junho. Quando acabou sua tarefa na lareira, a mulher girou e se aproximou dela.

— Trarei um pouco de comida quente, milady, e um pouco de boa cerveja. Não demorarei muito.

Mary estava muito esgotada para fazer qualquer coisa.

— Quero falar com meu irmão.

— Seu irmão?

— Meu irmão Duncan.

— Refere a seu meio-irmão, o rei, não é assim, querida? — Perguntou Duncan da soleira.

Mary o olhou fixamente e tratou de levantar, mas caiu de novo na cama com um gemido. Uma cãibra tinha atravessado o abdômen.

Duncan aproximou e a olhou com frieza.

— Acredito que deveria descansar, querida irmã, a menos que queira que seu mucoso nasça antes do tempo.

A jovem sentiu uma onda de medo. Sabia que a dor que sentia podia indicar que o bebê estava anunciando sua chegada. Os meninos prematuros raramente sobreviviam, e faltavam umas três ou quatro semanas para dar a luz. Mary fechou os olhos e lutou contra o pânico.

— Uma atitude muito mais sensata — disse Duncan por cima dela. — Embora não tenho muito claro se prefiro que meu sobrinho viva ou morra.

Mary abriu os olhos de repente sentindo que o ódio se apoderava dela.

— Se fizer mal a meu filho...

— O que fará? Me ferir?

— Stephen o matará!

Duncan riu.



— E como faria, Mary? Sou o rei. Os assassinos de reis são decapitados e cravam suas cabeças putrefatas em estacas para que todos vejam e estejam advertidos.

A jovem fez um esforço por controlar a histeria. Estava imaginando o que dizia seu irmão e sentia náuseas. Duncan tinha razão. Stephen não o mataria.

— O que quer? — Gritou aterrorizada, levando as mãos ao ventre em um gesto protetor. — O que tem planejado para mim, para meu bebê?

— Tudo é muito singelo e muito civilizado — explicou Duncan com calma. — Não tem por que te angustiar.

Mary o escutava só pela metade, esperava com medo uma nova câibra, outro sinal do bebê. Mas não chegou, e relaxou ligeiramente.

— Está ameaçando a meu filho. Tenho motivos de sobra para me angustiar.

— Não tenho intenção de fazer mal a seu mucoso. Se ocorrer algo ao menino será tua culpa, não minha.

Mary desejava acreditá-lo, entretanto, não estava segura se dizia a verdade ou não. Umedecendo os lábios ressecados e rachados perguntou:

— Se não quer nos fazer dano, por que nos seqüestrou?

— Não é óbvio? Não confio em seu marido, Mary. De fato, há muita gente na Escócia que não confia nele e que está desgostada por seu matrimônio contigo. Neste momento seu poder só influi na Inglaterra, mas quando nascer seu filho, quem sabe?

Mary por fim entendeu o motivo de seu seqüestro. Duncan tinha medo de seu filho. Seus irmãos não contavam com apoios, mas seu filho ainda não nascido tinha o imenso poder de Northumberland ao seu dispor... Seria o herdeiro de Stephen. E se fosse um varão, seria além disso o neto de Malcolm e talvez algum dia um opositor para o trono.

— Vejo que entendeste, querida irmã — comentou o rei ao ver sua expressão. — Preciso ter vantagem sobre seu marido para mantê-lo sob meu controle. Desejo que continue me apoiando... enquanto eu viva.

O medo atendeu a Mary, que conseguiu erguer-se para ficar sentada. Sem fôlego, disse:

— Não me respondeu.



— Oh, claro que sim. Se você e seu filho estão sob minha tutela, Stephen não se atreverá a se opor a mim.

A jovem empalideceu.

— Vai me reter como refém? Ao menino e a mim? Durante quanto tempo?

— Indefinidamente.

— Está louco! — Exclamou ofegante.

Mas sabia que não o estava. Era muito inteligente. Se a tivesse assassinado, Stephen o perseguiria e o enfrentaria sedento de vingança. Mas se o menino e ela eram reféns, não teria mais remédio que apoiar Duncan.

— Se eu estiver louco, então William o Conquistador também estava, não é certo?

— exclamou furioso. — Depois de tudo, Malcolm me entregou ao rei inglês sendo eu só um menino, supunha-se que eu garantiria seu bom comportamento... Embora isto não ocorreu! Malcolm não importava com meu bem-estar e rompeu quando quis seu juramento. Tenho sorte de estar vivo! De fato, tenho sorte de ter conseguido voltar para casa... depois de vinte e dois malditos anos!

Fez uma pausa e continuou.

— Terá seu filho e viverá aqui todo o tempo que eu considere necessário — assegurou Duncan com frieza. — Talvez algum dia seu valor diminua e permita que parta. Mas se o menino é um varão, permanecerá aqui, igualmente eu me vi obrigado a ficar na corte de William. Por que está tão pálida? Edimburgo é seu lar e o mucoso é meio escocês. Se pensar nisso verá que não é tão duro. Só sofrerá se decide-se considerar uma prisioneira em lugar de uma convidada.

— Stephen não permitirá isto. — Mary conseguiu encontrar a voz para falar. — Pedirá a intervenção do rei. Rufus o obrigará a me liberar.

— Não, querida, está equivocada. Rufus sabe que cometeu um engano quando permitiu que casasse com de Warenne. De fato, deu-me carta branca para que faça o que convenha contigo e com o menino.



Mary sabia que devia recuperar rapidamente as forças. O tempo não corria a seu favor já que estava previsto que o bebê nascesse em um mês.

Passou os seguintes dias na cama descansando e recuperando da comprida e dura viagem para Escócia. Alimentou-se com comidas numerosas e bebeu muita água, evitando o vinho e a cerveja, que acrescentavam sua tendência à letargia. Saía da cama para fazer exercício duas vezes ao dia no interior do castelo, trabalhando a rigidez de seus músculos com a esperança de se manter em forma. Mas sobre tudo... planejava sua fuga.

Escaparia. Disso não havia nenhuma dúvida. Mary nunca tinha estado tão decidida a algo.

Tinha averiguado que ainda não tinham informado a Stephen de seu paradeiro, Duncan havia dito que não tinha pressa em fazê-lo. Era óbvio que estava se divertindo. Mary odiou seu meio-irmão ainda mais porque estava claro que desfrutava atormentando seu marido. Stephen devia estar preocupado por ela e desejaria que chegassem notícias para saber que estava bem.

Mas o recente rei da Escócia não tinha nenhuma intenção de fazer saber, ao menos no momento.

De qualquer forma, embora Stephen soubesse onde estava, possivelmente não pudesse conseguir sua libertação. Mary acreditava que Duncan não tinha mentido quando disse que contava com a aprovação de Rufus naquele assunto. A jovem estremeceu ao recordar a última vez que tinha visto o monarca inglês, tinha olhado-a com ódio não dissimulado.

Pode que existisse uma pequena possibilidade de que Rolfe e Stephen conseguissem persuadir Rufus para que obrigasse Duncan a libertá-la, mas aquilo não era suficiente. A Mary não cabia nenhuma dúvida que obrigariam-na a deixar ali seu filho como garantia do apoio contínuo de seu marido ao novo rei, igual a Malcolm tinha entregado Duncan ao Conquistador. Essa era a crua realidade: utilizavam-se aos meninos como reféns.

A Mary, a idéia de deixar seu filho para trás era tão terrível como a própria morte. Só cabia uma solução: tinha que escapar antes que o menino nascesse.



Não era nenhuma estúpida. Era consciente de que sua condição não facilitaria as coisas. Entretanto, a fuga resultaria muito mais difícil, por não dizer impossível, com um recém-nascido. Também era consciente de que poria em perigo sua própria vida e a do bebê. Mas estava decidida a que ambos superassem aquela experiência sãs e salvos. Pensava que sua determinação e o amor que professava tanto a seu bebê como a seu marido, conduziriam-na à salvação. Nada nem ninguém impediria que voltasse a se reunir com Stephen, que desse a luz em sua presença e que criassem juntos seu filho.

Nem sequer necessitava um plano. Tinha crescido em Edimburgo e conhecia até o último rincão do castelo melhor que ninguém, excetuando possivelmente a seus três irmãos. Duncan, que era um estranho em seu novo lar, e seus soldados, a metade dos quais eram mercenários normandos, não conheciam os segredos que o lugar guardava. Como a maioria das fortalezas, tinha sido erguida pensando em um ataque inimigo. Uma porta secreta dava a um pequeno túnel que permitia aos habitantes do castelo passar por debaixo dos muros e sair livremente do outro lado do fosso.

Mary esperou uma semana. Na oitava noite de sua chegada a Edimburgo, soube que tinha chegado o momento. Custava caminhar, mas tinha recuperado por completo as forças. Só esperava que seu volumoso ventre não a atrasasse aquela noite.

Não havia guardas postados na porta de seu quarto. Ao parecer, ninguém pensava que uma mulher em seu estado tentasse escapar. O único obstáculo era a donzela que dormia em um cama no corredor, justo ao lado de sua porta. Mary se negou a considerar a possibilidade de fazer mal a aquela mulher que tinha sido tão amável com ela. Quando o grande salão ficou em silêncio finalmente e a jovem pôde estar segura de que Duncan estava divertindo com sua última conquista, chamou em voz alta à donzela.

Eiric despertou e correu a seu lado.

— Lamento-o, Eiric — disse desculpando-se sinceramente. — Sei que é tarde, mas não posso dormir. Temo que o menino quer crescer ainda mais, porque morro de fome! Por favor, vá às cozinhas e me traga guisado de vitela, pão quente, bolo de cordeiro e um pouco do salmão que comemos ao meio-dia.

Eiric engoliu em seco.



— Milady, ficará doente!

— Estou faminta. — Mary se manteve firme. — Vá, Eiric, mas assegure de que o salmão está quente, porque seguro que adoecerei se como sobras frias de pescado.

A donzela partiu sem protestar mais e Mary se sentiu encantada durante um instante. Eiric teria que despertar a outras servas para que a ajudassem com a comida. A jovem sabia que a anciã esquentaria tudo, e dado que os fogos das cozinhas estavam agora apagados, levaria muito tempo. Provavelmente contaria com uma hora ou mais de vantagem sobre Duncan e seus homens.

Mas não tinha tido em conta aos cães.

A noite estava coalhada de estrelas. Quando Mary deslizou pelo túnel e saiu no exterior, sentiu-se eufórica por um momento. Não precisaria acender nenhuma das velas que tinha levado consigo, porque a lua e as estrelas iluminavam seu caminho. E como tinha utilizado a ponte muitas vezes de menina, sabia perfeitamente onde estava. Até o momento sua fuga tinha resultado incrivelmente singela.

Mas sua euforia desvaneceu no momento em que escutou o primeiro uivo.

Mary estava a ponto de entrar no bosque, mas aquele uivo solitário e parecido ao de um lobo gelou o sangue, arrepiando o pêlo da nuca. Por favor, Senhor, rezou em silêncio, que seja um lobo.

E então começaram os latidos.

Mary gritou de terror. Duncan tinha soltado uma matilha de cães de caça para persegui-la. Não tinha passado nem um quarto de hora desde que mandou Eiric às cozinhas. Sem dúvida, a donzela devia ter retornado a seu quarto antes do previsto. A jovem não tinha considerado essa possibilidade e fez quão único podia fazer: levantou as saias e começou a correr com toda a pressa que permitia seu estado.

As opções se abriram passo através de sua mente aterrorizada. Tinha contado tendo uma hora ou mais de vantagem sobre seus inimigos e agora não tinha nenhuma. Originalmente tinha planejado encontrar um cavalo na cidade e galopar como o vento rumo a Northumberland, ou roubar um barco e remar através do estuário de Forth para a abadia beneditina de Dunfermline.



Mas agora seus planos não tinham nenhuma possibilidade de êxito. Os cães uivavam cada vez mais perto. Tinham os deixado sair pelas portas dianteiras e ainda tinham que cheirar seu rastro, embora sem dúvida o fariam logo. Mary não acreditava que pudesse chegar à cidade e roubar um cavalo, e muito menos alcançar o estuário de Forth.

Presa do pânico, girou e correu para o bosque. Como ia evadir aos homens e os cães de Duncan indo a pé? Estava perdida. O único que lhe ocorria era recorrer ao mesmo truque que seus seqüestradores tinham utilizado para escapar dos homens de Stephen.

Arbustos, samambaias e pontas agudas lhe golpeavam as pernas e os quadris, arranhando os pés, mas Mary ignorou a dor. Limitou-se a concentrar em correr para um atalho que utilizavam os veados e que conhecia de cor, um caminho que tinha utilizado em muitas outras ocasiões. Aliviada, percebeu que os latidos estavam mais distantes. Os cães tinham enfiado pela rota equivocada.

A jovem diminuiu o passo. O coração pulsava grosseiramente e mal podia respirar. De repente, sentiu uma espetada no flanco e se viu obrigada a parar um instante. Sabia que não podia parar. Os cães rastrearão seu aroma a qualquer momento e estariam em cima dela em questão de minutos. Esperou um segundo mais para assegurar que a espetada não era mais que isso, uma espetada, e em seguida caminhou para uma encosta íngreme.

Escorregou, caiu e finalmente baixou deslizando o resto do trajeto. O solo estava úmido, como ela sabia que estaria. Quando chegou ao fundo do ravina, ficou outra vez sem fôlego. Como ia escapar se não podia caminhar mais de uns quantos passos sem ficar sem ar?

Seu plano se converteu em pó. Nunca conseguiria chegar a Northumberland sem um cavalo. Sua determinação não serviria para levá-la a casa, necessitava força física... uma força física que não possuía.

Ao ouvir que os latidos dos cães soavam mais alto e mais perto, ergueu-se. Parecia que ainda não tinham encontrado seu rastro. Entretanto, não cabia dúvida de que os homens que guiavam aos cães tinham mudado de direção e se dirigiam para ela. Era só uma questão de tempo que os animais descobrissem seu aroma.



Sabendo que era sua única oportunidade, Mary levantou as saias e entrou no riacho. A corrente era muito rápida e a jovem deu um grito ao sentir a frieza da água. Tinha nadado muitas vezes naquele riacho quando era menina, mas só em agosto e princípios de setembro, já que o pequeno riacho nascia nas montanhas e a água sempre estava congelada.

Mary estremeceu, pensando se seu destino seria morrer de frio em lugar de se deixar comer viva. Mas ainda assim, seguiu avançando pelo riacho. A água só chegava às coxas e ao que parecia tinha conseguido desorientar aos cães. Mas, agora o quê?

Em um momento de inspiração, começou a avançar contra corrente, riacho acima. Duncan pensaria que se dirigiria ao sul, para casa. Entretanto, embora não havia um sítio no que Mary desejasse estar tão desesperadamente como em Alnwick, seria uma estupidez tentar chegar até ali a pé.

Quando seu meio-irmão perdesse o rastro no riacho, tentaria se adiantar levando os cães para o sul com a esperança de que voltassem a cheirá-la. Mas ela não se dirigia a Northumberland e não encontrariam seu rastro.

Caminhava devagar e com dificuldade, e cada vez que respirava doía. Tinha que parar a cada certo tempo para que seu acelerado pulso relaxasse. Logo voltava a andar. Fazia algum tempo que tinha deixado de notar o frio, por causa do intumescimento.

Mary não soube quanto tempo transcorreu nem a distância que tinha percorrido quando voltou a escutar aos cães uivando com renovado ardor. Ficou paralisada. A água escorregava por seu corpo e tinha que fazer enormes esforços para manter o equilíbrio. Os enlouquecidos uivos enchiam a noite e soavam muito próximos. O pânico se apoderou de Mary. Os cães tinham encontrado seu rastro. Olhou a sua redor com impotência, tratando de discernir onde estava. Mas era inútil. Intumescida pelo frio e o medo, acossada de forma tão selvagem, não podia reconhecer nem uma só árvore, nenhuma rocha. Então, lhe ocorreu uma idéia desesperada e avançou pelo riacho para a outra borda.

Uma vez em terra, olhou através dos ramos das árvores que formavam o bosque em busca de uma estrela que a guiasse. Inesperadamente, a estrela polar brilhou com muita força durante um instante. Mary apertou os dentes com decisão e seguiu adiante.



Cambaleou e esteve a ponto de cair. Então viu que as mãos sangravam devido às muitas árvores e rochas com que roçou em seu comprido trajeto através do bosque. E pior ainda, tinha buracos nos sapatos provocados pelas rochas do leito do riacho. Mas não queria pensar em quão doloroso era cada passo que dava. Os cães uivavam e ladravam cada vez mais perto e tinham começado a brigar uns com os outros à medida que se aproximavam dela. Mary começou a correr. Correu e correu. Seu objetivo, sua única oportunidade de salvar-se, não podia estar muito longe. Por favor, Deus, que estivesse perto.

Justo então, viu a torre que tinha estado procurando. Completamente empapada, tremendo compulsivamente e ao limite de suas forças, começou a golpear o muro que rodeava a fortificação. As mãos sangravam e tratou de gritar. Mas estava tão fraca que sua voz não tinha força e os guardas da torre de vigilância não a ouviram.

Tinha a impressão de levar uma eternidade golpeando as pedras do muro. Estava tão fraca que mal podia levantar o punho. E então percebeu que fazia um momento que não escutava aos cães.

Mas não houve euforia nem emoção, nem sensação de triunfo ou de vitória. Só havia um frio que congelava as veias, uma dor insuportável e um profundo desespero.

— Por favor — sussurrou Mary soluçando. — Por favor, abram. Por favor...

Sem forças, desmoronou sobre um montículo e sua mente deslizou para a escuridão.

Ao amanhecer, um dos guardas da torre de vigilância viu o pequeno vulto humano que estava atirado justo a um lado da ponte levadiça. Sem dúvida se trata de algum vagabundo, disse a si mesmo antes de voltar para seus afazeres.

Mas aquele dia, o senhor do castelo tinha decidido ir caçar e tinha delegado suas obrigações administrativas a seu senescal para poder sair ao amanhecer, assim que a ponte levadiça baixou e deu passagem para uma dúzia de escoceses a cavalo dispostos a caçar.



Um de seus primos a viu imediatamente.

— Doug, parece que há uma prostituta vagabunda atirada na entrada.

Doug Mackinnon encolheu os ombros e, justo quando ia seguir seu caminho, divisou uma mecha de cabelo de um brilho dourado impossível, um cabelo que só tinha visto em uma mulher, e obrigou seu cavalo a dar a volta.

— Não, é impossível — resmungou entre dentes.

Mas esporeou seu cavalo para a figura quieta e se baixou, ignorando as risadas burlonas e os comentários zombeteiros de seus homens.

Com o coração pulsando com força, Doug girou aquela desventurada. Ao ver seu rosto, conteve a respiração e afogou um gemido de angústia. Imediatamente, levantou Mary em braços e soltou um grito quando abriu a capa dela, deixando ao descoberto seu imenso e volumoso ventre.

— Tragam uma parteira e mandem avisar Stephen de Warenne — ordenou bruscamente antes de girar e correr pela ponte com o corpo da jovem nos braços.

Mary despertou ao notar que alguém tentava obrigá-la a tragar várias colheradas de caldo quente. O quarto parecia dar voltas ao seu redor, e ainda tremia espasmodicamente apesar do fogo que ardia na lareira e a quantidade de mantas que tinha em cima. Ao ser consciente da imensa dor que lhe atravessava as vísceras, Mary empalideceu e conteve um grito.

— Já acabou tudo — murmurou uma voz familiar.

A jovem piscou. A visão foi ajustando e clareando gradualmente até que conseguiu enfocar ao homem que estava sentado na cama à altura de seus quadris, apertando a mão dela. Surpreendeu-lhe ver que era Doug Mackinnon e, durante um instante, sentiu-se confundida.



— Encontrei-a em cima de um montículo, em frente à torre de vigilância — explicou o escocês com suavidade enquanto acariciava o cabelo. — Já acabou tudo, Mary. Não sei o que ocorreu, mas já passou.

Em um brilho de terror, Mary recordou que tinha escapado de Duncan e de seus cães.

— Duncan me capturou. Estava prisioneira, Doug — sussurrou.

Os olhos encheram de lágrimas. Tinha agarrado as mãos de seu antigo prometido, mas tinha as suas enfaixadas, e estava tão rouca por ter estado gritando aos vigias que quase não a ouvia. O escocês teve que inclinar para poder entendê-la.

— Pretendia reter meu filho como refém para sempre... Para assegurar o apoio de Stephen... Meu próprio irmão!

— O muito bastardo... — murmurou Doug.

Mas se sentia aliviado. Tinha escutado recentemente um rumor que assegurava que Stephen de Warenne estava arrasando a zona rural em busca de sua esposa. Igual a muitos outros, Doug sabia que Mary tinha desertado a favor da causa escocesa durante a guerra em que morreu seu pai. Assim em princípio se angustiou ao pensar que odiava tanto seu marido que havia tornado a fugir dele, já que aquela era a única conclusão que podia chegar. Não podia evitar seguir amando-a, e apesar de que estivesse casada com outro, não desejava que fosse desgraçada. Quando percebeu seu estado, angustiou-se ainda mais, porque seu matrimônio devia ser uma situação insuportável para levá-la a fugir naquelas condições. Agora, ao conhecer a verdade, sentia-se incrivelmente aliviado.

Embora talvez, no fundo, de algum jeito, encontrava-se também consternado. Doug mal deu conta que estava acariciando o cabelo de Mary. Vê-la grávida e tão débil, chorando em sua cama, tinha bastado para que o antigo desejo que sentia por ela voltasse a renascer em seu peito por muito que tivesse tratado de ignorá-lo. Doug afastou de si imediatamente aqueles pensamentos perturbadores. Estava furioso com Duncan, um rei ao que nunca apoiaria, um homem ao que ele e muitos escoceses consideravam mais inglês que outra coisa, uma mera marionete nas mãos de William Rufus.

De repente, Mary interrompeu seus pensamentos ao perguntar:



— Onde está Stephen? Necessito-o tanto... Oh, Deus, como o necessito! — Gritou quando a atravessou uma pontada de dor.

O escocês sentiu como uma profunda desolação alagava sua alma e percebeu que por muito nobre e desinteressado que tratasse de ser, no fundo de seu coração tinha albergado esperanças para eles. Mas agora essa esperança tinha ficado definitiva e irrevogavelmente enterrada devido ao óbvio amor que Mary sentia para seu marido.

— Stephen — sussurrou ela com os olhos cravados não em Doug, a não ser atrás dele.

— Estou aqui — respondeu seu marido da soleira.

Doug girou, pálido, mas Stephen o ignorou. Sem deixar de olhar sua esposa nem um só instante, cruzou o quarto com grande rapidez enquanto a capa cheia de barro ondeava a seu redor.

Mary riu e soluçou de uma vez, estirando os braços para ele. Stephen sentou a seu lado na cama, no lugar que Doug tinha deixado vago, e a estreitou com infinita ternura entre seus braços enquanto chorava em silêncio.

Doug saiu do quarto sem fazer ruído.

— Vieste — conseguiu dizer ela agarrando-se a seu marido.

— Mas não o suficientemente rápido — respondeu Stephen com brutalidade.

Não tinha se barbeado em muitos dias e tinha os olhos rodeados de sombras e injetados de sangue, prova cabal de que não tinha dormido mais que umas quantas horas na semana anterior.

Embalou entre as mãos o rosto de Mary, arranhado pelos arbustos e os ramos, e disse em voz baixa:

— Foi Duncan. Devia ter adivinhado.

— Quanto... quanto tempo levava aí de pé? — perguntou a jovem com certa inquietação.

— O suficiente para saber que Doug Mackinnon ainda te ama, e o suficiente também para saber que você me ama .



Mary caiu sobre seu peito, exausta e de uma vez aliviada. Ele a sujeitou acariciando-a com extrema suavidade, enquanto suas lágrimas silenciosas mesclavam com as dela.

— Como, Mary? — Perguntou finalmente quando foi capaz de falar. Seu rosto mostrava a mesma desolação que sua voz. — Como escapou?

— Por um túnel secreto que utilizava quando que era uma menina — explicou. — Mas não tinha contado com que Duncan soltasse seus cães em minha busca.

Stephen voltou a abraçá-la com muito mais suavidade da que teria gostado, tranquilizando-a com ternas carícias que pareciam impossíveis em um homem de seu tamanho.

— Nunca mais, meu amor, nunca mais terá que enfrentar a nada parecido. Fracassei uma vez, não pude protegê-la, mas a partir de hoje estará sempre a salvo. Juro-te isso, Mary.

— Não se culpe — pediu com ímpeto.

Logo gritou e empalideceu.

— O menino? — Perguntou Stephen com urgência sustentando o olhar.

Mary assentiu com os lábios apertados, incapaz de falar.

— Não deve te cansar falando — disse ajudando-a a deitar muito lentamente. — Tem que guardar as forças para o caso do menino adiantar-se.

Quando por fim passou o espasmo, a jovem perguntou maravilhada:

— Por que chorava?

Stephen esboçou a sombra de um sorriso.

— Não é óbvio? Você é minha vida... E estive a ponto de perdê-la. — Baixou a voz e acariciou a bochecha dela. — Já disse isso em uma ocasião, milady, não posso viver sem ti.

— Eu também te amo, Stephen. Sempre te amei — confessou ela com voz rouca.

Ele fez um esforço por conter uma nova onda de lágrimas, impróprias de sua natureza.

— Acredito, milady, que está indo muito longe. Sempre?



— Desde a primeira vez que te vi — sussurrou Mary. Logo empalideceu outra vez e gritou, tentando agarrar às mãos de Stephen com as suas enfaixadas.

Quando as contrações cessaram e ela conseguiu finalmente relaxar, Stephen forçou um sorriso.

— A primeira vez que me viu odiou, minha vida, não te lembra? — Tentava distraí-la da dor.

Os olhos de Mary encheram de lágrimas de agonia, mas sacudiu a cabeça obstinadamente em gesto de negação. Quando teve passado aquele novo espasmo, suspirou aliviada.

— Não, mi... milorde. Tenho que discordar. Vi-te pela primeira vez faz quase três anos em Abernathy. Estava de pé atrás do rei Rufus enquanto meu pai fincava o joelho na terra jurando fidelidade.

— Estava em Abernathy aquele dia? — Perguntou, incrédulo.

Ela sorriu fracamente.

— Fui com Edgar, disfarçada como seu escudeiro.

— É incrível. — A voz de Stephen estava cheia de ternura. — Assim que aquele moço tão bonito que não parava de me olhar era você.

— Me... viu?

Stephen ruborizou.

— Sim, e me senti incomodado, porque acreditei que me sentia atraído por um menino.

— Oh, Stephen!

Ficaram olhando-se assombrados, perguntando-se em silêncio se seu amor teria nascido aquele dia de inverno de um modo tão estranho, e decidindo, também em silêncio, que assim tinha sido.

De repente, Stephen inclinou sobre ela e roçou os lábios com os seus em um beijo que durou pouco mais de um segundo.

— Já basta de bate-papo, meu amor. Agora deve descansar. — Sorria com uma expressão tão terna que Mary sentiu que seu coração enchia com seu amor.



Mas a euforia foi muito breve. Durante um instante que lhe pareceu eterno, sentiu-se atravessada pela dor e gemeu de novo com voz grave enquanto seu rosto empalidecia como o de uma morta. Finalmente a contração começou a ceder e por último desapareceu.

— Stephen — disse com brutalidade— por favor, chame à parteira.

Seu marido também empalideceu.

— Espera que retorne, meu amor. Só por uma vez... Não te precipite!

Mas a paciência voltou a ser esquivar de Mary, ou com o menino. Quando Stephen voltou com a matrona escutou o pranto do bebê. O coração acelerou enquanto que as feições de seu rosto mostravam sua incredulidade. Sua ausência só tinha durado uns minutos.

Abriu a porta de repente e encontrou com uma Mary sorridente que jazia sem forças sobre a cama, tinha afastado os lençóis e entre as pernas tinha um recém-nascido miúdo e ensangüentado.

Ao ver o sangue e não ter presenciado nunca um parto, Stephen acreditou que estava a ponto de perder a sua esposa e correu para ela freneticamente. Mary riu em voz baixa, agradada. Surpreso, Stephen a olhou e ela entrelaçou as mãos com as suas.

— Joguei-lhe uma olhada, milorde. É um varão — anunciou com voz triunfal. Logo, dirigindo-se à parteira, que já tinha talhado o cordão umbilical ao bebê e o tinha envolvido em um xale, pediu-lhe: — Mostre o menino a seu pai.

A parteira girou com um sorriso enquanto levantava aquela pequena criatura que tinha os olhos muito abertos.

— Tem todos os dedos dos pés e das mãos, milorde. Está completamente acordado e é um bebê muito grande tendo em conta que nasceu um pouco antes de tempo.

Stephen o olhou sem dar crédito ao que via.

— Meu filho?



— Seu filho — repetiu Mary feliz olhando em seus olhos confusos. — Um menino forte e valente que estava desejando chegar ao mundo para saudar seu pai. Por favor, senhora — indicou à mulher — lhe entregue ao bebê.

Antes que Stephen pudesse objetar, tinha ao recém-nascido em seus braços, que mal media dois palmos das poderosas mãos de seu pai.

Ao contemplar seu filho, o normando se surpreendeu ao perceber que o menino tinha os olhos completamente abertos e cravados nele.

— Vá, está me olhando — murmurou ao tempo que uma de onda de sentimentos novos e inexplicáveis se apoderava dele. — Olhe que atento está — comentou sorrindo com ternura.

— É igual a seu pai — afirmou ela com suavidade.

Ao ouvi-la, Stephen sorriu enchendo-se de orgulho.

— Depois disto, milady, concederei-te seu sonho mais desejado.

Mary o olhou fixamente aos olhos.

— Já cumpri meu sonho mais desejado, Stephen. Tenho ao bebê e tenho a ti. Que mais poderia desejar?

Mas havia mais, é obvio.

Mary passou a convalescença em Kinross. Stephen permaneceu a seu lado e deixou seus assuntos nas mãos de seus administradores. Um mês depois de que tivesse nascido o bebê, ao que chamaram Edward por causa do irmão de Mary, retornaram a Alnwick.

Quando aproximaram do castelo, a jovem teve a estranha sensação de que ia ocorrer algo. Stephen ia montado ao lado de sua liteira, e cada vez que olhava sua esposa e seu filho havia algo em sua expressão que ia além da cálida ternura que Mary esperava. O



brilho de seus olhos era ao mesmo tempo misterioso e satisfeito, ela não podia decifrar seu significado, mas sabia que seu marido guardava um segredo.

Toda a família os recebeu em sua chegada à fortaleza. Mary estava exultante de alegria quando Stephen a ajudou a sair da liteira enquanto que uma babá se encarregava do bebê. Os condes se apressaram em ir a seu lado, abraçaram-na e disseram quão felizes estavam com que estivesse a salvo e de volta em casa. Logo, Geoffrey, recém ordenado bispo de Ely, aproximou-se dela e sussurrou ao ouvido que seria ele quem batizaria ao menino e que ninguém mais desfrutaria daquela honra. Brand a beijou fugazmente nos lábios e Isobel gritou e chiou emocionada ao redor do recém-nascido.

E em meio de todo aquele alvoroço, Mary chorou, porque atrás da família de Stephen estavam Edgar, Alexander e Davie.

Abriu os braços e seus irmãos correram para ela gritando de alegria. Como era normal neles, negaram-se a abraçá-la. Edgar a levantou do chão e girou com ela, Alexander deu-lhe um tapinha nas costas e Davie exigiu o direito de agarrar ao pequeno nos braços. Rodeada dos três moços, que a sujeitavam com tanto orgulho, Mary olhou seu marido, sorriu-lhe, e ele devolveu o sorriso.



Mary, esgotada, retirou-se sigilosamente ao quarto que compartilhava com Stephen agradecendo a oportunidade de estar um minuto a sós. A sua mente voltavam uma e outra vez as imagens de sua família e a de seu marido desfrutando e rindo durante o jantar no salão. Verdadeiramente, havia valido a pena voltar para casa.

Deixou ao bebê dormindo no berço que havia juntado à cama e os olhos encheram de lágrimas. Sentia-se invadida pelo amor que sentia para seu filho e para seu marido.

Agora sabia que a visita de seus irmãos significava muito mais que uma reunião familiar. Era muito consciente o quanto paternal era Stephen com o Edgar, Alexander e Davie, e o agradecia.

Aquele dia seu marido tinha irradiado uma mensagem: tomaria como sua responsabilidade o bem-estar de seus irmãos. E Mary soube então, sem que ninguém o dissesse, que realmente não tinha acreditado nele e que chegaria o dia no qual Stephen cumpriria a promessa que tinha feito a Malcolm, algum dia subiria Edgar ao trono. Não cabia nenhuma dúvida.

De repente, ao sentir que não estava sozinha, girou e ficou imóvel.

Stephen estava na soleira com uma flor na mão: uma única rosa com pouco caule, vermelha e perfeita.

Mary avançou para seu marido, temerosa quase de tocar a flor, de tocá-lo. Aquele homem grande e poderoso lhe oferecendo o presente de uma rosa vermelha era uma visão muito formosa.

— Stephen — sussurrou.

E desta vez o amor que sentiu foi tão grande que resultou inclusive doloroso. Agora compreendia que sem dor não poderia existir um amor tão imenso e tão apaixonado.

— Não voltará a machucar, meu amor. Tirei os espinhos — murmurou ele com suavidade.



Sorrindo entre lágrimas, além da emoção, Mary estirou o braço e aceitou a rosa sem sentir nenhum espinho.

— Sempre cumpro minha palavra — disse Stephen.

Ela levou a rosa ao peito.

— Sei.

— Minha intenção é cumprir a promessa que fiz a seu pai, Mary. Algum dia Edgar será rei de Escócia.

— Também sei — reconheceu, tornando a chorar. Seu marido confiava nela, e isso era o melhor que podia oferecer depois do presente de seu amor, amor que tinha estado entregando sem reservas desde que chegou a Kinross.

— Pertenço-te por inteiro, Mary — assegurou Stephen com solenidade.

— Isso também sei — sussurrou ela. Poder, pureza, nobreza, paixão... A promessa da rosa. Ficou nas pontas dos pés e o beijou. — Obrigada, milorde.

Ele respondeu abraçando-a com força.

fim



Nota da Autora:

Cronologia dos fatos históricos:

1058-1093 Malcolm III (Malcolm Canmore), rei de Escócia.

1066-1087 William I (William o Conquistador), rei da Inglaterra e duque da Normandia.

1070 Lanfranc é nomeado arcebispo de Canterbury.

1072 Malcolm III é obrigado a jurar fidelidade a William I em Abernathy, e Duncan é enviado a corte da Inglaterra como compromisso de paz.

1079 Malcolm III invade a Inglaterra e, sem conseguir ampliar suas fronteiras, vê-se obrigado a voltar a jurar fidelidade.

1087-1100 William II (Rufus o Vermelho), rei da Inglaterra. Rebelião dos barões normandos encabeçados pelo Odo do Bayeux, duque de Kent, em 1088. Os rebeldes são vencidos, Odo é banido e perde o direito sobre suas terras.

1089 Lanfranc morre e a ordem de Canterbury fica vaga durante quatro anos.

1089 William II reclama a Normandia e leva a cabo campanhas ali com certo êxito.

1091 Malcolm III é obrigado a jurar fidelidade a William II em Abernathy.

1092 As forças de William II conquistam Carlisle e depõe seu governador local.

1093 Anselm de Bee é nomeado arcebispo de Canterbury.

Em 13 de novembro de 1093 as forças do conde de Northumberland matam Malcolm III, Edward resulta mortalmente ferido.

Em 16 de novembro de 1093 morre a rainha Margarida no castelo de Edimburgo. Donald Bane ataca o castelo de Edimburgo, seus sobrinhos fogem levando consigo à rainha, sua mãe, para enterrá-la em Dunfermline e fogem para a corte de William II.



Em maio de 1094, uma força anglo-normanda depõe Donald Bane e Edmund, Duncan se converte em rei de Escócia. Seu meio-irmão Edgar é um dos assinantes dos estatutos.

Em novembro de 1094, Donald Bane e Edmund derrotam e assassinam Duncan II.

1094-1097 Donald Bane e Edmund compartilham a coroa da Escócia.

1095 Robert, duque da Normandia, parte às cruzadas deixando arruinada Normandia.

No outono de 1097, Edgar é coroado rei de Escócia. Será conhecido como Edgar o Pacífico (1097-1106).

1100 William II morre em um acidente de caça ou é assassinado. O príncipe Henry Beauclerc se coroa rei três dias mais tarde em Westminster. Uns meses depois se casa com Maude, a filha de Malcolm III e Margarida, tirando-a do convento no qual vivia. 1100-1135 Henry I, rei da Inglaterra.

1106 Henry I invade a Normandia e vence em Tinchebrai. Reunifica o reino da Inglaterra com o ducado da Normandia e seu irmão Robert passa o resto de sua vida na prisão.

1106-1124 Alexander I (o Feroz), rei de Escócia.

1124-1153 David I, rei da Escócia.

Este é um trabalho de ficção, e interpretei os fatos que se descrevem e os personagens históricos que aparecem neles com total liberdade e desfrutando disso. Tentei me ajustar o mais próximo à cronologia, mas o leitor talvez perceba que Carlisle foi conquistada em 1092 e não em 1093. Por outra lado, embora Edimburgo não fosse a sede oficial do reino da Escócia, fiz que o fosse porque a história nos conta que Mary e seus irmãos fugiram da cidade em novembro de 1093 depois das mortes de Malcolm, Margarida e Edward. Espero que meus leitores desculpem qualquer engano que possa ter cometido, já que os dados referentes a esse período são escassos e duvidosos.



Eu também gostaria de dizer algo em relação à Igreja do século XI. Não estava definida de um modo tão rígido como está hoje. O rei ainda exercia muito poder sobre numerosos assuntos religiosos, embora naquela época muitos reformistas da Igreja tivessem começado a discordar e a lutar para conseguir a completa jurisdição de todos seus assuntos, como o direito de nomeação, investidura, etc. Havia grandes prelados não religiosos e inclusive ateus, homens que, ao que parece, eram grandes cavaleiros aos quais o Conquistador e seus filhos recompensaram com esses cargos como um prêmio por seus serviços. Também haviam homens santos e de fé. Naquele período alguns arqui-diáconos não se ordenavam, como Geoffrey de Warenne.

E para terminar, uma nota interessante. Quando embarquei nesta aventura, estava imersa neste período histórico porque Stephen foi concebido em outro de meus livros. Minha musa me disse que sua amada seria uma princesa escocesa chamada Mairi. Portanto, vi-me obrigada a aceitar Malcolm e Margarida, reis de Escócia, como seus pais. Quando minha investigação desenterrou um conflito tão rico, senti-me encantada de poder utilizá-lo. Mas também fiquei assombrada, já que quando me fixei com mais atenção em Malcolm e Margarida, descobri que não só tinham tido seis filhos varões, mas também duas filhas... A mais velha se chamava Mary e se casou com um conde normando.

É óbvio, criei a ficção de sua vida completamente. Ou, ao menos, assim acredito.



Resenha Bibliográfica

Brenda Joyce



Brenda Joyce é autora de trinta e quatro bestsellers. Aos dezesseis anos escreveu sua primeira história curta e tinha vinte e cinco quando acabou sua primeira novela, que publicou pouco depois.

É autora da série Deadly, muito aclamada pela crítica, que se situa a finais de século em Nova Iorque e recria o personagem da detetive amadora Francesca Cahill. Existem mais de doze milhões de cópias impressas de suas novelas e foram publicadas em mais de uma dúzia de países estrangeiros. Natural de Nova Iorque, vive atualmente no sul do Arizona com seu marido, filho, cães, gato e numerosos cavalos árabes. Brenda divide seu tempo entre suas duas grandes paixões: escrever histórias de amor e mostrar seus adoráveis cavalos.



Dinastia WARENNE

- 1- The Conqueror - O Conquistador*
- 2- Promise of the Rose - A Promessa da Rosa*
- 3- The Game - O Jogo*
- 4- The Prize - O Prêmio*
- 5- The Masquerade*
- 6- The Stolen Bride - A Noiva Roubada*
- 7- A Lady at Last*
- 8- The Perfect Bride - A Noiva Perfeita*
- 9- A Dangerous Love - Um Amor Perigoso*
- 10- The Promise - A Promessa*
- 11- An Impossible Attraction - Uma atração impossível*
- 12- House of Dreams - Casa dos Sonhos*



GRH

Grupo de Romances Históricos

